

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

Vencedor
do
ORANGE
PRIZE

BARBARA KINGSOLVER

A LACUNA

Melhor livro do ano

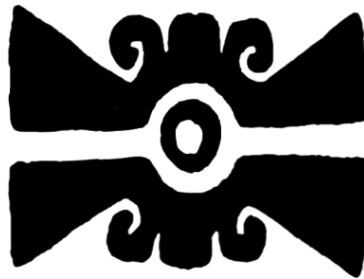
pelo *New York Times*





**BARBARA
KINGSOLVER**

A LACUNA



Tradução
Paulo Polzonoff Jr.



Título original

The Lacuna

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora Editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Rodrigo Nascimento

Projeto Gráfico

André S. Tavares da Silva

Capa

Archie Ferguson

© Barbara Kingsolver, 2009

Tradução © Verus Editora, 2011

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

VERUS EDITORA LTDA.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55

Jd. Santa Genebra II — 13084-753

Campinas/SP — Brasil

Fone/Fax: (19) 3249-0001

verus@veruseditora.com.br

www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

K64l

Kingsolver, Barbara, 1955-

A lacuna / Barbara Kingsolver; tradução Paulo Polzonoff Jr. — Campinas, SP: Verus, 2011.

Tradução de: The lacuna: a novel
ISBN 978-85-7686-089-1

1. Romance americano. I. Polzonoff Júnior, Paulo. II. Título.

11-0060

CDD: 813

CDU: 821.111 (73)-3

Nota sobre as referências históricas

Todos os artigos e trechos do *New York Times* aqui utilizados aparecem como originalmente publicados.

- Diego Rivera, “Rivera ainda admira Trótski; nega conflito de ideias”, 15 de abril de 1939
- “EUA proíbe a entrada do corpo de Trótski”, 25 de agosto de 1940
- “2.541 estrangeiros do Eixo agora sob custódia”, 13 de dezembro de 1941
- Samuel A. Tower, “79 pessoas em Hollywood consideradas subversivas, diz inquérito”, 23 de outubro de 1947
- “Scott liga Truman aos comunistas”, 26 de setembro de 1948

Os seguintes trechos de artigos também aparecem como originalmente publicados:

- Anthony Standen, “Besouro japonês: voraz, libidinoso, prolífico”, *Life*, 17 de julho de 1944
- Frank Desmond, “M’Carthy acusa comunistas de controlar empregos nos EUA”, *The Wheeling Intelligencer*, 10 de fevereiro de 1950.

Todos os outros artigos de jornais aqui publicados são ficcionais. Personagens históricos são retratados e citados com base nos registros históricos, mas suas conversas com o personagem Harrison Shepherd são inteiramente inventadas. Esta é uma obra de ficção.

A autora é grata à utilidade de Alain Dugrand, *Trotsky in Mexico, 1937-1940* (Manchester: Carcanet, 1992); Leon Trótski, *Minha vida: ensaio autobiográfico* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978); *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo* (Rio de Janeiro: José

Olympio, 1995); Malka Drucker, *Frida Kahlo: Torment and Triumph* (Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995); Hayden Herrera, *Frida: A Biography of Frida Kahlo* (Nova York: Harper & Row, 1983); Walter Bernstein, *Inside Out: A Memoir of the Blacklist* (Da Capo, 2000); William Manchester, *The Glory and the Dream* (Boston: Little, Brown, 1973); Martha Norburn Mead, *Asheville: In Land of the Sky* (Richmond: Dietz Press, 1942); e Hernando Cortés, *Five Letters of Cortés to the Emperor*, trad. J. Bayard Morris (Nova York: Norton, 1969), assim como aos herdeiros de Leon Trótski, Dolores Olmedo, Frida Kahlo e Diego Rivera, por abrirem a casa e os arquivos dessas pessoas.

Gracias ao Instituto Nacional de Antropologia e História (INAH), pelo cuidado meticuloso com os tesouros históricos do México (notadamente os murais de Rivera) e a permanente dedicação ao acesso público.

Finalmente, agradecimentos especiais a Maria Cristina Fontes, Judy Carmichael, Terry Karten, Montserrat Fontes, Sam Stoloff, Ellen Geiger, Frances Goldin, Matt McGowan, Sonya Norman, Jim Malusa, Fenton Johnson, Steven Hopp, Lily Kingsolver e Camille Kingsolver.

PARTE 1

México

1929-1931

(VB)

Isla Pixol, México, 1929

No princípio eram os coiotes. Os uivos começavam sempre nas primeiras horas do dia, logo que a luz surgia no horizonte. Havia sempre um primeiro: seu urro forçado e ritmado, como o de uma serra. Esse primeiro despertava milhares de coiotes próximos, incitando-os a acompanharem-no com seus monstruosos uivos. Em pouco tempo, ouvia-se o eco isolado de uivos vindos de outras árvores, mais próximas à praia, até que a floresta toda se enchesse de árvores ruidosas. E assim foi no princípio e é assim em todas as manhãs do mundo.

O menino e sua mãe acreditavam que havia demônios com olhos redondos gritando naquelas árvores, lutando pelo direito de consumirem carne humana. No primeiro ano depois que se mudaram para o México, para se instalarem na casa de Enrique, eles acordavam apavorados com os uivos todas as manhãs. Às vezes ela saía correndo pelo corredor azulejado até o quarto do filho, surgindo na porta com os cabelos soltos, os pés como peixe congelado na cama, puxando a colcha de crochê como se fosse uma teia de aranha sobre os dois, ouvindo.

Ali deveria ser como um conto de fadas. Foi o que ela havia lhe prometido no quartinho frio que ocupavam na Virgínia, nos Estados Unidos: se fugíssemos para o México com Enrique ela poderia se tornar esposa de um homem rico e seu filho seria um jovem nobre numa fazenda cercada por plantações de abacaxi. A ilha era margeada por praias com uma estreita faixa de areia, como se fosse um anel de casamento, e em algum lugar no continente estava a pedra preciosa, os campos de petróleo com os quais Enrique fez fortuna.

Mas o conto de fadas era *O prisioneiro de Zenda*. O menino não era um nobre, e sua mãe, depois de muitos meses, ainda não havia se casado. Enrique os mantinha cativos e alimentava o terror deles com o olhar frio, enquanto saboreava o café da manhã.

— Aquele uivo é dos *aullaros* — dizia, tirando o guardanapo branco do anel de prata, com os dedos também cheios de anéis de prata, colocando-o sobre o colo e tomando seu café da manhã com garfo e faca. — Eles uivam um para o outro para estabelecer seus territórios, antes de começarem o dia de caça, à procura de comida.

Talvez sejamos a comida deles, concordavam mãe e filho, abraçando-se juntos dentro da teia de aranha formada pela colcha, ouvindo a maré crescente de urros famintos. *É melhor você escrever tudo isso em seu caderno*, disse ela, *a história do que aconteceu com a gente no México. Assim, quando tudo o que sobrar de nós forem nossos ossos, alguém saberá o que aconteceu*. E pediu que eu comesse assim: No princípio eram os *aullaros*, urrando por sangue.

Enrique vivera naquela fazenda durante toda a sua vida, desde que seu pai a construía e convencera os *indios* a plantar abacaxis. Fora criado para entender que o medo era muito útil. Assim, só depois de um ano é que Enrique lhes contou a verdade: os uivos eram apenas macacos. Nem mesmo levantou os olhos ao dizer isso; só conseguia ver os ovos em seu prato. E deixou escapar um sorriso de escárnio por sob o bigode, que não escondia muita coisa.

— Qualquer índio ignorante da vila sabe o que são aqueles uivos. Vocês também saberiam se saíssem pela manhã em vez de se esconderem na cama com uns preguiçosos.

Era verdade: as criaturas eram macacos herbívoros de rabo comprido. Como era possível que urros tão assustadores viessem de algo tão singelo? Mas vinham. O menino saiu logo cedo e aprendeu a localizá-los lá no alto, na mistura de galhos contra o céu esbranquiçado. Os corpos curvados e peludos se equilibravam com seus membros compridos, as caudas esticadas para tocar os galhos finos como se fossem as cordas de um violão. Às vezes as fêmeas seguravam filhotinhos nascidos nas alturas e que se apegavam firmemente às mães para não morrerem.

Quer dizer que não eram demônios das florestas. E Enrique não era realmente um rei malvado; era apenas um homem, parecido com aquele homenzinho que se coloca no topo dos bolos de casamento: a mesma cabeça arredondada, com cabelos brilhosos e divididos ao meio, e aquele mesmo bigodinho. Mas a mãe do

menino não era a noivinha e, claro, não havia espaço naquele bolo para uma criança.

Quando Enrique queria ridicularizá-lo por aquilo, não precisava nem mesmo mencionar os demônios; bastava que olhasse para as árvores.

— O demônio aqui é um menino com imaginação demais — costumava dizer.

Aquilo era como um problema de matemática que deixava o garoto com dor de cabeça, uma vez que ele era incapaz de entender o que havia de errado naquela equação: ser um Menino ou Ter Imaginação Demais. Enrique achava que, para ser bem-sucedido, o homem não precisava de nenhuma imaginação.

Eis outro modo de começar a história, e isto também é verdade.

O que serve para os peixes também serve para as pessoas: se um tubarão se aproxima, os peixes fogem todos e deixam você para trás, para ser devorado. Os peixes têm um único coração que os leva a se moverem todos ao mesmo tempo, fugindo do perigo antes que ele se torne realidade. De algum modo, eles sabem.

Mas o fundo do oceano é um mundo sem pessoas. O mar se agita sobre sua cabeça enquanto você mergulha em meio às árvores roxas da floresta de coral, cercado por uma massa celestial de luz formada por peixinhos luminescentes. Os raios de sol penetram na água como se fossem flechas de fogo, atingindo os corpos escamosos e lançando chamas sobre todas as nadadeiras. Mil peixes formam um cardume, mas eles sempre se movem juntos: um todo grande, brilhante e frágil.

Lá embaixo, o mundo é perfeito, exceto por um ser incapaz de respirar água. Ele prende a respiração, pendendo da superfície prateada como uma enorme e horrível marionete. Pelinhos recobrem seus braços como grama. É branco, iluminado pela luz aquosa sobre a pele toda ferida de menino, e não o tritão de escamas prateadas que gostaria de ser. Os peixes fogem de perto dele, e o menino se sente sozinho. Ele sabe que é ridículo se sentir sozinho, já que não é um peixe, mas se sente mesmo assim. De qualquer modo, o menino fica ali, imobilizado pela vida subaquática,

sonhando poder mergulhar até a cidade submarina, com toda aquela vida líquida e agitada flutuando ao seu redor. O cardume resplandecente nada de um lado para o outro, uma multidão de criaturinhas se aproximando e se afastando como se fosse uma única e enorme criatura viva. Quando uma sombra surge, a massa de peixes instantaneamente nada para o centro do cardume, como se implodisse e se transformasse num núcleo denso e seguro, deixando o menino do lado de fora.

Como é possível que eles saibam como se proteger, deixando-o para ser devorado? Eles têm seu próprio Deus, um titereiro que comanda suas mentes de peixe, mantendo-os sob uma ameaça presa a cada coração do seu aglomerado mundo. Todos os corações, exceto um.

O menino descobriu o mundo dos peixes depois que Leandro lhe deu óculos de mergulho. Leandro, o cozinheiro, sentiu pena do menino deslocado da América que não tinha nada para fazer o dia todo, a não ser passear pelos rochedos ao longo da praia, fingindo caçar alguma coisa. Os óculos tinham lentes de vidro e eram feitos com borracha e partes de óculos de aviator. Leandro disse que seu irmão costumava usá-los quando vivo. E mostrou ao menino como molhar o vidro antes de colocá-los, de modo que as lentes não ficassem embaçadas demais.

— *Andele*. Agora vá e entre na água — disse. — Você se surpreenderá.

O menino de pele clara ficou em pé, tremendo, com a água batendo-lhe na cintura, pensando que aquelas eram as melhores palavras em qualquer idioma: *Você se surpreenderá*. O momento que antecede qualquer mudança. Quando a Mãe abandonou o Pai (aos berros, com copos de vidro lançados contra as paredes), levando o filho para o México, e não havia nada a fazer senão ficar no corredor da casinha fria, esperando que lhe dessem a notícia. As trocas nunca eram boas: pegar um trem, ter um pai e depois não ter pai. Don Enrique, do consulado em Washington, depois Enrique na cama da Mãe. Tudo muda *agora*, enquanto você está parado e tremendo no corredor, esperando para passar de um mundo para o outro.

E agora, ao fim de tudo, isto: em pé no mar com a água pela cintura, usando óculos de mergulho e sendo observado por Leandro. Um grupo de meninos da vila veio também, nadando com seus braços escuros e trazendo consigo as facas compridas de colher ostras. A areia branca recobria as laterais dos pés dos meninos como se fossem mocassins. Eles pararam para ver, todos os nadadores pararam, imóveis, aguardando. Não havia nada que ele pudesse fazer senão prender a respiração e mergulhar no mar azul.

E, *ah, meu Deus*, ali estava, a promessa cumprida, um mundo. Peixes de todas as cores, com listras e malhados, corpos dourados e cabeças azuis. Cardumes de peixes, um público, flutuando no mundo aquoso, metendo seus focinhos nos corais. Mordiscavam o par de troncos cabeludos, suas pernas, esses edifícios onde não havia nada que lhes interessasse além da paisagem. O menino teve uma ereção, de tanto medo e de tanta felicidade. Nada de andar a esmo pela praia, depois disso. Chega de acreditar num oceano sem nada dentro além de água azul.

Recusou-se a sair do mar o dia todo, até que começou a ficar escuro demais. Por sorte, sua mãe e Enrique tinham motivos o bastante para beberem, sentados na varanda com americanos que pintavam o céu de azul com a fumaça de seus charutos, discutindo o assassinato de Obregón, se perguntando quem agora impediria a reforma agrária antes que os *indios* tomassem conta de tudo. Se não fosse pela tequila com limão, sua mãe talvez ficasse entediada com toda aquela conversa masculina e começaria a imaginar se seu filho havia se afogado.

Apenas Leandro ficou preocupado. Na manhã seguinte, quando o menino saiu para a tenda da cozinha para assistir aos preparos do café da manhã, Leandro disse:

— *Pícaro*, você me paga. Um homem tem de pagar por seus crimes.

Leandro havia passado a tarde toda preocupado, achando que os óculos que trouxera para aquela casa haviam se transformado num instrumento de morte. O castigo foi acordar com uma queimadura de sol do tamanho de uma tortilha, que ardia como fogo. Quando o criminoso tirou a camiseta para mostrar a pele

tostada nas costas, Leandro riu. Estava preto como um coco e nunca tinha imaginado que existissem queimaduras causadas pelo sol. Mas, pelo menos, ele não disse *usted pagará*, na linguagem formal dos servos para os mestres. Disse *tú pagarás*, você me paga, usando a linguagem dos amigos.

Mas o criminoso não estava arrependido:

— Foi você quem me deu os óculos, então a culpa é sua.

E voltou para o mar novamente durante a maior parte daquele dia, queimando ainda mais as costas, criando um couro duro como o de gado. Naquela noite, Leandro teve de passar banha de porco na queimadura do menino, dizendo:

— *Pícaro*, seu malandro, por que você faz uma estupidez dessa?

No seas malo, disse, usando o íntimo “você” da linguagem dos amigos, ou dos amantes, ou dos adultos para as crianças. Não havia como saber qual.

Na noite do sábado, antes da Semana Santa, Salomé queria ir à cidade para ouvir música. Seu filho teria de ir também, já que ela precisaria de um braço para se apegar ao passear pela praça. Ela preferia chamá-lo pelo nome do meio, William, ou apenas Will, condicionando-o aos acontecimentos futuros. Você *vai*.^[1] Se bem que, na sua língua, claro, o nome soava mais como *wheel*,^[2] uma coisa útil, mas só quando em movimento. Seu nome era Salomé Huerta. Fugira de casa quando jovem para se tornar Sally nos Estados Unidos e depois Sally Shepherd, durante algum tempo, mas nada nunca é para sempre. A Sally norte-americana estava morta.

Esse era o ano de despedida de Salomé, seu último na fazenda da Isla Pixol, embora ninguém soubesse disso ainda. Aquele dia ela estava amuada porque Enrique não tinha a menor intenção de acompanhá-la em sua caminhada pela *zócalo*, apenas para se exhibir com um vestido novo. Ele tinha muito trabalho para fazer. Por trabalho, Enrique queria dizer ficar sentado na biblioteca passando as mãos pelos cabelos ensebados, bebendo tequila e suando pelo colarinho enquanto analisava colunas de números. Assim ele ficava

sabendo se ganhara dinheiro para se cobrir até o pescoço nesta semana, ou só o suficiente para cobrir-lhe as vergonhas.

Salomé pôs seu vestido novo, realçou as curvas dos lábios, pegou o filho pelo braço e caminhou até a cidade. Antes de qualquer coisa, sentiram os cheiros da praça central: as favas de baunilha tostadas, o doce de leite de coco, o café fresco. A praça estava cheia de casais que caminhavam de braços dados, entrelaçados como trepadeiras que estrangulam árvores. As meninas usavam saias listradas de lã, blusas de renda e exibiam namorados de cintura fina. O ânimo da festa se restringia a um quadrado perfeito: de quatro cabos elétricos compridos pendiam lâmpadas presas aos postes nos cantos, criando um cercado de noite iluminada bem acima da cabeça das pessoas.

Iluminados de baixo para cima, o hotel e outras construções ao redor da praça exibiam sombras elípticas sobre suas marquises de ferro. A pequena catedral parecia mais alta do que era, e tão ameaçadora quanto uma pessoa que entra no quarto carregando uma vela. Os músicos ficavam num pequeno coreto circular, cujo telhado pontiagudo e o cercado de ferro haviam sido recentemente pintados de branco, como tudo o mais, incluindo as gigantescas e velhas figueiras ao redor da praça. Seus troncos brilhavam no escuro, mas só até certo ponto, como se um dilúvio recente de tinta branca tivesse varrido a cidade, deixando uma marca nos troncos.

Salomé parecia feliz de seguir a torrente de pessoas que cercava a praça, ainda que, com seus elegantes sapatos de couro de lagarto e seu vestido que deixava as pernas à mostra, não se parecesse com ninguém dali. A multidão abria caminho para ela. Salomé provavelmente gostou de ser a hispânica de olhos verdes entre os índios, ou melhor, a *criolla*: mexicana de nascimento, mas sem sangue indígena misturado. Seu filho de olhos azuis, meio americano, não se sentia tão à vontade em sua posição, uma enorme erva daninha crescendo entre os nativos de rosto largo. Dariam uma bela ilustração para um livro que mostrasse As Classes da Nação, como os livros didáticos faziam naquele tempo.

— Ano que vem — disse Salomé em inglês, beliscando-lhe o braço com suas garras amorosas — você estará aqui com sua namorada. Esta é a última *Noche de Palmas* em que você vai

querer caminhar por aqui com sua velha. — Ela gostava de usar gírias americanas, especialmente no meio da multidão. — Tenho certeza absoluta — disse, colocando a ambos dentro de uma sala invisível com suas palavras e fechando a porta.

— Não vou ter namorada.

— Você fará 14 anos. Já está mais alto do que o presidente Portes Gil. Por que não teria uma namorada?

— Portes Gil não é nem presidente de verdade. Ele só assumiu o poder porque Obregón foi assassinado.

— E talvez você também vá ascender ao poder, depois que o primeiro *novio* de alguma menina for dispensado. Não importa como você consegue o trabalho, bobinho. Ainda assim ela será sua.

— Ano que vem você poderá ter toda esta cidade, se quiser.

— Mas você terá uma namorada. É só o que estou dizendo. Irá embora e me deixará sozinha. — Aquele era um jogo muito difícil de vencer.

— Se não gosta daqui, Mãe, pode ir para outro lugar. Alguma cidade grande onde as pessoas têm coisas melhores para fazer na hora de se divertir do que ficar dando voltas ao redor da *zócalo*.

— Mas você ainda terá a namorada — insistiu ela. Não uma namorada qualquer, e sim a namorada, já uma inimiga.

— Por que se importa? Você tem o Enrique.

— Falando assim ele parece até um caso de varíola.

Em frente ao coreto de ferro, a multidão reservara um espaço para o baile. Velhos usando sandálias apoiavam os braços firmes ao redor de suas gordas esposas.

— No ano que vem, Mãe, não importa o que aconteça, você não estará velha.

Ela deitou a cabeça no ombro dele enquanto caminhavam. O menino vencera.

Salomé odiava que seu filho agora era mais alto do que ela: a primeira vez que notou, ficou furiosa, depois melancólica. Do jeito que via a vida, isso significava que estava mais perto da morte.

— A primeira parte da vida é a infância. A segunda é a infância de seu filho. E depois, a terceira, a velhice.

Outro problema de matemática sem solução prática, principalmente para uma criança. Decrescer, desnascer: isso

resolveria a coisa toda.

Pararam para ver os *mariachis* no coreto, belos homens de lábios protuberantes dando beijos demorados em seus trompetes de metal. Fileiras de botões de prata enfeitavam as laterais de suas calças pretas e justas. Agora a praça estava cheia; homens e mulheres continuavam chegando das plantações de abacaxi, ainda com a poeira do dia de trabalho nos pés, saindo da escuridão para dentro da luz elétrica que iluminava a praça. Em frente à fachada de pedra nua da igreja, alguns se acomodavam em pequenos acampamentos instalados no chão mesmo, abrindo toalhas nas quais uma mãe e um pai podiam se sentar com as costas apoiadas na pedra, enquanto bebês dormiam enrolados num pano felpudo. Havia ambulantes que passavam pelo lugarejo durante a Semana Santa, cada mulher usando um vestido em especial para sua vila. As do sul usavam saias estranhas, como se fossem cobertores pesados dobrados em pregas, e delicadas blusas de laços e bordados. Era o que elas vestiam naquela noite, na Páscoa e em todos os outros dias, seja durante um casamento ou para alimentar os porcos.

Chegaram carregando maços de folhas de palmeiras e agora se sentavam, desamarrando-os e separando as fibras. As mãos se moveriam a noite inteira na escuridão para tecer as tiras das folhas, criando inesperadas formas religiosas: cruzes, buquês de flores, pombas do Espírito Santo e até o próprio Cristo. Essas coisas tinham de ser feitas manualmente e durante uma única noite, para a proibida missa do Domingo de Ramos, e queimadas depois, porque símbolos religiosos eram ilegais. Os padres eram ilegais, a missa era ilegal, tudo era banido pela Revolução.

Naquele mesmo ano, os *Cristeros* chegaram à cidade montados a cavalo e usando coletes de munição amontoados sobre o peito como se fossem joias, galopando ao redor da praça para anunciar a lei que baniu os padres. As moças gritaram e lhes jogaram flores, como se o próprio Pancho Villa tivesse ressuscitado dos mortos e saído montado em seu cavalo. As velhas se ajoelharam de olhos fechados, abraçadas a suas cruzes, beijando-as como se fossem bebês. No dia seguinte, aqueles aldeões levariam seus símbolos religiosos secretos para dentro da igreja sem padre e acenderiam

eles mesmos as velas, unidos em procissão. Como um cardume de peixes, com tamanha adoração pela virtude que eram capazes de desprezar a lei, reafirmar a salvação de suas almas e depois voltar para casa e destruir as provas.

Já era tarde. Os casais haviam começado a ceder o espaço do baile para um grupo mais jovem: moças com fitas vermelhas presas aos cabelos trançados e envoltos na cabeça como se fossem coroas. Seus vestidos brancos rodeavam como espuma, com saias tão largas que elas podiam segurá-las com as pontas dos dedos e levantá-las para criar asas, como se fossem borboletas voando enquanto rodopiavam. As botas de salto alto dos homens sulcavam o chão, em pisadas como as de um garanhão encurralado. Quando a música parava, agarravam-se a suas parceiras como se fossem animais prestes a se acasalar. Afastando-se e voltando, as meninas balançavam os ombros. Os homens colocavam lenços sob os braços e depois os lançavam de encontro ao rosto das moças.

Salomé decidiu que queria voltar para casa imediatamente.

— Vamos ter que ir andando, Mãe. Natividad só virá nos buscar às onze, porque foi isso o que você combinou com ele.

— Então vamos andando mesmo — ela disse.

— Espere só mais meia hora. Senão teremos de andar no escuro. Bandidos podem nos matar.

— Ninguém vai nos matar. Todos os bandidos estão aqui na *zócalo*, tentando roubar as bolsas das mulheres. — Salomé era uma mulher prática, mesmo quando histérica.

— Você odeia andar.

— O que eu odeio são essas exposições de primitivismo. Uma caipira usando um vestido não deixa de ser uma caipira.

A escuridão cobriu tudo, como uma cortina. Alguém deve ter desligado as luzes. A multidão reclamou. As moças com vestidos de borboleta tinham pequenos conjuntos de velas acesas sobre a cabeça enfeitada. Quando dançavam, as velas flutuavam sobre uma superfície invisível, como se fossem reflexos da lua num lago.

Salomé estava tão determinada a voltar andando para casa que já havia até mesmo começado a caminhada, mas na direção errada. Não era fácil demovê-la.

— Índias — disse, enojada. — Que tipo de homem ia querer algo assim? Uma nativa nunca vai ser mais do que é.

As dançarinas eram borboletas. A cem metros dali, Salomé podia ver a sujeira sob as unhas daquelas moças, mas não suas asas.

Enrique estava confiante de que os homens do petróleo chegariam a um acordo. Mas isso poderia demorar um pouco. Os homens do petróleo haviam chegado a Isla Pixol com suas esposas e ocuparam todos os lugares vagos da cidade. Enrique tentou convencê-los a se hospedarem na fazenda, já que a hospitalidade poderia ser usada a seu favor nas negociações.

— O hotel foi construído antes do dilúvio de Noé. Já viram o elevador? Uma gaiola presa a uma corrente de relógio. E os quartos são menores do que uma caixa de charutos.

Salomé lançou-lhe um olhar: Como ele poderia saber uma coisa dessas?

As esposas usavam bobes nos cabelos e vestidos enfeitados, mas todas já haviam entrado na terceira parte do que Salomé chamava de As Três Fases da Vida. Possivelmente já haviam até entrado na quarta. Depois do jantar, enquanto os homens fumavam charutos de Tuxtla na biblioteca, elas ficaram do lado de fora, na varanda azulejada, ainda usando sapatos de salto alto e chapéu preso aos cabelos, com cachos emplastrados que lhes caíam ao lado do rosto. Segurando taças de *vinho tinto*, olhavam para a baía e especulavam sobre o silêncio sob a superfície do mar.

— Algas balançando como palmeiras — todas concordavam —, num silêncio mortal.

O menino sentado na amurada que cercava a *terraza* pensava: Essas matracas ficariam decepcionadas se soubessem que lá é tão barulhento quanto qualquer lugar aqui em cima. É estranho, mas não silencioso. Como um daqueles mundos misteriosos dos livros de Júlio Verne, cheios de coisas que só existem lá e não têm nada a ver com as coisas daqui. Ele costumava tirar a proteção dos ouvidos e ficava só escutando, à deriva, concentrado no coro infinito de cliques e grunhidos. Observando um peixe por vez enquanto ele

rodeava o coral, o menino podia ver que ele estava conversando com os outros. Ou, de qualquer modo, fazendo barulho para eles.

— Qual a diferença — ele perguntou a Leandro no dia seguinte — entre conversar e fazer barulho?

Salomé ainda não havia aprendido o nome de Leandro e o chamava de “o menino novo da cozinha”. A última *galopina* era uma moça linda, Ofélia, admirada demais por Enrique e demitida por Salomé. Leandro ocupava mais espaço, parado com os pés descalços e as pernas semiabertas, imóveis como pilares rebocados que sustentassem o telhado sobre os corredores da casa ocre-amarelada. Uma fileira de limoeiros em grandes vasos de terracota margeava o caminho que separava a casa principal da cozinha. E, como uma árvore, Leandro ficava plantado lá durante a maior parte do dia, cortando legumes com seu facão sobre uma grande mesa de trabalho. Ou limpando camarões ou preparando *sopa de milpa*: sopa de milho com abóbora e abacate. Sopa *xochitl*, com frango e caldo de legumes. Salada de cactos nopales com abacate e coentro. O arroz tinha um quê de doce entre os ingredientes.

Todos os dias, ele dizia: *Você bem que podia pegar aquela fala e parar de ficar me chateando*. Mas dizia isso sorrindo, não do mesmo jeito que Salomé dizia “me chateando”. Não do mesmo jeito que ela dizia:

— Se você entrar aqui com os pés sujos de areia, é porque é um idiota.

Quanto à diferença entre conversa e barulho, Leandro respondeu:

— *Depende*.

— Depende do quê?

— Da intenção. Se ele quer que o outro peixe entenda o que ele está querendo dizer. — Leandro analisou a pilha de camarões com solenidade, como se eles tivessem direito a um último desejo antes da execução. — Se um peixe quiser apenas mostrar que está ali, é barulho. Mas talvez os cliques do peixe queiram dizer “Saiam daqui” ou “Essa comida é minha, não de vocês”.

— Ou “Seu nome está na lama”.

Leandro riu, porque em espanhol aquilo era engraçado: *Su nombre es lodo*.

— *Exacto* — disse Leandro.

— Então, para o outro peixe, é conversa — disse o menino. — Mas, para mim, é só barulho.

Leandro precisava de ajuda — havia bocas demais para alimentar na casa, os norte-americanos gostavam de comer. Havia ainda o aniversário de Salomé, e ela queria lula. Os olhos das esposas dos homens do petróleo balançariam como o pêndulo de um relógio por sob a aba do chapéu quando vissem lula *a la veracruzana*. Mas os homens comeriam os tentáculos sem perceber, entusiasmados com suas próprias histórias. Como seus matadores profissionais acabaram com a rebelião em Sonora e fizeram Escobar fugir como um cão assustado. Quanto mais tequila bebiam, mais rápido Escobar corria.

Depois do jantar, Leandro disse *El flojo trabaja doble*, o preguiçoso trabalha em dobro, porque o menino tentou trazer toda a louça para a cozinha de uma só vez. E deixou cair dois pratos brancos no chão, que se quebraram em pedacinhos. Por isso Leandro tinha razão: varrer os cacos demorou duas vezes mais do que fazer uma viagem extra. Mas Leandro saiu da cozinha e o ajudou a arrumar a bagunça, ajoelhando-se sob o olhar dos americanos, que reclamavam da incompetência dos empregados, que era a mesma em qualquer país.

Depois Salomé tentou chamar todos para uma dança. Deu corda na vitrola e acenou com a garrafa de tequila para os homens, mas eles foram todos dormir, deixando-a rodopiando no pátio como um balão, relaxada. Era seu aniversário e nem mesmo seu filho, a quem dera a vida, queria dançar com ela.

— Pelo amor de Deus, William, você é entediante — concluiu.

Com o nariz enfiado nos livros, você não passa de um inútil. *Perdido, criança, estraga-prazeres*, essas são só algumas das coisas que Salomé dizia quando estava bêbada. Ele tentou dançar com ela depois disso, mas era tarde demais. Ela mal conseguia se manter em pé.

Salomé é invulnerável, os homens gostavam de dizer. Bacana, maliciosa, uma encantadora de serpentes. E também um “pedaço de mau caminho”. Um dos homens do petróleo disse isso para a esposa, quando os demais estavam lá fora. Explicando a situação.

“Mau caminho” significava que ela ainda era casada, com um marido nos Estados Unidos. Depois de tanto tempo e sem se divorciar, um coitado em Washington, um funcionário público. Ela teve o caso bem debaixo do nariz dele com o adido mexicano, não tinha mais do que 25 anos na época e já com um filho. Abandonou o cara. Tenha cuidado com essa extravagante Salomé, ele advertiu a esposa. Ela é como um truque de mágica.

No *Cinco de Mayo*, a vila celebrou com fogos de artifício a vitória sobre as forças invasoras de Napoleão na Batalha de Puebla. Salomé estava com dor de cabeça, resquício da noite anterior, e passou o dia em seu quarto no fim do corredor. Chamava o quartinho de Elba, seu exílio. Ultimamente Enrique saía mais cedo e fechava a pesada porta de seu próprio quarto. Ela não estava a fim de barulho. Hoje, reclamou, estão explodindo mais pólvora no campo do que provavelmente foi preciso para afugentar o exército de Napoleão na batalha.

O menino não foi à cidade para as comemorações. Ele sabia que, depois, os generais de Napoleão acabaram voltando e derrubaram Santa Ana, assumindo o controle do México durante tempo suficiente para que todos falassem francês e usassem calças justas até 1867, ou algo assim. Deveria terminar o livro sobre o imperador Maximiliano que pegara na biblioteca de Enrique. Foi o que Salomé planejou para ele: Ler Livros Mofados, porque não havia escola na Isla Pixol que fosse adequada para um menino já mais alto do que o presidente Portes Gil. Mas o melhor lugar para ler era na floresta, não em casa. Sob uma árvore no estuário, depois de uma caminhada de vinte minutos por uma trilha. E o livro sobre Maximiliano era enorme. Por isso, só fazia sentido levar *O misterioso caso de Styles*.

A maior figueira tinha galhos que eram como mastros se espalhando a partir do tronco, criando pequenos esconderijos decorados com cortinas de samambaias e patchuli. Uma casa confortável para libélulas e tordos e, certa vez, para uma pequena cobra toda encolhida. Muitas árvores na selva eram tão largas quanto as cabanas no vilarejo de Leandro, com galhos tão altos que

era impossível ver onde terminavam. Não havia como saber que criaturas viviam lá em cima. Antigamente, os demônios de olhos arregalados uivavam por sangue, mas talvez aqueles galhos fossem apenas sacadas de hotéis para macacos e lugares para os ninhos dos japus, cujo gorgolejo parecia o som da água sendo derramada de um cantil.

Na biblioteca de Enrique, todas as paredes estavam cobertas por estantes de madeira. O lugar não tinha janelas, apenas estantes, e todas as partições tinham grades de ferro que protegiam as fachadas como se fossem as grades de uma prisão, mantendo trancadas as estantes cheias de livros. Os espaços entre as barras eram largos o suficiente para que um menino de ossos finos e dedos compridos passasse a mão, como se estivesse colocando um bracelete de ferro. Ele podia alcançar e tocar a lombada dos livros, exatamente como o conde Dantès, em *O conde de Monte Cristo*, fizera para tocar o rosto de sua noiva quando ela o visitara na prisão. Com cuidado, era capaz de tirar um livro da estante e, com as duas mãos enfiadas entre as barras, podia virar as páginas e examiná-lo, às vezes até mesmo abri-lo, quando a estante era suficientemente larga. Mas não podia pegá-lo. As grades tinham cadeados de ferro.

Todos os domingos, Enrique pegava a chave, abria o cadeado e tirava exatos quatro livros, que deixava empilhados sobre a mesa, sem falar nada. Sempre livros históricos, fedendo a mofo, destinados à educação do menino. Alguns eram legais, como *Zozobra* e também *El romancero gitano*, poemas de um jovem que amava ciganas. Cervantes era uma esperança, mas tinha de ser decifrado a partir de uma espécie de espanhol antigo. Apenas uma semana com Dom Quixote, antes de devolvê-lo para ser trancado novamente e trocado por outro da pilha, tinha sido como espiar pela fechadura.

De qualquer modo, nenhum daqueles livros era páreo para oito minutos de Agatha Christie ou para os outros livros que ele comprara antes, no trem que os trouxera até ali. Sua mãe o deixara carregar duas malas: uma com livros e outra com roupas. As roupas

foram um desperdício, porque ficaram muito pequenas rapidamente. Ele devia ter enchido as duas malas com livros. *O misterioso caso de Styles, O conde de Monte Cristo, A volta ao mundo em oitenta dias, Vinte mil léguas submarinas*, livros em inglês que não fediam a mofo. Já lera a maior parte deles, mais de uma vez. Os *três mosqueteiros* ainda lhe gritavam, agitando suas espadas, mas o menino sempre os guardava de volta na mala. O que restaria depois que todos aqueles livros estivessem no passado? Ficou acordado várias noites, assustado com aquele pensamento.

A ideia de uma escola de verdade era muito vaga nas convicções de Salomé e, para falar a verdade, também nas do menino: lembranças ruins de paletós de lã, meninos rudes e *esporte*, uma coisa terrível, à qual o obrigavam diariamente. Uma senhora usando uma blusa marrom costumava lhe dar livros para ler, e essa era a melhor lembrança que ele tinha de casa. Mas lá não é mais a nossa casa, e Salomé disse:

— Estamos aqui e aqui não existe escola, por isso você vai ter que ler todos os livros daquela maldita biblioteca, se nos permitirem ficar.

Senão, sua ideia era ainda mais incerta.

A biblioteca fedia das noites em que os homens do petróleo passavam ali fumando charutos de Tuxtla. Salomé odiava tudo: os charutos, os homens conversando. Odiava também livros trancafiados e, ao que parece, qualquer outro tipo de livro, e meninos avoados que liam demais. Mesmo assim, comprou-lhe um caderno numa lojinha no porto, no dia em que tentaram fugir de Enrique e choraram porque não tinham absolutamente nenhum lugar para ir. Ficou sentada no banco de ferro, sem forças, com seu vestido de seda e os ombros tremendo durante tanto tempo que o menino teve de ir até a vitrine da tabacaria e ficar olhando as revistas. Lá encontrou o caderno de capa dura: o livro mais bonito de todos os tempos, que podia se tornar qualquer coisa.

Ela surgiu por detrás enquanto ele olhava para o caderno. Deitando a cabeça no ombro dele e limpando o rosto com as costas da mão, disse:

— Vamos comprá-lo, então.

O homem o embrulhou com cuidado num papel marrom e o amarrou com uma fita.

Esta era a história que ela queria que ele começasse a contar, do que aconteceu no México antes que os coiotes os devorassem sem deixar vestígios. Mais tarde, e várias vezes, ela mudaria de ideia e lhe diria para parar de escrever. Aquilo o deixava nervoso.

Ao fim daquele dia, depois de fugirem, comprarem um caderno e comerem camarões cozidos num cone de papel, de pé sobre o píer e observando a partida das balsas, voltaram para Enrique, claro. Eram prisioneiros numa ilha, como o conde de Monte Cristo. A fazenda tinha portas pesadas e paredes grossas que permaneciam frias o dia inteiro e janelas que deixavam entrar o barulho do mar durante a noite: *chuá, chuá*, como as batidas de um coração. Ele ficaria magro, só osso, e, depois que os livros terminassem, morreria de fome.

Mas não, não agora. O caderno da tabacaria era o começo da esperança: um plano de fuga do prisioneiro. Suas páginas vazias seriam o livro de todas as coisas, milagroso e infinito como o mar à noite, o coração que nunca deixa de bater.

Quanto a Salomé, ela não temia ficar sem livros, só que suas roupas saíssem de moda. *Não se pode comprar nada nesta ilha. A não ser que ele queira que eu vire uma caipira, usando saias que se arrastam pelo chão.* Um baú com suas melhores roupas foi enviado de Washington, D.C., no ano passado, de acordo com o advogado que deveria estar cuidando desses assuntos. Mas tanto o baú quanto o divórcio pareciam perdidos. Enrique disse que talvez um dia eles recebessem aquele baú, *ojalá*, se Deus quisesse. O que queria dizer que, se Deus não quisesse, os zapatistas renderiam o trem e ficariam com tudo. O menino gritou:

— Ah, sim, imagine só! Os zapatistas com seus cinturões de munição, lendo Agatha Christie no acampamento. Comendo nas porcelanas francesas da mamãe e usando seus vestidos.

Enrique beliscou o bigode e disse:

— *Imagine só!* Uma pena que você não possa trocar fantasias assim por dinheiro.

— A Revolução Mexicana é uma moda — disse ele para os homens do petróleo durante o último jantar. — Como os chapéus ridículos que nossas esposas usam. Não me importo com o que lhe disseram em Washington, este país vai trabalhar duro pelos dólares. — Enrique ergueu a taça. — O coração do México é como o de uma mulher honesta, casada para sempre com Porfirio Díaz.

O acordo foi firmado, os homens do petróleo foram embora. Na manhã seguinte, Enrique deixou que Salomé se sentasse em seu colo durante o café da manhã e lhe desse um beijo como os dos trompetistas. Um sinal de progresso, declarou ela, depois que ele saiu para inspecionar um novo armazém.

— Você ouviu o que ele disse? Chapéus usados por *nossas esposas*.

Seu principal objetivo agora era voltar para o quarto dele. O segundo era despedir a empregada.

O melhor plano que o menino tinha para qualquer dia era se manter afastado. Sair pelos fundos, passando pela cozinha, seguindo por uma trilha de árvores de *palo mulato*, com a casca avermelhada se desprendendo do tronco, expondo uma camada lisa e negra por baixo. Cortar caminho pela areia em meio às plantações de abacaxi até o rochedo baixo e o mar, carregando uma mochila com um livro e um punhado de tortilhas para o almoço, os óculos de mergulho e um traje de banho. Ninguém o veria, apenas Leandro, cujos olhos, seguindo-o até a trilha de areia, eram capazes de fazê-lo se sentir nu, mesmo estando vestido. Leandro, que chegava descalço todos os dias pela calçada, carregando consigo o cheiro esfumaçado do café da manhã na sua vila, mas vestindo uma camisa limpa, lavada por sua esposa. Salomé dizia que Leandro já tinha esposa, um filho e um bebê. E tão jovem, continuava ela, feliz porque alguém arruinara sua vida ainda mais rápido do que ela havia arruinado a dela. Se Leandro já estava na Segunda Fase da Vida (aquela parte com filhos), ele morreria cedo.

No recife, os peixes vinham todos os dias atrás de migalhas de tortilhas que o menino trazia da cozinha e picava em pedacinhos, arremessando-os à água. Um dos peixes tinha a boca parecida com o bico de um papagaio e a barriga vermelho-fogo, e era sempre o primeiro da fila, disputando as esmolas do dia. Ou seja, ele não era

amigo. Era como os homens que vinham visitá-los pela comida gratuita e para porem os olhos em Salomé, que usava um vestido de cetim com um decote em V.

Salomé formulava seu plano de ataque. Primeiro, disse ela a Leandro, faremos apenas as comidas favoritas de Enrique todos os dias. Começando com o café da manhã: café com canela, tortilhas quentes, recém-tiradas da frigideira, abacaxi com presunto e o que ela chamava de Ovos Divorciados, dois ovos num mesmo prato, um com tempero vermelho um pouco picante e outro com tempero verde muito picante. Salomé mantinha uma opinião muito própria sobre o romantismo.

A cozinha era ligada à casa por uma passagem de limoeiros. Tinha paredes baixas de tijolos, balcões de madeira e era toda aberta para o mar, de modo que a fumaça pudesse sair do forno a lenha. Colunas nos cantos sustentavam o telhado, e o forno a lenha para fazer pães ocupava um dos cantos. Natividad, o empregado mais velho, quase cego, vinha todos os dias pela manhã limpar as cinzas dos fornos e acendê-los novamente, apalpando para chegar às chamas, organizando os gravetos lado a lado como se colocasse seus filhos para dormir.

Quando Leandro chegava, empurrava o fogo para as laterais, mantendo o calor longe do centro da pesada grade de ferro. Limpava a grade com um pano embebido em banha de porco, para que as tortilhas não grudassem. Perto do pote com banha, mantinha uma tigela com massa de milho, pegava pedaços dela e os achatava à mão. O calor criava um colar de pérolas negras em cada tortilha branca enquanto assavam. As mais grossas, as *gorditas*, ele cortava enquanto assavam, criando espaços para o molho de feijão. Mas, para empanadas, preparava tortilhas finas, dobrando-as sobre o recheio e passando-as para uma frigideira com gordura quente.

Enrique gostava principalmente de *pan dulce* com massa de trigo. Fofos e macios, com uma camada de açúcar granulado por cima, recheados com abacaxis, doces e ácidos, recém-tirados do forno a lenha. Muitos cozinheiros foram demitidos por Enrique, até que Leandro caísse do céu. *Pan dulce* não é fácil de fazer. A

baunilha tem de vir de Papantla. A farinha é feita num moinho de pedra. Diferentemente da massa para tortilha, a farinha de milho era umedecida com água de cal, que a mantinha granulada e úmida. Qualquer mexicano sabe fazer isso, disse Leandro. Já a farinha seca para os pães europeus era outra coisa. Tinha de ser tão fina que evaporava. A parte difícil era misturá-la à água, bem rápido. Derramando a água sobre a farinha de uma só vez, provocando uma catástrofe.

— *Dios mío*, o que você fez aqui?

A justificativa do garoto: o balde estava pesado demais.

— *Flojo*, você é tão alto quanto eu. Pode levantar o balde.

A massa teve de ser jogada fora, e começou tudo de novo. Leandro dos céus, anjo paciente, parou para limpar as mãos no lavatório e depois secá-las nas calças brancas. Deixe-me mostrar como se faz. Comece com dois quilos de farinha. Faça um monte na bancada. Nesse monte, com os dedos, jogue os pedaços de manteiga, o sal e o fermento. Depois, abra-o como se fossem as bordas de um vulcão ao redor da cratera. Derrame um lago de água fria no meio. Aos poucos, misture as montanhas ao lago, a água e a praia, criando um pântano. Aos poucos. Sem ilhas. A massa cresce até que não existam mais montanhas nem lago, apenas uma grande bolha de lava.

— Aí está. Nem todo mexicano consegue fazer isso, *muchacho*.

Leandro sovou com cuidado a massa sobre a bancada, até que ela ficasse macia, fluida e sólida. Repousaria de um dia para o outro numa vasilha coberta. Pela manhã, Leandro a enrolaria, cortaria em quadrados com a faca, colocaria uma colherada de recheio de abacaxi em cada um deles e os dobraria em triângulos, espalhando por cima açúcar granulado com baunilha.

— Agora você sabe o segredo de como deixar o chefe feliz — disse Leandro. — Cozinhar nessa casa é como uma guerra. Sou o *capitán* do pão, e você é meu *sargento mayor*. Se ele se livrar da sua mãe, talvez você ainda tenha um trabalho, pode fazer *pan dulce* e *blandas*.

— Quais são as *blandas*?

— *Sargento*, você não pode cometer esse tipo de erro. *Blandas* são as grandonas, que o deixam louco. Tortilhas grandes o

suficiente para embrulhar um bebê e macias como as asas de um anjo.

— *Sí, señor!* — saudou o menino. — Grandes o bastante para embrulhar anjos e macias como bundinha de neném.

Leandro riu.

— *Anjinhos* — disse. — Só os bebezinhos.

No dia 21 de junho de 1929, uma enorme iguana subiu pela mangueira no pátio, fazendo com que Salomé se levantasse da mesa do almoço e gritasse. E, naquele dia, os Três Anos de Silêncio terminaram, embora a iguana não tivesse nada a ver com isso.

Era uma declaração assinada pelo presidente, pondo fim a três anos de proibição de se rezar a missa. A guerra com os *Cristeros* chegara ao fim. Os sinos tocaram o domingo inteiro, chamando de volta os padres com seus anéis de ouro, terras e reinado intactos. Enrique interpretou aquilo como uma prova: o México se ajoelhava nos altares, pronto para a volta dos dias de Porfirio Díaz. Mexicanos de verdade sempre entenderão a virtude da humildade, da piedade e do patriotismo.

— E das mulheres decentes — acrescentou para Salomé, citando Díaz: — Apenas em casa, como uma borboleta numa garrafa de vidro, é que a mulher pode alcançar o mais alto patamar de decência.

Enrique esperava que ela levasse o filho à missa de reconciliação.

— Se ele quer uma borboleta, deveria me deixar em casa, dentro de sua maldita garrafa de vidro — ela reclamou na carroça, rumo à igreja.

Salomé era a favor dos Três Anos de Silêncio. Em sua opinião, a missa só seria mais entediante se eles obrigassem as pessoas a usar meias de algodão. Ela também vivera sob o reinado de Porfirio, marcado pela supremacia sombria de freiras que não demonstravam misericórdia alguma com a filha do empresário que foi à escola de tornozelos à mostra. Salomé elaborara uma fuga milagrosa, como o conde de Monte Cristo: uma viagem para estudar nos Estados Unidos, onde se envolveu com um funcionário do

departamento de reclamações da empresa de seu pai, um homem impotente diante de seus encantos. Resolveu o problema matemático de seus 16 anos dizendo que tinha 20. Aos 24, diria a mesma coisa, equilibrando a equação. E se transformou em Sally, confirmada na igreja da conveniência. Mesmo agora, ao se aproximarem da catedral na cidade, revirava os olhos.

— Ópio das massas — dizia, imitando o homem do governo que tentara banir os padres. Mas não dizia isso em espanhol, para que o condutor ouvisse.

A catedral estava cheia de crianças solenes, camponeses e velhas com pernas que pareciam troncos de árvores. Alguns caminhavam pela Via Sacra, orbitando ao redor da multidão como planetas. Numa enorme fila, as pessoas da cidade aguardavam a comunhão, mas Salomé foi até o começo da fila, aceitando a hóstia na língua como se aquilo fosse uma fila na padaria e ela estivesse com muita pressa.

O padre usava uma batina com fios de ouro e um chapéu pontudo. Conseguira manter as vestes em boas condições durante os três anos em que estivera escondido. Os olhares de todos o acompanhavam como se fossem plantas à procura de luz, exceto por Salomé. Ela saiu o mais rápido possível e foi direto para a carroça, batendo em Natividad para seguir adiante, remexendo furiosamente na bolsa de contas em busca de aspirinas. Tudo em Salomé vinha de um pote ou de uma garrafa: primeiro, a base e o perfume, a pomada para manter os cabelos lisos. Depois, a enxaqueca, de uma garrafa de tequila. Em seguida, a cura, de uma garrafa de Água Medicinal Bellans. Talvez alguma outra garrafa lhe desse a energia, a tagarelice. Escondida sob uma mesinha no quarto, algo para ajudá-la a se manter de pé.

Se Enrique não a amava, dizia agora na carroça, ela não tinha culpa. Não entendia como Deus poderia resolver isso. A mãe de Enrique não aprovava uma mulher divorciada, então era uma das culpadas. E os empregados também, que faziam tudo errado. Salomé gostaria de pôr a culpa em Leandro, mas não podia. A massa de farinha refinada que ele fazia para os doces era perfeita, tão sedosa quanto seu vestido branco, tanto que podia ser

derramada de um jarro. Era naquele vestido branco que ela esperava se casar novamente.

O problema devia ser seu filho de pernas compridas, que balançava com os solavancos da estrada, tirando os cabelos que lhe caíam sobre os olhos e encarando distraidamente o oceano. Não havia lugar num bolo de casamento para um menino já mais alto do que o presidente, que também não tinha sido eleito.

Para chegar aos campos de produção de petróleo em Huasteca, Enrique tinha de pegar a balsa, depois o *panga* até Veracruz e, em seguida, o trem. Quando tinha de ir por um dia, ficava uma semana ou até um mês. Salomé queria acompanhá-lo até Veracruz, mas Enrique disse que ela só estava querendo fazer compras. Em vez disso, ele deixou que o acompanhassem na carroça até o porto da cidade e o vissem partir na balsa. Na luz trêmula da manhã, Salomé acenava da doca com seu lenço, cutucando o filho para que acenasse também. Ambos tinham papéis a interpretar naquela peça chamada *Enrique toma uma decisão*.

— Em pouco tempo ele dirá alguma coisa e então poderemos relaxar, filho. Depois pensaremos no que fazer quanto a você.

Enrique havia mencionado uma escola interna no Distrito Federal.

As folhas do caderno de capa dura estavam acabando, o livro chamado *O que nos aconteceu no México*. Ele pediu para comprar mais um caderno na tabacaria. Mas Salomé disse:

— Primeiro, vamos ver se há mais história para contar.

Quando a balsa partiu, eles almoçaram no *malecón* do outro lado do píer das traineiras, observando as aves que rodeavam os barcos na tentativa de roubar comida. Na água, homens em pequenas embarcações de madeira puxavam suas redes, criando um amontoado cinzento que se elevava como nuvens de tempestade em cada barco. No fim da manhã as traineiras já estavam ancoradas, com seus cascos enferrujados apontando todos na mesma direção ao longo do porto, os mastros duplos balançando como casais de bêbados. O ar cheirava a sal e peixe. As palmeiras acenavam enlouquecidamente com suas folhas, movidas pelo vento

do mar, num gesto de desespero ignorado por todos. O menino disse:

— Há sempre o que acrescentar à história. Este almoço será o próximo capítulo.

Mas Salomé disse o que sempre dizia: *Você precisa parar de fazer isso, deixar esse livro de lado. Ele me deixa nervosa.*

A caminho de casa, instruiu o condutor a parar num vilarejo perto da laguna.

— Deixe-nos aqui e volte às seis, não se preocupe — disse ela.

O cavalo sabia ir a todos os lugares, e isso era bom, porque o velho Natividad era quase cego. Isso também era uma coisa boa, até onde Salomé entendia. Ela não queria testemunhas.

O vilarejo era tão pequeno que não tinha sequer um mercado, apenas uma imensa cabeça de pedra na praça central, o que restou de um século durante o qual os indígenas tiveram muita ambição. Salomé desceu da carroça e passou rapidamente pela cabeça de pedra com uma barba de capim sob o queixo. No fim do caminho, disse:

— É por aqui, vamos.

E pegou uma trilha para dentro da floresta, caminhando rápido com os sapatos de tiras de couro, a boca fechada, a cabeça tão baixa que os cabelos lisos lhe caíam sobre o rosto como uma cortina fechada. Chegaram a uma ponte de tábuas que pendia sobre um penhasco. Tirando os sapatos brancos de salto alto e segurando-os na ponta dos dedos, de meias, ela pisou na ponte que passava sobre águas revoltas e só então parou para olhar para trás.

— Não venha — disse. — Você deve esperar aqui.

E desapareceu durante horas. O menino ficou sentado na extremidade da ponte de madeira com o caderno no colo. Uma aranha gigantesca de barriga vermelha se aproximou, uma pata de cada vez, passando lentamente todo o seu corpo por um burquinho numa das tábuas da ponte. Que coisa terrível de se saber: cada burquinho podia conter uma coisa como aquela. Um bando de papagaios se agitou entre as árvores. Um tucano olhou para baixo com o bico comprido, guinchando alto: *a mí, a mí!* Agachado perto do penhasco, ele voltou a acreditar nos demônios da floresta. E foi então que, ao cair da noite, uivando, eles chegaram.

Quando Salomé voltou, tirou novamente os sapatos para cruzar a ponte, calçou-os de novo e caminhou apressadamente rumo ao vilarejo. Natividad já estava esperando, ele próprio uma estátua, deixando que o cavalo pastasse. Ela subiu na carroça e não disse absolutamente nada.

Foi como uma forma de vingança que ele roubou o relógio de bolso. Algo que ele pudesse esconder de sua mãe, como um castigo por ela ter se recusado a contar por que entrara na floresta. Roubou-o no dia em que o alfaiate os visitou, vindo da cidade, ansioso pelas opiniões de Salomé a respeito dos tecidos para o novo terno de Enrique. Ele estava viajando. Era apenas uma questão de educação para o alfaiate tomar uma taça de *chinguirito* com Salomé, e depois outra. Havia tempo suficiente para que o menino entrasse sorrateiramente no quarto dela e procurasse pela Caixa do Pai. Ela estava coberta de poeira, enfiada sob a penteadeira onde Salomé guardava o penico. Ela odiava mesmo aquele homem.

Não há por que chorar o pai perdido, ela sempre dizia. Só uma vez Salomé o deixara ver as coisas daquela caixa: uma fotografia de um homem que, de algum modo, era seu pai. Um punhado de moedas, correntinhas de relógio, abotoaduras e um relógio de bolso. Ele desejou o relógio. Naquela primeira vez em que ela o deixara ficar sentado no chão pegando tudo o que havia na caixa enquanto permanecia deitada na cama, apoiada num dos cotovelos, observando-o, ele segurou o relógio pela corrente diante dos olhos e o balançou, como se fosse um hipnotizador. *Você está ficando com muito sono.*

Ela disse:

— *El tiempo cura y nos mata.* — O tempo cura primeiro, e depois mata.

A rigor, estas coisas são suas, ela lhe dissera. Mas a rigor não eram nem mesmo dela, ela pegou tudo aquilo às pressas, sem perguntar, quando o abandonou e fugiu para o México.

— Para o caso de precisarmos de algo para vender mais tarde, se passarmos dificuldades. — Se passarmos por alguma dificuldade maior do que Enrique, deve ter sido o que ela quis dizer.

Agora o relógio que ela havia roubado foi roubado mais uma vez: uma traição. Ele entrara silenciosamente no quarto de Salomé e o pegara, enquanto ela estava na sala de estar, rindo das piadas do alfaiate, jogando a cabeça para trás no sofá de seda. Entre todos os tesouros da caixa, ele só precisava daquele. O tempo que cura primeiro e depois para tudo o que estiver acontecendo em seu coração.

A fumaça azulada dos charutos de Tuxtla escapava da biblioteca e enchia a casa inteira. Dois norte-americanos voltaram com Enrique dessa vez, para defumar as praias do sul do México com aquela fumaça toda e com suas infundáveis conversas: a campanha eleitoral, Ortiz Rubio, aquele desastroso Vasconcelos.^[3] Os gringos sempre deixavam Enrique nervoso e Salomé empolgada. Ela lhes servia conhaque e deixava que eles admirassem seu peito quando se inclinava. Um deles olhou, o outro não. Os dois se diziam casados. À meia-noite, saíram para uma caminhada pela praia, com seus chapéus de feltro e seus sapatos de couro. Salomé se deixou cair numa poltrona, sentindo toda aquela animação se esvair dela.

— Você deveria ir para a cama — disse.

— Não sou criança. Você deveria ir para a cama.

— Deixe de besteiras, mocinho. Se ele ficar ainda mais mal-humorado, nós dois seremos expulsos daqui.

— Para onde iríamos? Nossos cascos não podem andar sobre as águas.

Um dos homens era o senhor Morrow, o embaixador, e o outro era um homem do petróleo, como Enrique. De acordo com Salomé, este segundo era um esnobe, mas ela podia convencê-lo a fabricar dinheiro, se quisesse.

— Ele é mais rico do que Deus — disse.

— Então ele deve ter a alvorada dentro do bolso. E a misericórdia nos sapatos.

Ela o olhou fixamente.

— Você tirou isso de algum de seus livros?

— Não completamente.

— O que quer dizer com “não completamente”?

— Não sei. Parece algo tirado do *El romancero gitano*. Mas não é.

Ela arregalou os olhos. Salomé havia engomado os cabelos horas antes, mas eles agora estavam se abrindo, criando pequenos cachos que lhe caíam sobre a testa, desprendendo-se do restante. Ela parecia uma moça que acabara de chegar de uma brincadeira.

— Você inventou isso, alvorada no bolso e misericórdia nos sapatos. É um poema.

Os olhos transparentes como a água, a ponta dos cabelos apenas tocando as sobrancelhas. A luz das velas criava linhas estreitas e compridas no cetim de seu vestido, uma estampa que jamais apareceria na ordinária luz do dia. Ele se perguntava como seria ter uma mãe de verdade. Uma mulher adorável e surpreendente como aquela, que se importasse com você. Pelo menos uma vez por dia.

— Você realmente precisa de outro caderno, não é? Para escrever seus poemas.

Mas ele já estava na última página. A cena de sua mãe à luz de velas enchia quase toda a folha e o final não era feliz. Quando os homens voltaram, ligaram a vitrola e aquele que se fazia chamar de “Eu Poderia Convencê-lo a Fabricar Dinheiro” tentou dançar o charleston com Salomé, mas ele não tinha misericórdia alguma em seus sapatos. Dava para ver que eles apertavam seus pés.

ANOTAÇÕES DA ARQUIVISTA

Estas páginas registram a infância de Harrison William Shepherd, cidadão dos Estados Unidos, nascido em 1916 (Lychgate, Virgínia) e levado para o México ainda criança por sua mãe. As palavras são de H. W. Shepherd, seguramente. Mas as páginas precedentes não vieram da pena de um garoto. Ele revelou seu talento cedo, isso é bem conhecido e muitos já o notaram, mas não aos 13 anos. Ele realmente adquiriu um caderno naquele ano para escrever um diário, hábito que manteve durante toda a vida. O mistério quanto a isso foi passado inesperadamente do autor para mim, e todos aqui reunidos.

Em janeiro de 1947, ele começou um livro de memórias inspirado em seus primeiros diários. As páginas exibidas previamente aqui me foram entregues manuscritas, para serem digitadas e arquivadas como “Capítulo Um”. Presumi que fosse o início de um livro. Não havia motivo para duvidar disso, porque ele já havia escrito outros livros naquela época. Ele extraiu o máximo que pôde daquele primeiro caderno de capa dura mencionado, comprado num armazém na Isla Pixol, e provavelmente o jogou fora depois. Era um hábito: sempre que reescrevia alguma coisa, se livrava de todas as versões anteriores. Ele mantinha a casa limpa.

Alguns meses mais tarde, desistiu totalmente de escrever suas memórias. Muitos foram os motivos. Um dos que ele mencionou foi: o segundo caderninho na sequência havia desaparecido, seu segundo diário de infância, e ele se sentia desmotivado para se lembrar do conteúdo. Acredito que se lembrasse de muita coisa, mas não farei mais comentários a esse respeito. Ele tinha com o que se preocupar.

Há uma coisa peculiar para contar sobre o segundo diário. Ele dizia que não conseguia encontrá-lo, e era verdade. O diário só foi redescoberto em 1954. Estava num baú com suas coisas que ficou guardado durante muito tempo na casa de uma conhecida, na

Cidade do México. Eles o encontraram depois que a morte dela provocou a ruína de sua família. O diário tem capa de couro, é menor do que um sanduíche (aproximadamente 7 x 13cm), passa facilmente despercebido. Estava dentro do bolso de uma calça, embrulhado num lenço. Por isso nunca foi mantido junto de seus diários posteriores, perdido lá durante muito tempo. Ele nunca pôs os olhos nesse diário novamente. O caderno não tinha nome, apenas uma data e um cabeçalho na primeira página, como será mostrado. Foi apenas por sorte e por uma carta com instruções que o baú acabou reconhecido como sendo dele e enviado aqui para mim. Nessa época, claro, ele já havia morrido. Sem essa ressurreição surpreendente, aquela parte perdida da história, não haveria nada para contar. Mas há. O texto é com certeza dele, a caligrafia, o estilo, o ritmo das histórias. Ele escreveu coisas semelhantes no início de seus cadernos, mesmo quando já estava bem mais velho.

A diferença de estilo, das memórias de um escritor para os diários de uma criança, o leitor perceberá rapidamente. Um homem de 30 anos escreveu as páginas anteriores, um menino de 14 escreveu o diário que aqui segue. Todos os diários depois deste mostram a evolução normal da idade. Em todos, ele demonstra um hábito que manteve durante toda a vida: seu jeito de raramente fazer menção a si mesmo. Qualquer outra pessoa diria num diário: “Eu comi isso no jantar”, mas, para ele, o jantar estava na mesa por razões próprias. Ele escrevia como se estivesse carregando uma câmera em todos os eventos de sua vida, e por isso permanecia invisível nas imagens. Muitos eram os motivos, mas, novamente, não cabe a mim mencioná-los.

A caderneta com capa de couro perdida e encontrada era um diário que ele manteve de 1929 até o verão de 1930, quando deixou a Isla Pixol. Essa partida foi difícil de transcrever, sendo que o mais irritante é seu tamanho: pequeno. Ele a relatou a lápis nas partes em branco de um livro-caixa. Evidentemente, era um tipo comum de caderneta existente nos anos 1920, roubado de um empregado, como ele mesmo afirma. Ele ainda não tinha o hábito de informar a data em todas as passagens.

O terceiro diário vai de junho de 1930 a 12 de novembro de 1931. Ele passou a ter mais fé na datação dos acontecimentos depois que se matriculou na escola. Esse diário ele guardava num bloco de capa dura do tipo que os alunos usavam naquela época, comprado numa livraria da Cidade do México.

O restante segue em ordem, muitos cadernos, uma confusão de formas e tamanhos, mas todos com o mesmo brilho. Nenhum homem jamais deu tanto valor às palavras, suas e dos outros. Tenho me esforçado muito para fazer o mesmo. Sua caligrafia era razoavelmente boa e não me era estranha. Acredito que estes textos sejam fiéis aos dele, exceto por algumas correções feitas à ortografia e à gramática de um menino. E foram poucas, para alguém que aprendeu com *O misterioso caso de Styles* e coisas parecidas. Contei com alguns ajudantes de confiança na tradução do espanhol, que ele usava de vez em quando, provavelmente sem entender a diferença na juventude. Ele falava os dois idiomas no dia a dia. Inglês com sua mãe, espanhol com a maioria das outras pessoas, até seu retorno aos Estados Unidos. Mas às vezes misturava os dois e tive de adivinhar algumas palavras.

De modo geral, coloca-se uma nota como esta no início do livro. Aqui, ao contrário, deixei o Capítulo Um em destaque. Ele claramente queria que esse capítulo fosse o início de um livro. Apoio o homem, com muitos motivos para tanto. Tive bons anos para aprender a sabedoria disso. Minhas pequenas explicações aqui pretendem apresentar o restante. Coloquei cabeçalhos em algumas seções, com o objetivo de organizá-las, e os marquei com minhas iniciais. Minha única esperança é que sejam úteis.

— VB

Diário particular México América do Norte

Não leia isto. El delito acusa.

2 de novembro, Dia de Finados

Leandro está no cemitério para colocar flores no túmulo de seus mortos: sua mãe e seu pai, avós, um filho que morreu com apenas um minuto de vida e seu irmão que morreu ano passado. Leandro diz que é errado falar que você não tem família. Mesmo que estejam mortos, ainda os tem. Não é legal pensar nisso, fantasmas enfileirados do lado de fora das janelas, esperando para ser reconhecidos.

Leandro, esposa e os mortos estão fazendo uma festa no cemitério atrás da praia, no outro lado da ilha. Pamonhas em folhas de banana, *atole* e *pollo pipián*. Leandro disse que estas são as únicas comidas que podiam afastar seu irmão de uma moça. Ele estava se referindo à Dama dos Mortos, que se chama Mictecalguma coisa — Leandro não soube me dizer como se escrevia. Ele não sabe ler. Não fez as pamonhas dessa vez. Na sua casa, a esposa é a Capitã das Tortilhas, e os *sargentos* são suas sobrinhas. Quando ele sai daqui, vai para sua casa de taipa, com mulheres que cozinham para ele. Talvez se sente numa cadeira e reclame de nós. Ninguém vem tirar suas botas. Não há botas para serem tiradas.

Todas as empregadas também saíram para o *Día de los Muertos*, e a Mãe teve de esquentar o *caldo* do almoço sozinha. Ela reclamou dos empregados mexicanos que faltavam por qualquer coisa. Em Washington, D.C., quem já ouviu falar de um ajudante de cozinha tendo de jogar cravos-de-defunto numa sepultura? Ela diz que os *indios* têm tantos deuses que podem usar uma justificativa para faltar ao trabalho todos os dias do ano. *Essas moças mexicanas*. Mas a Mãe é uma delas. Uma boa coisa de se dizer, se você quer levar um tapa na boca.

Esta manhã ela disse: *Eu não sou mestiça, mocinho, nunca se esqueça disso*. Don Enrique se orgulha de não ter sangue *índio*, só espanhóis puros, por isso agora a Mãe também se orgulha disso. Mas ela não tem o que celebrar, por causa de nenhum deus índio. Nem mesmo o Deus dos Hispânicos Puros, ela não gosta dele também. Disse *chingado* quando queimou a mão depois que as empregadas saíram para a festa. *Pinche, malinche*. A Mãe é um museu de xingamentos.

Don Enrique trouxe de volta os livros-caixa de uma loja em Veracruz, de modo que podemos averiguar a verdade por aqui. Ele disse para a Mãe: *Desconfia de tu mejor amigo como de tu peor enemigo*. Confie nas pessoas que você ama como confia no seu pior inimigo. Registre. Tudo. Ele bateu com os livrinhos na mesa de cabeceira, fazendo-a dar um pulo e estremecendo as mangas de sua camisola. Ele os chama de Livros da Verdade.

Eis a verdade. Um livreto foi roubado pelo ladrão da casa. De qualquer modo, a Mãe tinha parado com aquilo. Ela começou, mas depois Cruz assumiu o trabalho de registrar os dias em que a Mãe os paga. Senão, ela diz que pagou, mas não pagou, porque estava bêbada. Don Enrique mandou que Cruz fizesse os registros enquanto ele estava em Huasteca. Ele diz que o dinheiro verte de sua casa como o sangue de um corte.

7 de novembro

Setenta e dois segundos, o maior tempo de todos. Se a Mãe fosse capaz de prender a respiração por tanto tempo, ela poderia se divorciar. Mas esse tempo não conta de verdade, porque é só no seco. Numa cama, *cercado de tierra*, cercado por terra. Ajoelhado no travesseiro com o nariz preso, segurando o relógio perto da luz para contar os segundos. É mais difícil prender a respiração esse tanto na água, por causa do frio. Um jeito é respirar bastante antes, bem rápido, depois respirar bem fundo e segurar. Leandro diz *pelo amor de Deus não tente fazer isso quando estiver mergulhando, é um jeito fácil de desmaiar e morrer afogado*. Leandro costumava mergulhar para caçar lagostas e esponjas, antes de virar cozinheiro.

Há algumas imagens lá embaixo, da vida de um soldado qualquer mergulhando para um *galopino*. *Caramba! Isso é tão perigoso quanto chupar a teta de uma enfermeira!* Era uma coisa muito grosseira de se dizer nesta manhã para Leandro, que não pode se enfurecer. Ele voltou do Dia dos Mortos com o cabelo preso de um jeito especial, o rabo de cavalo amarrado com uma fita de sisal. Provavelmente foi sua esposa quem fez aquilo.

Leandro disse que seu irmão que fez os óculos de mergulho se afogou ano passado, enquanto mergulhava para coletar esponjas do mar. Ele tinha 13 anos, *mais novo que você e já sustentando a mãe*. Leandro disse isso sem levantar a cabeça, batendo forte com a faca contra a bancada, cortando cebolas.

Natividad então entrou com tomates e ervas do mercado, por isso não havia como dizer *No lo supe*. Geralmente há alguma coisa terrível que você não sabe.

Ou para Leandro dizer *Você não sabe de nada*.

Por causa da vida emocionante de mergulhador, seu irmão acabou morto. *Esta é a verdade quanto a servir o exército, se é que você quer saber*, disse Leandro. *Você não vai morrer cozinhando*.

Esta manhã a maré baixa chegou mais cedo. Os meninos do vilarejo que colhiam ostras vieram até a enseada dizendo que a praia pertencia a eles. Gritavam *Vete rubio*, vá embora, loiro, desaparecendo como caranguejos sobre os corais. A trilha perto da laguna cria um túnel em meio às árvores do mangue até o outro lado do cabo. A praia lá é apenas uma faixa fina de pedregulhos e desaparece quando a maré sobe. Esta manhã a maré esteve mais baixa do que nunca. Saliências dos recifes surgiam para fora da água como se fossem cabeças de animais marinhos nos observando. Aquele lado tem rochas demais para os barcos. Ninguém vai lá. Não há coletores de ostras para gritarem para um *rubio* que não é rubio, com o cabelo tão preto e mexicano quanto o de sua Mãe. Quando eles olham, será que veem alguma coisa?

Flutuar no mar é como voar: olhando para baixo, para a cidade dos peixes, observando-os fazendo compras. Voando *como el pez volador*. Como um peixe voador. A parte de baixo afunda e nas

profundezas você pode plainar, afastando-se das águas rasas e tumultuadas dos corais rumo à tranquilidade do azul-escuro. Sombras de caçadores se movem no fundo do mar.

Atrás da enseada, daquele lado, um paredão rochoso se eleva da água. Dá para ver aquele penhasco da balsa. Tem faixas compridas de guano, marcas que denunciam os buracos onde as aves marinhas pensam que estão se escondendo. Na base do penhasco, existe uma coisa sob a água que não se pode ver de um barco. Uma coisa escura, na verdade um nada escuro, um grande buraco fundo na rocha. É uma caverna, grande o bastante para se mergulhar e explorar. Ou sentir as paredes e entrar só um pouquinho. É bem fundo. Um caminho de água furando a rocha, como a trilha em meio ao manguezal.

Uma inesperada visita do sr. Fábrica de Dinheiro. A Mãe ficou de mau humor quando ele foi embora. Também deve ter ficado incomodada com seus elegantes sapatos. Ela começou uma briga com Don Enrique.

24 de novembro

Hoje a caverna desapareceu. No último sábado, estava lá. Uma busca por todo o rochedo sob o penhasco não deu em nada. Então a maré subiu ainda mais e as ondas bateram com força demais para que se pudesse continuar olhando. Como era possível que um túnel se abrisse na rocha e depois se fechasse novamente? A maré deve estar muito mais alta hoje e deve tê-lo escondido ainda mais sob a superfície. Leandro diz que as marés são complicadas e as rochas naquele lado da ilha são perigosas, para eu ficar nos recifes rasos deste lado. Não ficou feliz em ouvir falar da caverna. Ele já a conhecia, ela já tem um nome, *la lacuna*. Então não foi uma descoberta de verdade.

Laguna?

Não, lacuna. Ele diz que significa uma coisa diferente de laguna. Não exatamente uma caverna, e sim uma abertura, como uma boca que engole coisas. E mostrou sua boca para mostrar. Ela vai até o umbigo do mundo. Leandro diz que a Isla Pixol é cheia delas. Há

muito tempo, Deus fez com que as rochas derretessem e fluíssem como água.

Não foi Deus, foram vulcões. Don Enrique tem um livro sobre eles.

Leandro disse que alguns dos buracos são tão fundos que chegam até o centro da terra, e você vê o diabo lá embaixo. Mas alguns outros só vão até o outro lado da ilha.

Como você sabe qual é qual?

Não importa, porque qualquer um pode afogar um menino que acha que sabe mais do que Deus porque lê livros. Leandro ficou muito bravo. Ele disse fique longe daquele lugar, senão Deus vai lhe mostrar quem fez aqueles buracos.

A Trágica História do Señor Pez

Era uma vez um peixinho amarelo com uma faixa azul nas costas, chamado Señor Pez, que vivia no recife. Num dia infeliz, foi capturado à mão por um monstruoso menino, o Deus da Terra. O Señor Pez queria comer a tortilha oferecida pelas Mãos de Deus, e assim o mendigo encontrou seu destino. Ele foi levado até a casa dentro dos óculos de mergulho e colocado numa garrafa de conhaque cheia de água do mar no peitoril da janela, na Alcova de Deus. Durante dois dias, o Señor Pez nadou em círculos pela garrafa com suas nadadeiras trêmulas, ansiando pelo mar.

Uma noite o Señor Pez desejou morrer. Pela manhã, seu desejo foi atendido.

Era para ele ter recebido um sepultamento cristão sob a mangueira no final do jardim, mas o plano foi arruinado pela moça da limpeza. A empregada que a Mãe contratou dessa vez se chama Cruz, que também significa Sacrifício, o que ela é, na maior parte do tempo. Ela veio até a Alcova de Deus e pegou As Meias Sujas de Deus enquanto ele estava do lado de fora, lendo. Deve ter encontrado o corpo flutuando e decidiu jogá-lo fora. Deus voltou para seu quarto e não encontrou o cadáver nem a garrafa de conhaque, e o Señor Pez fora para a lata de lixo com os restos da

cozinha destinados aos porcos. Leandro disse que era verdade. Ele viu Cruz jogá-lo lá.

Leandro ajudou a procurar entre os restos para encontrar o Señor Pez. O Deus Menino teve de tampar o nariz por causa do fedor e se sentiu estúpido e mimado porque quase chorou quando não conseguiram encontrá-lo. Treze anos de idade, chorando por causa de um peixe morto. Não por causa disso, na verdade, e sim porque ele foi enterrado numa mistura pegajosa de cascas de cebola e sementes de abóbora. Nossas comidas são feitas com a outra parte dessas coisas podres. A comida dentro da gente deve também apodrecer do mesmo jeito, e nada é verdadeiramente bom ou permanece aqui, porque todas as coisas vivas apodrecem. Um motivo estúpido para chorar.

Mas Leandro disse: Acalme-se, *no te preocupes*, sabemos que o Señor Pez está em algum lugar. Então ele teve uma ideia muito boa: por que não cavamos um buracão no jardim e enterramos tudo junto? E foi o que eles fizeram. Juntos, os dois amigos fizeram um sepultamento nobre como nos tempos idos dos reis astecas, a lata de lixo dando ao falecido Señor Pez tudo o que ele precisava para sua jornada no outro mundo e um pouco mais.

25 de dezembro

A vila acorda apressada enquanto o sol parece estar com dificuldades para fazer seu trabalho, assim como a Mãe. Noite passada foi a festa da véspera de Natal. Hoje ela vai dormir até meio-dia, depois acordar com uma das mãos sobre a testa, as franjas nos braços do seu vestido balançando. Sua voz como uma metralhadora mandando as empregadas da casa procurarem por seus pós contra enxaqueca. E todo mundo para fora de casa.

No caminho até a vila, para a missa de Natal, várias pessoas passando, pedaços de famílias em cabanas marrons. Um homem levando sua mulher grávida num burro, como José e Maria. Três moças de pernas longas usando vestidos, montadas numa mula acinzentada, as pernas pendendo como se fossem as de um inseto gigante. Um galo irritado que deveria estar mais bem-humorado, porque olhe aqui, meu amigo: na barraca do açougueiro ao lado da

estrada, todos os seus camaradas estão pendurados de cabeça para baixo, prontos para serem assados. Salsichas também pendiam de um varal como se fossem meias, e uma pele branca inteirinha de porco estava pendurada, como se o porco tivesse saído e deixado ali seu casaco. Sua esposa, a porca, estava viva, amarrada a um mamoeiro no jardim com seus leitõezinhos ao redor. Eles podiam ser livres para fugir, mas não fugiam porque a leitoa estava amarrada à árvore.

A igrejinha no vilarejo não tem sino, só incenso de copal flutuando pelas janelas abertas para se misturar ao cheiro de peixe podre do oceano. Leandro estava lá com sua família, a mão sobre a cabeça das crianças, como toranjas. Mais tarde, na festa, ele nunca disse *Feliz Navidad* ou *Oi, amigo, vou à sua casa todos os dias*. Apenas juntou as mãos de seu filhinho mais novo para que ele golpeasse a *piñata* presa a uma figueira. Havia bombinhas para o santo bebê estourando e soltando uma fumaça azulada na estrada e, entre todas as famílias escuras, um menino invisível.

1º de janeiro de 1930: Primeiro dia do ano e da década

Todas as *cabezas* da casa estão cheias de remédios para enxaqueca. Taças quebradas em piscinas cintilantes no terraço. Não se escuta nada do peru que espantou as crianças do jardim durante todo o mês de dezembro. Ele recebe o Ano Novo na cozinha, uma carcaça de ossos protegida por sua plateia de moscas.

Um bom dia para sair e procurar um túnel para o outro mundo. Talvez para encontrar o diabo. A Mãe gritou *Cállate malinche dios mío não bata a porta!* Nem mesmo a advertência de sempre sobre os tubarões, deixe que eles comam o menino se quiserem. Céu limpo, praia vazia e a água como um par de mãos frias, implorando. Nem mesmo os peixes do recife falaram hoje.

A lacuna está lá novamente, uma boca escura na rocha. Dessa vez a abertura está mais submersa, mas ainda é possível mergulhar e sentir os lábios de pedra que levam a um esôfago que cresce na escuridão. Era o último dia no mundo então, hora de nadar lá dentro, pensando no irmão morto de Leandro. Nadando contra a água fria, contando os batimentos cardíacos: trinta, quarenta,

quarenta e cinco, metade de noventa. Esperando ao máximo para voltar, sentindo o caminho no retorno à entrada, nadando com os pulmões ardendo de volta à luz.

Sol e ar. Respirando. Vivo, afinal. O ponteiro do relógio voltou ao alto para mais um ano de vida, roubado.

5 de janeiro

Amanhã é Festa de Reis. Só aqui vai ser a Festa da Mãe e Irmãs de Don Enrique, que vieram de balsa. Leandro tem de cozinhar para todos. Cruz e as outras empregadas foram para suas vilas para a festa, mas a Mãe está determinada a dar um banquete para os convidados, com ou sem as empregadas. Ela finge que é casada com Don Enrique, e a *señora* deve ser chamada de *abuela*. A suposta avó com seu vestido chique acende um cigarro, cruza as pernas e solta a fumaça pela janela.

A Mãe quer *chalupas* verdes e vermelhas e torta de ovos mexidos com açúcar. Leandro gostaria de estar com sua família. Ele está irritado com a Mãe por tê-lo feito ficar, por isso tira sarro da *señora*. Um escândalo. Mas ele sabe que não será pego. O *capitán* e seu *sargento* conspiram.

A *rosca de reyes* é a mais difícil de fazer: o bolo chamado Rei dos Reis, usando massa de farinha branca, a mesma das tortilhas Bundinha de Neném. Um pedaço de massa que envergonharia até um rei cai da mesa como uma comprida e gorda lesma do mar. *Como pene*. Sovando-a e rindo: *Como bato*. Leandro é normalmente mais humilde.

Weiner! Jaker!

Pachanga!

Coisa! *Coisa do Rei!*

Leandro tinha lágrimas nos olhos e disse que a Mãe nos mataria. Ele fez o sinal da cruz e rezou por nós dois. Fez o bolo circular, colocando a coisa-do-rei no meio e juntando as extremidades. A lembrança vai dentro, um bebê Jesus de argila que parece um porquinho. Leandro disse que não é nem mesmo Jesus, é o deus-menino Pilzintecutli. Ele morre quando os dias ficam mais curtos, em dezembro, e depois nasce novamente no dia 2 de fevereiro, que é a

Festa da Candelária. Os antigos se preocupavam muito com a luz e a escuridão. Estamos numa época de trevas agora, disse ele. Quem encontrar a lembrança dentro do bolo terá boa sorte, quando a luz voltar.

Durante todo o resto do ano, a lembrancinha de argila fica num pote no armário, esperando para ser colocada dentro do bolo. Leandro tira o pequeno Jesus porquinho do pote e o beija antes de colocá-lo dentro da *rosca*. Frutas desidratadas redondas vão em cima do bolo, mas ele põe um pedacinho quadrado onde está a lembrança, seu segredo para marcá-la. Procure por este pedaço quando o prato de bolo chegar até você.

Dá sorte mesmo se você trapacear, em vez de pegar a lembrança ao acaso?

Mi'jo, disse Leandro. Sua mãe não se lembra nem do dia em que você nasceu. Se um menino órfão vai ter alguma sorte na vida, ele vai ter de criar sua sorte sozinho.

Que tipo de órfão tem pai e mãe ainda vivos? Você disse que todo mundo tem família, mesmo que sejam fantasmas. Ou se esqueceu dos seus *cumpleaños*?

Leandro pegou o rosto do órfão entre as mãos e o beijou na boca, depois bateu em seu bumbum como se ele fosse uma criança, e não um menino tão alto quanto um homem. Um menino com pensamentos terríveis de beijar um homem como um homem. Leandro não pretendia nada com isso. Um *beso* para uma criança.

Leandro voltou para a casa depois do banquete. Todos os empregados haviam saído, deixando para trás restos na cozinha, mau humor e sujeira. Para que serve a boa sorte numa casa vazia?

2 de fevereiro, Festa da Candelária

Leandro esteve fora durante dezenove dias e agora voltou. Ele tem de preparar cem pamonhas para a Festa da Candelária, sem seu *sargento*. É melhor se esconder na figueira o dia todo lendo, um livro não foge para sua família sempre que quer. Leandro não sabe nem ler. Ele que fique fazendo pamonhas o dia todo.

Hoje começa o ano da sorte perfeita profetizado por Pilzintecutli, o Jesus-porco de argila.

13 de fevereiro

Hoje a lacuna apareceu um pouco sob a superfície. Ela fica perto do meio do penhasco, sob uma saliência onde cresce um torrão de grama. Deveria ser fácil encontrá-la novamente, mas é melhor olhar bem cedo, logo depois do nascer do sol e quando a maré está baixa. Dentro do túnel estava muito frio e escuro de novo. Mas uma luz azulada surgiu fraca, como se fosse uma janela embaçada lá no fundo. Deve ser a outra extremidade, nenhum diabo lá, só um lugar para sair do outro lado, uma passagem. Mas longe demais para ir nadando e assustador demais.

Um dia Pilzintecutli vai dizer: *Vá em frente, menino de sorte. Vete, rubio*, nade em direção à luz. Vá descobrir o outro lado do mundo ao qual pertence.

A coisa mais estranha. A Mãe acredita em magia. Ela voltou para a vila da cabeça de pedra gigante. Depois de dispensar Natividad com a carroça, disse:

— Desta vez vamos nós dois.

Tirou os sapatos novamente para cruzar a ponte descalça e depois seguiu por uma trilha em meio à floresta, bem às margens de um lago. *Jacanas* de asas amareladas saíram voando da água, e um jacaré descansava na margem, coberto com juncos até os olhos salientes. Depois de volta para a floresta, sob árvores gigantescas. Vamos ver o *brujo*, disse ela finalmente, porque alguém pôs um mau-olhado em nós dois e é por isso que ela não consegue ter outro bebê. Provavelmente foi a mãe de Enrique.

A cabana de bambu do *brujo* ficava numa clareira, dentro de um círculo de pedras. Aquilo devia ter sido feito há mil anos. A porta era uma cortina de conchas amarradas para produzirem um som de madeira quando ele a abria com a mão. Dentro havia um altar cheio de imagens de barro e galhos com folhas saindo de jarros e restos de resina de copal, o mesmo incenso usado na igreja. Ele disse para tirarmos a camisa, o que a Mãe fez imediatamente, ficando só

com a roupa de baixo de seda. O *brujo* não olhou para ela, seus olhos se levantaram para o teto da cabana e ele começou a cantar, então era mesmo um *brujo*, não só um homem.

Parecia a pessoa mais velha do mundo, mas ainda vivo. Seu feitiço era silencioso e rápido, *Échate, échate*. Deu a volta na Mãe primeiro, batendo de leve em seu corpo com um galho de folhas molhadas num jarro de água, lançando gotas sobre seus cabelos, seios e barriga, depois em todo o resto, incluindo o filho. Com as mãos calejadas, segurou uma imagem feita com uma folha de papel, uma coisinha na forma de um homem parecido com um gato, e a queimou na chama de uma vela. Algumas das imagens esculpidas do seu altar pareciam um negócio de homem, seu órgão. *Pachangos* de pedra.

Quando ele terminou, a Mãe o pagou com moedas. Ela não disse nada até que cruzássemos a ponte de volta para a vila. A praça estava deserta, exceto pela grande cabeça de pedra. Natividad não havia voltado.

— Enrique não pode saber de nada disso — disse ela. — Você já sabe, é claro.

— Ele quer que você tenha um bebê?

Ela ajustou o vestido e puxou a parte de trás da meia.

— Bem. Isso mudaria as coisas, não é?

A filhinha de Leandro morreu em janeiro, depois da Festa de Reis, e ninguém aqui ficou sabendo. Cruz contou para a Mãe hoje. Ele ficou fora por três semanas, não porque estava com raiva de seu *sargento*, e sim para enterrar a filha. As duas cabecinhas de toranja na igreja: agora só uma. Cruz brigou com a Mãe porque o salário que Don Enrique paga não é o bastante nem para alimentar uma galinha. Ela disse que a esposa de Leandro não tinha leite e por isso o bebê morreu.

Como ele pode voltar para casa, para sua família, sem nada para comer, e depois voltar para esta casa e preparar centenas de pamonhas? Ele se comporta como se não tivesse filhos mortos. O Leandro verdadeiro nunca vem aqui. Ele apenas finge.

9 de março

Hoje a lacuna desapareceu. Bem debaixo da saliência no penhasco, nada. Se ela ainda estiver lá, está bem no fundo do oceano. O torrão de grama no paredão do penhasco está bem perto da água agora. Ou melhor, o mar está mais alto.

Don Enrique viajou para Huasteca e a Mãe está agitando facas de cozinha. Ela acenou com uma hoje pela manhã. Não para cortar cebolas, mas para mostrar que está falando sério quando diz para guardar segredo. Não só sobre o *brujo*, mas também sobre o sr. F. D. D. Por isso, nada de mencionar aqui outra visita surpresa dele, enquanto o mestre estava fora. De qualquer modo, a Mãe é preguiçosa demais para levantar o colchão e encontrar este caderninho.

13 de março

A lacuna voltou. À tarde, a rocha abriu sua bocarra e engoliu o menino por sua garganta. Mas estava difícil nadar, a água estava muito agitada. Foi a mesma coisa de antes, os pulmões ardendo, mandando-o de volta rápido demais. O irmão de Leandro sussurrando, *Venha viver comigo aqui*, mas um cérebro faminto por oxigênio perde a coragem e quer ar.

Amanhã vai ser o dia.

Últimos Desejos e Testamento

Que se saiba. Se HWS morrer afogado na caverna, ele não deixa nada para ninguém. Suas posses terrenas são coisas roubadas: um relógio de bolso.

Este caderno. Um ano de boa sorte.

Ele deixa seu corpo para que os peixes o comam.

Deixa Leandro se perguntando para onde ele foi.

Deixa a Mãe e o sr. Fábrica de Dinheiro para se divertirem na companhia do diabo.

Dios habla por el que calla.

14 de março

A caverna tem ossos lá dentro. Ossos humanos! Coisas do outro lado.

É assim que você se sente quando está quase se afogando: o cérebro lateja, palpita em vermelho e preto. A água salgada queima seus olhos e você quase fica cego por seguir a luz até conseguir chegar ao ar, respirando.

No fim do túnel, a caverna se enche de luz, numa lagoinha de água salgada na floresta. Quase perfeitamente redonda, do tamanho de um quarto, com o céu lá em cima, cheio de manchas e brilhando em meio aos galhos. Figueiras formavam um círculo ao redor da água como se fossem homens curiosos, boquiabertos porque um menino do outro mundo apareceu de repente na piscina deles. As amendoeiras se agachavam para olhar mais de perto, com seus nós de madeira tocando a água. Um socó-pintado descansava apoiado numa só pata sobre uma pedra, lançando um olhar de poucos amigos para o invasor. San Juan Pescadero, o rei dos pescadores, ia de um lado para o outro entre dois galhos, gritando: “Matem-no matem-no matem-no!”

Pilhas de blocos de pedra se amontoavam ao redor da piscina natural, ruínas de alguma coisa feita com corais. Trepadeiras recobriam todas as ruínas, suas raízes descendo por elas como se fossem dedos se afundando na areia. Era um templo ou alguma coisa muito antiga.

A luz em meio às árvores era fraca, mesmo no meio do dia, mas a água era transparente. Subindo de barriga numa pedra plana, sentando na beirada para olhar em volta, era fácil ver o fundo da caverna lá embaixo, como se fosse um quarto grande e profundo. Havia pedras empilhadas como um castelo de areia submerso, com pedaços de coisas brilhantes no meio da pilha. Talvez folhas amarelas ou moedas de ouro. Era como estar dentro de um livro de histórias. Um templo antigo na floresta e um tesouro de pirata lá embaixo. O tesouro era na maior parte conchas e cacos de cerâmica cobertos por algas, a maioria muito no fundo para mergulhar e alcançar.

Levou horas para explorar tudo. Alguns dos blocos quebrados das ruínas tinham desenhos esculpidos, um desenho de linhas e círculos ou talvez retratos de deuses. Um parecia um esqueleto de

braços abertos, a caveira sorrindo. Uma cobra-d'água surgiu de uma pedra e nadou em S por sobre a água. As trepadeiras da floresta se entrelaçavam como redes de pesca. Era um tipo de floresta com um terreno úmido e sem um jeito fácil de sair dali. E sem um jeito fácil de nadar de volta pela caverna. Sem saída desta história, ao que parece. Nada a fazer a não ser entrar como uma tartaruga na lagoa, afundar e sentar sobre as pedras cobertas de limo e o tesouro de épocas passadas.

Ali é que estavam os ossos! Ossos de pernas, encravados nas pedras. Era algo tão surpreendente que foi difícil respirar depois de vê-los. Flutuar na lagoa também não era muito fácil agora, porque a maré puxava para o fundo, diminuindo e sugando contra as pedras às margens da piscina, assoviando uma canção de afogamento: *ahogarse, ahogarse*. O mar puxava com força, arrastando um explorador covarde de volta para seu lugar secreto, sugando-o para fora através do túnel e cuspiendo-o de volta no mar aberto.

Lá fora, novamente respirando fundo, claro que a maré virou. Agora estava extremamente baixa. Saliências de coral surgiam na água como se fossem cabeças. Uma grande lua redonda pendia no horizonte ao leste, acabada de sair da água, branca como uma ostra.

Então pareceu que os ossos e o templo não podiam ser reais e que a caverna desapareceria novamente. Só a lua era real, grande e cheia, enquanto ele respirava fundo.

Um livro na biblioteca de Don Enrique diz que os pagãos de antigamente construíram castelos nesta ilha. Não tão grandes como as pirâmides astecas, e sim pequenos templos com plataformas para sacrifícios. Eles esculpiram imagens de seus deuses, que eram muitos. O livro dizia as mesmas coisas que Leandro diz, que os antigos observavam a luz e os sinais para saber quando plantar milho, quando se casar. Mas ele também contava coisas mais assustadoras: eles faziam sacrifícios jogando ouro e às vezes meninas (vivas) nas lagoas fundas da floresta. A caverna deve ser um desses lugares, um *cenote*. Por causa dos ossos.

O livro foi escrito por um padre, não era muito bom, mas interessante em algumas partes. Hernán Cortés enviou uma força expedicionária para destruir a cidade pagã aqui e construir a catedral na cidade. Se as ruínas na floresta forem realmente parte da cidade antiga, então, com certeza, o *cenote* tem ouro e tesouros nas profundezas, juntamente com ossos de meninas desafortunadas. Leandro talvez saiba alguma coisa sobre isso, mas não dá para perguntar. Não se pode confiar em sua lealdade, e talvez ele conte para a Mãe. Por isso ele nunca vai ficar sabendo sobre o interior da lacuna.

24 de março

Primeiro, a caverna não estava lá hoje. Pelo menos era o que parecia. Mas na verdade estava, quase dois metros abaixo da superfície, escondida pela maré, com uma corrente forte passando por ela.

Da última vez, era de manhã quando a corrente na caverna puxou para dentro do buraco na floresta. Durante as horas de exploração, a maré deve ter mudado, por isso à noite foi fácil sair nadando. A lua tinha acabado de nascer. A hora de entrar é um pouco antes de a maré virar. Senão, mais ossos para a pilha.

25 de março

A maré estava completamente errada, a corrente fluiu para fora da caverna o dia todo. No dia de lua cheia, estava tudo certo.

Don Enrique diz que a lua cheia cria as maiores marés do mês, no meio do dia e no meio da noite. E ela também cria as marés mais baixas quando nasce e se põe. Assim diz o homem vestindo um casaco e calças elegantes que, se tentasse remar um barco, cairia na água instantaneamente e morreria afogado. Mas Leandro diz a mesma coisa sobre a lua e a maré alta, então deve ser verdade.

Como se pode saber se a lua vai ficar cheia ou desaparecer?

Esta noite a lua estava pela metade, e Leandro disse que ela está desaparecendo. Dá para saber porque ela tem a forma da letra C, não curvada para a frente como um D. Ele diz que, quando a lua forma um D, de *Dios*, ela está crescendo para preencher o céu de

Deus. Quando míngua é um C, de Cristo na cruz. Portanto, nada de boas marés durante vários dias.

12 de abril

Hoje teve lua cheia, maré perfeita e azar de cortar a ponta do dedo com a faca da cozinha. Sangue por todo canto, até mesmo na massa, que ficou rosa. E teve de ser jogada fora. *Ah, não, vamos servi-la para Don Enrique e a Mãe! Uma clayuda do sangue do seu filho, como os sacrifícios astecas para os deuses.*

Leandro disse: Peça perdão a Deus pelas coisas que você diz. Vá se ocupar de alguma coisa e faça mais massa.

Hoje à noite a maré subiu, a praia estava tranquila e ninguém nadou para dentro da lacuna. Os três mosqueteiros teriam feito isso, mergulhando com as espadas nos dentes, sem curativos nos dedos. Mas eles eram três, todos por um e um por todos.

Hoje uma sombra atravessou a lua. Don Enrique diz que é um eclipse. Mas Leandro diz que são *El Dios* e *El Cristo* juntando as cabeças e chorando por tudo o que acontece aqui embaixo.

2 de maio

Aniversário de santa Rita de Cássia. A Mãe precisava de cigarros, mas não havia nada no mercado hoje por causa da festa. Todas as mulheres seguiram a procissão usando saias compridas onduladas, os cabelos trançados com laços e flores. Meninos carregavam velas de cera de abelha altas como homens. A velha que vende nopal no mercado estava na frente, vestida como uma noiva amarrotada. Seu velho noivo se arrastava a seu lado, de braços dados.

Leandro diz que eles não puderam realizar a festa no ano passado por causa do Silêncio contra a igreja. Mas que santa Rita de Cássia não é uma santa de verdade, e sim uma deusa. Nada nunca é como eles dizem, e ninguém é cem por cento santo.

12 de maio

Maré perfeita hoje. Para dentro e para fora da caverna. A água empurrou para dentro, para tocar os ossos mais uma vez. Amanhã a

maré deve estar perfeita novamente. Só mais alguns dias este mês para procurar pelo tesouro escondido de Hernán Cortés.

13 de maio

A Mãe diz que é hoje à noite. Dentro de poucas horas, partiremos na balsa. Não é possível simplesmente ir embora daqui, mas ela disse: Ah, sim, é sim. Deixe tudo para trás.

Não conte para ninguém, ela disse: Don Enrique vai ficar furioso. Nem mesmo Cruz pode saber, não empacote nada do seu quarto porque ela notaria. Espere até que chegue a hora. Pegue apenas o que couber na sua mochila. Dois livros apenas. Não aquelas sandálias, não seja ridículo, seus sapatos bons.

Ela disse: *Bueno*. Muito bem. Se quer ficar aqui, fique. Nesta ilha estúpida, longe de tudo, você tem que gritar três vezes para que Jesus o ouça. Eu irei feliz sem você e acenderei uma vela para você na Catedral Nacional quando chegar lá. Porque, quando Enrique ficar sabendo, ele o matará no meu lugar.

O sr. Fábrica de Dinheiro está nos esperando no continente.

Você não vai contar nada para Leandro. Nem uma palavra, mocinho.

Caro Leandro, aqui está o bilhete que você não lerá porque não sabe ler. O relógio de bolso está no pote dentro do armário, junto com o Pilzintecutli de argila. É um presente para você encontrar ano que vem, quando terá de preparar a *rosca* sem seu *sargento* para ajudá-lo a misturar a farinha. O relógio é de ouro, talvez você possa levá-lo para Monte de Piedad e conseguir algum dinheiro para sua família. Ou guarde-o para se lembrar do pestinha que se foi.

Cidade do México, 1930 (vb)

11 de junho

La luna de junio, primeira lua cheia de junho, dia para mergulhar atrás de tesouros. Mas a coisa mais próxima do oceano aqui é o cheiro de peixe podre aos sábados, depois que todas as mulheres na rua cozinham seus peixes no dia anterior e suas latas de lixo ficam esperando pela coleta do lixeiro. O oceano é o último sonho da manhã, antes que o barulho das ruas aumente. Carros, policiais a cavalo, a maré baixa, o prisioneiro acorda numa ilha nova. Um apartamento sobre uma padaria.

A Mãe diz que uma *casa chica* significa que provavelmente a esposa dele sabe sobre ela, mas não se importa, porque uma Casa Pequena não custa muito. A empregada nem mesmo dorme aqui, porque não tem espaço. O banheiro e o fogareiro de cozinhar ficam no mesmo ambiente. A cozinha principal é lá embaixo, na padaria, aonde se chega pela rua, com uma chave. Nenhuma biblioteca ou jardim aqui, numa cidade que fede a ônibus. A Mãe acha que tudo é maravilhoso e traz lembranças de sua infância, por mais que tenha sido há muito tempo e não nesta cidade. E, se foi tão maravilhosa, por que ela nunca voltou para ver seu pai e sua mãe até que eles morressem?

— Pare de resmungar, senhorzinho, finalmente saímos daquela ilha onde nada aconteceria. Aqui você não tem de gritar três vezes para que Jesus o ouça.

Provavelmente porque, depois do segundo grito, Jesus olha para baixo a tempo de vê-lo sendo atropelado por um bonde.

Mas, diz ela, Deus tem uma bela casa aqui, a maior catedral do mundo. Um dos pontos mais altos do Distrito Federal. Até agora vimos apenas um lugar importante, La Flor, a loja onde o sr. Fábrica de Dinheiro e seus amigos vão beber café. Fomos lá sozinhos, desafiando ordens. Os amigos empresários dele ainda não sabiam de sua nova aventura, do segredo guardado numa caixinha, a *casa*

chica. A tampa da caixa é o dinheiro que compra o silêncio da Mãe, que ela diz que não é muito. Então provavelmente ela não ficará em silêncio.

Ela precisava ir a La Flor para ter uma ideia de como eles se vestem aqui, para que ela não seja uma simplória como as pessoas naquela ilha. Nas ruas você vê que homens são camponeses que vieram à cidade para passar o dia: calças brancas, enroladas até os joelhos. Os homens que bebem café no La Flor são homens de calças pretas. As moças usam chapéu cloche e vestidos curtos e elegantes como os da Mãe, mas com meias pretas, por modéstia. As garçonetes usam aventais brancos e olhos arregalados de medo. Esta cidade é como Washington e não é. É difícil se lembrar dos lugares de verdade vistos nos livros. O pátio tem avenças gigantescas como as da floresta em *Viagem ao centro da terra*, e o chocolate é muito bom. Biscoitos chamados de língua de gato. O miado do gato, disse a Mãe, mas na verdade o não miado do gato. Nossa rua tem tantos que com um estilingue você poderia conseguir um bom estoque de línguas.

A Mãe estava de ótimo humor e finalmente concordou em parar na papelaria no caminho de volta para casa, para comprar um caderno novo. Ela fez drama: Você ama esse caderninho mais que a mim, vai para o seu quarto e me esquece.

Mas agora mesmo ela entrou e disse: Coitadinho. Você é como um peixe que precisa de água. E eu nem sabia.

Hoje a catedral. Demoramos a manhã toda para chegarmos à praça central, a Zócalo, dois ônibus e depois um bonde para chegarmos lá vindos da periferia do Distrito Federal. A *casa chica* fica num bairro nada elegante ao sul de uma arena de touradas, numa rua suja que dá na Insurgentes. De acordo com a Mãe, moramos no meio do caminho entre a capital do México e a Tierra del Fuego, na América do Sul.

A Zócalo é uma praça enorme com palmeiras que são como guarda-sóis. De um lado está o grande Palácio Nacional, com sua fachada rosa e suas janelinhas pequenas como os orifícios de uma flauta. As ruas ladrilhadas que levam à Zócalo são estreitas como

animais escondidos no capim alto, os prédios próximos em ambos os lados, até onde a vista alcança. Na parte de baixo estão as lojas e as pessoas vivem em cima, dá para ver as mulheres apoiadas nos cotovelos nas sacadas, observando tudo o que acontece lá embaixo. Charretes puxadas por bicicletas, cavalos e carros, tudo enfileirado e às vezes indo e voltando pela mesma rua.

A catedral é gigantesca como o esperado, com enormes portas de madeira que parecem poder mantê-lo para fora para sempre. A fachada é toda enfeitada com entalhes: a nave da igreja, navegando sobre uma das portas, parecia um galeão espanhol e, sobre a outra, Jesus está entregando as chaves do seu reino. Ele tem o mesmo olhar preocupado que o homem da padaria estava lançando à Mãe quando lhe deu a chave para entrarmos em sua loja e chegarmos ao nosso apartamento no andar de cima. O sr. Fábrica de Dinheiro é o dono do prédio.

Dentro da catedral você tem que passar pelo grandioso Altar de Perdón, todo dourado e com anjos pairando sobre ele. O Cristo negro da Malignidade está lá, pendurado morto com seu manto negro, cercado por pequenas saliências, talvez para que os anjos pousem quando se sentirem cansados. É um monumento tão acusatório que até a Mãe teve de curvar um pouco a cabeça ao passar por ele, pecados pingando de seus sapatos enquanto dávamos a volta na nave, criando poças invisíveis nos ladrilhos limpos. Talvez Deus tenha dito que seu nome estava sujo. Mas teria de gritar mais de três vezes para que ela ouvisse.

Perto dos fundos da igreja existe um pequeno museu. Um homem lá nos disse que a catedral foi construída por hispânicos bem em cima do grande templo dos astecas. Eles fizeram isso de propósito, para que os astecas desistissem de ser salvos por seus próprios deuses. Só umas poucas partes do templo sobreviveram. O homem diz que os astecas vieram a este lugar há muito tempo, depois de perambularem durante centenas de anos à procura de um lar. Quando chegaram aqui, viram uma águia pousada sobre um cacto, comendo uma serpente, e este foi o sinal. Um bom motivo para chamar aquele lugar de lar, muito melhor do que todos os que a Mãe deu até agora.

A melhor peça era o calendário dos antigos, uma enorme escultura de pedra, grande como uma cozinha, redonda, apoiada na parede como um relógio gigante. No meio havia um rosto enfurecido olhando para fora, como se tivesse surgido da pedra, vindo de algum outro lugar para nos espiar, e não muito feliz com o que via. Mostrava a língua afiada e em suas mãos com garras segurava corações humanos. Ao seu redor, jaguares sorridentes dançavam num círculo infinito. Talvez este seja o calendário que Leandro conhecia. Ele ficaria feliz se soubesse que os hispânicos decidiram guardá-lo, depois de destruir todo o resto. Mas Leandro não sabe ler uma carta, por isso não faz sentido escrever-lhe nada sobre isso.

O sr. F. D. Dinheiro vem às segundas, quintas e sábados. A Mãe podia colocar um aviso na porta, como a padaria no andar de baixo.

Eles discutem O Futuro do Menino: F. D. Dinheiro diz que a Preparatória é em setembro, mas a Mãe diz não, ele não pode entrar lá. Dizem que é difícil, com latim, física e coisas do gênero. O que eles farão com um menino que só frequentou a escola de Júlio Verne e dos Três Mosqueteiros durante cinco anos? Para ela, o ideal seria uma escolinha mantida por freiras, mas F. D. Dinheiro diz que ela é uma sonhadora, que a Revolução acabou com aquilo depois que os padres fugiram do México. Se soubessem o que lhes esperava, disse ele, aquelas freiras-professoras teriam se casado. A Mãe insiste que viu uma escola na Avenida Puig, ao sul daqui. Mas a Preparatória é de graça, e uma escola católica custaria caro, se houvesse alguma. Vamos ver quem ganha: sr. Fábrica de Dinheiro ou srta. Sem Dinheiro Nenhum.

24 de junho

Dia de São João, todos os sinos das igrejas tocando numa terça-feira. A empregada diz que é um sinal para que os leprosos se banhem. Hoje é o único dia do ano em que lhes é permitido tocar na água. Não é de admirar que tenham aquele cheiro.

No caminho de volta da loja de roupas Colonia Roma, hoje, começou a chover canivetes e compramos chapéus de papel de um jornaleiro. Quando chove, eles param de gritar sobre o Novo Plano Burocrático e dobram os jornais em alguma coisa útil. Então nos perdemos no caminho para casa e a Mãe riu, os cabelos grudados como laços pretos no rosto, pelo menos feliz. Sem motivo algum.

Em pé, sob um toldo para nos esconder da chuva, notamos que era de uma livraria e entramos. Era fantástica, muita variedade de livros, incluindo alguns médicos, o olho humano desenhado em corte transversal e os órgãos reprodutores. A Mãe suspirou diante das poucas chances de entrar na Preparatória, gratuita. Ela disse ao livreiro que precisava de alguma coisa para pôr o menino no Caminho Certo, e ele lhe mostrou a seção de livros muito antigos e gastos. Depois ficou com pena da Mãe e disse que, se nós os devolvêssemos, ele devolveria a maior parte do valor. Oba, alguma coisa nova para ler. Pelo seu aniversário, disse ela, porque já havia passado quase uma semana e ela estava triste por não tê-lo celebrado. Então escolha alguma coisa por ter feito 14 anos, disse ela. Mas não romances de aventura. Pegue alguma coisa séria, história, por exemplo. E nada de Pancho Villa, mocinho. De acordo com a Mãe, se ele não estava morto há pelo menos vinte anos, não era história.

Os astecas estavam mortos há centenas de anos, por isso compramos dois livros sobre eles. Um é só de cartas escritas por Hernán Cortés para a rainha Joana da Espanha, que o enviara para conquistar o México. Ele lhe mandara vários relatórios, cada um começando com “Mui Elevada Poderosa e Católica Imperatriz”. O outro é de um bispo que viveu entre os pagãos e os desenhou, às vezes nus.

Mais chuva, um bom dia para leituras. A grande pirâmide sob a catedral foi construída pelo rei Ahuitzotl. Por sorte, os hispânicos escreveram muito sobre a civilização asteca antes de a destruírem e de usar as pedras de suas cidades para construir igrejas. Os pagãos tinham sacerdotes e templos de virgens e de calcário, enfeitados de todos os lados por serpentes de pedra. Tinham deuses para a Água,

a Terra, a Noite, o Fogo, a Morte, as Flores e o Milho. E também muitos para a Guerra, a diversão preferida deles. O deus da guerra Mejitli nasceu de uma Virgem Sagrada que vivia no templo. O bispo escreveu que era curioso que, como a nossa Virgem Maria, quando ela apareceu grávida, os sacerdotes astecas quiseram apedrejá-la, mas ouviram uma voz dizendo:

— Não temas, Mãe, tua honra está salva.

Então o deus da guerra nasceu com penas verdes na cabeça e um rosto azul. A mãe deve ter levado um susto naquele dia.

Por causa disso, eles lhe deram um templo com um jardim para aves. E, para seu filho, um templo para sacrifícios humanos. Sua porta era a boca de uma serpente, uma lacuna que levava às profundezas do templo, onde uma surpresa aguardava os visitantes. Construíam-se torres com seus crânios. Os sacerdotes andavam com os corpos escurecidos com cinzas de escorpiões queimados. Ah, se pelo menos a Mãe tivesse nos trazido para cá quinhentos anos antes.

Todos os dias chove a cântaros, a rua virou um rio. As mulheres lavam as roupas nele. Depois elas secam, penduradas em todos os lugares. A empregada diz que há uma lei que obriga todos a limpar sua parte da rua, por isso devemos pagar o marido dela para fazer isso. A Mãe diz que de jeito nenhum, se temos de viver apertados como pombos aqui em cima, não vamos pagar limpador de rua nenhum.

O quarto da Mãe tem uma sacadinha que dá para o lado de fora da rua, e este é o quarto dos fundos, que dá para um pátio dentro do quarteirão de prédios. A família do outro lado mantém um jardim, escondido da rua. O avô usa calças brancas de algodão enroladas até os joelhos, cuidando das abóboras e de seu pombal, uma torre redonda de alvenaria com entradas no alto para que os pombos façam seus ninhos. O velho usa uma vassoura para espantar os papagaios que comem suas flores. Quando a lua está *D como Dios*, seus pombos gritam a noite inteira.

Cortés é uma história de aventura, melhor do que *Os três mosqueteiros*. Ele foi o primeiro hispânico a encontrar esta cidade, que se chamava Tenochtitlán e era a capital do Império Asteca. De algum modo ela ficava num lago naquela época. Eles tinham passarelas cruzando as águas, largas o bastante para que Cortés e seus homens a invadissem a cavalo. Ele ouviu falar da grande cidade e enviou mensagens primeiramente, para que os astecas não o matassem assim que ele chegasse. Bom plano. O rei Montezuma se encontrou com ele acompanhado de duzentos nobres, todos vestindo belos mantos, e deu a Cortés um colar feito de camarões dourados. Depois, eles se sentaram para discutir as circunstâncias. Montezuma explicou que seu mestre voltara havia muito tempo para sua terra natal, onde o sol nasce, por isso eles esperavam que um dos descendentes voltasse a qualquer hora e dominasse o povo como seus servos de direito. Cortés havia mandado mensagens sobre ter sido enviado por um grande rei, então eles pensaram que ele devia ser seu senhor. Foi um golpe de sorte de Cortés, que se aproveitou e descansou da viagem. Montezuma lhe deu mais coisas de ouro e uma de suas filhas.

Os astecas nas outras cidades não foram tão amigáveis com os hispânicos e os mataram. Um era um grande encenqueiro, Qualpopoca. Cortés exigiu que ele fosse trazido para ser castigado, e para se garantir decidiu prender Montezuma com correntes, mas amigavelmente. Qualpopoca chegou furioso, insistindo que não era servo de nenhum Grande Rei de lugar nenhum e que odiava todos os hispânicos. Por isso, ele foi enterrado vivo em praça pública.

A Mãe está cansada de ouvir trechos da história. Ela diz que não é a maldita rainha da Espanha, apague a vela antes que ela vire na cama e o queime vivo.

Ela diz que não podemos ficar com o livro, por mais que ele seja o melhor livro de aventura de todos os tempos. É um presente de aniversário. Ele é grande demais para copiar toda a história, só as partes principais. Cortés libertou Montezuma novamente, e eles ainda eram amigos, o que parecia estranho. Ele mostrou a Cortés os prédios e mercados públicos, belos como qualquer um da

Espanha, e os templos de pedra maiores do que a grande igreja de Sevilha. Dentro de alguns templos, as paredes eram cobertas com o sangue dos sacrifícios humanos. Mas o povo era culto e educado, com um bom governo apoiado em todos os lugares e canais de pedra que traziam a água das montanhas. Montezuma tinha um grande palácio e casinhas onde mantinha todas as espécies de pássaros, de corujas a águias. Foram necessários trezentos homens para caçá-los todos.

Mas o que Cortés queria mesmo era uma visita às minas de ouro. Bancando o idiota, ele disse a Montezuma que a terra parecia muito fértil, por isso o Grande Rei gostaria de ter uma fazenda ali (sobre a mina de ouro). Eles a plantaram com milito, construíram uma grande casa para Sua Majestade e até mesmo um lago com patos. Cortés, o ardiloso.

Depois, o governador de Honduras ficou com muita inveja e enviou oitenta mosqueteiros para o México, declarando que ele tinha a autorização verdadeira da Espanha para conquistar e dominar os nativos. Justamente quando Cortés estava se divertindo tanto, ele teve de ir correndo de volta ao porto de Veracruz para defender seu posto e depois voltar apressadamente para salvar os homens que havia deixado em Tenochtitlán. Mas as pessoas lá finalmente souberam quem era Cortés, e seu nome foi manchado. A população avançou contra sua guarda e eles lutaram até a morte. O rei Montezuma subiu numa torre e gritou para todos pararem, mas foi atingido na cabeça por uma pedra e morreu três dias mais tarde. Cortés saiu daquele lugar correndo. Teve de deixar para trás quase todos seus pertences de ouro, penachos e outras coisas tão maravilhosas que não se podia descrever ou compreender. Foi isso o que ele escreveu, mas provavelmente Cortés estava com muita vergonha de descrevê-las e explicá-las, porque um quinto dos espólios de guerra deveriam ser enviados para a Extremamente Católica Majestade, a Rainha.

Quase a noite toda lendo e copiando, até que a vela fosse totalmente consumida. Esta manhã a Mãe disse deixe de ser preguiçoso e corra até o mercado. Precisamos de café, farinha de

milho, frutas e principalmente de cigarros. A Mãe podia passar um ano sem comida, mas nem um dia sem seus cigarros.

O mercado de Piedad não tinha cigarros. As velhas de lá estavam fumando, mas disseram que não tinham mais porque era sexta-feira. Elas disseram: Tente no mercado mais ao sul, o Melchor Ocampo. Basta descer a Insurgentes até o próximo vilarejo, Coyoacán. Pegue uma rua chamada Francia. O mercado tem tudo.

A Mãe tem razão quando diz que a cidade termina bem perto de onde moramos. Não é a América do Sul, mas as ruas se transformam em caminhos de terra, e é como um vilarejo, com famílias vivendo em choupanas ao redor de jardins de terra, crianças brincando na lama, mães fazendo fogo para preparar tortilhas. Avós sentadas em mantos, tecendo mais mantos para outras avós se sentarem. Entre as casas, roças de milho e feijão. Da última parada de ônibus, depois de dois milharais, fica Coyoacán, como disse a mulher, um mercado com tudo. Cigarros, montanhas de abóboras, pimentas verdes, açúcar de cana, feijões. Papagaios verdes em gaiolas de bambu. Um grupo de leprosos indo para a cidade, ao norte, para começar suas mendicâncias da manhã, como se fossem esqueletos com a pele presa aos ossos e usando trapos pendendo como bandeiras de rendição. Pedindo esmola com qualquer parte das mãos que ainda tenham.

A próxima coisa a surgir foi uma iguana grande como um crocodilo, passeando com a cara feia e uma coleira no pescoço. Presa ao colar uma corda comprida e, segurando a corda, um homem sem dentes, cantando.

Señor, está à venda?

O que não está, meu jovem? Até eu posso ser seu, se me pagar. Seu lagarto. É comida ou de estimação?

Más vale ser comida de rico que perro de pobre, ele disse. Melhor ser comida de um menino rico do que o cachorro de um menino pobre. Mas hoje só havia dinheiro para frutas e cigarros. De qualquer modo, a empregada já reclama bastante, sem que tenha de cozinhar um lagarto para o almoço. Demorei muito para voltar, mas a Mãe não ficou irritada. Ela havia encontrado alguns cigarros perdidos no bolso de seu vestido amarelo.

Domingo é o pior dia. Todo mundo tem uma família e um lugar para onde ir. Até mesmo os sinos das igrejas conversam, todos tocando ao mesmo tempo. Nossa casa é como um maço de cigarros vazio, jogado num canto e fazendo você se lembrar do que não está dentro dele. A empregada foi à missa. O sr. Fábrica de Dinheiro, para sua esposa e filhos. A Mãe lava seus espartilhos e calcinhas, pendurando-os no parapeito da sacada para secarem, e se descobre sem nada para fazer. Às vezes, quando não há nada em casa para comer, ela diz:

— Tudo bem, filhão, tem jantar escondido.

Isso significa fumarmos os cigarros dela para não passar fome.

Hoje ela pegou o livro sobre Cortés e o escondeu porque estava se sentindo sozinha.

— Você só lê seus livros e fica a quilômetros daqui. Você me ignora.

— Bem, você me ignora sempre que o Fábrica de Dinheiro está aqui. Vá procurá-lo.

Ela bateu a porta do quarto, fazendo tremer as vidraças. Depois a abriu novamente, não consegue ficar presa.

— Uma pessoa pode ficar cega de tanto ler.

— Então seus olhos devem enxergar muito bem.

— Você acaba comigo, seu insolente. E aquele caderno está me deixando nervosa. Pare. Pare de escrever tudo o que eu digo.

T-u-d-o. O. Q-u-e. E-l-a. D-i-z.

Por fim, hoje à noite ela teve de desistir do Cortés, trocando-o por cigarros, porque estava morrendo sem eles.

O mercado em Coyoacán não é como a Zócalo no centro, onde tudo já está pronto. As moças de xales azuis se sentam sobre mantos com pilhas de milho recém-colhido, há apenas uma hora. Enquanto esperam pelos clientes, debulham as espigas. Se o tempo passa, molham o milho em água de cal, depois trituram tudo, fazendo *nixtamal*, que ainda é socado. No fim do dia, todo o milho vira tortilhas. *Nixtamal* é o único tipo de farinha que elas usam aqui. Nem nossa empregada sabe como fazer pão de farinha branca.

Enquanto as moças preparam tortilhas, os meninos cortam bambus das terras alagadas perto da estrada e com eles fazem gaiolas. Se não aparece ninguém para comprar uma gaiola, eles sobem nas árvores e roubam os pássaros dos ninhos, para colocar dentro delas. Você tem de chegar antes das dez da manhã se quiser espigas inteiras de milho ou gaiolas vazias. No fim da semana, terão feito um mundo. E no sétimo dia descansam, como Deus.

O velho do lagarto vem todos os dias. Ele e sua criatura são parecidos, com uma pele esbranquiçada e escamosa e olhos enrugados. O homem se chama Cienfuegos, e seu animal se chama Manjar Blanco: frango cremoso.

Na praça perto do mercado Melchor, o palácio de Cortés resiste. Ele governou dali depois de conquistar os astecas. Primeiro foi sua fortaleza, onde ele reunia os mosqueteiros e planejava o ataque a Tenochtitlán; uma placa na praça fala sobre isso. Esse mesmo lugar é descrito por Cortés em sua terceira carta à rainha. Como é estranho ler sobre um lugar num livro e depois se ver nele, ouvir os pássaros cantando e cuspir nas pedras, se você quiser. Só que a fortaleza ficava às margens do lago, naquela época. A grande cidade tinha diques para represar a água e às vezes os astecas tiravam pedras dos diques, causando inundações para matar Cortés e seus homens enquanto eles dormiam. Eles tiveram de nadar para se salvar.

21 de julho

A questão da escola está à espreita. Os exames para entrar na Preparatória são daqui a algumas semanas, amanhã voltaremos à livraria para mais Textos de Aperfeiçoamento. As cartas de Cortés serão trocadas por alguma outra coisa e de nada adianta reclamar para ficar com o livro. Hoje é a última chance de terminá-lo e copiar as partes boas.

O último cerco a Tenochtitlán: Cortés tentou bloquear as passagens sobre os lagos para matá-los de fome. Mas as pessoas arremessaram bolos de milho nele e disseram: Não precisamos de comida e, além disso, se precisássemos, comeríamos você!

Ele ordenou que seus homens construíssem treze barcos no deserto e cavassem um canal para trazê-los até o lago, para que pudesse atacar tanto por terra quanto por água: a investida final. Avançou com seu barco em meio a uma frota de canoas com lanças e flechas. “Nós os perseguimos por três léguas, matando e afogando o inimigo, a imagem mais extraordinária do mundo”, contou ele à rainha, e mencionou como Deus ficou feliz, animando-os e enfraquecendo os inimigos. Os hispânicos também tinham mosquetes.

As pessoas lutaram contra ele, considerado o pior dos inimigos, até mesmo as mulheres. Cortés era temido por se recusar a se submeter. “Eu estava sofrendo, pensando numa maneira de aterrorizá-los para que eles reconhecessem seus pecados e os danos a que éramos capazes de submetê-los.” Então pôs fogo em tudo, até mesmo nos templos de madeira nos quais Montezuma mantinha suas aves. Ele estava triste por queimar os pássaros, disse. “Mas, como era muito mais triste para eles, ordenei que fosse feito.”

As pessoas gritavam e berravam tanto que parecia que o mundo estava acabando.

22 de julho

O novo livro não chega nem perto de ser bom: *Atlas geográfico do México*. A Cidade do México fica 2.500 metros acima do nível do mar. Antigamente era constituída por várias ilhas construídas sobre fundações de pedra num lago salgado e ligadas por passarelas. Os hispânicos drenaram o lago com canais, mas a cidade ainda está sobre um pântano e os prédios mais velhos se inclinam. Algumas ruas ainda funcionam como canais quando chove. Os carros são como velhas canoas e as pessoas fluem de uma ilha para outra. E os governantes ainda constroem grandes prédios com pinturas do lado de fora. Os jornais os chamam de Templos da Revolução. As pessoas de hoje são como as de antigamente, só que mais numerosas.

4 de agosto

Uma vitória da Mãe: ser vista à luz do dia com o sr. F. D. Dinheiro. Ele nos levou em seu carro para almoçarmos no Sanborn's, no centro, perto da catedral, na Casa Azulejos. O salão principal no meio da construção tinha uma abóboda de vidro tão alta que os pássaros voavam por baixo dela, cercados por acaso. Uma das paredes era coberta com uma pintura de um jardim, pavões e colunas brancas. A Mãe disse que era um retrato da Europa. Seu rosto estava rosado, porque ela conheceria amigos muito importantes.

Garçonetes usando saias longas e listradas trouxeram carrinhos de sucos multicoloridos: romã, abacaxi, goiaba. Os Amigos Muito Importantes não prestaram atenção nos belos sucos, discutindo o plano de investimento federal e por que a Revolução fracassaria. A Mãe usava seu melhor *chiffon* de seda, um chapéu azul e brincos. Seu filho usava um paletó apertado e curto demais. O sr. F. D. Dinheiro usava seu terno de lã Glenurquhart e parecia nervoso, apresentando a Mãe como sua sobrinha que o estava visitando. Os amigos eram homens do petróleo com cabelos oleosos e um velho médico chamado Villaseñor. Sua esposa, uma beata usando colarinho de renda alto e pincenê. Todos gringos, exceto pelo médico e sua esposa.

Os homens do petróleo diziam que, quanto antes a indústria petrolífera mexicana entrasse em colapso, melhor, assim podiam assumi-la e administrá-la direito. Um deles contou sua teoria sobre o porquê de a América andar para a frente e o México andar para trás: quando os ingleses chegaram ao Novo Mundo, eles não viram utilidade nos índios e os mataram. Mas os hispânicos descobriram uma população nativa há muito acostumada a trabalhar para seus senhores (asteca), por isso o império escravizou esses servos voluntários nas plantações, a fim de criar a Nova Espanha. Ele disse que esse foi o erro dos espanhóis, permitindo que o sangue nativo se misturasse aos deles, criando uma raça contaminada. O médico concordou, dizendo que os mestiços bagunçaram o governo porque são caldeirões fumegantes de heranças culturais conflitantes.

— O mestiço se divide entre impulsos raciais opostos. Seu intelecto sonha com reformas sociais elaboradas, mas seu lado

bruto o faz destruir todos os avanços que o país consegue construir. Está entendendo, meu jovem?

Sim, só uma coisa, que metade do cérebro mestiço é o bruto egoísta: o lado índio ou o espanhol?

A Mãe disse que seu filho pretende ser advogado, o que fez com que todos rissem.

Mas não era piada. Cortés e o governador de Honduras estavam se destruindo mutuamente antes mesmo de começar. Cortés queimou pessoas e aves vivas, para ser aterrorizador. Os sacerdotes astecas manchavam suas igrejas com sangue, também para serem aterrorizadores.

O homem do petróleo chamado Thompson disse à Mãe que ela deveria fazê-lo seguir a carreira militar, e não virar um advogado peçonhento. O presidente Ortiz Rubio enviou seus dois filhos para a Academia Gettysburg, nos Estados Unidos, só com a passagem de ida.

A Mãe perguntou à esposa do médico se havia restado alguma das escolinhas mantidas pelas freiras católicas. A beata quase começou a chorar, dizendo que todas estavam fechadas por causa da Revolução. Mas eles ainda tinham um lugar para aqueles que não eram inteligentes o bastante para a Preparatória. O governo permitiu que a Acción Catolica assumisse as escolas para os surdos, mudos, cretinos e crianças de mau-caráter.

A sra. Médico disse que a Revolução arruinara com todos os valores morais e transformara as igrejas em redações de jornais e cinemas. Ela contou à Mãe que eles costumavam ter leis restringindo coisas como jogo, concertos, divórcio e malabaristas. No tempo de Porfirio, uma pessoa não tinha de ver tudo aquilo.

A Mãe talvez até gostasse de ver alguns malabaristas e se divorciar. Sua música preferida é “Anything Goes”. Mas ela colocou a mão sobre a manga de renda da sra. Médico. Como uma mãe desamparada tentando criar sozinha um jovem, precisava de conselhos.

13 de agosto

Festa de santo Hipólito e exames de admissão na Preparatória. Foi um sofrimento: a mais terrível de todas, matemática. Latim foi um jogo de adivinhação. Do lado de fora da janela, papagaios verdes barulhentos vinham todas as tardes para destruir um canteiro de flores amarelas.

25 de agosto

Hoje começa o ano de todos os que sofrem na Escola dos Cretinos, Surdos-Mudos e Meninos de Mau-Caráter na Avenida Puig. A sala de aula é como uma prisão cheia de doentes mentais condenados, com suas janelas de grades de ferro dispostas no alto de uma muralha. Menininhos e macacos como pupilos. Mais ninguém lá podia ter 14 anos ou coisa parecida; eles têm o tamanho de babuínos. A Santa Virgem sente muita pena, mas permanece do lado de fora, em seu pedestal de cimento no jardimzinho arrumado. Ela enviou seu filho Jesus lá para dentro com os outros desgraçados, e ele também não pode escapar. Está pregado em sua cruz na parede, morrendo o dia inteiro, revirando os olhos nas costas da *señora* Bartolome, e nem ele aguenta olhar para suas pernas de argila e para aqueles sapatos.

Ela ensina só uma coisa: “Extrica Moralidad!” O clima tropical aproxima os jovens de ascendência mexicana à lassidão moral, diz ela.

Señora Bartolome, *perdón*: estamos a uma altitude de 2.300 metros acima do nível do mar aqui, por isso o clima não é tropical, para ser exato. A temperatura mensal média varia de doze a dezoito graus centígrados. Está no *Atlas geográfico*.

Castigo por insolência. Mau-Caráter concluído, no primeiro dia do semestre. Amanhã talvez Surdo-Mudo. Depois disso, pode-se almejar o Cretino.

1º de setembro

Nada de leituras na sala de aula. A *señora* Bartolome diz que um livro distrairá a pessoa de suas lições de higiene, moralidade e autocontrole. *Você cantará uma música bem diferente na diretoria.*

Ela dá a entender que pode haver damas de ferro e rodas de tortura.

Depois do almoço, os meninos mais velhos lutam com espadas e os menores brincam de pega-pega. Se um aluno foge para a tarde, escapando da confusão, a *señora* só fica feliz. A Mãe também não percebe. Ocupada demais com raiva da mansão do F. D., com dezenove empregadas em Colonia Juárez, mansão que ela provavelmente nunca vai ver por causa da esposa do F. D. Os planos da Mãe, arruinados. Como destroços de naufrágios na rua depois das chuvas.

Sábado é o melhor dia no mercado Melchor Ocampo. Uma velha vendedora de cigarros chamada La Perla é a dona do lugar, dizendo às moças para arrumarem suas barracas de flores. *Guapo, ven aqui*, pegue este dinheiro e vá me comprar *pulque*. Eu o vejo aqui todos os dias, *novio*, você é bonito demais para a escola?

Bonito! Para uma velha com cara de lagarto.

13 de setembro

F. D. Dinheiro veio hoje à *casa chica*, mas saiu cedo. Todo mundo de mau humor, inclusive Deus. A chuva continuou caindo até que parecesse que o céu todo fosse secar como uma maré. Primeiro a Mãe chorou, depois bebeu chá feito louca, tentando afogar suas paixões mexicanas. Ele gritou que ela está com a cabeça nas nuvens, ele é um homem, não uma fonte de dinheiro, o PNR^[4] está se dissolvendo e tudo o que ele trabalhou para construir está indo pelo ralo, como as águas nas ruas. Os empresários norteamericanos vão cruzar a fronteira como o Vasconcelos fez. A Mãe sabe que esta casinha pode cair a qualquer momento. E seremos mendigos pedindo as sobras do mercado. Tomando banho no Dia de São João.

15 de setembro

Dia da Independência, a cidade fervendo com desfiles pela Revolução. Na escola, os cretinos se apresentaram fantasiados:

danças folclóricas, prejudicadas pela falta de meninas. As professoras prepararam um Banquete do Patriotismo: arroz com as cores da bandeira, molho vermelho e verde. Xícaras de água de arroz, amêndoas caramelizadas, um pouco de tudo e bastante de nada. Na ponta da mesa, perto de uma tigela de romãs, *señora* Bartolome colocou um bilhete: Pegue apenas uma, Nosso Senhor Jesus está olhando!

Um segundo bilhete apareceu ao pé da mesa, ao lado das amêndoas caramelizadas: Pegue quanto quiser, Jesus está cuidando das romãs. Os outros meninos riram e cuspiram a água de arroz. A brincadeira rendeu aprovação geral e uma chibatada. Mas o diretor tinha o braço leve. No meio do castigo, ele teve de se sentar e descansar, dizendo, *esta escola nojenta, não há nenhum lugar melhor para você?*

16 de setembro

Fugido da escola antes da lista de chamada. Para o norte na Avenida Puig e reto, passando pelo hospital dos leprosos. Passando pela Plaza Santo Domingo, onde os escribas escrevem cartas para as pessoas que não sabem escrever. Muitos quarteirões de *vecindades* com sacadinhas como a nossa, cada prédio pintado de rosa, azul ou ocre. Os bondes de madeira andam em linha reta: do norte para o sul, do leste para o oeste. Os astecas construíram assim, com o Templo Mayor como o centro de tudo. Os hispânicos não puderam mudar o que havia por baixo.

A Zócalo estava cheia de homens vendendo sorvetes, mulheres com longas tranças vendendo legumes e charlatães vendendo milagres. O cheiro de copal. Música dos tocadores de realejo. Um homem vendendo *carnitas*, os meninos famintos seguindo-o como cães. Alguns alunos da Preparatória interpretavam na rua uma peça sobre Ortiz Rubio e Calles: o presidente era uma marionete, e o velho ditador Calles era seu titereiro. Os alunos da Preparatória também haviam fugido da escola.

O caminho mais curto para casa era andando pelo canal Viga, cheio de folhas de jornal flutuando e um cachorro morto, inchado como um melão.

29 de setembro

Hoje, no mercado Melchor, uma visão fantástica. Uma empregada com uma gaiola nas costas, cheia de aves. Ela vestia seu xale azul envolto na gaiola e amarrado na frente para prendê-la. A gaiola de salgueiro devia ser muito leve, porque ela não estava inclinada, ainda que a gaiola se elevasse sobre a cabeça, com torrinhas como um pagode japonês. E cheia de pássaros: verdes e amarelos, batendo as asas como sonhos tentando escapar de um crânio. Parecia um anjo passando pelas vielas, seguindo sua patroa e sem olhar para ninguém.

A patroa parara para pechinchar com um homem e comprar outro pássaro. Era muito pequena, e de costas também parecia uma empregada. Mas, ao se virar, as saias e os brincos de prata rodopiaram, e seu rosto era muito impressionante, uma rainha asteca com olhos negros, ferozes. O cabelo estava arrumado como uma pesada coroa, igual às das moças da Isla Pixol, e a postura era majestosa, embora usasse as mesmas saias rotas da empregada. Deu ao vendedor o dinheiro e pegou dois papagaios verdes, colocando-os com cuidado dentro da gaiola nas costas da moça. Depois saiu rapidamente para a rua.

A velha do mercado, La Perla, disse:

— Não se apaixone por ela, *guapo*, ela tem dono. E o dono dela carrega uma arma.

Quem é casada? A empregada ou a Rainha?

La Perla riu, assim como seu amigo, Cienfuegos, o homem do lagarto.

— Ela não é rainha coisa nenhuma — disse.

Mais uma puta, era a opinião de La Perla.

Mas Cienfuegos não concordava.

— É o marido dela que procura as mulheres, não o contrário.

Os dois ficaram discutindo se a rainha asteca era uma prostituta. O lagarto encontrou um pedaço de tortilha na rua e o comeu. Por fim, Cienfuegos e La Perla concordaram em uma coisa: a mulherzinha majestosa é casada com o *discutido pintador*. O muito falado pintor.

Quem fala tanto dele?

Cienfuegos disse:

— Os jornais.

La Perla disse:

— Todo mundo, *guapo*, porque ele é comunista. E também o homem mais feio que você já viu.

Cienfuegos perguntou como ela sabia da aparência dele, será que ele esteve por ali tentando conquistá-la? La Perla disse que o viu certa vez na Plaza Caballito, com os encenqueiros, quando os trabalhadores entraram em greve. Era gordo como um gigante e terrivelmente feio, com cara de sapo e dentes de comunista. Dizem que ele come a carne de jovens meninas como recheio de tortilhas.

— É um canibal. E, pelo olhar dela, eu diria que sua noivinha talvez também coma criancinhas no almoço.

— Pelo que vi hoje, eles vão comer ensopado de papagaio.

— Não, *guapo* — disse La Perla. — Não para comer! Aqueles pássaros são para os quadros dele. Ele pinta imagens de coisas estranhas. Se ele acorda e quer pintar o chapéu de um nobre inglês, sua esposa tem de sair e encontrar o chapéu de um nobre inglês. Pequeno ou grande, se ele quer pintar, *eso*. Ela tem de correr para o mercado e comprar.

— Então, ela deve carregar muito dinheiro naquela bolsa — disse Cienfuegos —, porque os jornais dizem que agora ele está pintando o Palácio Nacional.

6 de outubro

A Mãe estabeleceu um compromisso diplomático com o sr. F. D. Dinheiro. Vai visitar a casa dele em Cuernavaca na semana que vem, e talvez algumas festas. A Mãe quer aprender novas danças. O charleston é para dançarinos decadentes, diz ela, só os chatos ainda o dançam. Nesta cidade, as moças educadas vestem saias longas e dançam *sandunga* e *jarabe*.

De repente as moças fúteis de saias longas e cabelos trançados estão na moda. O sr. Dinheiro não concorda; ele diz que apenas nacionalistas e foras da lei deixam que suas namoradas dancem essas coisas. Mas a Mãe comprou um gramofone para praticar a *sandunga*. Finalmente a Vitrola é tirada da caixa e faz soar sua voz proibida.

15 de outubro

A Mãe em Cuernavaca a semana toda com F. D. Dinheiro. Ela concordou com a teoria de que procurar emprego é melhor do que ficar na escola para cretinos. Porque o dinheiro do homem do petróleo está diminuindo. Até agora nenhum, exceto servicinhos para La Perla, o que é trabalho, mas não um emprego. Tentar ser contratado como escriba para escrever cartas para as pessoas na Plaza Santo Domingo foi má ideia. Os homens que têm barraca lá uivaram feito macacos defendendo seu território. Apesar de as filas serem compridas e as pessoas esperarem o dia todo. Durante dois dias o padeiro do andar térreo precisou de ajuda para misturar a massa, enquanto sua esposa viajava. Mas agora ela voltou e ele diz: Vá embora, não precisamos de um mendigo aqui.

18 de outubro

A Mãe está de volta de ótimo humor e com mais dinheiro por seu silêncio. Comprou um dos jornais que publicam a longa aventura de Pancho Villa. A história é contada aos poucos todos os sábados, para que você tenha de comprar outro jornal. Mas quando as pessoas terminam de ler, você pode pegar o jornal jogado na rua de graça. Os heróis de ontem padecem em meio aos sapatos da cidade.

Aos sábados os universitários apresentam suas *carpas* na rua, como peças de Poncho e Judas, só que com Vasconcelos e o presidente. Vasconcelos está sempre salvando o México pelos mexicanos: numa escola rural ele tira a cruz da parede, afugenta as freiras e ensina os filhos dos camponeses a ler. Ele deveria vir à Avenida Puig. O presidente Ortiz Rubio consegue interpretar papéis mais variados: marionete dos gringos, bebê num cesto ou um cão *escuincle* sem pelos. Tudo, menos uma iguana numa coleira. Alguns jornais concordam com os alunos que o presidente é um vilão, outros dizem que ele nos salvou de Vasconcelos, dos estrangeiros e dos russos. Os jornais só concordam com o polêmico pintor: ele cobre as paredes dos nossos prédios com cores como uma árvore produz flores. Um jornal mostrou uma fotografia dele. La Perla tinha razão: feio!

Dizem que ele está pintando um quadro enorme na escadaria do Palácio Nacional, o prédio comprido e vermelho na Zócalo que tem janelas como os orifícios de uma flauta. Cienfuegos e La Perla discordam quando pergunto se é possível entrar e dar uma olhada. O velho do lagarto diz que eles têm que deixá-lo entrar, porque lá ficam os tribunais e os escritórios do povo.

— Diga a eles que você vai se casar.

— Velho estúpido — disse La Perla. — Isso não vai dar certo. Onde está a esposa dele?

— É mesmo — diz Cienfuegos. — Diga-lhes que vai se divorciar.

24 de outubro

Dios mío. As pinturas o puxam para o alto das paredes. Cienfuegos tinha razão, elas ficam dentro do prédio, mas não se pode passar pela porta principal que leva ao pátio com um chafariz com uma estátua de cavalo alado e um pórtico ao redor. Em todas as salinhas, há homens em mangas de camisa fazendo registros de casamentos e calculando impostos. Fora de suas portas, nas paredes dos corredores, o México sangra e ri, contando toda a sua história. As pessoas nas pinturas são maiores do que os homens nas salas. Mulheres de pele escura entre as árvores da floresta. Homens cortando pedras, tecendo, tocando tambores e carregando flores grandes como se fossem vassouras. Quetzalcoatl está no centro de um mural com seu grande penacho verde. Todos estão lá: índios com braceletes de ouro e braços dourados, Porfirio Díaz com seus cabelos brancos e altos e sua espada francesa. Num canto esboçado, um cão *escuincle* nativo rosna para uma ovelha europeia e para o gado que acabou de chegar, como se soubesse dos problemas que aconteceriam. Cortés está lá também, no corredor do lado de fora do Departamento de Propriedades. O Pintor o fez se parecer com um macaco de cara branca no seu capacete pontudo. Montezuma se ajoelha enquanto os hispânicos fazem suas maldades: monges gordos roubando sacos de ouro e índios escravizados.

Mas Cortés não era nem o começo nem o fim do México, como diz o livro. Essas pinturas dizem que o México é uma coisa antiga

que continuará para sempre, contando sua própria história em manchas de cor, folhas e frutas e indígenas orgulhosamente nus, numa história sem-vergonha. A grande cidade de Tenochtitlán ainda está aqui, sob nossos pés, e sua história sempre foi como é hoje, cheia de mercados e espera. Uma bela moça ergue a saia, mostrando o tornozelo tatuado. Talvez seja uma puta ou uma deusa. Ou talvez apenas alguém como a Mãe, que precisa de um admirador. O Pintor o faz ver que esses três tipos de mulheres talvez sejam o mesmo, porque todos os ancestrais diferentes ainda estão dentro de nós e não morrem de fato. Imagine ser capaz de contar tais histórias, sussurrando milagres na mente das pessoas! Viver só da imaginação e ser pago para isso. Don Enrique estava enganado.

Onde estava o Polêmico Pintor? O guarda disse que ele costuma estar ali dia e noite, sempre que consegue que seus misturadores de argamassa e pigmentistas apareçam. Todos os dias, mas não hoje.

O mural na parede atrás da grande escadaria era enorme. E não estava nem na metade. Escadas e plataformas cobriam a maior parte da parede, para que ele pudesse alcançar as partes mais altas. O guarda olhou para as plataformas lá em cima durante algum tempo, como se esperasse encontrar o Pintor dormindo lá. Mas não hoje.

— Talvez ele tenha atirado em alguém — disse o guarda. — Volte amanhã. Ele tem muitos amigos aqui no ministério. Ele sempre escapa da prisão.

25 de outubro

Hoje o Pintor veio trabalhar. Já estava nos andaimes às nove. No alto das plataformas, difícil de ver, mas dava para saber que ele estava lá, porque os trabalhadores se aglomeravam ao redor dele como se ele tivesse seu próprio enxame de abelhas. Os assistentes corriam pelo pátio com água e argamassa, plataformas e escadas. Misturavam a argamassa em baldes e os faziam subir até ele com uma corda. Não é só pintura, explicavam esses meninos, com certo desprezo. Um mural. Feito na parede. Não exatamente uma parede

nem uma pintura, e sim uma combinação dos dois, feitos ao mesmo tempo para que a pintura nunca desapareça a não ser que a própria parede seja derrubada. Um Capitão da Argamassa no alto dos andaimes trabalha continuamente ao lado do Pintor, espalhando uma camada recente e fina de massa branca. Nem rápido nem devagar demais, para que o Pintor possa colocar seus pigmentos na massa à medida que ela seca.

— Aqueles dois trabalham juntos desde que Deus mamava nas tetas da mãe — diziam os meninos.

Ao que parece, eles têm mais medo do Capitão da Argamassa do que do Pintor, embora os dois homens gritem para baixo como Deus enviando os mandamentos: água demais na massa, ou água de menos. Hoje todos os meninos são estúpidos.

O problema era o homem encarregado de preparar a argamassa, chamado Santiago, mas hoje seu nome estava sujo, porque ele havia faltado. Eles disseram que ele quebrou a cabeça numa luta por causa de uma mulher. E, de acordo com o Pintor, sem Santiago nenhum desses meninos é capaz de fazer a massa melhor do que o cão da sua avó.

Eu posso misturar a massa.

Vá em frente, então.

Era como misturar a farinha para o *pan dulce*: e como poderia ser diferente? O pó que eles chamam de cal tem a mesma granulação fina, flutuando em nuvens brancas ao redor dos meninos quando eles jogam vários sacos nos baldes de mistura. Os cílios e as costas das mãos ficavam brancos, e também as narinas, de tanto respirar o pó. Eles jogavam o pó na água, e não o contrário.

Espere. Abra uma tela no chão, faça uma montanha de pó. Jogue a água no meio, um lago no vulcão. Misture as lagunas com os dedos, criando pântanos, engrossando a massa. Aos poucos, senão haverá bolotas.

Até mesmo o velho Capitão da Argamassa lá do alto da plataforma parou seu trabalho para observar. Era assustador.

— Onde aprendeu isso?

— É como preparar a massa para o *pan dulce*.

Isso fez com que os meninos rissem. Meninos não fazem pães. Mas eles estavam encrocados, por isso ficaram em silêncio

novamente. Um perguntou:

— Como *nixtamal* para tortilhas?

— Não, a massa de farinha branca. Você a usa para o pão europeu e os pães doces.

Ha ha ha, Pães Doces! Então o novo emprego tem um novo nome para combinar. Mas o Capitão da Argamassa e o Pintor fizeram comentários sobre a massa. O capitão da argamassa é o *señor* Alva, o pintor é o *señor* Rivera. Ele é ainda mais gordo do que parece no jornal e temido pelos meninos, por isso deve ser verdade que se alimenta de carne humana. Mas, quando ele desceu do andaime para beber água, disse:

— Hei, Pão Doce, venha cá! Deixe-me dar uma olhada no menino que está fazendo essa massa tão boa. Volte amanhã. Podemos precisar de você novamente.

29 de outubro

O Pintor mantém os meninos trabalhando até tarde, até que os últimos bondes partam. Às vezes você mistura, amarra cordas e carrega as coisas até o alto dos andaimes. O Palácio tem luminárias de ferro presas ao teto, você tem de cuidar com a cabeça para não se furar. O mural da escadaria tem o tamanho de duas paredes, uma sobre a outra. Ele deve ser concluído antes do fim do ano.

Uma massa grossa de areia é aplicada primeiro, para cobrir falhas e buracos na parede de alvenaria. Depois, mais três camadas, cada uma delas mais fina e branca, com mais pó de mármore e menos areia. As saliências são corrigidas, apagadas, e o Pintor começa a nova história. A cada dia ele deixa mais história sobre a parede, e os meninos vão embora com mais pesos nos bolsos.

Hoje o *señor* Alva desceu do andaime rápido como um macaco para brigar com um dos guardas. Eles foram rudes quanto às pinturas. Quatro meninos com chapéus *tejanos* entraram e disseram que jogariam piche sobre a parede depois que o Pintor voltasse para casa, para defender o México e salvar seus símbolos nacionais dos insultos. O *señor* Alva brigou com os guardas para manter

aqueles meninos longe dali. Mas o Pintor não parece se importar com o que dizem. E continua pintando.

10 de novembro

O *señor* Rivera se foi. E a parede está pintada pela metade. Indígenas e homens montados cavalgam sobre o vazio branco. As montanhas não têm base. Os desenhos a carvão na parede branca áspera permanecem semivivos, à espera. Isso não pode ser o fim, mas o *señor* Alva diz que com certeza o Pintor se foi. Para San Francisco, pintar para os gringos. O único trabalho agora é desmontar os andaimes e limpar os respingos de massa do chão. Isto é tudo, meninos, disse ele. Os pesos foram para San Francisco também.

18 de janeiro de 1931, Festa de Santo Antônio

O padre abençoava os animais. As damas da sociedade trouxeram papagaios e canários à igreja, segurando as gaiolas contra os peitos enfeitados, falando com os pássaros como se fossem bebês e com biquinhos. Ou segurando gatos que se contorciam violentamente, na esperança de comerem um papagaio. Ou *escuincles* sem pelos que observavam com os olhos desaprovadores e salientes de seus crânios caninos. Nos fundos da igreja, aldeões aguardavam com bodes e burros presos a cordas. Depois que os cães e os papagaios foram satisfatoriamente abençoados, permitiu-se que as camponesas entrassem com seus animais pela nave, todos olhando para as bênçãos que o burro deixava pelo chão.

Um velho trouxe um saco de terra sobre os ombros, cheio de formigas e lagartas. Quando seguiu em direção ao altar, todas as mulheres com chapéus elegantes se afastaram da nave central, os colares de pérolas todos pendendo para um lado, como se o convés de um navio se inclinasse sob elas. O padre, com suas vestes limpas, afastou-se do altar enquanto o camponês colocava seu saco sobre ele e as formigas pretas fugiam para todos os lados.

— Vamos lá, transforme estas pragas em cristãos! — gritou o camponês.

— Vou levá-las para casa para que convertam as outras, assim deixarão de comer minhas plantações e me restará algo para viver.

Cienfuegos veio com Manjar Blanco preso à coleira. As damas não sabiam como abençoar um lagarto cristão. Seus cachorrinhos provavelmente ainda estão latindo sobre isso.

31 de março

A escola ou um emprego é a única opção, diz a Mãe. Então é escola novamente, assassina. Hoje encontraram um corpo! Enrolado num pano preto, deitado em meio a quatro cadeiras de madeira organizadas lado a lado na sala do diretor. O diretor ainda estava fora almoçando quando o Penitente foi mandado para lá por uma pequena infração envolvendo cuspes e teve de esperar lá por muito tempo, examinando O Corpo. Seus pés escapavam do pano, com certeza pés de uma pessoa morta. Homem ou mulher, era impossível dizer, mas não havia nada respirando sob aquele pano. Nem cheiro de cadáver. Os romances policiais geralmente mencionam isso. Mas talvez fosse um morto recente e que ainda não teve tempo de apodrecer. Ou talvez tivesse cheiro de cadáver, a escola toda cheirava a mijo e talvez seja parecido. A hora passou demoradamente, medida com a respiração presa.

Vinte minutos. Não podia ser a *señora* Bartolome sob o pano preto. Magro demais. Nem o diretor — todos o viram sair para o almoço. Que tipo de escola castiga os meninos obrigando-os a se sentarem numa sala com um cadáver?

Cinquenta minutos. Lá fora, no sol, a Santa Mãe permanecia em seu pedestal no jardim, sofrida, mas não solidária. A postura costumeira das mães.

Cinquenta e oito minutos: o diretor voltou de bom humor, cheirando um pouco a pulque. Ao ver o Penitente, ele se deixou cair na cadeira, subitamente deprimido. Ultimamente ele não anda com muita coragem para os espancamentos.

— Ah, é o Shepherd, nosso estrangeiro encrenqueiro. O que aconteceu hoje?

— Lendo na sala de aula de novo, senhor. E participando de uma espécie de concurso.

— De que espécie?

— De cuspir para acertar um alvo no chão, senhor.

— Alguma coisa que possa melhorar seu caráter? A leitura, quero dizer.

— Não, senhor. Booth Tarkington.

O diretor se recostou tanto na cadeira que parecia que cairia dela ou que tiraria um cochilo. Não falou nada sobre o corpo enrolado no pano. Quem poderia ser? Ele parecia mais alto do que o tipo de menino mirrado típico desta escola. Mas era difícil dizer, deitado.

— Senhor. Se for possível perguntar, alguma das professoras tem passado mal?

Sentado tão perto do corpo que era capaz de bater nas orelhas do cadáver, o diretor respondeu:

— Todas tão saudáveis quanto se pode esperar de mulheres dessa idade e com esse temperamento — suspirou. — Quer dizer, provavelmente imortais. Por que a pergunta?

— Um dos alunos, então? Por acaso algum menino apareceu, bem, morto?

O diretor agora parecia incapaz de cochilar.

— *Morto?*

— Talvez tenha sido sujeitado a um castigo prolongado demais por acidente e morreu?

Dessa vez o diretor se sentou reto.

— Você é um menino cheio de imaginação. Também é desconfiado?

Uma olhada para os pés que escapavam do pano.

— Não, senhor.

— Você deveria escrever histórias, menino. Tem inclinação para se tornar um escritor romântico.

— Senhor, isso é bom ou ruim?

O diretor sorriu e pareceu triste ao mesmo tempo.

— Não tenho certeza. Mas sei de uma coisa, você não pertence a esta escola.

— Não, senhor. Também estou certo disso.

— Falei sobre isso com a *señora* Bartolome. Ela diz que sua competência para aprender as lições de latim superou a

competência dela para ensinar. Não é justo com os outros que ela ensine tantas coisas. Eles têm dificuldades para combinar os sapatos com as meias.

Um longo silêncio.

— Discutimos uma transferência para a Preparatória no ano que vem.

— Senhor, os exames de admissão são de matar. Pelo menos para alguém que deixou de aprender tudo o que eles ensinam depois da sexta série do primário.

— Verdade. Como isso lhe aconteceu?

— Uma vida familiar complicada, senhor. Algo como um romance.

— Bem, só se pode esperar que você o esteja escrevendo.

— Não, senhor, só algumas partes. Sobre os dias interessantes. Na maior parte dos dias, é algo parecido com um romance ruim, sem nenhum personagem aprendendo qualquer valor moral.

O diretor apoiou os cotovelos sobre a mesa e juntou os dedos, transformando as mãos num buquê de flores. A pergunta não respondida sobre o cadáver ainda estava ao lado dele. Aquele era um dos dias interessantes.

— Agora volte para a sala de aula, meu jovem Shepherd — disse, finalmente. — Direi à *señora* Bartolome que você tem a minha permissão para ler quantos romances de aventura quiser, como preparação para sua carreira de escritor. Mas o conselho a prestar atenção nas aulas de matemática. Elas podem se revelar mais úteis do que parecem.

— Sim, senhor.

— Mais uma coisa. Sabemos que sua frequência é irregular.

— Tenho trabalhado um pouco. Mas perdi o emprego de novo.

— Bem, acho que não há muito o que eu possa fazer para mantê-lo aqui. Mas, por favor, venha na sexta-feira. Antes do recesso da semana de Páscoa, nossa escola liderará a procissão pela rua até Santa Inês. Precisamos de seis dos nossos alunos mais velhos para carregarem o Santo Cristo. Talvez você seja o único a se lembrar de para onde deve andar.

— Para carregar o quê?

O diretor se inclinou para longe da mesa e levantou o pano de seda que cobria o corpo, expondo uma cabeça ensanguentada e ombros nus.

— Nosso crucificado. Acabamos de limpá-lo e envernizá-lo, pronto para ser levado para a capela.

— Ah. Claro, senhor, *corpus Deum*. Ele vive.

A escola está fechada durante a Semana Santa, mas a Mãe não está com uma mentalidade muito santa, por causa do colapso previsível da indústria mexicana do petróleo. De acordo com F. D., a produção foi reduzida para menos de um quarto do que era quando os americanos aqui chegaram. Eles achavam que estavam extraíndo de um veio mais profundo, disse ele.

— Eu também achava — diz a Mãe.

Em apuros, ela pede conselhos à esposa do médico. Como sempre, ela sugere que Deus tudo pode, por isso a missa do Domingo de Ramos na catedral faz parte do plano. O lugar é uma floresta de folhas de palmeira levantadas no alto, agitadas no ar imóvel por aldeões com olhos suplicantes e filhos famintos. A sra. Médico estava usando uma estola prateada de raposa como Dolores del Rio. Ela puxou a Mãe para os assentos da frente, longe dos cheiros de pobreza. As rezas duraram horas, mas a Mãe resistiu.

Depois, as ruas do lado de fora pareciam um festival. Pessoas chegando das províncias, talvez até mesmo algumas da Isla Pixol. Todos os olhos se voltam para a Virgem enquanto ela é carregada pela cidade em várias procissões diferentes, usando a coroa cheia de joias e vários vestidos ao mesmo tempo.

Vários dias desinteressantes. Uma *National Geographic* roubada da livraria. Tinha uma fotografia de um hindu com seiscentos alfinetes espetados pelo corpo. Dois espetos atravessavam-lhe o abdômen e um a língua. Todas as manhãs, para se vestir, ele demora uma hora e meia. Para superar as catástrofes da vida, ele caminha sobre o fogo.

8 de maio

O diretor chamou a Mãe para uma conversa antes do término da escola. Em pouco tempo ela teria de caminhar sobre o fogo, mas pôs seu pior vestido e foi. O diretor disse à Mãe que era pelo bem do menino que ele deveria frequentar uma escola diferente no ano seguinte. Havia opções — técnicas, profissionalizantes —, mas ele aconselhava a Preparatória. Ele discursou para a Mãe usando várias conjugações do verbo “preparar”. Preparação para a Preparatória. Mas a Mãe não se prepara para nada. Ela lhe disse que ele não tinha nada a ver com isso, mas que seu filho iria para os Estados Unidos para viver com o pai, e ela tinha certeza de que as escolas lá eram melhores.

É verdade? No caminho de volta para casa, irritada, ela se recusou a dizer.

10 de junho

A empregada angelical da gaiola reapareceu no mercado Melchor. Dessa vez estava sem a gaiola, mas novamente seguia apressadamente a rainha asteca, aceitando todas as compras que a mulherzinha escura colocava em seus braços. Vasilhas de cerâmica, sacos de feijão, uma cabeça de demônio feita de papel machê. A patroa mancava um pouco, mas fora isso era exatamente a mesma, estalando os dedos na direção da empregada e de todo mundo enquanto passava pelas ruelas. Avaliando cada objeto com temerosos olhos negros.

La Perla também as reconheceu: *Que escândalo, a esposa do pintor*, disse ela.

— Eles foram embora, mas, veja só, voltaram, provavelmente expulsos pelos gringos. Estará nos jornais. Os comunistas sempre causam problemas para virar notícia.

24 de junho: Dia de São João

Os leprosos se banham novamente.

La Perla tinha razão, o Pintor está nos jornais. O presidente quer que ele conclua o que começou na escadaria do Palácio. Todos os homens do alto escalão agora querem esse Pintor, o embaixador

Morrow o contratou para pintar seu palacete em Cuernavaca. A Mãe diz que viu a pintura quando esteve lá, e também o embaixador, que agora é senador dos Estados Unidos. Ela diz que falou com ele na rua, e por que não, se são conhecidos. O embaixador Morrow foi visitar Don Enrique, foi na época em que ela fez F. D. Dinheiro dançar com ela calçando seus sapatos preto e branco. Agora ela acha que Morrow teria sido uma aposta melhor.

6 de julho, cumpleaños. Quinze anos de idade.

Nenhuma festa de aniversário, mas a Mãe disse para pegar algumas moedas na bolsa e comprar um pouco de *carne asada* ou alguma coisa boa no mercado. Só que não há moedas.

A esposa do Pintor estava lá hoje comprando baldes de comida, se preparando para uma festa na sua casa, parecia. Mas nada da empregada! A Rainha parecia um burro embaixo daqueles cestos todos. Duas bananas caíram na rua atrás dela enquanto caminhava. Já no fim do mercado, homens descarregavam uma carroça de milho-verde no debulhador, juntando as folhas em pirâmides altas. A Rainha apontou em meio aos cestos, fazendo com que um homem enchesse um grande saco para ela.

La Perla disse:

— Pare de olhar, *guapo*. Só porque é seu aniversário não quer dizer que vai conseguir qualquer mulher que queira. Seus olhos cairão pela rua atrás dela como aquelas bananas.

— Como ela vai carregar aquele milho todo? Ela vai cair, tenho certeza.

— Então vá falar com ela. Diga-lhe que por dez pesos você o carregará. Ela vai lhe pagar, é rica. Vá, vá. — La Perla empurrou com suas mãozinhas como facas. Cruzar a rua foi como andar sobre as águas.

Señora Rivera. Gostaria que eu a ajudasse a carregar alguma coisa?

Ela pôs dois cestos no chão e pegou o grande saco de milho, levantando-o com o dedão.

— Vá em frente. Todo mundo tem o direito de ganhar algum dinheiro trabalhando.

Não houve mais discussão. Segui-la já era todo um diálogo: as saias em turbilhão, as pernas curtas andando com a mesma velocidade de um cachorrinho, a cabeça altiva coroada por círculos de tranças. Abram caminho para a Rainha, puxando um menino como uma pipa num fio. A casa ficava quatro ruas para baixo e uma acima, na Londres, esquina com a Allende. Ela passou pela enorme porta da frente sem dizer “Siga-me” ou “Fique aqui” ou qualquer coisa, passando por uma velha com o avental pendendo de uma das mãos, que pegou o saco de milho e desapareceu. Mas a Rainha não saiu do lugar, emoldurada pela porta com a luz intensa do sol atrás. O paredão escondia um belo pátio interno, com os cômodos da casa ao redor.

Era impossível desviar da visão da sua imagenzinha estranha ali, as palmeiras e figueiras balançando atrás dela como ventiladores. O pátio interno era um sonho. Pássaros em gaiolas, chafarizes, plantas crescendo em vasos, trepadeiras escalando os troncos das árvores. Naquela floresta, o Pintor! Esparramado numa poltrona ao sol, usando as roupas esfarrapadas de um mendigo e os óculos de um professor. Estava fumando charuto e lendo jornal.

— Ah! Bom dia, senhor.

— Quem é? — ele mal levantou os olhos. Sua esposa lançou um olhar de advertência.

— Senhor, a nação se alegra com seu retorno.

— A nação considera que eu valho aproximadamente dois amendoins, no máximo.

— Que seja, senhor. Precisa de alguém para misturar a massa?

Então o jornal caiu sobre a barriga redonda e ele levantou o olhar, tirando os óculos, os olhos inchados como dois ovos cozidos naquela cabeça enorme. Encarou por um momento, depois relaxou.

— Pão Doce! Como senti sua falta. Aqueles outros meninos são uns inúteis.

A Rainha ficou olhando com a testa franzida, as sobrancelhas escuras unidas num cumprimento sobre o nariz. Mas a boca parecia se divertir enquanto observava o marido se levantar para dar um tapinha nas costas do estranho menino, contratando-o na hora.

O grande mural cresce pela escadaria abaixo dia após dia, como uma raiz cavando a terra. Presidentes e soldados e indígenas, todos ganhando vida. O sol abre seus olhos, a paisagem cresce feito capim e hoje o vulcão cuspiu fogo. O *señor* Alva diz que o Pintor está se aproximando do início dos tempos, no centro do mural, onde a águia pousará num cacto e comerá a serpente, finalmente um lar.

O *señor* Rivera desenha esboços com carvão sobre a parede e todos os dias começa uma nova parte. Ele emoldura a cena com linhas compridas que se inclinam até um ponto no horizonte distante, o Ponto de Fuga. Depois guarda a imagem na cabeça enquanto pinta os contornos para só então aplicar as cores, terminando o painel tão rápido quanto somos capazes de preparar a massa para o próximo. A massa de cal queima nossas mãos, o pó branco de mármore se torna o ar que respiramos. Hoje ele repreendeu o pigmentista porque a tinta azul estava azul demais. Mas a massa estava perfeita.

14 de outubro

O embaixador e senador Morrow morreu dormindo, enquanto sua esposa jogava golfe. Todos os jornais falam dele, Melhor Amigo do México. O marido de sua filha é Charles Lindbergh, por isso ele só precisa acenar com o chapéu para a multidão que todos gritam, ou lamentam. A Mãe diz que compreendeu o embaixador desde o princípio: o tipo que ama a esposa e morre jovem. Ela está magoada porque, no fim das contas, F. D. não fabricou dinheiro algum.

26 de outubro, luna de octubre

Alguns meninos do trabalho dizem que o Pintor vai embora novamente. *Señor* Alva diz que eles querem realizar uma grande exposição de suas pinturas num museu em Nova York. Mas suas pinturas estão em paredes no México. Como elas podem sair daqui?

12 de novembro

Ele se foi. E levou o *señor* Alva com ele. Na terra branca esquecida na base da nossa parede, a águia não tem cactos, nenhuma serpente para o almoço e não encontra um lugar para morar. A história do México aguarda para começar.

PARTE 2

Washington, D.C.

1932-1934

(VB)

1º de janeiro de 1932

Para o filho no mau caminho, a Mãe encontrou um caminho novo e o mandou por ele. *Preparar, apontar, fogo*, disse ela com uma taça erguida. Descrevendo uma arma de fogo na sua totalidade.

Esse trem parte para o norte. Nas cidadezinhas pobres do deserto, crianças correm pelos trilhos, estendendo as mãos para as janelas. Depois vêm as planícies rochosas onde as cidades também se dão por vencidas. Agaves cheias de espinhos despontam da terra como mãos. Uma grande criatura com garras presa ao subsolo. À noite, a luz diminuía e a terra passava de dourada para um tom mais avermelhado, depois um vermelho vivo e depois o breu total. Pela manhã as cores se invertiam, as mesmas cores surgindo de uma terra vasta e plana, parecida com um mural.

Essa cabine abriga outra pessoa, um norte-americano chamado Green que entrou em Huichapan. Não é velho, mas olha pela janela como um velho, balançando ao ritmo do trem com as malas sobre a cabeça e um copo d'água na mão. Bebe um pouquinho a cada hora, como se aquele fosse o último copo d'água na terra. À noite, algumas chamas surgiram ao longe, cada uma solitária como uma vela. Poços de petróleo, queimando para eliminar os gases.

Na noite passada o condutor apareceu para dizer que estávamos a três horas da fronteira e que era meia-noite; ele tinha o privilégio de nos desejar um próspero Ano Novo. Prosseguiu pelo vagão repetindo as mesmas notícias e o mesmo desejo privilegiado.

Feliz Ano Novo, sr. Green.

Um pouco antes da fronteira havia pomares com nogueiras, trechos escuros de árvores com galhos semiclaros e semiescuros, iluminados pelos descascadores. Pessoas ali trabalhando no amanhecer do dia de Ano Novo. O trem suspirou e parou na fronteira, esperando que os agentes da alfândega chegassem aos escritórios. O céu esbranquiçado revelava um riachinho com cães à espreita nas margens, as caudas eretas refletidas na superfície cinzenta. As margens do rio são um lixão: madeira e metal, montes de papéis sujos. Ao raiar do dia as crianças começaram a surgir das

pilhas de lixo, que não eram um depósito, e sim uma cidade horrível. Mulheres também saíram das choupanas e, por último, os homens, erguendo-se para se espreguiçarem, colocando as mãos nas costas, mexendo nas calças e mijando no canal. Abaixando-se para lavar o rosto na margem do rio.

Velhos magros como ossos caminhavam por toda a extensão do trem, olhando pelas janelas. Eles se juntaram na parte de trás até que a polícia surgiu com cassetetes para afastá-los à força dos vagões de ferro. Pareciam as pessoas mais pobres do mundo, piores do que os mendigos e *borrachos* da Cidade do México, que pelo menos sempre tinham uma canção revolucionária para cantar sozinhos enquanto se encostavam numa porta. Aqui termina o México, termina o mundo e o Capítulo Um. Essa viagem de trem é como a caverna comprida e estreita no mar. Com alguma sorte talvez ela se abra do outro lado para algo novo. Mas não aqui.

6 de janeiro

Cinco dias e o trem passou por vários mundos subterrâneos. Colinas verdejantes, pântanos escuros com árvores esparsas. E, agora, quase nada além de talos mortos, uma imensidão como o mar. Nenhuma folha verde em lugar algum. Os gringos leem revistas, incapazes de notar que em seu mundo não resta mais nada com vida. Só os mexicanos olham pelas janelas, preocupados. Uma mulher e quatro crianças são as únicas outras que vieram até aqui, tão longe da Cidade do México. Hoje, quando o trem cruzou uma ponte sobre um enorme abismo, ela mandou as crianças cantarem para a Festa de Reis, para que não chorassem. Pegou a *rosca* da bolsa e a despedaçou, tirando os nacos do embrulho sobre os assentos gastos de veludo. A família se aconchegou, isolando-se em seu feriadinho e trancando os demais para fora.

7 de janeiro: Distrito Federal da América do Norte

Preparada, apontada e atirada, a bala humana chegou hoje à Union Station, entregue sentindo um frio tão insuportável que sair do trem foi como ser jogado na água e obrigado a respirá-la. A mãe mexicana pôs o pezinho para fora da porta como se fosse a antena

de uma lesma. O ar congelante a deixou em pânico, protegendo suas crianças em mantas como tamales, empurrando-as para dentro da estação, *adiós*.

Ele estará aqui? E se não estiver? A Mãe não sugeriu qualquer plano alternativo se o pai não viesse e não recuperasse sua bagagem. Mas agora ali estava ele: um tapa dolorido no ombro, os olhos azuis avaliando, que estranho, um parente de olhos claros. Quem poderia adivinhar justamente *aquele*, visto apenas em uma fotografia colorida? Claro que ele deve ter sentido decepção semelhante com seu filho.

— Seu trem está uma hora atrasado.

— Desculpe, senhor.

Meninos pobres passavam correndo como pombos fugindo da mata, batendo com os joelhos nas malas das pessoas.

— Um bando de vagabundinhos sobre as barras — disse ele.

— Sobre as barras?

— Eles vêm para a cidade pendurados do lado de fora do trem.

O frio era terrível, cada respiração espetando como agulhadas nas narinas. E as roupas pinicando como sarna depois de tantos dias. Pessoas com longos casacos, os motores a vapor uivantes. Por fim, o menino compreendeu: esses meninos maltrapilhos viajam *do lado de fora* do trem. *Dios mío*.

— Para onde eles vão agora?

— Esquentar as orelhas num amontoado de vagabundos. Ou vão ouvir os cristãos. Aceitam o Senhor por uma noite, em troca de uma sopa de legumes.

— E ganham algum dinheiro?

Sua risada era como uma explosão, como notas tocadas pelo trompete de um *mariachi*. Ele estava se divertindo com aquele ser cheio de perplexidade, seu filho. Dentro da estação era como uma catedral: muito espaço lá em cima, um grande domo se elevando até os céus, mas pouco espaço aqui embaixo, para todas as pessoas aglomeradas. Uma grande porta de mármore se abria para a rua, mas lá fora o sol era frio, brilhando sem calor, como uma lâmpada elétrica. A multidão se apressava sem se importar com o fato de sua estrela não ter fogo.

— Para onde todos estão indo?

— Para casa, filho! Hora de um quartinho barato e de um cochilo para um trabalhador. Isso não é nada. Você tem que ver na segunda de manhã.

Havia alguma rua capaz de conter mais pessoas? Dentro da estação, os trens ainda zuniam, o barulho de algo sendo digerido na barriga daquele monumento. Como o templo asteca sedento de sangue. O conselho de despedida da Mãe: Tente olhar as coisas pelo lado bom, o homem odeia choramingo, estou lhe avisando.

— A Union Station parece um templo.

— Um templo — o pai o olhou de soslaio. — Quantos anos você tem? Catorze?

— Quinze. Dezesseis no próximo verão.

— Certo. Templos. Construídos com o dinheiro do governo pelos vigaristas de Hoover — e olhou com cara feia para a parada do bonde, como se a cidade tivesse mudado um pouco às suas costas enquanto ele estava na estação. Um homem rosado e sardento, o bigode loiro quase branco na borda de baixo. A fotografia não havia registrado sua complexidade sem bravura — aquela pele queimaria até ficar torrada no México. Um mistério solucionado.

Ele se desviava da multidão e andava rapidamente, não lhe restando opção senão se encolher como um boxeador e observar os estrumes dos cavalos que puxavam o monstruoso baú. O motorista da Mãe o colocara no trem; carregadores cuidaram dele depois disso. Agora não havia ajuda, a América era faça-você-mesmo.

— Eles estão planejando construir vários desses *templos* aqui no sul da Pensilvânia. Vê aquela coisa grande? Monumento a Washington — e apontou para um parque sem folhas, a pedra nua se elevando sobre as árvores. Uma lembrança evocada: a caixa estreita e comprida de corredores se elevando como um túnel escuro de ratos. Uma briga ecoando na escadaria. A mão da Mãe puxando-o para baixo, de volta à segurança.

— Nós estivemos lá, não? Uma vez, com a Mãe?

— Você se lembra disso? Pequenininho. Você ouviu os gritos histéricos na escadaria.

Ele parou numa esquina, ofegante, expirando vapor como uma chaleira.

— Eles colocaram um elevador que leva até o alto agora. Mais um templo aos pilantras do Hoover, se quer saber.

Ele riu, saboreando sua afirmação inteligente novamente, como se fosse um arrote. As pessoas se reuniam ali, numa parada de bonde. Um policial passou montado num enorme cavalo.

— A Mãe disse que você trabalhava para o presidente Hoover.

— Quem disse que não trabalho? — um quê de raiva, o que quer dizer que talvez não. Ou não numa função que o sr. Hoover conheça. Um contador extremamente minucioso num departamento do governo, a Mãe disse, mas um dos últimos homens na América com um emprego fixo, por isso bem-feito para ele receber seu filho, que lhe fora enviado num trem.

— O presidente Hoover é o maior homem vivo — ele disse, alto demais. As pessoas olharam. — Eles acabaram de instalar um telefone na mesa dele, para ligar para o chefe do Estado-maior. Ele pode entrar em contato com MacArthur com um estalar de dedos. Você acha que o presidente do México tem um telefone na mesa?

Quer dizer que o México será lembrado com rancor. Provavelmente por razões que têm a ver com a Mãe. Ortiz Rubio realmente tem um telefone; os jornais dizem que ele é incapaz de tomar uma decisão sem perguntar a Calles primeiro, em sua casa na Rua dos Quarenta Ladrões, em Cuernavaca. Mas o Pai não quer ouvir falar sobre isso. As pessoas perguntam sem que queiram mesmo saber. Ele subiu no bonde em meio à confusão de gente, abrindo caminho com os ombros em direção aos assentos. O baú não coube sob o banco de madeira, ficou pendurado no corredor: uma vergonha. As pessoas passavam por ele como águas de um rio batendo num rochedo.

O caminho era longo. Ele ficou olhando pela janela. Era impossível imaginar aquele homem no mesmo cômodo que a Mãe, na mesma cama. Ela o esmagaria como a uma mosca. Depois chamaria a empregada para limpar a sujeira.

Aqui os homens usam ternos como os empresários na Cidade do México, mas com mais camadas, por causa do frio. As mulheres vestem coisas complicadas, cachecóis compridos e coisas nas quais colocavam as mãos, difícil dizer como se chamam. Uma tinha um manto ao redor do pescoço feito com uma raposa inteira, ainda

com a cabeça, mordendo a própria cauda. Se Cortés viesse aqui, poderia escrever para a rainha todo um capítulo sobre as roupas das mulheres.

Depois de várias paradas, o Pai disse:

— Estamos indo diretamente para a escola. Eles disseram que o melhor é você começar agora mesmo, na sua situação — e falava devagar, como se “situação” significasse um menino retardado. — Sem tempo a perder. Você vai se juntar lá aos seus amigos, Harry.

— Sim, senhor.

(*Harry*. Será Harry a partir de agora?)

— Vai ser um festival de gargalhadas — mordeu o bigode, depois acrescentou: — Melhor que seja.

O que quer dizer que está lhe custando dinheiro. *Harry*. *Harry Shepherd olhou pela janela*. Quem paga a conta chama o menino como quiser.

A paisagem passava: edifícios de mármore, parques com árvores esqueléticas, armazéns de madeira. Homens brancos usando ternos pretos e chapéus. E então o contrário: homens negros com camisas e calças brancas, sem chapéu nenhum. Cavavam um enorme buraco com picaretas, os braços musculosos à mostra mesmo com o frio. Em todo o México não existe um só indígena negro como aqueles homens. Seus braços brilhavam como a madeira polida das teclas pretas de um piano.

Depois do bonde, um ônibus. O grande baú ocupava seu próprio assento, com uma janela para ver o cenário de mansões enfileiradas às margens de um rio. O Pai remexeu demoradamente nos bolsos até encontrar o relógio, tirou-o e fez uma cara feia. Será que ele se lembrava do outro relógio, aquele que a Mãe pegou e que mais tarde foi roubado novamente do porta-joias? A lembrança daquilo o deixa enjoado agora, não pelo pecado do furto, e sim pela assustadora ansiedade relacionada ao relógio. A este homem. Este pai.

17 de janeiro

Mui Grandiosa e Excelente Imperatriz, o lugar chamado Academia Potomac é maravilhosamente ruim. Um campo de prisioneiros com

prédios de alvenaria construídos para se assemelharem a mansões, onde líderes nativos chamados Oficiais subjugam seus cativos. O Dormitório é uma enorme casa com camas enfileiradas como num hospital, onde se exige que todos os pacientes morram às Vinte e Uma Horas. Luzes Apagadas significa o fim das leituras ou de qualquer coisa. Pela manhã os defuntos levantam novamente, sob ordens.

Uma coisa muito estranha: os meninos cativos parecem não querer fugir. Na sala de aula eles ouvem as ordens e se submetem, mas assim que os oficiais saem, começam a bater na cabeça com os tinteiros e a imitar a língua de homens do rádio chamados Amos e Andy. No dormitório, admiram estupidamente uma revista de oito páginas com uma moça chamada Sally Rand, nua com leques de penas. Ela parece um filhote de passarinho com frio.

Os cativos são soltos nas tardes de sábado, nada de aulas ou exercícios finalmente, e o dormitório se esvazia. Os meninos vão para suas casas, se as têm. A manhã é Capela primeiro, depois Refeitório e então Liberdade.

Todos os outros meninos da nona série são mais novos. Mas mais altos do que os cretinos e menos babões. A nona série foi um acordo, por ser alto demais para voltar à sexta série. Os oficiais ensinam latim, matemática e outras coisas. Treino militar e psicomotricidade. Melhor em literatura. Os oficiais recomendaram um exame final de literatura da décima primeira série, Samuel Butler, Daniel Defoe e Jonathan Swift. Quem se importa se são do reinado de Carlos II ou neoclassicistas? Livros novos, num suprimento inesgotável.

Treino militar é limpar e exibir armas de fogo, nada muito diferente de lavar a louça.

Matemática: o pior. Nada além das *tablas de multiplicar* vai entrar nesta cabeça. Álgebra, a língua que se fala na lua. Para um menino sem planos de ir para lá.

Domingo, 24 de janeiro

Anotações sobre como falar na América:

1. Nunca diga “Perdão”. As pessoas nos livros dizem isso constantemente. Aqui, eles perguntam quem o enviou para a prisão.
2. Gritar “Vá fritar aspargos!” não faz com que o deixem em paz, o que aconteceria em espanhol.
3. “Cai fora” significa “Vá fritar aspargos”.
4. “Punk” significa “inútil”. E também: cabeçudo, cagão e “certeza que não é a YMCA”.
5. México não é um país, e sim um nome. Hei, México, vem cá.

Os Estados Unidos são a terra do tratamento justo e do trabalho duro. Por mais que os jornais digam que ninguém tem emprego e os tratamentos não sejam tão justos.

Os meninos andam em cardumes, como os peixes no recife de coral. Nos corredores, os grupos se aproximam, passam e se juntam novamente, como se você fosse uma pedra, e não um ser humano. Uma coisa larga com pernas vagando pelo mundo errado.

21 de fevereiro

Tantas pessoas irritadas com o presidente Hoover que ele teve de trancar os portões da Casa Branca e se prender lá dentro. De acordo com o menino chamado Olho de Touro. Ontem um veterano maneta tentou passar pelo portão, foi espancado e levado para a prisão, onde o homem maneta recebeu seu primeiro rango em quinze dias.

6. Rango significa refeição.

Olho de Touro rouba jornais e cigarros do Refeitório dos Oficiais. Quando tira os jornais debaixo de seu paletó, no lavatório, os meninos se aglomeram ao redor dele. Estão ansiosos para que ele leia sua manchete inventada, gritando como um jornalista: EXTRA, EXTRA! HOOVER FÍGADO DE GALINHA SE ESCONDE DEBAIXO DA CAMA PRESIDENCIAL! A SRA. HOOVER FINALMENTE TEM UM POUCO DE PAZ!

O nome verdadeiro do Olho de Touro é Billy Boorzai. Ele não é um aluno regular. Era, até seu pai perder o emprego na loja de rádios e sua mãe perder o juízo. Agora ele só frequenta as aulas durante metade do dia, depois trabalha na cozinha e limpa os lavatórios. À noite, lê o que rouba das mesas dos professores, aprendendo enquanto foge, diz.

Aqui, Olho de Touro tem admiradores, mas não amigos, diz ele, seus amigos estão todos do lado de fora. Ele consegue sair da escola por causa do seu trabalho na cozinha (o refeitório). Os cozinheiros o mandam ao açougue, para o homem que afia as facas e até mesmo para o armeiro, às vezes. Ele diz que os cozinheiros precisam de armas para autodefesa, de tão ruim que é a comida.

28 de fevereiro

Um problema de lógica: o tédio das aulas de matemática é melhor ou pior do que o tédio dos castigos de matemática? Ser mantido prisioneiro na biblioteca com um livro de álgebra não está dando certo. Mas o salão cheio de livros não é exatamente um castigo. Com certeza é mais seguro do que lá fora, com meninos que se batem jogando futebol americano, gritando entusiasmados.

13 de março

Todas as manhãs Olho de Touro fica nu no lavatório, fazendo a barba. Ele parece ter 20 anos. Diz que tem a mesma idade dos outros aqui, com uns tombos a mais na vida. Diz que você cresce rápido quando a Bolha explode e seu pai é jogado no olho da rua. Ele também não volta para casa. Temos isso em comum: pais que não olham o filho nos olhos. Diz que esse é um bom motivo para uma amizade.

É o único, até agora. O menino chamado Lápis, na cama ao lado, só conversa se não houver ninguém por perto. O menino grego chamado Damos diz:

— Hei, México, vem cá. — Mas também diz: — Hei, Pente de Macaco.

Olho de Touro disse para tomarem cuidado, o menino do México é um ás das armas de fogo, ele costuma se esconder com Pancho

Villa.

Agora eles usam aquele nome: Pancho Villa. Demorou um pouco para perceber, porque eles pronunciavam algo como Panti Vil. *Hei, Pantivil, vem cá!* Soa como um lugar, uma daquelas cidadezinhas com roupas nos varais que se veem do trem para Huichapan.

14 de março

O bebê de Lindbergh é sequestrado e todo mundo está com medo, até os meninos presos na escola. Para o herói que cruzou voando o oceano, um desastre terrível. Os jornais dizem que qualquer criança pode estar em perigo agora que Lindy teve esse azar. Mas esse país já tinha pessoas azaradas por todos os lugares, dormindo nos parques e usando jornais como casacos. As pessoas que têm bons casacos de tecido olham pelas janelas do bonde e dizem: *Esses vagabundos têm de sumir daqui*. O azarado Lindy as deixa com medo porque isso aconteceu com um herói.

20 de março

Olho de Touro cheira a batatas descascadas, cigarros e balde de lavar o chão. Quando os outros voltam para casa aos sábados, ele diz:

— Hei, Pancho Villa, você está cor-dial-mente convidado a me ajudar em minhas tarefas.

Entre elas estão limpar a mesa do refeitório, correr com o esfregão pelo bufê, pular sobre ele e escorregar pelo chão entre as mesas compridas. E assim por diante. O ajudante não recebe nada, exceto uma cotovelada do Olho de Touro na cabeça e um soco com os nós dos dedos nos cabelos. É assim que os meninos se tratam aqui, principalmente Olho de Touro.

27 de março

Estratégia militar é interessante. Administrar um exército é como administrar uma casa cheia de empregados. A Mãe é boa nesse tipo de esforço de guerra, ela tem um bom instinto para o reconhecimento e o ataque-surpresa. O oficial Ostrain diz que os

Estados Unidos são o décimo sexto maior exército do mundo, atrás da Grã-Bretanha, Espanha, Turquia, Checoslováquia, Polônia, Romênia e muitos outros. (O México não foi mencionado.) Nosso exército pessimamente equipado parece ofender o oficial Ostrain ao limite da sua paciência cheia de medalhas. Ele diz que é uma desgraça que o general MacArthur e o major Eisenhower tenham de ficar na Avenida Pensilvânia esperando como cidadãos comuns pelo bonde Mt. Pleasant para chegarem a seus gabinetes no Senado.

Os meninos dizem que já os viram e também o major Patton, jogando polo aos sábados em Myer Field. Eles querem crescer para ter cavalos como os generais e disputar com eles nos campos de polo aos sábados, com Sally Rand cavalgando na garupa, seus seios balançando como bolas de futebol. É por isso que eles nunca planejam uma fuga da academia.

10 de abril

O mercado da Rua K é como um pedaço do México. Os vendedores de peixe gritam as mesmas coisas que os vendedores no *malecón*, mas numa espécie de inglês: *cinquenta centavos a caa-vala, mooo-ças!* Velhas com chás e ervas prometem a cura de qualquer doença. O cheiro no ar é familiar: carne queimada, peixe salgado, esterco de cavalo. Ter ido lá hoje foi como sair repentinamente pela superfície da água e finalmente respirar. Depois de estar num túnel de trevas, durante treze domingos.

A parte externa do mercado tem barracas que vendem objetos de couro, chaleiras e todas as coisas terrenas para qualquer pessoa que ainda tenha uma moeda de cinco centavos para esfregar numa de dez. Os amoladores de faca com enormes braços nus ficam na entrada da ala dos açougueiros. Vendedores de ostras com aventais brancos empurram carrinhos cheios vindos do embarcadouro. O homem do realejo não tem uma das orelhas, mas tem um macaco que usa um boné azul para dançar com a música do seu instrumento. Mulheres vendem figos e rosas, ovos e salsichas, frangos e queijo, engradados com coelhos vestidos e até mesmo aves vivas em gaiolas como no mercado de Coyoacán. Uma mulher vende *conejillos de Indias*. Olho de Touro diz que eles não são

chamados coelhos-da-índia aqui, e sim porquinhos-da-índia. Ele não tem uma boa explicação para isso e concorda que provavelmente eles são mais parecidos com coelhos do que com porcos.

Esta manhã ele disse à cozinheira-chefe que precisava de um ajudante para seus serviços no mercado. Tenha dó, disse-lhe Olho de Touro, você está pedindo mais do que um pobre-diabo é capaz de carregar. Seu primeiro destino é a Companhia de Chá do Atlântico e Pacífico, que ele chama de A e P e que vende mais do que apenas chá. O fornecimento semanal de arroz, carne, farinha, café e cinquenta outras coisas para a Academia Potomac segue em engradados para lá numa carroça todos os domingos. As alterações da lista da semana têm de ser levadas pessoalmente, o vendedor quer um menino para ajudar com o empacotamento. Outras coisas são compradas no restante do mercado. O menino para o serviço é Olho de Touro e agora seu ajudante, Pancho Villa.

Demoramos horas para chegar ao A e P. Com tantas coisas interessantes para olhar no caminho, cães para serem alimentados, amigos para bater nos ombros. Operários negro-azulados para olhar, enquanto abrem uma trincheira comprida como a Avenida Pensilvânia. De onde eles vêm?

— Da África, claro — foi a resposta do Olho de Touro.

— Da África, lá longe, só para trabalhar cavando túneis?

— Não, idiota. Eles eram escravos antes. Antes de serem todos libertos por Abraham Lincoln. Você nunca ouviu falar dos escravos?

— Talvez. Mas não assim. No México não há escravos.

Um idiota é um *pendejo*. Mas Olho de Touro responderá a perguntas que não podem ser feitas aos outros meninos. Aqueles homens negros e suas esposas não podem fazer compras aqui nem andar nos bondes, diz ele, é contra a lei. Até mesmo almoçar num restaurante. Se um deles precisar ir ao banheiro ou beber água enquanto cava o canal na Avenida Pensilvânia, tem de andar três quilômetros até a Rua Sete para encontrar um restaurante que vai deixá-lo tocar num copo ou usar o banheiro.

É estranho. Ser um empregado, ganhar mal, não tem mistério. Todos os homens mais ricos do México estiveram alguma vez no colo de empregadas. Todas elas bebem da mesma água que enche o copo do patrão e usam o mesmo banheiro, ainda quente do mijo

do chefe. No México ninguém jamais pensou em manter esses líquidos fluindo separadamente.

17 de abril

A escola vai ficar fechada por duas semanas para o feriado de Páscoa. Depois vem o fim do ano escolar e o verão. A maioria dos meninos vai para casa, mas nem todos. Alguns têm de ficar para a recuperação de matemática ou para repetir a história da Virgínia no calor de julho. Viver aqui no dormitório fedido e não com o Pai. Ele explicou isso com clareza em sua carta sobre visitá-lo enquanto a escola estiver fechada para o feriado de Páscoa. Vai ser interessante, diz ele, uma visita ao seu Paizão. Interessante o bastante por duas semanas, mas não por todo o verão.

Nada aqui ainda importa, exceto pelos sábados. Ir ao mercado com Billy Boorzai. O resto é só ficar à deriva com os olhos semifechados por mais uma semana.

3 de maio

As explicações do Pai não mencionavam a moça. Ela deve ter saído do apartamento às pressas, para dar espaço para o visitante da Páscoa. Na surdina, o Pai está comendo uma senhora. Meias marrons estão penduradas como teias de aranha no aquecedor do banheiro, um batom cintila como fofoca no escritório. Por que ele a esconderia? Será que ele não sabe nada sobre a Mãe e seus amantes? Ele deveria ouvir o barulho que vem do quarto dela algumas noites, se pensa que seu filho não está acostumado com as alegrias e os dissabores da alcova.

Ou será que ele perderá um pouco do poder de barganha se a notícia da Moça chegar ao México? Ele e a Mãe ainda não estão divorciados, por causa da burocracia mexicana.

— Divórcio — diz ele, como se saboreasse uma sopa salgada demais. O nome dela, ele diz como se pecasse. Às vezes ele diz “México” e a palavra não significa nada. É como uma parede sem cores.

5 de maio

Uma Viagem ao Museu com a Figura Paterna. O clima passou de congelante para fervente, com algumas conversas sobre a florada no meio. Pessoas no bonde se apertam contra você violentamente, homens com ternos brancos de linho, mulheres com vestidos de marinheiro e turbantes de feltro. O cheiro da transpiração é diferente aqui. Cortés poderia escrever também sobre isso? Excelentíssima Imperatriz, o suor das Pessoas do Norte é perfumado. Talvez por causa das muitas camadas de roupas. O paletó branco do Pai está pendurado em seu ombro, cada vez mais murcho, como as damas-da-noite no jardim da Isla Pixol.

Smith Sonian é o nome do museu, um castelo de alvenaria que contém peles empalhadas de todas as espécies, menos a nossa. Por que não alguns humanos também? O Pai riu diante disso, como se estivesse num tipo de espetáculo com uma plateia. Seu humor mudou. Agora ele parece levar seu filho na brincadeira, e não como uma ofensa séria. O museu tinha salas com coisas de Tenochtitlán e outros lugares antigos do México, fabulosas obras de arte de ouro que Cortés não conseguiu roubar. Coisas que agora estão em Washington.

No caminho de volta para o apartamento do Pai o bonde passou por um parque, um conjunto de armazéns e depois pelo espetáculo mais incrível: uma cidade de barracas e cabanas cheia de pessoas, fogueiras, crianças, roupas no varal, um vilarejo mexicano dos mais pobres localizado bem no meio da cidade de Washington, cercada por prédios públicos. Uma placa feita à mão dizia: “Acampamento Expedicionário da Bonificação”. A bandeira norte-americana tremulava aos montes entre as cabanas, como se fosse roupa suja, misturando-se à roupa suja de verdade. As bandeiras estavam tão desbotadas pelo sol quanto as calças penduradas de cabeça para baixo nos varais. O tamanho do acampamento era incrível, toda uma nação de mendigos chegou à capital.

— Este lugar — disse o pai com desprezo em meio ao seu bigode —, eles trouxeram sua selva de vagabundos até o sul da Pensilvânia. Tenho de passar por isso tudo para chegar ao trabalho todas as manhãs.

Uma mulher com um lenço na cabeça ergueu o bebê nu em direção ao nosso bonde. O bebê agitava os braços. Uma selva de vagabundos é diferente de outras selvas, onde os macacos uivam em meio às folhas.

— O que todos eles querem?

— O que qualquer um quer? Alguma coisa em troca de coisa nenhuma, claro.

Naquele momento o Pai falava como o Olho de Touro.

— Mas por que tantos deles? E todas aquelas bandeiras?

— São todos veteranos de guerra. Ao menos é o que dizem, porque os veteranos têm direito a uma bonificação de soldado. Eles querem essa bonificação.

Havia homens em farrapos em posição de sentido, separados por alguns metros uns dos outros, como postes de uma cerca que se estendesse por toda a extremidade do acampamento que dava para a rua. Soldados veteranos, dava para notar pela posição dos pés e dos ombros. Mas seus olhos vasculhavam o bonde em movimento com uma fome assustadora.

— Eles estão aqui há uma semana? Do que as famílias vivem?

— Sopa de sapato de couro, eu diria.

— Esses homens lutaram na França, com gás mostarda e tudo o mais?

O Pai fez que sim.

— Estudamos a Argonne. Na aula de Estratégia Militar. Foi muito feio.

Outro meneio de cabeça.

— Então eles não podem receber o dinheiro agora, se lutaram na guerra?

— Eu também teria lutado lá, em Argonne — disse ele, ficando vermelho de repente. — Se eu pudesse ter ido. Sua mãe lhe contou que eu não pude lutar na guerra?

Um assunto para sondar.

— Qual o valor da bonificação dos soldados?

Surpreendentemente, o Pai sabia a resposta: US\$ 500 por homem. Ele é um funcionário exemplar do governo. Quinhentos dólares por arriscar a vida na guerra, para que pudessem começar uma nova vida aqui. O Congresso os abandonou e decidiu pagar a

bonificação mais tarde, quando esses homens forem velhos. Por isso eles vieram até aqui de todos os lugares, na esperança de resolver a pendência com o presidente.

— O sr. Hoover pretende se encontrar com eles?

— Não enquanto você viver. Se eles querem falar com ele, seria melhor usarem o telefone.

14 de maio

Ter ido ao mercado com o Olho de Touro naquela primeira oportunidade foi como o primeiro cigarro matinal da Mãe. Agora cada minuto era uma espera longa demais, minutos de inquietação, cutucando a mesa, tentando pensar em alguma outra coisa até sábado. Vivendo com medo de não ser convidado novamente. Nas noites de sexta-feira os meninos criam uma nuvem de fedor no dormitório, jogando roupas sujas em sacos para levarem para casa no fim de semana, e depois dormem. Deixando apenas o som de um grilo e um pedacinho de luar. Uma ou duas horas para refletir: Billy Boorzai. Será que ele convidará amanhã? Ou não?

Quem se importa. Uma pessoa poderia vasculhar a biblioteca em vez de ir ao mercado, ficar em paz um pouco. Encontrar algum livro que seja melhor do que a barulhenta Rua K. Andar ao lado daquele grandalhão é pior do que futebol americano. Leva tempo demais para chegar a algum lugar, Olho de Touro conhece todas as pessoas que encontra, não apenas meninos, mas homens de todos os tipos. E depois tem que renovar a amizade com soquinhos nos ombros e insultos enquanto a companhia fica olhando, como se fosse um cachorrinho de estimação. Que diferença faz se ele convidar ou não?

17 de junho

Os dormitórios ficaram vazios; quase todos os meninos foram passar o verão em casa, foram pegos por empregados em belos carros ou pelas mães em táxis puxados a cavalo. Foi divertido ver quais eram ricos e quais não eram. Eles agem como reis imperiais quando os pais não estão aqui.

Amanhã começa o emprego de verdade, com pagamento. Caça às pérolas, é como Olho de Touro o chama. Lavar louça na bagunça do refeitório. O Pai conseguiu isso para cobrir a hospedagem durante o verão. Mas nesta tarde ainda não há nada para fazer nos dormitórios vazios, exceto tirar todas as calças do armário e dobrá-las novamente. Ou ficar sentado na cama lendo *A odisseia*. Até a cabeça do Olho de Touro aparecer na porta. Todo ouvidos e sorrindo, com um corte de cabelo de dez centavos.

— Hei, traça de livros. Ocupado demais com esta vagabundagem?

— Ocupado demais para quê? — o livro permanecia fechado.

— Sopa de macarrão e biscoitos com a sra. Hoover. O que você acha, para quê? Um passeio a pé.

— Rua K?

O sorriso desaparece, porque o menino todo desaparece. *A odisseia* pode ser reaberta em qualquer página, não importa qual. E depois ele volta, aquele sorriso nervoso. O filho de uma família arruinada, alegre consigo mesmo. Aquilo machuca, uma dor no saco, querendo desesperadamente ver aquele sorriso e segui-lo a algum lugar. É como a Mãe esperando pelo próximo cigarro. É assim que ela ama os homens também. Deve ser. Mas, nesse caso, não pode ser.

— O que não o mata — Olho de Touro gosta de dizer enquanto lava as tigelas em meio à bagunça — o faz se mijar todo.

28 de junho

O presidente Hoover pediu ao secretário do tesouro cinco centavos para telefonar para um amigo.

O secretário Mellon disse:

— Aqui estão dez centavos. Telefone para dois.

De acordo com o Olho de Touro, dois milhões de norte-americanos estão na estrada. A metade disso é provavelmente de meninos que não tiveram sorte o bastante para lavar louças em troca de três refeições e um lugar para dormir. Ou fazendeiros. Restauradores de rádios, professores, enfermeiras, ou gente que terminou a escola, mas não encontra emprego em lugar nenhum.

— Isso me dói na alma, de verdade — diz Olho de Touro.

Ele está furioso com a lei aprovada pelo Congresso, depois vetada pelo presidente porque é Um Ataque Sem Precedentes ao Erário Público. Essa era a manchete do noticiário. Hoover diz que não há crise, apenas depressão, todo mundo na sarjeta sentindo pena de si mesmo. Se essas pessoas tristes se alegrassem, a situação mudaria.

16 de julho

Apenas vinte e dois meninos estão tendo aulas de verão, a maioria deles morando em casa. Nos dormitórios grandes e vazios estão apenas Olho de Touro e Pancho Villa, nas duas camas do fundo, e todas as outras estão vazias. Parece um hospital nos dias finais de uma praga.

Olho de Touro tem um amigo vivendo no acampamento do Exército da Bonificação. Nickie Angelino, primo da sua mãe, da Pensilvânia. Às vezes Nickie pode ser encontrado em meio à cidade das barracas, às vezes não. Há tanta gente lá agora, uma fazenda de gente, e pessoas vivendo em barracas de lona para conseguir um bom acordo. Todos no acampamento conhecem Nick Angelino. Ele ficou famoso por pular o muro da Casa Branca sem ser preso e por deixar um presente na porta de Hoover: as medalhas que ganhou em Argonne e uma fotografia da sua família. Angelino tem uma namorada que chama de esposa, mas ela parece nova demais com seu vestidinho curto e fino. Para cobrir os seios, ela usa uma blusa verde roubada, mesmo no calor. O bebê usa velhas camisas rasgadas. Ele nasceu no mês passado, aqui mesmo no acampamento. A moça não fala sobre isso.

O cheiro da Força Expedicionária da Bonificação vem primeiro: cheiro de comida e de latrina. *Eca*. Olho de Touro me dá uma pancada na cabeça por eu ter dito isso.

— O quê? Fede!

— Fede nada — Olho de Touro fica com raiva facilmente, no acampamento.

— Como assim *fede nada*? Você me bateu.

— Você disse *eca*. Aqui estão cem mil homens que serviram o seu país.

— Meu país é o México.

— Que se dane.

— Tudo bem, eles serviram nosso país.

— E aqui estão suas namoradas e filhos, com nada e nenhum lugar para onde ir. Tudo o que eles querem é o que o governo diz que vieram buscar. E você ainda diz *eca*.

— Bem, merda fede. Mesmo quando sai do cu de um herói.

— Você sabe o que dizem os jornais? Que os que reclamam a bonificação não estão felizes com a pensão que já recebem, ainda que ela seja sete ou oito vezes mais alta do que em outros países. O maldito *New York Times*.

— Que pensões eles já recebem?

— Nenhuma. Eles não receberam nem um centavo até agora, depois da dispensa.

— E como o jornal pode dizer uma coisa dessas se é mentira?

— Idiota. Se o presidente mente, por que os jornais não mentiriam? — Olho de Touro franziu a testa, procurando Nickie na multidão.

— E como o governo pode se recusar a pagar, se eles foram à guerra?

— Eles receberam certificados de guerra que deveriam resgatar. Mas agora eles têm de esperar mais dez anos por causa da crise nos bancos. Esse não era o acordo quando embarcaram. Se o Congresso não pode pagar os soldados, não deveria ter declarado guerra aos alemães.

— Nossa!

— Está vendo aqueles dois atrás do caminhão do pão? São pessoas do VA, checando os documentos das pessoas que esperam para ganhar um pedaço de pão. De qualquer modo, eles não expulsarão ninguém do acampamento. Mas dizem que são quase 94%.

— Noventa e quatro por cento do quê? De certeza que seu velho é seu pai?

— Idiota. Conversei com eles ontem. A maioria tem documentos de dispensa do exército ou da marinha. Ou são esposas de homens

que se alistaram. Um em cada cinco incapacitados.

Olho de Touro decidiu dar uma olhada na região dos armazéns. Homens com suas famílias estão começando a se mudar para lá agora, para dentro dos velhos galpões de alvenaria na Pensilvânia, instalando-se em prédios condenados. Bandeiras azuis e brancas de roupas sujas pendem de quase todas as janelas dos galpões. Crianças saem correndo pelas enormes portas abertas, e também os cheiros: comida, repolho, o interior de um sapato. Olho de Touro seguiu a carroça de pães pela Pensilvânia, na esperança de avistar Nickie em meio à multidão que se espremia ao redor dela.

Ele diz que o pão vem de uma padaria em Nova York, um monte de veteranos empregados que se juntaram e enviaram os pães de graça. Ainda assim os jornais dizem que esses homens são “arruaceiros”. Que não é patriótico ajudar arruaceiros. Se um repórter viesse aqui, ele talvez notasse que não há arruaça alguma. Só Nick Angelino pulando o muro para deixar uma fotografia do seu bebê.

Angelino foi finalmente localizado, carregando um saco de pães e seu filho todo embrulhado, que era quase do mesmo tamanho. Ele tentou acenar, mas parecia que acabaria deixando cair uma coisa ou outra. Olho de Touro saiu correndo para se encontrar com ele. Ele adora as histórias que Nick conta sobre a artilharia e as trincheiras e o gás e os homens que ficaram cegos na guerra. Argonne é uma história fantástica pela qual todos esses homens marcharam juntos, e no fim acabaram aqui.

22 de julho

Metade do verão já se passou. Em pouco tempo o Exército de Meninos voltará para dominar o lugar novamente, fazendo barulho. Mas por enquanto o dormitório ainda é um acampamento para dois vagabundos sem nada para fazer. Olho de Touro finge que é um desempregado, esvaziando os bolsos e tirando-os para fora da calça. Às vezes, de brincadeira, ele se cobre com os cobertores de Hoover, isto é, jornais. Quando está quente, ele se senta na cama sem vestir nada, batendo nos músculos como um lutador,

conversando até tarde e fumando cigarros que roubou do refeitório dos oficiais.

Há cinco dias a lua deixou de ser cheia, derramando seu sangue branco pelo céu, C como Cristo. Ninguém mais, apenas Olho de Touro, ali sentado nu como Sally Rand, comportando-se como se achasse que é digno de admiração também. Olho no olho, mantendo o olhar fixo até que ele se encoste na parede. A lua iluminando a fumaça sobre sua cabeça como se fossem nuvens tempestuosas. Em todos os lugares onde o luar lhe toca a pele, é como se ele fosse uma estátua de mármore. Menos nos pelos do seu peito.

— O que você está olhando?

— Nada.

— Então volte para o México.

— Ah, claro. Vou voltar.

Olho de Touro ficou olhando.

— Quando?

— Por que quer saber?

Ele se aproximou e se sentou na sua cama, tirando o cigarro aceso da boca.

— Fume isso. Deixa você tonto, mas você se sente bem.

— Está bem.

Mas a tontura já estava lá. Tontura e ansiedade. Por ver tudo o que a lua podia tocar.

25 de julho

Continuar na academia depende de passar nos exames das aulas de verão. Olho de Touro diz que eles deveriam nos pagar mais pela caça às pérolas.

— Deveríamos sair e marchar com o Exército da Bonificação.

Olho de Touro ri.

— Diga isso ao Sweeney.

28 de julho

Hoje foi um dia horrível. O fim do verão deveria ser um dia bom, mas, ao contrário, pessoas morreram. Se você alguma vez acha

que o dia está bom, é porque não prestou atenção. Provavelmente alguém está sendo morto enquanto você toma seu café da manhã. Aconteceu bem na nossa frente. O calor era horrível na Rua K, mas Olho de Touro continuou gritando para ir logo, na parte mais povoada do acampamento. Homens na parte de trás da carroça de pão entregavam comida para todas aquelas mãos, como na Bíblia. Pães passando de mão em mão.

O acampamento mudou durante todo o verão, ele começava às margens do rio, mas cresceu e se estendeu até os armazéns na Pensilvânia, onde a coisa toda teve início hoje. Com Olho de Touro correndo na direção da briga, *claro*, uma mariposa para a vela, e não há como acompanhá-lo. Mas a mariposa na vela morre. Ele sobrevive sempre. Gritando que aquele seria um momento verdadeiramente decisivo. Era o superintendente da política na sua motocicleta azul, enviado para retirar as famílias do Exército da Bonificação dos galpões. Aqueles galpões deveriam ser demolidos para a construção de mais templos.

Olho de Touro disse que Glassford estava em apuros. O superintendente. Hoover está furioso porque ele deixou que as pessoas entrassem nos galpões e quer que ele as expulse hoje. Algumas pessoas que estão observando tudo desde manhã disseram que dois batalhões de fuzileiros com capacetes já vieram para fazer o trabalho, enviados para lá pelo vice-presidente Curtis — em bondes! E Glassford os mandou de volta, prestes a xingar, porque o vice-presidente não tem autoridade sobre as tropas.

— É verdade?

— Está perguntando para mim? Já me viu na aula de política?

Agora o superintendente estava suando em seu uniforme com botões de bronze, tirando o capacete e limpando a testa várias vezes enquanto conversava com os homens do Exército da Bonificação. Seu emprego estava em risco. Mas aquelas famílias estavam numa situação pior ainda, claro. A multidão de espectadores crescia. Dois homens usando ternos brancos chegaram numa limusine, também suando, e falaram com Glassford, apontando para o galpão. Olho de Touro se espremeu todo para chegar mais perto, quase derrubando um velho com a cesta de compras que carregava no braço. O velho ficou furioso,

gritando para a polícia. *Onde você estava em Argonne, cara?* Não dava para dizer que aquele velho tinha tanto fôlego.

Outras pessoas se animaram e também gritaram coisas.

— Eles arriscaram a vida na França! Vocês os estão expulsando como animais!

Mas a maior parte da multidão estava quieta, esperando para ver no que daria. Uma faixa pintada num lençol foi estendida numa janela do segundo andar: Deus Abençoe Nossa Casa.

— Que ótimo, vamos sair para a Rua K — disse Olho de Touro de repente, e lá fomos nós para a A e P. Pela primeira vez sua bússola para se meter em confusão o traíra, e ele estava colocando sacos de farinha de milho numa caixa nos fundos da loja quando o espetáculo começou. Uma mulher surgiu correndo na porta da frente gritando que o oficial Glassford levava um tiro. Olho de Touro saiu a galope. A história mudou várias vezes antes que conseguíssemos chegar à cena: Glassford estava morto e não estava. Ele finalmente ordenara que a área fosse limpa e foi atingido por um tijolo arremessado de uma janela do galpão. Foi o que aconteceu, pessoas conversando e saindo correndo, e no armazém foi um caos. Mulheres saindo correndo e gritando pela porta, carregando panelas e crianças, muito choro e grito. Alguns homens do Exército da Bonificação estavam caídos, ensanguentados, na rua. Levaram tiros, talvez estivessem mortos.

Olho de Touro parecia prestes a matar alguém. Mais homens vinham do acampamento principal, às margens do rio, eles ficaram furiosos e vieram correndo com tijolos para defender suas mulheres e crianças, e os homens de Glassford responderam com tiros. Eles nem ao menos hesitaram, muita gente os viu atirarem, a multidão toda estava gritando. Como Cortés e os astecas: um dos lados está sempre mais bem armado.

Ao longe, ouvia-se o som de uma ambulância, provavelmente atolada. A multidão era como um oceano agora, indo de um lado para o outro. Nada podia passar por ali, as únicas coisas que corriam rápido eram os rumores: Hoover ligara para MacArthur para ajudá-lo a vestir seus suspensórios, vir até aqui com as tropas e derrotar o Exército da Bonificação. Metade da cidade se juntou no dia mais quente do ano; os escritórios dispensavam as pessoas,

todos os olhos atentos para ver o que aconteceria àquelas mulheres e homens. Eles permaneciam na entrada de um prédio em ruínas, segurando o que sobrara de suas vidas no colo, e todos os comerciantes e empresários, vadios ou estudantes, sentiram o horror aumentar, todos se perguntando a mesma coisa: Para onde eles podem ir?

Um estrondo como o de um trovão pareceu vir da rua.

Um jornaleiro sem fôlego se segurou à quina de um prédio ao dar a volta nele e se encostou contra a parede, ofegante.

— É um tanque! — gritou. — As esteiras estão quebrando todo o asfalto.

Parecia uma boa hora para sair dali, mas fugir era impossível. A parte da frente da multidão começou a recuar, empurrando o restante contra a vitrine do posto telegráfico, espremido entre homens com chapéus de palha e secretárias de salto alto. Duas moças com chapéus cloche, um branco e outro preto, saíram pela porta do posto telegráfico e disseram:

— Nossa, o que está acontecendo?

Pessoas saíam dos prédios sem terem para onde ir, rodando a esmo na rua do outro lado do acampamento dos Expedicionários da Bonificação.

Foi então que chegou a cavalaria, galopando pela rua. Era o major Patton. Ele provavelmente chegou antes dos tanques de MacArthur porque os cavalos podiam se desviar dos carros enguiçados que impediam a passagem pela Avenida Pensilvânia. Os cavalos recuaram e trotaram de lado, assustados pela multidão. Os cavaleiros tinham sabres compridos erguidos na mão direita. Atrás deles veio um pelotão de metralhadoras, marchando em uníssono.

— Meu Deus! — disse novamente a moça de chapéu branco.

Surgiram baionetas, apontando assustadoramente para a cabeça das pessoas. Elas se apertaram ainda mais contra os prédios enquanto os tanques se aproximavam, suas esteiras comendo o asfalto pelo caminho. O Exército da Bonificação estava enfileirado do outro lado da rua, de prontidão. Mulheres seguravam seus bebês com dificuldade, mas todos os homens estavam atentos, como soldados que eram. Eles saudaram o chefe da

cavalaria e um menininho maltrapilho sobre os ombros de um homem agitou sua bandeirinha no ar. Uma moça, em meio à multidão de espectadores, gritou e todo mundo a acompanhou: *Três vivas para nossos homens que foram à guerra! Viva! Viva! Viva!*

Os homens da cavalaria de Patton se viraram e atacaram a multidão.

Todos abaixaram a cabeça e se apertaram, a moça de chapéu branco gritando, andando de lado com seu sapato branco pontudo, batendo nos outros como se fosse uma faca, e todos caindo.

— Levante-a, rápido! — disse Olho de Touro, ajudando a levantá-la pelos cotovelos, mas ela parecia estar desmaiada.

Um homem caiu em cima dela e todo mundo em cima do homem, e depois houve um esmagamento geral de secretárias e funcionários públicos. Com as mãos espalmadas contra a parede de pedra do posto telegráfico, era possível se apoiar e se levantar aos poucos. Olho de Touro começou a rastejar em direção à rua, enquanto todo mundo se espremia para se afastar de lá, e aquela foi uma boa hora para dizer até logo ao Olho de Touro. Sobre o mar de cabeças e chapéus você podia ver os homens da cavalaria se abaixando em seus cavalos, batendo com a lâmina das espadas em tudo o que havia sob eles.

Nas *peessoas*, Aquilo me deixou chocado. Eles estavam batendo nas mulheres e homens do Exército da Bonificação com a lâmina afiada das espadas. Alguém surgiu em meio à multidão com o rosto ensanguentado, a carne cortada e o osso à mostra. Gritos e mais gritos vinham da multidão na parte da frente, deixando as pessoas lá atrás imaginando e se assustando. Os homens da cavalaria continuavam gritando para todo mundo sair dali, mas a multidão gritou: “Vergonha! Vergonha!”, até que aquilo se transformasse num coro. Os membros do Exército da Bonificação uniram os braços para formar uma colunata pela rua, e a cavalaria lançou seus animais contra a fileira, quebrando ossos. A multidão urrou, gritando a cada ataque dos homens da cavalaria. De repente, Olho de Touro reapareceu.

— Venha!

— Não vamos conseguir escapar. Estou sendo esmagado.

Olho de Touro abriu a porta do posto telegráfico e, como um mágico que estivesse passando um lenço por um anel, conseguiu com que passássemos pelo nó de pessoas e entrássemos no posto. As pessoas lá presas levantaram todas os olhos, o mesmo rosto amedrontado.

— Para a rua dos fundos — gritou Olho de Touro, mas ninguém o seguiu quando ele serpenteou entre mesas e funcionários até o lavatório, subindo no aquecedor e abrindo a janela. Lá fora, a ruazinha estava surpreendentemente vazia. Pilhas de lixo e caixas de legumes molhados, deve haver um restaurante ali perto — era um cheiro forte que chamava a atenção. Ninguém mais pensou em escapar da confusão por ali. Olho de Touro virou para o sul, correndo.

— A escola fica para o outro lado.

— Eu sei — disse ele, sem diminuir a velocidade.

Um cheiro incandescente começou a se sobrepor sobre o cheiro do restaurante.

— Meu Deus — disse Olho de Touro, baixinho. — É gás. Venha, por este lado, senão estamos fritos.

Pessoas surgiram na ruazinha com as mãos cobrindo o rosto, vindas do rio. O que se viu depois foi a própria imagem da cegueira e uma sensação exatamente igual a tentar respirar a água do mar. Como nadar na caverna, com a respiração presa o máximo possível. Cada gole de ar parecia veneno. As pessoas tropeçavam nos montes de lixo e nas pilhas de pessoas. Um jornalista se encolheu como um feto em sua pilha de jornais; de repente todas aquelas páginas eram notícia velha.

— Venha — disse Olho de Touro. — Ele não está morto. Você não morre com esse gás.

O rosto do Olho de Touro estava roxo como fígado, seus olhos vertiam lágrimas, mas ele ainda se movia com tanta rapidez que era difícil segui-lo. Uma ambulância entrou na ruazinha e as pessoas a cercaram. Entre dois prédios, um pedaço da confusão apareceu: um homem da infantaria tirando um frasco azul do cinto, abrindo-o e arremessando-o.

29 de julho

Está tudo nos jornais de hoje. Olho de Touro se sentou para ler na cama, sem dizer nada, deixando as páginas de lado quando terminava cada uma delas.

O Hospital Gallinger está cheio de feridos. Todos os membros do Exército da Bonificação que conseguiram chegar à ponte da Rua Onze se juntaram aos que estavam no acampamento às margens do rio. O sr. Hoover ordenou que as tropas parassem na ponte, mas MacArthur “não queria ser incomodado com novas ordens”, por isso instalou metralhadoras na ponte e liderou uma coluna de infantaria pelo Potomac até o acampamento. Eles apontavam tochas flamejantes para as barracas e casas de papelão. Exatamente como Cortés havia dito: Muito triste queimar pessoas, mas, como é ainda mais triste para elas, estava determinado a fazê-lo.

Era vergonhoso ler aqueles jornais e se sentir ansioso para saber cada detalhe horrível do massacre. Como a artilharia marchou sobre o acampamento às margens do rio, destruindo a selva de vagabundos, com suas caixas de frutas, seus galinheiros, suas barracas de lona e cabanas sujas. Deus Abençoe Nossa Casa. As famílias deviam estar ajoelhadas lá, rezando por qualquer milagre que um Deus avarento lhes tivesse reservado.

As famílias do Exército da Bonificação tinham plantado hortas no acampamento. Em todos os sábados do verão, Olho de Touro havia apontado para aquilo — como ficamos alegres com as fileiras mirradas de milho espalhadas pelo Potomac. Eles fizeram um acampamento parecido com o México. Uma vila de verdade, onde as pessoas podiam viver e comer. Crianças famintas estavam esperando por aquelas espigas quase prontas — depois de meses de mingau e milho doce assado nas fogueiras. E pensar nos cavalos de MacArthur acabando com o milharal de propósito: de algum modo essa partezinha da história me fez chorar.

Olho de Touro não voltou para a cama depois que as luzes se apagaram. Ele se escondeu na enfermaria, fumando abaixado ao lado de uma cama. Com mais jornais.

— Olhe só isso — disse, jogando os papéis.

O castigo para quem vagasse pelo prédio depois que as luzes se apagavam era severo, mas a enfermaria estava deserta. A notícia

mais recente: depois que o sol se pôs, ontem, as chamas no acampamento Anacostia alcançaram quinze metros de altura e se espalharam pelas florestas das proximidades. Foram necessárias seis companhias de bombeiros para defender as propriedades ali perto. O presidente observou pelas janelas da Casa Branca um brilho incomum no céu, a leste, e afirmou que MacArthur fez certo ao dar prosseguimento ao ataque. Em sua opinião, o Exército da Bonificação era composto por comunistas e pessoas com ficha criminal.

O autor do editorial elogiou MacArthur por economizar o dinheiro público: A nação está sendo sugada por pessoas como estas, que ofendem a decência comum.

— Por que os jornais estão dizendo que eles são criminosos?

— Eles foram tratados como criminosos — respondeu Olho de Touro. — Por isso as pessoas querem que sejam. Os jornais dizem o que bem entendem.

Era inútil continuar lendo, mas também era difícil parar. A edição extraordinária tinha fotos. Uma coluna social. Enquanto os soldados derramavam gasolina nas barracas, a elite estava cruzando o rio em seus iates, observando MacArthur poupar os cofres públicos. Uma tal de sra. Harcourt pediu cuidados médicos depois que viu um menininho recebendo um golpe de baioneta na barriga. O senador Hiram Bingham, de Connecticut, apanhou na rua em frente ao galpão enquanto tentava deixar seu gabinete. Seus ferimentos não eram mortais, mas lhe renderam tantas palavras no jornal quanto os ferimentos de todas as outras pessoas juntas, incluindo uma mulher no acampamento Anacostia que perdera a visão depois que jogaram gasolina em chamas em seu rosto, e os veteranos de Argonne que foram mortos em seu próprio país. Dezenas de crianças tiveram ossos quebrados ou concussões. Duas crianças morreram por inalação de gás.

— Será que uma delas era o filho do Nick? Você acha?

Olho de Touro manteve a cabeça virada para o outro lado.

— Pelo amor de Deus — disse. — Uma bomba de gás custa mais do que cem pães.

ANOTAÇÕES DA ARQUIVISTA

O diário seguinte não será apresentado ao leitor, porque foi destruído em 1947. Esta nota representa uma intromissão, e peço desculpas por ela. O caderno foi queimado num barril de metal, ao ar livre, numa noite de setembro, no princípio de uma chuva. O sr. Shepherd assistiu a tudo da janela no andar de cima. Quem queimou o diário fui eu.

Era um caderninho fino de folhas pautadas, encadernado com fio de algodão, com as palavras “Academia Potomac” gravadas, uma coisa entregue aos garotos de lá, provavelmente aos montes. Mas esse caderno em particular foi usado como diário em 1933. Não cabe a mim dar uma opinião sobre a destruição. Sou uma datilógrafa. Mas ele deixou claro que não queria que o caderno viesse a público. Na verdade, nenhum desses seus textos pessoais. Ele tinha aversão a se expor. Mesmo quando era mal compreendido. Gostava de dizer que *Dios habla por el que calla*, que significa “Deus fala pelo homem em silêncio”. Se ele acreditava nisso, depois de tudo o que aconteceu, não sei.

Assim, qualquer arrependimento quanto ao diário “Academia Potomac 1933” faltante não seria dele. Claro que o caderno continha algo que o incomodava, e ele decidiu destruí-lo. Mais tarde tomaria a mesma decisão quanto ao restante de seus diários. Mas aquele em especial, ele retirou do meio de todos os cadernos e páginas que mantinha em pastas numa estante do seu estúdio. Não tentarei explicar por que um homem escreveria páginas que não quer que ninguém leia, muito menos por que as guardaria em belas pastas. O único lugar onde ele deixava que suas palavras fossem vistas era nos livros publicados com seu nome na lombada. Harrison Shepherd. Você pode pensar nele como seu amigo, depois de ler um de seus livros. Muitos pensaram. Mas ele nunca deixou que publicassem nenhuma fotografia sua na orelha, para não estimular esse tipo de sentimento. Apesar de ser um homem bonito, bem-

arrumado, de cabelos pretos e traços romanos, com quase dois metros de altura. Não tinha deformidades físicas, como já foi dito. Somente a altura era incomum.

Mas talvez vocês jamais tenham ouvido falar dele nem tenham a menor ideia de por que deveriam ter ouvido. Até ler tudo o que está aqui.

O caderno queimado, pois. As pessoas que estudam documentos antigos têm um nome para esse tipo de coisa, uma peça perdida. Uma lacuna, dizem. O buraco na história, e este caderno realmente desapareceu, sei que foi destruído e não vai surgir mais tarde em nenhum baú, como aconteceu com o primeiro caderno de couro. O livrinho queimado da Academia Potomac provavelmente descrevia amizades e assim por diante até que ele deixasse a escola, em 1934, no meio do ano de sua formatura. Não o li antes de jogá-lo às chamas. Não estou escondendo nenhum escândalo. O sr. Shepherd mencionou ter arruinado sua educação, mas não disse muito mais do que isso. Ele voltou para o México para viver com sua mãe, que abandonara sua ligação com os americanos e passara a trabalhar como costureira numa loja de roupas de Coyoacán. O sr. Shepherd e sua mãe acumulavam algumas divergências. Ele foi novamente trabalhar com o pintor Diego Rivera, começando como responsável pela argamassa. No fim do ano de 1935, era pago como um empregado da casa do artista.

Alguns textos da sua época na Academia Potomac sobreviveram, resmas de páginas datilografadas que descrevem cenas de batalhas e diálogos que mais tarde ele usou em seu romance *Vassalos da Majestade* (1945). Mas, assim como com o diário, expressou seu desejo de que essas páginas fossem destruídas. Na época, ainda falando e com o juízo perfeito, expressou o mesmo desejo também com relação aos demais diários: todos estes agora reunidos num só volume.

A princípio, não planejei isso. Planejo agora. Se você se importa em honrar os desejos de um homem morto, sempre e apesar de tudo, sinta-se advertido. Se você acha que isso é o melhor ou o mais elegante a fazer, então deixe estas páginas de lado e não as leia mais.

PARTE 3

San Angel e Coyoacán

1935-1941

(VB)

Instruções para o preparo de empanadas dulces

Elas podem ser triangulares ou enroladas como moluscos com o recheio dentro. A massa é a mesma, seja qual for a forma: farinha de trigo com banha de porco e um pouco de sal. Bata gemas de ovos em um pouco de água fria (tantos ovos quanto Olunda queira), depois misture o lago líquido dentro do vulcão de farinha. Exatamente como se prepara a argamassa.

Abra a massa num retângulo grande como a bancada desta cozinha, que é pequena demais, se houver duas formigas no açúcar já se tem uma multidão aqui. A seguir, com uma faca limpa, corte a massa em quadrados do tamanho de guardanapos. Coloque um pouco de recheio em cada um dos quadrados e dobre-os na diagonal para fazer um triângulo. O quadrado da hipotenusa que vá para o inferno. O recheio pode ser de creme de ovos ou abacaxi. Para o creme, aqueça um litro de leite e um pouco de açúcar com pedaços de canela. Bata sete gemas com um pouco de amido de milho e derrame-as aos poucos no leite fervente. Mexa até que seu braço pareça cair. A *lechecilla* vai ficar bem amarela e grossa.

Para o recheio de abacaxi, cozinhe a fruta com xarope de açúcar mascavo e anis.

Outra maneira de fazê-las é passar o recheio pelo retângulo todo de massa e enrolar, cortando depois em pedaços circulares, cada um como um caracol. Para isso, use o recheio de abacaxi. O creme de ovos vai fazer uma bagunça danada.

Asse os doces no forno, se você vive numa casa normal. Se vive numa casa supermoderna planejada por um idiota, vá para o San Angel Inn. Uma das cozinheiras de lá, Montserrat, vai recebê-lo na porta dos fundos para assar seus doces na cozinha. Ela enviará uma das moças do hotel para lhe dizer quando tudo estiver pronto.

Eis as instruções. Se seu chefe tiver o apetite de um elefante e a cozinha do tamanho de um inseto, é assim que você mantém o emprego. Faça exatamente assim, porque ele disse:

— Escreva a receita, *mi'jo*, para o caso de você me abandonar como ela me abandonou. Você é a única pessoa que sabe cozinhar como minha esposa.

O que ele não sabe é que eram as empregadas que cozinham, e não ela, desde o começo, quando eles ainda viviam com os pais dela. Depois que se mudaram para cá, ela comprava escondida a maioria das refeições no San Angel, ao lado.

A menina Candelária é o anjo da gaiola, vista anos atrás no mercado Melchor correndo atrás da patroa. Demorou alguns dias trabalhando aqui para ter certeza de que ela é a mesma empregada. Não é um rosto que se esqueça. Pele macia, semblante de uma menina de vila, cabelos que lhe caem até os joelhos. Olunda a faz amarrar as tranças em voltas, para sua segurança e higiene. Sua patroa, a rainha asteca, se foi. Mas Candelária ficou.

Será que existe casa mais feia do que esta em todo o México? *Funcionalismo*, arquitetura tão feia quanto um muro feito de merda. Só que a cerca aqui é a parte mais bonita: uma fileira de cactos cercando o pátio interno, plantados tão perto um do outro que só é possível ver pedacinhos de luz entre eles. Do andar de cima você pode ver o hotel do outro lado da estrada e uma fazenda onde alguns bois pastam. San Angel fica a apenas duas paradas de ônibus dos limites da cidade, e a apenas uma de Coyoacán, e aqui está um fazendeiro trabalhando em sua plantação com uma enxada de ferro que parece que foi forjada durante o reinado de Montezuma. Quando para e descansa, o coitado do velho tem de levantar os olhos para essa confusão modernista de vidro e cimento pintado que parece um grande engano. Parece que um bebê gigante estava brincando com seus blocos quando a mãe o chamou, por isso saiu correndo e deixou os brinquedos na Calle Altavista.

Dois blocos: o maior, rosa, e o menor, azul, separados, cada qual com cômodos empilhados e unidos por uma escadaria de cimento curva. O bloco maior, rosa, é o território do Pintor, e seu estúdio no segundo andar não é tão ruim. Aquela janela tem o tamanho de um lago, toda uma parede de vidro dando para as árvores do vizinho. As tábuas do chão são amarelas, como o sol na sua cara. Aquele lugar passa a impressão de que uma pessoa poderia ser feliz ali. Todo o resto é como estar dentro de um caixote.

O bloco menor, azul, foi construído para a mulherzinha. Os empregados só podem subir a escada até a cozinha (que não vale a viagem). Os cômodos no andar de cima estão fechados como uma cripta desde que a Rainha saiu de casa. Já foi tarde, diz Olunda.

— Ela não voltará, eu lhe prometo. Vou comer um cachorro vivo se ela aparecer aqui novamente. Depois que ela pegou o patrão com outra mulher, como sempre, mas dessa vez transando com a irmã dela.

Que casal estranho. Por que um homem e sua esposa viveriam em casas separadas? Com apenas uma pontezinha entre eles, parapeitos vermelhos ligando um terraço ao outro? Dá para vê-lo do hotel do outro lado da rua. *Tontería* funcionalista. É *ele* quem come, mas a cozinha fica do lado *dela*. Se você conseguir cozinhar qualquer coisa, tem de levar para baixo pela escada, que é como o interior do ouvido de alguém, lá para fora sob o sol escaldante para atravessar o pátio de cascalho, depois para cima por outra escada até o estúdio onde o patrão fica com as calças presas no alto de sua gigantesca barriga, esperando para ser alimentado.

E agora ele diz que ela vai voltar, que ele quer recebê-la com empanadas e *budines* e *enchiladas tapatías*. Ele nunca pôs seus pés enormes na cozinha minúscula, senão saberia que seria mais fácil tentar fazer enchiladas numa casca de amendoim. Misturar a massa era mais fácil. Mas viver com a Mãe não. Por isso ele terá suas enchiladas.

30 de novembro

Cães, cuidado com Olunda. A patroa acabou mesmo voltando. Voltou com toda a mobília e com coleções estranhas arrumadas nos cômodos sobre a cozinha. Foi como uma cirurgia carregar sua cama pela escada acima e através das portas estreitas de cimento sem quebrar a parede de vidro. Candelária e Olunda subiram para ajudar e voltaram com os cabelos em pé. Ela tem um macaco de estimação, juraram. Ele se esconde e pula em suas costas, enquanto você carrega comida para dentro do estúdio dela. Olunda tirou sua cama do quartinho sob a cozinha porque a patroa quer espaço para uma sala de jantar. De qualquer modo, Olunda prefere

dormir na lavanderia, no subsolo. O macaco é o de menos. A Rainha tem um temperamento como o da Mãe.

Esse cantinho dos empregados aqui fora no pátio é provavelmente o lugar mais seguro para se estar, mesmo tendo César, o Peidorreiro, como companheiro de quarto. Ele diz que essa casinha não era para ser dos empregados; eles construíram esse lugar no canto do pátio interno para guardar o carro, mas o Pintor decidiu deixar o carro parado na Rua Altavista, para criar um quartinho para o motorista aqui. Ele diz que o arquiteto não planejou aposentos para os empregados ou para o motorista porque ele era comunista como o Pintor. Olunda concorda. Eles diziam que esta seria uma casa revolucionária, livre da luta de classes, sem quartos para os empregados, porque eles não acreditavam em lavadeiras ou cozinheiras.

Ninguém acredita, na verdade. Por que acreditariam? Eles acreditam apenas em ter roupas limpas e o chão encerado e *enchiladas tapatías*.

4 de dezembro de 1935: A Rainha Presta Atenção

Ela estava no seu trono, a cadeira na ponta da mesa de jantar de mogno. É incrível como ela fez com que a mobília de seus pais coubesse naquele cômodo, incluindo o armário de louças. As velhas cadeiras entalhadas são tão grandes que ela parece uma criança, os pés balançando sob as saias esvoaçantes, sem alcançar o chão. Ela estava de mau humor, espirrando, envolta num manto vermelho e rabiscando a esmo, escrevendo nomes no livro de couro no qual pretende registrar as despesas e as vendas das pinturas do marido. Mais uma das coisas que ela tirou de Olunda, desde que se mudou para cá. Todos os nomes vão naquele livro agora, incluindo o do novo menino da cozinha e quanto ele recebe.

— *Xarrizzon Chepxairt!* — ela arranhava a garganta ao dizer o nome, como se estivesse engasgada com um osso de frango. — É assim mesmo que as pessoas o chamam?

— Não muitas, *señora*. E soa melhor em inglês.

— Eu estava dizendo em inglês!

— Desculpe, *señora*.

18 de dezembro: Segunda Audiência com a Rainha

Ela ainda está de cama, doente; Olunda diz que ela tem 25 anos, com doenças de uma mulher de 90. Rins e perna, no momento. Apesar disso, estava apoiada em travesseiros e vestida como uma noiva indígena: blusa ondulada, batom vermelho, brincos, ao menos um anel no dedo, uma coroa de laços presos ao redor da cabeça. Mas parece semimorta, olhando para cima, para as janelinhas no alto da parede. Seu quarto é como uma caixa de cimento, só um pouco maior do que a cama.

— *Señora*, desculpe incomodá-la. Olunda me enviou para buscar os pratos do almoço.

— Não é de admirar que ela não venha pegar os pratos, ela está com vergonha daquele *jocoque* — e levantou os olhos. — Olunda la Rotunda. Eles ainda a chamam assim?

— Não se ainda estiverem vivos, *señora*.

— Como ela pode ter ficado tão gorda comendo a própria comida? Olhe para mim, estou desaparecendo.

— O segredo dela é pão frito com xarope de milho.

Ela fez uma cara feia, parecendo intrigada.

— E você, criatura magricela. Qual o seu nome?

— Ele não a agradou muito da primeira vez. Quando você o escreveu no livro-caixa.

— Ah, merda, é verdade, você é aquele. O impronunciável — e pareceu se levantar, ajeitando-se na cama. Quando ela olha para você, seus olhos são como pedaços acesos de carvão dentro do âmago daquelas surpreendentes sobrancelhas. — Como Diego o chama?

— *Muchacho, faça um pouco mais de argamassa! Muchacho, traga meu almoço!*

Ela riu. Era uma boa imitação: estava tudo nos olhos dele, o modo como ele os arregala e se inclina para frente quando grita.

— Então você prepara a massa para o almoço do Diego?

— Nunca, *señora*. Pela minha honra. Ele me contratou primeiro como o responsável pela argamassa e há alguns meses me trouxe para cá, para que eu trabalhasse na cozinha.

— Por quê? — ela curvou a cabeça, como uma bela boneca apoiada em travesseiros. Uma entre tantas, na verdade. As estantes

atrás da cama eram cheias de bonecas de porcelana e tecidos. Todas, assim como ela, pareciam vestidas para alguma festa que com certeza seria barulhenta.

— Ele gosta do meu *pan dulce* e das *blandas*, *señora*. Sou bom com massas em geral. Entre os meninos que trabalhavam com a argamassa eles costumavam me chamar de Pão Doce.

— Você faz *blandas* nesta casa? Naquela cozinha ridiculamente pequena, com o *fuego eléctrico*? Deve ser o Filho de Deus. Diga a Olunda para deixá-lo responsável por *tudo*.

— Ela não aceitaria isso facilmente.

— O que você pensa daquela cozinha?

Uma pausa para refletir sobre a resposta certa. Todos sabem que o Pintor gosta da casa; a resposta errada neste interrogatório poderia ser fatal. Foi como estar de volta à academia, mas com um tipo diferente de oficial.

— Todos dizem que é uma casa impressionante, *señora*.

— Todos dirão que merda de cavalo tem cheiro de flor — afirmou ela —, se querem cair nas graças da bunda do cavalo.

— E qual a sua opinião, *señora*? Se me permite a pergunta.

Ela franziu a testa para a parede branca, a janela com armação de metal.

— Bauhaus — disse, como um cachorro latindo duas vezes. — É uma monstruosidade, não? Como é que você cabe naquela cozinha?

— Do mesmo jeito que a senhora cabe no seu banheiro. A cozinha é do mesmo tamanho, bem embaixo.

— Mas você é duas vezes maior do que eu!

— Se eu ficar bem no meio da cozinha, é possível tocar em todas as quatro paredes.

— É aquele *pendejo* Juan O’Gorman exibindo seu rabo moderno. Não sei no que ele e Diego estavam pensando. É como um hospital — e fez um gesto com as costas da mão cheia de anéis.

— E escadas! Para chegar até aquela estúpida ponte e ir até o Diego, tenho de sair pela janela e escalar os degraus da escada lateral como uma acrobata. Que merda. Ele nem vale a pena, eu me mataria, *chulito*. Quem é você? Diga novamente, juro que vou tentar me lembrar.

— Harrison Shepherd.

— Cristo, não vou chamá-lo assim. Diego o chama como mesmo?

— Pão Doce.

— Os funcionários são muito maus com os meninos da argamassa. Como você sabe. Mas, honestamente, XARTÍZZON! Parece que alguém está sendo estrangulado. Que tipo de nome é esse?

— Foi um presidente, *señora*.

— Do quê? De algum lugar onde não há oxigênio?

— Dos Estados Unidos.

— Como eu disse.

Mais um país é agora mencionado com rancor. O país da mãe, a terra do pai, as duas coisas. Melhor ficar quieto e empilhar os pratos do almoço no carrinho. Em dois minutos, César e Olunda disputarão qualquer coisa que tenha sobrado naqueles pratos.

— Você é da Gringolândia, então? — insistiu ela.

— Nasci lá, sim, *señora*. Semicidadão, pelo lado do meu pai. Minha mãe me enviou de volta para lá para que eu recebesse educação, mas não deu certo.

— Por que não?

Com o interrogatório agora chegando ao fim, um último suspiro de redenção:

— A escola me expulsou.

— *Verdade?*

Era uma boa pergunta: agora até mesmo os laços dos cabelos se inclinavam para frente para ouvir mais. Todas as bonecas encaravam.

— Expulsou por quê, *chulito*?

— Por causa de um escândalo.

— Que envolvia...

— Outro aluno.

— Outro aluno e? — o cabelo praticamente em pé.

— *Conducta insólita*. Conduta irregular. Não posso dizer mais, *señora*. Você me colocaria no olho da rua se soubesse o restante.

Ela cruzou os braços e sorriu.

— É assim que vou chamá-lo: Insólito.

O interrogatório: aprovado, com menção honrosa. O prêmio: uma possível aliada nesta casa impossível.

5 de janeiro de 1936

Depois de semanas deitada na cama, vivendo apenas de ar e bananas, a Rainha se levantou. Desceu as escadas, enfeitada e ondulada como uma deusa oaxacana, para reclamar seu lugar de direito nesta casa e aterrorizar os empregados. Anunciou que cem pessoas virão para a Festa de Reis, amanhã. Depois disse:

— Na verdade, apenas dezesseis virão, mas cozinhem para cem, só para garantir.

Chalupas, flautas, tacos, *gaznates* e macarrão. A sala de jantar é o único lugar onde Candelária e Olunda podem se sentar para cortar os legumes sem furar os olhos uma da outra. E a *rosca*: a patroa começou a gritar quando se lembrou daquilo.

— Diga ao César para pegar o carro e levá-la até a cidade para encontrar uma *rosca*, todas já foram vendidas nas padarias aqui de San Angel.

Mas Candelária lhe disse que já tínhamos nossa *rosca*.

— Esse menino sabe como fazê-la.

A *señora* ficou olhando como se um peixe tivesse chegado em sua casa usando avental.

— Insólito. Foi como eu disse. Você é estranho. Um menino que faz *rosca*.

— Estranho, suba e pegue uma tigela para mim — ordenou Olunda, revirando os olhos. A princípio, ela fora contra preparar a *rosca*. (Complicado demais. Espaço de menos.) Depois insistiu que não havia Pilzintecutli para esconder no bolo. Quando Candelária voltou trazendo uma imagem de porcelana da despensa, Olunda se enfureceu. Agora o próprio Cristo a estava contrariando.

É um ano novo numa casa virada de cabeça para baixo. A patroa pendura bandeiras de papel coloridas e infantis nas janelas Bauhaus, envergonhando a casa, como uma menina simples que usa maquiagem demais. Nas cabeças dos ídolos astecas do marido ela coloca cravos vermelhos, transformando-as em altares, e prepara a mesa como se fosse um sacerdote preparando o

tabernáculo: toalha de mesa branca de renda de Aguascalientes retirada com reverência do armário, pratos azuis e amarelos dispostos, cada qual abençoado com as pontas dos dedos, e depois os talheres de prata da avó de Kahlo. Por fim, as flores e frutas dispostas no centro da mesa como uma escultura: romãs, bananas, *pitahaya*, todas escolhidas de acordo com a cor e a forma. Ela estava terminando os preparativos esta manhã quando o macaco veio correndo e roubou as bananas. A patroa gritou, pequenina como era, e o perseguiu até o pátio, com o galho de mimosa que estava usando como enfeite central.

— *Menino malvado!*

O diagnóstico de Olunda é de que essa criança peluda é o melhor que a *señora* pode esperar. Duas vezes grávida, em seis anos de casamento, e com dois abortos, um num hospital gringo e o outro aqui. Dizem que é por causa de um acidente num bonde anos atrás que arruinou o corpo da mulher e é “horrível demais para descrever”, ainda que Olunda e Candelária consigam fazê-lo. De acordo com o relato delas, nos últimos dois anos ela teve dois abortos, quatro cirurgias, trinta visitas médicas e um ataque por causa do caso do marido: quebrou várias cerâmicas *talavera* antes de ir embora. Precisou do ano passado inteiro para perdoá-lo.

— E aquele foi só o caso com a irmã dela, Cristina, não estamos nem contando as mulheres de fora da família. Escuta, como se deixa a massa brilhante assim?

— Você pincela com manteiga derretida e depois com a clara de um ovo.

— Humpf — Olunda cruzou os braços diante das montanhas do seu peito.

— Onde a *señora* morou? Antes de voltar para cá?

— Num apartamento na Insurgentes. Candelária tinha de limpá-lo às vezes. Me passe aqueles figos secos, *mi'ja*. Conte-lhe sobre a bagunça, Candi, era até mais difícil limpar lá do que aqui.

— Era por causa das pinturas — explicou Candelária.

— Ele pintava no apartamento dela?

— Não, ela pintava.

— A patroa Rivera também é pintora?

— Se você considera aquilo pintura — Olunda estava desfiando peitos de frango para as chalupas, resmungando enquanto trabalhava, acertando as contas de algum ressentimento antigo com aquelas galinhas.

Candelária disse que certa vez foi ao apartamento da *señora* e encontrou uma folha de metal coberta com sangue.

— Achei que ela tinha se cortado montando o cavalete ou que havia matado alguém. Provavelmente o marido. Mas depois a patroa se sentou com suas tintas vermelhas, assoviando e toda feliz, aplicando mais sangue à pintura.

— Chega de fofoca — disse Olunda, que estava evidentemente com inveja por não ter visto aquilo com seus próprios olhos. — Candi, você tem de descascar todos os tomates desse cesto. E você, Estranho, quero vê-lo cortando cebola até começar a chorar pelo rabo.

2 de fevereiro

Oito tipos de tamales para a Festa da Candelária. Até mesmo César foi convocado para ajudar. Ele ameaçou pedir demissão o dia todo, porque é “um chofer e não um peão para trabalho de mulher”. Ele está com raiva desde outubro por ter de dividir seu quarto com o Estranho, e agora que ele teve até de usar avental, o mundo vai acabar em breve. O Pintor diz que é uma pena, mas as coisas são assim mesmo, Frida manda na casa.

— Além disso, meu camarada, você está ficando velho demais para dirigir, por isso é melhor se acostumar com o trabalho de peão.

É verdade, ontem César se perdeu quatro vezes a caminho da farmácia. A patroa o chama de General Caminho Errado. Mais do que o avental, o que ele despreza mesmo é este caderno. Ele o chama de “espionagem”. É inflexível, desligando as luzes sem se importar. Mas, na maior parte das noites, depois que todas as louças da casa foram esfregadas, limpas e guardadas, ele já está roncando feito uma baleia. O espião pode realizar seu trabalho aqui a não ser que a baleia acorde do seu estupor. É como estar na *casa chica* com a Mãe novamente, *Apague esta porcaria de vela antes que você incendeie tudo.*

19 de fevereiro

Candelária não se lembra do dia em que carregou a gaiola de papagaios nas costas por todo o mercado Melchor. Ela diz que devia ter acabado de chegar da sua vila na época, o Pintor e a Patroa a contrataram quando eram recém-casados e viviam na casa da Rua Allende com os pais da *señora*. Candelária não se lembra dos papagaios, nem por que foram comprados, nem por quanto tempo o casal viveu naquele lugar com um jardim fantástico, antes de construírem esta casa. Ela não sabe dizer se gosta mais daqui. Parece se esquecer de quase tudo. O segredo da sobrevivência em meio às tempestades na casa Rivera.

2 de março

A *señora* está pintando num pequeno estúdio ao lado de seu quarto. Não está tão bagunçado, ela usa uma toalha sob a cadeira. Ao fim do dia, parece que choveu tinta azul, vermelha e amarela. Ela limpa seus próprios pincéis e espátulas, cem vezes mais do que o Pintor, que joga tudo no chão e pisa neles com suas botas de caubói. Mas Candelária e Olunda se recusam a levar o almoço dela até o andar de cima, dizendo que seu temperamento é ainda pior quando ela está pintando. Ela nunca diz *gracias*, porque a vida é uma questão de sobrevivência, não de dar graças, diz ela, e os empregados são pagos para lhe trazer o que se pede. Hoje ela exigiu pimentões recheados, mais tinta azul e, surpreendentemente, uma opinião.

— A pintura parece boa até agora, *señora*. — Quando as pessoas pedem uma opinião, é isso o que querem ouvir. — Está progredindo bem. Vamos vê-la concluída até o fim do mês?

— Vamos? — sorriu, intrigada como um gato se exibindo para outro. — Como disse a mosca se sentando nas costas do boi: “Estamos arando estas terras!”

— Desculpe.

— Tudo bem, Insólito. Se alguém disser que é feia, direi que “nós” a pintamos.

A pintura tem pessoas que flutuam no ar, ligadas por laços. Ela perguntou:

— Você gosta de arte? Quero dizer, você entende de arte?

— Não muito. Mas entendo de palavras. Disso eu gosto. Poemas e coisas assim.

— O que você estudou na escola?

— Coisas horríveis, *señora*. Exercícios militares e psicomotricidade. Era uma escola militar.

— *Dios mío*, seu cãozinho magricela. Mas eles não conseguiram escravizá-lo, não é? Notei que você às vezes ainda segue os passos do seu patrão.

— Como assim, *señora*?

— Vi você lendo o jornal para as moças na sala de jantar. Mudando as manchetes para fazê-las rir. Sua revoluçãozinha — e ainda encarava a pintura, falando sem se virar. Aquilo era uma licença para sair?

— É só um passatempo, *señora*. Ainda fazemos o nosso trabalho.

— Não se preocupe, sou uma revolucionária. Eu aprovo revoluções. Para onde eles o enviaram para estudar? Chicago ou coisa parecida? Um daqueles lugares frios?

— Washington, D.C.

— Ah, o trono do reino da Gringolândia.

— Mais ou menos. Para os milharais ao redor do trono do reino. A escola ficava no meio das fazendas e dos campos de polo.

— Polo? É uma planta?

— Um jogo. Ricos jogam beisebol cavalgando pôneis.

Ela deixou o pincel de lado e se virou.

— Não é uma loucura? Os ricos dos Estados Unidos nem mesmo sabem como usar o dinheiro corretamente — e olhou para os pratos de seu almoço, avaliando os *rellenos*. — Eles não se importam em dar grandes festas enquanto as pessoas do lado de fora não têm nada. E depois servem porções minúsculas na festa! E vivem em casas empilhadas umas sobre as outras, como galinheiros. As mulheres parecem nabos. Quando se vestem, parecem nabos vestidos.

— Tem razão, *señora*. O México é melhor.

— Ah, o México está indo para o inferno também. Os gringos roubam um pouco mais do país a cada semana, substituindo a beleza dos nossos campos e nossos indígenas pela última moda em

feiura. Provavelmente eles vão transformar nossos mangues em campos para *poneibol*. Não dá para evitar, eu acho. Os peixes maiores sempre comem os menores.

— Sim, *señora*.

— Seu cãozinho, não me venha com este “*sí señora*”. Estou cansada disso.

— Desculpe. Mas o que você disse é verdade. Minha mãe é mexicana, mas tudo o que ela sempre quis foi se vestir como uma dama americana e se casar com homens americanos.

Ela arqueou a sobrancelha.

— *Vários* homens?

— Bem, um de cada vez. E, na verdade, ela só conseguiu uma vez, com meu pai. Todos os outros peixes lhe escaparam.

Ela riu, balançando a cabeça cheia de laços como se fosse uma bandeira ao vento. Ela jamais se converteria num nabo.

— Insólito, você deveria vir aqui e me incomodar mais vezes.

— Olunda me mantém na rédea curta, *señora*.

— Você tem de parar de me chamar de *señora*. Quantos anos você tem?

— Faço 20 neste verão.

— Olhe, tenho praticamente a mesma idade que você, 25. Meu nome é Frida. Só Frida. César me chama assim, então você também pode, não é um crime contra o Estado.

— César é como um avô.

Ela empinou o nariz.

— Você não tem medo de mim, não é? Só é tímido, certo?

— Talvez.

— Você não tem o sangue muito quente, esse é o problema. Você não é totalmente mexicano nem totalmente gringo. É como esta casa, Insólito. Uma pessoa dupla, feita de dois blocos diferentes.

— Talvez isso seja verdade, *señora*, Frida.

— Na casa da sua mãe, o gosto pela beleza e poesia. Paixões secretas, suponho. E do lado gringo, uma cabeça sempre pensando e sobrevivendo.

— Verdade, talvez. Exceto que minha casa é apenas uma cozinha, ao que parece. E uma cozinha bem pequena.

— A cozinha da sua casa é governada pelo México, graças a Deus.

4 de março

Nosso Senhor Jesus ainda não ressuscitou. Como sabemos? Olunda reclama de outro dia de refeições quaresmais. Mas algumas dessas refeições são as melhores: sopa de feijão-de-lima, batata com molho verde, feijão frito. No jantar dessa noite o Pintor notou que precisa de mais meninos para sua equipe e a patroa o repreendeu.

— *Sapo-rana!* Do jeito que você come, deveria saber que precisamos do seu menino da argamassa aqui.

Sapo-rã, ela o chama, depois se levanta, vai até ele e beija seu rosto de sapo-rã. Eles formam um casal estranho. De qualquer modo, por que esses comunistas guardam a Quaresma?

O novo mural do Pintor no Palácio Belas Artes gera tantas páginas nos jornais que talvez peguem fogo. Ele está fazendo uma cópia do mural que pintou nos Estados Unidos e que criou um escândalo tão grande que teve de ser destruído antes de completado. Sim, ele deixou os gringos apavorados. E apavorar os gringos pode tornar qualquer mexicano um herói. Outros artistas agora vêm à casa todas as noites, amontoando-se ao redor da mesa de jantar dos Rivera com duas cores de tintas ainda nos cabelos. Escritores, escultores, mulheres carecas maquiadas que querem votar e estudantes que estão evidentemente esperando a volta de São João Batista para tomarem um banho junto com os leprosos. Alguns são velhos demais para serem estudantes, por isso ninguém sabe o que fazem (se é que fazem alguma coisa). Um deles é um japonês com roupas gringas, que chegou aqui para fazer um mural para o novo Mercado.

O único lugar para lavar tantas louças assim é na lavanderia sob a escada. Ao longe, no pátio, ainda é possível ouvi-los concordando mais à medida que bebem, às vezes a noite toda, como os homens que costumavam visitar Don Enrique. Mas essa multidão quer expulsar todos os homens do petróleo norte-americanos. A *señora* grita:

— Salve o México para os mexicanos! Salve os mexicanos para o México! Os dois mandamentos da nossa revolução!

Então todos eles jogam a cabeça para trás, engolindo tequila em homenagem ao México.

Hoje o Pintor explicou, para o bem dos empregados que tentavam passar por detrás das cadeiras dos convidados a fim de lavar os pratos do jantar, que essa é uma citação famosa de Moisés.

— *Señor* Rivera, o México está na Bíblia? — Pobre Candelária, o Pintor às vezes tira sarro dela. Possivelmente em mais de um sentido.

Um Moisés diferente, ele lhe disse. Moisés Sáenz, em 1926.

— Dez anos de revolução talvez não tenham salvado todas as crianças mexicanas, mas ao menos as salvaram do papa e da Renascença Italiana.

— A Renascença teve seus pontos bons — insiste sua esposa.

— Honestamente, Friducha. Quem precisa de todos aqueles querubins gordinhos voando?

A verdade é que ela está pintando um quadro com querubins agora. Eles parecem crianças teimosas aladas. Ela nunca parece feliz com o que está pintando e diz para si mesma:

— Ah, droga, isso não vai dar certo. Que monte de merda. Parece ter saído do cu de um cachorro.

Candelária não chega nem perto dela. Perto do Museu de Palavrões da Mãe, a *señora* Frida poderia construir uma pirâmide.

Mas no marido ela confia completamente. Sempre diz para os convidados:

— Os outros artistas que vão para o inferno, Diego é a revolução cultural!

Até mesmo quando alguns de seus convidados estão entre os que vão para o inferno. Certa vez, em seu estúdio, ela disse:

— Ele é ótimo. Não se esqueça disso, se você acha que está olhando para um sapo gordo incapaz de pegar suas calças do chão. Sua obra é tudo. Ele está fazendo algo que ninguém nunca pôde fazer antes.

Talvez ela tenha ouvido Olunda reclamando dele. As vozes viajam nessa estranha casa de cimento.

Ela diz que os mexicanos têm dificuldade para acertar as contas com a própria história porque somos várias nações distintas: toltecas, astecas, maias, oaxacanos, sonoranos, todos lutando uns contra os outros desde o princípio. É por isso que os europeus e os gringos podem chegar aqui e pisar sobre tudo.

— Mas Diego pode pegar todas essas pessoas diferentes e transformá-las numa única pátria mexicanizada — disse ela.

Ele pinta aquilo na parede, uma obra tão grande que não dá para esquecer.

Isso explica muita coisa, o que ela disse. Por que ele é tão polêmico. E por que algumas pessoas querem destruí-lo, não apenas os gringos, mas também os garotos mexicanos em chapéus *tejano* que não querem ouvir mais ninguém dizendo que nasceram do meio das pernas de uma indígena. Ele faz as pessoas sentirem coisas. Deve ser emocionante contar a história de La Raza em cores vivas e sem pedir desculpas a ninguém: indígenas saindo da história para o presente, todos enfileirados com o nariz em forma de L, marchando por Cortés até um ponto de fuga no futuro.

9 de abril

O presidente Cárdenas concorda com os convidados de Rivera, é hora de expulsar os homens do petróleo. O óleo mexicano é para os mexicanos agora. Os jornais dizem que os operários só terão de trabalhar oito horas por dia de hoje em diante, e terão uma parte dos lucros. Cárdenas expulsou até mesmo o chefe Calles, chefe de todos os presidentes mexicanos desde que as rochas da terra ainda estavam quentes. Agora ele pode, mais do que nunca, aproveitar a companhia de seus amigos gringos, porque o presidente o prendeu e o colocou a bordo de um avião para Nova York.

— Um belo Escoteiro, esse Cárdenas — diz Olunda. — Em geral eles só matam seus rivais.

Foi também um dia de libertação para os peões na Cozinha Microscópica. A *señora* quer dar uma grande festa de Páscoa e decidiu realizá-la numa casa comum, com uma cozinha de verdade: a casa de seu pai, na Rua Allende. Era lá que eles viviam antes, perto do mercado Melchor, com a floresta no jardim. Ela mandou

que César levasse todos os empregados para lá, a fim de que começassem a cozinhar para o sábado, ajudados pela velha governanta da casa e duas moças. A mesa de jantar está cheia de jornais; o Pintor ainda recebe muitas cartas lá. Os outros imploram por uma diversão, com leituras dramáticas enquanto cortam mil tomates. Candelária é afetuosa, mas Olunda só quer que o carro mergulhe nos desfiladeiros de Orizaba, por isso as leituras na cozinha sempre exigem algum tipo de acordo. Os empregados da casa da Rua Allende eram uma plateia mais fácil: a velha Perpétua parece surda e as duas moças riem de qualquer coisa — *Depois de chegar a Nova York, Calles disse aos repórteres: “Fui expulso do México porque esqueci minhas calças e minha carteira no quarto de uma puta na Avenida Colón”*. Candelária e as moças gritam e riem.

A patroa Frida apareceu na porta, algo totalmente inesperado. Olunda largou o garfo que estava usando para amassar os abacates e fechou os ouvidos com as mãos. As moças da casa descascavam os nopales sem levantar os olhos.

— Minha preocupação é com a sua ignorância — atacou a *señora*. — Este é um dia histórico. Leia isto para elas corretamente.

— Sim, *señora*.

Ela ficou ali, escutando.

— Depois de chegar a Nova York, o antigo Jefe Máximo disse aos repórteres: “Fui exilado porque me opus às tentativas de criar uma ditadura do proletariado”.

— Muito bom. Continue — ela deu meia-volta e saiu para se encontrar com seu pai, deixando o proletariado da cozinha absorvendo as notícias do dia. O Departamento de Estado dos Chiapas, respondendo ao Sindicato dos Operários Indígenas, votou pelo aumento dos salários de todos os trabalhadores nos cafezais do estado. Numa declaração formal ao Congresso, o presidente Cárdenas disse:

— Na nova democracia, trabalhadores organizados exercem uma influência autêntica sobre as lideranças políticas e econômicas do nosso país.

Os olhos de Olunda se desviaram dos abacates para a porta, depois para o jornal e de volta para a tigela. Sonhando, talvez, com um Sindicato dos Amassadores de Abacate.

19 de abril

A patroa está tendo uma recaída com suas dores nas costas, uma infecção num dos olhos, as pedras nos rins e um caso com o escultor japonês. É o que diz Olunda, mas não parece possível: quando ela teria tempo? Mas Candelária tem provas: da última vez que ela deixou o japonês entrar na casa, o Pintor desceu correndo as escadas com o revólver na mão. O escultor já não é mais bem-vindo em nenhuma das metades da casa dupla.

22 de abril

A *señora* se mudou para o hospital, levando consigo pincéis e algumas bonecas. Hoje ela mandou avisar que também precisava de pimentões recheados, por isso o patrão enviou os empregados ao hospital com o almoço dela. Possivelmente para ver se o japonês está à espreita lá, tentando assediar sexualmente uma mulher com um colete dorsal. César se perdeu duas vezes no caminho e depois ficou no carro para tirar um cochilo e se recuperar para a viagem de volta.

— Insólito! — gritou ela de sua cama. — Olhe para sua pobre Friducha, caindo aos pedaços e morrendo. Deixe-me ficar com esse cesto. — Ela estava usando apenas metade das joias de pirata hoje, mas os cabelos estavam presos como de costume. Ela deve ter enfermeiras e padioleiros sob suas ordens no Hospital Inglês.

— Você passou na casa do meu pai para lhe dar um pouco disso?

— Claro. O *señor* Guillermo lhe manda saudações.

— Ele vai morrer de fome, com a Mãe morta. Ela sempre foi a única que mandou aqueles empregados levantarem as *nalgas* da cadeira — e pegou os guardanapos e os talheres, arrumando a cama para jantar com o mesmo cuidado com que arrumava a mesa em casa.

— Com todo o respeito, *señora*, mas a governanta é a mesma que conseguiu mantê-la viva durante a sua infância.

— Exatamente. Ela é velha. É como uma ruína arqueológica.

— Está tudo bem na Rua Allende, não deveria se preocupar. Perpétua contratou mais duas moças. Belém e outra. Hoje elas

estão plantando lírios no jardim.

— Lírios! A casa toda precisa de reparos e uma boa demão de tinta. Eu a pintaria de azul-chumbo. Com enfeites vermelhos. Quais as novidades em casa? — perguntou ela, cortando os pimentões. Tinha um apetite excelente para uma mulher que estava morrendo.

— Você não quer saber.

— *Como assim?* O Diego já me substituiu?

— Ah, não, nada do gênero. São as mesmas pessoas de sempre todas as noites.

— Pintores?

— Na maioria escritores e dramaturgos.

— Os *Contemporâneos*. Ah, você tem razão, não quero saber nada deles. Villaurrutia com sua *Nostalgia pela morte*! Deixe de frescura e beba o veneno, *muchacho*, acabe logo com isso. Acho que ele e Novo estão tendo um caso, eles são imunes aos flertes. E Azuela só é triste.

— Mariano Azuela? Ele? O autor de *Los de abajo*?

— Esse mesmo. Você não o acha triste?

— Ele é um escritor muito bom.

— Mas muito cínico, não acha? Pense bem naquele personagem Demétrio de *Los de abajo*: que tipo de herói é ele? Lutando na Revolução sem a menor ideia do *porquê*. Lembra da cena em que sua esposa lhe pergunta por que ele está lutando?

— Claro. Ele joga uma pedra no desfiladeiro.

— E os dois ficam lá, como dois imbecis, observando a pedra rolar até lá embaixo.

— É uma cena emocionante, *señora* Frida. Não acha?

— Talvez para uma pedra. Gosto de pensar que estou sendo empurrada através da história por algo mais do que apenas a força da gravidade.

— Mas a gravidade está ganhando. Olhe só como você é baixinha.

— Não tem graça, estou lhe avisando, Sóli. Cuidado para seu coração não esfriar. Os escritores mexicanos são cínicos. Nossos pintores são idealistas. Ouça o meu conselho, se alguma vez precisar de uma festa para se alegrar, convide pintores, e não escritores.

Ela abaixou a cabeça como se fosse um gato avaliando um rato antes de comê-lo.

— Mas... Você é um escritor, não? Você escreve à noite.

Como ela sabe? Agora eles vão me fazer parar.

— Páginas e mais páginas. César me contou. Ele disse que é como se você estivesse possuído.

Nada de confissão.

— Também acredito que você considere *muito* interessante que Novo e Villaurrutia estejam dormindo com meninos e não com meninas. Não acha?

Nem um pouco.

— Não o estou acusando de crimes, você sabe.

— Não. Nenhum segredo, *señora* Frida.

— Que monte de *mierda*. Você sempre me chama de *señora* quando está mentindo. Então me conte como andam as coisas na novela da cozinha.

— Na mesma, Frida. Somos apenas empregadinhos entediados.

— Sóli, você não é nem empregadinho nem entediado. Cedo ou tarde vai ter de confiar em mim, de uma alma ferida para outra. Acostume-se, Sóli. Consulte seu travesseiro.

4 de maio

Uma visita à Mãe, para levá-la ao La Flor para o seu aniversário. Como sempre, estava estonteante num vestido violeta e com um cloche de lã tingido para combinar. Seu novo plano é conquistar o coração de um engenheiro americano contratado pelo governo. Ela o descreve como “muito robusto”. E também muito casado: eles se conheceram quando ele foi à loja comprar um presente, não para sua esposa, mas para sua amante.

— Ex-amante — diz a Mãe, esperançosa.

— É inspirador, Mãe. Você nunca desiste de uma competição.

— E quanto a você? Aquela moça foi à loja novamente na semana passada. É a Rebeca de quem falei, a amiga daquela delicadeza que você levou para Posadas no inverno passado e, se me perguntar, essa Rebeca é dez vezes mais bonita. Se a outra é

sem-graça, esta é seu golpe de sorte. Ela era meia-boca, se quer saber. Mas a amiga é mesmo interessante.

— Não lhe perguntei.

— Rebeca, ela é. Pode escrever, *mi'jo*, ao menos se finja de interessado. Ou vou ter de contratar uma puta para entrar nessa sua vidinha desprezível?

— Uma vida desprezível cheia de mulheres, mas muito obrigado. Mais uma e minha vida talvez exploda como uma romã.

— Quero dizer, uma mulher na *cama*.

— Aquela casa é governada por uma mulher na cama. Totalmente.

— *Mi'jo*, você me enlouquece. Essa Rebeca, veja só, ela é inteligente como você. Ela quer ir para a universidade, mas atualmente é costureira. Ela deu uma passada? Eu lhe disse que você estava trabalhando. Não lhe contei da cozinha, claro. Disse que você era uma espécie de secretário. E que pretendia se tornar um advogado. Não é mentira dizer que você *pretende*.

— Vamos voltar a falar sobre sua vida afetiva. É mais interessante.

— Vou lhe dizer: tomara que ela melhore logo. Quarenta! Olhe para mim, sou da idade da pedra — e cobriu o rosto com as mãos. Depois espiou entre os dedos, porque a salada de melancia havia chegado. — E você, quase 20! É inacreditável.

— Quase da idade da pedra.

— E o que fará no seu vigésimo aniversário, mocinho?

— Provavelmente cozinharei. A *señora* faz aniversário no mesmo dia. Mas ela não sabe.

— Ouça, sempre que formos a algum lugar juntos agora, não diga que é meu filho, ouviu? Olhe só para você, um *homem*! Como pôde fazer isso comigo? É isso, mocinho. Os homens de hoje querem mocinhas e brotinhos e cocotinhas.

Ela desistiu dos homens do petróleo, não havia futuro naquilo. Don Enrique perdeu tudo com a nacionalização. A Mãe diz que a *hacienda* na Isla Pixol foi tomada e entregue às pessoas do vilarejo como uma fazenda coletiva. Eles transformaram a casa em escola.

— Bem, que bom. Pelo menos uma escola da província terá alguns livros.

— Você estaria do lado deles, não é? O menininho dos esquerdistas.

— O ponto central da lei de desapropriação é a restituição, Mãe. O que significa que Don Enrique ou sua família devem ter roubado a terra dos aldeões antes.

— Mas, olha, será que eles realmente a estão usando? Seu Leandro provavelmente é o presidente da cooperativa agora, tentando descobrir como se calça um par de sapatos.

— *Meu* Leandro? Ele tinha esposa. O único homem naquela casa que tinha esposa.

— Ah, você me ofende. Pobre e velho Enrique, ele sabia irritá-lo, não? Pode imaginar o escroto quando eles o expulsaram da sua própria casa? E a mãe dele! Minha nossa, eles devem ter usado um exército. — A Mãe comeu um pouco de sua salada de melancia.

— Suas relações com os norte-americanos melhoraram seu inglês.

— No que me diz respeito, Enrique e seus parentes podem ir plantar batatas e você pode estar certo disso. Isso até me anima.

— E pode estar certa disso, Mãe. Lavar pratos para os esquerdistas não torna ninguém um esquerdista. Não é como uma gripe.

— Estou só tirando sarro de você. Eu aceitaria um esquerdista, se ele fosse famoso e tivesse um maço de dinheiro. Aquela namoradinha do artista é uma sortuda.

— A namoradinha é, na verdade, esposa.

— Como eu disse. Mas que malandrinha, toda enfeitada como uma índia. Ela não é a Garbo. Como teve tanta sorte?

— Ele gosta do jeito que ela se veste. Eles são nacionalistas.

— Besteira! — ela balançou a cabeça. — Para mim ela parece uma caipira.

— Você costumava perguntar “Que tipo de homem vai querer uma coisa destas?” Na Isla Pixol, lembra? Agora você sabe.

— Hei, quer um cigarro? — ela pegou um cigarro e o acendeu, deixando de lado o almoço, sem terminá-lo. Pobre Mãe, ainda fumando um cigarro atrás do outro. Ela tirou um pedaço de tabaco da língua e anunciou: — Uma caipira nunca vai ser nada além disso.

Era inútil lembrar a Mãe de seu entusiasmo temporário em aprender a *sandunga*. Se os caipiras estão agora por cima no México nacionalista, na estima da Mãe eles em breve perderão o lugar para as mocinhas e os brotinhos. A clientela da tarde no La Flor diminuiu, mas ela continuava olhando ao redor, sempre alerta.

— O que aconteceu com Don Enrique, então? Ele está pedindo esmolas na rua?

— Ah, Deus, não. Está vivendo numa de suas outras propriedades. Nos campos de petróleo em algum lugar de Huasteca. Enrique sempre pode tirar mais dinheiro de suas *nalgas*. Por mais que vivesse reclamando da gente por causa da nossa ganância.

Ela se inclinou para frente e levantou os olhos grandes sob a aba do chapéu cloche, e de repente ali estava ela: a outra Mãe. A garota maliciosa, chamando outra criança para sua conspiração.

— Não se preocupe com Don Enrique, *mi'jo*. *Dios les da el dinero a los ricos, porque si no lo tuvieran, se morirían de hambre.*

Deus dá dinheiro aos ricos porque, se não o tivessem, morreriam de fome.

1º de julho

O maço de dinheiro dos Rivera não deve ser tão grande quanto a Mãe acha. A *señora* Frida teve de fazer todo um planejamento para pagar sua festa de aniversário: ela pintou o retrato da esposa de um advogado e o vendeu para ele. A festa será na casa da Rua Allende para comportar todas as pessoas, já que ela convidou três quartos da República, incluindo *mariachis*. Os pintores e os escritores tristes também. Olunda está enlouquecida. Frango *escabeche*, porco e nopales ao molho *pipián*, *mole poblano*. Purê de batata-doce com abacaxi. Tomate e salada de agrião. O ensopado de costela de porco com tomate ela chama de “manchador da toalha”. De última hora, também quer camarões e pés de porco marinados. A *señora* talvez tenha de pintar retratos dos convidados que vierem e vendê-los na saída para pagar o açougueiro depois da festa. Um entediado aniversariante que completa 20 anos é esperado na cozinha.

14 de julho

Faxina. Oito pinturas retiradas do estúdio bagunçado da *señora* Frida e levadas para o depósito no lado do Pintor. A bela pintura de seus avós, a imagem estranha dela com o macaco e a obra com sangue que Candelária mencionou, feita quando ela vivia no apartamento na Insurgentes. Cada título tem de ir para o livro-caixa antes de ser levado para o andar de cima: o retrato sanguinolento da moça esfaqueada é chamado *Umas poucas alfinetadas*. Ela o pintou depois que um homem na Zona Rosa esfaqueou sua namorada vinte e seis vezes e, quando a polícia veio e a descobriu morta, o namorado disse:

— Qual o problema? Só lhe dei umas poucas alfinetadas.

A história esteve em todos os jornais. A *señora* disse:

— Insólito, você ficaria impressionado com o que as pessoas compram.

Ela estava se referindo à pintura ou aos jornais?

5 de agosto

As pessoas que vêm jantar com tinta nos cabelos agora têm um nome: Sindicato dos Técnicos, Pintores e Escultores. Depois que os pratos forem limpos, eles trazem a máquina de escrever do escritório do Pintor e fazem um jornal ali, na mesa de jantar mesmo. O escritor responsável, *señor* Guerrero, era o pigmentista da equipe do mural. Eles discutem tudo: o que é melhor, arte ou filosofia? Arte feita em cavaletes para a burguesia ou murais para o público? O que é mais nacionalista, pulque ou tequila? Os empregados são repreendidos, mas é melhor do que qualquer escola. Hoje eles discutiram como derrotar o fascismo na Espanha. O México é contra os fascistas, ainda mais porque os gringos e os britânicos acham que um cara como Franco é a coisa certa para endireitar a Espanha. O velho amigo dos Rivera, Siqueiros, está lá agora, lutando com os espanhóis.

Mas ele era estranho, Alfaro Siqueiros. Do tipo que luta em qualquer lugar, com ou sem guerra. Quando ele costumava jantar na casa dos Rivera, Olunda pegava o crucifixo e dizia:

— *Dios mío*, não use a boa *talavera*, estará quebrada antes da sobremesa.

Rivera o chama de artista banguê-banguê, fazendo murais com pistolas de tinta e imagens de aviões. Siqueiros chamava Rivera de comunista ambicioso, ganhando encomendas dos gringos e barões ladrões. Então Rivera diria: Olhe o seu amigo Stálin se quer ver um ladrão máximo, e geralmente era nesse momento que a *talavera* corria perigo.

Na verdade, esses dois só disputam uma coisa: Quem é o melhor pintor, Siqueiros ou Rivera?

19 de agosto

A *señora* no hospital a semana toda; parece muito sério. Eles a transferiram para o Inglês. É um longo caminho para levar seu almoço. Na volta, hoje, levamos comida para o Pintor no Palácio Belas Artes, onde está retocando aquele mural depois que instalaram alguns fios elétricos na parede de trás. É a recriação de um dos murais que assustaram as pessoas em Nova York. No último verão, os meninos da argamassa apostaram que o mural exibiria monstros com cabeças demoníacas, ou coisa pior. Vendo-o agora, é difícil imaginar que parte é assustadora. Nada de monstros. Talvez os trabalhadores brancos e negros lado a lado. Nos Estados Unidos eles usam banheiros separados. Mas o Pintor diz que não, que foi apenas o rosto de Lênin, líder da Revolução Russa.

Os garotos da equipe são todos diferentes dos meninos do verão passado, por isso ninguém ali hoje se lembrava do Pão Doce. Esse nome acabou. Às vezes o passado pode desaparecer.

25 de agosto

A *señora* Frida ainda está no hospital. A casa está ao mesmo tempo monótona e caótica, o lado azul dominado pelo macaco à espreita na escada, esperando pela volta da patroa. Ele fica num dos lados do corrimão, esfregando as *nalgas*. O Pintor, no seu lado da casa, está fazendo aproximadamente a mesma coisa. Ela é o centro de tudo.

29 de agosto

O Pintor está trabalhando feito um louco em seu estúdio. Candelária se recusa a levar-lhe a comida e a limpar seu estúdio enquanto ele estiver lá, por razões que não revela. Um motivo aceitável seria: é como se um cão gigantesco, depois de um almoço reforçado de comida, meias, tintas, calças e lápis, entrasse naquele lugar e vomitasse por todos os lados.

Não é fácil limpar com ele por perto. O homem ocupa muito espaço. Ele parece estar pintando paisagens. Ao contrário de sua esposa, ele não pergunta a opinião de um empregado sobre seu trabalho. Ele interroga. Ontem:

— Há quanto tempo você está nesta casa?

— O dia todo, *señor*. Minha cama fica na garagem, que divido com César.

— Eu sei disso. E você fazia parte do pessoal da argamassa. Pão Doce, eles o chamavam. Estou perguntando há quanto tempo está conosco aqui em San Angel.

— Vivo aqui desde outubro passado, senhor. Antes disso, duas vezes no verão quando o senhor deu aquelas festas e precisava de um cozinheiro a mais. O senhor me contratou em tempo integral depois que a moça pediu demissão. Olunda me recomendou. Provavelmente ela se arrepende disso agora.

— Por quê?

Uma pausa.

— A modéstia deveria me impedir de dizer, mas meu pão é melhor do que o dela. Além disso, Olunda vê a vida em geral como uma série de arrependimentos.

— Entendo o que diz. Basta por ora.

Mas hoje ele começou um segundo interrogatório, ainda mais brusco. Começando com:

— Seu nome é Shepherd e você é estrangeiro, não é?

— Só semiestrangeiro, senhor. Mãe mexicana, pai gringo.

— Ele vive nos Estados Unidos? Fazendo o quê?

— Fiscalizando o dinheiro num departamento do governo. Construção e reparos de estradas.

— Entendo. E você é digno de confiança?

— É uma pergunta difícil, senhor. Dizer “sim” pode servir para as duas hipóteses.

Ele pareceu gostar da resposta, dando uma risadinha.

— Semiamericano não significa semileal, *señor* Rivera. Sua casa é generosa e inspiradora. Um trabalhador não pede muito mais do que isso.

— Mas os trabalhadores pedem, o tempo todo. Sei que você é um escritor.

— De onde tirou essa ideia, *señor*?

— Uma pessoa. Chamada César.

— Ele disse isso?

— Ele diz que você escreve todas as noites. Está escrevendo relatórios da gente para alguém?

César é um delator obstinado.

— Não é nada disso. Só um diário com besteiras da cozinha e anedotas. Aventuras românticas que se passam em outros tempos. Nada importante, para ser lido por ninguém.

— César diz que você escreve em inglês. Por quê?

— Com todo respeito ao seu velho camarada motorista, como é que ele sabe que é inglês?

O Pintor ficou pensando.

— Não é para ser lido por ninguém, nem pelo César — disse ele.

— Acho que o senhor entende a necessidade de privacidade.

Seu rosto de sapo-rã se ampliou incontrolavelmente.

— Você está falando com um homem que estampa a própria alma nas paredes dos prédios públicos. Como eu poderia entender?

— Bem, não poderia, senhor. Mas pense em como a sua esposa vê a obra dela, algo que faz para si mesma. É parecido com isso. Mas claro que não são arte, esses caderninhos, não há comparação. O que ela faz é muito bom.

— Não se assuste, não vou demiti-lo. Mas temos de começar a tomar cuidado com a segurança. Não podemos ter um espião entre nós.

— Claro que não.

Uma longa pausa. Obviamente é importante não perguntar por quê. Será que ele quer mais certeza, algo pessoal?

— Quanto ao inglês, senhor, é um hábito da escola. Eles nos ensinavam a usar máquinas de escrever, o que era bem útil, tenho de admitir. Mas elas não tinham caracteres espanhóis. Por isso a história começou em inglês e continua em inglês.

— Você sabe usar máquina de escrever? — ele parecia um bocado surpreso.

— Sim, *señor*. Quando a questão dos caracteres em espanhol surgiu, o oficial na escola disse que não havia máquinas de escrever em nenhum lugar com caracteres além daqueles exigidos pelo inglês. Mas não é verdade. A máquina que o senhor às vezes deixa na sala de jantar tem.

— Aqueles gringos. Que xenófobos.

— Esse era o problema na escola. Não se pode escrever a história sem acentos e sem o *ene*. Começa com *señor* Villaseñor numa banheira, refletindo sobre seus anos de vida, mas fica algo como “*en el baño, reflexionando en las experiencias de sus años*”.

O Pintor riu, pintando uma faixa azul na enorme barriga. Olunda amaldiçoará aquelas calças. O sapão tem uma risada maravilhosa. Deve ser isso o que aquelas mulheres admiram nele, além do maço de dinheiro. Não seu rosto, com certeza. E sim sua alegria, o modo como se entrega completamente. Como ele mesmo disse, uma alma estampada nas paredes.

O suspeito foi, então, solto, levando consigo uma pilha de pratos sujos tirados da sala de interrogatório. Se César pode ler seu nome aqui, ele que se preocupe. Ele que fique o dia todo no banho com *señor* Villaseñor, refletindo sobre as experiências de seus anos.

3 de setembro

A *señora* Frida voltou do hospital, mas não está bem. Patrão e patroa estão em casa agora, exigindo atenção dia e noite. Candelária, obrigada a escolher entre o diabo e o dragão, escolheu aquele que precisa pentear os cabelos. O que foi bom, porque o outro demônio precisa de um datilógrafo. O Partido Comunista o expulsou por causa de uma discussão eterna sobre quem é melhor, Stálin ou Stótski ou Pótski ou coisa assim. Os outros comunistas não virão para o jantar nem datilografarão para ele. E a patroa

parece furiosa com ele por causa de algum assunto particular. Olunda tem várias teorias. Coitado do sapo-rã Diego, perdendo as pessoas com mais rapidez do que é capaz de pintá-las na parede.

14 de setembro

Hoje o General Caminho Errado se perdeu no caminho para a casa em Coyoacán onde viveu durante quarenta e um anos. O serviço era o de sempre, levar comida para o *señor* Kahlo. Quando César começou a guiar para Guillermo Kahlo pela cidade para que ele a fotografasse, foi numa carruagem. Não havia um só carro em toda a Cidade do México, diz ele, e aquela época é que era boa. É verdade que os cavalos têm certas vantagens: isto é, sabem o caminho de casa.

Sempre é estranho voltar à casa da Rua Allende, para onde a *señora* Frida ia ao sair do mercado Melchor naquele aniversário há tanto tempo, uma estranha, com um menino tímido carregando seus sacos porque Todo Homem Tem o Direito de Ganhar Dinheiro com Seu Trabalho. E no pátio interno, o Pintor se sentava sob as árvores lendo seus jornais, esperando para ser encontrado, tudo por acaso. Como era estranho que um menino pudesse ganhar dinheiro com seu trabalho, sair pelo mundo e de algum modo voltar para a casa onde tudo começou.

1º de outubro

Dia cansativo. Ser o datilógrafo do Pintor é mais difícil do que preparar sua argamassa. O pior não é datilografar, e sim suas perguntas. Ele diz que inteligência num empregado nem sempre é uma coisa boa. Candelária, por exemplo, podia arrumar todos os papéis em sua mesa e sair sem ter a menor ideia do que está escrito lá, não mais do que Fulang Chang, o macaco. E o patrão não tem Fulang Chang completamente acima de qualquer suspeita. Só a analfabeta de olhos grandes, Candelária.

— E quanto a você? — atacou. — O que está vendo agora, enquanto datilografa essas faturas?

— Nada, *señor* Rivera.

— Nada? Incluindo o cabeçalho oficial do presidente da República? Não notou a carta de Cárdenas?

— *Señor*, tenho de admitir que ela me chamou a atenção. Os selos são incríveis. Mas o senhor é uma pessoa importante. Encomendas do governo não são algo excepcional. Não me importei muito para ler a carta, essa é a verdade. Não me interesso por política.

Ele fechou o jornal, tirou os óculos de cima do nariz e ficou olhando do outro lado da sala, de uma poltrona onde gostava de se sentar enquanto lia e ditava.

— Não se interessa?

— *Señor* Rivera, o senhor luta pelas pessoas, todo mundo pode ver que isso é bom. Mas os líderes são sempre iguais, não importa o que prometam. No fim, deixarão os pobres à míngua.

— Um cínico! Uma raridade no México revolucionário. Pelo menos na sua faixa etária.

— Não frequentei a universidade. Talvez isso tenha me ajudado a manter minha posição.

— Um jovem sério. Você não permite exceções?

— Não vejo muitas exceções. Leio um pouco dos jornais. Que eu pego do seu estúdio depois que terminou de lê-los, *señor*. Confesso.

— Aqui, pegue este também, não tem nada além de lixo — e o dobrou, jogando-o sobre a mesa. — Já ouviu falar de um homem chamado Trótski?

— Não, senhor. É polonês?

— Russo. Há uma carta dele aí também. Na mesma pilha da do presidente.

— Essa eu não vi, *señor* Rivera. Juro.

— Não o estou acusando. O que quero dizer é que você está enganado, não existe idealismo. Já ouviu falar da Revolução Russa ao menos?

— Sim, senhor. Lênin. Ele lhe causou problemas com os gringos naquele seu mural.

— Esse mesmo. Líder dos bolcheviques. Expulsou os monarcas, juntamente com todos os sanguessugas ricos que exploravam os operários e camponeses. Pôs os operários e camponeses no poder. O que você diz disso?

— Com todo o respeito, *señor*, eu diria: quanto tempo durou?

— Por toda a revolução e mais sete anos. Ele fez o que era o melhor para o seu povo, até morrer. Vivendo num apartamentinho frio em Moscou.

— É admirável, *señor*. E depois foi assassinado?

— Morreu após um derrame. Com dois homens apontados para sucedê-lo: um com escrúpulos e o outro com astúcia. Acho que dirá que é previsível que o astuto tenha tomado o poder.

— Tomou?

— Tomou. Stálin. Um burocrata louco por poder e egoísta, tudo o que parece ser necessário num líder popular.

— Desculpe, senhor. Não que eu queira estar certo sobre isso.

— E eu lhe digo que não está. O outro, aquele com escrúpulos, poderia muito bem estar no controle agora. Era o braço direito de Lênin, seu melhor amigo. Eleito presidente pelo congresso soviético, um populista, certamente o sucederia. Totalmente diferente de Stálin, um apaixonado pela burocracia do partido. Como é possível que as pessoas não tenham sido capazes de apoiar um populista em vez de um burocrata?

— E ainda assim elas não foram capazes?

— Só por causa de um acidente da história.

— Ah. O populista com escrúpulos foi assassinado.

— Não, para a frustração de Stálin, ele continua vivo, no exílio. Escrevendo teoria estratégica, organizando o apoio a uma República Popular democrática. E evitando o exército de assassinos de Stálin, que rastejam por todo o planeta agora mesmo à procura dele.

— É uma boa história, *señor*. Estritamente do ponto de vista do enredo. Se me permite perguntar, qual foi o acidente da história?

— Você poderá perguntar pessoalmente a ele. Ele estará aqui dentro de alguns meses.

— Aqui?

— Aqui. É o Trótski que mencionei, a carta aí na mesa, sob a correspondência de Cárdenas. Pedi ao presidente para lhe dar asilo político sob minha custódia.

Então. Por conta disso, todas as perguntas e o mistério. O Pintor ficou rindo nervoso, os cabelos como uma auréola indomável ao

redor da cabeça, ou talvez como os chifres do demônio. Seu sorriso reforçava as gordas bochechas.

— Bem, meu jovem amigo. Continua sem nenhum interesse?

— *Señor*, confesso que mantenho essa posição com muita dificuldade.

8 de outubro

Às vezes, quando o Pintor está lendo as páginas datilografadas do dia, há tempo para olhar os livros em sua biblioteca. Toda a parede de estantes. Na parte de baixo estão as caixas de madeira de Frida, onde ela arquiva os papéis da casa. Identificou cada volume com um desenho na lombada: uma mulher nua, para as cartas pessoais de Diego. O Olho do Diabo, para as cartas dela. O livro contábil tem apenas o desenho de uma cédula de dólar.

O restante dos livros, toda uma parede sobre tudo: teoria política, teoria matemática, arte europeia, hinduísmo. Uma estante de parede a parede é dedicada aos povos antigos do México: arqueologia, mitologia. Jornais científicos sobre antiguidades, o que parece entediante. Mas outros são fascinantes. O Pintor tirou um livro da estante para mostrá-lo: um códice. Criado há cem anos por monges que trabalhavam para produzir réplicas exatas dos antigos livros que os povos mexicanos escreveram em papel grosso, feito com casca de árvores. Eles não tinham exatamente páginas, e sim um enorme painel dobrável, como um acordeão. A linguagem dos antigos é cheia de imagens, figuras pequenas. Aqui, um homem cortado ao meio. Ali, homens de pé num barco, remando.

Ele disse que esse era o Codex Boturini, sobre as peregrinações dos astecas. A conselho dos deuses, eles deixaram Aztlán em busca de um novo lar e levaram duzentos e catorze anos para encontrá-lo. A enorme folha era dividida em duzentos e catorze quadrinhos, cada qual registrando a principal coisa que aconteceu naquele ano. Em geral, nada de bom. Uma cabeça numa grelha sobre o fogo! Um homem com os olhos caindo! Mas a maioria dos anos mostrava a simples busca pelo lar. Qualquer pessoa podia sentir a angústia do livro — que desejo é mais intenso? Pictografias de pessoas cansadas caminhando, carregando bebês ou armas.

Pequenas pegadas de tinta se prolongando por toda a extensão do livro, as pistas tristes e negras do sofrimento. Quando completamente aberto, o códice cobria quase toda a extensão do estúdio. Isso é o máximo que se pode andar à procura de um lar.

2 de novembro

Dia dos Mortos. A *señora* espalhou altares por toda a casa para lembrar seus mortos queridos: os antigos e as crianças abortadas.

— Quem são seus mortos, Insólito? — ela continua perguntando.

Eles exigem que eu suspenda todos os escritos, que deixe este caderno de lado. César garantirá o cumprimento da ordem. Puseram a armadilha e atacaram no estúdio do Pintor, na hora do almoço, marido e mulher no mesmo cômodo, pela primeira vez com um objetivo em comum. *Por segurança. Acabaram os seus textinhos. Prometemos tomar medidas extraordinárias para o Visitante, você não pode imaginar como ele está amedrontado.* Demônio e dragão no mesmo covil, o Pintor sentado à mesa e ela andando de um lado para o outro com as saias esvoaçantes sobre as tábuas amareladas, uma tempestadezinha. *Nem mesmo uma lista de mercado.* Dizem que César está ficando nervoso, convencido de que dorme no mesmo quarto de um agente da GPU.

— Pobre e velho General Caminho Errado, eu sei que ele está confuso — disse ela. A mesma mulher que disse tantas vezes: *Sóli, parar de pintar seria como estar morta.* Ela entende o que está pedindo. Para parar de escrever e morrer.

— É por segurança — ele acrescentou. Um homem que joga tinta no rosto da segurança.

Onde estão seus mortos, Sóli? Aqui, e o demônio o pegou, um caderno para o altar dos mortos nesta casa solitária. Morto e sem a companhia das palavras.

Informe de Coyoacán

Este registro de eventos será submetido à *señora* Frida para análises semanais ou sempre que ela exigir, por segurança. De acordo com suas instruções de autorização, ele não deve conter opiniões, confissões ou ficções. O objetivo é “registrar para a posteridade as coisas importantes que acontecem”. A solidariedade da *señora* em relação ao registro dos eventos é notada com gratidão — HWS, 4 de janeiro de 1937.

9 de janeiro: Chegada do Visitante

O petroleiro *Ruth* chegou de Oslo ao raiar do dia para deixar seus passageiros nas docas de Tampico. O grupo que desembarcava foi trazido do navio por uma lancha, sob a vigilância de guardas noruegueses, e recebido em solo mexicano pelas seguintes pessoas: sra. Frida, sr. Novack (americano) e general Beltrán, representante do governo do México. Diego R. está hospitalizado com uma infecção nos rins. O Visitante e o grupo foram levados no trem oficial até a capital do país.

11 de janeiro: Chegada dos Visitantes na Casa de Coyoacán

Aqui ele será chamado de “Lev Davidovich”. Sua esposa, “Natalya”. Por causa do perigo de ser assassinado, uma festa de boas-vindas foi realizada na casa de San Angel para distrair a atenção, enquanto Lev e Natalya foram secretamente trazidos aqui para Coyoacán. O secretário de vários anos do casal deve chegar aqui na semana seguinte. Ele não viajou junto, e sim por Nova York.

12 de janeiro

Os visitantes estão acomodados na casa, a antiga sala de jantar servindo como quarto, sendo que o estúdio de Lev fica no quatinho

ao lado. Lev de extremo bom humor, apesar dos anos de viagens fugindo de Stálin e dos recentes vinte e um dias no mar. Ele atravessa as portas de vidro do seu estúdio, entra no ensolarado pátio e se espreguiça, flexionando os braços: um homem compacto e musculoso, um verdadeiro camponês russo para liderar uma revolução de camponeses. Parece feito para uma vida de trabalho, e não de confinamento. Quando está trabalhando em sua mesa, as mãos enormes agarram a caneta como se fosse o cabo de uma enxada. Quando sorri, os olhos brilham e o rosto afunda por cima da barba branca curta. A alegria parece ser seu estado natural. Será que um homem se torna revolucionário por conta das crenças que tem o direito de defender, e não por submissão? Esse homem surpreendente levanta os olhos para o brilhante céu mexicano, dizendo que, com apenas um país no planeta disposto a recebê-lo agora, está feliz que seja o México.

Ele poderia sair dessa casa para um passeio, se quisesse, ainda que no caminho tivesse de ser protegido. Na Noruega eles ficaram dentro de casa, em prisão domiciliar, desde setembro, contou Natalya. Stálin ameaçou impor sanções contra a Noruega, a não ser que o governo rescindisse seu asilo. E podemos estar certos de que Stálin já sabe que ele está aqui.

14 de janeiro

Chegada do secretário: chamado neste registro de “Van”. Alto, loiro e de ombros largos como um jogador de futebol, foi bom que ele tenha viajado separadamente. Um d’Artagnan como esse cara não poderia andar pela rua sem chamar a atenção, como a *señora* em breve verá por si mesma.

O estúdio e a cama de Lev são a parte mais segura da casa e formam uma ala interna que se projeta para o pátio. Boa luminosidade das portas que dão para o pátio e uma magnólia. Van está muito ocupado hoje, tirando livros das malas.

16 de janeiro

A sra. Frida ficará chocada ao ver a casa de sua infância transformada. Foi uma boa ideia transferir seu pai para San Angel,

todas as coisas do sr. Guillermo estão lá. As paredes externas foram pintadas de azul-escuro, como pedido, portanto agora é a Casa Azul que ela queria. Na verdade, uma Fortaleza Azul. A parede do pátio foi aumentada em sete metros e os pedreiros estão transportando os andaimes agora para começar a fechar as janelas com tijolos. Os homens concordam que essas medidas de segurança são necessárias. Das portas altas de madeira da Rua Londres, os visitantes agora entram por um vestíbulo protegido para o jardim interno.

O pátio ainda é a selva que era antes; os pedreiros não destruíram completamente as flores. A casa continua com a forma em U, com a enorme sala na parte da frente, que dá para a Rua Londres (lareira e janelas com vitrais intactas), sendo usada para o jantar e para as reuniões políticas. O quarto e o estúdio de Lev compõem a outra ala. Os cômodos enfileirados nos fundos que conectam as duas alas principais servirão para abrigar as outras pessoas: Perpétua, as empregadas Belém e Carmen Alba, o secretário Van, o cozinheiro HS e os guarda-costas Octávio e Félix. As janelas desses quatinhos dão para fora, para a Rua Allende, portanto todos estão cercados pelos pedreiros, o que faz deles armários escuros. Um guarda está de vigilância na Londres o tempo todo. O sr. Diego agora está se sentindo tão bem que trouxe para cá sua metralhadora Thompson.

A cozinha era bem iluminada e ventilada, estendendo-se para fora do mesmo jeito que faz no lado da Rua Allende para alcançar até os fundos do jardim interno. Os pedreiros concordaram em deixar as janelas abertas para ventilar os fornos a lenha, depois de uma briga ríspida com Perpétua, que chamou a atenção para as *cocineras ahumadas*, as meninas da cozinha que pareciam presuntos defumados. Perpétua está confusa e irritada com as mudanças e se demitiu de sua nova posição como assistente do cozinheiro, HS, que promete fazer o seu melhor nessa tarefa. Essa cozinha é uma maravilha, com seus extravagantes azulejos azuis e amarelos, os fornos a lenha, compridos como um divã, e a bela vista das enormes mesas de madeira para enrolar a massa. Será um prazer preparar as refeições diárias dos visitantes e qualquer banquete necessário para as reuniões noturnas.

Instruções da casa aqui anotadas: nenhuma comida de fonte desconhecida será servida, em hipótese alguma. Nenhuma pessoa desconhecida entrará na casa. HS deve ajudar o Visitante com a datilografia de sua correspondência (recomendação de Diego R.) e manter por escrito este registro dos acontecimentos (a pedido da sra. Frida). O primeiro registro de Coyoacán está aqui completo no que se refere à semana de 9 a 16 de janeiro, e está disponível para avaliação.

19 de janeiro

A casa de Coyoacán está se mostrando uma bela acomodação. Casas velhas são sábias. Apesar da parte externa toda fechada por tijolos, os quartos principais são agradavelmente iluminados pelo pátio interno. A selva criada pelas paredes altas azuis é um mundo confortável para os visitantes que não têm muita liberdade para passear por nenhum outro lugar. Perpétua está cuidando dos lírios e da figueira; continua a ser um mundo alegre, sem nenhuma semelhança com uma prisão. Ela disse que Guillermo construiu esta casa para sua família há mais de trinta anos, e ao longo de todos eles nunca precisou ser virada de cabeça para baixo, até agora. (Seu ressentimento em relação à bagunça atual é compreensível.) As espessas paredes de alvenaria mantêm a temperatura agradável o dia inteiro. Os contrastes entre esta casa e a casa moderna construída pelos Rivera em San Angel são muitos, principalmente nas cozinhas. Mas quanto a isso não se opinará aqui.

A opção do azul para as paredes, uma escolha da sra. Frida, tem aprovação de todos aqui.

Nota sobre o preparo das refeições: os visitantes preferem chá a café. Outra incrível predileção é por pão sem açúcar cortado em fatias, torrado no forno até estar duro, parecendo velho. Fora isso, em geral, eles são receptivos a qualquer comida normal. Natalya deixou claro seu desinteresse por peixe em conserva, depois de passar o longo inverno norueguês quase não comendo outra coisa. Eles pediram purê de nabo e outros legumes desconhecidos por aqui, entre eles um, chamado por Van de “couve-de-bruxelas”. Amanhã Perpétua será levada até a cidade para procurá-los, já que

o mercado Melchor aqui não tem nem chá nem nabo. Mas eles estão se adaptando bem às comidas comuns: panquecas doces, goiaba assada e creme fermentado, tudo com muito molho. Esta manhã eles comeram enchiladas com ovos e chá.

Nos dias em que não há refeições especiais programadas, todas as pessoas se põem a ajudar Lev a desempacotar e arrumar seu estúdio. Ele é curioso quanto ao México: a altitude das montanhas, a população das cidades, a história e assim por diante. Perpétua, em sua viagem à cidade, deve pegar o *Atlas geográfico* de propriedade de HS no apartamento da mãe dele. Está desatualizado, mas deve servir por ora; o pico de Orizaba não mudou de altura na última década.

Lev se comunica com a ajuda do seu secretário, Van, já que o espanhol e o inglês de Lev são rudimentares, e o inteligente Van parece falar todas as línguas possíveis: francês, norueguês, russo. Ele diz que o francês e o alemão são suas línguas nativas. Insiste em mover as caixas mais pesadas, dizendo que não é necessária nenhuma ajuda extra no escritório de Lev. Não se pode discordar; Van é alto e forte como um touro. (Ainda que mais bonito.) Às vezes reclama em inglês quanto ao “datilógrafo nativo”, aparentemente sem perceber que HS também tem duas línguas nativas. Mas Lev gosta de ter uma pessoa a mais para ajudá-lo. Em resumo, Van tem o hábito de proteger seu chefe de estranhos, o que é natural. Ele se tornou assistente de Lev primeiro na França, onde viveram de 1933 a 1935. Isso foi antes da Noruega. Antes disso, Lev e Natalya estavam escondidos em Istambul e, antes disso, no Cazaquistão. Lev Davidovich tem vivido no exílio, sob ameaça de morte, desde 1927.

— Sou um homem num mundo muito grande — disse hoje calmamente —, com um lugar muito pequeno para ficar.

O México tem um tamanho bem razoável, senhor. O senhor verá.
Van disse:

— Ele está falando metaforicamente. Ele quer dizer que vive num planeta sem um passaporte.

21 de janeiro

Uma mensagem telegrafada veio esta manhã, entregue por Diego, que trazia seu coldre e arma. A mensagem estava codificada. Lev passou várias horas em seu estúdio decifrando-a, rejeitando a oferta de ajuda de Van, com Natalya o tempo todo andando entre o estúdio e a cozinha, estalando os dedos e fazendo com que Perpétua queimasse o leite. A mensagem diz respeito a seu filho em Paris. Van diz que existem dois filhos; o mais jovem foi levado para um campo de prisioneiros há três anos e é quase certeza que está morto. Duas filhas também estão mortas.

Lev não está muito certo da mensagem, exceto por uma parte importante: o telegrama é definitivamente de Lyova, portanto ele está vivo. Eles têm um código para sua identidade que não é conhecido por mais ninguém no mundo, nem mesmo por Natalya. Lev especula que os assassinos da GPU na França tentaram matar Lyova, e podemos esperar que os jornais o darão como morto. Para evitar qualquer dissabor, ele quis que seus pais soubessem que está vivo, escondido. Eles não parecem muito tranquilos. Se seu filho conseguiu escapar dessa vez, Natalya pergunta, o que acontecerá da próxima? Lev se enraivece, dizendo que seus filhos não fizeram nada para merecer uma pena de morte de Stálin. O mais jovem, Sergei, só se importava com livros, esportes e garotas, mas acabou num campo de concentração.

— E agora Lyova. Seu crime é ser filho de seu pai. Quem pode mudar a situação que o trouxe a este mundo?

23 de janeiro

Diego chegou mais cedo, irritado, com um monte de jornais que recebeu por remessa especial. Dois noticiam a morte de Lyova, como previsto, mas eles sabem que a notícia é falsa. Mas há notícias ainda piores: manchetes declarando L. D. Trótski culpado de crimes contra a União Soviética. Seu julgamento em Moscou durou semanas, e ele foi acusado à revelia. Van diz que Lev pediu para ir ao julgamento e enfrentá-lo, para ter a oportunidade de se defender, mas Stálin não quis revogar a ordem de exílio. O objetivo do julgamento é amedrontar qualquer pessoa que tenha falado mal de Stálin. Alguns dos amigos de Lev também foram declarados

culpados: homens chamados Radek, Piatakov e Muralov, todos agora presos em Moscou.

As acusações são estranhas: provocar o descarrilamento de trens, colaborar com Rudolf Hess e os nazistas, atuar como agentes do imperador do Japão, roubar pães. Tentativa de assassinar Stálin, envenenando seus sapatos e seu gel de cabelo.

Stálin usa gel no cabelo?

— Cuidado, cara — disse Lev. — Basta o conhecimento para colocá-lo diante de um pelotão de fuzilamento.

A pena pelas acusações contra Lev é a morte. Mesmo assim ele parece de bom humor, apesar de os jornais da França e dos Estados Unidos o chamarem de vilão, e os mexicanos o chamarem de “um vilão no meio de nós”. Os editoriais se perguntam por que ele traiu seus princípios. Esses jornalistas nunca se encontraram com Lev, por mais que se sintam seguros para discutir suas emoções íntimas e suas motivações! Eles acreditam que as traições foram mesmo cometidas. Eles nem mesmo se perguntam como um homem é capaz de descarrilar tantos trens russos depois de ter sido colocado num navio cargueiro rumo à ilha Prinkipo.

Os regimes de exceção são mantidos com firmeza, já que as notícias deixam claro que Stálin pretende mandar matar Lev. O vigilante na rua muda a toda hora. Lorenzo organiza treinamentos militares durante os quais Lev e Natalya têm de ser escondidos rapidamente. Quando Diego chega de carro, Lev tem de ir para um dos quartos antes que os portões se abram para deixar o carro entrar. Pode haver atiradores na Rua Allende esperando por uma linha de tiro dentro do pátio. E se qualquer desconhecido chega à porta, até mesmo um menino do mercado entregando ovos e farinha, o invasor é revistado, tiram-lhe o cinto e os sapatos, e ele tem de abrir todos os pacotes, para inspeção. A GPU certamente vai atacar e ninguém sabe como. (Se bem que entrar na casa disfarçado de menino de entrega parece improvável.)

Lev diz que é um revolucionário desde os 17 anos, com a força o aguardando em algum lugar por quarenta anos. Seus amigos saberão que essas novas acusações contra eles são inventadas.

— E meus inimigos também. Quais desses jornais escreveu algo de novo?

Ele joga os jornais para o lado e chama Natalya para que ela se sente no seu colo. Ela o obedece, mas torcendo a boca, como cachorrinhos que têm pelos sobre os olhos e o focinho achatado. Lev tira os óculos de aros arredondados e canta para ela em russo. Ele pede para ouvir algumas músicas da revolução mexicana. O incrível é que Perpétua sabe várias delas. Para uma cozinheira tão velha, sua voz é firme.

24 de janeiro

Lev e Natalya saíram para um passeio no mercado Melchor, a primeira incursão deles para fora da casa desde a chegada. Entre vários guarda-costas e a metralhadora de Diego, o vilarejo de Coyoacán deve ter se divertido com a agitação. Mas o chamado Vilão no Meio de Nós pretende andar de cabeça erguida no mundo, sem vergonha.

Com Lev e Natalya lá fora, passeando protegidos por todos os guardas, a casa está quieta. A tarde passou devagar, ajudando Van a arquivar caixas de cartas e escritos de Lev. É difícil acreditar que toda aquela avalanche de palavras veio de um só homem — o “Comissário”, como Van o chama. Ele trabalha todos os dias como se o calendário na sua mesa estivesse na última página, o que bem poderia ser verdade. Hoje, enquanto Lev estava fora, Van aproveitou a oportunidade para fazer várias perguntas, nem todas amigáveis. Local de nascimento, educação e assim por diante.

Ele revelou alguns fatos de sua vida: uma infância difícil, a mãe francesa perdendo a cidadania por se casar com um marido holandês que morreu logo depois de seu nascimento. Ele tem uma queda pelo que chama de alcaçuz holandês. Parecem contas de vidro pretas, numa embalagem guardada, com certa ansiedade, na gaveta da escrivaninha, já que ele tem certeza de que não poderá comprá-los no México.

Aqui estão dois meninos sem pai, então, desejosos de se tornarem qualquer coisa para Lev, com seus dois filhos tão distantes dele, e um homem tão bondoso. Lev já se lembra de qual assistente coloca açúcar em seu chá. Ele manda que todos façam alongamentos para que não tenham dores nas costas enquanto

datilografam o que ele demorou a noite toda para escrever. Mas Van sempre será o filho predileto, claro. Ele trabalha para Lev há muito tempo.

Van ficou surpreso ao saber que o “datilógrafo nativo” também tem origem híbrida, meio gringo. Ele começou a falar inglês depois disso. Seu espanhol é muito ruim. Ele precisa de ajuda para interpretar as reuniões políticas, principalmente quando a conversa flui pela mesa como um bando de corvos. Noite passada ele mudou do russo para o inglês (com o sr. Novack), depois para o espanhol (com os colegas dos Rivera), depois de volta ao russo, com um pouco de francês introduzido apenas por vaidade, parece. Desculpe por esta opinião, se é que é uma, mas como a sra. Frida insiste em dizer, ninguém naquela reunião precisava de francês.

Todos os papéis arquivados hoje são cartas dos últimos quatro anos, a maior parte em francês, mas algumas em russo, páginas com caracteres naquele estranho alfabeto, enfileirados como homenzinhos fazendo exercícios. Então não é verdade que as máquinas de escrever se restringem aos caracteres da língua inglesa. Van perdeu a compostura e sorriu ao ouvir a história do Oficial Gringo e as máquinas de escrever da Academia Potomac. Ele entende espanhol o suficiente para rir da piada sobre o *señor Villanueva* e seus *anos* no *bano*. Ou fingiu. Ele parece temer perder sua posição como único intérprete do comissário.

Com desculpas aqui à sra. Frida, porque o último parágrafo sem dúvida contém ao menos uma opinião. Mas não é ficção. O segundo informe semanal das atividades na casa de Coyoacán é, pois, submetido à sua avaliação.

30 de janeiro

Um telegrama chegou de Paris: Radek, Piatakov e Muralov foram executados em Moscou. O humor de Lev ficou abalado — mais porque seus amigos estão mortos —, mas ele permanece concentrado no trabalho. O que os jornais dizem sobre Lev é chocante, acusações cada vez mais absurdas todos os dias. Lev disse que, quando os ânimos do público estão exaltados, o talento

mais impressionante do ser humano é sua capacidade de mentir. Van disse:

— É bom ouvir sua indignação, comissário.

Mas Lev afirma que não está nada indignado. Ele está segurando um jornal russo com os dedos tão sujos de tinta que poderia se passar por uma máquina impressora.

— Estou falando como um naturalista, atendo-me aos fatos. O desejo de mentir é consequência das contradições de nossa vida. Somos obrigados a declarar amor ao nosso país, por mais que isso acabe com nossos direitos e com nossa dignidade.

— Mas os jornais têm um dever para com a verdade — disse Van.

Lev estalou a língua.

— Eles só dizem a verdade como exceção. Zola escreveu que a hipocrisia da imprensa podia ser dividida em duas categorias: a imprensa amarela mente todos os dias, sem hesitar. Mas outras, como o *Times*, falam a verdade em todas as ocasiões desimportantes, para que possam enganar o público com a devida autoridade quando se torna necessário mentir.

Van se levantou da cadeira para pegar os jornais descartados. Lev tirou os óculos e esfregou os olhos.

— Não quero ofender os jornalistas; eles não são diferentes das outras pessoas. São apenas megafones de outras pessoas.

— É verdade, senhor. Os jornais são como os uivadores da Isla Pixol.

Lev pareceu interessado na comparação e mudou do inglês para o espanhol.

— O que são esses uivadores? — perguntou.

— Uma espécie de macaco, muito assustador. Eles uivam todas as manhãs: primeiro um começa, depois o vizinho ouve e começa seu próprio uivo, como se não pudesse evitar. Em pouco tempo toda a floresta está uivando, alto como um trovão. É da natureza deles, provavelmente eles têm de fazer isso, para garantir seu lugar na floresta. Para dizer aos outros que ninguém é melhor do que eles.

— Você também é um naturalista — disse Lev. E deu de ombros, mas estava determinado a continuar a conversa em espanhol. Van saiu do escritório.

— Onde ficam essas criaturas?

— Na Isla Pixol. É uma ilha costeira, ao sul de Veracruz.

— Macacos não nadam. Como eles ficaram tão isolados?

En isla, disse ele. Provavelmente queria dizer *en una isla*, numa ilha.

— Ela nem sempre foi uma ilha, um istmo rochoso a ligava ao continente, mas eles o destruíram para criar um canal de navegação. Foi durante o governo de Maximiliano, eu acho. Os macacos que foram para lá não puderam voltar.

22 de fevereiro

O jacarandá no jardim floresceu. Sua cor lilás não pode ser ignorada, é como se a árvore cantasse. O passeio pela Rua Londres até o mercado é um concerto: o pequeno jacarandá na esquina dá a nota de afinação e depois todos os outros na rua se juntam a ele. Até Perpétua tem um brilho nos olhos, apoiando a mão no bumbum velho e reto enquanto tira os pepinos do cesto do mercado, um a um.

Do estúdio de Lev, a vista da janela é uma muralha esplendorosa de lilás. Van se senta lá para registrar o ditado do Ediphone, com seu rosto anguloso contra a janela, como Poseidon num mar lilás. Ou algum deus teutônico que faz com que tudo o que toque, inclusive o próprio ar, se queime em chamas lilases. Não é invenção ou opinião dizer que ele é de tirar o fôlego. Perpétua não é a única na casa pensando em pepinos.

1º de março

Octávio prendeu um homem com uma pistola na rua. Depois que todos os jornais informaram que o vilão está morando em Coyoacán, esses homens apareceram. Até agora são apenas cidadãos desesperados, dizendo proteger suas esposas. Lev teme homens mais sofisticados, operários do Partido Comunista trabalhando sob ordens da GPU de Stálin. Mas uma bala de um soldado descalço não é menos mortal do que a de um soldado bem pago. Lorenzo dorme na sala de jantar agora. Aquelas lindas janelas terão de ser fechadas com tijolos. Os pedreiros fizeram uma enorme

bagunça, e Van teve de se mudar para a dispensa minúscula com H, um lugar pequeno demais para dois. Ainda que tenha deixado suas várias jaquetas de sarja num baú no outro quarto.

A semana está muito quente para o início da primavera. E essa semana os empregados da casa estão proibidos de ir até a parte da frente porque os oficiais do governo estão lá, negociando até tarde da noite. O calor neste cárcere sem janelas é insuportável. Van está apavorado por ter sido excluído das reuniões, mas Diego diz que o caso é sério. O presidente Cárdenas está sendo esperado aqui, para ajudar a organizar a Comissão de Sindicância para Lev.

Depois de preparar e servir o jantar, lavar, arrumar e varrer, nada mais restou aos empregados senão se sentar nas camas de seus quatinhos usando só a roupa de baixo, fumando cigarrilhas, contando histórias exageradas para passar o tempo. É como estar na escola. Van não inspira sentimentos fraternais. A Mãe diria que ele é áspero demais.

3 de março

Os guardas passam todas as noites longas juntos num único quatinho, respirando o mesmo ar carregado e bebendo a saliva um do outro num único copo de pulque. Jogando baralho por pesos, jogos entediantes. Esta noite, mais cedo, o de sempre: diga o que desejaria se pudesse realizar um único sonho e depois morrer no dia seguinte. Os meninos na escola brincavam disso, geralmente girando em torno de colocar as mãos num par de *tetas* famosas. Do seu posto de prestígio, Van acrescentou à lista: “Sucesso para a revolução do Comissário”. Ele estava na cama e todo mundo no chão, passando o maço de cigarros.

— Você, Shepherd. Diga o seu.

— Fazer algo belo, que as pessoas considerassem emocionante.

— *Pendejo*, você faz isso todos os dias, na cozinha.

— Quero dizer uma obra de arte que não estará na privada no dia seguinte. Uma história, algo assim.

— Como os murais do Rivera, conclamando os homens a se levantar e lutar! — disse Lorenzo. Bêbado ou não, leal à causa.

— Ou obras menores, como as pinturas que ela faz. Algumas pessoas a considerariam... queridas.

— *Querido*. Isso é tudo o que você quer, cão pastor!

— Nosso pastor — disse Van, inclinando-se para acariciar os cabelos desgrenhados como se fosse o seu cachorro. Diante dos outros homens. O cachorrinho acariciado.

10 de março

Um telegrama do sr. Novack, agora de volta a Nova York: ele convenceu o professor John Dewey a presidir a Comissão de Sindicância. Alguns jornalistas americanos acompanharão a história até o México. Diego e Lev estão extremamente felizes, já que isso dará a Lev a oportunidade de responder às acusações de Stálin, para que o mundo o ouça.

Observação: a sra. Frida, depois de avaliar o informe da semana passada, repete o pedido para mantê-lo objetivo, especialmente no que diz respeito ao secretário Van.

6 de abril

O professor John Dewey, da Universidade de Colúmbia, chegou hoje, de trem, vindo de Nova York. Ele presidirá a Comissão de Sindicância sobre as Acusações Feitas contra Lev Davidovich Trótski nos julgamentos de Moscou. Ele e sete jornalistas morarão durante um mês no hotel de San Angel. A entrevista coletiva inicial será realizada lá, ressaltando o desejo de justiça do professor Dewey, que não quer ter contato com o réu antes dos interrogatórios.

A sindicância será realizada aqui, principalmente por conta das necessidades especiais quanto à segurança de Lev. O advogado de defesa de Lev, o sr. Goldman, de Chicago, chegará no trem de amanhã. Sacos de areia estão sendo colocados ao longo da Rua Londres para impedir a circulação pela vizinhança. Espera-se muita publicidade durante o julgamento. Os jornais da Cidade do México já estão circulando edições extras sobre o Vilão no Meio de Nós.

10 de abril: Primeira Sessão da Comissão Conjunta de Sindicância

O professor Dewey começou os trabalhos. Agradeceu ao governo mexicano por sua democracia política, disse que nenhum homem deveria ser condenado sem ter a chance de se defender.

— Tenho dedicado minha vida a esclarecer as mentes no interesse da sociedade. Aceito minhas responsabilidades nesta comissão por um único motivo: recusá-las seria contrariar o trabalho de toda uma vida.

A responsabilidade é investigar as acusações de sabotagem e incitação à revolta feitas por Stálin contra o réu.

O réu é Lev Davidovich Trótski, nascido em 1879. Lutou como anticzarista desde os 17 anos, liderou a Revolução Bolchevique, eleito presidente do Petrogrado Soviético em 1917. Autor do manifesto da Terceira Internacional em 1919. Expulso do Partido Comunista Soviético em 1927. Obrigado a se exilar no Cazaquistão na mesma época.

À mesa, com o réu, estão sua esposa, seu advogado e Van, que tem a função de produzir os documentos exigidos. Numa mesa perto, dois americanos e HS, que devem traduzir e registrar todas as perguntas feitas a Lev e suas respostas. Um homem chamado Glotzer (americano) é o repórter oficial da corte e conhece uma linguagem (resumida) que lhe permite escrever tudo muito rápido, mas só se ele entender as palavras. Assim, todo o julgamento será realizado em inglês, para o bem do repórter e, claro, do professor Dewey. Portanto, HS tem o dever de registrar e traduzir quaisquer perguntas ou respostas em espanhol.

Nenhuma hoje, apenas depoimentos. O interrogatório começa amanhã.

12 de abril

Uma pergunta em espanhol hoje, do sr. Pontón, da Sociedad de Naciones, traduzida como se segue:

— Senhor, para nossos correspondentes mexicanos, peço que o senhor se dê ao trabalho de responder: sua acusação insistente contra Stálin é a falta de democracia. Correto?

Lev respondeu:

— Correto. Foi criado um pelotão de partidários que entraram para o governo e renunciaram às suas próprias opiniões. Ou pelo menos a expressá-las abertamente. Todas as ordens em suas mesas vêm de cima. Eles se comportam como se a hierarquia já tivesse criado todas as opiniões e decisões do partido. Com base nessa hierarquia, todas as decisões que afetam o país se apresentam como uma ordem.

Quando Lev não está falando, ele coloca os pés sobre a mesa e inclina o encosto da cadeira. Hoje ele o inclinou tanto que parecia que a GPU talvez não tivesse de quebrar a cabeça dele. Mas Lev ainda estava ouvindo. Ele olha para seu nariz russo e a parte de baixo do seu rosto se dobra toda no pescoço quando ele se concentra. Ele não se importa com sua aparência diante dos outros, em vez disso, direciona a mente com uma atenção tão voraz que parece capaz de pôr fogo em todos aqueles papéis burocráticos. Aquela deve ser a fisionomia de um revolucionário.

Relatório diário concluído e submetido em 4 de dezembro de 1937.

13 de abril

A pergunta do sr. Pontón e a resposta de Lev ganharam a primeira página do *Washington Post* de hoje! Exatamente como traduzidas por HS e citadas novamente na página do editor, numa discussão sobre os Julgamentos de Moscou e a comissão. O artigo usou até a descrição do sr. Trótski inclinado na cadeira, e a manchete em letras garrafais diz: A FISIONOMIA DE UM REVOLUCIONÁRIO.

Eram somente algumas observações e rabiscos submetidos, juntamente com a transcrição traduzida, à sra. Frida. Uma surpresa, um horror. A primeira tentativa de tradução e algumas notas rabiscadas com ela agora à mostra para que o mundo as leia? Foi difícil pensar no café esta manhã. Perpétua disse:

— Sente-se e pare de tremer, *mi'jo*. É péssimo começar a semana sendo enforcado já na segunda-feira.

E parece mesmo um enforcamento! Um *galopino* de 20 anos que não sabe nada de política pode ter confundido um sim com um não, um *renunciar* com um *renascer*, e depois? A história pode se apegar

a isso. Vidas podem ser perdidas, tudo por causa de uma palavra errada. Não é de admirar que os escritores sejam tão pessimistas. Melhor ser cozinheiro, onde um erro só vai deixar alguém com fome ou, pior, mandá-lo para o banheiro.

Mas Van elogiou a tradução. Ele leu o artigo para Lev e Natalya no café da manhã, traduzindo-o para o russo. Eles ouviram as palavras de um cozinheiro enquanto comiam pães torrados pelos quais o mesmo cozinheiro nervoso já havia queimado seus dedos.

14 de abril

Depois que os depoimentos de hoje terminaram, Lev foi até a porta da frente para ver a multidão lá reunida. Não apenas jornalistas, mas operários de todos os tipos, até lavadeiras. Nenhum soldado descalço queria matá-lo depois de ouvir sua defesa firme dos trabalhadores e camponeses, transmitida pela imprensa. Agora ele teme que eles vão querer tirar Jesus da cama das procissões da Semana Santa e colocar lá a imagem de Trótski. Um grupo do Sindicato dos Mineiros veio até aqui, a pé, desde Michoacán.

E falou à multidão em espanhol, devagar, mas bem.

— Estou aqui porque o país de vocês acredita, comigo, num governo democrático e no controle da indústria pelos trabalhadores. Nossos esforços não podem ser bem-sucedidos num espaço vazio — (ele provavelmente queria dizer “no vácuo”). — A verdadeira mudança virá da organização internacional dos trabalhadores para a revolução operária.

A multidão esteve quieta o dia todo, mas, ao ouvir aquelas palavras, as pessoas gritaram.

Quase todos os dias ele faz pequenos intervalos de seus escritos para praticar espanhol com o datilógrafo nativo. Van não gosta da distração, afirmando que os tradutores estão sempre à disposição. E Lev diz:

— Confie num velho revolucionário e não confie totalmente em ninguém.

Ele estava provocando, parecia. Mas hoje, quando falou diretamente à multidão, seu propósito era claro.

15 de abril

Um longo dia de depoimentos. O sr. Dewey diz que está quase concluído, mas a multidão ainda aumenta, tanto o número de estrangeiros aqui dentro quanto o de mexicanos lá fora. Lev está tão entusiasmado pelo julgamento que não se importaria se ele continuasse até que o sol se extinguísse. Van parece feliz ao lado do chefe, sem se assustar com o exército de observadores: repórteres mexicanos e estrangeiros de chapéus e com as mangas das camisas arregaçadas, escritores de revistas e até alguns romancistas, observando todos os movimentos de Van enquanto ele vasculha os papéis dos arquivos com os dedos compridos, encontrando qualquer página obscura que talvez Lev precise, indicada somente por uma palavra, uma data ou um nome de uma pessoa. Eles são como pai e filho. Lev e Van.

Poucas perguntas em espanhol hoje. O sr. Pontón, da Sociedad de Naciones, fez a maior parte delas. Hoje, duas. A primeira:

— O senhor acredita que um Estado operário pode mesmo honrar o voto e todos os direitos democráticos, como numa social-democracia?

A resposta de Lev:

— Por que não acreditaria? Mesmo agora, em todos os países capitalistas, os comunistas fazem parte dos debates nos parlamentos. Quando alcançamos um Estado operário, não há diferença, a princípio, na maneira como usaremos o voto, a liberdade de imprensa, de reunião e assim por diante.

Segunda pergunta:

— O senhor diz que a União Soviética governada por Stálin é um Estado operário degenerado, controlado por uma burocracia autoritária. O senhor acredita que essa corrupção será derrubada por uma revolução política que estabelecerá uma democracia da classe operária? Ou que ele continuará se degenerando sob a pressão internacional, até se transformar num Estado puramente capitalista? Nos dois casos, o senhor pode falar sobre os custos para a sociedade?

Lev respondeu:

— Meu jovem, você tem razão. A humanidade nunca foi bem-sucedida ao refletir sobre sua história. Muito mal foi feito por líderes

que insistem que, para cada avanço, alguém tem de ser deixado para trás. A ditadura do Secretariado Soviético se estabeleceu por causa do atraso e do isolamento do país, há tanto tempo imposto pelo czar. Estamos acostumados a pensar como déspotas. As pessoas aceitam o que elas já conhecem. Quando a humanidade está exausta, cria novos inimigos e religiões. Nosso maior objetivo é avançarmos sem recorrermos a isso.

17 de abril

A comissão concluiu seus trabalhos depois de treze sessões. Se continuasse por mais um dia, a sala de jantar desta casa se quebraria como um ovo. Lev concluiu com o vigor de sempre:

— O que vivi não destruiu minha fé no futuro brilhante da humanidade. Aos 18 anos entrei para o pelotão operário de Nikolayev sem nada além da crença de um menino na razão, na verdade e na solidariedade humana. Desde então, minha fé amadureceu, mas não perdeu o ardor.

Todas as mãos pararam de escrever. Parecia que os repórteres precisariam de lenços. O sr. Dewey disse:

— Senhor, qualquer coisa que eu dissesse depois disso seria um desperdício.

O sr. Dewey e seus colegas analisarão as provas e considerarão o réu culpado ou inocente. Levará semanas até que o veredicto escrito seja divulgado. Mas Lev está exultante. Diante do mundo, ele respondeu às acusações.

28 de abril

A casa está mais tranquila em comparação com os dias anteriores. Se é que “tranquila” serve para descrever um homem que trabalha por três, chamando o datilógrafo para concluir uma carta e trazer um livro, enquanto ele dita teoria política para o microfone no gravador de cilindro de cera. Está muito quente, mesmo trabalhando de manga curta. Van é sempre o último a tirar o paletó de *tweed*. Um toque inesperado de sua mão, quando ele procura por um livro, é como água fervente. Van e Lev são homens de temperamento

nórdico, mas Van parece agitado pelo sol vívido do México e suas paisagens, enquanto Lev parece animado. Ele adora até os cactos.

1º de maio

A sra. Frida continuou realizando suas visitas diárias aqui desde que os depoimentos terminaram, para ter certeza de que Lev está contente. Que fique registrado: trazer Fulang Chang “para animar o lugar” talvez não seja uma boa ideia. Natalya despreza o macaco, e ontem, enquanto a sra. Frida estava na cozinha, deu-lhe um tapa na cabeça com o jornal do Partido Conservador.

Lev está empolgado com as notícias das revoltas operárias em Barcelona, citando-as como um sinal de que o acordo da Terceira Internacional entre Stálin e os outros partidos comunistas do mundo entrou em colapso. Lev foi requisitado para escrever um quarto conjunto de acordos internacionais, por isso sua frenética torrente de palavras fica gravada nos cilindros de cera do seu Ediphone. A alternativa ao Comintern de Stálin agora fica em vasilhas sobre a mesa, esperando para serem transformadas em palavras escritas e depois em ações dos homens.

Para celebrar, os empregados da casa estão obedecendo às ordens da sra. Frida para prepararem a “festa da Quarta Internacional”. O sr. Rivera está mais preocupado com a segurança do que com a decoração da mesa.

2 de maio: O Baile

Lev já estava em seu estúdio quando a sra. Frida chegou esta manhã para assumir o controle da sala de jantar, antes que Natalya tivesse tomado seu café. Por isso ela o tomou na cozinha. Perdoe-me, mas, por favor, deixe-me registrar aqui: esta é a única casa de Natalya. Recentemente ela mencionou estar se sentindo como uma convidada indesejada.

Perdoe-me pela segunda vez, *señora*, mas é impossível não rir diante da visão da senhora de pé na mesa, decorando-a para a festa, com cravos vermelhos nas duas mãos e na boca. Parecia Carmen.

Do que é que você está rindo? Acha que é fácil criar a história?

A saia longa se arrastando pelo chão como uma vassoura, dando voltas na mesa, colocando com cuidado os cravos de caules longos sobre a toalha branca. O desenho parece um enorme olho, com os caules compridos como cílios se irradiando para fora, como os raios do sol.

É verdade, mesas de jantares fazem parte da história. Os murais do Pintor e os cilindros de cera de Lev não são toda a história. A sra. franziu a testa, já recolhendo novamente as flores antes de terminar a arrumação. Ordenando: *Tragam-me as tesouras!*, sem sequer levantar os olhos. Tirando os cravos dos caules, trabalhando tão rápido que rastros de sangue talvez tenham começado a escorrer-lhe dos dedos, como numa de suas pinturas.

Então ela levou a mão à boca e segurou a tesoura, ameaçadoramente:

— Vamos ter um baile hoje. Muitos artistas lindos. Belém e Carmen Alba me disseram que você sabe dançar *sandunga* e *jarabe* perfeitamente. Não vou nem perguntar como elas sabem. Mas como você aprendeu?

— Com a minha mãe.

— Sua mãe é uma nacionalista? Eu fazia uma ideia diferente dela.

— Agora ela nega. Ela flertou com o nacionalismo quando chegou à cidade. Mas agora ela já está na era do suingue, com seus engenheiros bem pagos.

— E você também renuncia a nós? Ou dançaria com uma indígena?

Ela estendeu a mão e se moveu feito água, enrolando-se no braço que a recebeu, dando tesouradas no ar como uma dançarina de flamenco com as castanholas.

A *señora* Frida é uma confusão em palavras: às vezes é como um homenzinho sério e de repente é uma mulher ou uma criança, mas sempre exige que você continue apaixonado por ela. Controla até seu gigantesco marido, até que ele fuja para ser resgatado por uma mulher mais amena e agradável. Esta é a verdade, e não uma opinião: seu sorriso malicioso, aquelas mãos, os pincéis. Qualquer um deles pode ser como um soco no peito.

Depois de uma hora de trabalho ela ficou satisfeita com a arrumação das flores vermelhas sobre o linho branco.

— Aqui será o lugar de Lev — disse tranquilamente. — E aqui o de Natalya — mencionando o segundo nome como se seu lugar à mesa fosse uma concessão.

Com *ciúmes*, de Natalya? Frida, é possível?

Dá muito trabalho usar flores como pinturas. Quando a festa terminar, elas terão se tornado uma confusão de pétalas soltas. Manchas na toalha branca que poderiam ter sido evitadas. Mas você ignorou a sugestão, o olhar firme: a boca fechada, a mão sobre o manto vermelho, aqueles brincos de prata acariciando-lhe os ombros como mãos.

— Manchas desnecessárias e flores mortas! Sóli, desculpe, mas o que mais eu tenho para deixar minha marca na vida, senão *lo absurdo y lo fugaz*.

Você quis saber como dizer isso em inglês. “O absurdo” é fácil. A outra é mais difícil. *Fugaz* significa coisas que desaparecem com o tempo. O que faríamos sem o absurdo e o desaparecimento?

Foi nesse momento que a porta se abriu de repente *bang!* e, claro, era Diego. Trazendo livros e o paletó, jogando as coisas para o lado, as botas pisando os azulejos como um rifle sendo armado enquanto atravessava a sala, beija-a, joga fora as flores e começa a arrumar tudo novamente. Todo o seu trabalho, você, todos na sala — tudo desaparece na presença de Diego. Sempre com a razão, porque ele está sempre seguro de si. Para La Frida há El Diego e nada mais.

Há muito tempo, na escola, havia um menino assim, Olho de Touro, sempre com a razão, mesmo quando estava errado. Certa vez você disse que seria necessário confiar em você, Frida, cedo ou tarde, de uma alma ferida para outra. Que talvez você pudesse ajudar. Como você é a única que lê este informe todas as semanas, eis a confissão que pediu: o escândalo da conduta irregular. Para o Insólito havia o Olho de Touro e nada mais. *Insólito* significa ridículo. Significa todas aquelas coisas que você disse, absurdo e desaparecido. Onde você estaria sem *lo absurdo y lo fugaz*. Talvez também se sinta solitária nessa casa e esteja se perguntando: meu amigo, o que seria de mim sem você?

16 de maio

Os jornais dizem que o sr. Browder, do Partido Comunista Norte-Americano, veio aqui para alertar os comunistas mexicanos contra qualquer tipo de contato com Trótski. Ele fala em “união a qualquer preço”, o que significa apoiar Stálin. Lombardo Toledano e muitos outros líderes do partido mexicano jantaram à mesa dos Rivera, comeram da comida dessa cozinha. Mas a participação de Diego no partido está agora revogada. Todos ignoram seus convites para virem aqui e se encontrarem com Lev.

O calor é insuportável. Van sai para um bar à noite, o Brinco Dourado, só para pegar um pouco de ar, diz ele. Lorenzo vai junto, na esperança de encontrar garotas. *Quer vir também?*, perguntou Van. Mas o bar provavelmente seria apenas outro lugar abafado.

1º de junho

O comandante em chefe do Exército Vermelho foi executado por traição. Tukhachévski expressou apoio a Trótski e, por isso, está morto. Lev teme que haja um expurgo, com milhares de oficiais afetados. Nada mais a dizer.

4 de junho

Um telegrama esta manhã de Lyova, como sempre em código. Os expurgos na União Soviética são terríveis. O chefe do Serviço Secreto Soviético se demitiu do cargo em protesto contra a matança e anunciou sua lealdade a Trótski e à Quarta Internacional.

Lev teme pela segurança de Reiss, mas está feliz com a notícia de que ele rompeu com Stálin. Um dia agradável no escritório, apesar do calor. A grande mesa de trabalho vermelha de Lev foi levada para o pátio. Era uma visão e tanto, a do comissário trabalhando com o enorme chapéu de palha e as roupas fora de moda. Até Van finalmente tirou a camisa de trabalho e abriu a gola. Durante o dia os grandes ombros holandeses começaram a brilhar. Hoje eles estão quase da mesma cor da mesa.

Hoje ele derrubou o frasco de tinta e riu disso, para variar. Sua simpatia está melhorando. Aceitou de bom grado ajuda na troca da fita da máquina de escrever e depois com um reparo no fio elétrico

do Ediphone. Elogiou uma pequena correção na tradução, dizendo que formamos uma bela equipe. Quem sabe onde mais nós dois vamos trabalhar, fora dessas muralhas, se é que tal dia existirá.

5 de junho

A *señora* Frida queria jantar esta noite apenas com os Visitantes. Natalya não está bem e permanece na cama. Van saiu.

8 de junho

Que fique registrado: sempre que a sra. Frida traz uma bandeja de chá, o comissário se ilumina como o sol. Ele costumava tolerar essas interrupções por educação. Agora geralmente levanta os olhos para ver se já é hora de outra visita. Ouvindo o tilintar dos braceletes. Van concorda, o comportamento de Lev é estranho. Hoje Lev e a *señora* saíram de carro para a casa da sra. Cristina, numa missão secreta, e lá ficaram por várias horas, e não foi a primeira vez. A falta de segurança é extremamente preocupante. Frida, isso não é uma opinião.

10 de junho

Hoje à tarde, enquanto Lev estava fora, ele instruiu para que o escritório fosse limpo e a mesa voltasse para dentro da casa. Espera-se que chova.

Claro que o comissário não esperava essa arrumação toda. Van encontrou uma caixa de cartas que o deixaram muito preocupado. A natureza dessas cartas deve ser do conhecimento da sra. Frida. *Os novos trabalhadores precisam não só dos muros de seu marido, mas também do que você tem a oferecer: beleza, sinceridade, paixão. A arte verdadeira e a revolução estão unidas nos lábios e no coração.* Algumas cartas, até mais explícitas, foram colocadas dentro de livros que ele emprestou da sra. Frida. Ele pretende devolvê-los mais tarde, claro. As cartas continuam no mesmo lugar.

Hoje Van anda como um prisioneiro em volta da cela neste quartinho apertado. Chupa balas de alcaçuz quando está ansioso,

depois de comer toda a refeição da noite, do mesmo jeito que a Mãe costumava fazer com os cigarros.

— Podemos contar isso para alguém, para qualquer pessoa?

— E como poderíamos?

Van está desesperado por causa da segurança de seu chefe. E se sente leal a Natalya também; ele vive com os dois há muitos anos. Quer uma explicação para esse comportamento. Mas não uma justificativa.

— Meu Deus do céu — continua dizendo, andando e tropeçando na cama. Os ombros largos e a camisa com gola aberta brilham sob a escuridão desse quarto de janelas fechadas. — Eu achava que ela o via como um pai. Por Deus do céu, ela o chama de El Viejo.

— O *velho* é apenas cinco anos mais velho do que Diego. Talvez ela diga isso para disfarçar o que sente.

Trancafiados nesta pequena cela: dois homens envoltos no calor como se fosse um cobertor, mergulhados em dois frenesis completamente diferentes. No cerne das preocupações de cada um, embora de origens totalmente distintas: os danos causados pelo amor, as crueldades da atração sexual.

Ele não faz ideia. Daqui a pouco ficará nu, isso acontece todas as noites. Inocentemente ele revela seu corpo, peça a peça, como um banquete. A barriga comprida e flácida como uma tortilha branca. Os belos pés que se estendem para além dos limites da caminha.

— Como podem ser tão estúpidos? — ele continua perguntando.

— O amor pode ser uma doença, Van. Eles não queriam que isso acontecesse.

11 de junho

Quatro obras da sra. Frida serão incluídas numa exposição da Universidade Nacional. Provavelmente ela está feliz por isso, apesar de não ter dito nada a respeito, nem nada de caráter pessoal desde a última inspeção deste diário. Ela vem a esta casa quase todos os dias para ver Lev, mas evita os empregados. Principalmente Van.

As confidências pessoais de seu cozinheiro, pelas quais ela havia perguntado com sinceridade em várias ocasiões, passaram

despercebidas aqui, ou de qualquer modo passaram sem que fossem comentadas.

12 de junho

Um passeio inesquecível: estranho e impressionante, mas, no fim, uma humilhação amarga. As confidências deste relatório foram usadas contra o autor. Fato, não opinião.

A casa funciona como o mundo. Os russos toleram a tirania de Stálin, diz Lev, só porque não conhecem outra coisa, resultado de séculos de isolamento sob o governo do czar. Assim também é aqui. Assim também é com uma patroa cujo passado se resume a crueldade. Crueldades impostas a ela pelo marido ou pela própria vida.

Ainda assim, como Lev disse em seu julgamento: nosso maior objetivo é avançar sem deixar os outros para trás.

O relato autorizado da história, então: a sra. Frida propôs o passeio como uma gentileza para todos, “para fugir do calor insuportável”. Mas Natalya, claro, ainda não está bem, e Diego está ocupado demais até para ficar sabendo do passeio. Entre os presentes estão apenas ela, Lev e seus dois secretários — dois pares, como cartas de baralho na mão. Ela planejou isso com mais discrição do que de costume e dirigiu ela mesma o carro porque César não sabe ficar de boca calada, disse. E isso é bem verdade.

Um trajeto longo até os limites sujos da cidade, até o *embarcadero*. Xochimilco é uma vila estranha, com campos cultivados que parecem flutuar na água. Na verdade são ilhotas artificiais cultivadas desde os tempos dos astecas, quando esta cidade ainda ficava dentro de um lago. Os canais e as ilhas-fazendas quadradas são as últimas evidências do que existe sob toda essa história e esse engodo chamado Cidade do México. A sra. Frida falava com grande talento durante o percurso, às vezes soltando o volante para acenar com as mãos, contando como os antigos complementaram suas dietas de sapos construindo essas ilhas para plantar legumes. Como essas camadas de vitórias-régias e lodo fértil foram encerradas num cercado de juncos entrelaçados

até que as ilhas flutuassem acima do nível da água e os camponeses pudessem cultivar.

Agora é uma confusão de cores e água fria. Abóboras e milho, trechos de flores e garças brancas apoiadas numa pata entre os juncos. Velhos álamos gigantes se elevam ao longo da fronteira de cada propriedade, lançando sombra sobre os canais. Pode-se ver como tudo foi construído: começaram plantando os brotos desses álamos num retângulo sob a água, para ancorar os juncos entrelaçados e os pilares que se transformariam no perímetro da ilha. Agora os brotos há muito plantados são gigantes, velhos e frondosos, com arbustos de feijões entre eles. Algumas ilhas têm a cabana de junco do agricultor construída bem no meio delas, com crianças correndo e nadando de uma a outra, nuas como peixes. Mulheres lançam linhas na água ou vendem copos de pulque para os barcos que passam. Cada canal oferece uma imagem emocionante, um corredor comprido de águas brilhantes esverdeadas, cobertas por um túnel de árvores.

Os barcos de passageiros feitos para os canais são *trajineras* largas, de fundo chato. Embarcações enfeitadas, pintadas de vermelho, azul e amarelo, com um arco diante de cada uma, com um nome de uma mulher envolto em flores. Feitas para combinar com cada pessoa que as contrata. Frida e Lev discutiram ao contratar o barco: ela queria chamá-lo de *Revolución*. Não é o melhor nome (afirmou Van) para a segurança do convidado camarada. Lev ganhou a disputa e o barqueiro escreveu *Carmen*, o primeiro nome da sra. Frida. Ela se aninhou feliz com o “velho” ao seu lado no banco, com Van e HS no outro banco, dois pares, um de cada lado da mesa de madeira. Todos os barcos tinham uma mesa comprida e estreita para piqueniques, estendendo-se da proa à popa. A nossa era pintada com o mais vivo dos amarelos, o que parecia combinar com o humor de Frida. Ela sabia o nome daquela cor. Os canais estavam cheios desses barcos, todos pintados com a mesma imaginação violenta, sacudindo com casais e famílias que fugiam do calor da cidade, empurrados por barqueiros com estacas. Os camponeses em canoas cheias de legumes tinham dificuldade para navegar entre os congestionamentos de barcos, a caminho dos mercados na cidade.

Uma canoa passou levando tocadores de marimba, dois homens usando camisas brancas lado a lado com seus enormes instrumentos de blocos de madeira, passando as mãos sobre as onduladas notas. Frida jogou alguns pesos para os homens da marimba tocarem “A Internacional”. Outros barcos com música passaram por nós; o lugar estava cheio deles, alguns até com uma banda de *mariachis* em pé na canoa, todos muito simples, combinando seu entusiasmo pela música com o desejo de se manterem secos.

Era um mercado agitado e flutuante. Homens vendendo flores, mulheres com grandes painéis de alumínio equilibradas em barquinhos, esticando-se para lhe venderem um almoço: milho assado, *pollo mole*, *carne asada* e tortilhas, entregues no seu barco num prato de barro que seria depois lavado nas águas do canal. Lev comprou um buquê de rosas vermelhas e as enfiou uma a uma na coroa de tranças de Frida. Pagou uma banda para tocar “Cielito Lindo” e depois doze ou catorze outras músicas, todas sobre amor e nenhuma preocupada com a Revolução. Ao se inclinar sobre a água para pagar os músicos, ele se esqueceu de soltar a mão dela, que segurava sob a mesa. Os amantes ficaram bem à mostra, acariciando-se durante toda a tarde, seu bracinho entrelaçado ao dele.

Van desviou o olhar e ficou listando, de um jeito infantil que não era comum, graças a seu incômodo, vários lugares à medida que passávamos por eles. Teria sido bom ficar olhando só para os dois; eles combinavam mais fisicamente do que a pombinha e o sapo-rã. Um conjunto mais agradável: a indígena e seu camponês russo baixinho. Diante deles, o deus nórdico e o datilógrafo nativo estavam muito próximos um do outro no banco, cada virada do barco pressionava uma parte de uma perna ou de um ombro contra o outro. O ar estava irrespiravelmente parado, um turbilhão quente e abafado que engolia tudo: calor e música, um coração palpitante. Van perto o bastante para tocar-lhe o rosto ou acariciar-lhe o joelho. Foi preciso muito esforço para não fazer nada disso.

Então, de repente, gritos interromperam o silêncio. Nosso barqueiro sonolento ergueu a estaca, alarmado, mas era apenas um barco cheio de meninas da escola. Elas passaram ao lado

acenando enlouquecidamente, com outro barco seguindo-as logo atrás. Este, claro, cheio de meninos, jogando água e flores nas vítimas.

— É uma guerra de flores! — as meninas gritaram, jogando também flechas de caules compridos sobre a água. Nunca acertavam o alvo, como os guerreiros astecas que lançavam inutilmente suas flechas contra Cortés, pouco antes de seus corações explodirem golpeados por canhões.

— *En garde!* — gritou Frida, armando-se com as flores que lhe cercavam a cabeça e lançando rosas em todas as direções. Lev também arremessou algumas flores, provavelmente a primeira vez numa longa carreira como militante. Frida tocou a água para pegar um cravo de caule longo e o apontou como uma espada, passando pelo rosto e depois pelo peito de Lev.

— Fui atingido! — gritou ele, batendo no peito exageradamente e se deixando cair contra o banco. — Atingido no peito pela vaidade. Como você chama isso?

— *Encarnado* — disse ela.

— *Descargado por encarnado* — disse ele. Feridas carnis. O ferimento pode ser fatal.

Ela beijou-lhe o rosto. Van olhava atentamente para as árvores. Os dois barcos de guerreiros se afastaram por um canal lateral, deixando a água atrás deles cheia de munição colorida. Outra canoa se aproximou, e um homem vendendo brinquedos subiu a bordo do nosso barco, os bolsos cheios de bugigangas feitas com fibras de palmeira.

— Alguma criança aqui?

— Não — respondeu Frida, e Lev disse “sim” ao mesmo tempo.

Van explicou:

— Infelizmente todas as crianças se foram.

— Bem, esse brinquedo é indispensável para pessoas de todas as idades.

O homem tirou do bolso um tubo comprido e torcido.

— Um *trapanovio*. É melhor experimentar, *señorita*.

Ele o estendeu para Frida, que obedientemente pôs seu dedo na extremidade do tubo e depois fingiu ser incapaz de se soltar. Todo

mundo conhece o truque. O trançado do tubo o prende, quanto mais a pessoa tenta se soltar.

— *Señor*, terá de comprá-lo agora e prender a outra extremidade no seu dedo — disse o homem para Lev, tirando dele cinco pesos. — Senão, ela terá esse perigoso aparelho para pegar namorados como bem quiser. Quem mais aqui precisa de uma armadilha para prender algumas *novias*? Você, jovem?

— Aquele ali talvez — disse Frida, rindo, apoiando a cabeça nos ombros de Lev. — Ele está desesperado para pegar um *novio* em particular.

Não havia necessidade de dizer aquilo. *Novio*, no masculino.

— Quanto ao outro, esqueça — disse, libertando-se de Lev, com o tubo ainda preso a seu dedo, e o balançou na direção de Van como se ele fosse uma criança levada. — Ele não precisa de nenhum aparelho para pegar garotas, aparentemente tem seu próprio instrumento. Que horas são? Quatro? Elas já estão se enfileirando, esperando por ele no Brinco Dourado.

— O que é isso? — Lev se virou para frente. — Você vai àquele bar à noite?

— Não todas as noites. E as garotas não fazem fila.

— Ah, mas eu ouvi tantas histórias! — disse Frida. Ela parecia muito empolgada, mas talvez estivesse fingindo. Ela pode parecer assim a qualquer momento, quando quer. O homem dos brinquedos sentiu que havia pisado numa mina e voltou para sua canoa.

— O que é isso, Van? — perguntou Lev novamente, parecendo interessado, mas não desaprovando. — Você não me contou sobre essas garotas.

Van ficou vermelho.

— Não são *garotas*. É uma garota. O nome dela é Maria del Carmen.

— Maria del *Carmen* — cantarolou Frida. — Então este barco chamado Carmen leva mais do que um facho aceso. Fale sobre essa jovem. Ela é atendente do bar?

— É garçõete. Mas educada na universidade. Ela me ensina espanhol às vezes, de madrugada.

— Ah, bom, muito bom — disse Frida, sorrindo ferozmente, um gato com um rato sob a pata. — Universitária e bonita, não tenho

dúvidas. Ensinando-lhe espanhol! Já você aprendeu esta palavra, *esternón*? — e tocou no peito, inclinando-se para frente e depois pegando os dois seios nas mãos. — Que tal *pezones*?

A perplexidade de Van deu lugar à vergonha. As orelhas e a nuca ficaram vermelhas.

— Conheço as palavras. Se é isso o que está perguntando.

Ela se levantou e se inclinou sobre a mesa, perto do rosto dele.

— *Y besos suaves*?

Lev a puxou de volta pela mão.

— Frida, ele é um homem, não uma criança. Se tem uma namorada na cidade, isso não lhe diz respeito.

— Tudo me diz respeito, *mi viejo*. Principalmente namorados — disse, lançando um olhar sedutor para Van. Tirou cuidadosamente o prendedor de namorados do dedo e analisou-o por um momento, antes de jogá-lo sobre a mesa, sem que fosse pego por ninguém.

— Insólito, você é quem precisa disso. Melhor ir procurar outro peixe para você.

14 de junho

A casa explodiu. Diego e Natalya ficaram sabendo do caso entre seus cônjuges, o que gerou um desconforto que qualquer pessoa sensata poderia esperar. Lev saiu esta manhã para uma casa no deserto em San Miguel Regia, emprestada às pressas por amigos de confiança de Diego. Quando a sra. Frida chegou em casa hoje, Natalya deu um espetáculo bastante sofrido de sua raiva. A pobre Belém ficou com tanto medo que deixou cair o prato de fritadas.

Claro que Van o acompanhou, e Lorenzo também, mas nenhum outro guarda-costas. Lev diz que não pode impor um exército à hospitalidade dos amigos dos Rivera, mesmo que eles apoiem a Quarta Internacional. Diego teme que o lugar não seja adequadamente protegido. E, para complicar ainda mais, Diego pode se considerar entre aqueles prestes a assassinar seu convidado camarada.

Frida parece ao mesmo tempo desconsolada e nada arrependida. Uma mistura estranha. Claro, *señora*, você não culpa outra pessoa senão a si mesma? Você queria ser descoberta, era

óbvio. Lembre-se do que pediu para estas páginas: uma história sem disfarces.

17 de junho

Na cozinha, as histórias são mais quentes do que o forno. Perpétua diz que a *señora* Frida foi até San Miguel Regia ontem, com a desculpa de que precisava dar algum dinheiro para a família Landeros por aceitarem Lev em sua casa. Perpétua estalou a língua.

— O que ela tem para fazer lá além de suas maracutaias? Depois que você está sobre o cavalo tem de se segurar. Mesmo se ele der coice.

— Aquele velho ainda deve ter tempero no molho — disse Carmen Alba.

— *Velho?* — retrucou Perpétua. — Ele não tem nem 60 anos. Vocês são crianças, não sabem. Quanto mais o molho fica no fogo, mais picante se torna.

Belém mantinha um olhar nervoso na porta da cozinha, temendo a esposa do molho em questão.

30 de agosto

Ontem chegou um telegrama: o ex-secretário de Lev, Erwin Wolf, foi assassinado na Espanha pela GPU. Natalya acha que alguém deveria dar a triste notícia para Lev. É um caminho e tanto até San Miguel; César parece ainda mais desconfiado, por mais que não tenha de dividir seu quarto com um espião-escritor.

A estrada para Regia passa perto das grandes pirâmides de Teotihuacán. Depois atravessa umas cidadezinhas nas montanhas, ladeiras cheias de tavernas, burros e poeira, e mansões coloniais rosas de uma época passada, antes era vergonhoso ser rico no México. Agora as mansões são todas apartamentos que exibem roupas limpas secando nas sacadas.

O lugar de Lev em San Miguel Regia é um apartamentinho nos fundos de uma grande hacienda. Parece bem seguro, uma muralha e Lorenzo postado na janela, num cenário desértico visitado principalmente por abutres. Os Landero raramente estão em casa, a

família e os empregados foram instruídos a não se aproximarem dos fundos da casa. Sem mulheres por perto, os cômodos compartilhados por Van, Lev e Lorenzo parecem gavetas numa grande cômoda, as camas oscilando entre cadernos, revólveres, sapatos e frascos de tinta. Se Lev ficar ali por muito mais tempo, talvez se afogue em seu rio de papéis.

Lev acha que o ar do deserto é revigorante e faz longos passeios pela manhã, nas estradas vazias. Ele se apaixonara pelos cactos, encontrando cem variedades que habitam as ravinas. Para o desalento de Van, ele desenterra os cactos, embrulha-os em tecidos grosseiros e os leva para casa nos ombros. De algum modo, planeja criar um jardim com essas criaturas bizarras e espinhosas. Van também parece espinhoso. Talvez sinta falta da vida no Brinco Dourado.

A viagem de volta foi até mais demorada, graças à direção sonâmbula de César e à ansiedade quanto à expressão de raiva compadecida de Natalya, o buldogue cheirando tudo à procura de seu dono ausente. Ela terá de ser informada; Lev não mencionou nenhum plano de voltar em breve. Ele não pretende abandoná-la; trata-se apenas da pura fascinação dele pela vida como ela é, como quer que seja. Para qualquer vagabundo sem parada, ele é um milagre de cultura: agora que está exilado de todos os lugares da terra, exceto daquele deserto indomável, ele declara sua paixão pelos cactos.

Aqui, não há muito o que fazer. Cozinhar para guarda-costas desempregados e Natalya, que mal come. Há seis semanas ela sobrevive apenas de água tônica com suco de limão e comprimidos para dormir. Todas as tardes, às duas, estaciona os sapatos pretos como dois carrinhos ao lado da cama e se deita, toda vestida, para sobreviver ao que resta do dia.

Uma das mensagens transmitidas por Lev faz referência a uma visita de Joseph Hansen, um camarada do Partido Trotskista dos Estados Unidos. Natalya a interpreta com esperança: o verdadeiro apetite de Lev, diz ela, é pelo seu trabalho. A chegada de Hansen o trará de volta.

8 de setembro

Lev volta, como previsto, e com ele a enxurrada de papéis. Os dias de ócio acabaram. Van trabalha o dia todo transcrevendo os cilindros de cera enquanto Lev produz mais. A datilografia é infinita, interrompida apenas pelos exercícios de segurança.

Nossos trabalhos domésticos estão confusos como uma sopa: Diego quer que o sr. Hansen e sua esposa, Reba, fiquem com um dos quartos de ligação. Por isso todos os guardas agora têm de dividir um quartinho, a não ser que alguém queira dividir a cama com a velha Perpétua, que ronca feito uma porca selvagem. As meninas da casa fizeram uma cama de palha sob a figueira no pátio, para que possam ter um pouco de paz.

Os empregados se sentem mais do que nunca como prisioneiros, por causa da multidão e das medidas extremas de segurança. As ameaças são reais — isso é compreensível, mas não é fácil. Belém e Carmen Alba não podem sair para visitar suas mães. A porta raramente se abre; até mesmo uma ida ao mercado tem de coincidir com a troca da guarda, para não interferir na agenda de trabalho de Lev. Van abandonou suas visitas noturnas à taverna. Os guarda-costas dormem com o revólver no coldre, a possibilidade da morte surgindo por detrás de cada batida na porta. O calor do verão diminuiu, e nada é como era.

12 de setembro

Chegada de Joseph Hansen e sua esposa, Reba. Lev e Joe estão felizes por se encontrarem, eles ficam acordados a noite toda conversando. Reba ajudou a arranjar camas extras, espalhando colchões pelo chão de um quartinho onde agora dormem cinco homens quando estão de folga. Reba pediu mil desculpas e se ofereceu para dividir a cama com Perpétua. Diego não a avisou sobre a quantidade de pessoas que já estavam vivendo ali, provavelmente porque ele próprio não se deu conta. Ela quase chorou.

— E amanhã terá de alimentar todos nós. Você deve estar cansada de salvar esses homens que estão salvando o mundo.

Hansen pretende escrever uma biografia de Lev. Nesse caso, este relatório talvez não seja mais necessário. O sr. Hansen entende muito mais de política e pode registrar as conversas com objetividade, sem a contaminação dos preconceitos de um cozinheiro ignorante em relação ao doce e o salgado. A história pode passar para mãos muito mais capazes.

De qualquer maneira, um registro mantido para se adequar ao padrão de outra pessoa não conforta mesmo o espírito. Que fique registrado, o escritor entende que essa tarefa lhe foi imposta como um gesto de bondade, pelo qual é grato. Mas a empreitada não é livre. Um registro para os outros de outra pessoa não é um registro, e sim espionagem.

16 de setembro

Frida.

Carmen Frida Kahlo de Rivera, para ser mais exato. E Van.

Foram descobertos dormindo juntos na cama de palha sob a figueira, onde as meninas da casa geralmente dormem, mas esta noite foram enviadas para a casa de suas famílias para os feriados nacionais.

Que fique aqui registrado para a história: o casal se deita com os membros entrelaçados, o braço branco dele envolvendo seu corpinho menor e cheio de curvas. Os cabelos pretos dela cercam os dois, prendendo-os à cama como se estivessem crescendo ali como uma única planta. Parecem consolados pelo sono e não percebem o observador que bebeu algumas cervejas um pouco antes, durante a festa da Independência, e que esperava mijar escondido no canteiro de gerânios. O casal não sabia que foi descoberto. Aparentemente ainda não sabe. A observação está aqui registrada. Alguma loucura típica de cães encurralados infesta este lugar.

7 de novembro

A Comissão Dewey formalmente inocentou Lev de todas as acusações feitas nos Julgamentos de Moscou. Depois de meses de deliberações, eles divulgaram o veredicto escrito a todas as nações.

Claro que Stálin ainda quer vê-lo morto, mais do que nunca. E os jornais norte-americanos e europeus que o consideraram culpados antes mal informaram o resultado da Comissão Dewey. Diego diz que os gringos estão observando Hitler com olhos nervosos, principalmente agora, com a anexação e o pacto entre Roma e Berlim. Ele diz que a Inglaterra e os Estados Unidos vão querer que a Rússia fique do lado deles, se houver uma guerra. Por isso não podem permitir que Trótski esteja certo quanto a Stálin ser um monstro. Eles vão precisar daquele monstro.

Ainda assim as nuvens se dissiparam a tempo para celebrar o aniversário de Lev e a Revolução de Outubro. Os Rivera deram a maior de todas as festas, contrataram marimbas, o pátio e a casa totalmente cheios. Os seguranças quase explodiram de nervoso. Os convidados não eram comunistas do mundo artístico, e sim camponeses, homens de calças brancas em sandálias, sindicalistas que apoiam Lev. As mulheres entram timidamente, com a cabeça baixa, tranças que quase varrem o piso de pedra do pátio. Uns poucos trouxeram galinhas vivas como presentes, as patas cuidadosamente amarradas com um laço de sisal. Mas a preparação das comidas para a festa começou há uma semana.

A *señora* Frida estava especialmente extravagante numa blusa tehuana dourada, saia verde e xale azul. Ela chegou com um grande pacote protegido por um papel: um retrato de si mesma, presente de aniversário para Lev. De algum modo ele não foi presenteado, em meio a tantas comemorações. As pessoas já estavam dormindo nas poltronas ou nos umbrais das janelas e já era de madrugada quando ela veio à cozinha, gritando:

— Pelo amor de Petrogrado, será que alguém pode me explicar por que celebramos a Revolução de Outubro no sétimo dia da porra de novembro?

— Belém fez a mesma pergunta a Van. Aparentemente demorou mais de um mês para que o proletariado russo acabasse com sete séculos de opressão.

— Bem, de acordo com Diego, você deveria ir para a cama agora. Ele diz que não é certo obrigar os empregados a passar mais de um dia fazendo tanta comida para celebrar dez milhões de camponeses esfomeados.

— Não se preocupe. Todos os outros cozinheiros oprimidos já foram para a cama. Só estou limpando as panelas de chocolate. E peço desculpas por dizer isso, mas a preparação das comidas para a festa de hoje começou há uma semana. O que Diego espera? Que você faça esse tipo de trabalho sozinha?

Ela se sentou delicadamente numa das cadeiras de madeira da mesa amarela, empoleirada como um canário.

— Ah, Sóli. Você conhece aquele sapão e eu. Brigamos por qualquer coisa.

— Sem falar das coisas que ele não sabe.

Você, então, levantou os olhos como uma criança assustada, remexendo no xale como se ele pudesse protegê-la das balas ou dos fantasmas. Que interessante descobrir a capacidade de amedrontá-la. *Quando a humanidade está exausta, cria novos inimigos*, diz Lev. As características da crueldade são espontâneas. *Nosso maior objetivo é avançar.*

— Frida, esqueça. Ninguém vai contar a Diego sobre você e Van. Só está escrito no caderno para que você soubesse que vocês foram vistos. Pode arrancar aquela página. Mas para a esposa de um homem que mantém uma Luger perto da pasta de dentes, você poderia ser mais cuidadosa.

— Achei que você ficaria furioso. Por causa de Van.

— A fúria exige uma válvula de escape. Para mim e Van, não há escapatória. Como você mesma disse naquele dia durante nosso passeio de barco. Você já estava saindo com os dois naquela época?

— Você fala como se eu fosse um animal. “Uma loucura típica de cães encurralados”, isso é cruel.

— Não foi você quem me surpreendeu, só Van. E Lev também, eles parecem pessoas muito mais moralistas. Desculpe-me por me expressar assim.

Durante um tempo seus olhos ficaram fixos, refletindo sobre o assunto, sem olhar para a porta.

— O que sabe sobre o amor?

— Aparentemente nada. Que ele liga e desliga como uma lâmpada elétrica.

Você parecia vasculhar a alma em busca de algum tipo de bondade.

— As pessoas querem ser consoladas. Você é tão jovem. Ainda tem muito tempo para ser um moralista.

— Você é só alguns anos mais velha. Como você mesma disse.

— De qualquer modo, mais velha, com todos os meus curativos. Estou tão condenada quanto esses homens, mas por motivos menos importantes, claro.

As panelas estavam brilhando. Não havia mais o que fazer.

— Sóli, há uma tensão nesta casa. Amanhã qualquer um pode levar um tiro na cabeça. Homens como Diego ou Lev têm de fazer votos de sacrifício. “Melhor viver de cabeça erguida do que morrer de joelhos”, e tudo o mais. Mas sob esse fatalismo todo, eles querem viver.

— E quem não quer?

— E eles vivem, mais do que a maioria. Eles querem tanto que bagunçam o mundo até que seus dentes caiam. É por isso que são quem são.

— E Frida pode ajudá-los a viver. Quando está a fim.

— Foi só uma noite, aquela com Van. Acho que ele bebeu muito. Mas nunca se pode ter certeza com os caras grandes e quietos. Ele está morrendo de solidão.

— Quem? Van?

— Sim. Sabia que ele tinha uma esposa?

— Van é casado?

— Foi. Com uma moça na França. Eles eram muito jovens quando se conheceram, eu acho, ambos trabalhando para o Partido. Tiveram um filhinho. O nome da esposa é Gabrielle. Ela queria vir para cá, mas Natalya não deixou; aparentemente elas tinham uma briga qualquer. Você sabe como Natalya é protetora, pensa em Van como um filho.

— É compreensível. Depois de tudo o que eles passaram. As perdas dela.

— Você tem razão. Esqueça Diego, acho que Natalya me mataria se descobrisse sobre mim e Van.

Uma esposa. Van tinha uma esposa chamada Gabrielle. Ele tem um filho. Isso é o que significa estar só: todo mundo tem uma

ligação com todo mundo, seus corpos são a vida líquida fluindo ao seu redor, compartilhando um único coração que os leva a se moverem todos juntos. Se um tubarão se aproxima, eles fogem e deixam você sozinho para ser devorado.

Este é o último informe. 7 de novembro de 1937.

Caderno de Coyoacán

25 de abril de 1938

A Mãe morreu. Senhor Deus no qual ela nunca acreditou, por favor, não a deixe sozinha em algum paraíso assustador sem homens ou música. Salomé, mãe sem mãe, nada além de uma criança. Morta, com o coração no lugar errado.

No princípio eram os uivadores, mãe e filho unidos pelo medo dos demônios que os perseguiam. Não importa quantas vezes os homens tenham lhe dito: “Não é nada. É uma questão prática”. *Escreva a história do que aconteceu conosco*, disse ela. *Prometa. Assim, quando não restar nada além de ossos e pedaços de pano, alguém saberá pelo que passamos*. Ela disse para começar assim: Eles estão implorando pelo nosso sangue. Mas como a história pode terminar tão rápido, e com tanta mágoa? Salomé num carro batido, com o coração mais uma vez deslocado. Nada restou além de ossos e pedaços de pano. Quem pode dizer pelo que ela passou?

O novo namorado era um correspondente estrangeiro. Eles estavam indo para o aeroporto, para ver o piloto ousado que disseram que pousaria ali durante umas poucas horas. Um voador corajoso, que planejava dar a volta ao mundo ainda esse ano. Esses homens com seus planos grandiosos. O correspondente era inglês, Lewis. Provavelmente prometeu à Mãe a oportunidade de conhecer pessoas famosas no aeroporto. Em vez disso, bateram de frente com um caminhão vindo de Puebla, carregando gado para o mercado. Alguns bois fugiram. Lewis quebrou a clavícula e sofreu cortes provocados pelos estilhaços do para-brisa. Mas foi no colo da Mãe que o motor do seu Studebaker parou, causando o que o médico chamou de um pneumotórax espontâneo. Isso significa que um buraco que atravessou seu pulmão a deixou de repente sem ar, empurrando o coração para o lado direito do seu peito. Arrancando-o, assim, da posição que ocupava há quarenta e dois anos, sem

nunca se acomodar completamente. Talvez durante aqueles últimos batimentos trêmulos, ele estivesse no seu lugar de direito. Talvez seu coração tenha parado de pedir para estar em outro lugar.

Lewis contou o que lembrava do acidente, oferecendo condolências de sua cama no hospital inglês. A cabeça estava enfaixada como uma múmia de filme.

— Você é o filho — disse a múmia. — Ela disse que você estava planejando entrar na universidade, para ser advogado.

Ele a conhecia há pouco tempo. Não se sentia no direito de dizer qualquer coisa no funeral. Diego, com a generosidade de sempre, pagou pelo caixão e por uma missa especial, apesar de seu ateísmo. E apesar do ateísmo da Mãe. O equívoco passou despercebido pelos poucos amigos presentes, nenhum dos quais a conhecera em vida. Só o filho, suportando o peso de seus próprios ossos e do luto inumano. Que tristeza amarga e raivosa a daquela morte, que arrogância o mundo esfrega na cara de mulheres como Salomé. Em tantos salões ela entrou de braços dados com um namorado, sempre pronta para conquistar os burocratas necessários deste mundo. E, ainda assim, no fim, nenhum se mostrou disposto a acompanhá-la até a saída.

Como uma vida tão cheia de esperanças podia ser, no final, tão pequena? Seu último apartamento: um cômodo sobre uma loja de armarinhos. Um baú de vestidos e discos, doado para uma colega de trabalho. Cada *casa chica* era menor do que a anterior. Será que os namorados se tornaram menos generosos com o tempo? Será que ela havia perdido o valor? Se tivesse envelhecido, acabaria morando numa xícara de chá, para ser bebericada de tempos em tempos por sob algum bigode grisalho?

Pelo menos figurou nos jornais, com sua morte. Uma notinha no grande jornal sobre o avião ousado chamado Howard Hughes: “Entre a multidão de jornalistas, um correspondente internacional se feriu e sua amiga morreu numa batida no trajeto até o aeroporto na Calzada de la Piedad”. Sua marca na história: a amiga.

26 de abril

Lev, claro, não pôde ir à missa, por questões de segurança, mas continua pedindo desculpas por isso. Seu corpo todo estremeceu na manhã em que ficou sabendo. Ele e Natalya estão muito sensíveis desde o assassinato de Lyova, em fevereiro. Num hospital de Paris, onde em nome de Deus qualquer pessoa deveria estar segura. Eles não têm mais filhos agora, somente o neto, Seva, da filha mais velha. Os apoiadores de Lev estão sendo vítimas de um *pogrom*, todos no campo de trabalhos forçados de Vorkuta, executados no mesmo dia. Ainda assim os Estados Unidos consideram Stálin um aliado, *ainda*. Eles se ofereceram para ajudar a extraditar Lev, para que ele seja executado.

Desde que Cárdenas expropriou o óleo dos americanos, as notícias prometem que haverá sanções e até guerra, talvez. Semana passada, a Rua Francia se encheu de estudantes gritando: “Deixe os gringos virem. Já expulsamos Napoleão!”

Natalya toma comprimidos para dormir dia e noite e xícaras e xícaras de chá: afogando suas dores, como diria Frida, até que elas aprendam a nadar. Mas talvez algumas dores sejam impossíveis de suportar. Quando Lev interrompe o trabalho para olhar pela janela, seus olhos são tão frios quanto os corpos de seus filhos. O futuro claro e brilhante que uma vez ele viu tão planejado deve ser agora umas linhas feitas a carvão, desenhadas rumo a um ponto de fuga.

Noite passada ele saiu para o pátio para fumar cachimbo e conversar, apenas lembranças, não necessariamente organizadas. Contou sobre um jantar que teve com Stálin há muitos anos, quando ninguém ainda via o homem como algo além de um jovem burocrata irritante e ambicioso. Eles bebiam uma garrafa de vinho com Kamenev e Dzerzhinski, conversando besteiras, como todos os jovens fazem, e a questão surgiu: o que cada um mais gostava na vida?

Lev disse que a questão empolgou Stálin.

— Ele se inclinou na mesa, pegando a faca como se fosse um revólver, mirando-a em cada um de nós, e disse: “Escolher a vítima, planejar tudo, vingar-se sem piedade. E depois dormir”.

11 de agosto

Teotihuacán é o lugar onde os deuses vivem. Xipe Totec, que governa o sexo e o nascimento. Tlaloc, com seus olhos arredondados, que traz a chuva. Até mesmo no tempo dos astecas essa misteriosa cidade de pirâmides já era antiga e estava em ruínas, a noroeste do lago, quando Cortés chegou. Os sacerdotes lhe mostraram os templos e lhe disseram que era ali que os deuses viviam enquanto criavam o mundo. Era apenas lógico pressupor que precisassem de um escritório central.

A Avenida dos Mortos passa pelo centro da cidade antiga, com a Pirâmide da Lua impondo-se contra o céu e a Pirâmide do Sol no lado oposto, ainda maior. Os templos margeiam a avenida central por toda a sua extensão, alguns com grandes serpentes entalhadas se arrastando pelas fachadas. Trepadeiras crescem entre os grandes andares de pedra, procurando pelo sol com seus dedos vermelhos de flores. Na verdade ninguém sabe quem viveu ou morreu em Teotihuacán, nem como. Contudo, andando de olhos arregalados entre os grandes templos, é fácil imaginar carne e sangue, corações arrancados à força para apaziguar um destino terrível.

Ir lá com Frida fez com que o lugar parecesse ainda mais um cenário especialmente arranjado para o sacrifício humano: seu traje comum para piqueniques. O estranho é que foi o oposto. Um dia para os livros de história. Ela apareceu na Casa Azul depois do café da manhã, enfiando a cabeça pela porta da cozinha e fazendo um sinal para que eu sáísse rapidamente, como se estivesse escondendo alguma coisa.

— Você tem de vir comigo até Teotihuacán — disse. — Agora mesmo. O dia inteiro.

Ela parecia preparada para qualquer possibilidade, usando um sobretudo de gabardine até os joelhos e a usual armadura de joias.

— Tenho muito trabalho para fazer, Frida.

— Sóli, é importante. Você se considera mexicano e nunca viu as pirâmides de Teotihuacán.

— Também não tive casos com todas as pessoas do México. Sou um cidadão de segunda classe, eu acho.

— Olha, eu e você temos que conversar.

— Temos. Mas parece que não vamos.

— Estou com o Roadster na Rua Allende. Somos só eu e você — sou eu que vou dirigir, e não o César. Você vai dar uma de babaca?

— Desculpe, Frida. Tenho um peixe enorme aqui, e ele é um cara legal, mas se recusa a tirar as próprias escamas e a se banhar em molho de tomate e alcaparras sem minha supervisão. Temos um jantar hoje à noite. Doze pessoas vêm ouvir Diego, Lev e o sr. Breton apresentarem seus trabalhos. Caso você tenha esquecido.

— Eles podem usar o trabalho deles para coletar merda de passarinho, não me importo. E Perpétua pode cozinhar o peixe. Você não é tão importante quanto pensa.

— Está me despedindo?

— Se for preciso fazer isso para conseguir um pouco de companhia por um dia, sim. Vou fumar enquanto você se decide.

Ela se encostou à parede e acendeu um cigarro, à vista dos homens, se eles se dessem ao trabalho de olhar pela janela do estúdio de Lev. Lev é teimosamente antiquado para algumas coisas. Uma delas: mulheres não devem fumar. Outra: não gosta de mulheres que usam calças. Frida estava se arriscando toda, hoje.

— Bom. Eis a história — e lançou um olhar em direção à janela do escritório, deixando escapar uma longa baforada. — Você se lembra do Gamio? Ele é amigo de Diego, professor de Merda Antiga, que escavou as pirâmides. Segundo ele próprio, descobriu uma coisa incrível.

— Que ânimo! Qualquer pessoa estaria louca para entrar num carro com você.

— Ótimo, então fique aqui com Diego, o Velho e o Monsieur Poeta Juba-de-Leão, tão cheio de si que me faz querer mijar em sua taça de vinho. Tenho certeza de que você vai adorar o Manifesto da Arte Revolucionária deles para o *pindonga Partisan Review*.

— Bem, eu já conheço o conteúdo. Eu o datilografei.

— E? — de repente ela estava interessada. Talvez eles não permitissem que ela o lesse. Mas voar num trapézio entre Diego e Frida era perigoso e acabaria em acidente. Seria melhor ter cuidado.

— Ele condena principalmente as restrições que Stálin impôs aos artistas no estado revolucionário. Nenhuma surpresa. Eu achava que Diego discutia tudo com você.

— A sra. Breton, a sra. Trótski e a sra. Rivera não fazem parte dessa conversa histórica. Desde que o poeta pulguento apareceu aqui, é um clube só de meninos.

— Quanto a isso você não está exagerando. Dá para perceber. Ela fechou a boca.

— Pelo menos Jacqueline gosta de fumar e fazer fofoca. Senão, morreríamos de tédio no lago Pátzcuaro. Enquanto nossos maridos passam o tempo todo trabalhando no artigo *chingado*.

— Você poderia tê-lo escrito sozinha, Frida. Não é um grande manifesto. “A imaginação artística precisa ser livre da coerção. Os artistas têm o direito inalienável de escolher seus próprios temas”. Esse tipo de coisa.

Ela suspirou.

— Que gênio. Fulang Chang poderia ter escrito isso.

— Também fala um pouco sobre surrealismo. Como o México está destinado a se tornar o verdadeiro lar da arte surrealista-revolucionária, por causa da flora e do dinamismo e tudo o mais. A mistura de raças. Mas qual é a descoberta incrível do professor?

— Certo, escute. Ele disse que estavam colocando de volta uma parede de um templo que desmoronou ou coisa assim. E, de repente, descobriram uma cova coletiva. Isso é *antigo*, Sóli. Diego adora essa merda de antiguidade, Gamio sabe, por isso nos convidou para irmos lá e darmos uma olhada antes que eles removam os ossos e tudo o mais. Mas Diego tem essa maldita reunião. Por isso eu vou, assim que o cigarro terminar. Você tem mais vinte segundos para decidir.

Foi um passeio divertido no Roadster. Frida estava mais elétrica do que o normal, remexendo nos colares e contando sem parar suas histórias semi-inventadas, misturadas com conselhos pessoais urgentes.

— Sóli — declarou subitamente —, tenho de ensiná-lo a dirigir este carro. O César não vai viver para sempre. Sabe, tenho pensado que talvez ele já tenha morrido. Parece mumificado nos últimos anos.

O carro rumava para o noroeste a uma velocidade considerável. Os limites da cidade deram lugar a vilas como aquelas do sul, espremidas entre pomares de limoeiros e grandes trechos

pedregosos de deserto. Galinhas ciscando no meio-fio da estrada, e aqui e ali um galo no meio da passagem, com a autoridade de um policial. Mangueiras estendiam suas folhas como guarda-chuvas. O carro tremeu todo quando Frida virou bruscamente para se desviar de um menino que perseguia uma vaca magra pela estrada. A morte da Mãe agigantava-se como uma aparição.

— Estou falando sério — disse Frida, depois de voltar com o carro para a estrada. — Você tem que aprender a dirigir. Estou lhe ordenando, como sua patroa.

— Promovido! De assistente-secretário do maior teórico político do mundo a motorista da *señora* Rivera.

— Estou tentando lhe fazer um favor. Você poderia ter mais liberdade.

— O conhecimento de dirigir, sem nenhuma esperança de ter um carro. Interessante ideia de liberdade. Talvez devesse escrever um tratado sobre isso.

— Quando foi que você se tornou um *sangrón*? Você era legal.

Ela ficou de boca fechada por vários quilômetros, o que melhorou sua direção. Correr no Roadster com o acelerador no máximo parecia simples, em comparação com o Ford T, com suas alavancas manuais para controlar o acelerador e a embreagem. Mesmo assim, Frida segura o câmbio como se fosse um açougueiro. O Chevrolet tem até um mostrador indicando o nível de combustível, para que você não tenha de adivinhar quando ele está acabando. Às vezes, César se esquece e deixa o Ford T com tão pouco combustível que tem de empurrá-lo ladeira acima para sugar até a última gota do tanque sob o assento. Esse também é o estilo de Frida.

Por fim ela estaciona num vilarejo, pergunta o caminho e volta determinada a entrar no lado do passageiro. A lição de direção que se segue é bem-sucedida, até demais.

— Você não pode correr tanto assim! — ela reclama, apesar de andarmos a uma fração da velocidade anterior. — Tem de mexer no câmbio primeiro.

— Estamos na marcha mais alta.

— Bem, você deve estar fazendo certo. Em geral faz um barulho quando você põe na marcha mais alta.

— Não se você pisar na embreagem. Olha só, você coloca o câmbio em ponto morto, que é a parte do meio do H, e solta totalmente a embreagem, depois coloca na marcha que quer novamente, de acordo com a velocidade.

— Bastardo! Como você sabia disso?

— Passei milhares de horas no carro com César, tentando evitar que ele caísse pelo abismo do fim do mundo. Apreendi as marchas. O que mais havia para fazer? Ouvir pela milionésima vez a história de Pancho Villa em Sanborn's?

Frida riu.

— Pobre César. Bebendo citrato de magnésia na presença de Pancho Villa. E essa será a melhor história que ele terá para contar.

— Como ele dirige bem devagar, pelo menos dá para ver como tudo funciona. Ele trata o câmbio como uma mulher. Preferiria cortar os dedos a trocar de marcha como você faz, Frida.

— Vá se danar.

Aluno e professora ficaram aliviados quando os cumes das pirâmides surgiram adiante, agigantando-se sobre os telhados e as palmeiras de San Juan Teotihuacán. O sítio arqueológico estava fechado por causa das escavações e a equipe havia saído para almoçar. Suas pás e cadernos estavam espalhados por todos os lados. Enquanto esperávamos pelo retorno de Gamio, Frida decidiu subir até o topo da Pirâmide do Sol, para ter uma visão melhor do lugar. Levou meia hora, por causa da inclinação e da quantidade de degraus: duzentos e vinte e oito. Puxava a perna manca para cima e contava os degraus numa torrente de obscenidades: quarenta e dois caralho, quarenta e três caralho. Às vezes os degraus eram tão altos que ela tinha de escalá-los “de quatro”, mas jamais aceitou ajuda.

— Posso ser uma maldita aleijada, mas ainda não estou morta — dizia. — Se meu coração parar de bater, ótimo, você pode me levar até lá embaixo — continuou, ainda com raiva por causa da aula de direção.

A vista lá de cima era capaz de fazer parar qualquer coração: as complexas formas geométricas da cidade antiga se revelavam lá embaixo e, para além delas, uma paisagem de negras montanhas vulcânicas. As pirâmides de rocha basáltica pareciam se erguer

diretamente da terra, e não sobre ela. E, na verdade, meia hora mais tarde, quando estávamos numa plataforma na praça central da cidade olhando para a Pirâmide do Sol às nossas costas, era possível ver claramente o que ela chamava de “a piada dos caras antigos”. O perfil da Pirâmide do Sol — a escadaria, as balaustradas e o topo arredondado — acompanha perfeitamente o contorno das montanhas vulcânicas que se elevam mais atrás. Um grande monumento copiando uma montanha.

— Eles estavam rindo. A piada é com Deus — disse ela, e se sentou na praça suja para fazer um desenho da pirâmide e da montanha.

— Se você acha. Mas é uma piada com anos de planejamento por trás e um trabalho terrível. As pessoas provavelmente morreram construindo isso. Por que desperdiçar vidas para pregar uma peça em Deus?

Ela segurava um lápis extra na boca e não levantava os olhos do desenho.

Quando o dr. Gamio chegou, ele tinha várias teorias sobre o tema. As pessoas queriam grandiosidade. Trabalharam duro para que fossem lembradas por toda a eternidade. O alinhamento era sagrado, tão importante quanto a água e o pão. Ele acompanhou Frida até as escavações segurando-a pelo braço, advertindo-a para tomar cuidado e não tropeçar nas pedras. Suas primeiras palavras foram para dizer que era uma pena que Diego não tivesse podido vir, mas ele não achava que era uma pena. Estava apaixonado por ela, como todo mundo.

A escavação estava aberta: uma cova coletiva, protegida sob uma cobertura temporária de lata, escorada em pilares. Depois de alguns degraus sujos, ali estavam eles, esqueletos de homens deitados em fileiras, como peixes numa caixa, seus ossos estreitos e empoeirados, só um pouco mais claros do que a terra avermelhada que os envolvia. O estranho era que os esqueletos estavam perfeitamente alisados, como se aqueles homens tivessem sido prensados por um ferro de passar. Os olhos precisavam de certo tempo para se ajustar às imperfeições na terra, distinguindo o material humano do inumano. Os mortos usavam joias que haviam sobrevivido onde havia carne, braceletes pendendo soltos dos

ossos. O mais interessante de tudo: ao redor de cada pescoço, uma espécie de gravata ou colar feito com mandíbulas humanas, com os dentes ainda no lugar! Era uma visão incrível, a daquelas bizarras fileiras de mandíbulas unidas umas às outras, caindo sobre o que antes eram peitos, uma moda que estava muito além de qualquer coisa que Frida jamais usaria. O professor mostrou marcas de cortes aqui e ali nos ossos, marcas grosseiras, que ele dizia serem provas de que aqueles infelizes foram sacrificados.

Uma brisa fria soprou pelos tornozelos, fazendo com que o telhado improvisado balançasse. Uma tempestade estava se formando ao longe, mas aquele vento gelado parecia vir de baixo da terra. O professor disse que, na verdade, vinha mesmo. O lugar tem túneis de lava, cavernas profundas de terra derretida nas quais antes corriam rios. O solo sob toda a cidade antiga era cheio delas.

— Você quer dizer túneis? Como as cavernas litorâneas?

Ele disse que a rocha era diferente, mas a formação, semelhante. Os antigos eram instruídos pelos deuses para procurarem por uma saída da terra, e aqui eles a encontraram.

O professor falou e falou sem soltar o braço de Frida. Ela lançou alguns olhares maliciosos antes da escapada final, um passeio rápido pela Avenida dos Mortos enquanto Gamio se distraía com um aluno voluntário. Para evitar o calor insuportável, Frida sugeriu que deixássemos o velho pavimento de pedra e descêssemos o barranco do rio San Juan. Ele estava quase seco, um fio d'água no meio de uma ravina coberta por capim. Ela abriu uma toalha de mesa num descampado de antigas pimenteiras com troncos nodosos e pássaros, que cantavam dos galhos pendentes como os de uma samambaia. E se deitou no chão, arfante.

— Socorro, estamos salvos! Achei que viraríamos sacrifícios humanos. Mortos de tédio pelas Teorias da Antiguidade.

Depois ela se pôs a tirar as coisas da pesada cesta de piquenique que havia trazido de casa.

— Por que você acha que eles fizeram colares como aqueles, com mandíbulas humanas?

Ela levou os dedos ao seu próprio colar de enormes jades, um presente de casamento de Diego.

— Moda — disse ela. — Diego me mostrou algumas imagens disso antes. A maioria das pessoas não era importante o bastante para usar dentes humanos de verdade, entende? Os cidadãos comuns das classes mais baixas. Por isso eles faziam colares falsos, com dentes de pedra presos a mandíbulas de barro.

Ela tirou uma garrafa de vinho da cesta e a abriu, servindo-o em duas taças de bom cristal que provavelmente não deveriam ter corrido o risco daquela viagem. Mas essa é Frida, usando o que tem de melhor, o diabo que fique com os cacos.

— Não é horivelmente triste pensar que toda a história se resume a isso, a seguir a próxima moda estúpida?

— A moda não é estúpida — disse ela, segurando uma taça e derramando um pouco do líquido vermelho sobre o vestido, na altura do joelho.

— É pior do que estúpida. É má. A Mãe viveu e morreu com medo de estar usando o vestido da moda anterior. E veja só tudo o que o Lev perde sempre que os jornais se põem a chamá-lo de vilão. Quando uma pessoa diz isso, todas as outras têm de repetir, por medo de serem deixadas para trás. É a mesma coisa, mais ou menos. Seguir a moda.

— *Moda* não é a mesma coisa que *idiotice*.

Ela preparou uma refeição incrível com as coisas da cesta: embrulhados de porco com folhas de bananeira, chuchus recheados, peras fritas na banha de porco.

— Não diga nada ao seu namorado professor, mas concordo com você quanto à pirâmide copiar a forma da montanha. É uma piada. Eles eram apenas pessoas. Viajamos até aqui para nos depararmos com esculturas de serpentes enormes, imaginando que os antigos trabalharam para nós, para que nos lembremos deles o tempo todo. Mas talvez eles só gostassem das imagens das serpentes.

— Quando você teve essa revelação?

— Hoje.

— Eu lhe disse que todo mexicano tem de vir aqui.

— Olhe, Frida. Vou lhe dizer uma coisa e não me importo se vai rir de mim. Desde que eu tinha 14 anos e lia Cortés, estou escrevendo uma história sobre os astecas. Principalmente na minha

cabeça, mas muita coisa no papel. E agora vejo que estava escrevendo a história errada, o tempo todo. Passei muitos anos escrevendo algo muito estúpido.

Ela fez que sim, mordendo o chuchu.

— Diga-me por que é uma história estúpida.

— Minhas impressões foram tiradas de livros. Os antigos pareciam... Exatamente o que o professor disse. Presos a uma disputa pela grandeza. Heróis e batalhas, reis míticos.

— Bem, ninguém sabe quem foram eles, por isso você pode inventar o que quiser — e procurou por guardanapos na cesta, de onde tirou alguns azuis-e-amarelos. — Uma história é como uma pintura, Sóli. Não precisa ser igual às coisas que você vê pela janela.

— Bem, talvez os antigos não fossem muito heroicos. A maioria deles era provavelmente como a Mãe, escondida em algum canto tentando descobrir como fazer joias de mandíbulas falsas que se parecessem com as mandíbulas de verdade.

— Essa história é melhor, para ser sincera — disse ela. — A grandeza é muito chata.

A pera frita picante estava deliciosa: fatias grossas, ligeiramente fritas com açúcar e anis.

— Você cozinhou tudo isso hoje, esta manhã?

— Montserrat, no hotel San Angel — disse ela, com a boca cheia, mastigando com vontade. — Estou falando sério. Sua ideia para a história parece boa.

— Bem, não importa, porque não posso ser um escritor.

— Tolinho, você é um escritor. César tentou fazer com que você fosse demitido por escrever sempre em seus cadernos, e Diego tentou fazê-lo parar também. Sofri ao vê-lo tentar. Agora esses homens querem fazer de você um secretário eficiente. Mas você continua escrevendo sobre amores e escândalos. A questão é: por que você acha que não pode ser um escritor?

— Para ser um escritor, você precisa de leitores.

— Então eu não sou pintora. Quem é que vê minhas obrinhas de merda?

— Um astro de cinema norte-americano, para citar um só. Diego me contou que o cara olhou todas as suas pinturas e comprou

algumas.

Ela estava servindo o vinho, mas levantou os olhos, sob aquelas sobancelhas escuras.

— Edward G. Robinson. Comprou quatro, se quer saber. Duzentos dólares cada.

— *Dios mío*. Está vendo?

— Não vejo nada. Vejo um menino que rói as unhas e sangra tinta.

— Um menino tolo, como você disse.

— Vamos voltar ao tema da sua história. O que acha que as pessoas querem, senão a grandeza e serem lembradas pela eternidade?

Não havia sobrado quase nada daquele almoço abundante, exceto dedos engordurados e um pedaço de anis entre os dentes. A garrafa de vinho estava vazia.

— Por alto? Acredito que as pessoas querem comer um bom almoço e depois dar uma boa mijada.

Ela estava procurando alguma coisa na cesta novamente e, inacreditavelmente, encontrou uma garrafa de vinho pela metade, que havia sobrado de alguma outra aventura.

— E amor, Sóli, nunca se esqueça disso. Somos corpos, às vezes com sonhos e sempre com desejos.

— Amor. Mas amor puro, daquele que Lev sente pela humanidade, acho que não é muito comum. A maioria de nós são pessoas comuns. Se fazemos algo de grandioso, é só para sermos amados. E talvez por apenas dez minutos.

— Amor é amor, Sóli. Nós nos doamos muito para recebê-lo. Não se despreze o tempo todo. Quando Lev tinha a sua idade, provavelmente era mais parecido com você do que pensa.

— Certo. As pessoas são dominadas pelo amor e pelos rins. Essa é a minha opinião e agora realmente tenho que mijar. Não olhe, por favor.

— Hei, você poderia ter encontrado uma árvore maior — gritou ela. — Um cara magrinho como você, e não está nem metade escondido.

— Você poderia permitir a um lorde a privacidade para mijar.

Frida, em seu vestido de tecido grosseiro, deitada de costas no barranco, olhando através dos cílios pretos. É impossível explicar como ou por que, mas ela havia se transformado completamente. De uma cobra venenosa em uma amiga.

— Se você quer escrever livros românticos sobre os astecas — disse ela —, quero dizer, se é isso o que lhe interessa, então deveria escrever sobre isso.

Era uma conversa sincera. Sobre se os nossos ancestrais viveram vidas mais relevantes do que as nossas. E como eles conseguiram nos enganar, se é que a intenção era essa. Frida achava que tinha sido bom eles não deixarem tudo registrado por escrito. O povo de Teotihuacán não tinha linguagem escrita, segundo o dr. Gamio.

— Por isso não podemos ler seus diários — afirmou ela. Nem as cartas enfurecidas que eles enviaram para suas namoradas infiéis. Morreram sem nos revelar seus problemas.

Ela tem razão quanto a isso. Nenhum arrependimento ou ciúmes dignos de pena. Somente deuses de pedra e prédios magníficos. Tudo o que temos para ver é sua arquitetura perfeita, e não suas vidas imperfeitas. Mas é um argumento estranho para uma artista cujas pinturas são reveladoras e cheias de confissões. Sem arrependimentos ou ciúmes, ela teria apenas uma tela em branco.

— Então seria melhor se você queimasse todas as suas pinturas, Frida. Se quer que as pessoas no futuro pensem em você como uma heroína.

Ela ficou remexendo nas contas do colar e franziu a testa. Levantou a taça de vinho contra a luz e brincou com o líquido vermelho, analisando-o.

— Acho que um artista tem de dizer a verdade — disse, finalmente. — Você tem de usar seu talento muito bem e ter muita disciplina para isso, mas, para ser um bom artista, o principal é que saiba algo de verdadeiro. Esses meninos que vêm até Diego querendo aprender, vou lhe dizer. Eles sabem pintar uma árvore com perfeição, um rosto com perfeição, o que você lhes pedir. Mas o que eles sabem da vida não dá nem para encher um dedal. E é isso o que tem de ir nas pinturas. Senão, por que olhar para elas?

— Como um artista aprende o bastante sobre a vida para encher um dedal?

— Sóli, vou lhe dizer. Ele precisa arranhar a alma contra a vida. Trabalhar numa mina de cobre durante alguns meses, ou numa tecelagem. Comer alguns tacos horivelmente gordurosos, só para ver como é. Transar com alguns meninos mexicanos.

— Obrigado pelo conselho. Você parece preferir os estrangeiros.

— Não se importe comigo. Já fiz de tudo. Nada mais resta para esses ossos senão a cova — e bebeu todo o vinho da taça. — Você anda tão bravo comigo. Por quê?

— Meu Deus, Frida. Porque você me trata como criança.

Ela pareceu realmente surpresa.

— Eu entendo. Não sou uma pessoa importante como você. Ou Van, por exemplo. Mas trabalhando para você e Diego, às vezes nem mesmo me sinto humano. Sou um ratinho passeando em meio aos sapatos de seres gigantescos, tentando apenas não ser pisado por eles.

— Olha, se eu não flerto com você, deveria levar isso como um elogio. Nem sempre eu me respeito, mas quase nunca eu respeito os homens. Eles são como flores, todos exibidos, muita cor e luxúria. Você os colhe e os joga no jardim. Mas você eu respeito. Sempre respeitei. Desde a primeira vez que o vi.

— Você nem se lembra da primeira vez que me viu. Foi muito antes de eu ir trabalhar na sua casa, anos antes. No nosso aniversário.

— No mercado Melchor — ela inclinou a cabeça, mas sem o sorrisinho astuto. — Você me perguntou se podia me ajudar a carregar um saco de milho. Eu lhe disse que todo homem tem o direito de ganhar dinheiro com o suor de seu trabalho.

Ela é maravilhosa, ou uma amiga assustadora, brilhante e muito esperta. Adivinha o desconhecido. Nunca haverá outra Frida.

— Eu aprovo sua ideia, Sóli.

— Que ideia?

— Cortés e os astecas. Escrever a verdadeira história do México. Acho que você tem razão, deveria escancarar a cultura muda e dar a esses heróis entediados um pouco de suor e mijo.

— Acha mesmo?

— Olha, não tem sentido fingir que a história é uma odisseia homérica.

Um pássaro vermelho pousou acima de nós, um vermelho igual ao das flores das trepadeiras, pousando rapidamente num galho frágil antes de voar para longe. Frida guardou o que restou da comida.

— Foi bom conversarmos hoje. Não temos muito tempo.

— O que você quer dizer?

— Tenho de me preparar para uma exposição. Vou fazer uma exposição de verdade, só com obras minhas. Dá para imaginar?

— Isso é maravilhoso.

— Sóli, é assustador. Eu me sinto como se estivesse deitada na minha banheira o tempo todo, admirando meus próprios *pendejos* cheios de curvas. E agora centenas de pessoas vão olhar pela cortina, aplaudindo.

— Ah. Quando será a exposição?

— Quando não é a questão. *Onde* é a questão. Nova York. Irei no fim do verão. A exposição começa em outubro e depois farei outra em Paris. Foi o sr. Poeta Juba-de-Leão quem organizou a mostra em Paris, para lhe dizer a verdade. André. Eu deveria tentar tratá-lo melhor. Paciência — ela parecia sem fôlego.

— Você está bem?

— Com um pouco de medo, eu acho. Estou abandonando Diego por muito tempo. Abandonando todo mundo, mas de um jeito diferente abandonando Diego.

— Não acredito nisso. Você e aquele sapão não podem viver um sem o outro.

— Bem, veremos. De qualquer modo, quero reparar certos equívocos antes de ir.

Ela se deitou e fechou os olhos. Depois de um tempo, perguntou:

— Como você sabia que era meu aniversário, naquele dia em que nos conhecemos no mercado Melchor?

— Porque era o meu também.

Ela se sentou com os olhos arregalados de uma boneca.

— Fazemos aniversário no mesmo dia?

— Sim.

— Esse tempo todo?

— Todos os anos, na verdade.

Ela ficou olhando, recalculando a história.

— Todas aquelas festas. Você tem trabalhado feito um escravo no seu próprio *cumpleaños*.

Então quer dizer que, no fim das contas, ela não é capaz de adivinhar tudo.

Ela se deitou novamente e fechou os olhos.

— *Mi vida*, não guarde segredos de mim. Não deveria nem tentar, percebe como estamos ligados? Será sempre assim. Entramos na vida pela mesma porta.

Com os equívocos reparados, para sua satisfação, ela dormiu quase que imediatamente, saindo daquela paisagem estranha para outra, a de seus sonhos. Em pouco tempo abandonará totalmente este lugar — Diego, México, a casa e tudo o que há dentro dela.

As ruínas da cidade antiga irradiavam calor, mas o riozinho fluía gelado em meio a ela. Um lagarto se moveu entre o mato do barranco, correndo para a sombra de uma rocha e descansando perto de uma pedra que parecia arredondada e brilhante, mesmo à sombra. Era lisa e, quando virada para cima, revelou-se não uma pedra ordinária, e sim uma esculturazinha. Um homenzinho de jade ou obsidiana, algo antigo, pequeno o bastante para ser escondido na mão. Um artefato notável. Deveria ser entregue ao professor. Claro que seria errado tirá-lo do lugar.

Todos os detalhes na escultura eram perfeitos: a barriga redonda com o umbigo perfurado, as perninhas e o rosto furioso. Um toucado que parecia uma pilha alinhada de biscoitos. Os olhos muito fundos sob as sobrancelhas arqueadas. E, dentro dos lábios arredondados, um buraco fazia as vezes de boca, como um túnel para outro tempo, falando. *Estou à procura da porta para o outro mundo. Esperei milhares de anos. Leve-me.*

The New York Times, 15 de abril de 1939

**Rivera Ainda Admira Trótski;
Nega Conflito de Ideias**

***O Artista Explica que Abandonou a Quarta Internacional Para
Não Causar Embaraço ao Líder — E Revela a Carta que
Provocou a Ruptura***

Por Diego Rivera

CIDADE DO MÉXICO, 14 de abril — O incidente entre mim e Trótski não é uma briga. É um lamentável equívoco que, ampliado, acabou por se revelar irreparável. Isso me levou a romper relações com um grande homem pelo qual eu sempre tive, e continuo tendo, grande admiração e respeito. Não tenho nenhum interesse em incitar a presunção tola de entrar em polêmicas com Trótski, que considero o núcleo e principal nome do movimento revolucionário que é a Quarta Internacional.

Há um provérbio mexicano que diz: “Muito ajuda aquele que não atrapalha”. No futuro, minhas ações e opiniões pessoais, se é que terei algumas, não bloquearão o caminho nem de Trótski nem da Quarta Internacional.

O incidente entre mim e Trótski tem origem numa carta que enviei a meu amigo, o poeta francês André Breton. A carta foi datilografada em francês por um dos secretários de Trótski. Trótski acabou vendo uma cópia da carta que fora deixada sobre a mesa do secretário, de acordo com uma declaração escrita por ele e enviada a mim, e os conceitos que ali expressei, em referência à situação geral das forças esquerdistas no mundo, ao papel social dos artistas e à posição deles e seus direitos dentro do movimento revolucionário, além de algumas alusões pessoais a ele, deixaram-no tão incomodado que ele expressou opiniões contra mim que considerei inaceitáveis e me levaram a romper com ele.

Trótski trabalha sem trégua, ajudando continuamente, com seus esforços mentais, o lento e difícil trabalho de preparação para a libertação dos trabalhadores do mundo todo. Ele tem uma equipe de

jovens secretários, e voluntários vêm do mundo todo para ajudá-lo nesse trabalho. Enquanto isso, outros voluntários cuidam, dia e noite, da segurança do homem que, juntamente com Lênin, deu a vitória ao proletariado da Rússia. Esses e todos os outros milhares de heróis de outubro, agora exilados por imposição da contrarrevolução de Stálin, continuam a trabalhar pela vitória futura dos trabalhadores de todo o mundo.

Os inimigos, os “organizadores da ruína”, Stálin e sua GPU perseguem o homem de outubro. Por todos os lugares, eles tentaram feri-lo, aniquilá-lo psicologicamente pelo extermínio de sua família... Enquanto isso, seus colaboradores mais próximos, perseguidos e ameaçados, são assassinados, um após o outro. É natural que essa situação e o acúmulo de sofrimento que ela produz afetem o homem de outubro, apesar de seu enorme autocontrole e de sua autoconfiança. É natural que a disposição de Trótski tenha se tornado mais e mais difícil, apesar de sua grande bondade e generosidade.

É uma pena que o destino tenha decretado que eu devesse entrar em conflito com esse lado difícil de sua personalidade. Mas minha dignidade como homem me impossibilita de fazer qualquer coisa para evitar isso.

Casa Trótski, 1939-1940 (VB)

Na manhã em que Lev e Natalya saíram da Casa Azul, uma garçota desceu com as asas brancas abertas como um paraquedas e pousou no quintal. Esticou o pescoço comprido em forma de S até ficar quase tão alta quanto um homem, virando a cabeça com o bico longo para um lado e para o outro, analisando cada pessoa ali presente. Depois saiu correndo pelos tijolos do portão da frente, erguendo as pernas compridas e os joelhos como um homem andando de bicicleta. O guarda abriu o portão, só um pouquinho, e quatro homens com revólveres nos coldres ficaram observando a garçota voar pela Rua Allende, desaparecendo numa esquina.

Frida teria dito que foi uma homenagem à partida de Lev. Mas ela não está aqui, está em Paris, onde todo mundo é idiota, de acordo com seus relatos. Natalya, despreparada para confiar em sinais, estava envolta no mesmo traje de lã que vestia no dia em que chegou de navio da Noruega. Lev estava menos protegido, com uma camisa branca aberta no colarinho. Os dois levavam uma pequena mala. Van, que estivera distraído desde que se apaixonara novamente (dessa vez ela é norte-americana), manteve os olhos baixos e ficou ocupado, levando caixas de papéis para dentro do carro enviado por Diego. O próprio Diego não estava presente.

Todas as pessoas talvez tenham sentido alguma acusação no olhar da garça, porque não havia ninguém inocente naquela casa. Frida se foi, deixando Diego e Lev apenas com suas irritabilidades para preencher um espaço esvaziado de desejo. E Diego, pobre homem, só pode ser quem é. Um organizador que não consegue chegar às reuniões na hora, um secretário que se esquece de responder às cartas. Ele tem um coração de anarquista, e não de um funcionário do partido.

Um pouco da culpa, claro, vai para Stálin: suas ameaças pairando sobre esta casa, os assassinatos dos filhos de Trótski, seus amigos e colaboradores, a aniquilação de toda a sua geração

na Rússia. As crueldades de Stálin têm pressionado as almas desta casa, achatando-as como os antigos esqueletos na terra.

Mas o principal culpado: o secretário descuidado que revelou tudo.

Diego escreveu aos jornais sobre sua ruptura com Trótski, afirmando seu desejo de sair do caminho de um grande homem. “Um acúmulo de sofrimentos o afetou”, escreveu Diego, sem nomeá-los todos: o caso com Frida, por exemplo, ainda que tenha dito que estava perdoado. O bilhete que ele enviou a Breton, reclamando: “O velho bode barbudo está sério o tempo todo. Pelo amor de Deus, ele não pode se esquecer da Revolução por uma só noite e beber com um amigo que arriscou tudo? Que lhe deu abrigo e comida por dois malditos anos? Como é que um mortal pode tolerar esses melancólicos temperamentos dos russos?”

E rascunhou o bilhete no próprio escritório de Lev, entregando-o para ser datilografado, um gesto impensado de bravata, enquanto Lev estava em outro lugar. A carta deveria ter sido enviada para a França imediatamente. Mas, em vez de fazer isso, o preocupado secretário, na pressa de começar a preparar o jantar, deixou-a na mesa do Ediphone, onde mais tarde Lev a encontrou. Mais tarde, o velho foi até a cozinha, sem óculos e esfregando os olhos, cansado demais, disse ele, para jantar. Só um pedaço de torrada, talvez. Para a cama cedo, planos para amanhã.

Que nó na história um erro pode se tornar. Trótski deveria ter sucedido Lênin como presidente da União Soviética, mas um pequeno acidente fez com que o cargo caísse nas mãos de Stálin. Diego nunca contou que acidente foi esse. Só que os pequenos caprichos alteram o destino. Uma carta, esquecida por acidente. Se Diego e Lev tivessem mantido sua aliança, talvez tivessem forjado um movimento para derrubar Stálin. Os exércitos camponeses do México adoram Diego, mas eles precisam da inteligência estratégica de Lev. De Michoacán, inflamando as brigadas da Espanha e avançando para dentro de toda a Europa, o mundo talvez venha a aceitar o sonho da democracia socialista de Lev. Mas um descuido arruinou essa união.

Por que Diego chamou seu amigo de bode? Ele esperava que a palavra desaparecesse com o correio da tarde, eis o porquê.

Palavras amargas geralmente desaparecem com a umidade da respiração, depois de uma briga. A fim de se tornarem permanentes, elas precisam de quem as transcreva e reporte, de cúmplices maus. Diego não dava a menor importância para aquela carta; seu respeito por Lev é infinito. Ele teve uma infecção ocular naquela semana, uma úlcera no estômago depois de um almoço com vários sanduíches de porco. De algum lugar naquela irritação, surgiram algumas sentenças venenosas. Agora o mundo tinha acesso a elas.

E o secretário? Seu pecado foi a preguiça ou a vaidade? A carta foi escrita em francês, mas por que ele não pediu a Van que o ajudasse a mudar as palavras, a datilografar uma versão mais aprazível? E por que ele não a enviou imediatamente, como pedido? Uma lembrança do jacarandá no ano passado na janela, o som de alguma coisa se quebrando na cozinha — sem nenhum grande motivo, ele se esqueceu e deixou a carta sobre a mesa.

O equívoco o deixou agonizando como a vítima de um acidente: sua lealdade a Lev o envolvia como peças de metal ao redor do peito. O motor quebrado do lança-chamas Rivera, chamas ameaçadoras. Ele precisa se libertar fazendo uma escolha. Diego diz fique, como cozinheiro-datilógrafo e garoto de recados, em troca do mesmo salário que pinga regularmente desde aquele dia encantado de preparação de argamassa no chão do Palácio Nacional. Mas Lev também pede para que continue a seu serviço. Mais do que nunca, ele precisa de um secretário de confiança, por causa da mudança perigosa e das distrações cada vez maiores de Van. Lev oferece um quarto e uma cama numa casa de sonhos, que podem ser todos assassinados amanhã. O Pintor oferece dinheiro, pedindo apenas para ser idolatrado.

Às sete da manhã, depois de uma tempestade rápida, Lev Trótski pegou a mala, caminhou sobre as poças na calçada e deixou a Casa Azul pela última vez. Ele e a esposa entraram no banco de trás do carro com Lorenzo, o guarda-costas, o rifle pousado sobre o colo, e Van no banco do passageiro, também armado. O motorista está sentado bem reto, como se seu corpo estivesse todo furado, como o de um hindu com mil agulhas de culpa.

— Estamos prontos, meu filho. Vá — disse Lev e, unido, o pequeno partido viajou por seis quarteirões, até uma casa vazia e

velha na Calle Viena, alugada de uma família chamada Turati, que eles transformariam em seu novo lar.

Se algum homem amargurado já fingiu melhor estar alegre, isso só pode ter acontecido no cinema. Os esforços de Lev para tirar o melhor dessa nova mudança animaram a todos. Natalya parou de tomar comprimidos para dormir e se pôs a faxinar: tirando teias de aranha dos tetos altos e esverdeados dessa mansão porfiriana, limpando as janelas com vitrais e arrumando a mobília. Às vezes ela usa um avental e prepara o café da manhã para Lev. Hoje ela pintou o encosto das cadeiras e todos os armários de madeira da sala de jantar, numa bela combinação de amarelo e marrom que Frida consideraria entediante. Que alívio o fato de ela não estar mais lendo estas páginas.

Os norte-americanos Joe e Reba Hansen se mudaram para cá, vindos do apartamento para onde haviam escapado da hospitalidade e das complicações dos Rivera. Um novo casal também chegou, o sr. O'Rourke e sua amiguinha, a srta. Reed. Todos parecem aliviados por se reunirem comendo jantares simples na sala principal, com uma velha toalha amarelada sobre a mesa comprida, sem que ninguém precise se preocupar com manchas de vinho. Ao contrário, debatem as notícias do dia sem as nuvens tempestuosas das intrigas dos empregados. Van ouve programas musicais no rádio e assovia enquanto datilografa, quando não há mais ninguém no escritório. Sua felicidade, como sempre, parece estar ligada a uma moça.

Somente Lorenzo parece triste, mas isso não é novidade. Ele está sempre inquieto, trabalhando ou de folga, um monumento de preocupação com o enorme bigode preto, o rosto queimado de vermelho pelas horas que passa olhando para o mundo ameaçador. A testa, uma porção surpreendentemente branca sobre a marca criada pelo chapéu, quando o tira para jantar. Proteger Lev tem sido uma tarefa aterrorizante desde que cruzaram as portas em Tampico. Lorenzo apreendeu dezenas de ameaças, não apenas de vigilantes descalços, mas também dos matadores frios entre os stalinistas mexicanos. Ultimamente Toledano tem ido a reuniões de

sindicalistas, oferecendo dinheiro a qualquer homem disposto a dar um tiro em Trótski. Muitos homens hoje em dia precisam de dinheiro.

Tudo é contado para Lev, mas não para Natalya. Ela só descobre o pior quando a polícia é obrigada a prender alguém e a história chega aos jornais, escondida entre as confabulações de sempre sobre o “Traidor Russo no Meio de Nós”. Lorenzo e os três outros jovens guardas fazem turnos de seis horas no telhado, dia e noite, circulando pelo perímetro do parapeito de tijolos. A parede negra de pedra ao redor do pátio tinha três metros de altura, mas os pedreiros a aumentaram ainda mais, com torres de vigilância e fendas para abrigar os rifles. Será bom se Lev puder comprar a casa, por causa da necessidade dessas alterações. Joe Hansen diz que o dinheiro vem do partido trotskista dos Estados Unidos. Os Trabalhadores Socialistas.

A cozinha aqui é muito adequada: um fogão a gás com quatro bocas, uma bancada de madeira e uma geladeira. E, dentro das muralhas, o pátio propicia um belo alívio, com árvores que crescem num triângulo entre a casa principal e a grande e estreita casa de vigia no ângulo oposto. Aqui, pelo menos, os guardas e secretários talvez tenham alguma privacidade, a casa de vigia tem quatro quartos no andar de baixo e quatro no de cima. O jardim é sombreado por um velho jacarandá e algumas figueiras. Lev quer recuperar os espécimes de cactos que coletou em San Miguel Regia e que estão em vasos em algum canto esquecido da Casa Azul, para que ele possa fazer um jardim de cactos. Hoje, depois do almoço, ele apontou onde pretende plantar cada um, com trilhas de pedras para passear entre as partes do jardim, um parque em miniatura. É um espaço pequeno demais para um plano tão elaborado. Mas esse lugarzinho, medido em metros, é o último resquício de uma terra que Lev pode chamar de sua.

De dentro, tudo parece alegre demais. Um espectro estranho do confinamento só se torna notável quando visto de fora, quando, por exemplo, alguém o adentra vindo do mercado. A construção ocupa um terreno plano em Coyoacán, onde Calle Viena e Rio Churubusco se encontram. As muralhas altas e escuras que a encerram se unem num único ponto, parecendo exatamente como a proa negra

de um navio de cruzeiro: o grande e lento navio do destino de Trótski alçando velas pelo Churubusco, como se ainda houvesse um canal na cidade sobre o lago, como Cortés a encontrou. Como se ainda fosse possível construir um navio no deserto e se lançar para descobrir um novo mundo.

A mãe de Lorenzo veio esta semana do interior, trazendo mais um par de olhos ansiosos para fazer a guarda: seu neto, Alejandro. Também trouxe dois coelhos e algumas galinhas. Lev está feliz como um camponês com seu novo rebanho. Os coelhos têm agora gaiolas perto do portão de entrada, mas Lev diz que as galinhas são “viajantes emancipadas”, livres para ciscarem pelo pátio. Natalya reclamou da falta de higiene e pela segurança das galinhas.

— Nataloschka — disse-lhe o marido —, não há lobos vivendo aqui. As galinhas são as únicas que não precisam se preocupar com predadores. Deixe que vivam livres.

Claro que ela cedeu. No novo escritório de Lev, ele se senta na cadeira para que possa olhar o pátio da janela, onde as galinhas ficam ciscando, batendo a cabeça à procura de besouros na terra.

Perpétua veio da Casa Azul duas vezes nesta semana, trazendo algumas cerâmicas das quais Natalya gostava muito. Sua preferida é um prato esmaltado branco com peixes saltando, um presente que Frida lhes deu quando chegaram. Natalya agradeceu Perpétua e guardou a cerâmica no armário, mas hoje ela a tirou de lá e a pôs na parede. Nos anos com Lev seu mundo tem sido muito restrito, com muito poucos objetos de beleza. Ela não é um buldogue, somente uma mulher trancafiada num jarro, possivelmente tentando dançar lá dentro. Demonstra isso no modo como arruma as conchinhas no beiral da janela, numa cadeira pintada de vermelho num canto: está praticando a arte de criar uma natureza-morta e fazer dela sua residência.

O sobrinho de Lorenzo, Alejandro, é o mais jovem dos guardas, 19 ou talvez 20 anos. De um vilarejo perto de Puebla, é o único dos

guardas que não faz parte do movimento político, mas Lorenzo garante sua lealdade. Lev aceita de bom grado o novo recruta.

Alejandro parece feliz só de fugir de certa tristeza de sua vida. É tímido e esquisito, exatamente o que Frida chamaria de caipira ridículo. Ela diria que o aprovaria e depois garantiria que todos olhassem para ele como se fosse um peixe num aquário. Provavelmente ela não pode evitar, está sendo observada assim desde que se casou com Diego.

Em Nova York e Paris, onde fez sucesso, os jornais tentaram arruiná-la. Agora que Frida está voltando para casa, aparentemente renovada, o que eles dizem dela é ainda pior. Como Natalya, ela deve sentir necessidade de se recolher a um espaço pequeno, criando naturezas-mortas e se pintando dentro delas. Ela não tem de se esconder de assassinos, mas a Polêmica parece ser uma espécie própria de prisão.

As galinhas não são as únicas emancipadas aqui. Lev permite que se escreva qualquer coisa. Enquanto ele próprio trabalha incansavelmente na biografia de Lênin e numa dúzia de artigos políticos ao mesmo tempo, confessou que na verdade nenhum livro é capaz de superar um bom romance. Ele mesmo tem o desejo de escrever um romance.

Que descoberta estranha. Ele veio ao escritório de madrugada para procurar por um dicionário e se surpreendeu ao descobrir um de seus assistentes ainda batendo à máquina.

— Jovem Shepherd! O que o mantém ocupado até tão tarde nesse quartel-general?

Quartel-general da Quarta Internacional é o nome para o escritório ao lado da sala de jantar. Natalya trouxe para cá todas as três máquinas de escrever e sua escrivaninha, o telefone, estantes de livros, arquivos e tudo o mais. Foi ideia dela criar um escritório separado para que todos possam trabalhar aqui — ela própria, Van, os norte-americanos que vieram estudar com Lev — sem deixar o comissário enlouquecido. Lev mantém um estúdio menor na outra ala, perto do quarto, onde escreve em paz até que precise de alguém para anotar seus ditados.

— Desculpe, senhor. — *Junte rapidamente as páginas e as coloque numa pasta. Não confesse, a não ser que seja obrigado.* — Não é nada que vá libertar o povo.

Ele ficou esperando por mais informações, de pé, com os olhos arregalados no umbral da porta, de camisa e gravata. Os cabelos brancos desgrenhados por um longo dia de trabalho. Puxa o cabelo enquanto pensa.

— Senhor, não tenho certeza se quero dizer.

— Ah, não. Algum relatório secreto para os inimigos?

— Por favor, não pense numa coisa tão horrível.

— O quê, então? Uma carta de amor?

— É mais vergonhoso do que isso, senhor. Um romance.

Os músculos do rosto se relaxaram, todas as saliências e os olhos enrugados sob a barba e os óculos redondos. O sorriso de Lev é diferente de tudo. Ele puxou a cadeira da escrivaninha de Natalya e sentou-se com o encosto virado para a frente, subindo nela como se montasse um cavalo, apoiando os braços no encosto e rindo até quase chorar.

— Ah, isto é *mechaieh*!

Não havia nada a fazer senão esperar por um veredicto mais inteligível.

— Estava preocupado com o destino de seus pensamentos, meu filho. Quando sua mente não estava aqui — estalou a língua e disse mais algumas palavras em russo. — Um romance! Por que você diz que isso não vai libertar ninguém? Onde mais alguém vai ser livre, seja rico ou pobre, ou até mesmo na prisão? Em Dostoiévski! Em Gogol!

— Fico surpreso de ouvi-lo dizer isso.

Sua auréola de cabelos brancos era iluminada pelo brilho azulado do poste de luz lá fora. A janela que dava para a rua estava semifechada com tijolos, mas a luz entrava por cima. Parecia o cenário de um filme de detetive. Ele se levantou e foi até a estante de livros, passando por mesas e pela máquina de gravação, com seus fios serpenteando pelo chão. Ligou a luminária perto da estante.

— Quero lhe mostrar uma coisa. Meu primeiro livro publicado. Um relato de um jovem de apenas 27 anos, preso pelo czar por ser

um revolucionário, fugindo ousada e dramaticamente pela Europa ao mesmo tempo em que planeja seu retorno com o Exército Popular.

Lev encontrou o livro e o folheou com o dedo.

— Era uma sensação comum entre os trabalhadores de São Petersburgo. Em toda a União Soviética, na verdade. Se um russo sabia ler, leu esse livro.

— Um romance, senhor?

— Infelizmente não. Todas as palavras aqui são verdade — abriu o livro e virou algumas páginas. — E, desde então, apenas teoria e estratégia. Como fiquei chato!

— Mas sua vida ainda é um caldeirão. Os assassinos de Stálin à sua caça, o Partido Comunista e Toledano arquitetando para manchar seu nome. Odeio ter de dizer isso, mas os jornais talvez ficassem do seu lado se você escrevesse sobre isso desse jeito. Poderiam publicar sua saga em colunas semanais, do mesmo modo que fizeram com Pancho Villa durante a guerra.

— Conseguir que os jornais fiquem do nosso lado, ah, meu menino. Isso é um trabalho para acrobatas de circo e políticos inúteis.

— Desculpe, senhor.

Ele sorriu.

— Bem, isso atrairia os russos. Nossos cérebros têm uma fraqueza por enredos emocionantes e melancólicos — e fechou o livro com um estalo. — Qual é o assunto do seu livro?

Ele ouviu cuidadosamente a ideia de uma aventura histórica sobre os antigos mexicanos, mesmo que seja mais aventura do que história, e que jamais fique boa. Tirou alguns livros da estante que talvez servissem de inspiração para um romancista que estava só começando.

— Você lê russo? Não. Bem, Jack London, com certeza. E Colette, para ter o ponto de vista feminino. Ah, esse aqui é de Dos Passos, chama-se *O grande capital*.

Ele também ofereceu uma de suas máquinas de escrever, a máquina de reserva que só precisava de um pouco de óleo para voltar a funcionar, e uma mesinha para ser usada como escrivaninha na casa dos guardas à noite.

— Para que você não tenha de se esconder novamente no quartel-general — disse. — Do jeito que o Lorenzo é nervoso, talvez atire em você por engano. Uma grande besteira que você faria a si mesmo, meu filho. E quem escreveria sua história?

Alejandro, o menino do vilarejo, quase nunca fala. Ele diz que quer aprender inglês. Uma frase por vez, ele diz: *Eu sou. Tu és*. Seu quarto fica no outro extremo da casa dos guardas, mas ele vem aqui todas as manhãs, às quatro, depois de terminar seu turno de vigiar o telhado com o rifle escondido na escuridão. Este quarto não tem abrigado segredos até agora, exceto por uma caixa de coisas escondida sob a cama: um ídolo roubado. Um romance inacabado e completamente horrível. O brinquedinho entrelaçado chamado *trapanovio*, lembrança de uma notável humilhação.

Alejandro é o primeiro a ver o *trapanovio* desde aquele dia em Xochimilco, e não riu quando lhe contei a história. Respirou fundo, levou as mãos ao rosto e chorou.

Às quatro da manhã, enquanto o mundo dorme livre de preconceitos, ele geralmente chega. *Ele tem, eles têm*. É um tipo estranho de amor. Ou nenhum tipo. Só um consolo, nem o primeiro nem o último, grato e ansioso e assustado, uma coisa de cada vez. Depois, diante de seu incomodado cúmplice, Alejandro reza.

Frida está em casa por um mês e solta como uma boneca de pano. Diego quer o divórcio. Ela suspeitava disso desde o último outono, mas seu plano era ficar longe tanto tempo que ele aprenderia que não poderia viver sem ela. Tais planos raramente dão certo. Ela saiu da Casa Dupla e estava vivendo agora em Coyoacán, e é estranho ver a Casa Azul se enchendo com as coisas dela. Está pintando mais, as cores de sangue e as profundezas do mar. O quarto que era de Lev e Natalya, vazio como um quarto de empregado antes, com o tapete de lã e a cama feita com esmero, agora estava entulhado com a cômoda, as joias, as estantes de bonecas e os baús de roupas. O antigo estúdio de Lev abriga a bagunça de cavaletes e quadros. Não deveria parecer estranho, já que aquela

foi sua casa durante tanto tempo, e a casa de seu pai antes de ela nascer.

Esta manhã Perpétua enviou Belém para a outra casa porque a patroa ficou louca. Frida gasta sua loucura do mesmo jeito que gasta dinheiro; tudo estava acabado quando a ajuda chegou. Perpétua atendeu o portão, apontou sem dizer nada e voltou à cozinha. Frida estava sentada num banco de pedra no jardim, com os cabelos semicortados. Eles se acumulavam em pilhas grossas entre os pavimentos, tudo ao redor de seus pés.

— Natalya me enviou aqui para perguntar se precisa de algo.

Frida sorriu dissimuladamente, revelando novas clareiras douradas nas tesouras. Parecia que ela tinha bebido, ainda que fosse muito cedo.

— O que eu *preciso* é castrar o filho da puta e acabar com ele.

Deu alguns golpes ameaçadores com a tesoura no ar, assustando o gato preto que estava escondido no seu ninho de cabelo. Ele se levantou e arqueou as costas.

Parecia inútil mencionar que ela também estava tendo casos, tanto em Nova York quanto em Paris. Essas coisas foram muito discutidas pela imprensa. Um belo fotógrafo húngaro.

— Desculpe, Frida. Mas com Diego e as outras mulheres não é novidade, certo?

— É esse tipo de *mierda* que você vem até aqui para me dizer? Só porque vivo na tristeza há tanto tempo eu deveria ter me acostumado a isso agora? Obrigada, meu amigo.

— Desculpe — o gato fugiu para os arbustos.

— Sóli, você nunca vai entender. Agora eu tenho fungos nas mãos. Uma nova doença! Mil cirurgias, coletes de gesso, remédios com gosto de mijo, órgãos falidos, e ainda existe algo que pode dar errado comigo. Talvez eu possa me sentir um pouco triste com isso? — e estendeu as mãos rosadas, ásperas e terríveis.

— Tudo bem. Se você precisa de minha permissão.

Mesmo em seu desolamento, ela parecia um pavão, perfeitamente vestida com uma saia de seda verde e joias o suficiente para afundar um navio. Mesmo se afogando, Frida se apegava à vaidade.

— Não se esqueça de Paris e Nova York, Frida. Eles adoravam suas exposições. Ontem Van me mostrou uma revista de moda com você na capa.

— A opinião a meu respeito em Paris e Nova York, se quer saber, era a mesma que tinham sobre um cavalo falante. Imagine só, uma mexicana que se vestia como uma palhaça e xingava como um soldado! Todos os dias foram, como você diria? Como se eu estivesse num aquário.

Traduzir Frida não é fácil.

— Com vários outros peixes? Isso significa que você está em apuros. Ou então um aquário com um peixinho dourado, o que significa que as pessoas estão olhando para você o tempo todo.

— As duas coisas. Eu estava num aquário cheio de peixinhos dourados. As pessoas apontavam para mim nas ruas.

— Porque você é famosa! As pessoas viram suas obras.

— Ouça, nunca se torne famoso. É mortal. Você deveria ver o que eles escreveram nos jornais, aqueles críticos. Eles mal se importavam em olhar as pinturas, só queriam escrever sobre a pintora. “Ela deveria estar fazendo imagens mais belas da natureza em vez desses pesadelos. E sempre *ela mesma* — ela não é nem mesmo bonita!”

— Nós lemos as críticas. E muitas delas eram boas. Diego diz que Picasso e Kandinsky a consideram mais talentosa do que os dois juntos.

— Tudo bem, mas aquele desgraçado do André Breton não se deu ao trabalho de pegar minhas pinturas na alfândega até que eu cheguei lá e gritei com ele. E é verdade o que estou lhe dizendo sobre as críticas. Eles escrevem o que acham que você deveria pintar.

Mais do que nunca aquele pátio parecia o de uma casa de conto de fadas, com folhas de árvores como teto e um chão de marfim. Lírios brancos cresciam em meio ao tapete de marfim, todos inclinando a cabeça encapuzada em direção a Frida, como cobras encantadas.

— Claro que você passou por uma situação horrível. Mas não pode culpar os outros por verem-na como um espetáculo.

Ela olhou intrigada. Os brincos hoje eram um par de pesadas serpentes douradas em relevo, mas, com a cabeça recém-raspada e vítrea, ela parecia um leão-marinho. Com dentes de ouro.

— Que espetáculo?

Carmen Frida Kahlo de Rivera. Quem era capaz de explicá-la ao menos para si mesma?

— Você interpreta certo papel. Tem de admitir isso. Camponesa mexicana, rainha asteca ou coisa assim. Você não se veste com discrição.

As tesouras douradas brilharam.

— Se eu não escolho, eles escolhem por mim: Esposa do Pintor Polêmico. Os jornais me envolveriam em renda e fariam de mim um anjo martirizado, ou então uma esposa ciumenta, entediante. Principalmente uma vítima — de Diego e da vida. Da doença. Olhe para esta perna — e levantou a seda verde para revelar a perna nua e manca. Era uma visão ainda pior do que as mãos infectadas: magra como um graveto por causa da pólio quando criança, torta e cheia de cicatrizes por causa do acidente, anos de manqueira e incontáveis indignidades. — Você nunca tinha visto isso, não é? — perguntou ela.

— Não.

— Há quanto tempo você me conhece?

— Quase dez anos.

— E durante todo esse tempo você pensou em mim como *isso*?

Era horrendo: a perna de um leproso, um mendigo, um veterano de guerra. Qualquer coisa, menos a perna de uma bela mulher.

— Não.

Ela soltou a saia comprida de seda como se encobrisse um cadáver.

— As pessoas sempre olharão para os pássaros que mais chamam a atenção, como você e eu. Só temos de decidir se olharão para um aleijão ou para um brilho de luz. As joias e tudo o mais cegam as pessoas. As fofocas dirão milhares de coisas, mas nunca perguntarão: “Aquela moça mexicana-índia-asteca, por que ela sempre usa vestidos compridos?”

Com as pontas dos dedos descalços, ela cuidadosamente se põe a arrumar os cachos de cabelo do chão numa pilha. Tudo nela é

um projeto artístico, das flores dispostas sobre a mesa até sua autodestruição.

— Então — disse ela —, como vai sua maravilhosa história, os escândalos dos povos antigos? Está trabalhando nela todos os dias?

Foi tentador lhe contar sobre a mesa de escrever na casa dos guardas, a recém-lubrificada máquina de escrever, a pilha de páginas crescendo todas as noites. Isso a deixaria entusiasmada e faria dela uma cúmplice. Mas Frida não sabe guardar segredos.

— O que você quer dizer com pássaros que mais chamam a atenção, como nós? Ninguém me olha.

— É o que você pensa.

O gato deu algumas voltas perto de seus pés, olhando com desconfiança os tufos pretos.

— E seu querido camarada Van. Como está ele?

— Sem olhar para mim. Com certeza.

O gato concluiu que aquele novo animal entre os pés de sua dona não era nem presa nem predador, por isso saiu correndo pelo marfim, erguendo as patas como se andasse sobre águas rasas.

— Agir como um pavão não é a única maneira de se esconder, Frida. Um pombo também sabe se esconder.

— É isso o que você é? Um pombo escondido num burquinho na parede?

— Sou um datilógrafo. E um cozinheiro. Às vezes consigo limpar as gaiolas dos coelhos.

Ela suspirou.

— Que desperdício de tempo. Eu achava que você tinha *chispa*. Uma centelha ou algum tipo de disciplina. Mas, na verdade, você não passa mesmo de um pombinho cinza — alisou a saia sobre a perna e ajeitou o xale sobre os ombros, acalmando-se novamente depois de ter se revelado.

— Sinto muito pela sua perna. Ouvi coisas diferentes.

— Sóli, deixe-me lhe dizer. A coisa mais importante numa pessoa é sempre algo que você desconhece.

Doze pessoas vivendo nesta casa agora, e só um banheiro. A srta. Reed a chama de A Dança das Horas. Os quatro norte-americanos sempre ficam acordados até tarde — a estranha e engraçada srta. Reed (que se veste como um menino) e seu marido dormem num dos quartos da casa dos guardas, mas raramente vão se deitar antes do amanhecer, na mesma hora em que Lev acorda para seus exercícios matinais. Joe e Reba ainda têm seu apartamento e vão até lá constantemente para usar o banheiro. Para todos os outros o tempo é marcado por duchas rápidas e xícaras racionadas de café. Lorenzo e os outros três guardas mijam pela beirada do telhado, dizendo que a GPU deve ser derrotada por todas as armas conhecidas. Mas algumas armas eles escondem. A competição da manhã não é para os fracos.

A hora secreta é sete e quarenta e cinco. Lev há muito terminou com suas abluções, assim como Natalya. Os que acordam tarde não são uma ameaça ainda e o turno da manhã ainda se mantém à distância, em respeito à privacidade de Natalya. Então é possível escapulir da sala de jantar e entrar na ala de Lev e Natalya, andando na ponta dos pés no escritório de Lev. Ele logo entrará ali, isso é tão certo quanto o fato de que o mapa do México estará na parede. Mas às sete e quarenta e cinco ele ainda está do lado de fora, dando de comer às galinhas.

O banheiro estreito corre paralelo ao escritório e ao quarto de Lev, sob um telhado de latão sem forro, e foi acrescentado à casa em algum momento entre o governo de Porfirio Díaz e a invenção do saneamento moderno. Cada coisa enfileirada como soldados em posição de sentido: a banheira com pés em forma de garras, o lavatório em seu pedestal, o armário com os remédios de Lev e os aparelhos de barbear de todos os outros numa bagunça. O jarro e a bacia num apoio. A horrível escova de cabelos que alguém deveria jogar fora. Lev deveria escrever um artigo: “O desafio político de se usar um banheiro em comum: ninguém tem autoridade para jogar a escova de cabelos fora”. E, por fim, a capitã desse exército: a privada. Com o reservatório de água em cima, a correntinha esperando pela saudação do recruta.

Em vez de sair pela porta que dá para o escritório de Lev (ele talvez já esteja lá agora), é menos estranho sair pelo quarto vazio

do outro lado, que Natalya chama de “o quarto de Seva”, ainda com a esperança de que seu neto possa ser trazido de Paris para cá. Por enquanto, guarda um armário de madeira com casacos e paletós. Esta manhã também abrigava Natalya, de pé diante da tábua de passar, dobrando uma pilha de pijamas de seda listrados de Lev. Algumas vezes não se pode escapar da estranheza.

— Bom dia.

— Bom dia.

Parecia necessário dizer algo mais.

— Lev tem muitos pijamas.

— É, tem.

— São bonitos. A maioria das pessoas não se veste tão bem assim nem durante o dia.

Ela disse:

— A maioria das pessoas não tem que pensar que vai morrer usando pijama. E ser fotografada pelos jornais.

— Meu Deus.

— Não peça desculpas. Estamos acostumados — ergueu brevemente os olhos, um par de pedras acinzentadas, e depois voltou a olhar para sua tarefa. — Eu queria contar isso para alguém e, em vez de falar para Van, provavelmente eu deveria mencionar isso a você mesmo. A pressão dele está alta.

— A pressão sanguínea de Lev? Alta quanto?

— Muito. O médico ontem ficou muito preocupado.

— Lev está preocupado?

Ela dobrou o último pijama.

— Lev acredita que uma bala o encontrará antes que seja acometido por um derrame. Se isso responde à sua pergunta.

— Mas você queria que mais alguém soubesse. É compreensível.

— Provavelmente não há nada que eu possa fazer. Ele tem dores de cabeça horríveis.

— Ele parece calmo.

— Ah, sim, Lev é calmo, calmo é Lev. O que eu disse sobre usar bons pijamas quando ele for assassinado. Não são os fotógrafos que o preocupam. Não quis dizer que ele seja vaidoso. Só não consigo pensar na palavra certa. Meu inglês.

— A palavra é *dignidade*, talvez?

— Dignidade, sim.

— Ele poderia descansar mais. Acorda cedo todas as manhãs para cuidar das galinhas, mas qualquer um de nós pode fazer isso.

— Ah, ele adora aqueles animais. Não o vejo entusiasmado por algo assim desde Benno e Stella. Os cachorros que tínhamos na França — ela ficou em silêncio, visitando as lembranças dos cachorros e talvez dos filhos vivos. — Acho que os animais o aliviam — disse ela, finalmente. — Algo no mundo que ele pode manter em segurança.

— Mas talvez não haja mal algum em se oferecer para ajudar.

— Sim. Você, ele o ouvirá. Ele o chama de “filho”. Você percebeu, claro.

— Claro. Lev tem um coração imenso. Ele é o pai de todo o mundo, ao que parece.

— Ele disse que o considera digno de confiança.

— Considera?

— Pelo jeito como você se parece com Sergei. Ele não disse exatamente isso, mas é verdade. Sergei era quieto. Sempre prestando atenção. Ele prezava pelo bem das outras pessoas.

— Você deve sentir falta dele. De todos eles.

Ela balançou a cabeça, olhando pela janela, os lábios fechados à força.

Lá fora, a manhã era fria, com poças remanescentes da chuva da noite. No cantinho do pátio, contra uma labareda de amores-perfeitos vermelhos que recobriam a parede, Lev estava cercado pelas galinhas. Ele lhes jogava grãos e cacarejava baixinho, numa espécie de russo galináceo, aparentemente entretido. Olhou para cima, assustado.

— Ah, você veio pedir às minhas amigas provas de sua dedicação?

— Não estamos precisando de ovos agora. O café está quase pronto.

— Agora, veja você, eu estava pensando que as galinhas fazem uma única contribuição coletiva. Mas os coelhos são completamente dedicados, quando chamados a servir. Talvez tenhamos duas facções aqui.

— Como os mencheviques e os bolcheviques.

Ele mordeu os lábios e fez que sim.

— Os omeletecheviques. E os pintinhecheviques.

— Natalya acha que talvez você precise de ajuda com os animais.

— Não, não — a pá estava fora do armário de ferramentas, apoiada contra as gaiolas dos coelhos, ao lado de um cesto cheio de estrume. Ele havia limpado o local onde as galinhas passam a noite. Mais tarde pegaria o estrume e o enterraria por todo o jardim.

— Você é um grande pensador, senhor. Não deveria fazer trabalho de camponês.

— Você está errado quanto a isso, meu filho. Todo mundo deveria fazer trabalho de camponês. Seu nome é Shepherd. Já pensou em pastorear?

— Não, senhor.

Ele pegou a pá enquanto observava as galinhas passeando juntas pelo jardim.

— Sabia que Stálin está matando os camponeses agora?

— Por quê?

— Sua ideia de alimentar as massas é criar fazendas enormes. Como fábricas, com máquinas gigantescas e exércitos de trabalhadores desqualificados. Em vez de confiar na sabedoria dos homens da terra. Ele está prendendo proprietários rurais, tentando destruir a classe.

Uma das galinhas pegou uma lagartixa, que se contorceu toda em seu bico. Ela correu apressadamente, com todas as outras numa perseguição implacável. A habilidade delas para ser carnívoras era incrível.

— Chega de falar sobre Stálin antes do café da manhã. Meu jovem amigo Shepherd sem ovelha para pastorear. Eu estava falando sério. Todo mundo deveria pôr as mãos na terra todos os dias. Médicos, intelectuais. Políticos, principalmente. Como podemos supor que estamos melhorando a vida do trabalhador se não respeitamos seu trabalho?

Lev dobrou cuidadosamente o traje que usava para cuidar dos animais todos os dias: o antigo casaco verde com buracos nos cotovelos. Evidentemente ele não espera ser assassinado enquanto

alimenta as galinhas. Ou talvez essa seja sua maior esperança. Ele tirou os óculos e virou os olhos para o sol por um instante, as botas firmes, o rosto de um camponês encarando o céu. Parecia-se muito com a imagem da Revolução Popular em um dos murais de Diego. Depois o ex-presidente do Petrogrado Soviético deixou de lado a pá de esterco e foi tomar seu café da manhã.

Hoje Van se casou. Quem poderia imaginar isso há dois anos, nesse mesmo dia, num barco colorido de piquenique nos canais de Xochimilco? Frida tinha razão, claro, Van não precisava do *trapanovio* para capturar seu verdadeiro amor. Nem Lev, ao que parece. Ele anda de mãos dadas com Natalya e juntos ficam no convés desse cruzeiro, um navio com amigos dignos de confiança e cactos plantados em vasos, observando enquanto o sol se põe atrás da grande muralha que os encerra. Frida tem tido menos sorte no amor ou em qualquer outra coisa, recusando-se já há semanas a sair da cama. Seu corpo ameaça se desmanchar e, graças a Deus, diz ela, que Diego não o quer mais.

Van e sua esposa norte-americana, Bunny, se casaram nesta manhã na prefeitura da cidade, no salão nupcial cuja porta fica diretamente sob o mural que Diego pintou com os antigos maias cultivando cacau, ainda que os amantes provavelmente não tenham notado. Eles planejam se mudar em breve para um apartamento em Nova York. Natalya derramou algumas lágrimas, tão pequenas e contidas quanto seus sapatos pretos. Ela sempre soube que perderia esse filho, juntamente com todos os outros.

Lev estava mais alegre, parabenizando o casal com brindes formais e poemas de amor russos recitados de cor. Bunny usava uma grinalda de flores entrelaçadas, uma ideia antiquada de Natalya, e de algum modo arranjou um saquinho dos adorados alcaçuzes de Van como presente de casamento. No pátio interno da casa, ele ficou ao lado de sua noiva, fazendo brindes entusiasmados e por algum motivo sem um dos sapatos. Quando Bunny ficou na ponta dos pés para colocar seu arranjo de flores na cabeça de Van, ele sorriu tanto que seus molares brilharam. Tão grato por seu afeto. Ele não tem a menor ideia de que tudo nele é

capaz de parar um coração: o jeito como dá de ombros, como um menininho holandês, os ombros se elevam e depois caem. Seus belos pés brancos.

Celebrações são raras nesta casa, e talvez por isso mesmo mais alegres do que o normal. E se a alegria não se espalhou por todos, pelo menos ninguém passou o dia todo cozinhando.

A Grã-Bretanha entrou na guerra. Winston Churchill enviou uma Força Expedicionária para a França, milhares de soldados para defender a Linha Maginot e evitar que toda a Europa caia nas mãos de Hitler. Todas as noites, depois que a louça é lavada, Lev liga o rádio e todo mundo fica quieto. Todas as opiniões exaltadas que geralmente preenchem esta sala são caladas por uma voz fina e trêmula que vem pelo ar de algum outro mundo e entra na sala de jantar pintada de amarela. Por que Lev acredita nos relatórios radiofônicos, quando todos os outros o decepcionaram? Ele tem dificuldades para responder. Mas está tão faminto por conhecimento que lança sua rede e seleciona a pesca, na esperança de que possa separar os peixes dos destroços do naufrágio.

Parece-lhe impossível que esse único homem, Hitler, fosse capaz de lançar o mundo todo no caldeirão de suas ambições. Agora é apenas uma questão da ordem em que os países cairão. E surgem alianças inesperadas à medida que as nações se percebem lado a lado ou cara a cara: canadenses em solo francês, alemães na Polônia, russos e finlandeses nas praias do mar Báltico. Mesmo horrorizado com a guerra, Lev está otimista; diz que ela tornará a todos internacionalistas. Um proletariado modernizado será mais unido, porque a guerra evidentemente beneficia os ricos e mata os pobres.

— É claro que o trabalhador na fábrica de munição da França pode ver agora seu trabalho encher os bolsos dos financiadores da guerra em Londres.

Ele diz que o operário e o camponês de todos os países vão descobrir que seu inimigo em comum é o dono da fábrica, que explora seu trabalho, mantendo-os pobres e impotentes.

Mas esse moço numa fábrica britânica ou francesa, usando seu avental de couro e soldando o invólucro de uma bomba: o que ele pode ver? Aquela coisa voará pelo ar, cairá a centenas de quilômetros dali e matará meninos com aventais de couro numa fábrica alemã. Os jornais bradarão vitória ou derrota e os moços jamais saberão como suas vidas eram parecidas.

Seva chegou de Paris para abraçar os avós pela primeira vez, ao menos pelo que se lembra. Ele chama Lev de “*monsieur* avô”, o que deixa Natalya com o coração partido. Os Rosmer, que o trouxeram, são seus amigos mais antigos: Alfred, o nobre francês típico, de pescoço comprido, bigode e boina, e a gorda Marguerite, abraçando todos. Lev diz que ele e Alfred lutaram contra Stálin juntos desde Prinkipo. Os Rosmer permanecerão alguns meses no México, estão alugando uma casa. A França é uma dúvida, para dizer o mínimo, e o menino precisa de tempo para se adaptar. Ele vive com os Rosmer desde que Zinaida morreu, depois que Marguerite o localizou num orfanato religioso. Lev nunca fala sobre nada disso. Zinaida era sua filha mais velha, e a história se revela aos poucos, com o tempo: tuberculose, fuga da União Soviética com seu bebê para se tratar em Berlim. Seu visto revogado por Stálin, o marido, Platon, desaparecido num campo de prisioneiros.

Seva está com 13 anos, um menino alto de calças curtas e sandálias de couro. Fala russo e francês e nenhuma palavra em espanhol, e passeia cuidadosamente pelo jardim, observando colibris que pairam diante das flores vermelhas. Marguerite quer saber como aqueles pássaros se chamam. Na França, diz ela, não há animais assim. Deve ser verdade, porque Seva se lança, vermelho de entusiasmo, contra a criatura. Marguerite manda que ele vá mais devagar para que ela possa traduzir-lhe os desejos. Uma rede ou uma fronha é o que ele queria. Qualquer coisa com que pudesse capturar o beija-flor.

Natalya o abraça apertado, já arruinada pelo remorso contra as forças que controlam essa família.

— Não, Seva, você não pode capturá-lo — disse ela. — Seu avô acredita na liberdade.

Sobre sua Partida

Louvada seja a Vanguarda, porque ela contém seu nome. Van evanescente, servo do avanço, louvada seja qualquer palavra que possa lembrá-lo. Louvado seja seu paletó pendurado no cabide, ainda com um dos ombros soltos, esquecendo-se lentamente do camarada que o envolveu.

Louvado seja tudo, menos o ponto de fuga onde nos encontramos agora, não exatamente separados. As lembranças já chegam como socos. Mas em pouco tempo elas serão um tesouro, caindo como ouro dos vãos entre os dedos de um miserável que faz relatos: os anos à mesa, o braço resvalando no seu. O sotaque flamengo das suas palavras, como o rolo de uma máquina de escrever, todas as frases claras e cheias de carinho: uma biblioteca com campos de papoula dentro dela. As vezes que nossas xícaras de chá se cruzaram por acidente, a surpresa de sentir o sabor do seu alcaçuz ali. A irmandade dos quatinhos apertados em casas trancadas, a torrente de palavras quietas enquanto se espera o sono chegar, uma inquietação que lançamos sobre mocidades combinadas: o peixe preso num vidro, o cão que fugiu num parque de Paris. Você sempre foi o primeiro a escapar. A visão de você escoando como chuva para dentro de seu próprio sono beatífico.

Louvada seja cada hora de insônia, em que me mantive bem acordado pelo seu brilho. O sono só teria roubado mais moedas deste vândalo.

— HWS, OUTUBRO DE 1939

Dobrada e colocada dentro de um envelope, era outra carta deixada no escritório para que alguém a encontrasse, dessa vez não por acidente. Com o nome de Van escrito do lado de fora do envelope e também, por garantia, o endereço, ela parecia como uma das muitas cartas que chegavam pelo malote do correio. Um memorando para ser arquivado. Um disfarce covarde, sim, mas quem nesse mundo nunca escreveu poemas de amor querendo ficar vermelho de vergonha enquanto o namorado os lê? Essas coisas deveriam ser enfiadas num bolso interno de casaco e lidas

num cômodo diferente, ou em algum outro lugar. Van e Bunny partem hoje no trem noturno.

Suas malas estão todas arrumadas e a mente dele também; Van já parece em Nova York quando entra no escritório à procura de seus sapatos pretos. Ele tira o paletó do cabide na porta pela última vez e o veste como sempre, lançando-o sobre os ombros para que se acomode em seu corpo. Os sapatos são localizados estranhamente sobre o arquivo. Provavelmente colocados lá por Natalya, enquanto varria.

— Bem, camarada Shepherd. Conseguimos irritar o mundo juntos neste quartel-general, não é mesmo?

— Conseguimos. Foi ótimo, Van. Você me ensinou muita coisa. É difícil dizer quanto.

Ele deu de ombros. Olhou para o envelope no canto da mesa.

— Mais cartas, num domingo?

— Acho que é antiga, talvez de sexta-feira.

— Mas é para mim, tem certeza? Não é para o comandante?

— Tem seu nome nela. Provavelmente recortes de jornais ou coisa assim. Não deve ser muito importante.

Ele sorriu e balançou a cabeça, desviando o olhar rumo à sala de jantar onde Lev lia a montanha diária de jornais.

— Vida longa à Revolução e ao trabalho que nunca acaba. Mas o meu, aqui, acabou.

E jogou o envelope no cesto de lixo.

As chuvas cessaram. Em pouco tempo as aves migratórias voltarão do norte.

O Partido Trotskista dos Estados Unidos continua enviando migrantes também, um fluxo regular e reduzido de jovens ansiosos por trabalhar para Lev. São bons moços, cheios de sentimentos e músculos, colocados para trabalhar principalmente como guardas no telhado ou ajudantes de cozinha. Trabalhadores Socialistas, é como eles chamam o partido, e a maioria deles vem do que chamam de “Diretório Central”, em Nova York. Jake e Charlie foram os primeiros a chegar, com um envelope polpudo e contrabandeado de dinheiro, ajuda do movimento internacional que é bem usado

para o bem da casa. Assim como a garrafa de conhaque que eles produziram na época do casamento de Van.

O mais recente é Harold, que só diz besteiras com Jake e Charlie, falando a mesma linguagem de *pancada e passe por mim e vestido para matar*. A Mãe teria adorado esses moços, ainda que provavelmente fosse perder a paciência com o entusiasmo deles pelo homem comum.

Com a saída de Van, cartas e rascunhos estão começando a se acumular no cérebro de Lev, mas ele não deixará que esses moços o ajudem muito com o trabalho de secretário. Ele diz que essa tarefa exige um talento especial; o melhor secretário para um escritor deve ser ele próprio um escritor. (“Talvez até mesmo um romancista”, conspira, com uma piscadela.) A mesa do escritório de Lev está amontoadada de papéis, frascos de tinta, caixas de cilindros de cera para o Ediphone. O calendário aberto sobre a mesa deve ser explorado todas as manhãs, para que se vire a página num novo dia. Os livros amontoados em pilhas políglotas: russos, franceses, espanhóis e ingleses, todos numa pilha, representando as diferentes camadas de seu incrível cérebro. Uma camada para cada novo país em sua jornada.

Agora ele pretende acrescentar outro: os Estados Unidos. Lev foi convidado para viajar até lá como testemunha em um julgamento diante do Congresso. Um homem chamado Dies quer que ele deponha contra o Partido Comunista Norte-Americano. Lev está ansioso por fazer isso. A devoção deles a Stálin deve ser investigada, diz ele. Os comunistas norte-americanos ainda acreditam em todas as acusações de Stálin contra Lev, mas, quando souberem a verdade, diz ele, transferirão sua lealdade para o movimento em prol da democracia socialista na Rússia. Lev acredita que esse Comitê Dies pode ser usado para evocar o mundo em guerra como uma plataforma para a revolução mundial.

Jake e Charlie dizem que é uma armadilha e Novack envia telegramas alertando Lev para não cruzar a fronteira. Os Estados Unidos parecem prestes a entrar na guerra, provavelmente como aliados de Stálin contra Hitler. Que belo sinal de lealdade seria Lev Trótski entregue acorrentado para Stálin. Natalya está apavorada; a imprensa norte-americana toda diz que Lev é um monstro. Mas

ainda assim ele planeja ir. O Comitê Dies usou seus artigos e prometeu proteção policial para a viagem. Mas não dará visto de entrada para Natalya nem para qualquer outro assistente mexicano.

Lev é capaz de contornar qualquer obstáculo. Ele planeja levar um secretário e tradutor cuja situação legal é irrepreensível: alguém que nunca fez parte de qualquer partido político. Que tem um passaporte norte-americano porque seu pai é cidadão, trabalhando num departamento de auditoria do governo. Lev até supõe que o pai lhe oferecerá hospitalidade em Washington durante os depoimentos, que durarão várias semanas.

Se o Pai reconhecesse seu filho à porta, provavelmente o mandaria embora para se juntar aos *Cristeros*. E se Stálin oferecesse uma recompensa pela cabeça de Lev, o Pai a receberia de bom grado. Mas Lev não acreditará nisso, esse homem cujos afetos paternos são tão naturais quanto os batimentos do coração. Nenhum dicionário tem palavras capazes de fazer com que Lev entenda o estranhamento que existe entre um pai e um filho. A data de partida está marcada para o dia 19 de novembro.

As malas estão todas feitas, cheias de papéis. Natalya teve de lembrar Lev de levar algumas roupas e um casaco. Estará frio no norte. Arquivos importantes tiveram de ser descobertos entre os papéis do tempo da Comissão Dewey, durante a qual Lev teve de trabalhar duro para provar sua inocência. Sua crença na justiça ainda queima vividamente, não é fácil ver.

Lorenzo o levará de carro para a estação de trem pela manhã. A polícia mexicana dará cobertura até a fronteira com os Estados Unidos. Marguerite Rosmer deu uma festa aqui esta noite pelo bem da viagem, mas Natalya acha que não tem muito o que comemorar. Mas Marguerite sempre a anima, assim como a presença de outros amigos: os Hansen, Frida e, claro, Diego. Ele e Lev se dão muito bem agora que já não são amigos.

E Frida: se existe uma coisa capaz de tirá-la da cama é uma festa. Chegou num vestido *tehuana* exagerado, com um corpete de laços, e os cabelos curtos penteados em ondas, como os de uma estrela de cinema. Trouxe seus dois sobrinhos, que adoram Seva.

Diego chegou tarde, usando um chapéu como o de Pancho Villa. As crianças soltaram fogos de artifício, o que fez com que Lorenzo quase desmaiasse, ele que estava tão nervoso com a possibilidade de um ataque. Lorenzo interrompeu a festa quatro vezes, obrigando todo mundo a sair do pátio e a entrar na casa porque os vigias no telhado viram um veículo estranho na rua. Uma vez era o Buick, do qual saíram os Rosmer. O carro pertence a um amigo deles, Jacson, um jovem belga que às vezes os leva aos lugares. Marguerite contou uma história durante a festa de como esse mesmo jovem certa vez perseguiu Frida por toda a Paris.

— Ele não vai admitir — disse Marguerite. — Mas sua namorada, Sylvia, diz que ele ficou cegamente apaixonado. Você se lembra dele? Ao que parece, ele a seguiu durante quatro dias, tentando marcar um encontro com você.

— Como poderia me lembrar dele, entre tantos outros? — perguntou Frida, inclinando a cabeça de modo que um brinco de ouro resvalasse contra os cabelos pretos. Não havia sorriso ou deslumbre, ela estava fingindo timidez, sem convencer ninguém.

— Quando sua exposição foi aberta, Jacson aparentemente esperou a tarde toda do lado de fora da galeria com um buquê do tamanho de um dálmata. Quando você finalmente chegou, o mandou pastar e jogou as flores na sarjeta!

— Coitado — disse Diego. — Frida destrói todos os homens.

O olhar que trocaram tinha uma tristeza horrível. Se um dos dois tivesse pintado aquilo, o quadro teria de ser tirado da parede.

Marguerite ainda estava entusiasmada com a história, imaginando o moço na rua com as flores partidas.

— É verdade! Provavelmente ele não sabia que você era casada.

Frida diz que a sentença final do divórcio sairá no final do ano.

Natalya está empolgada, Lev está furioso e todos os outros estão numa posição intermediária. Não haverá viagem nem depoimento. Ele nem ao menos entrou no trem. De algum modo o Comitê Dies deve ter percebido suas intenções revolucionárias, ou as adivinhou. No último segundo, o Departamento de Estado enviou por telegrama

uma revogação permanente de seu visto de entrada no país. Ele *jamais* poderá entrar nos Estados Unidos.

Os jornais já têm sua versão da história. Eles entrevistaram Toledano e também o artista Siqueiros, que é aliado dele agora, mas os dois sabem menos do que as galinhas de Lev sobre o que realmente aconteceu. Ainda assim, têm muito a dizer: Lev foi envolvido numa armação contra o povo, financiada pelos magnatas do petróleo e o FBI.

O inglês de Alejandro melhora, mas não sua conversa. Sua timidez o sufoca como o cordão umbilical de um bebê. Mas, como qualquer criança, ele luta para nascer, para se lançar na tribo dos homens. Com os outros guardas por perto, ele pode mijar pelo telhado como os melhores dentre eles. Alejandro jura lealdade à Quarta Internacional e também a Jesus, principalmente no Natal e em outros dias sagrados.

Lev aconselha Lorenzo e os outros guardas a serem benevolentes, o cara vai desenvolver uma disciplina revolucionária. Deem-lhe tempo. Alejandro não tem estudo e teme estar errado.

Fevereiro é o pior mês para Lev. Muitas mortes deixaram manchas na parede. Em alguns dias ele se afunda em lembranças, visitando-as com os fantasmas queridos de tantas pessoas que conheceu — sua jovem primeira esposa, amigos, filhas e filhos, colegas de trabalho e camaradas, todos assassinados por Stálin, muitos dos quais sem motivo, para a angústia de Lev. Ele e Natalya têm conversas francas sobre para onde ela pode fugir se Lev for o próximo a morrer. Joe e Reba dizem que podem levá-la em segurança para Nova York; Van, claro, já está lá.

— Leve-me junto para ser enterrado — disse Lev. — Os Estados Unidos me aceitarão felizes como um cadáver.

Que tapete enorme Lev deve ter tecido durante seus sessenta anos de vida, as reuniões de mentes e corpos, exércitos de mãos dadas e juramentos feitos — e agora esta casa é quase tudo o que restou. Somente estes poucos podem contar sua história quando ele morrer. É muito pouco em comparação com a montanha de fábulas

dos jornais, o Vilão no Meio de Nós. O que as pessoas encontrarão nas bibliotecas no futuro, se é que vão procurar? Há muito pouca esperança de que ele vá ser lembrado com honestidade. Não há história futura para esse homem.

Hoje ele entregou uma carta manuscrita para ser datilografada. Parece mais pessoal do que pública, uma espécie de testamento. O cabeçalho diz apenas: “27 de fevereiro de 1940”.

“Durante quarenta e três anos da minha vida intelectual fui um revolucionário; durante quarenta e dois deles, lutei sob a bandeira do marxismo. Se eu tivesse de recomeçar tudo, claro que tentaria evitar um ou outro equívoco, mas o curso geral da minha vida permaneceria inalterado. Vou morrer como um revolucionário do proletariado. Minha fé no futuro comunista da humanidade está mais firme hoje do que em minha juventude.

“Natalya acabou de chegar do pátio e abriu minha janela para deixar que o ar entrasse. Posso ver uma faixa de grama verde ao longo da parede, um céu azul-claro acima e a luz do sol banhando tudo. A vida é bela. Deixe que as gerações futuras a limpem de todo o mal, opressão e violência, e que a aproveitem em sua totalidade.”

Natalya disse hoje que é hora de dar uma “caminhada”. É assim que ela e Lev se referem a passeios de carro pelo interior, onde Lev pode andar em meio às ravinas cheias de cactos, enquanto Natalya abre uma toalha de piquenique num pomar de toranjas.

— Ele precisa sair desta sepultura — disse ela durante o café da manhã, ainda que ela própria fique doente de preocupação sempre que sai da fortaleza. Mas ela conhece as vontades dele. A cada mês que se passa sem viver à sombra de Frida, Natalya parece mais uma pessoa, uma esposa. Aquela casa azul era uma boca que a estava engolindo. Ou uma necessidade sombria pela qual eles passaram juntos.

Algumas palavras têm importância nesta casa. Perdão. Confiança.

Como Comissária do Piquenique, ela ordena às tropas da cozinha que embalem as coisas para o almoço, enquanto o Comitê de Direção de Passeios abre mapas na mesa da sala de jantar e faz

um reconhecimento do terreno. Manter-se nas estradas do deserto será mais seguro. Eles se decidem por Cuernavaca, por um caminho que propiciará belas paisagens dos vulcões Popocatépetl e Iztaccíhuatl. Notou-se que a Facção Americana diverte a Facção Mexicana tentando pronunciar esses nomes.

Ligou-se para os Rosmer, já que essa aventura requererá dois carros: o velho Ford, permanentemente emprestado por Diego, e o Buick, de Jacson, o amigo deles. Jacson parece disposto a levar seus amigos a qualquer lugar, sem aviso prévio, provavelmente porque gosta de estar dentro daquele gigantesco carro. Reba e Joe, a srta. Reed, Lorenzo, comida, vinho, toalhas e uma metralhadora, tudo cabe no Buick, com os Rosmer. No Ford menor, os guardacostas Alejandro e Melquíades espremidos no banco da frente com o motorista, que esconde seu incômodo com o irascível Ford. (Ah, que saudade do Chevrolet Roadster de Diego.) Lev e Natalya vão atrás com seu entusiasmado neto e o igualmente deslumbrado Sheldon, o mais recente voluntário dos Estados Unidos.

Lev mantém a cabeça baixa, como sempre, deitando sobre o colo dos outros no assento traseiro até que o carro saia da cidade e já esteja subindo por uma estrada de terra no vale central. Grandes áreas de terra se estendem estéreis, marcadas por plantas espinhosas que defendem vorazmente seu território de qualquer um que o queira. Peões com sombreiros cavalgam pelas estradas levando o gado, cujas grandes e caídas orelhas lhes dá uma aparência de tristeza desesperançosa em meio à paisagem inóspita. Plantações de nopal e raros canaviais são os únicos sinais de verde.

— Shepherd, eu estava pensando — disse Lev, depois que lhe disseram que era seguro sentar-se e olhar em volta —, deveríamos sempre ter um segundo motorista no carro. Você acha que pode ensinar Melquíades?

— Sim, senhor — Lev estava querendo dizer: para o caso de o primeiro motorista ser morto por um atirador, os passageiros precisariam de proteção para fugir. É o tipo de horror que Lev precisa antecipar e resolver todos os dias, como se sanasse a situação financeira ou estivesse consertando uma dobradiça quebrada.

Aos poucos, a estrada sobe a montanha. Campos de capim dourado e carvalho dão lugar a uma floresta seca de pinheiros. O plano é evitar a cidade de Cuernavaca, pegando estradas esburacadas até um despenhadeiro perto de Amecameca. O dia era *jueves santo*, a quinta-feira anterior à Páscoa. Todas as igrejas das vilas estão enfeitadas com panos roxos, sofrendo pela morte de Cristo, que deve ressuscitar em breve. Alejandro faz o sinal da cruz todas as vezes que passamos por uma igreja. Ele o faz discretamente, provavelmente com vergonha das pessoas presentes: só um movimento muito contido com a mão semifechada no peito, o menor gesto possível que talvez ainda seja visível aos olhos ávidos de Deus.

Em certas curvas da estrada, a floresta de pinheiros se abre para as incríveis vistas do Popocatepetl e Iztaccíhuatl, os estonteantes picos nevados dos vulcões gêmeos.

— Assassino! — suspirou Sheldon do assento traseiro. Esse moço já era conhecido de Jake e Charlie quando chegou do “Diretório Central”, e nunca havia saído de Nova York antes. Agora pragueja a cada paisagem, sem falhar, do mesmo jeito que Alejandro faz o sinal da cruz para as igrejas.

— Popo, po... — tentou Sheldon, e desistiu, e fez bem. Os outros estão cansados de rir.

— Tente Cuernavaca — sugeriu Seva, em cuja boca tanto o espanhol quanto o inglês fluem como a água de uma pia desde que os Rosmer o trouxeram.

— *Cornavaca!* Obrigado, cara! Acho que chega por hoje.

O mocinho gosta muito de Sheldon e o defende rapidamente quando os outros guardas tiram sarro dele. Não é de admirar que Seva queira segui-lo, Sheldon é uma boa companhia: o primeiro a se voluntariar para o pior dos turnos de ronda, nunca se ofendendo com uma piada, nunca pegando um segundo *pan dulce* do prato antes que todos estivessem satisfeitos. Nessa sua primeira grande aventura, o México o deixou deslumbrado. O México, diz ele, é de chorar.

— Os astecas chamavam a cidade de Cuauhnahuac — disse Lev. — Que significa “perto da floresta”.

Quem sabe onde Lev aprende essas coisas? Ele lê de tudo.

— Mas, vovô, Cuernavaca significa chifre de vaca, não é? — perguntou Seva. — Por que os espanhóis mudaram o nome?

Melquíades sugeriu que os astecas mesmo mudaram o nome da cidade para não morrerem de tanto rir ao ouvirem os espanhóis tentando dizer “Cuauhnahuac”.

O destino era uma ravina arborizada com um vale sombreado e um rio gelado e veloz para nadadores com coração forte. Lev levou seu neto para um passeio e eles voltaram felizes, Lev carregando seu prêmio embrulhado em tecido grosseiro, como um pedaço de lenha sobre o ombro. Era seu cacto preferido, o *viejito*, “velhinho” como eles o chamam, porque tem uma longa pelagem branca em vez de espinhos. Melquíades e Lorenzo levaram juntos o cacto para o porta-malas do Buick e juraram que ele pesava trinta quilos, pelo menos. Apesar de Stálin e da pressão alta, Lev provavelmente sobreviverá a todos.

A felicidade, para ele, é muito pura. Ele tem um ridículo chapéu velho de palha que só usa nesses passeios. Ninguém se lembra de quando o viram pela última vez, nem do seu sorriso. Ou da câmera. Para variar, eis um dia digno de ser lembrado, e Lev quer registrar tudo: Natalya e Marguerite sobre a toalha aos pés dos pinheiros, servindo pratos de frango frito na manteiga. Natalya com seu chapeuzinho, sentada numa pedra perto da água, sorrindo para a câmera. Os guarda-costas rindo. Seva em seu traje de banho, posando num penhasco para um mergulho que não executou — sob gritos alarmados em russo de Natalya. Sheldon pegou a câmera e fez com que Lev aparecesse em muitas fotografias. Das muitas coisas estranhas para serem registradas naquele dia, a mais importante era a alegria de Lev.

Uma hora antes do pôr do sol, o partido elegeu um Comitê Executivo de Preparação para a Partida e tudo foi colocado de volta nos carros. Uma grande garça branca ciscava em meio aos restos do almoço espalhados pelo chão. A ave passara a tarde perseguindo lesmas às margens do rio, ignorando as acrobacias dos guarda-costas saltando das rochas, livrando-se da água que entrava nos ouvidos e reclamando de *cojones* congelados. Parecia aquele mesmo pássaro que apareceu no pátio da Casa Azul no dia em que Lev a deixou. Aquele dia parecera uma triste e horrível

cerimônia: os Filhos de Deus expulsos do Paraíso. Mas não era o Paraíso; aquela expulsão foi boa para Lev e Natalya. E claro que a garça de hoje era igual a qualquer outra. Todas as garças se parecem.

Entre todas as coisas, uma carta do Pai. Datada de abril, mas chegou só hoje, em maio, no aniversário da Mãe, uma coincidência estranha. A carta é um milagre; foi endereçada para a casa em San Angel, aos cuidados de Diego, e tudo que fica sob os cuidados de Diego pode muito bem ser enfiado sob o pé de uma mesa instável ou colocado num sanduíche. O endereço deve ter sido dado a ele pela Mãe há muitos anos, quando ela ainda estava viva.

O Pai não tinha muito a dizer. Ele ficou doente no ano passado e comprou um carro. Gastou dois parágrafos para descrevê-lo e nenhum para falar da doença. Engrenagem sincronizada, câmbio instalado no piso, assim como a embreagem. Um Chevrolet Roadster, como o de Diego, ao que parece, mas um modelo mais recente, e branco. Terminou a carta com a esperança de que o falecimento da Mãe fosse uma oportunidade para uma reaproximação entre pai e filho. Em vez de usar seu endereço, e porque ele disse que pretendia se mudar em breve, o Pai deu o endereço do seu advogado, que ficava na Rua Primeira, em Washington, D.C.

“Uma reaproximação” podia significar, por exemplo, uma carta a cada ano divisível por quatro. É algo a se pensar.

24 de maio

Eles devem ter estacionado em algum lugar da Rua Viena e rastejado em direção à casa duas horas antes do amanhecer. Os homens usavam uniformes da polícia municipal, Lorenzo jura, por isso ele ficou confuso quando eles se aproximaram, amigáveis como sempre, e depois lhe prenderam os braços, amarrando-o e amordaçando-o. Alejandro estava perto do portão no outro lado e foi surpreendido na mesma hora, do mesmo jeito. Eles apontaram um revólver para a cabeça dele e perguntaram onde ficavam as linhas telefônicas. Ele não lhes disse nada, mas os homens as

encontraram mesmo assim e as cortaram rapidamente, com o novo alarme elétrico. Eles bateram no portão e Sheldon o abriu, sem entender o sofrimento de Alejandro quando ele lhe falou a senha sob a mira do revólver ou talvez se esquecendo de perguntá-la. Alejandro não consegue se lembrar direito.

Os homens armados correram para o pátio interno, abrindo fogo contra a casa dos guardas, onde o ribombar da metralhadora acordou todos ao mesmo tempo. Rajadas após rajadas atingiram as janelas da casa principal, no quarto de Lev e Natalya. O *ratatátá* continuou por muito tempo, até que foi possível se arrastar para debaixo de uma cama na escuridão, sentir o chão frio e pensar no fim da vida. Lá fora, no pátio, havia um brilho estranho, que não era nem o luar nem a luz da rua. O ar cheirava a pólvora e depois veio o cheiro de gás lacrimogêneo — uma lembrança bizarra. Bombas incendiárias jogadas dentro da casa.

Natalya e Lev se jogaram no chão ao lado da cama e ficaram deitados. Ela diz que manteve a mão sobre o peito de Lev o tempo todo, para saber se o coração dele estava batendo. O corredor que ligava o quarto deles ao de Seva estava em chamas. A silhueta negra de um homem apareceu por alguns segundos. Eles o viram levantar o revólver e atirar quatro vezes nos cobertores, que estavam amontoados na cama deles.

Seva, Seva, disse ela quando o monstro se foi, Seva deve estar morto ou foi levado por eles. Ouviu-se um som horrível, mas foi também um grande alívio, quando Natalya ouviu seu neto gritar. Ela se arrastou até a porta e o encontrou sangrando no pé, debaixo da cama. Ele já estava lá, disse, quando viu o homem entrar. O atirador também disparara contra a cama de Seva. Uma das balas a atravessou, atingindo o pé do menino.

Um a um, os corpos na casa dos guardas se levantaram do chão, levaram as mãos ao peito e se esforçaram para se sentirem vivos novamente, como se a vida fosse vestindo um terno todo rasgado. Todo mundo vivo. Sobrevivemos. Só Sheldon está desaparecido. Alejandro acredita que ele tenha levado um tiro — ele acha que o viu cair perto do portão, talvez tenha sido levado pelos invasores. Seva não para de perguntar onde está Sheldon. Se estamos vivos, ele insiste, então Sheldon também está.

Lorenzo diz que o homem que quase lhe quebrou os braços na rua era uma pessoa que ele conhecia. Usando um bigode falso, mas era o muralista, o antigo amigo de Diego que se tornou inimigo: Alfaro Siqueiros. Ninguém acredita muito nisso. Mas Lorenzo não é um homem de inventar coisas, e ele tem certeza do que viu.

A polícia veio hoje e usou facas de cozinha para tirar as cápsulas de balas das paredes do quarto de Lev. Setenta e seis balas. A parede toda furada e instável, o que restou dela, parece o rosto de um leproso. Buracos feitos à bala, apenas a alguns centímetros do travesseiro de Lev. Os policiais trabalharam o dia todo, reunindo provas. Os sobreviventes ficaram no pátio arruinado, os olhos semicerrados, despreparados para ver a vida que lhes fora poupada e da qual têm de cuidar.

A sobrevivência, por si só, não é motivo o bastante para se alegrar. Se a vida era um terno momentaneamente rasgado e vestido novamente, o corte o arruinara. Hoje parece pior do que ontem. A noite é pior do que o dia, e o dia é ruim. Ninguém dormiu. O assovio de uma chaleira basta para fazer com que todos se encolham. Os braços de Natalya estão enfaixados, ela os queimou apagando o fogo na cama de Seva. Ela está sentada numa cadeira com lágrimas nos olhos, com os braços estendidos para a frente, como se abraçasse um fantasma. Lev anda de um lado para o outro, os pensamentos confusos. Com tantas outras pessoas já mortas, ele deve ver esse ataque como um ensaio para o inevitável. Todos os outros moradores da casa devem certamente alimentar pensamentos sobre como deixá-la. Esses pensamentos colocam a tristeza da culpa sobre a tristeza do medo.

Lorenzo está furioso com a invasão e agora repete insistentemente as regras de segurança que todos já conhecem muito bem.

— Depois que o cavalo fugiu, não adianta fechar o estábulo — adverte Lev melancolicamente. — Eles não entrarão pelo portão da frente da próxima vez.

Mas Lorenzo não consegue se segurar, movido pela raiva e pela vergonha de seu fracasso.

— Quando o sino toca avisando a troca da guarda noturna, o homem de dentro deve abrir apenas um ferrolho. *Estão ouvindo? Só um ferrolho!* O ferrolho que abre a grade. Peça a senha. Se for a correta, quem entra deve chegar *somente até o vestíbulo*.

Mas o vestíbulo é controlado por um botão elétrico e a eletricidade foi cortada. Alejandro estava cego de pânico. E qualquer que fosse a desculpa de Sheldon para ter aberto o portão, ele não pode justificá-la.

Os jornais são uma piada. Eles dizem que foi uma armação planejada pelo próprio Trótski para ganhar publicidade. A polícia interrogou todo mundo aqui e o coitado do Alejandro ficou preso por dois dias, provavelmente porque eles perceberam o quanto ele era vulnerável. Mantendo-o acordado, batendo com a coronha de um rifle em seus ombros, a polícia o interrogou sobre o suposto falso ataque: se foi mesmo verdadeiro, eles perguntaram várias vezes, como é que alguém poderia ter sobrevivido? Como era possível que setenta balas atingissem um quarto e todas errassem o alvo?

Num raciocínio desesperado, Alejandro afirmou que Seva foi de fato atingido. Foi só um dedo, mas ainda assim. Se tudo foi uma encenação, que tipo de avô escolheria uma criança como vítima?

A polícia retransmitiu suas palavras para a imprensa, devidamente invertidas: *O vilão impiedoso escolhe seu neto inocente como vítima do seu teatro!* Na pressa de reproduzirem a história obscena, alguns jornais até informam que Seva está morto.

Alejandro agora está transtornado, sentindo que foi o causador desses artigos nefastos. Ele nunca foi rápido no que diz respeito às palavras, mas agora não pede nem mesmo o café na mesa. Está atormentado e doente por conta dessas palavras envenenadas, e talvez nunca mais volte a falar.

28 de maio

Os Rosmer voltaram para casa, ou o que quer que encontrem na Europa. Marguerite parecia muito triste por ter de abandonar seus amigos nesse momento, e mais preocupada com a situação de Natalya do que com a revolta na França. Mas a passagem está marcada e não pode ser alterada. Contudo, há boas notícias:

quando eles vieram à casa esta manhã para se despedir, conseguiram convencer Natalya a acompanhá-los até o porto. Um pequeno passeio até o litoral. Reba foi com ela, elas voltarão na semana seguinte, de trem. As queimaduras de Natalya estão quase curadas. Ela não quer se separar de Lev, mas ele insistiu. Isso é perfeito, elas não têm nem de pegar o trem até Veracruz: Jacson concordou em levá-las em seu belo Buick, claro.

As despedidas no pátio foram insuportavelmente longas. Agora todos os beijos entre Lev e Natalya têm o peso de um luto. E Marguerite abraça todo mundo duas vezes. Quando finalmente terminaram, quase haviam perdido o motorista. Jacson foi, por fim, localizado na casa com Seva, brincando com um planador de brinquedo.

25 de junho

Sheldon Harte foi encontrado no vilarejo de Tlalmanalco, numa casa de parentes de Siqueiros. Seva ainda não sabe, mas seu amigo Sheldon não voltará. A polícia o encontrou sob um metro e meio de cal, no fundo de um poço.

Trinta pessoas foram presas, incluindo Siqueiros, ainda que provavelmente lhe seja permitido sair do país. Os jornais mexicanos estão chamando-o de “artista louco” e “pirata irresponsável”. A culpa e a responsabilidade nessa história já foram determinadas — Trótski provocou o ataque —, e então encontrar o verdadeiro criminoso cria alguma estranheza. Num bizarro exercício de lógica, um dos jornais sugeriu que o pintor maluco havia se vendido a Trótski, que o pagou pelo ataque simulado. “O ataque simulado”, ao qual já nem se referem como uma especulação, e sim como uma verdade incontestável. Depois que a verdade se consagra nos jornais, não há lugar para nenhuma outra versão.

Sheldon era um bom cara. Um *amigo*: outra palavra cheia de significados na Casa Trótski.

Diego foi embora para San Francisco. Enquanto a polícia estava ocupada evitando qualquer investigação que levasse realmente aos culpados stalinistas, eles acusaram Diego de participação no

ataque. Agora a acusação é tema de debates, com Siqueiros sob custódia, mas a imprensa está obcecada com seu próprio furor: o pintor polêmico é um assassino! Que repórter seria capaz de esconder seu entusiasmo por uma teoria dessas? Diego teve de fugir sem se despedir e Lev está triste. Ao longo de todas as fases, a amizade desses dois homens é notável.

Agora Lorenzo está agindo como um lunático: instalou portas de metal com dez centímetros de espessura nas duas entradas do quarto de Lev e Natalya. Lev diz que ir para a cama agora é como entrar num submarino. Lorenzo também desenhou o projeto de um esconderijo à prova de bombas, três novas torres de vigilância das ruas e barreiras de arame-farpado que impedirão ataques com granadas.

Lev está claramente cansado de mencionar o estábulo e o cavalo que fugiu. Diz que não falará sobre isso novamente.

— Lorenzo, meu amigo, se eles fossem burros assim, não teríamos com o que nos preocupar.

A melancolia pode se dissipar. Natalya finalmente tirou os vestidos de verão do armário e guardou os antigos casacos de pele russos. Claro que o clima nessa cidade é exatamente o mesmo em qualquer mês do ano, sempre com possibilidades de chuva. Ainda assim, Natalya segue as estações do ano religiosamente, usando estampas de cores leves na primavera, casacos escuros no outono. Seu senso de ordem ainda é governado pelo clima de Paris ou Moscou. E é por isso que ela sobrevive. Lev sobrevive. O passado é tudo o que sabemos do futuro.

Outro bom sinal: Natalya aceitou convidados para o chá. No mercado Melchor, Reba encontra o fiel motorista, Jacson, e sua namorada, Sylvia. Por impulso, ela sugere que eles lhe façam uma visita, para que Natalya possa agradecer a Jacson por levá-los até Veracruz. Reba ficou preocupada, sem saber se fizera bem em convidá-los sem a permissão de Lev, mas Natalya disse claro, tudo bem, os Rosmer conhecem Sylvia há anos e Jacson já demonstrou sua bondade milhares de vezes nos últimos meses. Natalya parece

gostar de Sylvia e Jacson. Ela diz que eles deveriam voltar, trazendo um pouco de diversão para dentro dessa fortaleza.

Lev parece ter uma opinião diferente sobre o casal. Ele demora demais cuidando das galinhas antes de entrar para se juntar aos visitantes para o chá. Natalya fica um pouco ansiosa e envia um mensageiro para trazê-lo.

— Desculpe, senhor, mas sua esposa está se perguntando por que o senhor está demorando quarenta e cinco minutos para alimentar onze galinhas.

— Diga a Natalya que essas galinhas são uma companhia muito mais interessante do que seus convidados. Não, não lhe diga isso. Ele é um cara legal, esse Jacson. Mas se considera um escritor.

— O que ele está escrevendo?

— Bem, eis o problema. Ele não sabe. Ele me mostrou um rascunho. É para ser uma espécie de análise, a teoria de Schachtman sobre o Terceiro Campo. Mas na verdade é uma confusão entediante. Seu raciocínio é muito vago, se é que ele tem algum.

— Ah.

— E ele vai querer que eu fale sobre o livro.

— Isso é difícil.

— Difícil. Ah, meu filho. Eu encaro a GPU e o *gulag*. Mas não posso encarar um jovem que tem sido muito bom para minha esposa e lhe dizer: “Bem, meu amigo, seu raciocínio é vago demais. E entediante”.

— Quer que eu diga a Natalya que as galinhas estão com muita fome hoje?

Ele suspirou, balançando o saco de grãos. As galinhas levantaram a cabeça, observando cada um de seus movimentos.

— Pense nisso. Em 1917 eu comandeí um exército de cinco milhões de homens. Hoje, comando onze galinhas. Não há nem mesmo um galo sob minhas ordens.

— Em geral, comissário, são os galos que causam problemas.

Ele riu.

— Se o senhor quiser uma ajudinha para passar o tempo aqui, tenho uma pergunta para o senhor. Sobre ser comandante dos soviéticos. Estou esperando há muito tempo para perguntar.

— Bem, então não espere mais. O médico diz que minha pressão está nas alturas. Qual é a pergunta?

— Diego me contou que o senhor deveria suceder Lênin, que o senhor era o segundo na linha sucessória, que tinha o apoio do povo e teria transformado a revolução numa República Democrática Soviética.

— É verdade.

— Então por que Stálin assumiu o poder em seu lugar? Os livros se referem a “uma transição incômoda”, esse tipo de coisa. Mas Diego diz que foi diferente.

— O que ele lhe disse sobre isso?

— Um acidente da história. Como um cara ou coroa que poderia ter ido para um lado ou para o outro.

Lev ficou em silêncio por muito tempo. Parecia que Jacson e Sylvia iriam embora antes mesmo que essa conversa avançasse. Era uma pergunta ousada e possivelmente até grosseira. Van havia dito várias vezes que Lev odiava falar sobre isso e que ele não falaria.

Mas Lev finalmente se manifestou.

— Vladimir Lênin morreu em 1924, isso você sabe. Ele teve um derrame logo depois da Décima Terceira Conferência do Partido. Estava exausto por causa da conferência, e eu também. Fiquei doente por várias semanas e acabei com uma pneumonia durante as sessões. Natalya insistiu para que viajássemos para o Cáucaso para descansar. Ela estava certa, senão eu teria morrido. A conferência terminou e eu abracei meu camarada e amigo Vladimir antes de partir.

Ele parou, tirou as luvas e enxugou os olhos.

— Natalya e eu estávamos num trem rumo ao Cáucaso. No vagão-restaurant, tomando uma xícara de chá. O mensageiro veio e nos entregou um telegrama: Lênin havia morrido por causa de um derrame. Stálin enviara o telegrama. “Caro camarada Lev”, disse ele, ou coisa parecida. Como amigos e em total solidariedade, sentimos a dor da perda, e me deu detalhes do funeral. Ele disse que, por vários motivos, principalmente para manter a calma, a família e o secretariado foram contra um funeral oficial grandioso. Eles o sepultariam numa cerimônia privada no dia seguinte. Não

haveria tempo para o meu retorno, claro, mas Stálin garantiu que eu não tinha por que me preocupar. A família entendia. No momento certo, eu homenagearia Lênin numa cerimônia pública.

— E assim o senhor seguiu para o Cáucaso.

— Seguimos para o Cáucaso, para uma semana de descanso. E, antes do fim daquela semana, descobrimos que Stálin havia mentido. A informação que dera no telegrama era falsa. O funeral não foi realizado imediatamente nem foi pequeno. Foi um gigantesco funeral público, três dias depois do telegrama. Eu poderia ter conseguido voltar a tempo, se soubesse. Eu deveria falar na cerimônia, para acalmar as pessoas, porque era um tempo apavorante. Com a morte repentina de Lênin, tudo ficou caótico. As pessoas tinham muitas dúvidas quanto ao futuro.

— Mas, no seu lugar, foi Stálin quem falou no funeral.

— Os jornais disseram que eu me recusara a ir ao funeral, que eu me recusara a interromper minhas férias. Ele contou abertamente essa história. Mas não do palanque, claro. No funeral, falou sobre liderança e confiança. Como aceitava o manto da confiança do povo, enquanto outros o desprezavam... Todo mundo sabia de quem ele estava falando.

— O senhor tinha a lealdade deles alguns dias antes. Isso não lhe valeu de nada?

— Eles estavam com muito medo. Naquele momento, o maior desejo do povo era contar com alguém que parecia infalivelmente forte.

Seus olhos se fixaram no céu, sobre a muralha que o cercava. Nenhuma ferida na carne teria causado maior dor do que aquela lembrança. Foi cruel tocar no assunto, Van estava certo quanto a isso.

— O senhor não podia ter adivinhado. O erro não foi seu.

— O erro foi ter acreditado nele. Foi aceitar a solidariedade de um amigo expressa num telegrama. Eu estava muito doente, claro, com febre, Natalya sempre me lembra disso. E a perda foi desorientadora, ninguém esperava que ela acontecesse tão repentinamente. Mas aceitar as palavras de Stálin, veja só no que isso resultou. Cem mil mortos. Toda a revolução foi traída.

— Quanto tempo o senhor levou para voltar a Moscou?

— Tempo demais. A verdade é essa. Stálin foi muito rápido para preencher os cargos burocráticos do partido com homens que lhe juraram lealdade. Esses homens deveriam ser neutros, homens dedicados apenas ao país. Mas a lealdade a Stálin garantiu-lhes o futuro. É difícil para uma nação se recuperar de uma mudança de chefia como essa.

— Mas o povo deseja um governo justo. O senhor diz isso constantemente.

— Eles também querem acreditar em heróis. E em vilões. Principalmente quando estão com medo. É menos oneroso do que a verdade.

Lev olhava atentamente para a porta da sala de jantar. Os visitantes estavam indo embora. Ele acenou com o saco de grãos. Jacson e Sylvia acenaram de volta. Natalya ficou no pátio com uma capa de chuva sobre os ombros, como um manto. O céu estava escuro e ameaçava chover.

— Então foi esse o acidente da história. Um telegrama falso num trem.

— Não foi um acidente.

22 de agosto

Não é possível que isso tenha acontecido. Algo deveria ter impedido.

Pela manhã ele estava de muito bom humor. Transplantou quatro cactos para o novo jardim. Estava feliz por ter inventado uma nova tecnologia de cultivo de cactos, algo que envolvia uma armação com rede, tela de arame e um contrapeso.

— De agora em diante, *tudo* será muito mais rápido! — declarou, como se tivesse inventado a combustão interna.

Na hora do almoço, havia terminado de revisar o penúltimo capítulo de seu livro sobre Stálin. À tarde, ditou um artigo sobre a mobilização norte-americana. Das três e meia às quatro, choveu a cântaros e o dia permaneceu nublado. Às cinco, fez um intervalo para tomar chá com Natalya, como sempre, e depois pediu ajuda com os coelhos. Duas fêmeas haviam dado cria a coelhinhos, dentro da mesma gaiola. Ele precisava mover uma família, com

receio de que as mães causassem algum mal aos filhotes da outra. O canibalismo é sempre uma possibilidade.

Lev pegou uma das coelhas pela nuca, a grande coelha malhada chamada Minuschka, quando Jacson chegou inesperadamente, entrando pelo portão principal. Lev entregou o animal com instruções para onde mover seus filhotes. Jacson também parecia ter as mãos ocupadas: um maço de papéis, o chapéu e uma capa de chuva pendurada no braço. Iria embora para Nova York em pouco tempo, disse. Mas havia concluído seu primeiro artigo. Por favor, Lev, poderia lhe fazer uma crítica honesta?

Lev olhou para trás, lançando um olhar algo irresponsável, quase cômico: *Socorro! Estou prestes a enfrentar o gulag!* Mas disse:

— Claro. Venha até meu escritório.

Eles entraram na casa, Lev provavelmente pediu a Natalya que preparasse uma xícara de chá para o visitante, e depois seguiram até o escritório. É fácil imaginar: Lev se sentando, abrindo uma clareira na mesa para acomodar as páginas, reunindo paciência para lê-las e fazer algum comentário cuidadoso. O futuro aguarda. A revolução mundial aguarda enquanto Trótski dá toda a atenção para o amigo de raciocínio raso, mas útil, porque nada de extraordinário pode vir a este mundo sem repousar nos ombros da generosidade.

Ele teria pedido a Jacson que se sentasse na poltrona à sua frente. Mas em vez de fazer isso, Jacson ficou em pé, provavelmente um pouco nervoso por ter sua sintaxe e sua lógica analisadas por aquele grande homem. Inquieto, irritando Lev ao máximo. Remexendo nas coisas que estavam sobre a mesa de Lev: o peso de papel de vidro, presente de casamento de Natalya. Cápsulas de balas no caneteiro, lembranças do ataque de Siqueiros, em maio. Jacson pôs a capa de chuva sobre a mesa.

E foi então que ouvimos o urro. Um grito ou gemido, mas na verdade um urro de indignação.

Joe e Melquíades desceram correndo do telhado por uma escada e todo mundo veio de todos os cantos. Natalya gritou da cozinha.

— Lev?

Dois filhotes de coelho caíram no chão e ficaram se retorcendo na terra. Uma visão muito estranha apareceu na janela do escritório

de Lev: o próprio Lev lançando os braços ao redor de Jacson — parecia estar abraçando o homem — e gritando. Havia sangue. Joe, Lorenzo e Natalya, todos gritaram ao mesmo tempo. Joe chegou lá primeiro, com suas pernas longas, e imediatamente jogou Jacson no chão. Natalya estava branca como um cadáver, caída contra a porta. Lev estava sentado agora na mesa, os óculos caídos, o rosto e as mãos cobertos de sangue. No chão havia uma estranha picaretinha de cabo curto. Não era um utensílio de cozinha; era outra coisa qualquer.

— Você vai ficar bem, meu velho — disse Natalya, baixinho.

Melquíades pegou o rifle e o apontou para o homem retorcido no chão. Joe estava ajoelhado sobre o peito de Jacson, lutando para controlar os braços agitados do homem.

Lev disse:

— Não deixe Seva entrar aqui. Ele não deve ver isso.

E depois disse para Joe ou Melquíades:

— Não matem esse homem.

— Lev — disse Joe, quase sussurrando a palavra. Ele segurava os pulsos de Jacson agora, os enormes nós dos dedos contra o chão manchado. Lorenzo tirou o Colt .38 da gaveta da mesa de Lev. A arma era sempre mantida ali, com as balas no tambor. Uma pistola .25 automática também estava sobre a mesa, perto do ditafone, ao alcance de onde Lev estivera lendo o artigo de Jacson. E o alarme de segurança, ligado a um botão sob a mesa. Dessa vez eles também não vieram.

Melquíades não abaixou o rifle. As duas armas miradas para o chão, miradas para a cabeça do homem. Jacson se esticava e se encolhia sob os joelhos de Joe.

Lev tirou as mãos do rosto e olhou para o sangue. Havia muito. Os punhos brancos estavam ensopados, como se fossem curativos. O sangue pingava nos papéis, nos rascunhos datilografados pela manhã. Bem devagar, repetiu:

— Não o matem.

Era uma visão impossível, um pedido impossível.

— Não é hora de mostrar misericórdia — disse Joe, numa voz estranha.

Lev fechou os olhos, obviamente num esforço para falar.

— Não há esperança de que... eles dirão a verdade sobre isso. A não ser que mantenham esse homem vivo.

Quando a ambulância da Cruz Verde chegou, Lev estava vivo, mas semiparalisado, o corpo de repente parecendo horrivelmente magro e estranho ao toque, mais frio de um lado quando colocado sobre a maca. Reba, Alejandro e a maioria dos outros permaneceram na casa com Seva. Natalya o acompanhou na ambulância. Estava escuro. As luzes da rua, acesas. No hospital, Lev começou a falar em francês e depois em russo, pouco antes de o levarem para a cirurgia. Os idiomas se sobrepunham, um longo exílio que se desprendia dele como as camadas de uma cebola.

Os cirurgiões descobriram que a lâmina havia penetrado sete centímetros no crânio de Lev, atingindo o cérebro. Ele morreu no dia seguinte, sem recobrar a consciência. Ontem.

Sua última frase em inglês começou com “Não há esperança”. Natalya afirmou depois que essas palavras eram muito estranhas, vindas de um homem que viveu décadas somente de esperança. Mas a esperança não era o assunto, e sim a misericórdia. Não há sentido em discutir isso com Natalya ou Joe, mas aquela instrução foi muito clara: não há esperança de que eles dirão a verdade, a não ser que se mantivesse aquele homem vivo.

Lev estava falando dos jornais. Um assassino morto poderia se tornar qualquer coisa, até mesmo uma vítima. Outro artista louco contratado por Trótski numa armação que deu errado, sua pegadinha final. Mentiras são infinitas; a verdade, pequena e única.

Lev estava certo; o homem vive e o mundo saberá o que ele foi. A polícia o prende, eles já começaram a fazer o caminho que agora se desenrola em nossa memória como uma ameaça terrível: Reba se encontrando com ele no mercado Melchor na semana passada, não por acaso. Levando Natalya até Veracruz, não por impulso, e sim calculadamente. O presente que ele deu para Seva naquele dia, o planador de brinquedo: uma oportunidade para entrar na casa e memorizar os cômodos. Sua ligação com a velha amiga dos Rosmer, Sylvia, e depois sua amizade com os próprios Rosmer. Levando todos para qualquer lugar em seu elegante Buick. Até mesmo o fato de ele ter um Buick. Onde conseguiu tanto dinheiro? Não pensamos em perguntar.

Na prisão, ele admitiu o assassinato com orgulho, imediatamente: era um agente treinado por Stálin, na folha de pagamento da GPU há anos. Jacson não é seu único nome nem seu nome real. Quantas avenidas ele teve de tentar antes de encontrar uma porta escancarada? Esse caminho remonta há anos, até mesmo a Paris, Jacson perseguindo Frida, esperando do lado de fora da galeria com um buquê de flores. Um trabalho cuidadoso, tudo pela oportunidade de enfiar uma lâmina no cérebro de Lev Trótski.

The New York Times, 25 de agosto de 1940

EUA Proíbe a Entrada do Corpo de Trótski

***Não Foi Dada Nenhuma Justificativa,
Mas Acredita-se que a Causa Seja o Medo de Manifestações***

UNIÃO SOVIÉTICA O CHAMA DE TRAIADOR

**A IMPRENSA DIZ QUE ELE MERECEU MORRER NO EXÍLIO — ACUSADO
DIZ QUE NÃO TINHA CÚMPLICES**

Especial para o The New York Times

WASHINGTON, 25 de agosto — O Departamento de Estado anunciou hoje que o corpo de Leon Trótski não terá permissão para entrar nos Estados Unidos vindo do México. Não há nenhuma justificativa, mas acredita-se que se tenha previsto a possibilidade de manifestações comunistas e anticomunistas, caso o corpo seja trazido ao país.

“Em resposta a um pedido do Cônsul Norte-Americano, na Cidade do México, George P. Shaw”, diz o anúncio, “o departamento lhe informou que não vê razão para trazer o corpo de Trótski para os Estados Unidos e que não seria apropriado permitir tal coisa.”

UNIÃO SOVIÉTICA O ACUSA DE TRAIÇÃO

MOSCOU, 24 de agosto (AP) — A imprensa soviética, anunciando hoje a morte de Leon Trótski, que aconteceu na Cidade do México na noite de quarta-feira, considerou o caso o “fim inglório” de um “assassino, traidor e espião internacional”.

Foi a primeira menção ao ataque desde um breve informe na quinta-feira, dizendo que havia ocorrido um atentado contra a vida do líder comunista exilado por um de seus seguidores.

O jornal do Partido Comunista, o *Pravda*, acusou Trótski de sabotar o Exército Vermelho durante a guerra civil, planejar a morte

de Lênin e Josef Stálin em 1918, organizar o assassinato de Serguei Kirov, planejar a morte de Máximo Gorki e trabalhar para o serviço secreto britânico, francês, alemão e japonês.

“Trótski, depois de atingir os limites da decadência humana, acabou preso em sua própria rede e foi morto por um de seus próprios discípulos”, disse o *Pravda*. “Assim, um homem odiado chegou ao seu fim inglório, sendo sepultado com a marca de assassino e espião internacional na testa.”

Caderno da Estação de Trem, agosto de 1940 (VB)

Hoje é sábado, o último de agosto. Esse trem balança rumo ao norte. São quatro da tarde e o sol brilha intensamente do lado esquerdo do trem, enfeitado como uma crosta de sal nas janelas sujas, portanto é verdade: o trem ruma para o norte. Os últimos dez dias foram como tiras de pano num saco de retalhos. Nada na memória faz sentido. Tudo é passado, bolsos cheios de terra.

Lev estava certo até o fim. A história de Jacson Mornard é tão vil, os jornais aproveitam a oportunidade para contá-la. O presidente Cárdenas condenou a Rússia e também os Estados Unidos, uma aliança de potências estrangeiras que desrespeitou nosso país com os ataques. Trezentos mil mexicanos marcharam pelo Paseo de la Reforma na procissão-funeral, depois de chegarem aqui vindos das minas e dos campos de exploração de petróleo, de Michoacán e Puebla. Metade da viagem feita sem sapatos. Uma parte deles é incapaz de pronunciar o nome de Lev Davidovich Trótski. Só que ele foi um dos generais neste Século das Revoluções, como diz o presidente. Um homem desmoralizado por estrangeiros que se recusam a acreditar que o povo pode ser bem-sucedido.

Em que dia foi o funeral? O ataque foi numa terça-feira, sua morte na quarta, e tudo o mais desapareceu. Artigos, livros, roupas e todas as memórias gravadas num caderno. A polícia confiscou, como prova, tudo o que havia nos quartos da casa dos guardas. A única esperança de recuperar qualquer coisa agora é registrá-las nesse caderninho. Começando hoje e recuando no tempo: Último Dia no México, o trem corre para o norte; o trem começa a se mover; entra-se a bordo do trem na estação Colonia Buenavista; um pacote de sanduíches e um caderninho unidos por um fio metálico são comprados no novo Sanborn's da estação central, usando pesos tirados de uma bolsinha por Frida.

Já o resto é confuso. Em que dia foi aquilo, quando Frida entregou a bolsa com o dinheiro e os documentos por passar com suas caixas pela alfândega?

Foi depois do assassinato, mas antes do funeral. Depois do interrogatório na delegacia de polícia. Eles interrogaram até Natalya, e durante duas horas. Todos os outros foram mantidos sob custódia por dois ou mais dias. Frida estava prestes a morder aqueles homens por obrigarem-na a dormir num colchão naquele lugar frio e fedido. Ela não estava nem perto da casa no dia do assassinato. Joe deu o melhor depoimento, ele se lembra da maior parte do que aconteceu, ainda que estivesse no telhado quando Jacson chegou, por isso não o viu passar pelo pátio.

Ninguém mais viu: seu sorrisinho nervoso ao lhe pedir o favor, mais uma crítica aos artigos que escrevera. A capa de chuva sobre o braço: a arma devia estar sob aquela capa. Ninguém mais viu o olhar silencioso de Lev sobre os ombros: *Eu preferia encarar o gulag!* Sua súplica. A única função de um secretário é proteger seu comissário — Van teria feito isso. Qualquer palavra de desencorajamento poderia ter afastado Jacson Mornard: Desculpe, mas, como você sabe, Lev está terrivelmente ocupado. Ele tem de terminar um artigo sobre a mobilização norte-americana. Talvez se você puder deixar seu artigo aqui, ele dará uma olhada quando tiver oportunidade. Isso poderia ter acontecido. Lev poderia ter sido salvo.

Agora a srta. Reed está sentada ao lado da cama, segurando a mão de Natalya, não sei se na terça ou no domingo, de manhã ou à meia-noite. Joe e Reba estão no escritório de Lev guardando seus artigos e arquivos. Só naquele lugar é que a polícia deixou tudo como estava. Eles não tiraram muita coisa da casa também. Mas da casa dos guardas: tudo. Foi incrível. Voltar para casa depois de ficar numa cela de alvenaria crua na delegacia, passar pelo portão e ver os cactos de Lev ainda no lugar, como se nada tivesse acontecido, as galinhas querendo ser alimentadas. E depois a casa dos guardas: as portas de todos os quartos abertas e sem nada lá dentro, apenas paredes nuas. As camas de metal, os colchões. O piso tão limpo quanto no dia da mudança. A mesinha emprestada por Lev ainda está lá, mas não há nada sobre ela, nem mesmo a

máquina de escrever. Os livros se foram. O baú e as caixas sob a cama também. Roupas, pasta de dentes, umas poucas fotografias da Mãe. E todos os diários, desde o começo, na Isla Pixol. Também a caixa de páginas datilografadas que ganharam peso como um cachorro e que foram uma espécie de amigo fiel no fim de cada dia. A pilha de folhas crescendo e ganhando confiança com o tempo. Não importa. Nada disso importa.

Frida diz que os policiais são como baratas estúpidas, confiscaram tudo escrito em inglês porque não sabiam dizer o que era, os idiotas não perceberam que eram apenas diários e histórias. Os Escândalos dos Antigos, prova de crime algum, exceto de uma Confusão de Identidade: um jovem que acredita ser um escritor. Tão distraído por seus sonhos, ele foi um secretário descuidado, do tipo que deixa cartas soltas pela casa. Ou que deixa seu chefe à mercê de um visitante entediante, mais um pedinte mortal com um artigo mal escrito.

Joe e Reba vão guardar o que sobrou de Lev, seus pensamentos registrados no papel, para que tudo possa ser enviado para uma biblioteca em algum lugar, vendido por uma soma que seja o bastante para ajudar Natalya a fugir. Van talvez arranje a venda, se puder ser encontrado. Sua última carta veio de Baltimore; estava ensinando francês. Talvez ele nem saiba da morte de Lev. Impensável. Tudo isso é impensável, por mais que Lev e Natalya realmente pensassem em tudo, antecipando a morte ao raiar de cada dia. Pensar nem sempre é ver.

Natalya consome o frasco de Phanodorm dia a dia, segurando-se firme à mão da srta. Reed até que possa abrir os olhos, andar num navio e zarpar para longe. Os Estados Unidos não permitiram que ela voltasse com Joe e Reba. Então, Paris, para viver com os Rosmer. Ela tem de ir. Lorenzo acredita que agora ela é um alvo, um perigoso símbolo do marido. Ela não consegue dormir com medo da GPU, os lobos de seus sonhos.

Frida está indo para San Francisco, onde Diego já está. Como sempre, ela tem um plano: seu amigo, o dr. Eloesser, curará todos os seus males e Diego a quererá de volta. Melquíades planeja ir para o sul, onde tem parentes, Alejandro também vai para lá. San Francisco, Paris, Oaxaca, aos quatro ventos: todos se espalham. Os

textos de Lev permanecerão reunidos em algum lugar, mas e quanto aos secretários que os registraram, suas pequenas contribuições ao raciocínio dele? Ou mesmo a contribuição de um bom café da manhã, que satisfaz o estômago, de onde nascem os maiores planos, quem se lembrará disso? Os meninos de Nova York contra os mexicanos no campo de futebol, a Casa Trótski acabou, como se nunca tivesse existido. Será limpa e vendida a novos proprietários, que demolirão as torres de vigia, extirparão o jardim de cactos de Lev e darão ou comerão as galinhas.

Essa casa é como um bolso de moedas reunidas durante algum tempo, mas que agora foram separadas no balcão para pagar a conta. O bolso se esvazia, as moedas retornam aos infinitos caminhos da economia, separadas, invisíveis, irrastráveis. Esse punhado de moedas não tem nenhum valor especial, ao que parece, exceto para pagar o preço de uma conta única. Talvez fossem verdadeiras, se alguém tivesse escrito tudo num caderno. Mas esse registro não existe mais.

Frida diz que é melhor mesmo que todo mundo se esqueça de Trótski e caia fora daqui.

— Sóli, tenho um plano para você — disse ela, sentada na mesinha de madeira em seu escritório. Enviara Perpétua com uma convocação urgente: Frida quer vê-lo imediatamente.

— Temos de tirá-lo daqui, você não está seguro. A polícia pegou todas as coisas do seu quarto, até suas meias. E fez isso por causa de tudo o que você escreveu. Tenho certeza de que eles o estão vigiando.

A polícia pegou muitas coisas de várias pessoas, mas ela acredita que as palavras são as coisas mais perigosas. Diz que talvez Diego estivesse certo quanto aos “seus malditos diários”, os cadernos confiscados podem colocar seu autor em risco.

Mas ela tem um plano. Precisa enviar oito pinturas para o Museu de Arte Moderna de Nova York, para uma exposição: *Vinte séculos de arte mexicana*. E depois há ainda outra mostra planejada: *Retratos do século XX*. Frida se tornou um símbolo de seu tempo. A galeria Levy talvez esteja interessada também. Ela precisa de um acompanhante de remessa.

— Ou seja lá como vocês chamam isso em inglês — disse ela. Ela cuidará dos documentos. *Pastor de consignación* é como ela chama, um “pastor de remessas”, um agente legalmente autorizado para acompanhar suas pinturas no trem até Nova York.

— Já está tudo certo com seu passaporte. Você já estava pronto para acompanhar Lev no outono passado, para o depoimento.

— Frida, a polícia não permitirá a minha saída do país. Não com uma investigação de assassinato ainda em aberto.

— Quem disse que você estará saindo para sempre do país? Já conversei com eles a respeito disso. Deixar o país por pouco tempo é permitido, desde que você não seja um suspeito. Eu lhes disse que você é meu “acompanhante de remessa”.

— Você já falou com a polícia?

— Claro. Eu lhes disse que você tem de cuidar dessa entrega porque não posso confiar em mais ninguém para esse trabalho — disse ela, batendo com o lápis contra a mesinha de madeira. Para ela, não há nada de complicado nesse plano, exceto selecionar quais quadros enviar para a exposição.

— E depois?

— Depois nada. Você tem de levar todos esses formulários da alfândega, um para cada pintura. Você os apresenta na fronteira e recebe um carimbo em cada um deles. Declarações de valor e tudo o mais. Você deve tomar muito cuidado com os recibos para não ir para a prisão.

— Prisão?

— Não se preocupe, você não será detido.

Seus cabelos cresceram, longos o bastante apenas para coroá-la a cabeça novamente, com a ajuda de vários grampos. Quando foi que ela os cortou? A conversa daquela manhã se perdeu, aquele diário se perdeu. O tempo todo essa lembrança machuca como uma pedrada. No estúdio de Frida, diante da janela, exatamente onde Van costumava se sentar para ouvir o ditado de Lev, agora ela tem um retrato semiacabado no cavalete: Frida usando um terno masculino, cortando os cabelos. *Mantendo seus malditos diários*, mas essas pinturas são sua versão própria disso.

Hoje ela fala como uma abóbora cheia de sementes, tagarelando e remexendo nas coisas sobre a mesa.

— Certo, o capitão do trem fará com que os funcionários guardem as caixas num compartimento especial do bagageiro, onde eles têm uma jaula. Você deve segui-lo para vê-lo fazer isso. Ele trancará as caixas e lhe dará um recibo para que você as retire. Então não vá perdê-lo.

— Jaula?

— Não uma jaula para leões. Bem, talvez eles colocassem leões dentro dela se fossem leões caros.

Ela está desesperada para parecer animada. Pegou tubos de tinta, como se fossem grandes charutos prateados com rótulos de papel no meio, depois remexeu nos pincéis reunidos num copo. Frida estava com medo. Demorou algum tempo para entender que o problema era esse: medo. Não por ela mesma, e sim por seu amigo, que ela lançara aos leões tantas vezes antes. Agora ela queria que ele fosse salvo.

— Ah, então os quadros não estarão numa grande mala ou coisa assim?

— Ah, meu Deus, espere até você ver. Eles construíram uma caixa especial de viagem para cada um. Diego conhece um cara que faz isso, ele é muito bom. Embrulha as pinturas em várias camadas de papel como se fossem uma múmia e depois encaixa cada quadro em duas caixas de madeira, uma dentro da outra. Há um espaço entre elas que é preenchido com palha, para evitar qualquer dano durante o transporte. As caixas são enormes. Você mesmo poderia viajar dentro de uma delas.

Isso foi na sexta-feira, porque Perpétua estava preparando peixe. A véspera do funeral? Quanto tempo levou para que se construíssem essas caixas?

A polícia devolveu algumas coisas na semana seguinte, mas não muito, nem mesmo as roupas. Conheço esses porcos, disse ela, roubam tudo que é útil e queimam o restante. Reba teve de pedir a Natalya que abrisse o guarda-roupas e cedesse algumas das camisas de Lev, para que os guardas miseráveis tivessem algo para vestir. Suas camisas eram muito conhecidas. Foi assustador vê-los de costas, andando pelo jardim. Dentre nós, Alejandro foi quem se adequou melhor: o pequeno e devoto Alejandro, ninguém poderia

imaginar que ele e Lev fossem do mesmo tamanho. Lev era muito maior do que seu corpo.

Um dia (qual?), Frida disse que foi à delegacia e fez um escândalo até que eles devolvessem mais coisas. Provavelmente os policiais, aterrorizados, trancaram as portas e jogaram as coisas pelas janelas. Assim ela conseguiu uma valise com alguns objetos, além de documentos para a viagem para Nova York. Isso foi ontem. Na sala de jantar da Casa Azul, depois de uma última olhada pelo lugar, aquelas paredes estranhamente azuis e as cadeiras de trançado amarelo. Aquela gloriosa cozinha. Abraços em Belém e Perpétua.

— A polícia já destruiu várias coisas suas — disse Frida sinceramente depois de conseguir a valise. — Isso é tudo de que você precisa para a viagem, e o restante você não vai querer. Havia algumas roupas velhas e coisas, mas você não precisa daquelas porcarias agora. Tudo foi guardado num baú na casa de Cristina.

— Algo mais? Papéis?

— Só alguns livros que acho que você emprestou de Lev, por isso os devolvi para Natalya. Seu quarto estava todo numa grande caixa de metal marcada com um “C”, talvez o terceiro que eles investigaram. Descobri que era seu por causa das roupas. Não havia muito mais além disso, só algumas revistas velhas. Podemos lhe enviar o baú depois que você conseguir um endereço na Gringolândia. Sóli, fique feliz! Você será um gringo!

— Isso é tudo?

Ela mesma preparara a mala. Foi difícil olhar dentro dela: a insuportável persistência da esperança. Claro que não havia diários ou manuscritos. Apenas camisas e calças. Várias blusas de lã; Frida acredita que em Nova York neva o tempo todo, mesmo em agosto. Também leite de magnésia, água de gargarejo e pó de Horlick para os nervos, completando a visão que Frida tinha da Gringolândia. Escova de dentes, lâmina de barbear. Ela diz que não é uma boa ideia levar muito mais do que isso. Um baú maior despertaria suspeitas.

— Lembre-se, você não está saindo definitivamente do país.

Mas seu abraço foi como o adeus de uma criança, dramático e desesperado. Ela não queria soltar.

— Olhe, tudo bem. Comprei dois presentes para você. Um é de Diego. Ele não sabe ainda. Mas tenho certeza de que ele gostaria de lhe dar isso. Para Sóli, o navegante entre duas casas, para celebrar sua viagem. Olhe, é o códice!

Era o códice. O antigo livro dos astecas, um enorme painel de imagens dobrável, descrevendo a jornada deles, desde a terra dos ancestrais, vagando até encontrarem um lar. Era uma cópia, claro, não o original. Mas provavelmente valia alguma coisa. Diego talvez não goste disso. Sempre se pode devolver.

Seu rosto se iluminou.

— O outro é meu. Fiz uma pintura para você!

Frida só dá seus quadros para pessoas que amou. Foi surpreendentemente difícil conter as lágrimas enquanto ela buscava a embalagem em outro quarto e a trazia para cá. Deve ser um retrato pequeno; a caixa externa é do tamanho de uma malinha, fácil de carregar com a bagagem comum. Mas pesada como chumbo, para algo daquele tamanho. Deve ter colocado muita tinta naquele quadro.

— Infelizmente você não pode vê-lo, já o embalei para viagem. Espero que goste. Escreva e me diga o que achou. Mas você tem de esperar até chegar à sua nova vida. Isso é muito importante, certo? Você não pode espiar. Esse presente é meu, por isso não me desafie. Não abra essa maldita coisa até chegar à casa do seu pai ou onde quer que você vá se instalar. Certo, promete?

— Claro. Quem seria capaz de desafiá-la, Frida?

— E não a misture às outras. Olhe, pedi para o homem escrever seu nome do lado de fora da caixa, por garantia. Você tem os papéis na pasta para passá-la pela alfândega junto com as demais. Mas não a dê para um museu por engano.

— Você é louca? Não me perdoaria.

— Sim, sou louca, achei que você soubesse — e olhou para a caixa. — Olhe só, é um presságio. Você e eu chegamos neste mundo pela mesma porta, e agora você deve passar por essa porta por mim. É seu destino.

— O que a faz pensar isso?

— Seu nome. Para mim você é apenas Sóli, eu esqueço que você é Shepherd. Você vai ser o *pastor de consignación*.

O pastor da remessa.

Oito quadros, uma mala com meias Viyella e leite de magnésia. E dois presentes, de pessoas cujo rosto já se apaga da memória à medida que o trem ruma para o norte.

Ah, o homenzinho roubado. Esquecido até agora. Até mesmo ele foi deixado para trás, a polícia deve tê-lo pegado na varredura, junto com tudo o mais. É uma pena. Esse trem talvez fosse justamente a coisa pela qual estivesse procurando durante milhares de anos. Um canal comprido e estreito pela escuridão, um túnel através do espaço e do tempo. *Leve-me para outro mundo.*

Mais lembranças surgem todos os dias. A caverna na Isla Pixol, a água fria e a pele eriçada de menino. Imagens, conversas, conselhos. A primeira visão de Frida no mercado com Candelária: o que ela estava vestindo? A Mãe num apartamentinho numa rua de fundos da Insurgentes. Billy Boorzai. Os primeiros dias na Cidade do México. Isla Pixol, os nomes das vilas e das árvores. Receitas e conselhos de Leandro para a vida: quais eram? Quem a Mãe amou e o que a deixou tão feliz naquele dia de tempestade? O recife cheio de peixes, quais eram as cores deles? O que havia no fundo da caverna? Quanto tempo levou, exatamente, para atravessá-la sem me afogar?

Os diários se foram. Deve ter sido algo parecido para Lev, no fim, com seu passado todo roubado. A vida das pessoas, sem a confirmação de sua existência, fotografias ou descrições num diário, só podem se esgueirar pelos cantos como um fantasma. Elas mudam como sonhos. Palavras cuidadosas de advertência se transformam em verdade e em histórias publicadas pelos jornais, virando o oposto do que eram. Uma vida lembrada com imperfeição é uma traição inútil. Todos os dias, mais fragmentos do passado deslizam pesadamente pelos salões do cérebro vazio, vazando gotas de cores, uma frase ou um cheiro, algo que muda e desaparece. Cai como uma pedra no fundo de uma caverna.

Não haverá mais diários depois deste. Não é preciso. Chega de páginas que se avolumam. Ah, a esperança infantil disso. Como se uma pilha de folhas pudesse algum dia crescer alto o bastante para que um menino a escalasse e fosse também alto, como Jack London ou Dos Passos. Eis a vergonha mais sofrida: as horas

cheias de esperança escrevendo à noite, enquanto as botas de Lorenzo batiam no teto sobre a cabeça, todos os nossos corações empolgados com a segurança de nossos próprios objetivos. Nada mais disso, nunca mais outra máquina de escrever. Acumular palavras é trabalho de charlatão. Quão importante é algo que pode se reduzir a cinzas em poucos minutos? Jogado num barril na delegacia, queimando numa tarde fria de agosto — talvez um policial aquecesse as mãos, eis a utilidade disso. Melhor vagar livre como uma galinha sem futuro ou sem passado. Buscando apenas satisfazer o desejo do presente: um besouro ou uma lagartixa capturados, ou, talvez um dia, uma cobra.

Harrison W. Shepherd deixa o México com os bolsos cheios de cinzas. Um viajante emancipado.

PARTE 4

Asheville, Carolina do Norte

1941-1947

(VB)

ANOTAÇÕES DA ARQUIVISTA

Meu nome é Violet Brown. *Era*, eu diria. Quando você ler isto, não estarei mais viva. Explicarei isso melhor.

Se parece um nome feliz, não é. Nada além de um par de nomes, dados a mim por duas pessoas que nunca se conheceram. Primeiro, minha mãe. Ela gostava de histórias românticas com “violetas”. Tinha tuberculose e morreu quando eu ainda era jovem. O segundo nome veio do meu marido, Freddy Brown, que surgiu e desapareceu rapidamente nessa época também: desaparecido na grande enchente de 1916. A enxurrada do rio French Broad arrasou boa parte de Asheville naquela época, incluindo o curtume Rees Sons, onde ele trabalhava. Fiquei viúva no mesmo ano em que me casei, e ainda hoje sou conhecida como sra. Brown. Uma mulher pode ser marcada por outras pessoas: *incrustada* é uma boa palavra para isso, uma entre várias ótimas que me foram ensinadas pelo sr. Shepherd. Certa vez ele disse que eu fora incrustada com nomes como se fosse um endereço num envelope, por pessoas que não conheciam o conteúdo, mas que ainda assim tinham de decidir como enviá-lo.

Mamãe queria me ver casada antes de morrer, o que aconteceu pouco depois da morte dela, quando eu tinha 15 anos. Agora sou mais velha do que ela jamais foi, e posso ver que há outras possibilidades dignas. Vivi uma vida de solteira e encontrei a felicidade, inclusive como companheira de um homem. Fui apresentada à grandiosidade. Nunca desejei nada além disso. Esse é o início e o fim do que precisa ser dito a meu respeito. O propósito deste texto é tornar conhecida a vida do sr. Shepherd. Quando este livro for aberto, ele estará morto, assim como eu. Nossas atribulações em descanso, se é que é o caso.

Ele era dado a um temperamento recluso, e isso tirou seu melhor quando fugiu do México. Parou de manter seus diários e perdeu a esperança na palavra escrita e suas consequências. Ele me disse

isso mais tarde. Todos os seus escritos estavam perdidos, coisas que ele registrava desde a infância. Ele perdeu a esperança de se tornar um homem das letras. Garanto. Éramos apenas conhecidos naquele tempo, e se tivesse sido obrigada a dizer no que esse jovem se transformaria, eu pensaria primeiro em cozinheiro ou em qualquer profissão que combine com alguém reservado. Mas um conhecido escritor de livros? Não. Ele os lia. Mas a maioria das pessoas os lia naqueles dias.

Ele nunca voltou para seus cadernos do mesmo modo que antes, provavelmente por conta de uma mudança na situação. Ele guardava cópias em papel-carbono das suas cartas e arquivava as notícias que o atraíam. E ainda escrevia coisas pessoais, em qualquer dia que o emocionasse. Eu o vi entrar em seu escritório e datilografar de memória todo um acontecimento, numa espécie de ataque. Acho que, se tivesse se casado, teria contado a história para sua esposa. Mas ele não teve nenhuma esposa, por isso sua máquina de escrever o ouvia. Em geral eram diálogos inteiros o que ele tinha com a máquina. Sua memória para conversas era impressionante, acho que por causa dos anos em que trabalhou ouvindo ditados de homens impacientes. Mas ele devia ter um talento especial para isso também. Depois arquivava a coisa toda em pastas de couro e a esquecia. Pode-se dizer que era uma carta para si mesmo, ou para Deus. Ele costumava dizer isso, Deus fala pelos homens em silêncio. Devia ser para Deus que ele falava.

O sr. Shepherd raramente me deixava ver seus textos pessoais. Ele sabia como manter algo para si mesmo. Se um homem sabe cozinhar, ele sabe esconder as coisas. Ele foi a pessoa mais tímida que conheci, sofria muito para falar abertamente de seus sentimentos.

Nós nos conhecemos logo depois da viagem mencionada, do México para os Estados Unidos. O assassinado o transtornou e destruiu algo dentro dele. Ele nunca quis conversar sobre essa época de sua vida. Passou alguns meses na cidade de Nova York, só sei disso porque era inverno quando ele veio para o sul e se fixou aqui. Não tenho nenhum registro do que ele fez em Nova York, exceto por uma coisa. Ele visitou o pai de Sheldon Harte, o menino que foi morto no ataque, para lhe dar os pêsames e contar ao

homem sobre os últimos dias de seu filho, já que ninguém mais o fez. As matérias dos jornais foram horríveis, o jovem Sheldon foi acusado de ser cúmplice num “ataque simulado”. Disseram que ele traiu seus amigos e fugiu, esse tipo de coisa.

O sr. Shepherd ficou incomodado por não ter nenhuma fotografia de Sheldon Harte no México, para dar ao pai dele. Ele mencionou isso mais vezes do que você imagina. O menino sempre pegava a câmera e chamava os outros para saírem nas fotografias. Agora sei por que isso incomodava tanto o sr. Shepherd: porque ele usava seus diários de forma parecida, sempre retratando os outros, não a si mesmo. No final de tudo isso, quando tive crises de consciência por conta dos desejos do sr. Shepherd, usei os sentimentos dele em relação a Sheldon Harte para me guiar. Ele estava triste porque Sheldon morrera sem que estivesse em nenhuma fotografia. Para ele, era horrível que um homem desaparecesse assim.

Seu trabalho em Nova York era entregar quadros importantes para as galerias, e ele o realizou de modo bem satisfatório. Provavelmente permaneceu para ver os quadros pendurados, para que pudesse escrever relatórios para a sra. Kahlo Rivera. Sua amizade com ela foi um porto seguro durante um tempo, ainda que ela própria tivesse vários outros amigos e talvez já se sentisse segura o bastante. Isso é uma opinião. Ela e o sr. Rivera se casaram novamente no mesmo ano, voltaram para o México e voltaram a viver como antes. Pelo que sei, ela nunca encorajou o sr. Shepherd a voltar para o México. O único esboço de um plano que ele tinha, ao chegar aqui em 1940, era viajar para Washington, D.C., com o endereço de um advogado na mão, para perguntar onde seu pai estava vivendo.

O escritório do advogado ficava na mesma rua onde ele inspirara o gás lacrimogêneo nas manifestações, anos antes. Ele disse que não viu isso como um presságio. O pai lhe escrevera que em breve se mudaria para um novo lugar, por isso lhe deu o endereço do advogado. O filho foi com a expectativa de fazer as pazes, já que o pai era toda a família que lhe restara. Se tudo corresse bem, ele encontraria paz num lugar perto dali e talvez cuidasse do pai na velhice.

Bem, que surpresa ele teve no escritório do advogado. Seu pai havia se mudado para um mundo mais doce. A doença mencionada sem demora na carta era, na verdade, um tumor no intestino, ao qual ele não resistiu. O advogado explicou que o homem o havia contratado para que tomasse conta de suas coisas terrenas, foi assim que ele ficou sabendo. O pai lhe deixara uma pequena soma em dinheiro e as chaves de um carro, o mesmo sobre o qual havia escrito para o filho. Um Chevrolet Roadster, o mesmo modelo que o sr. Shepherd aprendera a dirigir no México, branco. Ele ficou com o carro por dez anos. Eu o conheci bem.

Portanto, aqui estava ele. Se tivesse visto qualquer coisa dessas como um sinal, seria um que dizia: “Vá!” Ele entrou no carro e dirigiu. As ruas de Washington, D.C., estavam cheias de carros naquela época, foi antes da guerra, quando a gasolina corria como água. O sr. Shepherd seguiu as placas que indicavam a saída da cidade, rumando para o México, na falta de uma opção melhor. Vinte e quatro anos de idade, sem ninguém nesse mundo com quem contar como amigo e nenhum lugar para chamar de lar. O que encontrou foi a Rodovia Blue Ridge Parkway. Entrou na estrada e a seguiu até o fim. Achou que o nome Blue Ridge era bonito. Tinha lembranças, porque sua família vivera no vale a oeste de Washington durante o pouco tempo em que os pais estiveram casados. Esperava ver montanhas azuis se estendendo no horizonte, algo parecido com o oceano aos olhos de uma criança, como ele se lembrava. Mas nesse caso ele dirigiu por centenas de quilômetros e não viu nada azul. Apenas céus cinzentos e montanhas marrons cobertas por árvores desfolhadas, e depois, de repente, já não havia mais estrada. Era um projeto para dar trabalho aos desempregados e o governo ficou sem dinheiro. Foi assim que ele chegou aqui a Asheville. Deve ter sido em novembro. Ele não tinha ânimo para pensar no que fazer depois. Aqui ele ficou.

Não é um mau lugar para se estabelecer, Asheville. Nossa cidade fica ao pé das montanhas Great Smoky, cercada por picos altos e as florestas mais antigas do país. Os rios Swannanoa e French Broad correm juntos pelo vale, e foi assim que a cidade acabou se instalando aqui. O sr. George Vanderbilt achou que valia a pena extrair árvores e carvão das montanhas e transportá-los em

balsas ou nos vagões de suas ferrovias, no tempo apropriado. Ele fez fortuna, e boa parte dela ainda pode ser vista em sua casa, a mansão Biltmore. Se você estiver disposto a pagar cinquenta centavos para ver um milhão de dólares, pode visitá-la a qualquer dia da semana, menos aos domingos. A casa tem quadros valiosíssimos, uma biblioteca, quarenta quartos e a mesa de xadrez de Napoleão. Mais tarde, durante a guerra, o sr. Shepherd acabou se tornando um empregado importante na mansão, mas nunca mais voltou lá como visitante.

Nossa cidade teve pioneiros e bandidos como qualquer outro lugar. Quando o Banco Central e o Tesouro Nacional faliram, em novembro de 1930, todo o dinheiro da cidade estava aplicado lá. Foi péssimo. Os funcionários da cidade ficaram sem pagamento durante meses. Na época eu era datilógrafa na prefeitura, ganhava pouco no início, mas ainda assim íamos trabalhar. Até porque ninguém se ofereceu para nos pagar para que ficássemos sem fazer nada. Outros perderam muito mais. Casas tomadas pelos bancos permaneceram vazias nos melhores bairros da cidade: Grove Park, Beaucatcher Mountain, e até as mansões nas florestas ao longo da Tunnel Road, que se estendia até a Blue Ridge.

Foi essa estrada que trouxe o sr. Shepherd à cidade, quando sua alameda terminou sem aviso. Depois de viajar dia e noite em meio às montanhas, ele se descobriu num longo túnel que atravessa o monte Swannanoa, depois saindo para a escuridão do vale. Parou numa das grandes casas na Tunnel Road que foram transformadas em pensão. Era a casa da sra. Bittle, uma viúva com filhos crescidos que se descobriu entre a cruz e a espada em 1934, por isso começou a receber hóspedes. Eu fui a primeira. Ela tinha uma placa afixada no jardim que anunciava sempre que houvesse uma vaga. “Quartos Limpos com Refeições, US\$ 10 por Semana, Só para Pessoas de Fino Trato”. De algum modo aquelas palavras chamaram a atenção do sr. Shepherd. Fizeram-no mudar de rumo e encerraram sua longa viagem.

A sra. Bittle o aceitou e permitiu que o Roadster ficasse estacionado na garagem, sem cobrar mais por isso. Ele cuidou daquele carro durante vários anos, ainda que seu destino, por algum tempo, fosse continuar parado, desnecessário dizer. Não havia

carros novos para comprar nos anos da guerra nem gasolina para um carro velho, se você possuísse um. A Chrysler adaptara suas fábricas para fazer tanques, a Ford fabricava motores Cyclone para os bombardeiros e todos pararam completamente de fabricar carros. As ferrovias transportavam homens e material bélico, e não as madeiras do sr. Vanderbilt, e o aeroporto Asheville-Hendersonville foi tomado pelas Forças Armadas. As mais belas casas que continuavam vazias desde a Depressão agora estavam cheias de famílias de funcionários públicos, porque achavam que era mais seguro ficar aqui do que na capital, depois que os japoneses atacaram refinarias em Los Angeles. Os nazistas estavam afundando nossos cargueiros no litoral da Carolina quase todos os dias. Eles achavam que nossos monumentos de mármore seriam os próximos alvos. Por isso, a National Gallery enviou vários vagões com seus tesouros para a Mansão Biltmore, por segurança.

Ficamos orgulhosos de cuidar do tesouro. Nossa cidade nunca fora requisitada para nada importante antes. Preparamo-nos rapidamente. Tudo era racionado: cintos, sapatos e bobes, mas não reclamávamos. O exército tomou nossa galeria de compras no centro, mas não havia problema, já que também não havia nada para ser vendido nas lojas. Ouvimos dizer que eles estavam mantendo prisioneiros do alto escalão do Eixo no Hotel Grove Park. Achávamos que era o próprio Mussolini quem estava preso lá, mergulhado naqueles grandes e velhos barris e sentado em cadeiras Roycroft, esperando com o coração pesado seu merecido castigo.

Eles realizavam os bailes dos oficiais na Mansão Woodfin, mas eu nunca fui. Completei 40 anos no ano anterior a Pearl Harbor, velha demais para dançar com soldados. Mas a guerra fez com que todo mundo se sentissem mais jovem, de certo modo. A cidade tirou os trilhos do bonde para enviá-los durante as mobilizações por metais recicláveis, e depois arrancaram até as grandes de ferro da velha prisão! Nenhum americano cometeria um crime em tempos de guerra, era o que pensávamos. Todo mundo ficou um pouco emocionado.

O sr. Shepherd não fez nada para chamar atenção. A questão surgiu na pensão, sobre qual seria a relação entre o sr. Shepherd e

o Serviço de Alistamento. As outras pessoas que viviam lá eram mulheres sem família ou homens que não podiam servir o exército, por um ou outro motivo. Achávamos que o sr. Shepherd talvez fosse considerado inapto para o serviço militar, como muitos de sua idade. Seus modos ligeiramente estranhos e solitários nos deram essa impressão, além do corpo extremamente magro, quase pele e osso. Muitos moços haviam passado por tantas dificuldades durante a Depressão que, quando foram chamados a se alistar, não passaram nos exames médicos. Algo dentro deles, coração, dentes ou pernas, era frágil demais por causa da fome que passaram na infância e na adolescência. Não eram poucos. Eram trinta e nove por cento dos jovens convocados. Sei disso porque trabalhava como secretária no escritório de alistamento. Vi todos os tipos de moços e, pelo que sabia, o sr. Shepherd era um deles. Mais tarde ele foi chamado para trabalhar como funcionário público, falarei disso depois.

Para ajudar a pagar a hospedagem na pensão da sra. Bittle, ele cozinhava para os outros hóspedes, seis no total, incluindo a dona da pensão. Todos os cafés da manhã, jantares e o almoço de domingo. Isso começou depois da eclosão da guerra. Ele tinha um talento especial para fazer com que os cartões de racionamento durassem todo o período de escassez. A sra. Bittle foi criada com talheres de prata, incapaz de controlar qualquer tipo de orçamento. Ela reunia os cartões de racionamento de todos os hóspedes para conseguir aquilo de que precisava, mas já no sábado faltava um frasco de mostarda ou uma caixa de cereais Ralston. Ela era incapaz de entender como tudo funcionava, por mais que tentássemos lhe explicar. Confundia as fichas de um ponto com os selos de dez pontos. O sr. Shepherd ofereceu ajuda; ele era um mestre. Levava nossos cartões A, B e C para o centro às segundas, juntando os cartões de carne de todos, e assim conseguia os melhores itens primeiro. Depois, passava-se toda a semana com comida de sobra.

Seu truque eram as frutas e legumes. Eles não eram racionados; o racionamento afetava principalmente comida pronta, sopas e carnes enlatadas e todas as coisas que o país precisava enviar para a guerra. Para falar a verdade, a sra. Bittle provavelmente achava que as ervilhas cresciam já congeladas nas árvores e que o queijo

vinha de uma embalagem Wej-Cut, e não de uma vaca. Mas o sr. Shepherd disse que no México todos os cozinheiros sabem como preparar os alimentos a partir de ingredientes crus. Era capaz de transformar um monte de tomates em molho com a mesma rapidez que a sra. Bittle levaria para abrir uma lata. Na primavera, ele plantou verduras em meio às dalias da sra. Bittle. Ela não gostou. Mas, ao restante dos hóspedes, aquilo pareceu uma boa ideia.

Ele parecia um corvo, lá, cavando. Um dos hóspedes, Reg Borden, apontou pela janela certa vez e disse isso. O moço era muito alto e magro, digamos esquelético. E, dentro dele, algum tipo de medo que ia além da timidez. Não era medo de trabalhar, não. Ele corria para prender com uma vasilha um rato na despensa e certa vez afugentou da casa um pardal que assustou a sra. Bittle. Mudava um armário de lugar sempre que você pedisse, de um jeito muito masculino. Mas certas coisas repentinas o deixavam atordoado. Não gostava de ver sangue e um barulho inesperado fazia com que suas mãos tremessem. Uma faca que caísse no chão poderia deixá-lo tão assustado que você ficaria procurando pelo fantasma que ele vira. Principalmente nos meses de verão, ele evitava sair do quarto. A sra. Bittle cozinhava sofrivelmente e todos nós suportávamos a comida, dizendo:

— Coitado do sr. Shepherd. Pegou a gripe de novo.

Mas sabíamos muito bem que não era nenhum vírus o que o deixara prostrado. A verdade é que podia ser qualquer coisa ou nada, ou apenas Reg Borden em pé, na porta, com a capa de chuva sobre os ombros. Aquilo parecia não ter sentido.

Mas na maioria dos dias ele era como qualquer cara de ombros largos que você conhece, com seus modos próprios e sua risada doce. Com uma fala tão boa que você lhe perguntava coisas apenas para ouvir as palavras que ele escolhia para responder, porque não eram as palavras pelas quais você esperaria. Seu rosto era belo como o de uma garota, principalmente ao redor dos olhos. Tinha mãos delicadas, apesar do trabalho na cozinha, aquilo que as pessoas chamam de “mãos de pianista”, ainda que a sra. Bittle tivesse um piano e ele nunca tenha tocado uma nota sequer.

A srta. McKellar gostava dele, eu acho, mas sempre que se oferecia para passar-lhe as roupas não conseguia nada além de

suas camisas, até onde eu sei. Reg Borden tinha muita curiosidade sobre o que o impedira de entrar para o exército. A justificativa do próprio Reginald era sua visão. E o sr. Judd, velho demais, claro. Aquele coitado se confundia quanto a que guerra estava em andamento. Eles importunavam o sr. Shepherd sobre o motivo de ele não servir, e um estrangeiro na casa era algo que incomodava as pessoas sem que ele soubesse, mas a sra. Bittle insistia que ele não era um estrangeiro mau, um japonês ou um italiano. Quanto aos alemães, ela não gostava deles, é claro que eram maus, dizia ela, mas eles também eram donos da loja de ferragens no centro e ninguém podia dizer que não se podia comprar um prego de dez centavos. Em geral, os homens e a sra. Bittle gostavam da comida, e isso os influenciava.

De fato, eles o pressionaram quanto à falta de uma namorada, levando em conta sua juventude e seu vigor. O sr. Borden mencionou isso durante o jantar, para o assombro do sr. Shepherd. Eu o defendi da acusação. Fui solteira durante toda a minha vida, exceto por um ano de casada, e disse aos cavalheiros que compreendia as vantagens. A srta. McKellar tinha outras teorias: um coração partido ou uma namorada no México. Tudo o que sabíamos realmente sobre aquele jovem era que vivera uma vida naquele país, que tinha talento para a culinária e para passar despercebido.

Para ganhar alguns trocados, ele ensinava espanhol no Magistério de Asheville, um estabelecimento de boa reputação onde eu também trabalhei até a guerra. Eu era secretária da diretora e lhe recomendei o sr. Shepherd como uma pessoa de caráter decente, no que todos nós concordávamos. O espanhol era uma língua menos atraente do que o francês, por isso ele lecionava apenas durante dois dias na semana. Ele não impressionou os outros funcionários.

Seu terceiro talento estava bem escondido. Durante três anos, todos nós vivemos na mesma casa, passamos pelo corredor do andar superior para usar o banheiro, sentamo-nos em poltronas iguais nas noites de segunda para ouvirmos *The Voice of Firestone* na NBC. E ainda assim nunca o vimos mergulhar a caneta no frasco de tinta. E ele tinha uma máquina de escrever, que nunca a ouvimos, e esse não é um som que escape ao meu ouvido. Sei

diferenciar uma Royal de uma Smith-Corona na sala ao lado. Ele não escreveu nada durante esses anos. Sei disso porque ele me contou mais tarde. Estava deprimido por causa de seu passado e parou de manter diários depois que todos se perderam.

Ele havia trazido do México uma caixa com uma pintura que lhe foi dada de presente pela sra. Kahlo, mas não a abriu. Isso pode parecer estranho para alguns. Não para mim. Ele não era suscetível ao suspense do modo como a maioria de nós somos. Se você lhe desse um embrulho e dissesse: “Não o abra até o Natal”, ele não o sacudiria para tentar adivinhar o que havia dentro. Algo em sua natureza simplesmente não esperava que houvesse coisas boas. Ele pôs a caixa no armário de roupas, permitindo que a sra. Bittle passasse o aspirador de pó ao redor dela semanalmente. Não havia motivo para que qualquer um de nós tivesse um quadro. A sra. Bittle não permitiria que enfiássemos pregos nas paredes. Todos os quadros da casa eram dela, o falecido sr. Bittle gostava de paisagens. Assim, o sr. Shepherd deixava o quadro no escuro da caixa. Eu lhe perguntei se ele pensava muito no assunto. Ele disse que, se é que pensava, imaginava algo vivo dentro da caixa, algo que, uma vez fora, ele temia ser incapaz de ter coragem de guardar novamente.

No fim de 1943 ele se mudou para uma casa. Um grande acontecimento. A srta. McKellar e eu penduramos uma faixa no salão e juntamos nossos cartões de racionamento para comprar um jogo de lençol para ele. O que aconteceu antes para tornar isso possível foi que o sr. Shepherd acabou convocado para um trabalho no esforço de guerra. Não, ele nunca enfrentou um combate. Ele tinha o trabalho mais seguro da guerra, dizia, que era supervisionar o transporte de vários quadros famosos dos museus de Washington, D.C., para a Mansão Biltmore. As forças do Eixo não paravam de afundar navios e atacar nosso litoral. A segurança de nossos tesouros nacionais era uma preocupação.

O sr. Shepherd não sabia ao certo como o Tio Sam o escolhera para esse serviço. Quando ele se ofereceu para trabalhar no Magistério e lhe perguntaram sobre os empregos anteriores, ele citou “acompanhante de remessa, transportando obras de arte para museus”. Ele achava que isso era mais nobre do que “cozinheiro” e

uma justificativa decente por ter vindo do México. (Ele temia que o achessem um bandido.) De algum modo, acreditaram. O Corpo de Guerra sabia tudo a nosso respeito naquela época. Os oficiais ligaram para as galerias de Nova York e ficaram de fato impressionados ao descobrirem a relação dele com o sr. e a sra. Rivera, extremamente famosos. Por isso, Shepherd era o homem de que precisavam. Demorou meses para que tudo fosse transportado. Eles o mantiveram nos quadros do serviço público enquanto ele durou, mas Shepherd raramente teve de viajar para longe, e nunca para qualquer lugar mais perigoso do que uma sala cheia de estátuas nuas.

O trabalho lhe permitiu pagar um bangalô de dois andares na Avenida Montford que estava fechado havia anos. Era perto do ponto do ônibus que ele pegava para ir à biblioteca e ele geralmente fazia passeios curtos pela rua, que tinha um cemitério numa ponta e um hospital para doentes mentais com um belo jardim. A casa vazia chamou-lhe a atenção. Ele se sentiu visualmente atraído por ela, e por isso a escolheu. Até aquele momento, ele havia se sentido oprimido por todas as casas onde vivera. Paz e tranquilidade eram seus únicos desejos.

Logo depois da mudança, ele tirou os pregos que fechavam a caixa da sra. Kahlo para ver o presente. Caixa de Pandora, pode-se dizer agora, considerando-se tudo o que aconteceu. A tela era apenas um rascunho que ela tirara da lata de lixo para levar seu plano adiante. O presente estava ao redor da pintura. Havia duas caixas, uma dentro da outra, e o espaço entre elas não estava preenchido com palha, e sim com papéis, todos os cadernos e as folhas datilografadas que estavam no quarto dele no México depois do assassinato. Centenas de folhas amassadas, que precisavam ser alisadas e organizadas. Mas a maioria delas estava lá.

Sem saber, o sr. Shepherd estivera escrevendo um livro durante anos. Ele acreditava que tudo havia se transformado em cinzas. Mas a sra. Kahlo impediu que a polícia o destruísse. Evidentemente ela era uma pessoa poderosa. Depois escondeu as folhas desse modo, sem contar ao próprio autor o que ele carregava. Era um gracejo com seu amigo ou ela queria apenas garantir a segurança dele? Não sei dizer. Mas ela foi a primeira a ver o que o mundo em

breve veria, depois que ele arrumou tudo, preencheu as lacunas, escreveu e reescreveu e costurou tudo até que não houvesse mais o que costurar. No tempo certo, o livro chegou à editora Stratford & Sons, de Nova York. O livro era o *Vassalos da Majestade*. Foi publicado em 1945, antes do Natal. Isso todo mundo sabe, ou deveria saber.

Portanto, ele tinha razão quanto a haver algo vivo dentro da caixa, querendo sair. A sra. Kahlo fez aquilo por ele. O sr. Shepherd estava prestes a abandonar toda uma vida, partindo de trem para outro mundo. Se ele não podia levar algumas coisas, ela queria que ele ao menos levasse consigo suas palavras.

— VB

8 de outubro de 1943
Asheville, Carolina do Norte
Gringolândia

Querida Frida,

O que você fez foi um milagre. Mas como agradecê-la o bastante? Apenas palavras, citadas aqui e empilhadas a seus pés como um monte de ratinhos com as orelhinhas roídas por um gato. Você restaurou uma vida. Você vai ver.

Essa manhã uma gata branca apareceu aqui na porta dos fundos e pareceu que também foi você quem a enviou. Ela não chorava; estava quietinha, como se esperasse por um desenlace conhecido. O vento enfiava as garras na pelagem do animalzinho, tentando desabotoar a cobertura esfarrapada e arrancá-la. Pense em como você pintaria essa gata: com suas entranhas à mostra, a caixa torácica delicada, curvada como um anel envolvendo a joia sanguinolenta do amor carnívoro. É assim que ela parece. Quando a porta se abriu um pouquinho, ela entrou, aninhando-se imediatamente na lareira, declarando com os olhos:

— Ah, você achava que eu estava perdida! Agora você é meu!

Claro que o nome dela é Frida.

Mas a chamarei de Chispa. É uma musa, a centelha que certa vez você disse que eu tinha, agora brilhando silenciosamente nesta lareira. Fora isso, a casa está imóvel, guardando segredos. Os pisos são feitos de longas e estreitas toras de madeira trazidas das montanhas, as chaminés são pedras polidas sobrepostas como biscoitos no rio Swannanoa. As janelas têm painéis entrelaçados como os da casa do seu pai, quebrados aqui e ali, mas funcionando. Os solados de carvalho das portas são como molduras de madeira, cada qual cercando perfeitamente a paisagem do outro cômodo, onde as paredes são tocadas pela luz e a vida pode estar esperando. A aspereza da madeira conta uma história de anos nas montanhas, todas as chuvas e estiagens que antecederam o início

da minha vida, quando essas árvores foram derrubadas. A casa foi construída no mesmo ano do meu nascimento.

Portanto, somos companheiros perfeitos, um telhado por abrigo e uma alma solitária, encolhidos numa floresta doméstica de elmos e bordos. As outras casas ao longo dessa rua arborizada são também bangalôs com telhados triangulares e calhas treliçadas, uma arquitetura que aqui é conhecida como Artes & Ofícios. É totalmente o contrário do adorado funcionalismo de Diego, nada moderno ou surpreendente. Provavelmente vocês a considerariam entediante. Mas agora você pode imaginar o seu velho amigo, onde ele mora: preparando tamales na própria cozinha, com azulejos branquíssimos e enfeites em verde. Imagine-o usando meias nos pés, correndo pelos salões dourados onde as estantes de livros se apoiam diretamente na parede e onde lustres de âmbar pendem do teto. Depois, imagine-o no andar de cima, com seu tesouro reluzindo diante dos olhos dele, como numa história infantil na qual a criança ergue a tampa de um baú mágico.

É um bom lugar, a Carolina, marcada pelas montanhas e os vales fluviais. Já recebeu o cartão-postal? Os arranha-céus que você vê nele estão cheios de bancos e confeitarias, as coisas de sempre. Mas olhe com cuidado para o pano de fundo da fotografia: montanhas. Elas estão atrás de todas as vistas, como uma mãe que oferece um manto no qual se cobrir todos os dias da vida e abrigo para os medos inúteis. Em junho, são muralhas de amores-perfeitos brancos em flor. No outono, as florestas adquirem tons de fogo. Mesmo o inverno tem seu encanto gelado. Nisso você se recusará a acreditar. Mas talvez você gostasse do caráter mutável desse lugar e das pessoas, que têm a modéstia dos aldeões mexicanos. Os jardins aqui são divididos por cercas de arame, como se fossem fazendinhas, e as mulheres que cuidam deles gritam por sobre as cercas, num “grito surdo”, como chamam, para conversarem sobre o clima. Elas prendem roupas simples nos varais e falam num dialeto que parece uma peça de Shakespeare. Não é a Gringolândia da qual você se lembra. Talvez você não a considere tão repulsiva quanto Nova York.

Parabéns pelo seu sucesso lá, principalmente na exposição da srta. Guggenheim. O fato de você ter sido escolhida entre as trinta e

uma pintoras mais importantes do século deve ter deixado Diego orgulhoso, e você, com inveja das outras trinta. O homem que escreveu sobre você na *Vogue* era um idiota — claro que você não tem complexos de inferioridade nem é obcecada por sangue nem coisa alguma. Aquele homem passou quinze minutos olhando suas pinturas. Pode-se dirigir um carro por quinze minutos e depois escrever uma análise psicológica de Henry Ford? Então não fique mais pensando nisso.

Você concordou em ser considerada surrealista? Porque, pelo que sei, a Sociedade de Ajuda à França pretende expor suas obras na exposição sobre surrealismo. Você se pergunta como essas notícias chegaram aos ouvidos do seu amigo? Quem é o misterioso agora e quanto tempo levará para que você seja consumida pela curiosidade? Não muito. Eis as notícias: seu ex-pastor de remessas agora exerce o mesmo cargo para o Corpo Civil, um cargo de guerra como supervisor de transporte de tesouros artísticos e exposições organizadas pelo governo. O salário é de quarenta dólares por semana, e cada um deles é bem-vindo. Então veja que só tenho a lhe agradecer: por este trabalho, esta casa. Tudo se deve a você.

O verdadeiro objetivo desta carta é reconhecer a dívida mais duradoura: por você ter salvado meus cadernos e papéis. Frida, você sempre diz que a coisa mais importante sobre uma pessoa é aquilo que se desconhece dela. Do mesmo modo, pois, a parte mais importante de qualquer história são as lacunas. O que você me deu foi tudo. Um ser, um simples *yo soy*, eu sou. Fui salvo. Afoguei-me, ao que parece, e voltei à luz. Aqui estou eu.

Descobri isso há quatro dias. Só agora abri a caixa pela primeira vez. Você deve ter se perguntado por que eu não falei nada sobre isso nos telegramas que enviei de Nova York. Lembro-me de mencionar o quadro que você me deu, agradecendo-a de algum modo dúbio. Desculpe. Você deve ter pensado que eu não tinha nenhuma curiosidade quanto ao seu presente. Se você já me mandou para o inferno, é justo, mas me mandou para lá por um motivo errado. Meu crime não é o desinteresse pela sua obra; suas pinturas são emocionantes. Meus defeitos são outros.

A verdade sobre o que você fez e o que eu agora possuo como resultado (e eu possuí durante três anos sem saber) demoram a fazer sentido. Nas últimas três manhãs acordei com a sensação de chegar como um maravilhoso visitante a bordo de um trem. Eu me vesti, andei de um lado para o outro. Não posso imaginar como você conseguiu subornar a polícia. Fico me perguntando quanto do manuscrito você teve tempo de ler e o que achou dele. Mas não peço nada além do que você já fez. Você teve fé em mim como artista. Não como um filho ou um empregado, mas como um igual. Minha pulsação acelera só de pensar que agora tenho de ser digno dessa fé.

Eis o primeiro passo: comprei uma máquina de escrever. Não possuo quase nada além disso, por conta da escassez provocada pela guerra. Minha mobília se resume a alguns resquícios tristes de uma família falida: camas infantis sem nenhum enfeite, apenas com os colchões estreitos, uma simpática poltrona com buracos nos braços. Um fogão elétrico, uma geladeira de madeira que consome muito gelo. (Disseram-me que conseguiremos gelo no inverno.) Mas minha toca é o quartinho no andar superior, com vista para a rua, por sob o telhado triangular. Minha mesa de escrever é uma porta do banheiro, tirada das dobradiças e apoiada sobre dois velhos gabinetes de rádio que descobri na rua (destruídos na última mobilização por fios de cobre). E meu tesouro: uma máquina de escrever que peguei do depósito da escola onde ensino espanhol. Provavelmente a última máquina desse tipo na cidade, já que todas as outras foram derretidas para fabricar munição ou então enviadas com urgência para o norte da África e o mar de Coral, claro, juntamente com todo o açúcar, fitas de celulose e gasolina. Minha relíquia está sem algumas teclas e com a ajuda dela planejo concluir o livro cuja vida você poupou. É a história sobre a qual conversamos, Cortés no Império Asteca. Os escândalos dos antigos serão conhecidos.

Obrigado também pela esculturinha de pedra. Eu a encontrei à margem do rio, naquele dia em que fizemos nosso piquenique em Teotihuacán, enquanto você tirava uma soneca. Por favor, não conte do meu roubo para o dr. Gamio ou para Diego, que talvez seja nacionalista quanto ao tema da arte roubada. (Isso não me fará

nenhum bem em meu novo emprego.) Esse mocinho implorava para ser levado a um novo mundo, depois de esperar dois mil anos caído de cara na lama. Você satisfez o desejo dele. Ele lhe envia sua gratidão, misturada à minha, aqui de onde ele se encontra agora, sobre a minha mesa, perto da janela, admirando a paisagem surpreendente da Carolina.

Seu atônito e grato amigo,

INSÓLITO

2 de novembro de 1943

Querida Frida,

A chuva fina bate de encontro à minha janela. Algum tipo de deus veio visitar nosso escuro túnel outonal, como Zeus se transformando num feixe de luz para engravidar Dânae. Neste caso, não é exatamente um raio de luz, e sim folhas de faia. Você nunca viu algo tão trágico quanto essas árvores americanas, que morrem milhares de mortes. A faia gigantesca perto da porta pretende arrancar todos os cabelos de sua pelagem. O mundo tira sua roupa e fica nu, todo o ano de esforço arbóreo espalhado pelas calçadas, transformado numa camada plana e úmida. A terra cheira a fumaça e tempestades, gritando para que tudo volte, deite-se e se submeta a um retorno tranquilo e enlameado ao berço de suas origens. É assim que celebramos nosso Dia dos Mortos na América: levantando nossos colarinhos contra o cheiro das minhocas que nos chamam para casa.

O México domina a minha cozinha, como você sabe. O *pan de muerto* está lá crescendo agora, com seu perfume amarelado invadindo a casa, lembrando-me de como você moldava seus pães como caveiras cobertas por açúcar. Meus vizinhos não se importariam de ver tais coisas entregues num prato. Aqui eles celebram o Dia dos Mortos de um jeito muito estranho: transformam abóboras em cabeças com olhos flamejantes e as crianças passeiam pela vizinhança pedindo doces. Mas esses moleques vieram dois dias antes! Agora que os biscoitos estão prontos, as crianças parecem ter terminado com a festa toda. Esmagaram as

cabeças-de-abóbora, transformadas numa pasta alaranjada nas calçadas. A gata talvez tenha de ajudar a comer o *pan de muerto*. Quanto a lembrar os mortos, um mais este ano: seu pai. O velho Guillermo, como é possível que ele não esteja mais aqui? Andando devagar ao redor da casa, piscando com os olhos enormes ao entrar em cada cômodo, sem ver as mobílias, e sim os ângulos de luz no piso.

Sua dor é compreensível, mas não é bom saber que você está arruinada. A tuberculose óssea me faz tremer. É como o último tomate da estação que ficou numa tigela na cozinha esta semana, e, quando foi usado, transformou-se num saco mole de sumo estragado — a bela pele estava ocultando a podridão. Frida, você deve se sentir enganada assim pelo seu corpo. Mesmo suas curas soam como doenças, eletricidades e terapia com cálcio. Mas seus médicos são bons homens, especialmente o dr. E. de San Francisco, que parece uma pessoa gentil. Claro que as cirurgias darão certo. Você terá muitos outros dias como este para lembrar, sem precisar contá-los, *abrazos* do seu amigo,

SÓLI

21 de maio de 1944

Querida Frida,

Esta manhã de domingo evoca imagens brilhantes de você entrando no meu confinamento solitário, encorajando-me a escrever depois de um longo silêncio. Há aqui um besouro estranho, preso dentro da janela, perto da mesa. Ele bate com a cabeça contra o vidro, distraindo-me da revisão de um capítulo difícil: “A guarnição destruída, todas as cabeças esmagadas!” Esse pequeno bombardeiro usa um uniforme incrível, verde-esmeralda com listras douradas nas asas, e uma respeitável tromba. As palavras não fazem justiça à coisa. Você faria melhor, se o visse, poderia pintá-lo.

E depois: todas as meninas que passam na calçada para pegar o ônibus Haywood, outra distração. Elas são todas Fridas! Desde que o tempo melhorou, usam roupas simples, saias coloridas e blusas com ombreiras cheias de dobras. Não usam saias tão

compridas quanto à sua porque é proibido aqui, passível de multa. Aposto que, na verdade, seja uma medida de economia de tecidos. Não há uniformes o suficiente para vestir todos os moços no campo de batalha. O Departamento de Produção de Guerra anunciou também, na semana passada, que nenhuma blusa deve ter mais de uma dobra em cada manga. Achei que você fosse gostar de saber disso, sentada aí em algum lugar com suas milhares de dobras, lendo isso e exibindo seus dentes de ouro — metal que poderia ser usado para a fabricação de alguma liga para os projéteis da artilharia, pense nisso. Você não pode vir para cá, seria confiscada.

Seu temor diante da guerra é compreensível. Eu me dispus a escrever esta carta para animá-la com outro ponto de vista sobre as coisas. Os gringos estão lutando vivamente contra os fascistas, e isso com certeza deve ser bom, mesmo que acontecendo com muitos anos de atraso, na opinião de seus amigos que foram lutar contra o fascismo na Espanha. Mas você precisa ver os ianques agora, jurando união com as pessoas de outros países do mesmo modo que você e Diego costumavam fazer, levantando as taças e cantando “A Internacional”, enquanto tentávamos limpar os pratos. Continuo me perguntando o que Lev faria nessa época. Ele abominaria a parceria de Roosevelt com o marechal Stálin, agora que nossos dois países lutam ombro a ombro no campo de batalha. Mas será que ele não concordaria com o presidente, que disse que é preciso fazer esse sacrifício em nome de um ideal comum? Nossos soldados salvaram verdadeiramente a União Soviética, contrabandeando toneladas de suprimentos através do deserto persa a fim de salvar os russos famintos. E agora o exército de Stálin retribui o favor, obrigando Hitler a recuar no fronte oriental. Há um ano, tudo parecia perdido, o Eixo era imbatível na Europa ou no Pacífico. Agora algumas pessoas dizem que é possível ganhar a guerra.

Se isso acontecer, então a vitória será das donas de casa, tanto quanto dos soldados, porque todo mundo aqui faz parte da batalha. Para você, a guerra é uma destruição inútil, uma partida disputada com telegramas, mas aqui ela é o princípio organizador de nossos dias. Se há escassez de roupas, as moças usam apenas uma dobra em cada manga, nenhuma a mais, e não há confusão. Se o Eixo

afundou oito milhões de toneladas de navios de guerra no último ano, por exemplo, essas moças doarão o que parece ser oito milhões de toneladas de grampos de cabelos, deixando as mechas caírem como quiserem. As crianças da vizinhança usam pedras para arrancar dobradiças de portões velhos para recolher o metal, as noivas dos soldados doam suas alianças de prata, e os avôs, suas bengalas com ponta de bronze. O sacrifício é um sacramento. Todos nós ficamos animadíssimos quando a nova fábrica de Howard Hughes produziu um navio de guerra apenas vinte e quatro dias depois de forjarem a quilha! Esse homem, Hughes, provocou a morte da minha mãe, há vários anos, quando seu voo acrobático pousou na Cidade do México. Mas, por mais que eu sinta a falta dela, não sinto nenhum ressentimento ao vê-lo agora, soldando o *John Fitch* com peças da minha vizinhança. Somos todos um, com grampos de cabelo e cliques de papel, e aniquilaremos Hirohito e sua fábrica de guerra Mitsubishi.

A guerra está em todas as páginas de todas as revistas. Até nos anúncios, que estranhamente não estimulam as compras agora, e sim o contrário. Os fabricantes estendem a bandeira “E” para indicar que toda a sua produção é necessária para o esforço de guerra. Compre apenas bônus de guerra, doe sangue para a Cruz Vermelha. “Siga à risca os conselhos dos médicos e seja breve durante a consulta”, minha revista alerta, porque metade dos médicos daqui está envolvida com a guerra, deixando os médicos que ficaram no país com o dobro de pacientes para tratar. Viagens, só em casos de emergência. Depois da vitória, eles nos prometem o mundo: um novo modelo de rádio, carros com pneus de borracha sintética, coisas ainda desconhecidas dos civis. Mas agora não peça nem mesmo um zíper, e boa sorte se pretende encontrar manteiga ou queijo com seus cartões de racionamento. O bacon sumiu da nossa terra. O mesmo aconteceu com os carros novos, nenhum este ano para os civis, e, se você já possui um carro, ele exibe um selo “A” no para-brisa, que significa “Quase Vazio” — a gasolina é racionada. Os cavalos retornaram com tudo na Pack Square. Um velho na minha rua voltou a usar seu Stanley Steamer. Ele passou por aqui ontem e uma senhora desmaiou, pensando que era um ataque aéreo. O novo provérbio americano é “Nós vivemos sem

nada de novo”, nenhum relógio de pulso, nenhuma camisa ou lençóis novos, é quase o mesmo plano da igreja: aguarde o sofrimento para ganhar o Reino de Deus.

Você não acreditaria se visse como as pessoas aceitam de bom grado essas privações. Isso as faz se sentirem corajosas e importantes. Ricas ou pobres, a esposa de um banqueiro ou a secretária levam o mesmo cartão de racionamento para o mercado e saem com as mesmas coisas. Não é mais a Gringolândia burguesa que você conheceu, mulheres dando festas enquanto mendigos passam fome do lado de fora. Agora todos concordam com Rosa Luxemburgo: “O maior dos idealismos no interesse do todo”. As mulheres aqui concordam com o racionamento até mesmo de comida e sapatos para seus filhos. A família vizinha tem sete meninos, que se chamam Rômulo, Virgílio e assim por diante, andando por aí com sapatos de tecido e improvisando brinquedos com o lixo que encontram nas ruas. Ainda assim, a mãe deles me chama todos os dias:

— Sr. Shepherd, não é uma manhã abençoada?

Outra vizinha me trouxe uma “torta de maçã” feita com farelo de biscoito (ela teme que um homem solteiro morra de fome), e me explicou como devemos fazer nossas camas: virando a borda de baixo para cima a cada semana para distribuir o desgaste e fazer com que os lençóis durem mais. Podemos vencer a guerra dormindo!

Essa maneira de pensar pode ser estimulante. Eles veem o futuro como uma casa que podem construir com martelos e tábuas, e não como uma fruta madura que pode apodrecer por conta de forças naturais inesperadas. Você me alertou para não deixar que os escritores mexicanos esfriassem meu coração, lembra? No hospital. Estávamos falando de *Los de abajo*, a cena que comparava a luta revolucionária a uma pedra rolando morro abaixo, movida apenas pela gravidade. Você disse que se eu desse uma festa para me animar, não deveria convidar nenhum escritor.

Mas os americanos contam uma história diferente: eles acreditam que a pedra pode subir morro acima. Provavelmente você não dará ouvidos a isso, mas não é um modo tão ruim de se pensar. Um escritor aqui pode terminar todo um livro sem querer beber

veneno. Mesmo a história de Cortés tem o tema animador do destino construído pelo próprio homem. As pessoas andam interessadas em corações sofridos e na tragédia da batalha.

Aqui na casa do meu pai, como você chamou este país, observo tudo com cuidado, imaginando se ele pode mesmo ser um lar. A terra da honestidade e do trabalho duro, como dizia meu velho pai. Por isso eu aparo as arestas dos meus desejos e trabalho batendo nas teclas da máquina até que meus dedos estejam rijos como lascas de madeira. Frida, alguém aqui talvez queira o que *eu* posso dar. Veja como este pronome agora se infiltra pelas linhas que escrevo, alto e imponente. Anseio pelo estilo forte e declarativo dos americanos, ao qual estou tão desacostumado: Eu sou.

Meu pacote de páginas contrabandeadas já se tornou quase um livro. A velha máquina de escrever range suas mandíbulas de metal, a batalha está quase terminada. Cortés toma a cidade no fim, sinto em dizer. Eu me senti tentado em reescrever a história, devolver a Cidade do México aos astecas. Mas, sem esses quatrocentos anos de opressão, o que o Diego pintaria em seus murais? Decidi manter, principalmente para o seu bem, a eventual necessidade da Revolução Mexicana.

Agora lhe peço um conselho. Imagino que você ou Diego conheçam alguém em Nova York que possa dar uma olhada neste pobre manuscrito, depois que ele estiver acabado. Ele precisa ser enviado para algum lugar. A bagunça de papéis não pode permanecer aqui muito mais tempo, espalhando-se como catapora pelo chão, assustando a gata. Tenho de praticar a vigilância, senão o livro pode se transformar em dois.

Meu carinho para você e Diego, e também para Perpétua, se ela se perpetua. Se tiver quaisquer notícias de Natalya e Seva, serão bem-vindas.

Seu amigo,

INSÓLITO

30 de junho de 1944

Querida Frida,

Obrigado pelo nome do seu amigo em Nova York. O sr. Morrison algum dia se arrependerá de sua indiscrição, e eu com certeza entrarei em contato com ele. Os problemas de Diego são uma preocupação; a dificuldade para construir seu museu-templo de pedra em Pedregal parece mais surreal do que qualquer coisa na sua exposição francesa. Nada do que ele fará jamais será pequeno. O fato de você não ter mencionado sua saúde, entenderei como uma boa notícia, e presumo que as cirurgias na Califórnia foram bem-sucedidas. É uma pena que Natalya não tenha se comunicado, mas deve haver vários motivos para isso, levando em conta o estado precário de tudo na França e a ausência de correio direto entre a França e o México. Mesmo assim, o movimento pelo socialismo democrático parece estar renascendo das cinzas, com os trabalhadores afora marchando contra Vichy em Paris, se é que se podia confiar no noticiário. Lev acharia que isso é de algum modo esperançoso, mesmo para a coitada da França.

Aquela época com Lev e Natalya parece tão distante que me assusto quando qualquer vestígio dela vem à tona. Na fotografia anexa, olhe e verá dois dos moços de Nova York que trabalharam como guarda-costas para Lev. Charlie e Jake, você se lembra deles. Eu praticamente dei um salto quando os vi, na página seguinte à de um anúncio com Mary Martin segurando seu dentifrício Calox. A imagem é de uma reunião de pacifistas no Carnegie Music Hall, onde centenas de pessoas se reuniram para exigir o armistício. O artigo eu não anexe, mas você conhece esse tipo de coisa: “Na plateia estavam trotskistas, membros do sindicato dos caminhoneiros, professores socialistas e *quakers*, marginais lunáticos da opinião pública, esperando despertar resistência ao mesmo tempo em que rezam por uma saída fácil”. Em outras palavras, o tipo de coisa que você e seus amigos fazem numa noite comum de sexta-feira, sem as rezas. As pessoas aqui são como os mexicanos, suas paixões se encrespam em todas as direções. E a imprensa também é a mesma. Nenhum repórter que se dê valor deixará que os fatos atrapalhem uma boa história.

Os cinejornais que a assustaram na Califórnia são da mesma fonte, tenho certeza. O objetivo é nos amedrontar. Para não serem vencidos pelo macaco gigante escalando um arranha-céu, eles dirão

que o japonês tranquilo da casa ao lado está agindo como um traidor. Se você viu uma estrela de cinema dizendo que o jardineiro envenenou os legumes, é apenas um artigo de entretenimento feito para anteceder a manchete principal. Como Diego comendo carne humana. Você conhece esses coiotes. Ouve o barulho que eles fazem desde que se casou com um homem famoso, e ainda o ouvirá, se isso lhe agrada. Não dê ouvidos a essas bobagens, Frida. A ideia de colocar japoneses americanos em campos de concentração é fantasiosa. Você não deveria se preocupar tanto.

Tenha um pouco de fé no sr. Roosevelt, em quem todos apostam. As pessoas aqui o saúdam como a bandeira nacional, já que a maioria jamais viu outra bandeira ou outro presidente. Ele assumiu o governo quando eu era apenas um menino na Academia, imagine só! Naquele tempo, seu nome era uma piada na escola, algo que fedia a rosas, mas agora ele é a nossa espécie de Lênin, comandando a nova Revolução Americana. Até os comunistas daqui o apoiaram nas últimas eleições. Ninguém pode lutar contra as garantias de trabalho e proteção dadas pelo velho. Agora ele ordenou até um novo imposto sobre os negócios, para que as pessoas não possam lucrar com a guerra, e regulamentou os preços dos alimentos para que todos possam comprar comida. Nós nos subordinamos aos bens nacionais!

Seu velho amigo,

INSÓLITO

Los Angeles Herald and Express, 1º de junho de 1943

Japoneses Ainda Patrulham o Litoral

Especial para a Hearst News

As antigas barracas de frutas e legumes estão vazias, suas pilhas de comida apodrecidas, mas uma contaminação ainda não foi extirpada da nossa cidade. O Comitê Dies divulgou hoje um relatório citando quarenta mil pessoas perigosas à solta, mais de um ano depois da Lei 9.066, do Comando de Defesa Ocidental, que ordenou o envio de japoneses estrangeiros e nascidos na América para

centros de detenção nos principais estados. O relatório contém evidência de espionagem ligada a muitos, senão a todos, “pescadores” e “tratoristas” japoneses que usaram sua posição de comerciantes em nosso país como um disfarce para se aproximarem de instalações estratégicas.

O comando militar mantém sob vigilância mais de cem mil refugiados que agora vivem em campos de detenção, onde observadores notaram que os detentos não demonstram se importar se o Japão ou este país ganhará a guerra. Ainda assim o Departamento de Justiça está considerando uma apelação para libertar certos detentos que jurarem “lealdade” e se envolverem em trabalhos não relacionados à guerra. Os estados do oeste norte-americano se opõem à medida em uníssono. O senador Hiram Johnson afirmou ontem que o Departamento de Guerra não permitirá o reassentamento de nenhum japonês nos estados litorâneos, argumentando que a maioria dos residentes desses locais zarparia para Tojo depois do fim da guerra.

Nenhum californiano precisa ser lembrado das bombas incendiárias jogadas em Ft. Stevens e nas florestas do Pacífico no ano passado, nem do bombardeamento da Refinaria Goleta, cujas chamas engoliram a cidade aterrorizada. Os navios de guerra do Japão passam à vista de todos pelo nosso litoral, com pilotos prontos para se lançar em voos “kamikaze”, a fim de atingir os alvos, ingenuamente trocando a vida pela promessa de imortalidade. Mas poucos percebem os vários inimigos que ainda se escondem nos estados do Pacífico sob disfarces civis.

Numa declaração dada à *Hearst News* hoje, o general John L. DeWitt declarou: “Ignoramos o relatório do Comitê Dies por nossa própria conta e risco”. Descrevendo o caráter nefasto do adversário, ele disse: “Afinidades raciais não se desfazem com a migração. Os japoneses são uma raça inimiga e, embora muitos tenham nascido em solo norte-americano e se tornado ‘americanizados’, as manchas da raça não desaparecem”. Numa conferência recente com o secretário da Guerra, DeWitt mencionou evidências sigilosas de uma conspiração nipônica preparada para entrar em ação. O fato de ainda não ter acontecido nenhum ataque violento, explicou ele, é

uma confirmação dos indícios de que tais ações em breve serão realizadas.

Nascidos no estrangeiro ou nos Estados Unidos, os japoneses continuam banidos de nosso litoral até a rendição final. O lugar de direito dessas pessoas é a prisão num lugar remoto. Respondendo aos rumores de libertação, o gabinete do governador prometeu total segurança aos nossos cidadãos. “Não temos nenhuma pena daqueles cuja presença representa uma ameaça à segurança pública. Nossa tolerância em relação a essas pessoas foi revogada. Suas propriedades foram confiscadas, seus contratos de negócios, cancelados, e suas contas bancárias, fechadas. Agentes do FBI já estão prontos para conduzir buscas e apreensões nas casas ou empresas suspeitas de abrigar estrangeiros.”

Para os cidadãos norte-americanos, isso é uma boa notícia. Enquanto os americanos enfrentam a morte provocada pela artilharia fascista longe de casa, o Departamento de Justiça tem recuado para preservar o direito à liberdade de expressão em tempos de guerra, abrindo brechas para aqueles que querem espalhar mentiras e propaganda inimiga na retaguarda.

Esta reportagem foi submetida à avaliação do exército e da marinha.

The New York Times, 13 de dezembro de 1941

2.541 Estrangeiros do Eixo sob Custódia

***Biddle Diz que a Lista Inclui 1.370 Japoneses,
1.002 Alemães e 169 Italianos***

Especial para o The New York Times

WASHINGTON, 12 de dezembro — Até a noite de quinta-feira, o Departamento de Justiça havia prendido 2.541 cidadãos alemães, japoneses e italianos na perseguição a estrangeiros perigosos que ficaram em solo americano depois da eclosão da guerra entre o Japão e os Estados Unidos, de acordo com o procurador-geral

Francis Biddle. Do total, 1.002 são alemães, 1.370 japoneses e 169 italianos.

O sr. Biddle enfatizou que, embora sejam considerados “perigosos para a paz e a segurança da nação”, cidadãos do Eixo presos “representam apenas uma pequena parte dos 1,1 milhão de cidadãos desses países que residem nos Estados Unidos”.

“As prisões se restringiram a pessoas cujas atividades estiveram sob investigação do FBI durante algum tempo”, disse o sr. Biddle.

Assistentes declararam que nenhum dos prisioneiros seria detido ao longo de toda a guerra, exceto se houver “motivo suficiente para temer pela segurança interna dos Estados Unidos”.

O Departamento de Justiça divulgou um alerta de que qualquer cidadão japonês, alemão ou italiano flagrado de posse de uma câmera, independentemente de sua utilidade, perderá o equipamento e possivelmente será preso. Cidadãos do Eixo já haviam recebido ordens de não realizar voos em aviões de quaisquer tipos.

26 OUTROS ESTRANGEIROS PRESOS

A caça a sabotadores em potencial, espiões e estrangeiros inimigos resultou na prisão de mais vinte e seis pessoas ontem. Dezesseis eram alemães, seis eram japoneses, e cinco, italianos. As pessoas presas ontem foram levadas para Ellis Island e entregues para o Departamento de Imigração e Naturalização. Como sempre, o FBI se recusou a fazer qualquer comentário.

William H. Marshall, diretor-assistente de emigração e naturalização, disse que 553 estrangeiros inimigos foram presos desde domingo. Esse número inclui aqueles presos em lugares próximos a Nova York. Todos os inimigos foram barrados pela Autoridade Civil Aeronáutica por viajarem em voos comerciais, oficiais ou particulares.

O Departamento Federal do Trabalho afirmou que os estrangeiros inimigos não tinham direito de receber seguro-desemprego, já que a lei determina que os pagamentos sejam feitos somente a pessoas “com direito a trabalhar”.

A enorme placa diante do Edifício Italiano, na Quinta Avenida, 626, foi coberta ontem.

12 de setembro de 1944

Querida Frida,

Obrigado por me enviar os recortes. Desculpe por ter duvidado de você, essas notícias são assustadoras e não muito conhecidas por aqui. Se não há nada de novo na terra, esses coiotes são a prova. Eles aterrorizarão as pessoas a qualquer custo.

Seu Insólito continua sendo uma confusão de dois países, por enquanto estabelecido na casa de seu pai, intrigado quanto à sua construção. De dia assoviamos “A Internacional” e estendemos a mão aos nossos camaradas do outro lado do mundo. Minhas vizinhas tricotam meias para os órfãos de Moscou. Mas à noite a vizinhança tranca as portas e procura embaixo das camas pela ameaça estrangeira. Ainda assim eu reclamo, estou aqui, mas deveria estar em outro lugar. Mas, ao que parece, só como uma criança, esforçando-se para compreender o que todas as mulheres e homens que passam na rua parecem saber de cor. Quem amar, quem punir.

A única certeza na minha própria casa é que o romance está concluído. Sinto uma tristeza única, como se tivesse perdido uma pessoa querida, como se tivesse brigado com um amigo que foi embora depois de uma longa visita. Nesses dias, fecho a boca diante do espelho e me pergunto como é que os outros homens encontram ótimos motivos para fazer a barba, trocar o pijama ou sair de casa praticamente todos os dias.

Seu amigo, o sr. Morrison, recomendou-me a um editor que pareceu demonstrar interesse ao ver o romance. Sua resposta me fez sair de casa três dias seguidos, piscando como uma coruja, em busca de um envelope ou uma embalagem para enviar o manuscrito a Nova York. Isso deve demorar mais do que escrever o próprio livro. As papelarias já não têm papel suficiente para escrever o aviso de que seus produtos foram enviados para o campo de batalha. O editor talvez seja poupado do incômodo, por conta da escassez de

papel. O manuscrito provavelmente deveria ser entregue na próxima coleta de papel para ser usado como lastro de um navio de guerra.

Envio-lhe duas notícias, do começo do verão. O jornal da nossa cidade está racionado a duas edições semanais, mas este artigo foi digno do precioso papel — repare na data, nosso aniversário. Você se lembrará que lhe escrevi sobre esse besouro. A outra página, eu a arranquei de uma importante revista (*Life*, que abrangente!), anexada principalmente por sua incrível fotografia. Assim como Cortés, mando relatos para minha Rainha sobre um novo e estranho mundo. *Feliz cumpleaños*, minha amiga, da América, onde sobrevivemos sem nada de novo.

Abrazos,

SÓLI

Life Magazine, 17 de julho de 1944

**Besouro Japonês:
Voraz, Libidinoso, Prolífico**

por Anthony Standen

Besouros japoneses, ao contrário do povo japonês, não têm malícia. Há, contudo, várias semelhanças entre os dois. Ambos são pequenos, mas numerosos e prolíficos, além de vorazes, gananciosos e devoradores. Ambos têm mentalidade estreita. Ambos são incompreensíveis, principalmente os besouros, porque ninguém sabe explicar o que os faz se sentirem atraídos pelo amarelo, enquanto a maior parte de seu alimento é verde, nem por que eles atacam avidamente gerânios — o perfume do gerânio é usado como isca em armadilhas —, uma vez que essas flores são venenosas para eles. Os besouros, contudo, estão firmemente estabelecidos no litoral do Atlântico, onde se alimentam de maçãs, pêssegos, uvas, rosas, pastagens e outros legumes úteis ou deliciosos, causando um prejuízo de US\$ 7 milhões ao ano e ameaçando se alastrar por todo o país. Há muito tempo declaramos guerra a eles e, embora tenhamos poucas chances de vitória — o que significaria exterminar todos os besouros de nosso litoral —, esperamos alcançar um sucesso mais limitado, com os insetos fustigados e perseguidos, a ponto de sua população ficar dentro de um limite aceitável, ainda que seu caráter permaneça inalterado.

The Asheville Trumpet, 6 de julho de 1944

Risco de Ataque Kamikaze Chega a Asheville

por Carl Nicholas

Eles são pequenos, engenhosos e se reproduzem incessantemente. São levados a voar diretamente para seus alvos, causando uma

imensa destruição. O besouro japonês percorreu nosso litoral e chegou às portas da nossa cidade. Esses estranhos insetos verdes são uma ameaça para as plantas e para a tranquilidade doméstica.

“Eles voam por sobre a roupa recém-lavada”, disse a sra. Jimmy Hyder, uma dona de casa recentemente vista na Rua Charlotte, planejando uma ofensiva. Seus filhos, Harold e Alter, lideram a infantaria com raquetes de badminton, enquanto a sra. Hyder os segue com um pulverizador, espalhando inseticida pelo campo de batalha. Ataques semanais talvez enfraqueçam o inimigo, mas a sra. Hyder reclama: “Eles continuam voando em sua direção sem motivo algum, até o último”. Ela alertou outros Jardineiros da Vitória sobre a perspectiva de baixas pesadas para o inimigo este ano, principalmente nos tomates e feijões.

Os cientistas chamam o monstro verde de *Popillia japonica*. O Departamento de Agricultura acredita que eles entraram em nosso país por Nova Jersey, alguns anos antes de Pearl Harbor, escondidos numa caixa de fintas. As larvas se escondem sob o solo no inverno, emergindo famintas e dispostas a impor a destruição nos meses mais quentes. Sua campanha destruidora já alcançou as Carolinas Ocidentais, arruinando pomares no valor de milhares de dólares.

Donas de casa e jardineiros, prestem atenção. Ainda que raquetes de badminton sejam usadas na Rua Charlotte, o sr. Wick Bentsen, do Serviço do Interior, afirma que ainda não há armas capazes de deter essa invasão japonesa.

Sr. Lincoln Barnes, Editor
Stratford & Sons Publishers,
Nova York 11 de dezembro de 1944

Caro sr. Barnes,

O valor que o senhor propõe é incrivelmente generoso.

As alterações que sugere na história a melhorarão. Infelizmente, não posso consultar as páginas que o senhor mencionou, uma vez que o livro está todo em suas mãos. O senhor tem a única cópia (o envelope talvez também seja o único da ninhada). O papel continua

escasso por aqui. Qualquer falta dele nas linhas de suprimentos contra os alemães não se deve à falta de entusiasmo em sua coleta aqui em Asheville, Carolina do Norte. Assim, seria útil receber o manuscrito de volta para poder fazer as devidas correções.

Sua carta faz uma referência à minha secretária-datilógrafa, à qual o senhor planeja enviar mais anotações. Saiba que a secretária-datilógrafa entrará em contato direto com o autor, o recepcionista, o cozinheiro e a governanta, já que todos habitam os mesmos sapatos baratos. Com os cupons de racionamento de tecidos do jeito que estão, é um arranjo interessante.

Atenciosamente,

HARRISON W. SHEPHERD

21 de dezembro

Stálin, 65 anos hoje. Um repórter ofegante no rádio disse que ele é o Tom Paine russo combinado com Paul Bunyan. Lev teria hoje 64 anos, mas não tem. As revoluções renascem constantemente, ele costumava dizer, e homens como Stálin nunca morrem.

1º de fevereiro

Notícias desta noite: os aliados romperam os diques ao longo do litoral holandês, deixando que a água do mar invadisse a terra, afogando milhares de soldados alemães com a inundação. Como os astecas que abriram os diques para afogar Cortés e seus homens nas margens do lago Tenochtitlán. Mas a ficção é fantasia, enquanto a guerra é verdadeira. Amanhã os fazendeiros de Walcheren acordarão e verão a maré alta cobrir as plantações, os cadáveres flutuantes dos animais, todas as árvores das propriedades condenadas à morte pelo sal nas raízes. A glória da guerra é, em geral, decepcionante.

Muita solidão por aqui, recluso com fantasmas e sem lugar para fugir deles. O homem na rua vendendo gelo de um caminhão hoje tinha uma picareta bem parecida com aquela que matou Lev. Esse era o mês que ele mais temia. O das visitas.

10 de fevereiro

Um dia melhor, o manuscrito deixado de lado por um tempo em favor do trabalho honesto, como Lev o chamaria. Pintada a sala de jantar, os lambris entre os batentes, tinta do suprimento de guerra, mas de uma cor decente, acinzentada. A vizinha doou gentilmente uma velha mesa de jantar que não usa e um dos filhos no sábado para ajudar na pintura. Um verdadeiro Tom Sawyer. Paguei-lhe dois dólares, mas suspeito que ele teria preferido ficar com o rato morto e com uma corda para brincar com ele.

5 de abril de 1945

Querida Frida,

Sua carta foi bem recebida, ainda que não trouxesse notícias muito boas. Prefiro mil vezes pensar em você andando pelas ruas arrastando as saias do que numa cadeira de rodas. Essa imagem é detestável. Você e Diego deveriam estar marchando com faixas no Paseo de la Reforma esta semana, protestando contra os acordos da Conferência Chapultepec.

Estamos muito menos no noticiário daqui do que a Cidade do México, mas nossas manchetes talvez a divirtam: as linhas de produção da Fábrica de Caixões de Asheville pararam hoje (silêncio mortal!) porque os trabalhadores entraram em greve, desprezando seu dever de guerra, esperando as negociações entre a gerência e o Sindicato dos Estofadores.

Depois: o escritor William Sidney Porter, ou o que restou dele, deve ser exumado do cemitério neste bairro e transportado para Greensboro. A cidade de Asheville protestou, dizendo que o sr. Porter está confortável onde está. A justiça decidirá. Espera-se que não seja necessário nenhum reestofamento dessa vez.

O almirante Halsey veio ao Grove Park para algo interessante: finalmente uma história envolvendo morte. E a moda está viva: Lilly Daché descobriu como fazer boinas civis usando 76 mil chapéus recusados pelo exército em favor de capas de tecido. Havia muito o que ver aqui no último domingo. Você gostaria da Páscoa dos

gringos: todas as mulheres, até mesmo as mais simplórias, encontram coragem para ser uma Frida neste dia.

Não há muitas notícias pessoais. As trepadeiras que escalam as laterais da minha casa e se entrelaçam às calhas estão roxas em flor, a cor do jacarandá. Você teve notícias de Van? A pergunta foi feita, mas na verdade não se quer ouvir uma resposta. Uma professora de francês aqui no Magistério, certa srta. Attwood, recentemente fez campanha para ser levada ao cinema. Com todos os homens decentes na guerra, ela acha que certa pessoa deveria cumprir seu dever de levar uma moça para assistir a *O retrato de Dorian Gray*. A ideia de um cinema lotado me dá calafrios. Às vezes sair de casa se torna uma coisa assustadora, levo comigo um inexplicável temor que nunca se esvai. Mas a srta. Attwood não aceita recusas. Hurd Hatfield interpretou decentemente Dorian, apesar da traição em relação a Sibyl Vane e Gladys Hallward. O dever parece cumprido, tudo tranquilo no fronte Attwood esta semana.

Ao fim do semestre, o Magistério fechará. Nosso idioma deixará de ser maligno para a língua da Carolina. Seu único defensor em Asheville ficará em casa, em sua cabana coberta por trepadeiras, enquanto seus antigos pupilos se voltam para o preparo de paraquedas e coisas do tipo. Essas moças são muito parecidas com a Mãe, muito seguras e com um vocabulário feroz. *Santo Pau! Ah, droga! Ele é do balacobaco!* Mas a Mãe seria velha hoje, quase 50. Como lamentaria tudo isso, se ainda estivesse aqui. Provavelmente é por compaixão que ela não está.

Última coisa: o livro deve ser publicado no fim do ano pela Stratford & Sons Publishers, de Nova York. O editor, sr. Barnes, confirmou hoje. Ele quer que seja intitulado *Vassalos da Majestade*, o que é meio ridículo, já que os personagens são vassalos dos desejos e da ganância. O título original era *A dez léguas de onde dormimos*, e é sobre homens que se descobrem sempre marchando em busca de si mesmos e para realizar as expectativas de todos, incluindo as dos leitores. Mas o sr. Barnes diz que o título é muito comprido. Não importa. A Stratford enviou um cheque de duzentos dólares, um adiantamento sobre os direitos autorais, e se eles encontrarem papel, pretendem imprimir mil cópias. Um milagre

assustador. Essas palavras todas foram escritas em quartos escuros e no silêncio. Como é possível que consigam enfrentar o mundo claro e barulhento?

Você deve saber. Você abre sua pele e se derrama nas telas. E depois deixa os curadores pendurarem seu intestino pelas paredes, para o escândalo da sociedade. Pode-se sobreviver a isso?

Seu amigo,

SÓLI

13 de abril de 1945

Roosevelt morreu. O fim aconteceu num dia de céu limpo. A caneta na mão, caído no chão enquanto sua secretária o observava — deve ter sido como ver a luz de Lev se esvair. Na verdade, é como a morte de Lênin: uma personalidade confundida com um propósito nacional, acometida por um derrame, deixando o propósito do país na mão dos burocratas, perguntando-se o que fazer.

Durante toda a noite, ao sul de Asheville, uma multidão se pôs ao longo dos trilhos no frio, na esperança de ver o carro fúnebre e o caixão dentro de um vagão iluminado quando o cortejo passasse. O presidente só poderia chegar a Washington passando por Warm Springs, pensavam, passando pelo novo vale. Mas nenhum trem passou. O jornal extra desta manhã disse que a rota foi por Greeneville. Mas ainda há quem espere, principalmente mulheres com crianças. Num vale a leste de Oteen, dizem que cem negras das fazendas de tabaco estão ajoelhadas desde ontem, com as mãos estendidas para os trilhos da ferrovia. Elas não querem voltar para casa.

E agora Harry Truman prestou juramento, com sua gravata-borboleta de bolinhas. Ele não se parece nada com um Homem Confundido com um Propósito Nacional. E diz aos jornalistas: “Alguma vez lhe aconteceu de um touro ou um fardo de feno cair sobre você? Em caso afirmativo, então você sabe como me senti na noite passada”.

Às vezes a história se divide e, por um momento, permanece imóvel, como a pausa quando o machado parte a lenha e as duas metades se apegam às extremidades da lâmina, esperando para

cair. Lev costumava dizer isso. Foi assim depois que Lênin morreu, Lev a bordo do trem rumo ao Cáucaso, sem saber que o machado havia caído sobre seu amigo. Que Stálin estava subindo no palanque fúnebre para conquistar a multidão em pânico. Esse talvez seja um desses momentos novamente, quando a história avança rumo às trevas ou à luz. Qual rosto estampado nos jornais será agora o rosto da traição? Será que os tiranos estão confabulando atrás das cortinas, enviando um telegrama falso para alguém a bordo de um trem, em conluio para manter a razão à distância enquanto o poder atua? As pessoas estão apavoradas, prestes a acreditar em qualquer coisa.

8 de maio de 1945

O mundo não acabou. Ou, se acabou, foi somente para os alemães. Todos saíram para ouvir a sirene às 6h01, indicando meio-dia na Alemanha, o término oficial das ações militares. Mulheres nos quintais das casas secando as mãos nos aventais, dizendo aos meninos para parar de gritar uns com os outros e ficar imóveis. Na Rua Haywood, os funcionários e comerciantes pararam, completamente imóveis, durante todo aquele instante, ao longo de todo o toque da sirene, olhando para o céu. O brilho do sol refletido nos quintais gramados diante deles. Alguns colocaram a mão sobre o peito e todos se viraram para o leste. Para a Europa.

Ninguém sabe o que fazer com essa paz. Quando a sirene silenciou, todas as pessoas na Haywood viraram-se para o outro lado, sem dizer nada. Japão.

O menino vizinho, cujo nome não é Tom Sawyer, e sim Rômulo, um nome ainda mais improvável, pegou uma flor estranha das florestas do monte Montford e a trouxe aqui para ser identificada. Ele diz que sua mãe acredita que seja uma parte de um animal ruim que não deveria ser tocada. Mas o pai disse que é uma planta, pergunte ao cara da casa ao lado. Eles acham que sou instruído. Criamos uma Força Expedicionária à Biblioteca e nos lançamos ousadamente. A vitória era nossa, o livro *Flora das Carolinas*, de Bartram, tinha

imagens coloridas do espécime em questão. É uma “sandália-rosa-de-moça”. Rômulo ficou gravemente desapontado ao ouvir isso.

20 de agosto de 1945

Cinco anos hoje. Desde que Lev viu a luz do sol pela última vez. Ou disse as palavras *meu filho*, o único a dizer isso. Seu olhar de maldade, quando lia um romance recém-descoberto. A última súplica sobre os ombros antes de acompanhar Jacson, *Salve-me desse cara!* Os punhos brancos manchados de sangue, gotas de sangue caindo sobre o papel branco, essas imagens haviam se desbotado, quase desaparecidas. Mas então uma delas surge, assustadora como um estranho no canto de um quarto quando você acha que está sozinho. As lembranças nem sempre são amenizadas com o tempo; algumas se tornam mais afiadas, como facas. Ele ainda deveria estar vivo. O assassinato tem o peso de uma dívida em aberto, a morte como uma transação inconclusa.

Nenhum cômodo na casa era seguro hoje, o rádio não distraía, ele reportava obscenamente um assassinato brutal na região sul da cidade, num dos curtumes. A chaleira assoviando na cozinha era Natalya, dizendo o nome dele. Um som pode se transformar completamente na imaginação.

A biblioteca parecia ser o lugar mais seguro, mas não era. No andar superior, na sala de periódicos, as pontas dobradas dos jornais se amontoam em camadas sobre mesas cheias de livros. A mesa dele, todas aquelas frases por finalizar. Os cilindros de cera que ainda guardam sua voz em algum lugar. O calendário, se ainda existe, permanece aberto no dia 20 de agosto, na página que ele abriu pela última vez, cheio de vida e expectativas comuns. Esse pensamento despertou uma dor lancinante, ajoelhando-se entre as estantes do andar superior, esperando para que algo no íntimo explodisse e inundasse o piso de carvalho. O sangue se infiltrando entre as ranhuras.

O inferno está caindo dos céus. Um repórter do *Times* subiu a bordo de um avião como testemunha, perguntando-se, na hora H, se deveria se sentir mal pelos “pobres demônios que estavam prestes

a morrer”. Ele concluiu que não, que era uma troca justa por Pearl Harbor. O plano do exército era jogar a bomba em outra cidade japonesa naquela manhã, um grupo diferente de homens e cães e alunos e mães, mas as nuvens espessas sobre a cidade se recusaram a se dissipar. Cansados de ficar dando voltas e esperar, os pilotos do bombardeiro voaram para o sul do canal e escolheram Nagasaki, graças ao céu limpo.

Por causa de um prego, perdeu-se o sapato, por causa de uma nuvem, perdeu-se a guerra.

Seu sangue é o meu. Se não esse, aquele. A guerra é o problema matemático supremo. Ela marca nossa cabeça, mas ainda assim fazemos as somas, acreditando que aplicamos as quantidades mais monstruosas numa equação equilibrada.

2 de setembro de 1945

Dia da Vitória. Se uma máquina de escrever não tivesse as letras D e V, hoje ela seria um objeto inútil. As manchetes dos jornais só poderiam ser maiores se descobrissem um modo de escrever “OS JAPAS SE RENDEM” de baixo para cima, e não da esquerda para a direita na página. Aleluia, Hirohito ajoelhou-se diante deles.

Durante um dos muitos piqueniques da vitória promovidos pela igreja, uma menininha se afogou no Swannanoa. Rômulo veio até em casa esta noite para se sentar no balanço da varanda e contar sobre isso, porque ele estava lá: a menina com laços brancos no cabelo desaparecida, as horas de busca e quando a encontraram no leito arenoso no rio, onde a água não era muito funda. Ele contou tudo e depois ficou quieto. Podíamos ouvir a música vinda de alguma festa de celebração, em algum lugar da Pack Square. Rômulo disse que não sabia se era um bom ou um mau dia.

MacArthur diz que a grande tragédia chegou ao fim. Ligamos o rádio e as vozes seguras parecem dar ânimo ao menino. Este homem, MacArthur, certa vez cavalgou e foi recebido por um grupo de meninos não muito mais velhos do que Rômulo. Às vezes jogando polo atrás da Academia, às vezes comandando baionetas contra o peito do Exército da Bonificação.

— Do céu já não chove morte — disse ele agora. — Os homens andam eretos sob a luz do sol, e o mundo todo está tranquilo e em paz.

MacArthur afirmava falar por milhares de bocas silenciosas, para sempre caladas nas selvas e nas águas profundas dos oceanos. Mas como ele pode falar por tantas bocas em silêncio, cercadas pelo azul sob a água? Os peixinhos com certeza estão mordiscando-as agora, alimentados pelos mundos da infelicidade.

19 de novembro

Querida Frida,

Eis um presentinho, meu livro, recém-chegado de Nova York. O sr. Barnes diz que ele vai começar a aparecer nas livrarias na sexta-feira, mas me mandou dois exemplares com um bilhete: “Uma cópia a mais para sua Mãe e seu Pai!” A capa é uma coisa e tanto, como você verá, com os dois templos-irmãos de Tlaloc e Huitzilopochtli ao longe. As chamas e uma mulherzinha correndo do exército conquistador deveriam compensar qualquer imprecisão arqueológica. Esse formato, disseram, deu certo para ...*E o vento levou*.

Ninguém aqui sabe da minha condição de escritor publicado. As moças da vizinhança acham estranho que eu não tenha ambição ou família. A srta. Attwood ainda liga; poucos soldados já voltaram para cá, por isso ela faz o que pode com o que tem. Na semana passada fomos a um restaurante chamado Bucks, recém-inaugurado com muito entusiasmo e que embrulha a comida como uma encomenda e a envia para o estacionamento enquanto você espera dentro do carro. A ideia é fazer um piquenique dentro do carro, olhando para estranhos com ketchup no queixo e guardanapos pendurados ao volante. Você odiaria. Chamam isso de *drive-in*. Agora podemos comprar gasolina, comida e em pouco tempo teremos carros novos também. Por que não usar tudo ao mesmo tempo?

O fim da guerra deixou os Estados Unidos cheios de produtos prontos e sem nenhum lugar para enviá-los. Também muito dinheiro dos bônus de guerra economizado, sem ter onde gastá-lo. A não ser

que precisemos de canos de chumbo e botas de combate, que é o que as fábricas estão montadas para produzir. Ainda usamos cartões de racionamento para quase tudo. Truman está tentando manter os preços controlados até que a escassez termine, mas os fabricantes já sentem o cheiro do dinheiro fácil. Eles estão enviando lobistas para o Congresso, a fim de convencer os legisladores de que o Livre Mercado é a saída e de que Harry Truman é aliado de Karl Marx. As moças da vizinhança aqui estão firmes ao lado de Harry e Karl Marx, elas sabem que o controle de preços é a única coisa que existe entre elas e um bife de vinte dólares. Confesso meu desejo nada patriótico de comprar um refrigerador, mas se uma Philco aparecer na cidade agora sem a autorização do Departamento de Preços, ela irá para a sra. Vanderbilt pelo preço da minha hipoteca.

Enquanto isso, os maridos planejam um mercado negro com mais reviravoltas do que o Codex Boturini. Rômulo, meu jovem informante, diz que seu pai foi a um vendedor de carros para comprar um novo Ford que ainda não pode ser legalmente comercializado. Disseram-lhe que se ele comprasse o cachorro do vendedor por oitocentos dólares, eles lhe dariam um carro de graça para levar o animalzinho para casa. Rômulo ficou todo animado. Mas só por causa do cachorro.

Uma coisa, porém, pode ser comprada sem um cartão de racionamento, meu livro. Por favor, não se sinta obrigada a nada ao ler isso, você já fez o bastante. Apenas procure pela página de dedicatória, onde encontrará um nome conhecido. Peço desculpas pelo título. O sr. Barnes diz que *Vassalos da Majestade* soa como um livro que as pessoas querem ler, e faz parte de suas obrigações saber disso. O que você faria? Se um curador de museu dissesse que suas obras deveriam ser penduradas com cortinas rosa-choque em ambos os lados? Ah, sim, eu lembro, você o espetaria no olho com um pincel e lhe diria para pendurar as cortinas na cara de bunda do cachorro dele.

Como me falta sua coragem, evito entrar em desacordo com a empresa que compra meu pão com manteiga, e possivelmente uma Philco. Estou me saindo bem, sem reclamação alguma quanto ao meu novo país, exceto pelo fato de não haver azeitonas dignas para

se comer, nem pimentas de adulto. Esta encomenda contém uma prova da minha incompreensível sorte. Use-a no chão, perto da porta, para evitar que ela bata na parede, e saiba que sou...

Seu amigo cheio de gratidão,

H. W. SHEPHERD, ESCRITOR

5 de dezembro

A primeira neve da estação caiu hoje sobre duzentas mulheres que se enfileiravam na Rua Haywood, depois que foi anunciado que meias-calças serão vendidas, uma para cada consumidora, na loja de departamentos Raye.

A um quarteirão dali, na livraria, uma única cópia de *Vassalos da Majestade* foi manuseada por vários consumidores diferentes ao longo desta manhã. Cada um deles avaliou cuidadosamente as moças indígenas fugindo em meio às chamadas na capa. Nenhuma fila se formou na calçada, nada de Philco este ano.

Kingsport News, 12 de janeiro de 1946

Crítica Literária

por United Press

O leitor moderno reclama que toda a ação foi transferida para o cinema. Onde estão os velhos livros emocionantes para nos entusiasmar? Eis um que se enquadra. *Vassalos da Majestade*, de Harrison Shepherd (Stratford & Sons, US\$ 2,39), se passa numa época de ouro, quando os conquistadores espanhóis lutaram para conquistar o Novo Mundo. Cortés age como um vilão vencedor, enchendo os bolsos em nome da Igreja e da Rainha, sem dar atenção às dificuldades enfrentadas por seus homens. O apalermado imperador Montezuma não passa uma impressão muito melhor, condoído por seus pássaros engaiolados, enquanto seus chefes sanguinários fazem o trabalho sujo.

Os príncipes dessa história são os soldados comuns, levados ao limite, mas revelando um humanismo verdadeiro. A afirmação curiosa da história é a de que os heróis talvez sejam menos do que heroicos, enquanto o homem comum é quem salva o dia.

The Evening Post, 18 de janeiro de 1946

“Livros para Pensar”, por Sam Hall Mitchell

Nossa, mas Eu Quero Voltar para Casa

Se você está cansado dos julgamentos militares de Goering e Hess, de seus detalhes sórdidos que se acumulam, tente compará-los com isso: militares que retiram o coração dos prisioneiros de guerra ainda vivos! O ano é 1520. O lugar, uma reluzente cidade em meio a um lago, onde o último imperador asteca encontra seu inimigo mortal, Cortés. O livro é *Vassalos da Majestade*, uma interessante estreia do escritor Harrison Shepherd. As espadas se digladiam em

todas as páginas deste interessante relato da conquista do império mais rico do México.

Ambição e vingança marcam a ação, mas o tema mais profundo do romance é o desejo por um lar. A Realeza Espanhola exige ouro, mas os jovens obrigados à batalha só querem sapatos melhores para um deserto cheio de plantas com espinhos, e algo melhor para comer do que folhas de cactos assadas em fogueiras. Esses soldados talvez até cantassem a música que todo militar sabe de cor: *O café que nos dão, eles dizem que é delicioso, é ótimo para cortes e arranhões e tem gosto de iodo!* Enquanto os líderes planejam o destino de cidades douradas, eles, os soldados, se preocupam com as mulheres que perderão para outro homem enquanto estiverem longe de casa. Num país de soldados que voltam de uma guerra, e de civis cansados da batalha, este livro causará um enorme impacto emocional.

The Asheville Trumpet, 3 de fevereiro de 1946

Escritor de Asheville é a História do Ano

por Carl Nicholas

“Vassalos da Majestade”, do escritor local Harrison Shepherd, revela-se nada menos do que pura fascinação. Pode parecer que apenas eruditos de casaca e cabelos compridos se entusiasmam ao ler sobre homens que viveram há centenas de anos. Que nada! Todo mundo se emocionará quando o conquistador Cortés se lançar na batalha contra seu inimigo. Este livro tem de tudo: traição sanguinária e até romance. As moças se deliciarão com o belo príncipe indígena Cuautla. Com o ritmo de uma locomotiva, a história avança para sua conclusão épica. A sra. Jack Cates, dona da Livraria Cates, confirma que os exemplares não param nas prateleiras.

Harrison Shepherd, daqui mesmo de Asheville, é um jovem de apenas 30 anos, que domina os segredos do tempo com sua pena. Telefonemas confirmam que ele mora em Montford Hills. Moças, anotem esta dica: nossas fontes dizem que ele é solteiro.

The New York Weekly Review, 2 de fevereiro de 1946

***Vassalos da Majestade*, de Harrison W. Shepherd
Stratford & Sons, Nova York**

Nunca Longe de Casa

por Michael Reed

Na temporada literária do belicoso Rei de Sião de Arma e da tomada do Panamá em “Unterrified”, de Teddy Roosevelt, uma nação em paz parece ansiar por histórias de exóticos conflitos no exterior. Os leitores encontrarão muito disso neste romance sobre a ambição astuta na sanguinolenta conquista espanhola do México.

Contando a história estão Cuautla, um herdeiro do império asteca, e o tenente Remedios, que precisa obedecer às ordens do famoso conquistador Hernán Cortés. Aficionados por história devem ser avisados: dificilmente um herói nesta história sobrevive com a reputação intacta. Cortés revela sua fraqueza diante das bebidas alcoólicas do México e se importa muito mais com seu papel nos livros de história do que com os homens que dão a vida para que ele seja citado ali. E o gentil e ingênuo imperador Montezuma releva a maior parte de suas decisões aos impiedosos militares, cuja maneira de lidar com os prisioneiros de guerra talvez custe ao leitor uma noite de sono.

De seu astuto título em diante, este livro é uma obra comercial, sem nenhuma aspiração ao cânone literário. O cenário exagerado de templos manchados de sangue e muralhas parece se inspirar nos cenários dos filmes de Hollywood. Mas os personagens ameaçam emergir de seus estereótipos. O humilde recebe uma medalha pelo seu esforço no cumprimento do dever, enquanto o poderoso acaba vítima de complôs familiares e políticos, revelando-se comum como todos os homens, não muito diferentes dos políticos e funcionários de hoje. O autor sugere que, no fim das contas, nenhum conflito entre os homens é totalmente estranho.

(Uma amostra de críticas enviadas pelo serviço de publicidade da editora, doze ao todo, jan.-fev., 1946)

10 de março de 1946

Querida Frida,

Obrigado pela caixa de pimentas, uma surpresa espetacular. Eu as pendurei numa *ristra* vermelha para a cozinha, juntamente com cebolas que trancei e pendurei perto do fogão. O menino vizinho suspeita que eu esteja “fazendo feitiços”, mas Perpétua aprovaria minha cozinha. Racionarei estas *pasillas de Oaxaca* como tudo o mais, mais até do que a gasolina.

Nossa Carolina dá sinais de que é primavera: açafrões surgiram nos jardins, as roupas de baixo de lã desapareceram dos varais. Ontem comprei um pernil de cordeiro congelado do açougueiro e o coloquei na floreira do lado de fora da janela para mantê-lo resfriado durante a noite. Esta manhã ele estava completamente derretido. Hoje vou temperá-lo com alho para um banquete improvisado. A gata Chispa espalha a notícia de minhas extravagâncias culinárias pela vizinhança e agora outro gato vadio a seguiu até aqui. Eu o chamo Chisme, pela fofoca que o atraiu. Preto como o demônio e admirador de cordeiro.

Em pouco tempo meus pernis talvez conheçam uma verdadeira Philco. Os contadores da editora estão preparando um cheque de direitos autorais pelas primeiras cinquenta mil cópias do livro. Você não imagina o que liberta no mundo com um trabalhinho apressado feito com papéis roubados. Tenho de passar por um corredor polonês quando saio de casa. Duas jovens estão lá fora agora, andando de um lado para o outro na calçada, com sandálias e vestidos de tecido grosseiro. Repórteres de um jornal de escola, ao que parece, ou apenas caçadoras de autógrafos, atraídas pelos rumores bizarros e exagerados de que sou uma pessoa interessante. Até meus vizinhos trouxeram um livro para que eu o autografasse — estava embrulhado como se fosse digno de um funeral oficial, ou como se fosse um presunto. Rômulo diz que viu algumas meninas entrando sorrateiramente pelos fundos para roubar minhas camisetas do varal e que ele as afugentou “uivando e urrando”.

Estou confuso com essa admiração, porque ela parece direcionada a outra pessoa. Como essas meninas reagiriam se me

vissem como eu sou de fato, escondendo-me dentro de casa nos dias de chuva, enfeitando o banheiro com minhas cuecas úmidas para que elas não sejam roubadas e transformadas no assunto de um trabalho na aula de inglês. Minha nova vida. Ninguém disse que eu como carne humana envolta numa tortilha, mas estou tendo uma ideia de como suas vidas foram distorcidas durante todos esses anos pela fofoca. Não posso atender o telefone, porque com certeza será um jornalista fazendo perguntas: local de nascimento, como estão os intestinos. Não sei o que fazer com essa invasão.

Fiquei sabendo hoje, por carta, do cheque da editora. O sr. Barnes tentou falar comigo a semana toda, sem saber que eu estava fugindo do telefone. Daqui a pouco terei de fazer alguma coisa quanto às cartas: a caixa do correio se enche diariamente com missivas dos leitores. Sete pedidos de casamento, até agora. Uma proposta dessas requer uma resposta gentil, mas me confesso aturdido. Tenho prática no exercício de ser admirado. Frida, às vezes sinto um pânico ácido subindo pela garganta; as pessoas querem alguma coisa e eu não sei nada do que elas querem. Como já mencionei, as moças estão desesperadas, já que os caras ainda estão lá tapando os buracos das bombas na França. Coitada da Inglaterra e da França. Seus grandes reinos não são nada além de contos de fadas.

O *El Diario* mencionou o discurso que Churchill fez na semana passada, no Missouri? Os líderes europeus parecem apavorados com a nova situação, espremidos entre Truman, de um lado, e Stálin, de outro. Você entende por que o sr. Churchill quer evitar que eles se deem as mãos — se Harry e o Camarada Joe chegarem a um acordo, eles podem criar um novo império no qual o Sol nunca se põe. O sr. Churchill parece uma criança incitando os pais a começarem uma briga, ele foi absurdamente dramático: “Uma sombra caiu sobre a cena... Ninguém sabe o que a União Soviética pretende” etc. Depois ele provavelmente irá até Moscou e dirá o mesmo sobre nós.

O estranho é que esse é o momento de abertura pelo qual Lev passou a vida esperando. Com os Estados Unidos reluzindo de amor fraternal pelos soviéticos, nossos próprios operários em marcha, e a Rússia com tudo por conquistar, parece a hora certa de

derrubar os burocratas de Stálin e concluir a revolução democrática socialista, como Lênin a concebeu. Ou tudo poderia sair de outra maneira, com as duas nações indo uma para cada lado, como dois pedaços de lenha. O sr. Churchill parece querer isso. “Do Báltico ao Adriático, uma cortina de ferro separa o continente.” Depois diminuiu o tom com bênçãos aos valentes russos e ao camarada Stálin. Mas os coiotes se puseram a trabalhar tão logo ouviram essa coisa estranha de cortina de metal. Eles estão empolgados com a imagem. Os cartunistas desenham russos pobres batendo com a cabeça contra uma bigorna. Provavelmente na noite seguinte eles terão se esquecido disso, mas por enquanto é uma sensação. Duas palavras juntas, *cortina* e *ferro*, fizeram uma alquimia na massa de mentes mornas e corações ansiosos.

O poder das palavras é horrível, Frida. Às vezes quero enterrar minha máquina de escrever numa caixa de retalhos. O rádio piora tudo por causa de seu talento para amplificar sons idiotas. E duas palavras ditas às pressas talvez se tornem lei. Mas você nunca sabe qual das duas. Agora você entende por que não falo com jornalistas.

Meu pavor é às vezes inexplicável. Como você aguenta ser vista por tantos olhos? E que preocupações ridículas eu tenho, comparadas com as suas. Espero que a operação de enxerto ósseo que você mencionou torne sua vida digna novamente. Eu me preocupo com sua fraqueza, mas confio em sua força; costumo ver seus quadros em meus sonhos.

Seu amigo,

H. W. SHEPHERD

PS: Envio anexa uma crítica, para esclarecer quaisquer ideias equivocadas que você possa ter sobre meu romance.

The Echo, 28 de fevereiro de 1946

Este livro não para nas prateleiras das livrarias de todo o país: *Vassalos da Majestade*, de Harrison W. Shepherd, com cinquenta mil cópias vendidas no primeiro mês do lançamento. O desfile de heróis nobres e vilões detestáveis avança pelas praias ensolaradas da Roma Antiga. Quando você estiver cheio do “corpo e alma do

homem comum” exaltados por FDR, aqui terá homens incomuns com bravura, conquistando o leitor com o Sonho de Sucesso que os move. Senhoras e senhores, definitivamente: Harry Shepherd criou um romance bom mesmo. E atenção, moças: ele está solteiro!

13 de março de 1946

Caro Shepherd,

O que é que rola, cara? Lembra de mim, do serviço público? (Ninguém se esquece desse gato.) Espero que tenha se dado bem desde que servimos juntos no Departamento de Arte e Interior. Em todos os lugares onde vou, tem sempre um cara que voltou da Europa contando como escapou de um tiro ou aterrizou seu bombardeiro com uma só asa e na base da reza. Quem quer ouvir uma história assustadora do exército na National Gallery? Você e eu, cara, uma dupla de molengas civis, somos inúteis, não? Ah, se meu velho amigo Shepherd estivesse aqui, poderíamos contar algumas histórias da guerra, claro. Como você e eu bebemos até cair num trem, tanto que quase derrubamos um mármore de Rodin na estação de Asheville.

Cara, você deveria ter visto a minha cara quando li seu nome no suplemento literário. É mesmo você ou outro Harrison Shepherd qualquer? Eu não havia percebido que você fazia o tipo shakespeariano. Mas quem é que sabe? Se for mesmo você, diga.

Fale agora ou cale-se para sempre,

TOM CUDDY

29 de março de 1946

Caro Shepherd,

Caramba, é você mesmo. Valeu pela resposta. Safado, você sabe mesmo se esconder.

Com tudo o que está lhe acontecendo, isso provavelmente vai soar como uma coisa trivial, mas surgiu uma proposta e eu decidi aceitá-la. O Departamento de Estado está entrando no mundo das artes. Não basta que caras como nós embalemos os tesouros da

América para os enviarmos e trazermos da Mansão Vanderbilt, a fim de mantê-los a salvo dos japas. Agora a ideia é juntarmos todo um novo carregamento com o selo do Tio Sam e mostrá-lo pelos museus da Europa. Uma exposição especial dos pintores norte-americanos para ser enviada ao estrangeiro, a fim de mostrar àqueles parisienses que não somos um bando de caipiras. Alguém disse ao Departamento de Estado que os europeus nos odeiam. Surpresa, Jean-Pierre acha que o Recruta Joe é um idiota com o rosto sujo de chocolate! Cá entre nós, duvido que os parisienses se importem, desde que continuemos a reconstruir seus castelos. Mas o Congresso se importa, eles estão escoltando este navio e pretendem dispará-lo!

É aqui que você e eu entramos. Eles contrataram meu antigo chefe para o serviço, Leroy Davidson, do Walker. Ele só recebeu cinquenta mil dólares para o trabalho, mas tem feito um belo serviço, Leroy escolheu tudo sozinho. Ele está de saco cheio dos europeus desprezando as paisagens emocionantes e as cenas norte-americanas, por isso decidiu lhes dar um panorama. Setenta e nove pinturas, principalmente de arte moderna: Stuart Davis, Marsden Hartley, Georgia O'Keeffe, é estupendo. Até mesmo Goodrich, do Whitney, acha isso. Estamos expondo aqui em Nova York durante o verão e depois a mostra será levada para a National por algumas semanas. Leroy diz que o Congresso precisa ver o que é a Arte Americana antes de enviá-la para outro país.

Esta é a história toda. Você viria para Washington em outubro. Já está na lista do Departamento de Estado, Leroy diz que pode contratá-lo imediatamente para ajudar com as embalagens e para preparar a exposição para a viagem transatlântica. Se quiser, pode até acompanhar a viagem. A guerra acabou, cara, desta vez iremos de primeira classe, não no porão de carga. Chega de viajar sobre as caixas de madeira em vagões de trem, o que nem era um mau lugar para se divertir, como descobrimos. (Como diz a esperança, agradeça pelas lembranças!) Mas pense no assunto, cara, você e eu na Europa. Colchões de penas de ganso. Que incrível!

Parece que você já está bem instalado na sua situação atual. Mas me avise se estiver disposto a viajar para Paris.

Até mais,

TOM CUDDY

3 de abril de 1946

Querida Frida,

Sua carta chegou ontem e agora está aberta sobre a mesa, queimando nas bordas. Esse problema não é seu, você não é o motivo. É um pedido normal e comum que um amigo vá fazer uma visita em Nova York quando você estiver lá para a cirurgia de enxerto ósseo. Um amigo que lhe deve tudo e agora talvez contrabandeie *rellenos* para o hospital a fim de acelerar sua recuperação, um amigo que deveria fazer isso. Mas o sono não chegou ontem à noite, apenas pensamentos sobre a escuridão do verão por vir, uma viagem de trem, o olhar penetrante dos estranhos. Impressionar seus amigos modernos em Nova York, esses americanos que entendem de tudo. Tudo previsto em pânico.

Essa é uma confissão detestável. Mas um telefonema ontem para a estação de trem para perguntar sobre a passagem foi o suficiente para revirar o estômago, *dejado de la mano de dios*, abandonado por deus, essa sensação. Abandonado por segurança. Sentado na beirada da banheira, balançando como uma criança, impotente, desejando a invisibilidade da infância. Todo agosto traz desejos de morte. Mas os dias ruins surgem em todos os meses. Olhos que podem furar o crânio. Viajar para Nova York é impensável, lá onde até mesmo no mercadinho da esquina o olhar de um estranho pode ser paralisante. Esse pavor não tem nome. Essa volta apressada para casa, sentindo-me como o tecido da cortina que o vento soprou para perto demais da chama da vela.

Perdoe-me por essa covardia. Se tiver forças para erguer a cabeça ao passar pela Quinta Avenida, procure por um livro nas vitrines das livrarias daí, servindo como um substituto por seu antigo e futuro amigo,

SÓLI

The Asheville Trumpet, 28 de abril de 1946

Clube Feminino Promove Noite Literária

por Edwina Boudreaux

O Clube Feminino de Asheville promoveu sua Noite Literária anual na quinta-feira, às 18 horas, no auditório da Escola Lee H. Edwards. Os ingressos foram vendidos a US\$ 0,25, arrecadando US\$ 45 para a Biblioteca de Asheville. O tema do evento foi “O Antigo e o Novo México”.

A sra. Herb Lutheridge, presidente do clube, abriu a programação com o Juramento à Bandeira e apresentando os palestrantes. A srta. Harriet Boudreaux começou as festividades com sua resenha de “O pavão abre a cauda”, de Alice Hobart. O livro conta a história de amor entre uma moça mexicana e um diplomata norte-americano em meio à turbulência da tumultuada Cidade do México. Para a apresentação, a srta. Boudreaux usou um traje típico, de blusa bordada e saia, comprado no México por sua tia, que viajou para lá em lua de mel.

A segunda palestrante foi recebida por várias jovens muito animadas na plateia: sra. Violet Brown, resenhando “Vassalos da Majestade”, de Harrison Shepherd. O romance conta a empolgante conquista do México Antigo pelo exército espanhol. Os acontecimentos ganharam vida com a narração da sra. Brown, seguida por uma acalorada discussão. Várias perguntas foram levantadas quanto ao autor, um residente de Asheville que mora em Montford, das quais a palestrante se esquivou, afirmando estar familiarizada com o livro, e não com o autor. Na palestra de quarenta e cinco minutos, a sra. Brown apresentou vários assuntos que talvez tenham sido ignorados pelo leitor comum, como o Homem Contra a Natureza e o Homem Contra Si Mesmo.

A sra. Alberta Blake, bibliotecária, fechou a noite agradecendo a plateia em nome do Comitê em Prol da Biblioteca de Asheville, dizendo que todo o dinheiro arrecadado seria usado na compra de vários livros novos. Ela garantiu a todos os presentes que cópias dos dois livros apresentados em breve estarão nas estantes.

30 de abril de 1946

Sra. Violet Brown

4145 Tunnel Road, Pensão Bittle

Entrega Rural Gratuita, Asheville, Carolina do Norte

Cara sra. Brown,

Esta mensagem talvez a surpreenda, por favor, desculpe aparecer assim de repente. Um telefonema para a sra. Bittle ontem confirmou que o antigo grupo de hóspedes continua intacto, exceto por mim. (Ela talvez ache que isso tenha melhorado sua afirmação no anúncio: “Somente para Pessoas de Fino Trato”.) E que a senhora, portanto, poderia ser encontrada nesse endereço.

O objetivo desta carta é fazer um pedido: contra todas as probabilidades, um homem capaz de realizar sozinho todos os trabalhos de um secretário, de A a Z, incluindo a troca da fita da máquina de escrever, agora parece precisar de uma secretária.

Um incrível navio carregado de sorte aportou nesta enseada da Avenida Montford, rebocando uma gigantesca barca de correspondências, telefonemas e visitas de moças. É um milagre que outras pessoas também abençoadas tenham conseguido seguir em frente com suas vidas. O sr. Sinatra recebe cinco mil cartas por dia, de acordo com a *Echo*, e ainda aparece de bom humor nas fotografias. Só umas cem chegam aqui a cada semana, mas surgem como montanhas de folhas outonais, deixando o humor ensopado e cheio de besouros nervosos. O que se pode fazer? Um antigo amigo telefonou recentemente, um colega que também trabalhou para a National Gallery durante a guerra, e propôs: “Deixe de besteira, gatão, e arranje para você um canário para ser seu estenógrafo”. Depois de traduzir esse conselho para minha língua, a questão continuou: onde alguém consegue tal pessoa?

Então, no domingo, seu nome surgiu de repente, sra. Brown, no *Asheville Trumpet*. Lá estava a senhora, com meu livro nas mãos, encarando uma plateia tumultuada no evento do Clube Feminino. Aplicando a mesma eficiência tranquila que usava para líder com a sra. Bittle e sua eterna confusão. Mantendo a mão firme no leme, a senhora levou a Noite Literária até águas mais profundas de análise,

aquietando a comoção gerada pela srta. Boudreaux, com as vestimentas do “México continental”. As moças pediram detalhes sobre o Escritor, mas a senhora afirmou não o conhecer! Imagine a confusão se tivesse revelado a verdade: que a senhora e o autor já viveram sob o mesmo teto, com um senhorio que às vezes misturava nossas roupas sujas.

Sra. Brown, minha cara, sua descrição é impressionante, visto que resistiu à tentação das fofocas. As costuras de seu caráter devem ser feitas de fio de aço. Se esta carta expressar apenas minha eterna gratidão, já terá valido mais do que os três centavos pela postagem. Mas ela também contém um pedido sincero. Sua conduta na batalha entre o Novo e o Velho México me levou a pensar que talvez a senhora seja exatamente a funcionária capaz de pôr uma vida de volta ao eixo, e também ajudar na datilografia de um segundo livro, agora a caminho.

Claro que a senhora pode ter uma opinião diferente. Deixe-me citar alguns detalhes e concluir, para que considere a oferta. Pendendo em meu favor, espero: provavelmente tenho condições de lhe pagar mais do que a senhora ganha atualmente. Um problema: trabalho aqui em minha casa. Algumas mulheres podem achar estranho trabalhar na casa de um cavalheiro solteiro. Nesta carta já usei os termos gato e canário, não porque eu pensaria numa secretária nesses termos, mas porque as outras pessoas pensam, é claro. Sra. Brown, tenho um sério problema: o mundo imprime seus preconceitos às claras em faixas, mas de algum modo eu passo por elas sem notá-las. É um defeito meu, esta cegueira. Eu continuo andando pelas ruas, apalermado como um bezerro, com tiras de papel caindo por todos os cantos. Quanto a isso, espero ser menos ingênuo.

Um terceiro ponto em meu favor: passei anos trabalhando como estenógrafo, como já dei a entender. No México, trabalhei para dois homens diferentes, ambos mais importantes do que eu jamais serei. O estranho é que essa experiência não me preparou para a exposição pública. Mas entendo o papel da secretária, talvez melhor do que a maioria dos homens. Não tenho inclinação à tirania.

Se algo neste convite lhe parecer um incômodo, por favor, ignore-o e aceite minhas considerações quanto à nossa antiga

relação. Mas, se minha sugestão lhe interessar, ficarei feliz em agendar uma entrevista no dia e hora que forem bons para a senhora.

Sinceramente,

HARRISON W. SHEPHERD

4 de maio de 1946

Caro sr. Shepherd,

Sua carta foi o que o senhor disse. Repentina. Vi seu nome na capa de um livro, em janeiro, na Biblioteca Pública. Pensei, bem, que coincidência existirem dois Harrison Shepherds neste mundo. Depois, um artigo no jornal falava sobre o livro e que o autor estaria morando em Montford. O tema do México, eu sabia que lhe era familiar. A curiosidade matou o gato quando a sobrinha da sra. Bittle disse que espiou o escritor e que ele era alto como uma árvore e magro como um trilho de trem. Quem mais poderia ser?

Imagine nossa surpresa. Durante anos nos sentamos como vadios num banco, comendo a refeição preparada por um homem que em breve se tornaria famoso. Agora o velho sr. Judd diz: "Não tinha a menor ideia do que aquele cara estava cozinhando!" (O senhor se lembra das piadas de mau gosto dele.) A srta. McKellar diz que "águas imóveis são profundas". Reg Borden ainda se recusa a acreditar que seja você, mas quer ler o livro assim mesmo. Vai ter de esperar muito. A biblioteca tem apenas uma cópia. Eu mesma tive de esperar semanas, e tenho "intimidade" com a sra. Lutheridge desde que entrei para o Comitê em Prol da Biblioteca Pública, principalmente para arrumar as fichas catalográficas, que estavam uma bagunça.

Seu livro é bom. A cidade não vive algo assim desde que Tommy Wolfe escreveu Olhe para casa, anjo. E aquele livro não agradou a maioria. Algumas pessoas em Asheville ficaram irritadas por terem sido ignoradas na história, enquanto outras não gostaram de serem incluídas, portanto, o escândalo foi total. A biblioteca se recusou a apoiá-lo. Eu já estava no Clube Feminino (como secretária de atas) e nossa reunião foi realizada na semana do lançamento do livro.

Duvido que tenham usado tanta creolina na nossa cidade desde então. Você tinha apenas que abrir a porta do salão para sentir o cheiro forte.

Não tenho ideia de como escrever um livro. Mas eis minha opinião: as pessoas adoram ler sobre pecados e erros, só que não sobre os seus. O senhor foi inteligente ao colocar seus personagens bem longe daqui, em vez de usar o “Altamont”, como o sr. Wolfe fez. Aquela “Dixieland” é a pensão da mãe dele na Rua Spruce Street, e todos aqui sabem disso. Poucos foram poupados dos golpes dados pelas palavras do sr. Wolfe, nem mesmo seu pai, que eu própria me lembro de vê-lo entrando na cafeteria S&W, bebendo antes do meio-dia de uma segunda-feira. Muitos acham que não havia necessidade de trazer à tona esse tipo de coisa, principalmente vindo de um familiar.

Tudo isso diz respeito ao assunto de sua carta. Obrigada por dizer que sou feita de fio de aço, mas considero isso um equívoco comum. Alguns escritores recorrem ao assassinato, usando belas palavras e uma estória envolvente para falar da miséria do homem comum. O senhor fez o contrário, escrevendo sobre coisas monstruosas, mas agindo como um cavalheiro, de forma civilizada. Foi o que disse na Noite Literária. Aquelas moças estavam loucas para transformar seu livro em outro escândalo local. Já tivemos esse tipo de coisa por aqui, e essa ferida foi fechada com vários pontos. Sr. Shepherd, o senhor pôs sua história no México. Por que não mantê-la aqui? Foi o que pensei.

Eu o conheço como um cavalheiro. Usar sua casa como local de trabalho não me parece incômodo. Uma moça no mercado de trabalho durante toda a sua vida sabe que a ternura tem seu lugar e que às vezes ela é menos útil do que uma boa xícara de café. Durante a guerra, secretárias às vezes tinham de limpar os urinóis e certos homens pedem coisas ainda piores, mesmo em tempos de paz. Mas conhecendo-o como eu o conheço da casa da sra. Bittle, já vi o senhor demonstrando mais gentileza do que muita gente, até em relação à galinha que prepara para assar.

Vou avisar-lhe que posso ser muito exigente. Gosto de máquina de escrever com margem automática e com a barra de tipos separada do carrilhão. De preferência, uma Royal ou uma L. C.

Smith. Elas eram usadas no Departamento de Recrutamento e eu me acostumei. Irei à sua casa para ser entrevistada às seis e meia de quinta-feira. De ônibus, seu endereço é perto de onde trabalho atualmente. Vou logo depois do expediente.

Sinceramente,

VIOLET BROWN

27 de maio

A alma da Mãe pode descansar em paz: eis uma mulher em minha vida. A sra. Brown, com um laço perolado na cabeça, 46 anos de idade, sensível como pó de arroz. Como personagens numa história, nossas vidas se separaram, mas voltaram a se unir. Ela virá para resgatar o herói, atender os telefonemas, arquivar a montanha de cartas, talvez espantar as ladras de roupa suja com uma vassoura. E ele poderá manter sua vida monástica e os furos na cueca. A sra. Brown não vai se importar.

Na primeira entrevista, ela citou todas as suas falhas, ou melhor, teria citado, se tivesse alguma. Não fuma, não bebe, não vai à igreja nem joga. Já trabalhou para a prefeitura, para o exército e, o mais assustador de todos, para o Clube Feminino de Asheville. Trinta anos como viúva. Ela duvida que o casamento tivesse sido muito diferente.

Foi estranho conversar abertamente depois de viver todos aqueles anos na pensão da sra. Bittle: saindo do banheiro com o olhar abatido, sentando-se para jantar enquanto o velho sr. Judd contava suas novidades exageradas. Agora parece que compartilhamos de um silêncio comum, que contém nosso sorriso ao ouvirmos que Limburger atravessou voando o Atlântico. Mas talvez eu tenha inventado isso, como amantes que inventam os anos *anteriores*, com cada olhar levando inevitavelmente à união.

De qualquer modo, aqui está ela, instalada em minha sala de jantar. Odiei lhe mostrar as cartas, guardadas em cestos no quarto vazio. Ela não reclamou. Pegou cada um dos cestos pelas alças, levou-os para o andar de baixo e derramou sobre a mesa de bordo um monte para cada mês. Com coragem, mergulhou no trabalho, antes mesmo de arranjarmos um arquivo ou uma máquina de

escrever aceitável (Royal ou L. C. Smith). Vamos colocar a porta do banheiro de volta no lugar, assim que tirarmos de cima dela todas as pilhas de folhas e capítulos, e depois que encontrarmos uma escrivadinha apropriada para mim. Por enquanto, quando um de nós tem de usar o banheiro, o outro sai pela porta dos fundos, fingindo chamar os gatinhos. Nessa situação, e em muitas outras, ela sofre de perfeita compostura.

A sra. Brown é uma fortaleza: pequena, sem vaidade, sem desculpas. As sobranceiras se arqueiam como um par de pontes sobre a testa larga. As blusas abotoadas até em cima, ela usa luvas brancas de algodão nos dias quentes e pode aquietar quaisquer águas turbulentas com sua calma austera e sua gramática peculiarmente arcaica. Todas as manhãs, quando chega para trabalhar, bate na porta da frente, abre, coloca a cabeça para dentro e grita:

— Senhor Shepherd, onde estás?

Suas palavras parecem escritas por Chaucer. Ela diz “ando-u” e “limpo-u”, colocando uma letra a mais no passado. Um saco é um receptáculo. Ao analisar as pilhas de cartas, ela disse:

— Senhor Shepherd, o senhor recebe cartas *a granel*.

Ela diz “nadica de nada” e as plantas que me trouxe eram “celadas”, palavra usada por Shakespeare. Diz “confrangido” quando quer dizer constrangido, assim como o rei Lear. Quando eu lhe disse isso, ela respondeu:

— Suponho que ele tivesse muito com o que se confranger. Afinal, ele era um rei, não?

Quando perguntada sobre suas origens, disse que seu povo eram “Branços das Montanhas”. Ela parece relutante em falar mais sobre isso, só que significa que eram homens das terras altas, pessoas que vieram da Inglaterra há muito tempo e acharam que deveriam ficar aqui. Permanecer no mesmo lugar, com o idioma intacto. Ela diz “considerar” no sentido original, parecido com “avaliar”, até que tenha certeza sobre alguma coisa, o que é “reconhecer”.

O mais espantoso foi este pronunciamento:

— Minha família ainda está lá, vivendo numa choupana no inferno — o que significa, claro, uma espécie de arbusto, um amor-

perfeito. — Eles crescem e se fecham. Se você se perder lá, não dá para sair com um cajado. Por isso chamam de inferno. Desculpe se o ofendo. Não é uma palavra nojenta nesse sentido.

Nenhuma ofensa. O passado dela pode ficar onde estiver, perdido nos infernos, não é da minha conta, assim como o inferno da minha infância não é da conta dela. Nós nos preocupamos com o futuro, que concordamos que deveria começar ao mesmo tempo, na minha sala de jantar, assim que ela puder pedir demissão. E hoje aqui está ela, acabando com a bagunça de papel-carbono e com um sorriso contido.

28 de maio

O conselho da sra. Brown quanto às mocinhas da escola: elas não mordem. Acatei o que ela disse e deixei a casa pela primeira vez em muito tempo para passear pelo cemitério. Um passeio atrasado em homenagem ao aniversário da Mãe; sempre parece importante ir a algum lugar em homenagem a ela. Mas ela não está em lugar nenhum, muito menos no cemitério Riverside. Até o escritor O. Henry foi “exumado” daqui, como diria a sra. Brown. Tom Wolfe ainda está por perto, ainda que a cidade esteja evidentemente contra ele. Muitas sepulturas exibem vasos com peônias mortas hoje, mas não há nada para o coitado do Tom, um homem morto recentemente, de forma dramática e no auge, enrolado na balbúrdia da fama. Talvez a sra. Brown pudesse tê-lo salvado.

Uma amostra das cartas de um dia, encaminhadas pela Stratford & Sons e recebidas no dia 6 de junho de 1946, seis meses depois do lançamento de *Vassalos da Majestade*. (Transcrição corrigida.) — VB

Caro sr. Shepherd,

Seu livro Vassalos da Majestade é supimpa. Chorei centenas de vezes, principalmente no fim, quando os soldados queimam todos os pássaros do rei. Minha mãe tem um periquito chamado Mickey Rooney. Minha irmã não parou de me repreender porque eu ficava acordada até tarde, apavorada pelas partes sangrentas. Depois ela

o leu e ficou empolgada. Eu acho que o tenente Remedios é um sonho, mas ela prefere Cuautla. Qual dos dois era para ser o melhor? Sou escritora também. Por favor, envie-me uma fotografia autografada e continue escrevendo. (Minha irmã pede 2, por favor!)

Obrigada!

LINDSAY PARKS

Caro sr. Shepherd,

Estou escrevendo sobre seu livro a respeito da Guerra no México. Geralmente fico em cima do muro, não discuto com as pessoas nem tento lhes dizer como as coisas são. O horror da guerra faz parte da vida desde o início da história. Mas seu livro mostrou como os homens realmente se sentem quando são soldados. Servi no 12º Regimento de Infantaria, Companhia F. Uma das poucas que saiu de Berdorf. Li seu livro no Hospital Militar Van Wyck. Cerca de dez outros homens na minha ala leram-no também, e a maior parte dos outros não foi capaz de segurá-lo ou enxergá-lo. Tudo na guerra é ruim como você disse. Alguns de nós apostamos que você foi um homem da infantaria.

Sinceramente,

GEORGE M. COOK

Caro sr. Shepherd,

Meu nome é Eleanor White e moro em Springfield, Missouri. Atualmente frequento a faculdade no campus feminino de Webster. Não sou muito de ler, mas devo dizer que seu livro me fez querer ler mais e mais. Agora eu entendo os Conquistadores Mexicanos com outros olhos. Estou recomendando que meu professor de história o leia. Tiro meu chapéu para você!

Sinceramente,

ELEANOR WHITE

Caro sr. Harrison,

Meu nome é Gary Duncan e moro na Califórnia. Minha namorada estava me dando um gelo até que eu lesse seu livro Vassalos da Majestade. Em uma palavra: “Estimulante”. Achei suas descrições muito instigantes, ainda que eu não o considere o melhor livro já escrito. Mas o que é que vou dizer para a Shelley?

Seria ótimo se você lhe enviasse uma fotografia. O aniversário dela está chegando, dia 14 de junho. Seu nome é Shelley. E o sobrenome é o mesmo que o seu, Harrison. Pode fazer isso?

Seu amigo,

GARY

Caro sr. Shepherd,

Gostaria de lhe agradecer. Seu texto é uma inspiração para todos nós, de qualquer maneira é assim que me sinto. Seu livro me fez pensar que os soldados, estejam em um ou em outro lado da guerra, são, antes de tudo, seres humanos, sejam eles espanhóis ou mexicanos. Toda pessoa é humana, até os japas, as mães deles devem ter chorado do mesmo jeito. Isso me fez refletir. Por favor, continue escrevendo mais livros.

Sinceramente,

ALICE KENDALL

Todas as correspondências respondidas com um bilhete curto, sem a inclusão de fotografias. — VB

6 de julho de 1946

Caro Diego,

Acredito que Frida ainda esteja se recuperando da cirurgia em Nova York. Não tenho o endereço dela aqui, mas não poderia deixar que o aniversário dela passasse em branco. Acredito que ela esteja brava comigo por eu não ter sido capaz de visitá-la. Por favor, encaminhe meus *saludos* e diga-lhe que nunca deixei de assar uma *rosca* em homenagem a ela nesse dia, esteja ela presente para comer ou não.

Às vésperas de suas eleições, compartilho de seu entusiasmo e temor, esperando para ver o que o México escolherá para si e para sua Revolução. As notícias são esparsas, por isso qualquer uma que você dê é bem-vinda. Li sobre o Prêmio Nacional de Artes e Ciências, e por isso lhes parablenizo. Sua esposa é um Prêmio Nacional por si só, você sabe melhor do que ninguém.

As notícias daqui são exatamente o que você esperaria. Você não se importaria com a comida: nada de *empanadas dulces*, duvido que haja uma só colher de açúcar neste momento em toda Asheville. (Meu bolo de hoje, com melado e purê de maçã, é um triste e escuro primo de seus predecessores.) Mas o racionamento acabou para quase tudo o mais. Os preços sobem como balões, e todos nos lançamos como crianças sobre uma *piñata*, em busca de nossas paixões materiais. Os americanos acreditam em gabardine à prova d'água e vitaminas Vimm. As donas de casa enviaram manteiga para o fronte de guerra durante anos e agora exigem sua recompensa celestial. Para que tudo seja produzido a tempo, o sacrifício dos operários terá de ser permanente, ao que parece: eles trabalharam como escravos para o esforço de guerra e ainda não tiveram um só reajuste salarial. Talvez você tenha ouvido falar da revolta na Pack Square nesta primavera, quando os sindicatos obrigaram todo o comércio a fechar. Mas Truman abriu a ferrovia e convocou os grevistas para o serviço militar, para obrigá-los a voltar a trabalhar.

Pois esse é o relatório que você pediu, não totalmente bom. Nossos jornalistas, em sua maioria, condenaram a rebelião “trabalhadora”. Os políticos daqui agora parecem disputar uma briga de travesseiros. Na falta de um lema unificador (Ganhe a Guerra), os partidos opostos lançam pronunciamentos absurdos, os quais ninguém finge que tenham real importância. E como as penas voam! Os jornalistas saltam sobre qualquer coisa, embora tudo sejam afirmações do tipo “Quatro em cinco comerciantes sabem que esse é o melhor acordo”, coisas que não podem ser provadas, mas que expressam uma opinião. “Dance para a massa” é o novo lema, com os jornalistas adestrando os políticos como ursos na coleira. Convicções de verdade podem representar um atraso. O rádio está na raiz de todo o mal, a regra deles é: *Nenhum silêncio, nunca*. Quando qualquer coisa acontece, o comentarista tem de falar sem parar um só instante para recorrer à sabedoria. A falsidade e a pequenez são preferíveis ao silêncio. Você não pode imaginar o efeito disso. Os falastrões estão se elevando sobre os pensadores.

Seguindo meu próprio conselho, pois, vou terminar esta ladainha. Mas primeiro tenho uma confissão a fazer. No dia em que

saí do México, há seis anos, Frida me deu sua cópia do Codex Boturini. Ela disse que era um presente seu, e eu o aceitei, feliz. Mas fico me perguntando se ela realmente lhe pediu ou se lhe disse que fora roubado. O criminoso se revela: o cozinheiro. Nesse embrulho, o devolvo ao seu devido dono. Você deve se lembrar do quanto fiquei empolgado pelo códice, que certo dia você me mostrou em seu escritório. Pelo que entendi, era uma espécie de Bíblia para os sem-teto. Ainda assim, com seus desenhinhos de pessoas, ele também se assemelhava às revistinhas que os meninos costumavam ter na escola e, envergonho-me de admitir, seu códice teve mais impacto em mim do que a Sally Rand nua. Quando Frida pôs suas folhas sanfonadas em minhas mãos, não consegui recusá-lo. Eu deveria ter perguntado a ela se você fora informado da sua própria generosidade. Mas eu o queria tanto que o aceitei por um só motivo: pelo que sei, é mais fácil se penitenciar do que conseguir permissão.

Espero que fique feliz por saber que o usei bem. Meu segundo romance, agora terminado, é a história do povo mexicano até seu novo lar, no vale prometido, “Onde a águia dilacera a serpente” (meu título sugerido). A trama e o drama foram todos tirados diretamente do códice: todas aquelas cabeças decapitadas em estacas, inimigos cobertos em peles de animais e águias voando baixo para pegar as armas do resgate. Eu mal tive de inventar alguma coisa. Foi bem parecido com trabalhar como datilógrafo para você: eu só precisava ficar atento à sua luminosa presença e fazer uma boa transcrição.

Por isso me sinto em débito com você, sem mencionar o autor original do códice, atribuído ao próprio Huitzilopochtli. Logo enviarei o manuscrito para meu editor e receberei um cheque de adiantamento sobre os direitos autorais. Se o Deus de Penacho espera ganhar uma parte, é melhor que ele entre em contato imediatamente.

Meus abraços a todos na casa,

H. SHEPHERD

8 de julho de 1946

O manuscrito foi enviado hoje. A sra. Brown o levou ao correio. Antes de sair, ela se voltou e me estendeu o embrulho volumoso, apoiado em suas mãos cobertas por luvas brancas.

— Olhe aqui, sr. Shepherd, um pequeno barco com todas as suas esperanças, zarpando para Nova York. O senhor não tem ideia de como ele parece leve em minhas mãos.

Esta tarde ela descobriu que meu aniversário tinha acabado de passar. Ela está arquivando velhos documentos, o registro de nascimento e coisas assim, agora que a agitação da máquina de escrever acabou. Ela parece magoada.

— Um homem completa 30 anos, isso é importante — reclamou ela. — E pensar que fiquei aqui sem saber nada disso, o dia todo.

Eu não disse o que Frida teria dito. Que você não pode conhecer de fato a pessoa que está à sua frente, porque há sempre alguma coisa que lhe escapa: o aniversário é como uma *piñata* invisível que pende, grande e silenciosa, sobre a cabeça, enquanto ele, usando sandálias, ferve a água para o café. A perna curta e cheia de cicatrizes escondida sob o vestido de seda verde. Uma esposa e um filho na França. Alguma coisa que você nunca soube. Eis a essência da história.

27 de agosto

Sonhos assassinos surgem mesmo durante o dia, lembranças que turvam a visão. Como o sangue de um amigo pode desaparecer da memória? Outros homens conseguem. Eles voltam para casa vindos da guerra, beijam o chão e seguem adiante, com a mesma facilidade com que pegam o ônibus Haywood até a biblioteca. Sem sentir esse pânico e essa humilhação crescentes. Saindo da biblioteca sem livro ou chapéu, acabando encolhido atrás das pilhas de jornais novamente, vendo o sangue se espalhar pelas tábuas do assoalho de bordo.

Semana passada, no dia exato, até mesmo o quarto era um lugar inseguro demais, as paredes instáveis e o olhar da janela deixando entrar o céu nebuloso. A sra. Brown acha que deve ser a gripe. Ela trouxe chá e torradas para o andar de cima, numa bandeja.

Hoje, cento e dez passos até o mercado da esquina, contados um a um. Um automóvel passou lentamente pela rua: um Buick. Duas mulheres na banca de jornais se disseram admiradoras. Uma acabara de voltar do mercado e carregava um buquê de flores embrulhado num cone de papel. Ela não queria causar nenhum mal, era apenas a jovem esposa indo para casa para alguma comemoração. Nenhum Jacson Mornard perseguindo Frida em Paris, os braços cheios de flores, qualquer idiota poderia perceber a diferença. Mas qualquer um que desperta qualquer tipo de grandeza atrai aqueles que são capazes de cortá-la pela raiz. Qualquer idiota também sabe disso.

Parece possível passar pela porta todos os dias. Dessa vez, um passo para fora. Mas a calçada leva a uma ponte que atravessa um precipício. Lá está a Mãe tirando os sapatos de tiras, pisando nas tábuas sobre a ravina íngreme. Não venha. Você espera aqui. A aranha de abdômen vermelho se espreme toda para dentro do buraco na tábua. Cada buraco pode ter algo parecido dentro.

A sra. Brown talvez saiba mais do que diz. Hoje ela levantou os olhos da mesa, espiando sobre os óculos para analisar seu chefe arruinado e prisioneiro, que fica na porta, olhando para fora.

— Elas não vão mordê-lo — disse.

Mas não são as moças com sapatos de couro. São as coisas que já começaram, prosseguindo agora para a conclusão, o mendigo que deveria ter sido ignorado, mas que não foi. O homem na porta com o chapéu na mão e uma picareta sob a capa de chuva.

2 de setembro

Nenhuma notícia de Frida, ainda furiosa. Nem de Diego, nem mesmo um xingamento por conta de seu códice roubado, ainda que seja de se esperar. Ele não era capaz de se lembrar de escrever cartas nem quando era presidente do Comitê de Correspondências de Lev. O mundo é um trem que avança com pessoas como Diego e Frida na dianteira e o restante de nós todos atrás, trêmulos na traseira.

De todos aqueles que se foram, Frida é a que mais faz falta. Não que ela tenha oferecido afeto de verdade. Apenas sua própria

versão disso: um jogo de gato e rato.

3 de setembro

Bem, eis uma razão para sentir a falta de Frida: escrever cartas. Quem mais amava minhas notícias do jeito que ela amava? Um vizinho chamado Rômulo. Agora uma irmã chamada Parthenia.

— Não se incomode com isso, é a minha irmã Parthenia Goins — disse a sra. Brown hoje, sem tirar os olhos da página que estava datilografando. — O marido dela, Ottie, está lá fora também, pelo que vejo. E alguns dos sobrinhos.

Eu acabara de lhe contar que um bando de ciganos chegara ao fim da viagem na Avenida Montford e que estava acampado no jardim. Assim, fiquei muito decepcionado ao descobrir que era a família da sra. Brown, vinda diretamente do “inferno”. Um evento bianual, na “época da Páscoa e do Dia do Trabalho”, para comprar produtos desidratados e dar uma olhada no progresso moral da Irmã Violet. A viagem lhes toma boa parte de um dia, apesar de viverem a apenas alguns quilômetros, na direção do monte Mitchell. Mas a estrada é “temerosamente odiosa”.

Eles apareceram lá ao meio-dia, num Ford T que parecia mais velho do que Deus e prestes a perder um eixo. O homem ao volante abriu a porta para esticar as pernas, revelando uma barba que ia até a cintura. Espremidos atrás, uma mulher de aparência velha e seu rebanho de meninos bovinos. Eles ficaram sentados no carro durante horas, até que o calor os levou para a sombra do bordo no jardim. Não deram nenhum sinal de que viriam até a porta da frente. A sra. Brown disse que eles provavelmente pretendiam levá-la de volta para a pensão da sra. Bittle e estavam esperando que seu expediente terminasse.

— Não deveríamos convidá-los para entrar?

— Eles não entrarão.

— Bem, então você deveria sair.

— Não acabei aqui. Eles não se incomodarão em esperar.

— Durante *horas*? — espiei pela cortina. — Por que eles não fazem um passeio e voltam, para economizar tempo?

— Sr. Shepherd, se eles tivessem dinheiro ou qualquer coisa de valor, com certeza economizariam. Mas tempo é algo que eles têm de sobra. Não ligam de gastá-lo.

Percebendo que talvez tenham vindo investigar a situação da Irmã Violet, insisti em convidá-los a entrar. A Irmã Mais Velha acabou aceitando, enquanto os homens permaneceram do lado de fora, todos eles fumando cachimbo. A sra. Brown nos apresentou, mas pediu mais alguns minutos para terminar o trabalho da semana. A irmã, *Parthenia*! Que criatura estranha, andando por essa sala de estar como se fosse Colombo entre os homens da ilha de São Domingos. Ela se sentou na cadeira da sala com os pés juntos, as mãos entrelaçadas, um lenço preto cobrindo os cabelos, um vestido simples cobrindo tudo o mais, até as botinas. Nem mesmo Frida poderia ter imitado esse estilo camponês distinto com tamanha precisão. Ela recusou ferozmente minha oferta de chá, como se estivesse acostumada a ser envenenada por estranhos. Nós nos sentamos de frente um para o outro, em meio a um silêncio surpreendente.

Por fim:

— Quem são os seus?

— Não entendi.

— Quem são seus parentes?

— Meus pais morreram. Não tenho família.

Ela aceitou essa resposta demoradamente, como se fosse uma cobra digerindo a presa. Depois:

— Quantos anos você tem?

— Trinta.

Muitas outras perguntas se seguiram, cada qual esperando pacientemente sua vez, cada qual finalmente dita, esfregando as mãos e se pondo em posição de ataque.

— Violet diz que o senhor é do México.

— Vivi lá. Mas nasci perto de Washington. Minha mãe era mexicana, o pai dela fazia negócios com o governo daqui, e foi assim que ela e meu pai se conheceram. Ela era jovem demais, a família a deserdou por causa do casamento.

Pare. De preencher o silêncio como quem enche um balão, como o radialista. Não é isso o que Parthenia quer.

— Bem — uma pausa. — O que a trouxe até aqui?

Boa pergunta. A tentativa de desviar a conversa para a família dela se mostrou difícil, mas por fim rendeu um diagnóstico fascinante feito por Parthenia sobre o desejo de autoaperfeiçoamento da irmã, Violet.

— Nossa mãe lia livros. Acreditamos que isso a deixou tuberculosa.

Uma longa pausa.

— Violet também é assim.

Outra pausa.

— Todos nós, na nossa família, nascemos com inteligência. Mas Violet foi a única que demonstrou interesse em aprender. — *Nasce-mos, aprendi-do*, eis uma versão crua da dicção peculiar de Violet, sem o brilho adquirido durante vinte anos de trabalho em escritórios. — Tivemos medo de que ela ficasse como a outra. A médica que nasceu aqui na cidade.

— Elizabeth Blackwell?

— Essa mesma. Violet leu um livro sobre ela. A mãe teve medo de que ela quisesse ser médica.

— Seria uma carreira interessante para a sua irmã.

— Não mesmo, senhor. Isso a colocaria em risco.

— A faculdade de medicina?

— Aprender a ciência, sim, senhor. Aqueles homens difamando o papel do Nosso Senhor na Criação.

Na sala de jantar, visível do outro lado do pátio, a irmã Violet permanecia de boca fechada, mas as sobrancelhas quase alcançaram o máximo de viúva quando ela terminou de arquivar as cartas do dia. Parthenia a levou para fora, evidentemente satisfeita porque seu novo patrão não era uma ameaça à virtude da irmã nem estimulava seu interesse pela ciência. Isso explica muito sobre a sra. Brown: sua solidão no mundo, tão distante de seu lar nesta cidade quanto qualquer menino do México. Provavelmente mais longe, dada a desaprovação enfática de qualquer coisa “aprendida”. Mesmo assim, ela carrega consigo suas origens, reveladas pelo ritmo da fala, o talento para dar conselhos. O respeito incomum pelo silêncio. Os silêncios de Parthenia duravam mais do que suas frases e traziam consigo um grande peso. Como a língua delas

sobreviveria no mundo moderno, onde os falastrões se apressam a preencher todas as pausas?

14 de setembro

Sr. Lincoln Barnes, meu sr. Lincoln. Ele quer o meu bem. Um segundo romance faz de mim um “romancista”, diz ele, e assim tenho a obrigação de conhecer meu editor em Nova York. Ele não sabe que isso está totalmente fora de questão. Ele deveria me convidar para dançar com os anjos na cabeça de um prego, eu até tentaria, se pudesse fazê-lo de casa. Mas minha incapacidade significará que recuarei em todas as batalhas. A começar pelo título, *Onde a águia come a serpente*.

— Não dá — afirmou ele ontem, ao telefone. — As pessoas odeiam serpentes.

Bem, então elas não ficarão felizes ao verem uma águia partindo uma serpente em pedaços, sentada sobre um cacto? A arte da capa parece já pronta.

Ele está propenso a chamar o livro de *Os peregrinos de Chapultepec*.

“Peregrinos”, para os americanos, são caras que usam botinas e têm as mãos unidas em prece. E o nome impronunciável é como uma duvidosa marca de sabonete X.

A sra. Brown sugere que, para o próximo, eu deveria entregar o manuscrito com um título que eu odeie. Assim, diz ela, eles poderão mudá-lo para algo de que o senhor goste. Um truque que ela aprendeu quando trabalhava para o exército dos Estados Unidos.

26 de setembro

A exposição *Arte americana em evolução* evolui nesse exato momento rumo à National Gallery, dentro de um trem que tem Tom Cuddy como Pastor de Remessa. E ainda não recebi nenhuma resposta dele. Tommy, o menino de ouro, com a beleza de um Van Heijenoort e uma ideia melhor de como usá-la — é possível que ele jamais tenha sido rejeitado antes. No telefone, ele tenta convencer. Diz que eu tenho de estar lá em Washington, ele está desesperado por ajuda, certo de que haverá problemas adiante. O Congresso

convocou uma audiência especial para discutir a exposição depois que deram uma olhada nela. E o que Tommy disse sobre a Hearst Press é verdade, a sra. Brown trouxe um dos anúncios da revista deles hoje, uma reprodução de uma das obras “feias”, com a legenda “Seu Dinheiro Comprou Isso!”. Eles sugeriram uma conclusão antecipada entre as donas de casa: seu dinheiro seria mais bem gasto em sabão. Mas, com a sra. Brown, a propaganda deles fracassou: ela agora está incrivelmente curiosa sobre a exposição.

Paris com Tommy, meu Deus, que sonho. (Ele estava estonteante no vagão mal iluminado.) Mas claro que ele entenderá que há muito o que fazer por aqui, revisões e provas tipográficas pela frente. Ele estará menos disposto a entender por que Washington está fora de questão. Dar uma olhada nesses modernistas, tomar alguma coisa com o velho Tom, ajudá-lo a embarcar as pinturas. A sra. Brown espera pacientemente para receber uma resposta: sim ou não. Provavelmente ela já escreveu ambas as cartas e agora só precisa da confirmação. Tal é a sua eficiência.

Discutimos o assunto novamente nesta tarde, ou melhor, conversamos. Justificar meu medo absurdo de viajar e me expor, desprezando isso acima de tudo. Minha expressão deve ter sido a do Retrato de Dorian Gray. No fim, quando ele se despedaça.

Ela usou a voz tranquila que parece vir de um tempo diferente, a infância nas montanhas infernais, suponho.

— O que teme que acontecerá?

Não se ouviu som algum, exceto o do relógio do corredor: *tique, tique*.

— Sr. Shepherd, o senhor não pode impedir que um pensamento ruim lhe venha à mente. Antes, precisa estender-lhe uma cadeira e convidá-lo a se sentar.

2 de outubro

O assunto está encerrado, a carta, enviada. A sra. Brown deu a solução: ela própria. Ela acompanhará a viagem, organizará tudo, reservará quartos de hotel para nós dois com nomes que ninguém

reconhecerá. As moças de saia curta não se aglomerarão nas recepções. Pegaremos o Roadster, ela levará consigo o dinheiro e comprará a gasolina, não será necessário se dirigir a quaisquer estranhos na viagem. Somente Tom, depois que chegarmos à galeria.

Indispensável sra. Brown. Ela sabia o tempo todo que o problema não era gripe. Mas não sabia como sua mão firme no meu braço era capaz de tornar tantas coisas possíveis, incluindo sair pela porta e andar sobre aquela ponte instável.

— Parece que o senhor precisa de um chão firme — foi o diagnóstico dela.

12 de outubro

Pobre Tom. E também os quarenta artistas que sofrerão com isso, mas de algum modo me preocupo mais com Tom. Ele acreditava na *Arte americana em evolução*, e não somente como uma viagem de graça pela Europa. Agora ele tem de manter a cabeça erguida, ligar para Paris e Praga, e explicar que a exposição não será realizada. Eles a desmontarão, venderão aqueles tesouros para quem der a primeira oferta para que o Departamento de Estado possa recuperar o dinheiro dos contribuintes. O chefe obrigará Tom a fazer a pior parte. O O’Keeffe já foi vendido por cinquenta dólares, disse ele, magoado.

A sra. Brown e eu estávamos mais do que preparados para exibir nossos melhores sorrisos entre a gente e essa confusão. Mas a viagem para casa foi demorada. A alameda montanhosa é uma passagem estranha ligando a cidade à natureza, centenas de quilômetros de florestas e vales sem nenhuma habitação. Às vezes aparece um pomar de maçãs, cercado por um ziguezague de grades intermitentes, como um pedaço de tecido verde cortado em tiras. Dirigir ao longo de penhascos altíssimos é como ser uma ave em pleno voo, com os abismos se estendendo ao lado da estrada e a paisagem se abrindo para horizontes acidentados e estonteantes. As folhas estavam vermelhas, castanhas, rosadas e douradas, formando uma colcha de retalhos contra as montanhas.

— A mão de Deus nos concede a beleza antes da provação do inverno — disse a sra. Brown.

Mas parecia que Deus tinha se apoderado do trabalho de um muralista mexicano.

Quando passei por esse caminho pela primeira vez, as florestas estavam nuas. Conteí isso à sra. Brown. O pai inesperadamente morto e depois essa passagem interminável para dentro da natureza hostil. Eu achava que tinha vindo para o país dos mortos.

— Então o senhor foi para a pensão da sra. Bittle — disse ela —, e teve certeza.

— O velho Judd parecia mumificado. É verdade. Mas a senhora e a srta. McKellar, não.

Todas as vezes que parávamos para abastecer, ela insistia em comprar café e sanduíches. “Alimente o carro, alimente o motorista”, era seu conselho sucinto. Uma enorme massa de tempestade pairava sobre as montanhas a oeste, como um predador à espreita. À tarde ela atacou, inundando a paisagem e lavando as folhas reluzentes, transformando-as num ensopado sujo sobre a estrada. A chuva no para-brisa era cegante. O limpador tinha de ser ligado a todo instante, o que dificultava a direção com uma só mão. A sra. Brown se ofereceu para ajudar a girar o botão do limpador, mas a localização dele, sobre a cabeça do motorista, impossibilitava a manobra.

— O sr. Ford deveria ter pensado em colocar isso aqui — disse ela —, para que o passageiro pudesse ajudar.

— Ele sabia muito bem. Nos trechos mais difíceis da vida, o motorista em geral tem de seguir sozinho.

— Eu deveria saber disso. Aqui estou eu, tricotando sem filhos.

— É isso o que a senhora tem aí? Eu achava que era um ouriço azul.

Ela teve de rir. Descobri que ela tinha onze sobrinhos e sobrinhas e que pretendia vestir a tribo toda durante a viagem, tricotando meias do começo ao fim, todas de um mesmo e gigantesco novelo de lã azul. O feriado seguinte será conhecido como “O Natal das Meias Azuis da Tia Violet”. Ela trabalhava com uma armação de quatro agulhas conectadas que giravam em todas as direções enquanto os fios eram passados pelos buracos.

— A senhora não tem medo de se ferir com isso?

— Sr. Shepherd, se as mulheres tivessem tanto medo das agulhas de tricô quanto os homens, todo mundo andaria nu.

O que havia acontecido em Washington era absurdo. Mas a vida segue, de modo geral, como uma troca de gentilezas sobre uma ponte estreita que pende sobre um abismo de absurdos.

— Ali está a montanha do Avô. Veja o contorno dela. Um velho deitado.

— Está frio demais para a senhora? Podemos parar e pegar um cobertor lá atrás.

— Não. Tenho o sangue quente.

— Temos sorte por estar frio. Este Roadster é famoso por superaquecer nas subidas mais íngremes.

— Não diga.

Hotéis com fachadas brancas de madeira surgiam afastados um do outro pela estrada, as varandas comumente habitadas por cadeiras de balanço vazias. Ao pôr do sol, começaram a ser iluminados pelo brilho amarelado dos lampiões. Certa vez, assim que passamos por uma dessas hospedarias, um homem negro num paletó vermelho estava acendendo os lampiões um a um, inclinando-se com dificuldade por entre homens elegantes que se sentavam preguiçosamente, fumando charutos. As castas da nação.

A sra. Brown finalmente rompeu o silêncio.

— *Ouriço azul*, este bem que poderia ser o título de uma daquelas pinturas que vimos na mostra.

— Sim, *Ouriço azul lançando-se no vazio*. Talvez funcionasse.

— Bem. Não consegui entender tudo. Na verdade, nunca vi nada parecido, sr. Shepherd. Mas fiquei muito comovida.

— Eu não viria até que a senhora se voluntariasse para ser minha acompanhante. Por isso sou eu quem está comovido.

— Por tudo, quero dizer. Os quadros e a capital do nosso país. Entrar na sala onde o Congresso se reúne.

— Nunca estive em Washington antes?

— É a primeira vez que saí do condado de Buncombe.

— É mesmo?

— Sim, senhor. Leio a *Geographics* desde que sou criança. Minhas irmãs podem confirmar, eu queria viajar como um cavalo

pronto para sair pelos campos. Mas nunca achei que isso aconteceria.

— Sra. Brown, fico envergonhado. O mundo inteiro bate à minha porta e tudo o que quero é ficar em casa.

— Isso é uma maravilha — disse ela, com cuidado, tricotando uma meiazinha.

— Bem, a senhora conhece o mundo melhor do que a maioria desses congressistas. Eles querem Norman Rockwell, estátuas de cavalos fortes e nenhuma novidade.

— Mesmo assim. Não há razão para ser tão grosseiro. O que os deixou tão irritados?

— O medo, talvez. O elemento estranho, é o que Tom achava. Eles esperavam entrar nas galerias e ver velhos amigos, mas, em vez disso, encontraram estranhos. Pinceladas de cores e surrealismo. Isso os incomodou.

— Eles não disseram “incomodados”. Disseram “não americanos”. Não entendo. Se um americano pinta, então é arte americana, não?

— Não de acordo com o sr. Rankin e o Congresso.

Ou Truman: *Se isso é arte, então sou um estrangeiro*. Outros disseram que era *vulgar, obsceno, insano, pacifismo idiota*. Ou *stalinista*, uma ironia e tanto, vinda desses congressistas que pareciam tão determinados quanto Stálin a repreender a criatividade entre os artistas. A exposição os deixou apavorados. A Sessão Especial foi violenta.

— Deveríamos ter tirado Tom da audiência. Foi humilhante.

— Coitado do seu amigo, ele trabalhou muito. Ele vai sofrer, não vai?

— Ah, acredite em mim. Tom Cuddy se importa com aqueles quadros do mesmo jeito que a senhora se importa com suas sobrinhas e sobrinhos. Ele tricotaria meias para Winslow Homer, se soubesse tricotar. Percebi isso desde que trabalhou para o serviço público.

Transportar pinturas e esculturas para um lugar seguro, isso era a América, a Bela, para Tom. Isso era patriotismo.

— Que Deus o proteja.

Que o proteja mesmo. Agora ele teve de ouvir o Congresso declarar que todo o mundo ocidental estava ameaçado por algumas pinturas e telas. Nossos melhores pintores, uma ameaça. Um deles foi considerado especialmente danoso por ter pedido a Roosevelt que ajudasse a União Soviética e a Grã-Bretanha depois que Hitler atacou a Rússia. O que, na verdade, Roosevelt fez.

O tilintar das agulhas de tricô, o deslizar dos pneus sobre a estrada coberta por folhas molhadas. O losango de espaço dentro do carro parecia surpreendentemente seguro, como um lar em miniatura se movendo em meio a um túnel escuro. A sra. Brown terminou uma meia antes de falar novamente.

— Nem todas as obras eram difíceis de decifrar. Algumas eram óbvias. Aquelas com cemitérios e cortiços deixaram as pessoas muito irritadas, se quer saber o que eu acho. Mais do que as que pareciam rabiscos.

— O Guglielmi e os outros.

— Sabe me dizer por quê?

— O Congresso tem de manter as aparências. As obras rodariam o mundo. Não podemos permitir que saibam que temos luta racial e cortiços.

— Meu Deus, sr. Shepherd. A Europa é um monte de entulho. Nos jornais dizem que Berlim cavou duas mil sepulturas para aqueles que vão morrer de fome antes da primavera.

Um carro passou, dois olhos brilhantes no escuro.

— Eles tiveram de cavar as sepulturas antes que a terra ficasse congelada — acrescentou ela.

— Entendo.

— E em Londres a situação não é nada melhor. Li que não é permitido nada além de cento e quinze gramas de lã de tricotar por ano e dois metros de tecido, isso para vestir cada pessoa de uma família. Eles vão ter de ficar nus. Qual é o problema se essas pessoas vissem um pouco das nossas crises?

— Bem, cinco anos de censura de guerra. Velhos hábitos demoram a mudar. Nós nos tornamos muito bons em fingir que tudo é perfeito aqui. Você não sente isso?

— Isso o quê?

— Que é um pouco perigoso expor nossas fraquezas? Os alemães e os japoneses podem estar ouvindo. Bocas fechadas afundam navios.

— Eles *estavam* ouvindo. Mas a guerra terminou.

— É verdade. Mas se a guerra tiver servido para manter as pinturas belas e para fazer com que as pessoas parem de choramingar, talvez eles queiram uma nova guerra a cada cinco anos.

— Sr. Shepherd, que vergonha. Não se brinca com uma coisa dessas. Não podemos continuar dizendo para sempre que o país é todo perfeito. Porque, cá entre nós, senhor, não é.

As agulhas tilintavam no escuro. Ela devia seguir o molde com as pontas dos dedos.

— A senhora se lembra do primeiro conselho que me deu?

Ela pareceu pensativa.

— O ensopado na pensão da sra. Bittle?

— O conselho sobre escrever.

— Nunca lhe dei nenhum conselho sobre isso.

— Ah, deu, sim. Naquela primeira carta. A senhora disse que Tom Wolfe se pôs em apuros ao expor os escândalos de Asheville, e que eu fui inteligente por situar minha narrativa no México. Esse foi o seu conselho: as pessoas adoram ler sobre pecados e erros, mas não sobre os seus.

Ela pensou no assunto.

— Isso é diferente de excluir completamente os pecados e erros do mapa. Como pode ser antiamericana uma pintura da tristeza?

— Não sei. Mas eles não queriam que houvesse qualquer turbulência nas águas domésticas.

Durante alguns minutos ela ficou tricotando a meia, evidentemente se esforçando para não dizer mais nada. Por fim, perdeu a batalha.

— Se você está sobre um monte de esterco, alguém tem de lhe dizer que você está fedendo. Aqueles congressistas estão dizendo que temos de chamar isso de campo florido em vez de esgoto. Até mesmo os artistas.

— Bem, mas vamos supor que a função do artista seja justamente manter todos entretidos. Talvez fazer com que

esqueçam o mau cheiro, chamando-o de campo florido. Qual é o problema?

— Ninguém vai sair do monte de esterco. Eis o problema. Eles vão continuar onde estão, afundados na merda, tentando se superar falando de campos floridos.

— Bem, eu escrevo romances históricos. Desculpe por decepcioná-la, mas sempre que estiver à procura de um campo florido, estarei aqui.

— Bobagem, sr. Shepherd. O senhor acha que eu não o conheço?

— Me conhece? Acho que sim. Bem o suficiente.

— Muito bem. O senhor é bom com crianças cujos pais as tratam mal. Recolhe gatos abandonados... Ficou furioso com o tratamento dado ao Preto. Lê mais jornais do que o próprio sr. Hearst, por mais que isso o deixe irritado. Passando por todas aquelas besteiras, à procura de um dia de glória. A ascensão do homem comum em algum lugar ou a queda de um tirano.

— Isso é tudo?

— Quase. Acredito que o senhor esteja do lado dos sindicatos e dos operários.

— Muito bem, sra. Brown. A senhora me entende como se eu fosse um livro aberto.

Mesmo na escuridão total, eu podia sentir o olhar dela, seu poder ameaçador. Ela tinha aquelas agulhas.

— Colocando ou não sua fotografia na capa, isso não faz a menor diferença. O senhor ainda está aqui, sr. Shepherd, à vista de todos. Seu primeiro livro foi sobre a aversão à guerra, todos disseram isso. Como a guerra enche os bolsos dos ricos e mata os pobres.

— Entendo.

— Não precisa ter medo, sr. Shepherd. Suas palavras são suas filhinhas. Não precisa deixá-las órfãs. O senhor deveria se levantar e dizer com orgulho: “São minhas!”

Pouco depois, passamos por um longo túnel na Pequena Suíça, uma escuridão ainda mais profunda em meio à escuridão da noite, como uma caverna no mar. O tricô da sra. Brown ficou no colo dela, o estranho amontoado azul com sua armadura de agulhas, como se

fosse um animalzinho de estimação que ela já não podia acariciar. Quando chegamos à pensão da sra. Bittle, ela se despediu, mas até lá mal disse qualquer coisa. Tanto o motorista quanto o passageiro pareciam precisar de toda a energia para seguir em frente, olhando para a escuridão e a chuva.

15 de novembro

Uma carta de Frida, depois de tanto tempo, aberta com as mãos trêmulas. Emoção e medo são de fato a mesma coisa dentro do corpo. A operação foi um sucesso parcial, boas notícias, ainda que ela continue sofrendo. O belo espanhol que ela conheceu em Nova York parece ser um bom remédio, uma plataforma segura com a qual se contentar. Mas a gramática dela estava muito esquisita, quase incoerente. A data da carta era a do aniversário de Lev e o dia da Revolução de Outubro, mas não havia menção a nada disso. Nada de cravos vermelhos sobre a mesa para velhos amores, o *viejo* e seu socialismo democrático. Diego se virou completamente para o lado dos stalinistas agora. E ela, talvez, para o lado da morfina.

24 de dezembro

Um presente: luvas tricotadas de uma lã cinza macia. Que sensação incrível, vesti-las e sentir que cada dedo se encaixa perfeitamente no lugar.

— Notei que o senhor não tinha nenhum par — disse ela. — Ou não usava. Acho que talvez eles não usassem luvas no México.

— Comprei três pares desde que me mudei para cá e todos eles curtos demais nos dedos. Eu acabava ficando com membranas nas mãos, como um pato.

— Bem, é o que eu imaginava. Seus dedos são duas vezes maiores do que os que Deus deu para nós.

Estendi as duas mãos enluvadas, impressionado pela visão da perfeição.

— Como a senhora fez isso? Tirou minhas medidas enquanto eu dormia?

Ela deu um risinho nervoso.

— Uma mancha de gordura em uma de suas cartas. O senhor deve ter se apoiado na mesa para se levantar, depois de comer um sanduíche de bacon.

— Impressionante.

— Peguei uma régua e medi todos os dedos.

Virei as mãos para cima, admirando a fileira de pontos precisos ao longo de cada dedo.

— Mas não é azul. Achei que você havia se especializado em azul-anil.

— Ah, aquelas meias feitas às pressas. Aquelas eram para crianças. Essas, são de pura lã de carneiro, da Belks. Posso usar produto de qualidade para o senhor, visto que não planeja crescer mais este ano nem furá-las de propósito.

— Tentarei não decepcioná-la.

Uma lembrança da neve. Uma colina marcada, nos lados, por sombras azuladas de árvores. Gritos, a emoção da perseguição, alguns adultos jogando bolas brancas, imitando o barulho de um canhão a cada jogada. Pegando a neve dura, que deixa pedacinhos de gelo pendendo na mão amortecida. Luvas vermelhas, com um floco de neve bordado por alguém nos nós dos dedos. A mãe do pai? Nenhum contato posterior foi permitido, foi uma escolha da Mãe deixar tudo para trás: avós, neve. Toda a água-gelo dá a volta no mundo. Mas aquelas luvas ainda devem estar em algum lugar. Prova da existência de um garoto.

Contei à sra. Brown que aquele era meu primeiro presente de Natal em mais de dez anos. Em nossos muitos dias juntos, ela jamais expressou tanta emoção quanto a despertada por essa confissão.

— Dez anos! E nenhuma alma lhe deu um mísero presente?

— Toda a minha família está morta.

— Mas as *pessoas*. No México o senhor trabalhava em casas, não?

— Os últimos eram russos, não davam importância ao Natal. O sr. Trótski nos obrigava a trabalhar como em qualquer outro dia.

— Ele não se importava com o Nosso Senhor Jesus?

— Ele era um bom homem. Mas não, não se importava. Era judeu, de origem.

— É aquele que foi assassinado?

— Sim.

— E os outros antes disso, todos judeus?

— Não. A sra. Rivera era louca pelo Natal, sempre organizava banquetes. Eu era o cozinheiro.

— Então o senhor tinha de trabalhar o dia todo.

— Sim.

— Sr. Shepherd, sofro por estar ausente na semana que vem.

— Honestamente, estou feliz porque pediu para sair. A senhora precisa ir ver sua família e eu preciso me lembrar do que as pessoas comuns fazem nas festas de fim de ano.

— Bem, as pessoas comuns, eu não saberia dizer. Mas o senhor... O senhor não terá nada aqui para lhe dizer que é Natal. O que fará?

O que uma bolota de carvalho fará quando cair no chão e a chuva a molhar? Vai se transformar numa figueira?

— Tenho as provas tipográficas para terminar — eu disse.

— Ora, sr. Shepherd, isso é mentira. O senhor já terminou, que eu sei.

— Quero dar mais uma olhada. E depois vou começar a escrever algo totalmente novo.

As sobrancelhas se arquearam.

— Sobre o quê?

— Não sei direito.

Ela pegou a bolsa e as luvas, preparando-se para sair. Uma neve fraca caíra o dia todo.

— Só trabalho e nenhuma diversão, sr. Shepherd. Deixa a pessoa fraca.

— Deixa? Achei que tornasse a pessoa chata.

— Também.

— Provavelmente não farei nada, graças à pilha de livros que trouxe da biblioteca. Vou acender o fogo e passar o Natal com o sr. Hardy e o sr. Dickens. O que poderia ser melhor? E Tristram Shandy. Os gatos estão dando sinais de que eu deveria cozinhar um pernil de cordeiro. E tenho certeza de que Eddie Cantor e Nora Martin vão cantar algumas canções de coral para mim na noite de quarta-feira.

— Odeio ter de lhe dizer isso, mas cantarão para quem os pagar. E eu acho que é o Sal Hepatica.

— Que crueldade, sra. Brown. Agora vai me dizer que aquelas garotas na Parada de Sucessos Lucky Strike estão cantando em troca de cigarros Lucky Strike, e não para mim.

Ela ficou sentada com as mãos no bolso, aguardando.

— Se quer dizer alguma coisa, diga.

— Não é da minha conta, sr. Shepherd. Mas um homem deve ter uma namorada. Ou relacionamentos. E não só gatos e livros.

Tirei as luvas e as dobrei cuidadosamente.

— Esse é mesmo o caso do porco falando do toucinho. Trinta anos é tempo demais para permanecer viúva.

— Tive um caso durante o casamento. Uma única vez.

— Bem, não se preocupe. Já tive meus casos. Relacionamentos, como você diz.

— Se o senhor diz. E nenhum presente de Natal por dez anos. Se o senhor se relaciona, parece que não chega a esse ponto.

— Não, espere, esqueci. No último Natal, Rômulo me trouxe um bolo feito pela mãe. Metade de um bolo, na verdade. Ele disse que já haviam comido o bastante dele.

— Felizes são os gratos, sr. Shepherd, mas isso não conta como um presente de verdade. Metade de um bolo comido.

Chispa entrou sorrateiramente na sala, pela beirada da porta e ao longo da parede, espremida nela, como se andasse inclinada, por conta de uma lei distinta da gravidade. Cruzou lentamente a parte de baixo da estante de livros do mesmo jeito, para dentro do refúgio perto da lareira. Desdobrei as luvas. Era tentador vesti-las até a semana de Pentecostes.

— Não sou o tipo de gente que atrai presentes.

— Sr. Shepherd, acha que acredito nisso? Abro todas as correspondências, com todos os tipos de coisas. Até coisas bordadas.

— Então deveria dizer que não sou bom em receber presentes. Percebi que quando as pessoas não são boas em relacionamentos geralmente elas culpam o outro. Mas eu não.

— Nunca o ouvi culpar uma alma por qualquer coisa, sr. Shepherd. É uma de suas qualidades. A tal ponto que às vezes me

pergunto se sua mãe o derrubou e o senhor bateu com a cabeça.

— Não, provavelmente ela me carregava numa mala. Ela estava sempre em movimento. Qualquer pessoa de quem eu gostasse logo ia embora, criados ou amigos. Sempre foi assim. Ou me deixavam por iniciativa própria. A maioria morrendo.

— Bem, quem sou eu para discutir com a vontade da morte.

— Muito bem, sra. Brown.

— O senhor precisa escrever isso. Sobre o senhor e todos aqueles que se foram.

— O quê? Escrever sobre a minha vida? Como o coitado do velho Tristram Shandy, tentando se lembrar de toda a sua história confusa?

— O senhor irá mais longe — disse ela. — Tenho mantido boas anotações o tempo todo.

— Quem iria querer ler sobre coisas tão triviais?

— Bem, por que escrever, então? É o que o senhor faz. Não estou me intrometendo em nada, o senhor escreve tudo abertamente, sr. Shepherd. Parece-me que, se realmente quisesse ocultar sua vida, não se daria ao trabalho de registrá-la no papel. Eu o vejo tão entretido nisso que se esquece do dia e da noite, e toma o café da manhã na hora do jantar.

— Sou apenas um escritor. É meu jeito de pensar.

— São seus relacionamentos. É assim que me parece. O senhor poderia muito bem se relacionar consigo mesmo, além de se relacionar com todas essas pessoas das histórias que inventa do nada.

— Mas quem iria querer ler?

Lá fora escureceu, e agora o vento batia fraco contra a janela. Porções de neve caíam das árvores, espalhando-se pelo jardim.

— A senhora não vai querer perder o ônibus das cinco e quinze — eu disse.

Ela vestiu o belo chapéu tricotado e se levantou para sair, estendo a mão para me cumprimentar.

— Eu o verei na segunda-feira. Feliz Natal, sr. Shepherd.

— Feliz Natal, sra. Brown. Obrigado pelo presente.

Ela fechou a porta e saiu rumo a Haywood, deixando para trás uma casa silenciosa como o subterrâneo. Chisme entrou na sala,

movido pela mesma gravidade lateral por toda a extensão da parede, até o refúgio perto da lareira. Chispa imediatamente o deixou entrar, de acordo com as ininteligíveis leis da atração e da indiferença. O relógio no corredor dividia a cena em porções iguais: *tique, tique*.

Quem iria querer ler isso tudo?

Kingsport News, 2 de março de 1947

Crítica Literária

por United Press

Imagine a moça andando, uma verdadeira beleza, penduricalhos de ouro nos braços e uma tatuagem no calcanhar. Ela está saindo para fazer compras com um cesto preso às costas. Para o cardápio de hoje, talvez escolha iguana assada no espeto, ou talvez tatu. Para ganhar dinheiro, suas colegas vendem sementes de cacau ou um instrumento que é moda aqui no antigo México: uma lança de lâmina dupla chamada *atel-atel*.

Esta é a cena de abertura de *Os peregrinos de Chapultepec*, um romance de Harrison Shepherd que se lê de uma só vez. Essa tribo de povos antigos se estabelecerá na vila só até que ela perca todo o seu charme para a varíola, as invasões ou os bandidos — chame como quiser. Depois eles se mudarão novamente, guiados somente pelo soberano de olhos arregalados que diz que os levará até uma terra prometida. Como saberão que a encontraram? Ele diz que os deuses lhe falaram para procurar por uma águia sobre um cacto, atacando uma serpente.

Apesar do título complicado, o objetivo do livro é agradar: batalhas assustadoras, fugas difíceis e uma bela porção de aventura, numa história sobre líderes teimosos e sobre homens que sofrem com suas decisões.

The Evening Post, 8 de março de 1947

“Livros para Pensar”, por Sam Hall Mitchell

O Vivo e o Morto

O escritor Harrison Shepherd, o prodígio tímido, mas talentoso, que no ano passado nos deu *Vassalos da Majestade*, escreveu outro

sucesso baseado na história do México Antigo. Em *Os peregrinos de Chapultepec*, os astecas saem por sua terra ancestral numa jornada com mais reviravoltas do que uma fila de chineses. No fim, o autor aborda temas surpreendentes, entre eles, a questão da bomba atômica.

Esses peregrinos caminham durante décadas, guiados por um rei enlouquecido que sempre lhes diz que a felicidade está logo à frente. O “Studs Lonigan” do autor é um indígena chamado Poatlícue, que é observado pelo invejoso rei enquanto demonstra toda a sua habilidade como guerreiro. O heroico Poatlícue foi chamado pelos deuses aos 13 anos para confeccionar a primeira *atl-atl* — uma lança de lâmina dupla colocada nas mãos do herói no momento em que ele está prestes a morrer em sua primeira batalha. Num *Deus ex machina* do Novo Mundo, a arma é dada ao herói por uma águia.

O rei impiedoso teme o início de uma revolta para destituí-lo e oferece uma barganha: se Poatlícue mantiver sua lealdade sem limites, algum dia poderá governar a nação. Mas esse “algum dia” nunca chega, e Poatlícue se transforma num cínico que questiona o sentido de seguir um líder sem sabedoria. Nas noites escuras, ele se pergunta se os deuses o escolheram por algum motivo: para derrubar o rei insano e governar no lugar dele.

Poatlícue questiona até mesmo o poder sedutor de sua *atl-atl*. Os homens de sua tribo a reverenciam como se fosse uma divindade, apressando-se para produzir mais cópias da arma, adorando-a num altar e acreditando que ela lhes renderá o poder supremo. Mas Poatlícue percebe uma tendência preocupante: assim como os homens de sua tribo reproduzem a lâmina, o mesmo é feito por seus inimigos. Depois de aperfeiçoá-la, eles passam a produzir armas ainda mais perigosas. A cada batalha aumenta o número de mortos e a matança se torna mais precisa.

Assim como fomos tardiamente alertados pelo sombrio relatório de Bernard Baruch para o Congresso, esses peregrinos devem escolher entre a vida e a morte depois que o destino lhes dá um poder assustador, sem antídoto para conter seu uso indiscriminado. Baruch argumenta sobre o acúmulo de bombas atômicas, enquanto Shepherd apenas seduz o leitor a acompanhá-lo até a última

página: será que a arma secreta salvou aqueles que a usaram ou os amaldiçoou?

The Asheville Trumpet, 8 de abril de 1947

Escritor de Asheville é um Mistério

por Carl Nicholas

Aqui, onde o Ar da Montanha é mais limpo e o Paraíso está mais Perto, nosso escritor mais importante nos oferece uma amostra de lugares longínquos em *Os peregrinos de Chapultepec*, novo sucesso de vendas neste mês em todas as livrarias do país. A sra. Jack Cates, proprietária da Livraria Cates, afirma que o sr. Shepherd conhece os segredos de seu ofício e que esse livro não decepcionará. “Houve um tumulto na semana em que o livro chegou”, contou ela. “Ninguém quer ler outra coisa. Vou lhe dizer, o livro tem mais gente nua do que um dia de calor no lago Beaver.”

O escritor baseia seus livros em suas próprias experiências de quando viveu no México, mas mora em Montford Hills desde 1941. Os telefonemas do *Trumpet* não foram atendidos. A sra. Cates especula que ele deve se importar muito com sua privacidade, já que é “o mais desejável solteiro da cidade, senão da Carolina do Norte”.

No Clube de Esqui de Asheville, ao lado da livraria, vinte e uma belas moças participaram da nossa pesquisa sobre o assunto, sendo que quinze delas se disseram “Especialistas em Shepherd”, mas não totalmente. Seis disseram o contrário, “fantasmagórico” e “estranho” foram os motivos dados. Nove jovens se disseram contra ele, porque o escritor não serviu às Forças Armadas por conta de um atestado 4F, mas as outras disseram que ele não teve culpa, já que tem um tímpano perfurado, assim como o cantor Frank Sinatra. Todas se perguntam como um solteiro de sucesso passa o tempo, já que o escritor vendeu quase um milhão de cópias. Como diz um velho ditado de Asheville, “nosso luar é o mais assustador, nossas histórias, as mais interessantes, nossos atletas, os mais

competitivos”, e, ao que parece, nossos solteiros são os mais mansos!

The Echo, 26 de abril de 1947

Os peregrinos de Chapultepec, de Harrison W. Shepherd
US\$ 2,69, Stratford & Sons, Nova York

Não olhe agora, mas um novo escritor, chamado Harrison W. Shepherd, é mais popular do que Wendell Wilkie. Seu *Os peregrinos de Chapultepec* está chamando a atenção de todo o país neste mês e com certeza será traduzido para outras línguas. Não se surpreenda se, um dia, você ficar sabendo que estão lendo Harrison Shepherd na China.

Esse romance será adaptado para as telas, por isso leia-o antes de vê-lo no cinema. O cenário ensolarado do México se estende por todas as páginas, e o jovem herói é um indígena sensível, belo e com uma arma secreta. Moças, esse herói vai despedaçar corações. Mas será que esse escritor nos dará um final feliz?

Shepherd expressa emoção no papel, ainda que na vida real seja um homem tímido que se protege de quaisquer demonstrações de sentimentos. Um amigo que o conhece desde os tempos de faculdade afirmou que seu lado reservado remonta à infância, quando até no funeral da mãe permaneceu frio como gelo.

Mas nossa fonte também revelou que o bom Harry tem um hábito curioso: “Ele não consegue deixar de ver uma bela mulher sem assoviar para ela”.

30 de abril

Foi o tímpano perfurado que chamou a atenção da sra. Brown. E o hábito de assoviar para as moças.

— E o amigo da faculdade. Ele existe?

— Acho que não. Até porque não fiz faculdade. As pessoas de meu passado estão mortas ou desaparecidas, sra. Brown, essa é a verdade.

As mãos enormes de Billy Boorzai, nós dois morrendo de rir, tentando ficar imóveis. Os passos de um oficial do lado de fora, no corredor. O coração batendo forte, a vergonha mortificante.

— Quem diria? Os jornais inventam as coisas do nada.

— Ou então encontram uma nuvenzinha de chuva e a seguem.

Ela parou, hesitante, na porta, os ombros quadrados no terno bege iluminados pelo corredor do andar superior. Sapatos de plataforma com tiras ao redor do calcanhar e, ah, meu Deus, o cabelo solto hoje, preso somente nas laterais e caindo sobre os ombros, mais compridos do que eu lembrava. Parece uma versão em miniatura de Jane Russell. Ultimamente, tem me passado pela cabeça perguntar se existe alguém. Ela usa o intervalo do meio do dia para seus compromissos e uma refeição rápida em uma das lanchonetes da Charlotte. Ela pode estar se encontrando com um marinheiro, pelo que sei.

— Quando se lê uma coisa dessas no jornal, sr. Shepherd, as pessoas acham que é verdade. Eu mesma quase achei, e o conheço bem. Como podem fazer uma coisa dessas?

— De algum modo eles podem e fazem, todos os dias do ano. Por que se surpreender? Só porque dessa vez a vítima sou eu?

Ela permaneceu na porta. Não gosta de entrar no estúdio, com medo de incomodar.

— Sr. Shepherd, por que o senhor não se surpreenderia? Uma coisa assim deveria incomodar.

Uma coisa incômoda.

— O homem para o qual eu trabalhava no México, nem sei como lhe explicar o que os jornalistas fizeram com ele. Certa noite, homens armados invadiram a casa e o atacaram com metralhadoras, atacaram todos nós, os empregados e a família dele. Mas a imprensa disse que Lev havia organizado ele próprio o ataque para chamar a atenção para si. Eles relataram isso como verdade.

— Minha nossa!

— Isso não nos ajudou a conseguir proteção policial, eu lhe garanto. E isso é só uma coisa, um caso que me vem à mente. Sobre o outro homem para o qual trabalhei, disseram que ele se alimentava de carne humana.

— Bem. Esses são os jornais mexicanos. Queremos pensar que os nossos são melhores. Mas acho que lá dizem o mesmo sobre a gente.

— Foi dito em todos os lugares que Trótski encenou o ataque armado. Europa, Nova York. Tudo começa com um jornal, e essa é a fonte. Os outros acreditam e passam adiante. Lev costumava dizer que há dois tipos de jornais: os que mentem todos os dias e os que economizam as mentiras para campanhas especiais, a fim de causar mais impacto.

— Mas um tímpano perfurado! Minha nossa! É como o senhor disse. Começa com um e depois continua. Ainda não ouvimos o fim dessa história.

— Como os macacos uivantes.

— O *Trumpet* é o jornal da sua própria cidade. Eles poderiam ter lhe perguntado.

— Se eles tivessem telefonado, o que você teria dito?

Ela parecia uma modelo posando para um retrato da tristeza: os ombros quadrados, as sobrelanceiras arqueadas, as mãos entrelaçadas.

— Eu faria o que o senhor me pediu. O sr. Shepherd não tem nenhum comentário a fazer sobre isso.

— Obrigado.

— Mas...

— Mas?

— Quando eles não têm nada, eles inventam. Se você não os detém, eles continuam inventando. É como se concordasse com isso. Para eles, não dizer nada é o mesmo que concordar.

— Está dizendo que é minha responsabilidade impedir que outra pessoa minta?

— Bem... Não. A responsabilidade de parar é dela.

— *Dios habla por el que calla.*

— O que isso significa, sr. Shepherd?

— Deus fala pelos que se calam.

— Se é o que diz.

— “Nada a comentar” significa “nada a comentar”. Não significa “Odeio admitir isso, mas sim, ele tem um tímpano perfurado”.

— Bem, é assim que as pessoas pensam. E recorrer à Quinta Emenda significa que você é culpado.

— O que quer que pensem, não é assim. Um espaço em branco num formulário, a página perdida, o vazio, a lacuna no seu conhecimento sobre alguém, tudo ainda é algo real. Algo que existe. Você não pode preencher com o que quiser. Eu me apego a um princípio, sra. Brown. Este país nos promete a presunção da inocência.

— *Presunções* são o que temos, sr. Shepherd. Saindo pelos ouvidos.

— O que quer que eu diga? O sr. Shepherd não tem um tímpano perfurado, não tem nenhum amigo da faculdade, ele olha, sim, para moças bonitas sem assoviar. Ah, esta é a armadilha. Onde é que isso acaba?

Ela não sabia o que responder.

— Se a *atl-atl* foi concebida como um símbolo para a bomba atômica, não podemos deixar que o leitor decida?

— Bem, sei o que o senhor está querendo dizer. Os jornalistas o colocariam num moedor de carnes e alimentariam o Bebê às colheradas.

— Realmente não acho que os jornalistas querem saber alguma coisa a meu respeito. Eles próprios se consideram artistas. Preferem desenhar à mão livre.

— Eles têm, sim, perguntas.

— Eu sei. Teve um que quis me perguntar sobre Truman e a política de restrição soviética, lembra? Do *Collier*, eu acho.

— Do *New York Times*. O *Collier* disse que eles não publicariam uma crítica se o senhor não falasse com eles.

— E publicaram?

— Uma crítica pequena, não muito favorável.

— Se eu falasse com eles, só acabaria lhes dando mais espaços em branco para que preenchessem. “Como o senhor se sente a respeito do posicionamento antissoviético de Truman, sr. Shepherd?” Nada a comentar. “Aquele Bette Davis é linda, não acha, sr. Shepherd?” Nada a comentar.

— Então, quanto ao tímpano furado. Nada a comentar.

— Isso mesmo.

- Da próxima vez dirão que o senhor está morto.
- Imagine a paz e o silêncio.

O telefone tocou e ela correu para atendê-lo. Suas meias tinham costuras na parte de trás. Tentei um assovio — um assovio fraco, mas a ouvi parar na escada.

Uma amostra da correspondência recebida no dia 15 de maio de 1947, setenta e cinco cartas ao todo. Depois da publicação de *Os peregrinos de Chapultepec*, a Stratford & Sons passou a encaminhar as correspondências em caixas, uma ou duas vezes por semana. — VB

Caro sr. Shepherd,

Na tenra idade dos meus 70 anos, eis aqui um velho rabugento que tira o chapéu para você. Há anos releio meus livros preferidos, porque os autores novos não valem a pena. Mas há algumas semanas fiquei sem ter o que ler e fui até a livraria da esquina, pedindo uma sugestão. O funcionário me entregou dois livros de Harrison W. Shepherd, um nome desconhecido para mim. Li ambos sem parar. Claro que fico envergonhado diante das cenas de cópula e orgia. Mas você demonstra que os tempos modernos não são diferentes do passado, e que as pessoas são as mesmas em todos os lugares. Eu estava lotado no exterior durante a Primeira Guerra Mundial e nunca aprendi a gostar dela, mas a guerra me ensinou algumas coisas. Obrigado por dar alegria à minha vida. Aguardo ansiosamente seus próximos livros.

Sinceramente,

COLLIN THOMAS

Caro sr. Shepherd,

Ainda que nunca tenhamos nos conhecido, considero-me sua amiga. Você me emociona e me inspira. Li Vassalos da Majestade duas vezes e agora o novo livro. Obrigada por expressar minhas emoções com suas palavras. Eu queria demonstrar coragem como os seus personagens. Você mostra que os homens no comando

nem sempre são mais inteligentes que o restante de nós. Estive pensando em mandar meu chefe pastar e procurar algo melhor. (Secretária.) Agora talvez eu consiga alcançar meu objetivo.

Com admiração,

LYNNE HILL

Caro sr. Shepherd,

Tive de ler seu livro no curso de história da Escola Secundária de Lancaster Valley. Não leio muito, mas o seu livro é bom. Ele me deu muito o que pensar sobre Poatlicue querendo ser um bom cidadão e depois acabando por desejar a morte do Rei. Nossa professora disse para lhe fazer três perguntas sobre o México Antigo, para o nosso trabalho. Eis minhas perguntas:

- 1. É verdade que a Águia deu ao povo sua primeira arma?*
- 2. Que tipo de governo eles tinham, democrático ou ditatorial?*
- 3. O senhor alguma vez matou uma corça?*

*Obrigado. Meu trabalho tem de ser entregue no dia 12 de maio.
Sinceramente,*

WENDELL DIXON

Uma das dezenove cartas contidas numa única remessa da Escola Secundária de Lancaster Valley, Califórnia. — VB

Caro Sr. Harrison Shepherd

Meu coração está cheio de felicidade, só de saber que você está segurando esta carta em suas mãos. Obrigada por ser um escritor. Você me acompanhou por vários momentos tristes, principalmente quando minha mãe morreu. Às vezes eu faço tudo o que posso durante o dia, para que consiga me encolher à noite com meu livro preferido. Quando a vida está monótona ou simplesmente triste, sei que você vai me tirar dali e me levar para um lugar onde os problemas desaparecem. Quando eu receber a resposta a esta carta, minha vida estará completa. Obrigada, obrigada.

Sua,

ROXANNE WILLS

Todas as correspondências respondidas na mesma semana em que foram recebidas, na medida do possível. Nenhuma fotografia incluída. — VB

6 de junho de 1947

Querida Frida,

O telegrama de Diego me deixou muito apavorado. Ele parece acreditar que os médicos quase a mataram, por isso temo por toda a situação. Sobretudo por você. Estou determinado a, hoje, enviar-lhe uma carta alegre, para lhe dar um pouco de alívio, como tantas vezes você fez comigo. Segue também seu presente de aniversário. Não se decepcione: é somente outro livro, que espero que a divirta. Caso contrário, a culpa é sua, deveria ter me mantido como cozinheiro.

Estou tentando começar uma nova história que falará dos maias, acho, e da queda das civilizações. Todo mundo quer um final feliz dessa vez, portanto, esse deve ser justamente o segredo. Mas o texto avança lentamente, enquanto a vida está cheia de emocionantes distrações. Só na semana passada comprei um pacote de prendedores de roupa e uma nova carteira. (A moça da loja me disse que a carteira tem um compartimento secreto.) O Roadster e eu “Marcamos um Encontro com a Lubrificação” a cada trinta dias, na oficina da Avenida Coxe. Uma nova loja de utilidades domésticas foi inaugurada na rua! E agora mesmo estou olhando pela janela do meu estúdio, para a copa das árvores, onde um pássaro gigantesco está fazendo um furo. Queria que você pudesse ver a criatura: as penas vermelhas eriçadas na cabeça, assim como acontece com meus cabelos às segundas. Nossa, as lascas de madeira voam por todos os lados, essa coisa é do tamanho de um touro. E você preocupada que minha vida fosse monótona.

Nunca preciso de companhia. O menino vizinho, Rômulo, parece preferir minha casa à dele, agora que é verão e ele está livre da

sexta série. Com as mãos enfiadas nos bolsos, ele vagueia pela casa pegando as coisas, mas não é um ladrão. Ele pede. O que ele mais quer é a escultura de Teotihuacán. Eu não lhe contei que é um objeto roubado. Em vez disso, dei-lhe uma caneta-tinteiro e um velho chapéu diplomata e ele finge ser Edward Murrow, usando uma voz apocalíptica para entrevistar os gatos. Também lhe ofereci um gato, o preto inútil que se chama Chisme, mas ele não quis.

Minha estenógrafa vem de segunda a sexta para responder às correspondências e atender o telefone, já há mais de um ano. Minha maravilhosa funcionária. Ela trabalha na mesa da sala de jantar. A cada pilha de correspondência diária que se acumula ali, rezamos: “Pelo que estamos prestes a receber, que Deus nos dê muita gratidão”. Ela é um prodígio, sei que às vezes lê quase cem cartas de leitores por dia, escrevendo um bilhetezinho gentil como resposta. Leva tudo para a agência do correio numa enorme bolsa de couro que encontrou por aí, tão imponente que deve ter sido usada pelo Pony Express: ela a pendura no ombro e sai, é o que faz a Violet Brown. Não posso deixar de pensar que você admiraria a ironia do nome dela, porque ela é uma pombinha cinza. E às vezes exatamente como a mãe de que eu precisava, mandando-me sair de casa para pegar ar ao menos uma vez por dia, nem que seja para ir à esquina comprar cigarros. Ultimamente ela elaborou um programa: tenho de me envolver numa aventura social de algum tipo todas as semanas. Ir ao cinema sozinho é aceitável (a sra. Brown é leniente) e não seria tão ruim se eu entrasse depois que a sala já estivesse escura. O objetivo dessas saídas é superar meu pavor do mundo e de todas as coisas nele. Agora as revistas estão dizendo que eu tenho o tímpano perfurado, o que é útil. Se o mundo urrar alto demais, posso fingir que não estou ouvindo.

Por favor, dê notícias de sua recuperação. O telegrama de Diego foi um choque. Ele parece extremamente irritado, não apenas com seus médicos, mas também com o mundo e Todos os Malditos Gringos, incluindo eu. Talvez você deva lhe dizer que Truman não me consultou antes de se comprometer em derrotar os comunistas na Grécia e na Turquia. O secretário de Estado, Marshall, anunciou um novo plano para ajudar a Europa, que não vai alegrar seu marido. Frida, você entende os homens. Como alguém pode achar

que esses líderes são diferentes dos meninos que eram na escola, tentando escolher seus times de futebol? Antes da guerra havia seis grandes jogadores no campo. Agora só restaram dois. É natural que esses dois sejam rivais e tentem atrair o restante para seu lado. Dinheiro e doces ajudarão, claro.

Tenho dificuldade para entender por que Diego agora apoia Stálin, depois de ter trabalhado tão próximo de Lev e até depois de vê-lo ser assassinado. Que motivos racionais poderiam ter levado Diego a mudar assim? “É uma necessidade revolucionária”, disse ele, mas como posso saber o que isso significa? Traição, como meio de alcançar um objetivo? Quase todos os dias acordo surpreso ao perceber o quanto entendo pouco deste mundo. Talvez Diego tenha razão e, apesar dos vários anos de trabalho para homens brilhantes, eu seja apenas um gringo idiota. Tenho de tentar me concentrar na função que pareço conhecer: escrever histórias para pessoas que acreditam que, se você atirar uma pedra, ela pode rolar morro acima. Se seu marido diz que sou um idiota em matéria de política, com certeza ele deve ter razão. Por isso não me pergunte sobre o acordo de paz ou como aumentar a taxa de natalidade na França.

Para a sua diversão, envio uma crítica literária publicada num jornal, minha preferida da última rodada. Eu a uso como prova de que não sou um grande talento literário, mas a sra. Brown diz que ela prova que meus livros falam de Coisas Importantes. Diego talvez a use como prova cabal de que outra pessoa aqui além de mim se opõe à surpreendente guinada de Truman contra a ascensão do proletariado. Mas a verdade é que ela não prova nada. Você conhece os críticos, eles são movidos por seus próprios desejos. Eu deveria gostar da ideia de escrever meus livros apenas para a pessoa que passa a noite lendo na cama até a última página, depois deixa o livro cair sobre o rosto, para tocar-lhe o sorriso ou lhe enxugar as lágrimas.

Não sou corajoso como você. Ainda que toda alquebrada, você se mantém firme. Com seus vestidos Tehuana, no jardim, nos pés de romã que se inclinam em sua direção para abrir suas flores vermelhas. Não importa o que acontecer, você estará sempre no centro do mundo.

Seu amigo,

The New York Weekly Review, 26 de abril de 1947

Segundo Livro de Escritor Acerta na Mosca

por Donald Brewer

Não confunda Harrison Shepherd com os grandes nomes da literatura. Suas histórias são cheias de luxúria e jovens de peitos nus. Os cenários são glamourosos, o enredo, envolvente. Você talvez não admita para seus amigos, mas de alguma forma é impossível deixá-los de lado.

Os peregrinos de Chapultepec (Stratford & Sons), ambientado no México antes da conquista, conta a peregrinação de um povo expulso de casa e condenado a seguir um líder neurótico que briga até com sua própria sombra. Shepherd se refere às pessoas que sofrem com as más decisões políticas e se perguntam no que seus líderes estavam pensando. O protagonista, um garoto chamado Poatlicue, esforça-se para ser um cidadão exemplar, mas acaba vendo a marca de sua nação como um jogo vencedor para o rei e um suplício para os demais.

Shepherd combina a ação de *Leatherstocking* com a emoção chapliniana, como se vê nesta simbólica cena de caça: Poatlicue e seu amigo tiram a pele de uma corça, falando sobre o rei enquanto destrincham a presa. O líder decretou uma nova ordem absurda, negando um tratado de amizade com o clã vizinho, dizendo agora que não se pode mais confiar nele. A tribo terá de se mudar mais uma vez, numa época de escassez de alimentos. Os jovens estão furiosos. Poatlicue joga os testículos do animal no chão, chamando-os de “as últimas esperanças do animal em saquinhos tristes”.

Ele diz ao amigo: “Nosso líder é um inútil. Você poderia muito bem matá-lo, colocar uma cabeça com chifres num galho e seguir aquilo. A maioria de nós nunca teve a oportunidade de acreditar na nação, apenas não tivemos ideias melhores. A lei é provavelmente esta: a imaginação pública talvez não deva ser maior do que os testículos dos nossos líderes”.

O autor pode estar aqui se referindo ao depoimento de Donald Benedict, aluno de teologia em Nova York, que se recusou a se alistar durante a guerra. “Não suportamos a ideia de que o povo norte-americano tenha maliciosamente escolhido o maldoso instrumento da guerra”, disse Benedict durante seu julgamento. “Mas numa situação perplexa, a eles faltaram imaginação e fé para reagir de modo diferente.”

Será que o sr. Shepherd quer se colocar num campo de desertores? Várias perguntas podem ser feitas sobre esse astuto escritor político, a começar por sua opinião de um líder que acaba de deixar a nação perplexa com sua mudança repentina da política externa, da cooperação amigável para o que Truman chamou de o “refreamento” da URSS.

Só podemos imaginar, porque o sr. Shepherd se nega a dar entrevistas. Mas esta semana, ao nos colocarmos atrás do nosso homem em Washington, arrecadando US\$ 400 milhões para lutar contra nossos amigos de ontem, porque “toda nação precisa fazer uma escolha”, talvez ouçamos um baque surdo no chão e nos perguntemos se as grandes esperanças do povo caberão neste triste saquinho.

11 de junho

Ela levantou o assunto das memórias novamente. Achei que era algo que tinha morrido de causas naturais, mas não, ela insiste. Como se apenas tentasse encobrir a questão do tímpano perfurado, eu acho. O primeiro capítulo é muito bom, na opinião dela, e hoje ela confessou que, desde o dia em que eu o entreguei para ser datilografado, ela chega ao trabalho todas as manhãs na esperança de que o capítulo seguinte esteja pronto para que o datilografe.

— Já faz quase seis meses desde o primeiro capítulo, sr. Shepherd. Se levar tanto tempo assim para escrever cada um deles, o senhor não conseguirá contar nem sua infância.

Eu lhe disse que sentia muito por decepcioná-la, e assim por diante. Mas não haverá um próximo capítulo. Foi uma ideia completamente equivocada. E, de qualquer modo, até mesmo há alguns meses, quando eu estava gostando da ideia, deparei-me

com um problema, o diário perdido. O diário seguinte ao primeiro. Não lhe contei ainda.

— Não posso me lembrar daquele ano sem ele. Eu deveria ter lhe contado já há algum tempo. Só esperava que a senhora se esquecesse do assunto. O livro de memórias terminou antes mesmo de começar.

— Como assim, terminou? — ela arregalou os olhos. Ela sabe muito bem onde os guardo. Deveriam ser jogados no fogo.

— A parte fundamental que falta no manuscrito. Há uma palavra que os historiadores usam para isso. Uma lacuna. Assim, culpe o destino ou a história, se quiser.

— O senhor o viu antes? Quando os tirou todos da caixa pela primeira vez?

Não se trata de um molho de chaves perdido, eu lhe disse, com certa irritação. Ele simplesmente não veio com os demais, quando Frida reuniu os diários e papéis. Provavelmente foi destruído na delegacia ou caiu embaixo de uma mesa. É pequeno, sei exatamente como se parece — era um livrinho-caixa de couro que roubei da empregada. Do tamanho da sua mão. E agora ele desapareceu. Esqueça o livro de memórias, estou trabalhando numa coisa diferente agora. Eu deveria queimar todos esses diários, para que ela deixe de me importunar com eles.

A sra. Brown não é burra.

— Se o senhor se lembra de como o livrinho se parece, pode muito bem se lembrar do que estava escrito nele.

23 de junho

Era somente uma carta, mas ela a levou para cima como se fosse uma pilha de tijolos.

— Odeio incomodar. Mas aqui diz que eles precisam da carta devolvida pelo correio.

— Quem?

— J. Parnell Thomas.

— Amigo ou inimigo?

— Presidente, Comitê de Atividades Antiamericanas, antigamente chama do Comitê Dies.

— Acho que me lembro, Dies. Ah, sim, conheço esses senhores.

Comitê *Diez*, pronunciávamos, como “dez” em espanhol. Eles organizaram a viagem de Lev para Washington, todos os vistos concedidos e cancelados no último minuto.

— Conhece? — ela parecia apavorada.

— Quero dizer, sei o que eles fazem. Eles convocaram meu antigo patrão certa vez, do México. Para testemunhar sobre as atrocidades de Stálin. Eles ainda estão em atividade?

Ela estendeu a carta.

— É apenas um formulário. Dizem que foi enviado a todos os funcionários do Departamento de Estado.

— Não acredito que eu vá enviar qualquer outra obra de arte para o governo.

— Atuais ou antigos, diz. Eles precisam que o senhor assine uma declaração dizendo-se leal ao governo dos Estados Unidos.

— Minha nossa! Por que eu não seria?

Ela tirou os óculos da cabeça e os pendurou sobre o nariz, lendo: “Em razão da cooperação estreita durante a guerra entre os Estados Unidos e a Rússia, certas áreas estratégicas de nosso governo talvez tenham sido abertas a simpatizantes comunistas. No dia 21 de março de 1947, o Presidente e o Congresso se responsabilizaram por garantir a lealdade total dos funcionários públicos”.

— Quanto segredo. Onde eu assino?

Ela se aproximou.

— O senhor tem certeza de que deveria assinar, sr. Shepherd? Se não pretende mais trabalhar para o governo, talvez não seja necessário.

— Está duvidando de minha lealdade?

Ela entregou a carta para que eu a assinasse.

— Sra. Brown, não odeio nem amo demais. Sou um homem livre. Mas adoro escrever livros para os americanos. Olhe para estas cartas, toda esta vastidão de céus azuis, este país com seus pomares. E Josef Stálin matou meu amigo. E teria me matado também, se eu tivesse me intrometido.

— Se o senhor está dizendo, sr. Shepherd. Sei que isso o deixa transtornado, principalmente em agosto, e não é de admirar. É uma

coisa e tanto testemunhar um assassinato sangrento.

Assinei a carta e a devolvi.

— Nesse caso, estou inclinado a não me intrometer. Se eu tivesse de escolher, talvez agisse como um covarde, salvando minha própria pele.

— As pessoas são assim — disse ela. — Foi assim que o Bom Deus nos fez.

— Não, eu conheci homens corajosos. Lev viu seus filhos serem assassinados e nunca desistiu. Até mesmo jovens como Sheldon Harte. Ouvi dizer que ele amava a vida mais do que eu, e é por isso que eles se tornaram revolucionários. E acabaram ameaçados de morte ou assassinados num lugar remoto.

Ela ficou esperando. Por um final mais feliz, eu acho.

— O que acabamos chamando de história é uma espécie de faca que corta o tempo. Algumas pessoas são resistentes o bastante para suportar a lâmina. Mas a maioria de nós não chega nem perto dela. Sou uma dessas pessoas. Não suportamos nada.

— Mas o senhor suporta. Olhe aqui. Tenho caixas e mais caixas de cartas lá embaixo, como o senhor mesmo disse. Pessoas lhe dizendo como o senhor salvou seus dias. Acha isso desprezível?

— Eu lhes dou um divertimento. Algumas horas para se esquecerem da família que as decepciona ou de um chefe tirano. Mas toda essa confusão ainda está aqui, depois que o livro acaba. Eu não salvo as pessoas.

Ela fez uma cara de recriminação.

— Sr. Shepherd, seu problema é esse. O senhor não reconhece a própria força.

3 de julho

A loja de refrescos de Pack Square só poderia ter hasteado mais bandeiras se fosse o vagão presidencial. Rômulo estava empolgado, principalmente por seu *sundae* gigantesco. A sra. Brown estava toda corada, chupando refrigerante pelo canudinho.

— O senhor precisa ficar entusiasmado — disse ela. — Um filme de Hollywood.

— A senhora fica dizendo isso. Estou entusiasmado.

— Bem, o senhor mal o olhou — disse ela, usando a boina azul Kerrybrooke (*tantas maneiras de usar!*), que identificava aquela como uma Aventura Social de alto nível.

— Não mesmo — concordou Rômulo.

— Você me decepçiona. Nós, homens, temos de ser unidos. Não carregamos nosso coração por aí, como as mulheres.

Ele olhou por sobre o ombro, depois tirou um pouco de sorvete do rosto com as costas da mão.

— Antes de qualquer coisa, não há nada acertado ainda. Onde vou encontrar um agente?

— O sr. Lincoln disse que o senhor tem mesmo de encontrar um? Ou só que seria útil? O que ele disse exatamente?

— Encontre alguém para negociar o contrato para a adaptação para o cinema. Ele não pode fazer isso, é algo entre mim e Hollywood. Um agente é essencial. Ou um advogado.

— Bem, advogados. Eu conheço alguns. Trabalham para a prefeitura. Não que eles sejam capazes de negociar seu contrato de cinema.

— O sr. Lincoln disse para nos prepararmos para a imprensa. Eles acompanharão as negociações.

Um Cadillac verde passou correndo como uma espécie de animal marinho, o para-brisa minúsculo e dividido como se fossem olhos. Eles nunca fabricarão outro carro como o Roadster. A sra. Brown nos colocou num canto perto da vitrine para que eu não fosse visto na lanchonete. Mas mesmo assim pude ouvir algumas moças no caixa dizendo *É ele. Não é.*

A sra. Brown estalou os dedos.

— Tenho um homem! Acho que tenho o cartão dele no meu porta-joias.

Por um instante, ela soou muito moderna, uma secretária como outra qualquer. E salva o dia mais uma vez. Ou talvez tenha salvado, vamos ver. É um senhor que ela conheceu no ano passado, quando ele veio perguntar sobre o aluguel de um quarto vago. Eles tiveram uma conversa rápida no salão enquanto esperavam que a sra. Bittle voltasse do cabeleireiro. É de Nova York, um advogado, praticamente aposentado. Mudando-se para Asheville porque sua esposa morrera e a filha Margaret vivia aqui.

Netos. Ele não sabia ao certo como se adaptaria a Dixieland, mas não se pode discutir com uma filha chamada Margaret. Até mesmo Harry Truman sabe disso, haha. O rádio estava ligado na sala e a sra. Brown se perguntou em voz alta como seriam as estrelas. As vozes dão certa impressão, mas os atores talvez sejam menos atraentes do que parecem. Era *Duffy's Tavern*. O cavalheiro lhe contou que, na verdade, a atriz que interpretava a filha de Duffy tinha voz de menina, mas era uma mulher madura, 40 anos, se disse a verdade. Shirley Booth. E a outra, Cass Daley, morde como um lagarto.

Como é que ele sabia? Ele as conhecera, por isso. É o campo de atuação dele. Um advogado do rádio e da televisão.

Perguntei à sra. Brown por que ele não ficou com o quarto vago.

— A sra. Bittle não deixou. Ela se desculpou. Ele parecia uma boa pessoa.

— Entendo. Ele era negro?

— Não.

— Então só porque era nova-iorquino?

Ela olhou para Rômulo e depois de volta para mim.

— O senhor me disse que no México costumava trabalhar para alguns... que não tinham Natal.

Nem mesmo a palavra *Natal* chamou a atenção de Rômulo. Ele estava sentado, os olhos vidrados como um místico, raspando a tigela de sorvete derretido, manchado por uma calda sangrenta de cereja. Tentei montar o quebra-cabeça.

— Ah, o homem era judeu?

Arthur Gold. O judeu de Nova York em Dixie.

22 de julho

Pobre sra. Brown, em dificuldades com o Clube Feminino. Ela estava tão distraída hoje que teve de ligar duas vezes para o sr. Gold a fim de saber como lhe enviar o contrato de adaptação do livro para o cinema. Ela parece pensar que essas mulheres pretendem jogá-la num caldeirão fervente. Como um dos três membros do Comitê Cultural, ela não foi a única culpada. Mas foi ideia dela envolver as crianças.

A palestrante era uma moça chamada Surya, que estava passando o verão com parentes de Asheville, prestes a se mudar para algum tipo de intercâmbio cultural em Washington, D.C. Foi Genevieve Kohler (vizinha dos parentes) quem teve a ideia de chamar essa moça da Rússia para falar durante o evento cultural do clube. As senhoras ficaram alvoroçadas. A Decoração com os Novos Tecidos Plásticos foi cancelada em cima da hora. A sra. Brown pensou em convidar moças da escola secundária local, propondo uma discussão racional. A moça havia passado por uma guerra. Tinha enfrentado várias dificuldades para chegar à Carolina a tempo para o Festival de Amores-perfeitos.

A sra. Brown disse que ela parecia saudável como uma ordenhadora de vacas, com olhos castanhos e covinhas no rosto, e que a palestra foi informativa e interessante. A pequena Surya falou sobre sua escola na Rússia, o sistema gratuito de saúde e o plano russo para o cuidado dos idosos. Comparou as instituições governamentais no seu país com o recém-eleito governo comunista na Polônia. Fez menções favoráveis à situação da mulher na Rússia contemporânea e também à Carolina do Norte e a Washington, D.C. A sra. Brown disse que a moça era simples e graciosa, tanto que duvidava que ela fosse capaz de matar uma aranha que andasse pelo seu rosto. Mesmo assim, causou um alvoroço. A presidente, a vice-presidente e o oficial responsável pelo Clube Feminino se levantaram juntos, interromperam a palestrante e declararam sua lealdade aos Estados Unidos, retirando-se. Algumas pessoas os seguiram. Mães que haviam levado suas filhas, aceitando o convite distribuído na escola, saíram com as filhas a reboque, ultrajadas por terem sido enganadas.

— Nós não as enganamos — insistiu a sra. Brown. — Escrevemos no folheto que ela estava aqui num intercâmbio cultural, vinda de São Petersburgo.

— Talvez elas tenham achado que a senhora estivesse se referindo a São Petersburgo na República da Flórida. Do outro lado do mar, de frente para o continente mexicano, pelo que me lembro.

— Sr. Shepherd, não se brinca com uma coisa dessas.

— Estou tentando alegrá-la. Também não é nenhuma tragédia.

The Asheville Trumpet, 23 de julho de 1947

Multidão se Posiciona Contra os Comunistas

por Edwina Boudreaux

“Todas as nações devem escolher como desejam viver”, de acordo com o presidente Truman, e a Noite Cultural do Clube Feminino na segunda-feira não foi exceção. Os ingressos foram vendidos a vinte e cinco centavos, para a Palestra Cultural da srta. Surya Poldava, da URSS. A sra. Herb Lutheridge, presidente do clube, abriu o evento com o Juramento à Bandeira. A noite foi interrompida por discordância da plateia e culminou num encerramento apressado. O pastor Case Mabrey, da Primeira Igreja Batista de Coxe, liderou a oração de encerramento. A sra. Lutheridge não sabia quem era a palestrante e pediu desculpas a todas as pessoas presentes. “O Clube Feminino se opõe à repressão das liberdades individuais e ao modo de vida comunista.”

O superintendente do Departamento de Escolas, Ron Stanley, convocou uma reunião para discutir o ocorrido que “surpreendeu o sistema de ensino”. O caráter desse evento era repugnante para todos os que trabalham com a juventude no condado de Buncombe, disse Stanley, que não esteve presente à palestra. “Vai contra a filosofia de educação que adotamos.” A porta-voz das Filhas da Revolução Americana de Asheville, falando em nome da sra. Talmadge Rich, presidente geral, não presente ao evento, também fez questão de registrar seu repúdio à palestra.

O Clube Feminino vai rever suas diretrizes a fim de evitar que casos infelizes como esse se repitam no futuro. O programa foi organizado pela sra. Glen Kohler, de Haywood, e pela sra. Violet Brown, de Tunnel Road. Encontrada para falar ao telefone, a sra. Kohler se disse uma dona de casa e pediu desculpas pelo acontecido. A sra. Brown, secretária de uma empresa, insistiu que a palestra foi informativa. “No mundo vivem pessoas de todos os tipos, e não acho que seja bom impedir que nossas crianças vejam o que está acontecendo ao redor delas.” Brown, de 47 anos, é uma viúva sem filhos.

O Clube Feminino devolverá o valor dos ingressos a todos os que estiveram no evento.

15 de agosto de 1947

Harrison W. Shepherd
Avenida Montford, 30
Asheville, Carolina do Norte

Caro sr. Shepherd,

O FBI foi encarregado pelo Congresso dos Estados Unidos de conduzir investigações de rotina sobre todas as pessoas que trabalham ou já trabalharam para o governo federal, num esforço para se certificar da lealdade total e incontestável aos Estados Unidos. Por isso, pedimos que o senhor forneça imediatamente, por escrito, as seguintes informações: todos os endereços anteriores e antigos empregadores, escolas e faculdades que frequentou, organizações, associações ou grupos dos quais foi ou é membro.

Esta investigação é conduzida pelo Comitê de Atividades Antiamericanas (conhecido como Comitê Dies) e inclui referências a arquivos da Comissão do Serviço Público, registros da inteligência naval e militar, depoimentos do Comitê Dies dados por outros empregados, quando aplicáveis, e arquivos da polícia local. Qualquer informação falsa resultará numa investigação completa.

A Comissão do Serviço Público mantém um grande arquivo sobre todas as pessoas que foram sujeitas a investigações da lealdade desde o dia 1º de setembro de 1939. O Comitê de Revisão da Lealdade da Carolina do Norte receberá o nome de qualquer indivíduo associado a tais pessoas ou a qualquer organização, movimento ou grupo que o Procurador-Geral tenha considerado totalitário, fascista, comunista, subversivo ou que defenda demonstrações de força ou violência ou ainda que busquem mudar a forma de governo dos Estados Unidos por meio de ações inconstitucionais. O Comitê de Revisão também será informado de qualquer evidência de sabotagem, espionagem, traição, sublevação ou associação confirmada com espiões. A Lei de Registro McCormack (Estatuto 631) exige que qualquer pessoa que trabalhe como agente de um governo estrangeiro deva se registrar junto à Secretaria de Estado. A Lei Voorhis (Estatuto 1.201) exige que toda

organização subordinada ao controle estrangeiro e que se envolva em atividades políticas se registrem junto ao escritório do Procurador-Geral.

O FBI conta com sua total e imediata cooperação nesta investigação.

Sinceramente,

J. EDGAR HOOVER,
DIRETOR DO FBI

2 de setembro

Arthur Gold em pessoa parece um detetive de Dashiell Hammett: camisa branca, mangas enroladas, olhos azuis, gravata há cinco anos fora de moda. É um Sam Spade de cabelos brancos, com um escritorzinho enfumaçado a alguns lances de escada no Edifício Woolworth's, na Rua Henry. O cigarro sempre aceso, o preguiçoso épico. Se Violet Brown é a secretária do “vamos fazer”, o sr. Gold é o contrário. Seu corpo estreito forma um S na poltrona, com o meridiano passando pela cabeça, umbigo e canelas, e tudo o mais se contorcendo de um lado ou de outro. A princípio, foi difícil conciliar a postura desmazelada com a voz astuta ao telefone. Mas em poucos minutos ele se mostrou o mesmo sr. Gold, emendando longas sentenças que chegam inequivocadamente ao seu destino. Ele seria formidável nos tribunais. Exceto que, entre o sujeito e o predicado, você se distrai pelo cigarro, perguntando-se quando as cinzas finalmente cairão sobre a camisa.

— Parabéns pela sua carreira de sucesso — e se aprumou para se levantar, dando a mão. — Por favor, me chame de Artie. Finalmente nos conhecemos, sente-se, por favor. É um prazer fazer negócios com um homem que se tornou tão importante num período tão curto neste país e, se me permite, neste planeta. Quantos anos você tem?

— Trinta e um.

Ele recuou, avaliando.

— É, está certo, parece.

Analizou a carta por alguns segundos antes de jogá-la sobre a mesa.

— Indo direto ao ponto? Você vai ter de responder a isso. Senão, eles lhe enviarão outra. É um formulário, eles têm milhares iguais a este. Por favor, me diga, o que o está preocupando tanto nesse pedido?

— Não estou tão preocupado. Não há nada nessa lista que se aplique a mim. Honestamente, traição ou sublevação, rebelião violenta. Estou limpo até que acrescentem fumar na cama.

Artie riu, balançando a cabeça sobre os ombros.

— Só fico me perguntando o que há por trás disso, antes de responder. Cometi alguns erros, pareço ser ingênuo demais para certas coisas.

— Como assim?

— Cresci no México, durante a Revolução. Ser um comunista era uma coisa comum. Como comer peixe às sextas-feiras.

— Eu cresci num país parecido. Nova York, década de 1920. Já ouviu falar de Eugene V. Debs?

— Acho que sim.

— Então, cresceu no México, mas é cidadão norte-americano, isso eu sei por trabalhar no seu contrato com o cinema. Você nasceu aqui, se mudou para o México aos 12 anos, pelo que me lembro, e voltou quando, exatamente?

— Setembro de 1940. Antes disso, estive aqui durante dois anos, frequentando a escola.

Ele fazia anotações.

— Onde e quando?

— Academia Potomac, Washington, D.C., 1932 e 1933.

— Distrito de Colúmbia em 1932. O verão dos protestos do Exército da Bonificação.

— Eu sei. Estive neles. Fiquei doente algumas semanas por causa do gás lacrimogêneo.

Ele levantou os olhos.

— Você esteve nos protestos do Exército da Bonificação?

— Por acidente. Eu estava tentando fazer uma entrega do mercado.

— Caramba! Não colocarei isso em seu dossiê.

— Não acho que meu dossiê será um problema.

— Sr. Shepherd. Devo chamá-lo de Harry?

— Não. Só Shepherd está bom. Sem o “senhor”.

— Shepherd. Em setenta e cinco palavras ou menos, como você descreveria seu dossiê?

— Vazio. Esta é a verdade. Passei a maior parte da minha vida até agora colocando comida no prato dos outros. Comendo os restos, quando havia. Portanto, você poderia dizer que meus sentimentos estão do lado do proletariado. O controle operário da indústria me parece uma ótima ideia. Mas não sou membro de nada. Já foram setenta e cinco palavras?

— Ou menos. Você é conciso.

— Eu nem voto. Minha secretária se enfurece comigo por causa disso.

— Acredita na luta de classes, mas não vota?

— Este país é um mistério. No México, até os conservadores dão poder aos sindicatos. Mas aqui, durante as greves, os políticos mais liberais chamam o presidente do Sindicato dos Mineradores de filho preto de carvão de Satã. Os conservadores provavelmente pensam nele como um colega de Satã. É tudo muito enfadonho. Republicanos, democratas.

— Não posso discordar.

— Durante a guerra eram todos amigos de Stálin, mas agora ele também se juntou à família de Satã. Com isso eu concordo. Essa carta que eles me enviaram, só quero entendê-la. Para que eu não caia em nenhuma armadilha. Costumo fazer isso, tropeço nas coisas.

Ele ficou sentado, olhando as cinzas do cigarro crescendo e se esbranquiçando.

— Entendo. Essa carta o preocupa porque está pensando que pode ter sido atingido pelo gás dirigido a outra pessoa no seu caminho até o mercado.

— Essa carta me deixa confuso. Eu sei o que é o comunismo. Mas, há algumas semanas, minha secretária foi expulsa do Clube Feminino porque pediu a uma moça da Rússia que fizesse uma palestra. Era só uma estudante.

— Shepherd, meu amigo. Este mês, em alguns lugares, as pessoas estavam queimando a revista *Graphic Survey* porque ela contém uma história fotográfica da vida na Rússia. Fotografias de

fazendas. Moinhos de vento, tudo o que existe numa fazenda. Vacas russas. Isso levou as pessoas a jogar a revista na fogueira.

— O que acha que as está assustando?

— Os jornais da Hearst. Se o jornal diz que todo mundo nessa estação vai usar um chapéu Lilly Daché parecido com um tatu, eles compram o chapéu. Se a Hearst lhes diz para ter medo da Rússia, eles acreditam nisso também.

— Se o chapéu for ridículo demais, nem todo mundo vai comprá-lo.

Artie finalmente bateu as cinzas do cigarro e depois parou para acender outro na cinza do antigo, que continuava queimando no cinzeiro, presumivelmente para criar certo ambiente. Rearranjou o corpo em forma de S numa pose pensativa de encontro à mesa.

— Quer saber minha teoria?

— Claro.

— Acho que é a bomba.

— As pessoas estão com medo da bomba?

— Sim, acredito que a essência da questão seja essa. Quando aquela bomba foi jogada sobre o Japão, quando vimos que uma cidade inteira podia ser transformada em fogo e cinzas, isso mudou a psicologia do país. E quando digo “psicologia”, estou me referindo a isso muito literalmente. Veja o rádio, por exemplo. O rádio faz com que todo mundo sinta a mesma coisa ao mesmo tempo. Assim, em vez de milhões de pensamentos distintos, temos uma única e gigantesca obsessão. O rádio comanda nossa reação imediata. Está me entendendo?

— Sim. Já vi isso.

— Aquela bomba nos deixou apavorados. No íntimo, ficamos horrorizados porque a usamos. Tudo bem, a bomba encerrou a guerra, salvou a vida dos norte-americanos, e assim por diante. Mas todo mundo se sente culpado, no fundo. Criancinhas japonesas que viraram pó, sabemos que isso aconteceu. Como não se sentir mal?

— Tenho certeza de que nos sentimos.

— Certo. Usamos a bomba. Nós nos convencemos de que somos pessoas muito especiais, para usarmos essa arma. No cenário ideal, gostaríamos de pensar que ela nos foi entregue por Deus, criada para nosso próprio uso e de ninguém mais — e se

inclinou, os olhos e o cigarro incandescentes. — Você escreveu um livro sobre esse assunto, não é?

— Você leu meus livros?

— Claro que os li. Você é um cliente importante, eu li seus livros. Você, entre todas as outras pessoas, entende. De repente somos os escolhidos por Deus, temos essa bomba, e é melhor termos certeza de que ninguém mais a terá. Precisamos fazer uma faxina na nossa casa. Você consegue imaginar o que aconteceria se a Inglaterra também tivesse a bomba, a França, a Alemanha, o Japão e a União Soviética, se todos tivessem essa bomba? Como uma pessoa conseguiria dormir à noite?

— Esses países mal têm um exército agora, estão em ruínas. Todos, menos a União Soviética.

— Certo. A União Soviética. Você entende.

— Achei que não tínhamos nada a temer, exceto o próprio medo.

— Você entende, é justamente isso o que estou dizendo. O rádio. Ele inventa para nós uma psicologia. Eis o que aconteceu ao medo. Winston Churchill disse “cortina de ferro”. Você viu como todos ficaram loucos por causa disso?

— Claro.

— Depois Truman disse “Toda nação tem de decidir”. Você está de um lado da cortina, meu amigo, ou então está do outro. E John Edgar Hoover, meu Deus, esse cara. John Edgar Hoover diz que essa cortina é o que nos separa de Satã e também talvez da lepra. Você chegou a ouvir o depoimento dele ao Congresso?

— Li algumas partes.

— “A marcha enlouquecida do fascismo comunista nos Estados Unidos. Ensinando nossa juventude um modo de vida que destrói a santidade do lar e o respeito pela autoridade. O comunismo não é um partido político, e sim um modo de vida mal e maligno”. Foram essas as palavras dele. Uma doença. É necessária uma quarentena para impedir que a nação seja infestada.

— Li isso. Mas os jornais exageram. Não acreditei muito que ele tivesse dito tudo aquilo.

— Tem razão. Talvez ele não tenha dito. Mesmo assim, nesse caso, parece que disse. Tenho a transcrição do depoimento porque ele faz referência a alguns dos meus clientes.

— Por que ele disse aquilo? Quero dizer, quais são seus motivos racionais?

— A racionalidade não está no âmbito dessa discussão. Ele é um homem entusiasmado. Chefia uma agência poderosa. Os jornais adoram esse tipo de coisa, como você mesmo diz. É um momento histórico, meu amigo. Você se pergunta por que recebeu essa carta. Estou tentado a lhe explicar com um desenho.

— Essa é mesmo a assinatura dele?

— Não. Eles têm uma máquina. Li que Frank Sinatra também tem uma, para os autógrafos. Talvez você precise de uma. Bem, você sabe alguma coisa a respeito desse Comitê Dies?

— Ouvi falar dele. Há alguns anos eles entraram em contato com meu chefe para que ele viesse aos Estados Unidos e testemunhasse. Isso foi no México. O Departamento de Estado providenciou vistos para nós, mas o depoimento nunca aconteceu.

— Seu chefe mexicano tinha algo a dizer sobre atividades antiamericanas?

— Ele não era mexicano, ele estava exilado lá, sob ameaça de morte feita por Stálin. Por isso ele tinha muito o que dizer sobre o homem. Foi antes da guerra, quando os Estados Unidos estavam forjando uma amizade com Stálin. Trótski achava que os Estados Unidos estavam sendo ludibriados. Eles precisavam saber que Stálin era traiçoeiro.

— Trótski.

— Lev Trótski. Ele era o meu chefe.

As cinzas do cigarro caíram no chão. Por um instante, o advogado pareceu prestes a fazer o mesmo. Ele se endireitou, balançou a cabeça lentamente e pegou a carta sobre a mesa.

— Vou lhe dar um conselho. Nunca diga que já trabalhou para o líder da Revolução Bolchevique.

— Eu era um cozinheiro. E ele era o Trótski. Ele odiava Stálin até mais do que J. Edgar Hoover odeia. Passou a vida inteira tentando derrubar o politburo soviético. O Partido Comunista dos Estados Unidos o difamava.

— Digamos que tais sutilezas se perderam para o Clube Feminino da sua secretária e também se perderam para o Comitê Dies. A maioria deles não sabe o que é o comunismo, não saberia

distingui-lo de algo remotamente parecido. Eles só sabem o que significa *anticomunismo*. Duas coisas praticamente sem relação uma com a outra.

— Você está me dizendo que o anticomunismo não tem relação alguma com o comunismo. Isso não faz sentido.

— Não faz sentido para você. Você é um homem das palavras, por isso acha que estamos falando aqui de atum e de gente que não gosta de atum, mas não. Estamos falando de atum e gripe espanhola — disse, pegando os óculos entre os papéis sobre a mesa. — Todos os antigos endereços e antigos empregadores — leu. — Escolas e faculdades, organizações de que foi membro.

— O que devo responder?

— Diga a eles exatamente o que eles já sabem. México, eles provavelmente sabem muito pouco. Registro no serviço militar, eles sabem. Onde você serviu?

— No serviço público. Foi por isso que tudo começou. Eu ajudei a transportar propriedades do governo para o Departamento de Estado durante a guerra.

— Serviço público, então você era um 4F?

— Algo assim.

Ele esperou. A intensidade do olhar do homem era extraordinária.

— Inapto para o serviço militar — eu disse.

— Certo. Inapto para o serviço militar em razão da indiferença sexual pelas fêmeas da espécie. Jamais poderia imaginar.

— Eles se ofereceram para me internar num hospital psiquiátrico, a fim de que eu fosse avaliado. Mas, de repente, meus talentos específicos foram necessários em outro lugar, transportando obras de arte de Washington. Ambas as costas estavam sob ataque, por isso era algo muito urgente.

— Isso foi quando? 1942?

— No fim do verão, logo depois que os japoneses lançaram seus planadores-bombardeiros daquele submarino que entrou pelo rio Colúmbia. Parecia uma boa hora para o país esconder seus tesouros.

— Você está me confundindo. Se não fosse pelos japas terem atacado o Forte Stevens...

— Isso mesmo. Eu teria sido enviado para o hospício com a Zelda Fitzgerald. Em vez disso, moro na mesma rua do hospital, numa casa que comprei com o salário do Tio Sam.

— Shazam — disse Artie. — Vale tudo no amor e na guerra.

— Acredite, sei disso. Mais do que a maioria.

— Bem, para o bem ou para o mal, tudo isso eles já sabem sobre você. O que mais? Que histórico de empregos eles têm em seu arquivo no Departamento de Estado?

— Não sei ao certo. Acho que meu nome deve ter chegado até eles por meio de uma galeria de Nova York onde eu entreguei pinturas trazidas do México. Ou da escola onde ensinei espanhol.

— Certo. Mencione isso. E qualquer coisa que você lembrar de ter citado nos seus registros nesses estabelecimentos. Filiação a uma igreja, esse tipo de coisa, para maquiagem o currículo. Se bem que você não é uma pessoa sociável, como já disse. Portanto, cite as escolas primárias que frequentou no México, aquela em Washington. O nome do pintor que o enviou a Nova York.

— Eles vão mesmo conversar com os professores da Academia Potomac?

— E daí, eles descobrirão que você foi aluno de lá. Não quero deixá-lo muito preocupado, mas trapaças escolares não estão hoje entre as nossas maiores preocupações.

3 de setembro

Hoje Olho de Touro foi embora e isso foi tudo o que levou consigo: trapaças escolares, promessas quebradas, dormitórios e acordos secretos. Um menino invisível fez um manifesto, visto pela primeira vez por outros olhos, se bem que por pouco tempo. Uma cidade de memórias desapareceu no fogo e nas cinzas, e não pode haver qualquer remorso.

A sra. Brown não toleraria ver o diário queimado na lareira. Mas por fim ela mesma fez o trabalho, do lado de fora, num barril onde queimava papéis usados. “Academia Potomac 1933” deixou este mundo.

A princípio, ela se opôs.

— O senhor precisa de seus diários — insistiu. Sem os cadernos, ela teme que eu confundirei todas as coisas, como Tristram Shandy. Ela ainda se recusa a acreditar que as memórias não serão escritas. Eu a olhei nos olhos e fui franco.

— Olhe, sra. Brown. A senhora é uma pessoa prática. E me conhece. Por isso, não peça pelo impossível. Estou trabalhando num livro diferente agora.

— Foi o que o senhor disse.

— Foi uma ideia equivocada, a do livro de memórias. Expor minhas entranhas ao público. E, para começar, não foi ideia minha, a senhora se lembra. Eu lhe disse que havia desistido quando descobri que o livrinho-caixa com capa de couro estava perdido. Na verdade, eu deveria ter me livrado de todos eles, assim deixaria de me importunar com isso. Mas vou começar por este.

Ela viera meia hora antes, como todos os dias, e me surpreendeu. O caderno grande e de capa dura em minha mão. Eu estava me perguntando como lançar aquele incômodo ao fogo; o exército costuma fabricar coisas indestrutíveis. Impresso visivelmente na capa: “Academia Potomac”. Ela provavelmente podia ver as imagens nuas dentro, como se me pegasse com uma revistinha pornográfica. Devo ter ficado todo vermelho.

— Se a senhora não me deixar queimá-lo agora, eu simplesmente o queimarei depois que for embora, à noite.

— Faça como quiser, esta noite — e sem dizer mais nada, ela foi para a sala de jantar, espalhou seu trabalho sobre a mesa e não falou muito mais durante todo o dia. Mas às cinco horas ela subiu as escadas e apareceu na porta do meu estúdio. — Sr. Shepherd, podemos conversar?

— Tudo bem.

— É uma coisa que o deixa triste, não? Naquele caderno que o senhor agora quer queimar.

Ela havia aprendido muito com seu chefe instável. Os ataques de pânico do mês passado, por exemplo. Um agosto melhor do que muitos, mas ela ainda aguenta o impacto.

— Não é nada especial, sra. Brown. Só que já estou pronto para me livrar do meu tempo de escola.

— Qualquer pessoa ficaria incomodada, com agentes federais metendo o nariz na sua vida.

Ela sabia que a tarefa já teria sido feita se ela não tivesse, por acaso, pegado o ônibus mais cedo esta manhã.

— Sr. Shepherd, não tenho nenhum interesse em privá-lo de suas vontades e propósitos. Dê-me o caderno e o trabalho será feito.

Ela o levou para o jardim dos fundos. Eu fiquei olhando da janela do andar superior, imaginando se ela teria dado uma olhada no conteúdo; é possível que eu a estivesse testando. Mas ela não olhou. Foi decisão dela queimá-lo no barril, com os envelopes usados e as cartas borradas do dia, e não na sala de estar.

— Aqui o tempo ainda está quente — disse ela. — O que seus vizinhos vão pensar se virem fumaça saindo da chaminé num dia quente de setembro?

Ela está lá fora agora. O lixo da semana jogado dentro de um barril de piche, o caderninho de capa dura pairando vividamente no centro, as folhas escurecidas impossivelmente finas e intactas, curvando-se antes de se desintegrarem. Ela se afastou do calor do barril, mas permanecerá no seu posto até que tudo tenha virado cinza. Vista de cima, ela está emoldurada pelas cercas em ambos os lados de um estranho tabuleiro: a sra. Brown destrói a prova. Seu chapéu, a boininha azul, molhada com gotículas escuras enquanto uma chuva leve de verão começa a cair.

Agora o trabalho está feito.

8 de setembro

Hoje começa a calmaria. Depois de um fim de semana gasto reunindo uma bagunça de anotações, transformando-a em prosa de verdade, finalmente produzi uma evidência de um novo livro. Não uma desculpa qualquer para evitar o livro de memórias, e sim dois capítulos rascunhados de um romance que se passa em Yucatán, entregues para a sra. Brown. O cenário está me causando problemas, já que nunca estive em Yucatán. Preciso visitar Chichén Itzá, as rochas dos templos.

As sobranceiras da sra. Brown se arquearam só de ouvir os nomes em voz alta. Você é capaz de ver os anseios da infância ainda dentro dela. A menina, escondendo-se em algum galinheiro da irmã Parthenia, virando, sonhadora, as páginas da *Geographic*.

Eu lhe pedi para ligar para o aeroporto Asheville-Hendersonville e descobrir como a Pensilvânia Central Airlines pode chegar até Mérida. A Cidade do México é, provavelmente, a melhor aposta. Passagem não para um. Para dois.

22 de setembro

Harrison W. Shepherd

Av. Montford, 30, Asheville, Carolina do Norte

Caro sr. Shepherd,

Permita-me apresentar os nossos serviços. A Aware, Inc. é um escritório de advocacia privado cujos programas são independentes de qualquer agência governamental. Nossa empresa publica um conhecido diretório, Contra-Ataque, usado para auxiliar em contratações em várias indústrias de entretenimento e serviços correlacionados. Patrões do país inteiro aprenderam que podem contar com nossa pesquisa.

Temos informações que acreditamos ser importantes em relação à sua investigação federal atual. Temos provas que sugerem que seus livros estão sendo lidos por comunistas na China e que o senhor se opôs ao uso da bomba atômica. Temos uma história ligando o senhor a Charles Chaplin, que quase sem dúvida é um comunista. Não estamos sugerindo que o senhor seja, de fato, um comunista. Em muitos casos, nossos clientes descobrem que foram forjados, como resultado de gestos distorcidos de alguém que é, de fato, comunista. Todos os dias, pessoas inocentes em nosso país se tornam vítimas nas mãos de sinistras manobras em favor da causa comunista. O tamanho da rede de atuação deles é, infelizmente, subestimado por muitos. O Procurador-Geral Clark nos forneceu uma lista de noventa organizações que o Departamento de Justiça acredita que sejam Nichos Comunistas. Quase qualquer um pode,

sem querer, ter se deparado com uma pessoa trabalhando disfarçado para uma dessas organizações.

Por uma taxa de US\$ 500, oferecemos a inestimável oportunidade de limpar seu nome de várias acusações, incluindo as citadas acima. Pedimos que o senhor entre urgentemente em contato conosco para discutirmos essa oportunidade de lhe assegurarmos nossos serviços.

Sinceramente,

LOREN MATUS,
DIRETOR, AWARE, INC.

23 de setembro

— Nada feito — diz Artie Gold. — Diga-lhes isso, seu advogado diz nada feito, vá pastar e adeus. Essa carta você não precisa nem responder.

Artie concordou com uma reunião de emergência sob a condição de convidarmos seu amigo de 12 anos, Grant. Haha, como ele diria. Grant é um uísque escocês. Nós nos encontramos no centro, na Rua Patton, mas a caminho do bar ele teve de cumprir alguns compromissos. Na loja de artigos masculinos Coleman's para pegar uma camisa. ("Margaret diz que se eu aparecer mais uma vez vestido como um mendigo, ela vai me colocar num asilo. São os pais do marido dela, eles são esnobes.") Depois, no sapateiro, para ressuscitar alguns pares que deveriam ter sido enviados para o crematório. Por fim, Finkelstein's Pawn.

— É assim que você costuma impressionar seus novos clientes?

Artie havia entregado o vale pela grade de metal e estávamos esperando pelo produto.

— Ah, não se preocupe, não estou morando na sarjeta ainda — disse ele. — Por mais que eu quisesse dizer o mesmo de alguns de meus clientes. Esse vale me foi dado como pagamento, um belo sobretudo de pele de camelo, pelo que me disseram, por uma conta no valor de apenas dez dólares — Artie abaixou o tom da voz. — Vou devolvê-lo ao coitado no inverno.

O bar é o Leo's, uma espelunca no estranho prédio que fica na esquina estreita entre a Battery e a Wall.

— Esse lugar é bom para você? Serve para impressionar um novo cliente?

— Está ótimo. Desculpe, foi uma brincadeira.

— Tudo bem. O Leo's não é muito elegante, mas permite a minha entrada.

Com cuidado, ele dobrou e pendurou seu guarda-roupa no banquinho ao lado: o casaco de camelo, a camisa, os sapatos. A moça no bar buscou a garrafa de Grant assim que ele surgiu na porta, voltando com dois copinhos pendurados nos dedos como dedais. Artie parecia distraído, observando-a encher os copos, finalizando seu cigarro.

— Aquele clube na Bent Creek, você o conhece? Recentemente tive um cliente muito importante que se mudou para cá vindo de Hollywood, um cliente em potencial, eu deveria dizer, não vou citar nomes, ele queria me levar para esse clube de golfe para jantar, Bent Creek. Para celebrar, para nos conhecermos. Sr. Heston, eu disse para ele, o senhor já viu o material promocional deles? “Cuidamos para ter a melhor classe de clientes. Nós nos reservamos o direito de recusar servir qualquer pessoa considerada incompatível.” *Incompatível!*

— Charlton Heston é seu cliente?

— Por acaso, não.

A garçonete voltou para o outro lado do bar, limpando copos com um pano vermelho, mas mantendo os olhos em nós. Cílios escuros, rosto proeminente, um laço vermelho ao redor dos cabelos pretos, amarrado no alto. Uma moça alta, de cintura comprida, mas ainda assim havia algo de Frida nela. O modo como carregava aqueles copos com os dedos. Provavelmente violando alguma norma de higiene, mas ela ignora. Os homens querem seus lábios nas pontas dos dedos dela.

— Hei, e quanto àquele Jackie Robinson? — perguntou Artie do nada. Sua mente corre como um trem, e ele joga coisas pela janela com uma rapidez incrível. — Você é fã de beisebol, Shepherd?

— Eu deveria pedir desculpas por todas as coisas que não conheço. Você talvez descubra que sou tão bronco quanto o sr. Heston. Beisebol é algo que os meninos aprendem com os pais, eu acho.

Ele fez que sim. Por mais que fosse um falastrão, Artie também sabia ouvir.

— Não fui criado neste país. Na verdade, não fui criado.

Artie deixou escapar uma risadinha, sem deixar de ser solidário, e bebeu toda a dose de Grants.

— Se uma pessoa não é criada, o que acontece? Amadurece feito uma semente?

O uísque era ao mesmo tempo forte e macio, como um charuto. Doze anos esperando por um momento, esta garganta.

— Não. Nas cozinhas e provavelmente nas minas de sal deste mundo, muitas crianças não são criadas, e sim moldadas em certa forma, Artie. Para serem úteis. Sobrevivendo graças à sua utilidade.

— Isso eu sei que é verdade, você tem razão. Muito bem dito. Nesse caso, apesar da falta de um pai, já ouviu falar de Jackie Robinson?

— Eu leio os jornais. O jogador negro que eles deixaram que entrasse na liga dos brancos.

— Eu vi o homem jogar no Estádio McCormick Field neste verão. Eu estava lá.

— E como foi?

— Sensacional. O segundo ou terceiro jogo dele com os Dodgers, e eles o ignoraram aqui em Dixie. A parte dos negros estava cheia como o último ônibus saindo de Arnhem, e o restante das arquibancadas, vazio. Como se alguém tivesse gritado que eles estavam distribuindo germes da pólio para os brancos naquele dia. Eu peguei um bom lugar, sabia?

— Aposto que sim.

Ele abriu a carta e a pôs sobre o balcão. A primeira, de J. Edgar Hoover, ele mal olhou, mas esta ele estudou com um cuidado extremo. Apesar disso, o veredicto: nada feito.

— Minha secretária queria queimar isso junto com o lixo.

— Boa moça. Você deveria lhe dar um aumento.

— Bem. Eu a estou levando para o México.

— *Mesmo?* — uma risadinha maliciosa.

— Como minha assistente, Artie. Ela tem 47 anos, para começar. Além do mais, não faz o meu tipo.

— Ah, sim. Eu lembro.

— Você é apenas a terceira ou quarta pessoa que sabe disso sobre mim, por sinal. O Recrutamento, Deus, você sabe. Uns poucos outros. Mas com certeza minha mãe nunca percebeu.

— Por favor. A descrição faz parte do meu negócio, e eu a levo a sério.

— A sra. Brown é meu braço direito. É uma viagem de pesquisa e precisarei me ausentar por alguns meses. Ela ligou pedindo sua ajuda com o passaporte.

— Certo, eu lembro. Bem, a opinião dela sobre essa carta do começo ao fim. A Aware Incorporated estava totalmente com a razão.

— Não é um formulário — eu disse. — Essas coisas são muito específicas. Charles Chaplin. Meus livros sendo lidos por comunistas na China. Tenho de ser sincero, fiquei pasmo.

— É o que eles pretendem, pasmá-lo. É um verbo? Posso dizer isso?

— Talvez.

— Eles usam o ataque-surpresa: eles o deixam pasmo. Você lhes dá quinhentos mangos.

— E depois o jogo termina?

— Não exatamente. Essas publicações que eles mencionam são verdadeiras. Eles reúnem nomes de supostos comunistas e os publicam em diretórios.

— Quem os lê?

— Os executivos. Os produtores de rádio, os estúdios de Hollywood, até as redes de supermercados. É útil, não cria confusão. Eles podem garantir aos anunciantes que estão tomando todas as precauções possíveis para não contratar comunistas.

— Mas antes de me colocar na lista, ele está oferecendo a oportunidade de limpar meu nome, por um preço.

Artie abriu os braços.

— Deus abençoe a América.

— Isso é chantagem. Os patrões têm de saber que as listas são uma fraude.

— É o que você acha. Mas esse cara, Matus, adquiriu certa fama. Ele foi membro do Partido Comunista. Há vinte anos, quando todo mundo, incluindo sua tia Frances, era membro do Partido

Comunista. Agora ele vai ao FBI, oferece para limpar seu nome. Antes que você perceba, está diante do Comitê de Atividades Antiamericanas, a coisa toda. Até agora ele já se lembrou do nome de centenas de ex-membros que agora trabalham para o governo e a mídia, e, por uma taxa adicional, ele se lembrará de outros nomes. É incrível, a memória dele. O *New York Times* é um grande empregador de comunistas, diz ele. A *Time* e a *Life* também. Esse cara é um gênio.

— E tem seu próprio negócio à margem.

— Um empreendedor.

— Ninguém pode levar isso a sério.

A moça ainda estava nos observando. Do lado oposto, apoiando-se de costas para o bar, remexendo no camafeu preso a um laço ao redor do pescoço.

Artie suspirou.

— Tenho um cliente. Um ex-presidente de uma importante faculdade sulista. Serviu no Corpo Operário de Guerra. Atualmente é presidente da Conferência do Bem-Estar Social do Sul. Um cara muito elogiado, consultorias e palestras constituem a maior parte de seu rendimento. De repente, ele não tem mais rendimento, tem protestantes. Essa organização antirracista que ele preside acabou citada, na lista do Procurador-Geral, como uma das tais noventa organizações comunistas.

— Com a autorização de quem? Loren Matus?

— O Comitê de Atividades Antiamericanas, em sua infinita sabedoria, inventou o que eles chamam de prova de fogo para revelar as intenções reais de uma organização. Quer saber quais são seus critérios? Qualquer um dos seguintes basta. O primeiro: ela demonstra lealdade total à União Soviética? Segundo: ela se recusa a condenar a União Soviética? Terceiro: ela tem o apoio da imprensa comunista? Quarto: ela demonstra uma tendência antiamericana, a despeito de declarar seu amor pelos Estados Unidos?

— Então, se você ama os Estados Unidos, mas odeia as leis de segregação racial...

— Sim. Isso pode ser considerado uma tendência antiamericana. Deixe-me lhe fazer uma pergunta retórica. A Sociedade Americana

dos Poodles condenou explicitamente a União Soviética? — e fez sinal para a garçonete, que se aproximou imediatamente, como se puxada por uma corda. Encheu os copos, os olhos cuidadosamente baixos. Depois o sorrisinho rápido, um vislumbre dos dentes fortes com uma falhazinha no meio. Depois se afastou, desenrolando a corda.

— Deixe-me lhe perguntar uma coisa — disse Artie. — Uma pergunta pessoal, se me permite. Quando você olha para uma menina bonita, você percebe sua beleza?

— Uma pergunta justa. Quando você olha para um belo quadro, você percebe sua beleza? Você vê a cor e a forma, certo? Amabilidade, atração, grandiosidade. Talvez até excitação. Então me diga, Artie. Você quer transar com a pintura?

— Desculpe, meu interesse não é lascivo. Sou apenas um homem curioso. A curiosidade matou o gato, minha esposa costumava me dizer com bastante frequência.

— Então, esta carta. Está me aconselhando a ignorá-la?

— Estou lhe dizendo — disse bem devagar — que você está sendo abordado por uma serpente. Você poderia tentar argumentar racionalmente com a serpente ou poderia lhe fazer uma contribuição em dinheiro. Mas o provável é que a serpente o atacará de qualquer jeito.

O uísque Grant doze anos é um poderoso anestésico.

— Por sorte, nada disso importa, porque não estou procurando emprego nesse momento. Já tenho o único emprego que quero.

— Sorte sua. Você é um escritor, empregado pela imaginação americana. Seu editor não tem de dar satisfação a quaisquer anunciantes, somente a seus leitores.

— *Empregado pela imaginação americana.* Gosto muito disso.

— Eles estão mesmo lendo seus livros na China?

— Nossa, não! Nem na França. Alguns críticos disseram: “não se surpreenda se esse livro aparecer na China”. Uma coisa assim. Eles também disseram que eu era chapliniano.

— Bem, muitos artistas não têm a mesma sorte que você. O sr. Chaplin, por exemplo. Estrelas de cinema, diretores, roteiristas de televisão. Todos eles têm de ser produzidos, o que exige

anunciantes. A indústria está se tornando lucrativa para coisas como a Aware Incorporated.

De repente a moça voltou sem ser chamada.

— Você é o escritor, não é? Sou louca por seus livros.

— Que escritor?

— Harrison Shepherd?

— Que estranho. Você é a segunda pessoa que me pergunta isso.

— Ah, desculpe, me enganei — ela se afastou, um barco à deriva, e desapareceu pela porta dos fundos.

Artie ajeitou o corpo curvo, apoiando-o no bar, para admirar melhor seu companheiro estúpido.

— O que há de errado com você? Ela é um docinho.

— Eu sei. Sou grato. A todas essas moças, sou mesmo.

— Então você poderia autografar uma porcaria de guardanapo. Isso a teria deixado feliz.

— É exatamente isso que não consigo entender, Artie. O que a deixou entusiasmada foi o livro. Ela quer um herói, não um varapau magro sentado num bar.

— Mesmo assim. Na chuva, você se molha.

— Sabe como me sinto, o que significa para mim me fazer de importante? É o mesmo que repassar dinheiro falso. Olhe para ela: ela é linda. Meu nome, só um pouco de tinta num guardanapo. Como é possível que isso torne seu dia feliz?

Artie se virou para olhar para o bar, tirando um maço de Old Golds do bolso.

— Então Matus, a serpente, entrou em contato comigo porque a proposta de adaptação para o cinema chamou a atenção dele. É isso o que você acha?

— Você sabe o que se diz por aí. Se Deus quer puni-lo, ele atende a suas preces.

— Artie, não pedi por uma adaptação para o cinema. Isso me deixa desconfortável. Não gosto de chamar a atenção.

— Nesse caso, é curioso que tenha escolhido essa profissão.

— É o que as pessoas acham. Se uma pessoa é famosa, deve ser porque quer chamar a atenção do público. Mas, para mim, escrever livros é uma maneira de viver de pijama.

Artie fez que sim vigorosamente.

— Entendo seu ponto de vista. As pessoas acham que advogados são como uma gangue de assassinos, e eu, eu sou incapaz de matar um peixe. A Margaret diz que eu deveria sair para pescar. Daí eu penso, um velho molenga como eu? O que eu faria se pescasse um peixe? Pediria desculpas?

3 de outubro

Duas passagens de avião compradas, assentos de ida e volta para o México, ao custo de US\$ 191 cada. Uma soma incrível, mas tudo pelo cumprimento do dever; Arthur Gold diz que pode conseguir alguma dedução no imposto de renda mais tarde. Ele está ajudando a sra. Brown com os pedidos de passaporte. Reservas de acomodações enviadas para Mérida, e um aviso para Frida, na esperança de uma visita, ainda que Diego com certeza esteja fora do país. Rômulo dará comida aos gatos e cuidará da casa durante oito semanas, terei de me lembrar de lhe trazer um belo presente.

A sra. Brown já está preparada, a mala quase feita, ainda que a viagem só vá acontecer daqui a seis semanas. Nenhum preço é alto demais para essa alegria. Seu entusiasmo pela aventura é uma coisa que eu realmente gostaria de aprender com seu exemplo. Ela me faz ansiar pelo menino que antigamente era capaz de nadar quilômetros sob a água, à procura de tesouros.

Hoje brinquei com ela, perguntando-lhe se eu precisava tomar cuidado com algum homem que talvez ficasse incomodado por eu a estar tirando da cidade assim. Ela fechou os olhos e depois me deu as costas.

— Bem, não é impossível — eu disse. — Sei que a senhora é uma mulher atraente. E estou vendo que ultimamente tem se maquiado mais.

Ela realmente ficou com vergonha. Besteira, sra. Brown. Ela disse que eu não precisava me preocupar. Caso qualquer homem se interessasse por ela, eu seria o primeiro a saber.

The New York Times, 23 de outubro de 1947

79 Pessoas em Hollywood Consideradas Subversivas, Diz Inquérito

Acusação de Espionagem Comunista Será Feita na Próxima Semana, Declara Thomas

Por Samuel A. Tower, especial para o The New York Times

WASHINGTON, 22 de outubro — Atores, escritores e outros em Hollywood foram citados hoje como membros do Partido Comunista ou como simpatizantes comunistas. As acusações foram feitas pelo ator Robert Taylor, entre outros personagens do cinema, durante o terceiro dia do inquérito do Comitê de Atividades Antiamericanas sobre a extensão da infiltração do comunismo na indústria cinematográfica.

Ao mesmo tempo, a indústria do cinema, reagindo à crítica persistente do comitê, que afirma que nenhum filme anticomunista está sendo produzido, declarou, por meio de seu advogado, Paul V. McNutt, que sugestões relacionadas a filmes representam “uma forma de censura” e que “são uma afronta à liberdade de expressão”.

O presidente do comitê, J. Parnell Thomas, afirmou que, na próxima sessão, o comitê mostrará evidências de que “ao menos 79 pessoas” em Hollywood estão envolvidas em atividades subversivas. Depois de uma sessão executiva, o comitê anunciou que, na próxima semana, apresentará provas de espionagem comunista, com uma testemunha surpreendente, que afirmou que dados confidenciais relacionados a um avião militar supersônico caíram das mãos dos comunistas por meio de um agente literário de Hollywood.

O sr. Taylor, que chegou a tempo de aparecer na sessão da tarde, foi recebido com entusiasmo pelos espectadores, na maioria mulheres que lotaram as galerias. Lá fora, houve confusão, já que aqueles que não conseguiram entrar se lançaram contra a polícia do Capitólio. Em seu depoimento, ele declarou: “Pessoalmente, acredito que o Partido Comunista deveria ser considerado ilegal. Se eu pudesse, seriam todos enviados para a Rússia”. Diante do

aplauso que isso gerou entre os presentes, o presidente Thomas repreendeu os espectadores e pediu que não houvesse mais manifestações do gênero.

O sr. Taylor afirmou haver “mais evidências” de atividade comunista em Hollywood nos últimos quatro ou cinco anos, mas foi cauteloso em seu depoimento depois que os interrogadores do comitê lhe pediram dados específicos sobre essas atividades e sobre o nome de alguns indivíduos. Ele disse que, como membro do Sindicato dos Atores, acreditava que não havia nenhum ator ou atriz “que, se não fosse comunista, estivesse se esforçando muito para sê-lo”, e cuja filosofia e tática se assemelham muito às das diretrizes do Partido Comunista. Esse grupo constitui o que ele chamou de “influência nefasta”. O belo ator declarou que o filme *Canção da Rússia* era, em sua opinião, propaganda comunista, e que ele se opôs “ferozmente” a participar da produção. Acrescentou, contudo, que a indústria na época estava produzindo vários filmes para reforçar o sentimento do povo americano em favor da Rússia. O sr. Taylor disse que nunca trabalhou conscientemente para um comunista e que jamais o faria. Depois de vinte e cinco minutos de depoimento, o belo ator saiu sob aplausos e gritos de “Vivas para Robert Taylor”, de mulheres de meia-idade usando chapéus vermelhos.

Os membros do comitê perguntaram ao executivo da MGM, James K. McGuinness, encarregado dos roteiros do estúdio: “A indústria produzirá filmes anticomunistas? Por que tais filmes ainda não foram feitos? Por que os estúdios não conseguiram produzir tais filmes e distribuí-los para as escolas, como filmes patrióticos de guerra?”

O congressista Emanuel Celler, democrata de Nova York, atacou o inquérito, dizendo que ele “deixaria todos os verdadeiros norte-americanos mortos de vergonha”. “Se o presidente Thomas pretendia aterrorizar os magnatas do cinema, ele conseguiu. Eles ficaram apavorados. Um dos aspectos principais dessa farsa deve ser mencionado. Hoje são os filmes. Amanhã podem ser os jornais ou o rádio. A ameaça às liberdades civis é real.”

31 de outubro

Apreendi, por experiência própria, a fazer biscoitos muito cedo. Eles vêm à porta vestidos como duendes. Quando a campainha soou, logo depois das quatro horas, a sra. Brown levou o prato para a porta. Mas era um homem, claramente audível. Eu estava na cozinha, limpando-a depois do trabalho da tarde. Farinha cobria tudo como geada.

— Não, ele não pode — disse ela, numa voz firme. — O sr. Shepherd está indisposto.

Seus instintos de proteger o chefe são infalíveis.

— A senhora é a responsável pela casa?

— Sou a secretária.

O distintivo a assustou e ela não conseguiu se lembrar do nome. FBI, até aí ela se lembra. Ele viera fazer algumas perguntas ao sr. Shepherd, mas ele estava indisponível. A sra. Brown estava disposta a responder a quaisquer perguntas, na medida do possível.

Depois disso, ele foi embora, ela entrou na sala de jantar e baixou a cabeça à mesa. Preparei o café. Depois, juntos, lembramos e escrevemos. Para mostrar a Artie depois.

— Há quanto tempo ele vive nesta casa?

(Ela achava que há uns cinco anos.)

— Não — disse o homem. — O sr. Shepherd comprou esta casa em outubro de 1943.

— Então por que pergunta?

— Ele tem uma hipoteca?

— Se uma pessoa tem uma casa, tem uma hipoteca. Claro que você já tem todos os detalhes.

— Onde ele vivia antes?

— Ele alugava um quarto de Marian Bittle na pensão dela, na estrada Black Mountain. Aquela que eles chamam de Tunnel Road.

— E antes de vir para Asheville?

— Não sei. Acho que não posso responder a nenhuma pergunta.

— Bem, a senhora terá de se esforçar. Ordem Executiva 9.835.

— O que é isso?

— Isso significa que vai ter de tentar. Se o FBI está perguntando, a senhora responde. Onde ele comprou o carro? É um carro bem caro. Ou era, na época.

— Acho que o carro pertencia a seu falecido pai.

— Notei uma garrafa vazia de Remy no lixo. O sr. Shepherd bebe muito?

— Não sei. Acho que terminamos. O advogado do sr. Shepherd prosseguirá com isso, se for o caso.

— Olhe, minha senhora, não se irrite. Uma investigação não significa necessariamente que ele está sob suspeita. Estamos conduzindo uma investigação de campo.

— Sobre o quê?

— Nada fora do comum.

— O senhor não pode me dizer o que vocês acham que o sr. Shepherd fez?

— Não, senhora, não podemos.

— Mas, se ele estivesse aqui, vocês lhe diriam?

— Não, senhora, não podemos dizer esse tipo de coisa ao acusado, por questões de segurança. A senhora, por acaso, sabe quanto ele ganha?

— Pelo amor de Deus! Ele é um escritor. Nem ele seria capaz de dizer o valor mês a mês. Por acaso o senhor sabe quantos livros as pessoas comprarão no ano seguinte?

— Ele frequenta algum tipo de reunião?

— Não.

— Bem, os vizinhos dizem o contrário. Eles o veem pegar o ônibus Haywood todas as quintas-feiras. Mas em outros dias ele só vai ao mercado ou à banca de jornais.

— O sr. Shepherd vai à biblioteca às quintas.

— Por que com tanta regularidade?

— Ele gosta de manter seus hábitos.

— A senhora sabe que revistas ele lê?

— Ele compra de tudo na banca de revistas da Haywood. O senhor pode ir até lá e fazer uma lista, se quiser.

— A senhora por acaso sabe se ele já estudou a obra de Karl Marx?

— Vá até lá e veja se vendem Karl Marx na banca de revistas.

— A senhora sabe onde o sr. Shepherd admira arte abstrata?

— Bem, se ele quiser dar uma boa olhada, acho que ele a admira bem de frente.

— Muito engraçado. Pode me dizer o nome do gato dele?

— Ah, os gatos também estão sob suspeita?

— Os vizinhos dizem que o ouvem chamar os gatos com uma palavra obscena.

— Nunca ouvi o sr. Shepherd usando linguagem obscena contra qualquer pessoa. Com certeza, não para chamar seus gatos.

— Bem, os vizinhos dizem que ele usa. Eles dizem que ele usa uma palavra bem vulgar para chamar o gato. Eles estão preocupados com as crianças. Eles dizem que um menino vem sempre aqui.

— Minha nossa! Do que eles acham que ele chama o gato?

— Desculpe, minha senhora, é uma palavra muito vulgar. Eles dizem *Jism*.^[5]

— O nome do gato é Chisme, que significa “fofoca”.

Mérida, Península de Yucatán

Novembro de 1947

Notas para um romance sobre o fim do Império.

Quando os homens de Cortés chegaram aqui pela primeira vez, perguntaram, em espanhol:

— Qual é o nome deste lugar?

Dos nativos maias, recebiam sempre a mesma resposta:

— Yucatán!

No idioma deles, significa: “Não entendo o que vocês dizem”.

O apartamento é decentemente espaçoso, dois quartos e mesa de bom tamanho para trabalhar no cômodo principal, com a janela dando para a rua. A cozinha e o banheiro são juntos, de modo que não há necessidade de cozinhar. É fácil demais descer até o restaurante no pátio interno, pela manhã ou à noite. Os antigos moradores devem ter sentido essa mesma preguiça, porque um enorme pé de feijão crescia pelo ralo da pia quando chegamos. Eu me ofereci para colocá-lo num vaso na sacada e chamá-lo de nosso jardim.

A sra. Brown não riu da piada. Ela não se submete a nem um pouquinho de domesticidade aqui, exceto pelo café que ela já fazia em casa. O interior do seu quarto, eu não vi; simplesmente escolhemos as portas e seu refúgio continua um mistério. Ela surge todas as manhãs com suas luvas e o chapéu Lilly Daché, o que é tão certo quanto dizer que as mulheres maias no mercado estarão usando blusas brancas enfeitadas e saias de borda de renda. As luvas e o chapéu Lilly Daché são o traje típico da sra. Brown.

Uma máquina de escrever está instalada sobre a mesa de trabalho, entregue ontem, um sinal claro de progresso. Um carro e um motorista para um passeio pelos lugares antigos logo surgirão

também. A sra. Brown corajosamente já se localiza, indo às lojas sozinha para comprar pequenos objetos necessários. A cada dia ela consegue realizar mais coisas, passando pelos obstáculos da língua que não sabe falar. Meu conselho (que ela não acatou): ao responder a qualquer pergunta, diga: “Yucatán!” *Eu não entendo*.

Um título adequado para o romance: *O nome deste lugar*.

Mas, por enquanto, o nome deste lugar é lamaçal. Pelo menos é o que a sra. Brown deve pensar, quando obrigada a confiar sua própria vida em suas mãos protegidas pelas luvas brancas. Ela se segura no assento de trás com uma das mãos e com a outra prende o chapéu à cabeça, enquanto sacolejamos pela península, passando por estradas esburacadas, guiados pelo nosso destemido motorista, Jesús. Depois de todo o tempo que desperdiçamos em busca desta combinação, o veículo e o motorista num mesmo lugar, não ousei perguntar se ele tem idade suficiente para o trabalho. É só um menino, apesar da autoridade do nariz maia e do perfil imponente. É surpreendente perceber que, não por sua juventude, e sim por minha própria idade, ele deve me considerar um homem, talvez da idade de sua mãe, mais ou menos, indigno de qualquer atenção mais detida. Uma série de direções a seguir e um pagamento no fim da viagem.

Ainda assim, ele já vira um pouco da vida, é claro. Sua camisa está gasta, fina como um jornal, e lhe falta a parte de baixo de uma orelha. Levei algum tempo para notar isso. É sua orelha esquerda, afastada do olhar dos passageiros. Ele diz calmamente, quando perguntado, que a orelha fora mordida por um jaguar. Quer dizer que ele tem imaginação, senão experiência, para trabalhar a serviço de um romancista. É capaz de falar de qualquer assunto sem hesitar. Hoje, a caminho de Chichén Itzá, o assunto foi a história militar de seu povo, os maias.

— Mais corajosos do que dez exércitos dos federais — gritou, sobre os eixos barulhentos e as explosões do motor do Ford caindo aos pedaços. Ou melhor, quase um Ford inteiro: uma das portas e o para-choque da frente são de outra marca. Pela terra dos mestiços viajamos, num carro também mestiço.

— Neste lugar, Valladolid — anunciou Jesús, falando alto —, vemos o cenário da última rebelião maia. Há cem anos os Yucateca recuperaram toda a península dos ladinos. Declaramos independência do México, como o seu Texas na América do Norte, e quase conseguimos criar uma nação maia novamente.

Exceto por Mérida, confessou ele, onde os federais se lançaram contra a rebelião. Mas o destino foi decidido mesmo em Valladolid. A vitória final sobre o exército mexicano estava próxima, mas assim que os guerreiros maias se posicionaram para atacar, um velho xamã chegou com notícias urgentes: o antigo calendário dizia que era hora de voltar para as vilas e plantar milho. Eles abaixaram as armas e voltaram para casa.

— Os deuses falavam diretamente com meu povo — diz o menino que se chama Jesús, batendo no peito com o punho enquanto dirige, a cabeça jogada para trás tranquilamente, mesmo depois que os pneus caem em outra cratera na estrada e todo o seu corpo levita. Os maias obedeciam a antigas leis de sobrevivência. Eles se afastaram da batalha, permitindo que o exército federal retomassem a península e restabelecesse o governo mexicano.

Em algum ponto da explicação nos perdemos na estradinha de terra em meio à selva e nos descobrimos também chamados de volta ao vilarejo dele, convenientemente à hora do almoço, por sinal. Estávamos bem perto de Chichén Itzá, o templo de uma das cidades se elevando sobre a copa das árvores, um monumento à prosperidade ancestral lançando sua sombra sobre os telhados precários e as crianças nuas que se reuniam para ver o que poderia surgir daquela calamitosa máquina. Podíamos muito bem ter vindo de disco-voador.

A mãe de Jesús, com olhos igualmente amendoados, fez com que nos sentássemos num pedaço de madeira enquanto ela pegava feijões de um caldeirão que devia estar fervendo há muito tempo do lado de fora da cabana. O nome dela: Maria, claro. Sua casa de ripas de madeira, como todas as outras no vilarejo, tinha um telhado alto e pontudo de palha, com uma abertura para ventilação. Lá dentro, pela porta aberta, uma confusão de membros castanhos imóveis, presumivelmente crianças, todas sobre uma rede que, sob o peso, formava um V, o reflexo do contorno do telhado. Ao lado da

casa crescia um jardim minguado, mas na frente só havia terra estéril, enfeitada com os pedaços de madeira onde nos sentamos. A sra. Brown segurou o prato de latão sobre o colo com a mão enluvada, a saia de *tweed* cobrindo-lhe os joelhos, as sobrancelhas levemente arqueadas, os sapatos de couro cuidadosamente juntos, na terra. Florescendo desordenadamente ao redor dela havia mais de cem orquídeas, plantadas em latas enferrujadas. Brancas, rosas, amarelas, as pétalas se abrindo como asas de borboleta sobre raízes e folhas.

Minhas belezinhas, era como Maria as chamava, aproximando-se para limpar a sujeira da camiseta rota do filho e depois beliscando carinhosamente sua orelha boa.

— A única coisa que importa é a beleza.

A luminosidade aqui nesta janela é boa e a vista é uma distração agradável. A rua fica movimentada o tempo todo, este apartamento fica perto da praça central, dos mercados e da velha catedral de pedra. Deve ser o bairro antigo de Mérida, a julgar por seu charme e por suas evidentes fortificações.

À tarde, quando o sol ilumina os prédios de estuque do outro lado da rua, é possível contar uma dúzia de cores de tinta diferentes, todas se misturando nas partes mais altas da parede: amarelo, ocre, vermelho, vermelho-escuro, cobalto, azul-turquesa. A cor oficial do México. E o cheiro do México é uma mistura semelhante: jasmim, mijo de cachorro, coentro, limão. O México permite que se entre por um orifício arqueado de pedra, para dentro de um jardim arborizado em seu coração, onde os cães mijam nas paredes e um garçom passa correndo em meio a uma cortina de jasmins para lhe trazer uma tigela de sopa de tortilha, temperada com coentro e limão. Gatos perseguem lagartixas entre os vasos de barro ao redor do chafariz, pombos pousam nas trepadeiras em flor e cacarejam suas preces, agradecendo pela existência das lagartixas. As plantas em vasos suspiram em silêncio, crescendo mais do que seus vasos de argila. Como as crianças do México, elas se apertam pacientemente nos calçados pequenos demais do

ano passado. O pedregulho jogado no penhasco rola montanha abaixo.

Aqui a vida é cheirosa, avassaladora. Até mesmo as palavras. Só para pedir o café da manhã são necessárias algumas palavras como *toronja*, um trio de sílabas fortes, cheias de luxúria e lágrimas, um soco no olho. Nada como a afetada “grapefruit”,^[6] que nem mesmo significa o que diz.

Nosso jovem senhor Jesús encontrou hoje o caminho certo para Chichén Itzá. Que maravilha! O Templo dos Guerreiros, o Salão de Baile, a enorme pirâmide chamada de Castelo. Belas construções de calcário olhando umas para as outras em silêncio, ao redor da praça coberta pelo mato. Tudo é estonteantemente branco, uma arquitetura atemporal de calcário. Elegante e antiga. O que quer que eu tenha vindo procurar aqui está oculto, prendendo a respiração. Não há crimes nem castigos em corredores manchados de sangue. Ao contrário dos violentos astecas, com seus deuses mostrando as línguas, os maias parecem serenamente intocáveis. O que eles deixaram como legado é, em todos os sentidos, tão grandioso e elegante quanto os templos de mármore brancos dos gregos.

Na floresta que cerca a praça, encontramos mais templos se transformando silenciosamente em ruínas, dormindo sob cobertores verdes de trepadeiras. Como a ruína na floresta da Isla Pixol, ao lado do buraco na água, na outra extremidade da lacuna. Aquela tinha um esqueleto sorridente esculpido na pedra. Aqui, pegadas em meio às árvores se prolongam por todas as direções, a partes diferentes de uma cidade parcialmente escavada: o mercado central com suas colunas esculpidas. A casa de banho numa gruta escura, sua câmara de pedra escura como um útero, dentro da qual se entra por uma portícula triangular. A câmara interna é alta, na forma de um “V” invertido, marcada em cada extremidade por um buraco redondo, para permitir a ventilação do vapor. Talvez aqui comece a história, iluminada por um feixe fraco e esfumaçado de luz que entra por aquele buraco: o lugar de uma cena de amor ou de um assassinato ou, melhor ainda, de uma intriga política. Mas o lugar parece imaculado.

A gigantesca pirâmide central se eleva, alta e heroica, dominando a praça. Parece maior do que a Pirâmide do Sol em Teotihuacán, ainda que a memória possa nos enganar, em matéria de heroísmo. Sentimo-nos impelidos a escalar a imensa escadaria de pedra até o alto, assim como aconteceu com Frida há muito tempo, arrastando a perna doente ao longo do caminho. Mas a sra. Brown conseguiu subir sem mandar uma única alma para o inferno.

Hoje, viajamos para o sul, passando por vilarejos de camponeses maias, a maioria deles começando com X — pronuncia-se “ix”. X-puil, X-mal, Jesús revelou o segredo do idioma maia: shhh. O X não marca um lugar, ele marca um silêncio. Os maias ainda falam seu idioma em todos os lugares do interior do país, e ele soa como segredos sussurrados. As mulheres se aproximam umas das outras no mercado, sussurrando: shhh, shhh. Pais e filhos andam pelas estradas carregando enxadas de aparência antiga, fazendo planos: shhh.

Outro dia de viagem, dessa vez para o leste. Paramos numa cidade e caminhamos por uma velha estrada de pedra, até a entrada de uma lacuna. Um cenote, como se chama aqui: um buraco redondo e fundo com penhascos de calcário por todos os lados e água azul no fundo. Um alcião surgiu em meio às folhas, gritando: *Matem-no! Matem-no!* De cima, é estonteante ver a pedra lisa até o fundo do buraco e a água lá embaixo. Não há parapeito na beirada no penhasco para evitar que alguém caia. Ou mergulhe, nadando para ver o que há lá embaixo, o diabo ou o mar.

A água aqui é doce, a muitos quilômetros do oceano. Os maias construíram suas cidades e sua civilização ao redor desses cenotes, porque não existe nada mais sagrado do que uma fonte de água pura. Em toda a península de Yucatán não existe um só rio ou riacho na superfície, apenas essas cavernas cheias de água correndo no subterrâneo, com bocas redondas se abrindo aqui e ali para a luz acima. *Chi-chen* significa “boca do mundo”, e é mesmo, essas bocas abertas são tão antigas quanto o medo dos homens. Os antigos as alimentavam da melhor maneira que sabiam,

jogando-lhes pedras de jade e ônix, pepitas de ouro e restos humanos. Sem nem pensar no que poderiam estar causando à água que bebiam.

Jesús disse que vários artefatos valiosos foram tirados desse cenote, mas todos foram levados para Harvard e para o Museu Peabody. Ele citou mesmo esses nomes, então provavelmente é verdade. Pilhagem colonial na era da ciência.

No caminho de volta, em meio à selva, procuramos, mas não encontramos sinal algum das antigas fazendas e vilarejos que deveriam existir aqui. Milhares de pessoas comuns fizeram parte dessa metrópole, mas suas casas deviam ser feitas de galhos e palha, rebocados com calcário e argila. Qualquer pista do modo como viviam retornou à terra, exceto pelos templos de calcário, para a arte e a adoração. Coisas feitas com ambição, que se elevam mais altas do que o pão de cada dia.

Nosso carro parado no vilarejo atraiu uma multidão. O menino mais alto se apresentou (Maximiliano) e exigiu pagamento por ter tomado conta do carro durante nossa ausência.

— De quem? — perguntamos, e Maximiliano apontou para um grupo de arruaceiros que ele disse que teria amassado ou até mesmo desmontado o carro.

— Eles são muito habilidosos — disse em inglês.

Seu pagamento, um punhado de moedas, foi imediatamente distribuído entre os vândalos, numa aliança perfeita. Até mesmo a moralidade é uma questão de oferta e procura.

Alguns meninos mais velhos ficaram a distância, afastados do ataque pirata, mas se aproximaram depois oferecendo esculturas de madeira. A sra. Brown pegou uma delas na mão, estudando-a cuidadosamente. Eram imagens de antigos guerreiros com penachos elaborados, muito parecidos com minha escultura de obsidiana. Era impressionante notar que os rostos largos e oblíquos das esculturas se assemelhavam aos rostos dos meninos que as fizeram. A sra. Brown pagou ao escultor o que ele lhe pediu, só um pouco mais do que a extorsão nos havia custado. Um dia bom para os jovens que contam com as pedras e os ossos de seus ancestrais para ganhar a vida.

Na praça próxima ao nosso apartamento, as pessoas vêm todas as noites para andar em círculos. Namorados chegam hesitantes, de mãos dadas. Casais vêm a passos rápidos, os filhos como balsas puxadas por cordas atrás do navio. Ninguém está sozinho. Até mesmo os vendedores sentados em banquinhos ao redor da praça trabalham conversando uns com os outros, acenando para compradores em potencial, como uma máquina de costura enfiando e tirando a agulha do tecido.

— Costumávamos fazer isso na Isla Pixol — contei à sra. Brown.
— Minha mãe sempre queria andar em círculos. Desde que tivesse um vestido novo.

A sra. Brown, com sua boina azul, dissecava o peixe frito, um jantar tardio depois de um dia na estrada. Mas a vida na praça estava só começando. Dois homens rolavam uma enorme marimba de madeira até um lugar próximo às mesas de jantar, tirando o pano que a protegia e se preparando para tocar.

— O senhor está em casa aqui — disse ela. — É bom ver isso. Combina com o senhor.

— Não sei se me sinto em casa aqui.

— Bem, o senhor é uma pessoa delicada, reconheço — disse ela. Ela usava a faca para afastar a cabeça e o rabo do peixe para a lateral do prato. — Sempre soube que o senhor veio do México, na pensão da sra. Bittle o senhor nos contou isso. Mas achávamos que estava apenas se exibindo. Nunca pensamos num país todo onde pudesse chamar o garçom em sua própria língua ou dizer “olhe, eles vão fazer a dança do chapéu”, e eles fazem a dança do chapéu. Agora isso parece bobagem.

— Não, eu entendo. Vocês pensavam que eu era “estrangeiro”, mas não pensavam num lugar específico.

— Acho que é isso. O senhor sabia o tempo todo sobre o povo daqui e eu não fazia a menor ideia. Leio a *Geographics*, mas é impossível pensar nas pessoas dessas histórias como seres que têm uma vida, respiram e sabem de coisas que desconhecemos. Mas isso também parece bobagem.

— Não, acho que a maior parte das pessoas é assim. Até que se viaje para algum lugar.

— Agradeço à minha boa sorte, sr. Shepherd, e lhe agradeço. De verdade. Porque agora sou uma pessoa que viajou para outro lugar.

Ela pôs as mãos no colo e ficou olhando, compenetrada, para o outro lado, como as pessoas fazem quando estão se ajeitando em seus lugares no cinema. Os vendedores começaram a abordar a multidão que jantava. Você pode comprar qualquer coisa se demorar para jantar: rosas, pneus de bicicleta, a couraça de um tatu. Uma mulher e sua filha, ambas usando saia comprida e xale, iam de mesa em mesa exibindo enfeites. Eu as afastei com um gesto tão contido que a sra. Brown provavelmente não percebeu. Ela se sente obrigada a ver todas as coisas, senão acha que os artesãos ficarão ofendidos.

— Ando me perguntando o tema de seu romance — disse ela. — Exceto pelo cenário.

— Eu me pergunto sobre isso também. Acho que quero escrever sobre o fim das coisas. Como as civilizações terminam e o que as leva a isso. Como estamos ligados a tudo no passado.

Para minha surpresa, ela disse:

— Ah, eu não faria isso.

— Sra. Brown, tenho de lhe dizer. Esta é a segunda vez que a senhora me diz como ser um escritor. Da primeira vez, me pediu desculpas.

— Bem, peço desculpas novamente.

— Por que diz uma coisa dessas?

— Não tenho motivo. Foi algo que me veio à mente. Algumas das coisas que aconteceram nos Estados Unidos me deixaram com medo.

— Eu realmente me envolvo em confusões às vezes. Sei disso. Continue.

— Devo mesmo?

— Por favor.

— Acho que os leitores não vão gostar. Não gostamos de nos ver muito ligados ao passado. Preferimos pegar tesouros e cortar quaisquer laços com o passado.

— Então não sei o que fazer. Tudo o que escrevi tinha a ver com a história.

— Pessoas usando braceletes de ouro. Nada que aconteceria a nós mesmos. Acho que é por isso que as pessoas aceitaram seus livros tão bem.

— Então eu não deveria tentar algo novo? O que aconteceu com o escritor que se impõe? Sem deixar minhas palavras órfãs, minhas filhas, como a senhora as chamava.

— Ainda acredito nisso. Mas não há problema algum num disfarce inteligente. Em dizer aquilo em que o senhor acredita e ainda assim se manter longe dos problemas. Até agora, isso tem lhe feito bem.

— Ah, então a senhora acha que eu não me sairia tão bem se ambientasse minhas histórias, digamos, num campo de concentração no Texas ou na Geórgia. Um daqueles lugares para onde enviamos nossos cidadãos japoneses e alemães durante a guerra.

Ela pareceu surpresa.

— Não, senhor, não gostaríamos de ler sobre uma coisa dessas. Nem sobre os outros japoneses afundando navios e bombardeando nosso litoral. Isso acabou e queremos apenas nos esquecer de tudo.

Os tocadores de marimba começaram a tocar “La llorona”, a expressão máxima de uma canção alegre sobre a morte. Olhei o homem que vendia a couraça de tatu. Era só uma questão de tempo, ele vem todas as noites.

— Se é assim, então por que os americanos roubaram os artefatos históricos do México para exibi-los, onde mesmo ele disse? No Museu Peabody?

— É o mesmo com seus livros, sr. Shepherd. São peças de ouro e o azar de outras pessoas. Se atulharmos nossos museus com isso, não teremos de olhar para o cara morto no fundo dos nossos próprios poços d’água.

— E quem somos “nós”?

Ela refletiu sobre isso de olhos fechados.

— Só americanos — disse, por fim. — É só assim que sei ser. Não como o senhor.

— A senhora faria isso? Pegaria tesouras e cortaria seus laços com o passado?

— Eu já fiz isso. Minha família lhe diria que eu fui para a cidade e me virei sozinha. É o que a Parthenia chama de “mulher moderna”.

— E como a senhora chamaria isso?

— Americana. Como eu disse. As revistas nos dizem que somos especiais, não como a geração que nos criou. Completamente novos. Elas pintam uma imagem de uma caipira velha com um lenço na cabeça e o fazem ter medo de se transformar em algo parecido, a não ser que compre uma mistura de bolo e um congelador caseiro.

— Mas isso parece algo muito solitário. Andar por aí sem seus ancestrais.

— Não digo que seja bom. É apenas como somos. Odeio dizer isso, mas aquela caipira de lenço na cabeça é a minha irmã, e eu não quero ser como ela. Não suporto.

Um homem caminhava entre as mesas com uma marionete, um esqueleto sorridente com ossos articulados de papel machê. Para a felicidade de uma família que jantava ali perto, ele fez o esqueleto surgir demoradamente, erguendo o pé bem no alto e, então, de repente, saltando sobre a mesa. As crianças recuaram quando o esqueleto tropeçou nos pratos, em troca de uns trocados dados pelo pai.

— E a história não é nada além de um cemitério — eu disse para a sra. Brown. O titereiro estava atrás dela, que perdeu o espetáculo.

— Isso é totalmente verdade. Para que a visitemos quando tivermos vontade ou apenas para a deixarmos lá. Deixemos que o mato cresça.

— Aqui no México eles têm um feriado para que você fique com seus mortos. Você vai até onde sua família está sepultada e faz uma festa, bem em cima da tumba.

— E você é obrigado a participar? Festejar em cima das tumbas? — de olhos arregalados, ela se parecia com a menina que fora um dia, antes de se tornar a sra. Brown.

— As pessoas adoram, tanto quanto adoram um casamento. Na verdade é uma espécie de casamento com as pessoas no seu passado. Você reafirma que estão todos ao seu lado ainda. Prepara um banquete e traz comida para os mortos também.

— Bem, sr. Shepherd, isso jamais aconteceria no condado de Buncombe. A polícia provavelmente o prenderia.

— Acho que a senhora tem razão.

Ela pegou o copo de limonada e a bebeu pelo canudinho, olhando-me nos olhos. Era desconcertante. O titereiro entrou em seu campo de visão e seus olhos me abandonaram para acompanhar o esqueleto. Quando terminou de beber o suco, disse:

— O senhor entende essas coisas, um casamento num cemitério. É de outro país.

— Mas quero ser completamente novo também. A terra das pessoas leves e dos carros rápidos me agrada. Eu me tornei um escritor lá.

— O senhor poderia ter ficado aqui e feito o mesmo.

— Acho que não. Já pensei nisso. Tenho de deixar alguns fantasmas para trás. Os escritores mexicanos têm dificuldades com seus fantasmas, eu acho. Em geral é assim. Talvez seja mais fácil dizer o que se quer nos Estados Unidos, sem aquele peso ancestral sobre os ombros.

— É mais fácil ver os outros de cima também.

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Sr. Shepherd, o senhor não faz isso. Mas alguns, sim. Eles olham em volta e dizem “Isso é bom e isso é mau”, e está decidido. Somos a América, então do outro lado deve haver algo completamente diferente.

A sra. Brown nunca deixa de me impressionar.

— Isso é muito interessante. Acha que resulta do fato de termos cortado relações com nosso passado?

— Acho. Porque, se você tivesse de se sentar numa sepultura e pensar muito sobre isso, não poderia sair por aí dizendo simplesmente “Essa é a América”. Algum indígena poderia surgir em seus pensamentos, algum cara que lançou sua flecha naquele mesmo lugar: ou o homem que matou o índio, ou aquele que chicoteou escravos, ou aquele que enforcou uma mulher por considerá-la bruxa. Não se poderia simplesmente dizer que está tudo bem.

— Então talvez os leitores precisem de um pouco disso. Conexões com o passado.

— O prevenido tem medo — disse ela.
— Achei que fosse “se preparar”. O prevenido se prepara.
Ela olhou para seus braços, mas nunca respondeu.

Hoje foi a vez do vilarejo de Hochtún, uma cidadezinha cor de trigo com uma pirâmide no meio. Ela trouxe à memória a vida com a gigantesca cabeça de pedra na praça, e o xamã da Mãe. Cada esquina aqui traz à tona uma lembrança. Isla Mujeres era quase intolerável da balsa. A sra. Brown vê tudo e se exalta, como diria. Eu a imagino de encontro ao violão todo decorado de Deus, segurando-se à barra de prata até lamentar a nota determinada. Ela diz que veio até aqui para se preocupar por mim. Mas faz muito mais: datilografa cenas rascunhadas, só para me ver jogá-las fora. Organiza coisas. Ficou amiga de alguém que fala inglês no departamento de turismo, um jornalista que a ajuda a negociar milagres. A burocracia mexicana não assusta a sra. Brown. Ela já trabalhou para as Forças Armadas Norte-Americanas.

Eu lhe disse que quero estudar a vida nos vilarejos agora, de perto. Vimos muitas pirâmides, e preciso de bodes e fogueiras. Olhar dentro das choupanas e examinar o vão em V, depois de ver a mesma arquitetura nos templos de pedra. Sua ideia inspiradora: voltar ao vilarejo de Maria, mãe de Jesús.

O eterno caldeirão de feijões ainda fervia. Maria estava animada enquanto nos servia o almoço, contando-nos sobre lenhadores que haviam passado antes por ali, pela manhã. Eles estão limpando as florestas ao redor, arrastando os gigantes caídos pela mesma estrada esburacada que nos trouxe até aqui. Tudo o que ela pode fazer é ficar na estrada e acenar para cada um dos caminhões, insistindo que eles a deixem inspecionar cada tronco para tirar as orquídeas dos galhos mais altos. Isso explica as flores que crescem em latas no jardim: órfãs resgatadas. Essas orquídeas viveram sempre nas alturas, ao ar livre, sem ser vistas por olhos humanos, até que o firmamento sob suas raízes caiu de repente. É um lugar precário, aqui com os coiotes. Todo mundo quer derrubar a árvore mais alta.

Mas Maria e as Orquídeas parecem não temer nada, nessa casa na floresta imaculada.

— O que importa é a beleza — disse ela novamente, estendendo a mão suja de terra até o alto das árvores. — Até a morte nos concede certa beleza.

Outra visita a Chichén Itzá amanhã, a última. Depois arrumamos as malas. Precisamos pegar o trem para a Cidade do México na quinta ou sexta-feira, se quisermos ficar lá do Natal até o Ano Novo, como Frida insiste. Candelária nos encontrará na estação. Candelária dirigindo um carro é algo que parece tão provável quanto Jesús trabalhando como guia turístico. Ou a sra. Brown, com o chapéu e as luvas, sentada ao lado da exagerada Frida, bebendo chá num banco pintado com relâmpagos. O provável é que todas essas coisas acabem acontecendo.

Chichén Itzá parecia completamente diferente hoje, provavelmente por causa de tudo o que vimos desde a primeira visita. “Elegante e remota”, escrevi em minhas notas na ocasião, “relutante em revelar toda a sua história humana.” Mas hoje a história estava marcada em todas as superfícies, visível e urgente. Todas as pedras estavam esculpidas com alguma imagem: um jaguar à espreita, uma serpente com penas, um enorme friso com peixes dourados. Imperadores de pedra em tamanho natural se reuniam na praça como dentes gigantescos. Os maias só esculpiam a imagem humana de perfil: o olho amendoado, a testa achatada estendendo-se sobre o delicado arco do nariz.

Eles não precisavam temer que aquele perfil fosse esquecido, ele está marcado na imagem de Jesús e de dezenas de milhares de outros, incluindo os vândalos. Melhor entalhar alguma outra coisa na pedra, se você pretende ser lembrado: “Fui cruel com meu melhor amigo e escapei impune. Meu prato preferido é lula com molho de tinta. Minha mãe nunca gostou de mim pelo que sou”.

Restos de tinta pendem das superfícies também: vermelho, verde, violeta. Antigamente, todas essas construções eram pintadas. Que incrível perceber isso e como fui tolo de ter sido

enganado anteriormente pela serenidade do calcário branco. Como olhar para um esqueleto e dizer: “Como este homem era calmo e magro”. Hoje Chichén Itzá afirmou sua verdade: extravagante. Barulhenta e brilhante, cheia de mijo e jasmins, e por que não? Era o México. Ou melhor, o México ainda é o que já foi um dia.

Pela última vez subimos a pirâmide mais alta, El Castillo.

— A senhora sabe que não precisamos continuar com isso — eu disse para a sra. Brown no meio do caminho. O dia estava tão claro e quente que quase dava para sentir o gosto da pólvora, e ela havia deixado o chapéu no carro, onde Jesús estava agora tirando uma soneca. Ela parou num dos degraus, cobrindo os olhos com uma das mãos, os cabelos soprando como os de uma sereia na proa de um barco. Havia tirado as luvas para usar as duas mãos na escalada, os degraus eram monstruosos.

— Claro que precisamos — disse ela, suspirando profundamente, como se dissesse: “Homens fazem essas coisas”.

E é verdade, eles as fazem, incapazes de resistir ao mesmo impulso que sentiram ao construí-las: a ambição desmedida.

Mas nos convencemos de que a vista do alto valeu o esforço. Sentamo-nos na beirada e ficamos olhando os turistas na praça, com pena daquelas formiguinhas porque elas não estavam aqui em cima, e, se quisessem estar, teriam de pagar um preço. E há a soma total disso, a ambição desmedida reduzida ao seu fundamental. Civilizações são construídas com base nisso, e no poço d’água.

— Imagine este lugar cheio de escravos e reis — eu disse. — Dez mil escravos para cada rei, imagino.

E cachorros latindo. E mães perguntando-se se seus filhos haviam caído no poço. Ficamos ali durante um bom tempo, reconstruindo a cena. Ela estava curiosa sobre como um escritor decide começar uma história. Começa-se com “No princípio...”, eu lhe disse, mas isso deveria estar o mais próximo possível do fim. Esse é o segredo.

— Como o senhor sabe?

— Isso a gente simplesmente decide. Poderia ser bem aqui. À primeira luz do dia, o rei, com trajes dourados e peitoral de ouro, se põe no alto de seu templo, olhando para o caos lá embaixo. Ele compreende, descrente, que seu império está entrando em colapso.

Você precisa começar com a ação imediatamente, os leitores são impacientes. Se enrola, eles vão ligar o rádio e ouvir *Duffy's Tavern*, porque tudo se resume a uma hora.

— Como o rei pode saber que seu império está entrando em colapso?

— Porque tudo está uma bagunça.

— Bobagem — disse ela. — Tudo está sempre uma bagunça, mas as pessoas dizem: “Vamos lá, só temos que passar por mais esse obstáculo”.

— É verdade. Mas eu e você sabemos que foi assim porque lemos sobre isso. Chichén Itzá era o centro de um vasto e poderoso império, arte e arquitetura que prosperaram durante séculos. E, então, por volta do ano 900 depois de Cristo, ele desapareceu misteriosamente.

— As pessoas não desaparecem — disse ela. — Hitler se matou, mas a Alemanha ainda está lá. É só um exemplo. As pessoas vão para o trabalho, celebram seu aniversário e tudo o mais.

É verdade, e os maias que agora povoam essa floresta com certeza não se veem como uma cultura fracassada. Eles constroem suas choupanas como antigamente, fazem jardins e cantam para as crianças dormirem. Governantes e generais mudam sem que eles percebam. Desde o tempo de Cortés, o grande império espanhol entrou em colapso, transformando-se numa pequena massa de terra rochosa com vinhedos, a patinha direita da Europa. Suas províncias distantes foram perdidas e milhões de escravos cativos, libertados. A Espanha tornou a escravidão ilegal, construiu escolas e hospitais, e seus poetas, pensando bem, agora estão praticamente numa corrida para condenar a história da conquista espanhola. Será que Cortés viu tudo isso se aproximando estrondosamente em direção a ele, como uma locomotiva? Será que a Inglaterra ou a França perceberam? Todo o movimento para a frente, as marchas rumo às montanhas, os muros e as mãos estendidas: que parte disso tudo alguma vez consideramos fracasso?

— Um romance precisa de uma boa tragédia — insisti. — Sucesso e fracasso. As pessoas leem livros para escapar das incertezas da vida. E constroem pirâmides para durar para sempre,

para que possam ter algo que as sustente e, assim, admirar a paisagem.

— Você é quem sabe — disse ela. — Mas não faz sentido admirar uma coisa só porque ela é duradoura. Meu irmão certa vez teve um furúnculo no bumbum durante um ano, e isso não é uma coisa que se queira ver numa fotogravura.

— Violet Brown, a poeta.

Ela riu.

— Vou lembrá-la desse furúnculo da próxima vez que me impedir de queimar cadernos e cartas antigas.

Ela não gostou do que ouviu. Tirou as luvas de algodão do cinto, onde as havia prendido, vestiu-as e alisou-lhes os vincos.

— Algumas coisas são dignas de ser lembradas, outras não. Foi o que eu quis dizer.

— A senhora sabe diferenciar uma coisa da outra?

— Não, não sei. Mas empilhar rochas no topo de rochas talvez não seja a melhor ideia. Talvez devêssemos admirar as pessoas mais por viverem nessa selva do que por terem deixado uma marca nela.

— Mas como saberemos delas daqui a mil anos?

— Daqui a mil anos, sr. Shepherd, as vacas talvez estejam pulando sobre a lua.

Aquilo encerrou a conversa, porque uma nuvem de tempestade começou a dar ao dia uma cor ameaçadora, tirando-nos de nossas reflexões. Os céus caíram assim que chegamos lá embaixo. As crianças que estavam vendendo esculturas de madeira e enfeites agora desapareciam na floresta em busca de abrigo, enquanto os turistas corriam de volta para seus carros. Atrás de nós, os templos se elevavam em meio a uma estranha luz amarelada, com a chuva escurecendo seus topos de pedra, dissolvendo o calcário partícula a partícula, levando consigo um pouco da história daquele dia.

PARTE 5

Asheville, Carolina do Norte

1948-1950

(VB)

Star Week, 1º de fevereiro de 1948

A Estrela do Sul Brilha no Romance de Shepherd

Os jovens de Asheville parecem preferir vinhos envelhecidos. Há uma década em Asheville, na Carolina do Norte, o jovem escritor Thomas Wolfe lançou-se para a fama, trocando o escândalo sulista pela cena boêmia compassiva de Manhattan e pelos braços de uma moça dezessete anos mais velha. A família do escritor tentou arruinar o romance com a bela cenógrafa Aline Bernstein — ou melhor, *senhora* Bernstein —, com a anuência do sr. Bernstein, supomos. Mas Wolfe amou até sua morte precoce.

Agora Harrison Shepherd está aí para provar que a história se repete. O escritor de Asheville atingiu o auge literário com *Vassalos da Majestade* e *Os peregrinos de Chapultepec*, publicado no ano passado, vendendo mais exemplares do que Wolfe conseguiu em toda sua vida. Graças à vida reclusa e a um conhecido desprezo pelos jornalistas, Shepherd superou Wolfe como principal assunto da cidade. Numa nova estratégia claramente inspirada por seu tutor, Shepherd agora está num relacionamento com uma senhora exatamente dezessete anos mais velha do que ele. Casada? Pelo menos uma vez, dizem nossas fontes.

Pouco se sabe sobre a misteriosa Violet Brown, mas a bela morena deve ter alguma qualidade atraente para conquistar esse solteirão tímido e sua montanha de dinheiro. Era possível ouvir corações partindo em ambos os lados da linha Mason-Dixon no mês passado, quando o casal fez uma viagem pré-nupcial pelo México, onde Shepherd passou a infância e onde sua família ainda mora. Os sinos nupciais dobram por Harrison Shepherd? Não ainda, diz o aeroportuário Jack Curtis, que verificou os passaportes do casal no recente retorno deles pelo aeroporto Asheville-Hendersonville.

O sr. Alto, Belo e Moreno andava de mãos firmemente dadas à Pequenina Violet, mas, como no dia 26 de janeiro, ela ainda está registrada como “viúva”. E o solteirão? Curtis responde: “Ainda solteiro”.

6 de fevereiro

Quando ela surgiu com os braços carregados e jogou a correspondência e os jornais na beirada da mesa da sala de jantar, meus primeiros pensamentos foram totalmente egoístas. Agora, essa confusão. O mundo se intromete. Eu queria que ela tirasse mais alguns dias de folga depois de nosso retorno, ansioso por passar algum tempo no andar de cima, sem ser incomodado. Para poder usar meu pijama até a hora do jantar, as cortinas fechadas, dedicando-me totalmente à história do lorde Itzá e seus problemas. Uma história precisa de uma boa tragédia.

Ela começou a falar antes mesmo de tirar o casaco, algo muito incomum. Ela não é assim, não preenche o silêncio com conversas triviais, com notícias pequenas sobre o que se passou na pensão da sra. Bittle enquanto viajávamos. Então, contou que o sr. Judd havia falecido no dia de Natal.

Então era isso, pensei. Dei-lhe os pêsames.

— Bem, chegou a hora dele. Até mesmo Marian Bittle pensava assim, e ela não é dada a filosofias. Ela disse que o filho veio imediatamente e cuidou de tudo, para que ela pudesse continuar com os preparativos do Natal. Mas foi isso o que a deprimiu. Antes que o velho fosse sepultado, nove pessoas leram o obituário e vieram pedir para alugar um quarto. Algumas tinham famílias, acredita? Queriam trazer a esposa e os filhos, todos para viver num único cômodo. Não há lugar vago. Tudo por causa dos casamentos do pós-guerra e desses bebês que ninguém esperava. A sra. Bittle disse que um homem comprou a fazenda de batata fora da cidade e agora está construindo duzentas casas lá, só casas, disse ela, nem um único mercado onde as pessoas possam fazer suas compras. Acho que elas terão de vir até a cidade para isso. E as casas são todas iguais, talvez sejam diferentes somente na cor, mas é a mesma casa, uma depois da outra, enfileiradas.

— Nossa. Parece Moscou. Quem gostaria de viver num lugar assim?

— Aí é que está. O plano é para a construção de duzentas casas. Mas setecentas famílias já estão na fila para comprá-las.

Então ela se sentou à mesa e começou a chorar. Isso nunca aconteceu antes. No dia em que o agente federal surgira na porta,

ela se sentiu fraca depois e apoiou a cabeça sobre a mesa, mas dessa vez era diferente. Seus ombros balançavam. Ela deixou escapar uma lamúria fina e rouca.

— Ora, não deve ser tão ruim assim.

Eu parecia um ator numa peça de teatro. Duas pessoas absurdas naquela sala e não fui apresentado a nenhuma delas. Eu ainda estava achando que seu nervosismo estava relacionado à escassez de moradias.

Ela lera a primeira história há alguns dias, mas não telefonara, na esperança de me poupar do incômodo durante algum tempo. Ou melhor, sem saber o que dizer. Todas as histórias dizendo que formávamos um par romântico, ela estivera carregando esse fardo sozinha. Conversinhas e olhares na biblioteca e no mercado. Sei que as pessoas a reconhecem com frequência.

Não fui capaz de ler muita coisa. Aquilo fez com que eu me sentisse muito impotente, perdido num cenário de um assassinato. Lev teria agido como um cientista, seguindo a pista dessa mentira em particular, estudando como as ramificações se dispersavam e onde a coisa toda começou. Provavelmente no *Star Week* ou no *Echo*, ainda que a história tenha ganhado espaço em jornais respeitáveis e, é claro, no *Trumpet*. Tudo começa em algum lugar, um coite acordando os demais. Eles passam adiante, enfeitam, não de modo criativo, e sim por pura preguiça de averiguar o fato. Se os repórteres telefonassem, seria pedindo uma negativa. Como não conseguiram, publicaram como se fosse verdade, aumentando a aposta só para que pudessem ganhar o crédito por ela. A senhora é “recatada”, e depois “sedutoramente recatada”, e depois tem um “passado trágico”. Agora estou claramente envolvido numa batalha com uma “família mexicana tradicional” que discorda do meu direito de viver um grande amor.

Só quando preparei o café é que notei que minhas mãos estavam tremendo. Sonho que estou levando um tiro, fico observando o sangue vertendo e me pergunto onde é que dói.

Pus uma xícara perto dela, mas não consegui me sentar à sua frente, não como um marido encarando a própria esposa diante da refeição. Costumávamos fazer isso na pensão da sra. Bittle, claro,

quando eu era o cozinheiro, e ela, uma secretária comum. Muita água passou debaixo da ponte. Fiquei imóvel.

Depois de algum tempo, ela se ajeitou e olhou com estranheza para a xícara de café, como se tivesse sido deixada ali por uma fada. Aquilo me atingiu como uma lufada de vento gelado, sobre a pensão da sra. Bittle e a falta de moradias.

— Ela está expulsando a senhora por causa disso?

— Ela aumentou meu aluguel. Disse que tinha de fazer isso, se eu quisesse continuar lá. Por causa da publicidade.

— Isso é ridículo. Só porque a senhora está em evidência, ela está se aproveitando. Quer que eu ligue para ela?

— E como isso soaria, sr. Shepherd? Que o senhor está me protegendo!

— Não sei.

— Vou pagar. Ela sabe que eu não conseguirei encontrar nenhum outro lugar vago na cidade, com as coisas do jeito que estão.

— Essa escassez de moradia é mesmo tão ruim?

Claro que está nos jornais, em todos os lugares. Só não havia me ocorrido que “todos os lugares” era também aqui.

— As pessoas leem os obituários e as notícias sobre assassinatos agora, sr. Shepherd, a fim de encontrarem um quarto para alugar. Mas a polícia e os familiares dos coveiros ficam com esses lugares. O restante de nós tem de aceitar que a única casa à nossa disposição é uma caixa de madeira.

— Sra. Brown, minha nossa! A senhora não é assim.

Eu sentia o peso: os quartos que eu possuía, as riquezas que eu não merecia. Para uma pessoa solteira que podia muito bem viver numa caixa de madeira, onde, aliás, já viveu.

— De qualquer modo, passei anos sem ter um aumento da sra. Bittle — disse ela. — O novo inquilino vai pagar o dobro. Tenho sorte por ter o que tenho.

— Vou aumentar seu salário para compensar.

— Não é necessário.

— É, sim. Se encontrar outro lugar adequado, diga-me quanto custa.

Ela saiu para o banheiro e deixou a água escorrer, provavelmente lavando o rosto. Ao sair, retirou o abridor de cartas de uma gaveta onde o guardava, como uma mulher numa peça de teatro que tira um revólver de uma cômoda. Em vez de atirar no vilão, se sentou e começou a dividir os envelopes em pilhas. Sem levantar os olhos.

— Olhe. Vou falar com a imprensa sobre isso ou enviar uma declaração, negando o romance. O que a senhora quiser que eu faça para defender sua honra.

— Eu não sou ninguém, não tenho um nome. O senhor tem de pensar é no seu próprio nome.

— Bem, nesse caso, não há nada a fazer. É a mesma coisa de sempre, deveríamos ter esperado por isso. A senhora deveria ter pensado nisso antes que eu a convidasse a me acompanhar.

Ela começou a abrir os envelopes. Os cabelos estavam presos numa rede, o casaquinho de lã, abotoado até o pescoço; ela parecia dez anos mais velha desde que a vira pela última vez.

— Pelo menos nada pode piorar agora. Estamos escapando do naufrágio — eu disse. — É isso o que sempre acontece.

— O que acontece? — perguntou ela, num tom de curiosidade enervante.

— *Del árbol caído todos hacen leña.* Da árvore caída, todos tiram lenha.

Ao ouvir isso, ela levantou os olhos.

— Sr. Shepherd, onde é que caímos?

14 de fevereiro

Caro Shep,

Como está? Quer ser meu namorado? Ooops — você já foi fisgado! Li sobre isso nos jornais. Bem, congratulações, cara, andei pensando em arranjar uma companheira mais velha para mim também. Ela provavelmente não exige muito na cama e desvia a atenção de todos. Mas que inferno você causou. Um dos corações que você arrasou ao norte da Mason-Dixon foi o meu. Será que eu tinha de ficar sabendo disso pelo Echo?

Quando você vem a Nova York? O trabalho novo no museu é seguro, em geral facilita as coisas em troca de dinheiro. Tenho um apartamento no Lower East Side agora, muito bacana. Kerouac foi visto na vizinhança e Artie Shaw toca numa espelunca na esquina. Mas esqueça o bebop, fique atento agora por um cara poderoso chamado Frankie Laine. Diga-lhe que o gato Tom o enviou.

Você é a única notícia em Asheville ultimamente? E aquela velha Zelda, acha que ela se casaria comigo? Ouvi dizer que ela mora num hospício aí da sua cidadezinha. O Scott aparecia nos dias de visita, quando ainda conseguia andar? Você precisa me atualizar das coisas. Ou está tão escondido na torre de marfim da fama que não pode mandar uns abraços a um velho amigo? De agora em diante só terei de ler a Star Week para descobrir o que está acontecendo com Harrison Shepherd.

Até,

TOM CUDDY

11 de março de 1948

Caro Tom,

Estranho você perguntar sobre Zelda Fitzgerald. Ela morreu num incêndio há dois dias. Começou na cozinha do hospital, subiu pelo elevador de alimentos até o quarto dela, uma tragédia horrível. Não há dúvidas quanto ao que a imprensa nacional dirá, mas estou lhe dando a notícia em primeira mão, como você pediu. Ouvi dizer sobre o elevador de alimentos pelo próprio bombeiro hoje cedo, na tabacaria onde compro os jornais todas as manhãs. O hospital Highland fica no final da minha rua. Zelda e eu éramos vizinhos há anos, mas não lhe dei muita importância. Agora me sinto como um ser abandonado. Qualquer um de nós poderia estar naquele hospital, Tom.

As outras notícias não são muito interessantes. Estou me saindo muito bem com o livro novo e assinei um contrato de adaptação para o cinema sobre o último livro. O mais importante é que não me casei nem me envolvi em qualquer relacionamento secreto. Essas histórias foram totalmente inventadas. A Violet Brown em questão é

minha estenógrafo. Ela usa luvas de algodão quando sai à rua e, a não ser que algum terrível acidente tenha se abatido sobre nós, jamais dividimos uma xícara de café que tenha tocado meus lábios. Ela me acompanhou durante uma viagem de pesquisa a Yucatán, então os fofoqueiros devem ter ficado sabendo disso e se apaixonaram pelas próprias mentiras. Acredite-me, a senhora é pura. Essas últimas histórias têm causado muitos problemas e têm sido mais difíceis para ela do que para mim. Surpreendo-me o tempo todo que alguém acredite nas bobagens publicadas pelos jornais. E eles acreditam, vezes sem fim. Tommy, você deveria saber que não faço o tipo que se casa, assim como não fazia o tipo de quem se alistava no exército, no tempo em que éramos alvos fáceis no Museu Nacional. Então trate de colar os pedaços de seu coração partido, soldado. Eu não o excluí de nenhuma lista de casamento.

Não tenho planos de viajar para Nova York em breve, mas você deveria me visitar aqui. Asheville mudou muito depois da guerra, somos considerados um destino turístico de primeira qualidade. Na Tunnel Road, eles têm uma geringonça nova que lava e encera o carro com o motorista dentro. Temos café instantâneo aqui também, e mulheres que dirigem. Somos bacanas? Você tem de vir e ver com seus próprios olhos. Até lá estarei, como você deve ter ouvido falar,

Ainda solteiro,

SHEP

22 de março

Caro Shep,

Meus amigos ficaram todos pasmos quando souberam que sou chapa do Shep, principalmente quando lhes contei sobre seu contrato com os estúdios de cinema. Caramba, parabéns por isso! Será que você descola um papelzinho para mim? Serei o cara de tanga sentado numa pedra, fumando um maço de Camels durante a cena de batalha, tentando lançar um olhar para Robert Taylor Deus

do Céu, aquele cara é mais lindinho do que um peixinho dourado. E denuncia qualquer coisa rosa agora, pelo que li nos jornais.

Por favor, um conselho: um amigo aqui parece estar com aquela coceira. Ele trabalha no rádio, mas quer entrar para a televisão — porto-riquenho, um bonitão latino. Até inteligente, esse cara lê e ficou bem impressionado por eu conhecê-lo, por sinal. Até o ano passado ele era um galã no auge, mas agora não consegue ser contratado para nada. Ele se envolveu com comunistas há alguns anos e está um inferno para essas pessoas agora, algumas estão até sendo deportadas. Aconteceu a uma mulher negra que conhecia de um museu, uma escritora que fazia críticas das nossas exposições para os jornais do Harlem. Eu nem sabia que ela era estrangeira. Na verdade, a família dela migrara de Trinidad na década de 1920, quando ela ainda era bebê. Mas um dia essa senhora estava escrevendo sua história sobre artistas negros, quando o FBI bateu à sua porta. Agora ela está presa na Ellis Island, antes de ser deportada para Trinidad. Então você entende por que meu amigo porto-riquenho está preocupado. Você é estrangeiro também. Ele me pede para lhe perguntar se você conhece alguém no alto escalão que o ajude a escapar.

Que coisa, Asheville agora tem café instantâneo? Talvez eu tenha de ir até aí e escrever sobre isso. O chefe me manda em viagens para convencer os riquinhos a emprestar seus Picassos para nossas grandes exposições. Ultimamente ele tem puxado o saco dos Vanderbilts. Então prepare seu capacho, cara, talvez eu apareça aí para o jantar.

Até,

TOM CUDDY

23 de abril

Caro sr. Shepherd,

Suas novidades são extremamente bem-vindas. Todos nós na Stratford & Sons ficamos felizes ao saber que seu romance está avançando rápido. Li os capítulos que você enviou e acho que todos estão no nível que esperamos do nosso garoto. Este talvez seja o

seu melhor trabalho até hoje. Este contrato explica os termos que discutimos ao telefone. A data de entrega que você sugere, no fim do verão, é bastante adequada. Em breve você receberá um contato do nosso departamento de vendas para discutir o título, a capa e assim por diante. Eles estão determinados a incluir uma fotografia do autor desta vez, então, por favor, pense com carinho no assunto. Temo que seu título, O nome deste lugar, não tenha chamado tanto a nossa atenção. Acredito que Colapso do Império soe melhor. Mas temos tempo para decidir.

Anexas, você encontrará duas cópias do contrato para que assine. Na última página, note a declaração de anticomunismo, que também deve ser assinada diante de um notário público. Como você deve saber, essa formalidade agora é exigência para todos os contratos cinematográficos, e em pouco tempo também será obrigatório nos contratos editoriais, por isso estamos trabalhando para ter todos os documentos no arquivo.

Envio saudações da srta. Daley, que gosta de conversar com a sra. Brown. E saudações da srta. James, do departamento de correspondências, que diz que, como sempre, suas cartas chegam aos montes lá, cheias de perfume, apesar dos rumores sobre seu noivado. Muitos ficarão felizes ao saber que outro de seus livros em breve será lançado.

Sinceramente,

LINCOLN BARNES

4 de maio

Artie propôs um café da manhã na Confeitaria Suíça, um de seus esconderijos. Parecia um lugar turístico, eles tinham um enorme cartaz na parte da frente com um menino em calças curtas (*Vale a pena cantarolar sobre a nossa comida!*) e garçonetes vestidas como camponesas alpinas. Artie, em suas calças antigas e com seu leve cheiro de velho, não se sentia incomodado por nada disso.

— O que faz disso comida suíça? — perguntei, analisando o cardápio.

— Um monte de gordura. Salsicha branca, só que aqui chamam de linguiça. Comida alemã com uma orientação estrita quanto à

neutralidade.

Com Artie, a ironia carrega um peso que bate às raias do deboche. Nada parece entusiasamá-lo. Exceto pela revelação de que alguém trabalhou para Lev Trótski. Em meio à névoa de cigarros, ele analisou o novo contrato.

— Essas cláusulas são basicamente boas. Sinto muito pela declaração de anticomunismo.

— Vou assiná-la. Só espero que eles não me peçam para desaprovar qualquer coisa mais difícil.

— Como o quê?

— Café com muito açúcar. Irritação. Planos de assassinatos que eu jamais cometeria. Esse tipo de coisa.

— Esses crimes são muito difíceis de julgar. Senão, todos nós, exceto Eleanor Roosevelt, estaríamos em apuros.

Uma das garçonetes com tranças loiras estava se aproximando de mim, irmã gêmea de uma que nos colocara naquela mesa perto da janela.

— Apuros — repeti.

— Um termo técnico que significa xilindró. Você não sabe muito de gírias americanas, não é? Para um jovem das palavras.

— Elas nunca me vêm à mente com naturalidade. Você deve ouvir muita gíria nesse seu ramo. Atores e músicos.

— Ah, sim. Desses clientes eu ouço: “Artie, onde é que está a bufunfa?” Mangos, grana, pilas, várias palavras para uma coisa que eles não têm ultimamente.

Nossa camponesa alpina tirou um bloco e um lápis do bolso do avental e depois deixou o lápis cair. Intencionalmente, eu poderia jurar. Ela se ajoelhou para pegá-lo, os olhos baixos e o decote, o cálice que transborda. Minha nossa, como a sra. Brown diria. De onde essas criaturas preciosas vêm, é Artie quem as atrai?

— Minha boneca, quais são os pratos do dia? E nos prometa que veremos esse seu rostinho lindo em trinta segundos, quando você voltar trazendo o café. Açúcar extra para o meu amigo. — Sim, é o Artie.

— Você tem um jeito próprio de falar — disse ele assim que a garçonete saiu. — Da primeira vez que nos falamos ao telefone, eu

percebi. Todas as palavras são perfeitas, mas nota-se um sotaque, como Gary Cooper. Não o inglês tradicional.

— Eles me dizem a mesma coisa no México: meu espanhol tem um ligeiro sotaque. Sou estrangeiro em todos os lugares.

— Bem, não se livre disso. Do seu jeito com as palavras, quero dizer. Precisamos do dinheiro.

— Não é culpa da minha mãe, ela era ótima com gírias. Maliciosa de primeira classe. Hoje é aniversário dela, por sinal. Eu sempre a levava para almoçar.

— Feliz aniversário, sra. Shepherd. Quantos anos?

— Eternamente jovem. Ela morreu em 1938.

— Meus pêsames. Como aconteceu?

— Um acidente de carro na Cidade do México. Ela estava saindo com um jornalista, eles estavam correndo para o aeroporto para ver Howard Hughes.

— Isso é o que eu chamo de sair de cena com um estrondo. Quero dizer, com todo o respeito.

— Não, você tem razão, ela era mesmo um estrondo. Na morte e na vida. Sinto falta dela.

— Mas você mencionou planos de assassinatos que não tem coragem de executar. Alguma coisa que eu deva saber, como seu representante legal?

— Nada fora do comum. Jornalistas. Os rumores que incomodaram minha secretária nesta primavera. As pessoas a estão tratando mal. Até mesmo algumas de suas amigas.

— Um tema e tanto. A liberdade de imprensa que destrói a vida de uma pessoa sem motivo algum.

Ele estudava o cardápio com a mesma concentração com que analisara o contrato, lendo tudo até o fim. Ao terminar, fechou-o.

— Parabéns pelo livro novo. Como eu disse, essas cláusulas são excelentes. E lucrativas. Agora, deixe-me lhe perguntar uma coisa, uma coisinha pessoal. Mas pergunto no âmbito profissional, como o cara cujo trabalho é cuidar de você e proteger seu bem-estar.

— Tudo bem, vá em frente.

— Sei que essa sra. Brown não faz o seu tipo, categoricamente falando. Você certa vez disse que eu sou um dos poucos que sabem disso. O alistamento militar também sabe. O que estou perguntando,

e espero que a resposta seja positiva, é se há *mais alguém* que saiba.

— Alguém. Mais ninguém já há algum tempo. Uma proposta parece estar sobre a mesa agora, mas... Não é muito fácil falar sobre isso, Artie.

Ele estendeu a mão e bebericou o café.

— Minha intenção não é deixá-lo constrangido.

— Está preocupado com a minha segurança?

— De que você corra o risco de, digamos, se expor. Chantagens podem vir de lugares inesperados. Nesse caso, não estou falando da Aware, Incorporated. Já tive clientes na mesma situação.

— Ah! Bem, não, não acho que seja uma preocupação. Esse amigo particularmente teria muito o que perder. Expondo-se, como você diz.

— Outro bolchevique? Esqueça. Finja que nunca perguntei.

Eu ri.

— Não, não se preocupe, esse é todo patriota. Trabalhamos juntos no Serviço Público durante a guerra, transportando obras de arte da National Gallery para um lugar seguro. Havia vários de nós no trabalho, você ficaria espantado. O mundo da arte talvez jamais seja o mesmo.

— É verdade.

— Atualmente ele está trabalhando para um museu em Nova York. Incomunicável há anos, e de repente está vindo até aqui. A verdade é que não é algo fácil de aceitar. Estou muito bem vivendo como um monge.

Artie afastou com a mão uma nuvem de fumaça.

— Ah, eu também. Eu diria “desde que minha esposa morreu”, mas sob juramento eu teria de dizer que desde muito antes disso. Quem tem energia?

— Você ficaria surpreso, Artie. Garçonetes parecem zumbir ao seu redor feito abelhas.

— O mundo do espetáculo, meu amigo. Parece mel. No fim, passamos no máximo quinze minutos totalmente envolvidos pela paixão; quanto ao restante dos dias, simplesmente olhamos para trás e assoviamos. Não é uma má escolha.

— É o que parece.

Ele acendeu cuidadosamente outro cigarro na ponta do anterior.

— Já o *amor...*

— Ah, sim. O amor é algo completamente diferente.

— E isso você tem aos montes, meu amigo. Você é amado pelas multidões. Moças e moços fazendo fila em frente às livrarias, desejando cada uma de suas palavras.

A opinião deles ao meu respeito deve ser a mesma que têm de um burro falante. Foi Frida quem disse isso.

— Sim, tenho muita sorte. Empregado pela imaginação americana, como você disse.

— Há muito tempo.

— Tenho uma pergunta para você, Artie.

— Pessoal?

— Não. Meu amigo de Nova York diz que estrangeiros estão sendo deportados lá, sob suspeita de praticamente qualquer coisa. Trabalhar pelos direitos dos negros, coisas assim. Meu amigo é dramático, pode estar exagerando.

— Nesse caso seu amigo não está exagerando.

— Isso é diabólico. Atrair o apoio das pessoas deportando os que pensam diferente.

— Diabólico é um termo político para esse tipo de comportamento.

— Eles estão de olho principalmente nos estrangeiros?

— O sr. Hoover e o sr. Watkins, do Serviço de Imigração e Naturalização, estão muito entusiasmados com essa faxina. Alguns dos deportados vivem neste país desde que Homer era bebê. Conheço um cara, Williamson, secretário do Trabalho do Partido Comunista, que atualmente está preso sem acusação formal na Ellis Island. Acusado de ser imigrante. Ele diz que nasceu em San Francisco. Quarenta e cinco anos de idade, tem família, testemunhas. Mas todas as certidões de nascimento da cidade se perderam no terremoto e no incêndio de 1906.

— Minha nossa!

— Shepherd, você tem uma certidão de nascimento, não?

— Tenho. Foi um pouco difícil, porque meus pais morreram, mas localizei o hospital onde eu nasci. Tenho dois passaportes, um norte-americano e um mexicano. Tive de escolher um deles durante

a guerra, como você sabe. Chamado para trabalhar para o Departamento de Estado, eles gostam de ver credenciais.

— Mantenha o passaporte norte-americano com você, junto com as armas e as bebidas. É um conselho.

O café da manhã consistiu em biscoitos, salsichas e ovos em vários pratos, pesados e brancos. Artie os arrumou para abrir espaço para o cinzeiro e continuou a fumar durante toda a refeição. Com tanta gordura por perto, fiquei imaginando uma combustão espontânea.

— A sra. Brown faz o que pode para me manter a salvo de problemas — eu disse. — Ela diz que minha ideologia é transparente. Mas nenhuma ficha criminal surgiu ainda.

— Quem precisa de crimes? O SIN tem um estábulo cheio de testemunhas, profissionais. Muito bem pagas, talentosas, elas são capazes de produzir um depoimento para qualquer ocasião. Se um homem não é comunista, eles provarão que é. Se for, eles podem acusá-lo de “criar confusão e histeria” e mantê-lo preso até que a participação no Partido Comunista se torne ilegal.

— Considerar um partido político ilegal? Que tipo de país faz uma coisa dessas?

— O país onde você mora. O partido tem desencorajado a violência, como você sabe. No ano passado eles também romperam quaisquer relações com o Serviço de Inteligência da União Soviética, para ficarem do lado seguro. O problema é que não há um lado seguro. Um júri federal declarou recentemente que o Partido Comunista é uma ameaça à defesa da nação. Agora o Congresso está trabalhando na lei Mundt-Nixon, que exige o registro de todos os membros do partido. Assim, negar a participação no Partido Comunista em breve também será considerado um crime. Essas pessoas estão ferradas se negarem e estão ferradas se não negarem.

Lá fora, no estacionamento, sob o letreiro luminoso do restaurante, aquele menino tirolês em calças curtas, um carro escuro estacionou e dele saiu um casal, aos gritos, numa terrível briga. A janela abafava qualquer som, mas o ódio entre eles era visível. O homem continuava cercando a mulher para gritar de frente para ela, que se desviava, a capa de chuva balançando feito um

sino, os sapatos baixos dando passos para o lado. Uma criança surgiu no vidro oval da traseira do carro, o peixinho amaldiçoado em seu aquário.

— Bem, pelo menos não sou membro do partido.

— Sr. Shepherd, você teve um passado intenso. Seus amigos mexicanos, você ainda mantém contato?

— Com a Frida, sim. Sra. Kahlo. Intermitente. Ela acaba de se juntar novamente aos comunistas, depois de um tempo. Diz que o partido está ganhando força lá.

— Pode ser, e lá o partido também é legal, no país dela. Mas sugiro cuidado.

— Você não está dizendo que eu deveria simplesmente ignorar velhos amigos, por medo de ser associado a eles?

— Não, não estou, e sei que você, meu senhor, é um homem de fibra. Mas você ficaria surpreso com a quantidade de pessoas que fazem exatamente o que acabou de dizer.

— Entendo. Minha estenógrafa diria “O prevenido tem medo”.

— Isso praticamente resume meu conselho.

— Então, guardar velhas cartas e coisas assim na casa talvez não seja uma boa ideia.

— Um homem de fibra e inteligente. Muito bom. Agora, e quanto ao nosso agente X, que ligou em outubro passado? Ele ainda mantém contato?

— Nem uma espiadinha. Deve ter descoberto que sou desinteressante.

— Talvez. Ah, se todos tivéssemos a mesma sorte! Mas esses homens não se importam com o que você é. Nem mesmo com o que está planejando fazer, apesar do que possam afirmar. São como carneiros. O que os atrai é o cheiro dos lugares onde o senhor já esteve.

— Bem, isso eu não posso mudar. Passei anos cercado de comunistas, lavando suas louças enquanto discutiam o programa de transição e formalizavam diretrizes partidárias. Sabe de uma coisa, Artie? Eles comiam o que as pessoas comuns comiam. Pintavam a sala de jantar de amarelo e amavam seus filhos. Ainda me pergunto o que as pessoas têm contra os comunistas.

— Já lhe disse. O “anticomunismo” não está muito interessado no “comunismo”.

— É, já disse. Atum e gripe espanhola. É difícil de acreditar.

— Pense nas religiões. A gravidez de uma virgem. Também é difícil de acreditar. Mas muitos a usam como prova de que os fornecedores de indecência estão em todo lugar.

O casal que discutia lá fora voltou para o carro e foi embora. Uma parada em seu caminho.

— Comunismo? A maioria das pessoas não faz ideia do que seja — disse Artie. — Não estou exagerando. Olhe em volta deste restaurante e pergunte a qualquer um destes bons cidadãos: “Com licença, senhor, tive uma ideia, e se vários trabalhadores tomassem conta de seu próprio meio de produção? O que o senhor acha disso?” Quer saber, é provável que todos sejam a favor.

— Comunismo é o mesmo que Stálin, isso é o que eles pensam.

— Exatamente. E beisebol são nove homens brancos e um bastão. Ver é crer. Durante anos o presidente nos disse que não tínhamos o que temer. Eles pregaram cartazes sobre isso em todas as agências do correio: “Não temos medo dos japas”. Agora temos uma mudança de mentalidade e estão pregando um novo lema: “Fuja enquanto pode!”

— Entendo o que quer dizer.

— De acordo com a última pesquisa do Elmo Roper, quarenta por cento dos norte-americanos acreditam que os judeus têm poder demais neste país. Agora me diga: quantos judeus estão no Congresso?

— Não muitos, eu diria. Talvez nenhum.

— Então qual é o problema? Pessoas com sotaque estrangeiro, não cristãos e que não se desculpam por isso? Talvez tenham suas próprias ideias. Isso soa como um desafio para nossa paz e para nossa liberdade, arduamente conquistadas. Rebelar-se contra a segregação racial é outro exemplo.

— Entendo. A questão não é só o comunismo.

Ele se aproximou, os olhos azuis cheios d’água, com um olhar ardente. Estendeu as duas mãos bem abertas, como se pretendesse segurar meu rosto entre elas.

— Quer saber qual é o problema? Quer mesmo saber? É que esses caras decidiram chamar este lugar de *América*. Eles têm a audácia de dizer: “*Aqui*, seus filhos da puta, vocês não põem a mão. *Isto é a perfeição!*”

— Mas todos os países ainda estão evoluindo. Sempre. A história é assim, as pessoas têm de entender isso.

Ele deixou cair as mãos, recostando-se no banco.

— Desculpe-me pelo linguajar, mas diga isso para os filhos da puta dos fuzileiros.

— Minha estenógrafa disse mais ou menos a mesma coisa. Exceto pelo modo de falar.

Artie terminou o café da manhã e agora empilhava os pratos, o cinzeiro no alto, recuperando-se.

— Sua sra. Brown, uma senhora muito astuta. Como ela é?

— Astuta, como você diz. E não é minha, por sinal. Ela é uma boa pessoa, eu acho.

— Que bom — ele jogou o cigarro no chão, alisou o contrato na mesa, dobrou-o e guardou-o dentro do envelope. — Pode assinar. Com a declaração final e tudo, se é isso o que quer. Não posso dizer sim ou não. Mas vou lhe dizer uma coisa sobre o que está por vir. Lembre-se de que você ouviu isso primeiro de Artie Gold, diante de um prato de salsicha e biscoitos. A coisa vai ficar feia. O que esses homens estão fazendo pode ser permanente.

— O que você quer dizer?

De repente ele pareceu cansado.

— Você obriga as pessoas a pararem de fazer perguntas e, quando percebe, elas leiloaram o ponto de interrogação ou o venderam como sucata. Nenhuma coragem. Nenhuma boa ideia para consertar o que estiver quebrado no país, porque, se você mencionar que está quebrado, acaba automaticamente desqualificado.

— Claro que você está exagerando — respondi. — A América é um lugar de extremos. A última moda e um tanque de gasolina o levam a praticamente qualquer lugar. Hoje o Kremlin é um movimento messiânico, e é melhor estar morto do que ser comunista. Amanhã eles concluirão que o verdadeiro inimigo é o cigarro e o açúcar do café. A cultura se constrói com hipérboles.

Eu queria fazê-lo rir e continuei:

— Ou talvez você realmente ache que essa comida é algo para se vangloriar.

Mas ele não riu.

— Sou velho. Já vi muita coisa. Mas o que esses homens estão fazendo é pôr veneno no jardim. Mata as ervas daninhas, sim, e depois você tem um monte de coisa morta lá por muito tempo. Talvez para sempre.

The Asheville Trumpet, 18 de junho de 1948

Cidade Tranca as Portas Diante da Ameaça da Pólio

por Carl Nicholas

A Comissão Municipal de Saúde banuiu esta semana todas as reuniões públicas para conter a onda de paralisia infantil que assola nosso estado. A quarentena começa na primeira hora de segunda-feira, obrigando o fechamento de cinemas, pistas de patinação, piscinas públicas e outros lugares de infestação. Todas as igrejas da cidade, exceto a Igreja Católica, têm aconselhado suas congregações a orar na segurança de seus lares. Esta cidade de cinquenta mil almas está silenciosamente como uma sepultura, já que as donas de casa não saem para fazer compras, e nossas empresas e hotéis veem os lucros roubados pela epidemia.

O dr. Ken Malusa, entrevistado, por telefone, no Departamento de Saúde, lembra que nem o mais sábio dos médicos é capaz de oferecer uma cura química para a pólio. “Esse germe é habilidoso, não pode ser visto a olho nu nem com os melhores microscópios. Muitos já tentaram, mas o germe sorrateiro não se revela. A penicilina não o assusta e é inútil. Meu conselho: mantenham as crianças longe das aglomerações, que é por onde ele circula.”

Isso serve para os adultos também, ninguém está a salvo. Sete por cento das vítimas morrem, diz o dr. Malusa, e quase todas ficam aleijadas. O médico afirma que nada explica a epidemia anual, que ocorre somente no verão. Atualmente, Asheville está sofrendo a pior taxa de epidemia do país, num estado que este ano já registrou

mais de mil casos de vítimas da pólio. O total nacional é de aproximadamente seis mil.

Os padres da cidade escreveram uma carta ao bispo Vernon Reynolds, em Raleigh, pedindo que ele dê a permissão da Igreja Católica para que as missas sejam interrompidas.

6 de julho

Cara Frida,

São duas da manhã, e lá fora está claro como o dia. A rua asfaltada com um brilho aquoso, as árvores enfileiradas ao longo das margens, como os canais de Xochimilco. A lua não está totalmente cheia: perfeita do lado esquerdo, mas um pouco oculta do lado direito, então minguando. C de Cristo significa que ela está minguando. Não consegui dormir esta noite, por isso me levantei para celebrar nosso aniversário. Mas devo ter pegado no sono e sonhado durante alguns segundos, porque você está aqui no meu quarto agora, na cadeira de rodas, o cabelo todo armado. Trabalhando no cavalete, de costas para mim. Eu disse:

— Frida, olhe, as ruas se transformaram em rios. Vamos pegar um barco para algum lugar.

Você se virou para mim com os olhos vazios e disse:

— Vá, Sóli. Tenho de ficar.

As notícias que ouvi no rádio devem ter me tirado o sono. O bloqueio de Berlim feito por Stálin é um horror, e não é muito difícil para imaginarmos daqui. Asheville também está sitiada, de quarentena por causa da pólio. Hoje fui até o centro para depositar o salário da sra. Brown, mas não encontrei viva alma pelo caminho. Os parquinhos das escolas, vazios. As lanchonetes, apagadas, os balcões, frequentados por fileiras de banquinhos cromados, vazios. A cidade é um cemitério. Meus únicos companheiros hoje foram os manequins nas vitrines das lojas, com seus olhos cegos e seu risinho malicioso. Ah, é claro que o banco estava fechado.

Posso imaginá-la aí, Frida, arrastando-se pelas ruas para rir de todo esse medo. Você já teve pólio, tem sua perna para provar, suas desgraças e sua paixão que não podem ser mantidas trancafiadas por nada. É uma dádiva sobreviver à morte, não é? Ela nos exclui da multidão. Que estranho me incluir, imagino agora o que quero dizer com isso. Qual foi minha doença da infância? Amor, eu acho. Tornei-me suscetível ao contato com o amor, sofrendo os calafrios e os delírios daquela varíola. Mas parece que estou seguro agora, é

improvável que eu contraia a doença novamente. As vantagens da imunidade são óbvias. As pessoas se contorcem com medo de ficarem sozinhas, fazem qualquer coisa para evitar isso. É uma grande liberdade abdicar do amor e se envolver com tudo o mais.

Neste verão, meu tudo-o-mais é principalmente o novo livro. Acredito que será um livro sério, Frida, e importante. De qualquer modo, será concluído logo, no outono, espero. Avanço lentamente porque tenho de fazer tudo sozinho, reescrevendo. A eficiência da sra. Brown me deixou mal acostumado e agora ela não pode trabalhar porque a dona da pensão ficou histérica por causa da epidemia. Ela ameaça os hóspedes, dizendo que, se eles saírem em público ou andarem de ônibus, não serão bem-vindos de volta à pensão. A sra. Brown tolera o intolerável daquela mulher. O próprio Stálin teria muito o que aprender com o Cerco da sra. Bittle.

Tenho me perguntado: por que não deixo a sra. Brown morar aqui? Já trabalhamos juntos e tenho um quarto livre. Sabe, sou estúpido demais, tentando sacralizar as regras sobre certas coisas. No México todos os tipos de pessoas podiam viver numa casa, algumas com corações na mão e outras de braços dados, todos numa mesma chalupa. Mas não, aqui não. Até um idiota entende isso, depois de levar tanta pancada na cabeça! Poderíamos ser pendurados como roupa suja à vista de todos no *Echo* e no *Star Week*. As crianças receberiam ordens para mudarem de calçada na rua, ao passarem pela casa.

Por sorte, o correio continua funcionando. A sra. Brown conseguiu que tudo fosse enviado para a pensão da sra. Bittle, até, e a menos que, a dona da hospedaria perceba o quão ameaçador é um envelope lambido por um estranho. Minha casa está vazia como as lanchonetes, a mesa da sra. Brown continua arrumada como ela a deixou, a máquina de escrever, coberta, o telefone, exibindo-se como um narciso negro florescendo na mesa, o fone, pendendo. Se eu quiser companhia, posso remexer nas cartas; ela envia tudo para cá, em caixas, depois de tê-las respondido. Essas cartas continuam sendo impressionantes, o fluxo mal diminuiu. Agora todas as moças imploram: “Por favor, sr. Shepherd, dê-nos um final feliz da próxima vez!” Como se eu tivesse influência sobre o mundo real, com meus

personagens inventados. Essas moças apostaram no azarão. Ninguém deve contar comigo para escrever um final feliz.

Você e eu somos iguais. As pessoas lhe pedem para apagar os corações que sangram e os punhais de seus quadros, para torná-los mais agradáveis? Mas no México é diferente, eu sei. Você pode ficar com seus corações e seus punhais aí.

Nossa visita de Natal se mantém na minha memória, embora seja verdade o que você disse, que se tornou uma pessoa diferente. Mas não vou concordar que você seja um saco de ossos. Diego é um tolo, aquela magricela Maria Félix deveria subir numa árvore e se alimentar de formigas. Mas sua saúde realmente me preocupa, para ser sincero. Uma das coisas que me deixam acordado à noite é o medo de que talvez não seja possível celebrar muitos aniversários mais com você.

Mais do que tudo, arrependo-me das palavras duras durante nossa visita. Entendo seu mau humor, é um tipo de poesia, e não uma verdade, e sei que você e a sra. Brown não foram feitas para se darem perfeitamente bem. Você e ela são mulheres importantes na minha vida, e cozinheiros demais acabarão incendiando a cozinha. Se for preciso pedir perdão, eu e a sra. Brown já nos desculpamos. Tenho certeza de que ela enviaria suas saudações junto com as minhas.

Abrazos para Diego, e para Candelária, Belém, Carmen Alba, Perpétua, Alejandro, e todos os outros na sua casa, onde, ao que parece, tenho mais amigos do que em toda a cidade onde agora vivo. Mas principalmente para você, mi querida, feliz cumpleaños.

SÓLI

30 de julho

A sra. Brown ligou antes das nove esta manhã, fora de si. Uma segunda carta daquele escorpião do escritório de advocacia: Loren Matus. Uma fotografia incriminadora, diz ele, mas nada disso faz sentido. Pedi que ela lesse aquela parte da carta duas vezes. “Uma fotografia de Harrison Shepherd e sua esposa numa reunião do Partido Comunista em 1930.” Devo lhe pagar uma taxa de quinhentos dólares pela oportunidade de examiná-la.

Ela escreveu uma carta ditada ao telefone, porque essa fotografia não pode ser o que ele diz. Em 1930, Harrison Shepherd tinha 14 anos e frequentava a escola fundamental para retardados mentais na Cidade do México. Politicamente, estava inclinado a reunir centopeias num vaso e soltá-las sob a mesa da sra. Bartolome durante as orações. Desde aquele ano, ele não viu motivo algum para se casar, nem ninguém se ofereceu para o trabalho, se bem que teria sido divertido ter uma esposa em 1930. Muitas pessoas pagariam para ver isso. Assinado sinceramente Harrison Shepherd. HS/VB.

11 de agosto

— Pode comemorar! — diz Tom Cuddy ao telefone. — Caretópolis, aí vou eu.

Ele tem de tratar de negócios que envolvem obras de arte com os Vanderbilt, ficará durante três noites no Grove Park e propõe que nos encontremos lá. “Um encontro na surdina”, é como ele o chama. Ah, Tom, Tom, filho da vaidade, esperando que eu apareça com o chapéu na mão, o coração batendo forte. Sabendo que, de fato, eu irei.

O encontro na surdina

Há quanto tempo, diz o belo malandro, tirando os olhos do copo de uísque. Um firme aperto de mãos, a cadeira afastada. O terraço do restaurante do Grove Park é muito elegante, com toalhas de mesa e velas tremeluzentes, mas todas as outras cadeiras estavam vazias. Tom deve ser o único hóspede do hotel.

— Você tem coragem de deixar seu chefe o mandar para cá. Eles não ficaram sabendo da quarentena, lá em Manhattan? Ou você é tão corajoso que a praga não pode pegá-lo?

— Quem tem medo de um germe de pólio? — perguntou ele. — Isso só reforça o caráter.

— Tommy, isso não é brincadeira.

— Qual é o seu problema? Isso é gim borbulhante de ameixa. Não deixe que o nome o impressione, é uma bebida barata. O cara de avental lá no bar tem a mão pesada.

— Certo. Uma passagem no trem expresso, por favor.

Tommy fez sinal para o garçom, que pairava constantemente por perto, no escuro, na entrada do pátio ou encostado na parede, fumando. Tenho me perguntado se os garçons algum dia se tornarão invisíveis para mim, como parecem ser para os outros. Eu queria ajudar aquele cara a ir embora, pegar eu mesmo as bebidas e depois ajudá-lo a levar os pratos para a cozinha.

A ponta do cigarro de Tommy brilhava, num movimento constante.

— Ah, o que é isso, veja o que a pólio fez por FDR. Uma perna inútil lhe rende votos de solidariedade, você pode ser sentimental com qualquer coisa e todos ficam apalermados por isso. “*Odeio a guerra, Eleanor odeia a guerra, nosso cachorrinho Fala odeia a guerra...*”

As bebidas vieram, seguidas pelo jantar, materializando-se no escuro exatamente como Tom, surreal como a imagem surgindo num cinema. A crueldade é só um dos papéis que ele interpreta, como Hurd Hatfield no papel de Dorian Gray. Tommy enfrentara alguma dificuldade no seu dia. A mostra de arte moderna que ele ajudou a organizar, ridicularizada pelo Congresso, isso ele levou para o lado pessoal. E provavelmente foi o ponto mais baixo para um garoto que quer tanto pertencer a algum lugar, e que jamais conseguirá.

A verdade é que Tommy demora a se expor, mas ele está aqui em algum lugar, sob a superfície brilhante. Quando nos conhecemos, sentados sobre um caixote de Rodin no trem, ele fez uma piadinha inteligente ao ouvir o nome Rivera. Ele havia estudado aqueles murais por meio de fotografias. Ele queria saber tudo: a mistura da argamassa, os pigmentos. E Frida, como ela espalha a tinta, com pincéis ou espátulas? As cores quentes ou frias primeiro? Aquela tristeza extraterrena que é irradiada de seus quadros, ela sente mesmo aquilo ao pintar? Foram palavras dele, tristeza extraterrena. Tommy já comprou duas Kahlos durante seu tempo no museu.

Mais tarde, no quarto, deitados e fumando maços e maços de Camel, com o peito nu no escuro, poderíamos estar na Academia Potomac ou nos quatinhos da casa de Lev. Mas aqueles lugares

não tinham ele, Tom Cuddy é um espetáculo. Suas perguntas não precisam de respostas, já é bem difícil entender o que ele está perguntando. Quem ganharia uma queda de braço, Frankie Laine ou Perry Como? Christian Dior ficou louco ou é um gênio?

— Por quê, o que Dior fez?

— Tirou todo o enchimento dos ombros das moças e o colocou no sutiã.

Ele está pensando em deixar a galeria e o mundo da arte e entrar para a publicidade.

— Para quê? Para escrever *jingles*? Lucky Strike É Sinônimo do Melhor Tabaco?

— Não, tolinho. Direção de arte. Criando o Visual do Amanhã.

— Achei que você amasse o museu. Kandinsky e Edward Hopper. Agora quer ser como Llewelyn Evans em *O mercador de ilusões*, vendendo sabonete Beauté para ingênuas donas de casa?

— Nada de sabonete, glamour. Sexo, Deus e a *Pá-tri-ah* — Tommy exalou um anel de fumaça perfeito e o observou subir rumo ao teto. — No sétimo dia Tom Cuddy criou a América. E Tom Cuddy disse: *Gato, isso é bom*.

— Se eu fosse um homem religioso, cairia fora desta cama antes que um raio a atingisse.

— Um dia você verá, Shepherd, meu amigo. Os homens em campanha para a presidência contratarão publicitários.

— Tommy, você perdeu o juízo.

— Não estou brincando. Sabe quantas estações de televisão já existem?

— Seis ou sete, eu acho.

— Vinte.

— Como está o seu amigo, por sinal? O Romeu latino com o rosto perfeito para a televisão?

A pergunta mudou o humor de Tom, tornando-o petulante. Ramiro se foi, não para Porto Rico, e sim para fora da cidade, para longe dos holofotes. Talvez esteja vendendo vassouras de porta em porta. Era difícil evitar as especulações no universo de Tom Cuddy: o sol poente de Ramiro, a estrela em ascensão de Harrison Shepherd. O antigo acordo contra a solidão. Tom diz que voltará dentro de um mês e provavelmente outras vezes depois dessa. Para

Dinheiroville, como ele a chama. Encontros regulares por sua conta no Grove Park, desde que ele continue alegrando os Vanderbilts, como planejado.

— Você tem sorte de viver aqui — disse ele.

— O quê? Em Caretópolis? De quarentena?

— Bem, aqui, Shep, ou em qualquer lugar que você queira. Escrevendo o que quiser, sem ninguém o vigiando. Na cidade somos como formigas sob as lentes de alguém, torrando sob o sol.

— Formigas torradas. Que dramático!

Saí da cama. Foi necessário algum esforço, muito gim de ameixa correr por sob a ponte, mas eu precisava andar pelo quarto. A energia de Tommy saía-lhe da pele feito eletricidade. Fiquei perto da janela, um buraco para a escuridão.

— *Eu sou* dramático — disse ele. — Você deveria ouvir a história toda. Os caras no rádio e na televisão. Os produtores são como aqueles valentões na escola, que se juntavam para ver uma formiga sendo frita. Teorias conspiratórias, depoimentos *estrangeiros*. Sabe quantos nova-iorquinos vêm de outro lugar? A cidade vai ficar vazia como esse hotel.

Numa rara reviravolta, ele parecia ter ficado sem palavras. Eu era capaz de ouvir o lugar respirando: o arfar das lajes, a água correndo lentamente pelos canos.

Tommy acendeu outro cigarro.

— Eles não precisam nem indiciá-lo. Certo dia você simplesmente sente o calor e sabe que eles estão por perto, ajoelhados em círculo, vendo-o se contorcer. Seu nome está numa lista. Todos param de falar quando você entra na sala. Acha que não sabemos da praga?

— São apenas produtores de televisão, Tommy, e não chefes de Estado, com uma polícia secreta à sua disposição. Apenas homens que acordam pela manhã, vestem ternos que compraram na Sears e vão para um escritório onde decidem quem vai levar torta na cara hoje. É difícil imaginar como podem parecer tão monstruosos.

— “Difícil imaginar” — Tom estalou a língua, para a prosa de um escritor ou para sua inocência, quem pode dizer? — Meu pastorzinho. O que farei com você?

2 de setembro

As estrelas e o planeta estão certos novamente. A sra. Brown está de volta durante toda a semana, feliz numa blusa curta. O Clube Feminino permitiu que ela voltasse ao Comitê de Programação, principalmente porque ela manteve o clube funcionando por telefone e por correio durante a quarentena. A maioria das senhoras estava aturdida pela solidão.

Estamos prestes a completar o rascunho do romance até o fim do mês. A sra. Brown diz que é um dos meus melhores, e ela ainda não leu o final. O título é outra confusão, o editor, como sempre, quer sinos ribombantes: *A queda do todo-poderoso* ou *Cinzas do Império*. Eu esperava por uma pitada de metáfora. A sra. Brown se sentou à mesa, pensativa, segurando um lápis no rosto, e depois sugeriu:

— Lembra em Chichén Itzá, no alto do templo, no último dia? Tudo parecia claro e depois veio a tempestade e banhou tudo numa luz diferente. Era a mesma vista, todas as mesmas coisas, mas de repente parecia apavorante. É isso o que o senhor quer, não é? Tem um nome para isso?

— Sim. J. Edgar Hoover.

Ela pediu permissão para sair mais cedo amanhã para ver Truman numa parada rápida pedindo votos para a reeleição. Ele está vindo para Asheville, falando de um palanque nos fundos da Ferdinand Magellan. É o mesmo trem que as pessoas ficaram esperando a noite toda, quando ele levou Roosevelt para casa. Mas ele nunca apareceu.

15 de setembro

O Grove Park é um lugar tranquilizador, com toda aquela mobília quadrada e pesada dos missionários, com seus pés firmemente presos ao chão. As gigantescas lareiras de pedra, os enormes relógios de madeira, até mesmo o telhado, pontudo e arredondado como a cumeeira de um chalé de contos de fadas, com pequenas curvas sobre as janelas dos cômodos dos andares mais altos. Tom gosta muito delas, ele se sente como um artista num sótão. Insiste

que Scott Fitzgerald sempre ocupava o quarto mais alto quando vinha visitar Zelda.

— Pergunte ao mensageiro, eu te disse, e tenho razão. Ele deve ter escrito o *Gatsby* neste mesmo quarto onde estamos dormindo.

— É mais provável que tenha sido *A fenda aberta*. Se é que ele estava aqui na cidade por esse motivo que você disse.

Tommy girou a cabeça.

— Ah, *A fenda aberta*, muito bem!

Ele se move como um ator, fisicamente ereto, ciente de seus melhores ângulos. Hoje ele teve uma plateia melhor: o terraço estava lotado, pessoas aproveitando o sol do outono. O turismo foi retomado e todas aquelas férias adiadas têm de ser tiradas antes da chegada do frio, é como uma corrida aos bancos. Tommy está brincando de analisar os convidados.

— Aquele ali tem um cofrinho enorme. Vou lá colocar uma nota de cinco dentro dele. Vá até lá e lhe peça para subir as calças.

— Não sei do que você está falando. Cofrinho.

— Significa — ele se aproximou, a voz baixa — que o carro que ele deixou com o manobrista tem enfeitiños presos à antena. Cocaína. Você não conhece esses universitários. Eu os vejo no escuro — o gim de ameixa não era rápido o bastante para Tommy hoje, por isso bebemos brisas do mar, uma mistura que ele ensinou ao *barman*. Instruções complicadas para o que se resumia a gim e suco de laranja.

— E lá, o casal. Parisienses. Um babaca e sua sapequinha, *très vout-o-reenee*.

— Mesmo? — não há como aprender o idioma de Tommy, desisti de tentar.

— Em Paris, eu sempre podia adivinhar quem era americano, *ping, ping!* — com um dos olhos fechados, ele fingia disparar um revólver. — Um nobre francês como esse — e levantou os ombros quase até as orelhas —, como se alguém tivesse colocado gelo por dentro do colarinho. Um inglês é o oposto, os ombros para trás. Digo, um pedaço de gelo pelo velho pescoço. Não é um problema, claro.

— E os americanos?

Tommy se esparramou novamente na poltrona, as pernas abertas e as mãos presas atrás da cabeça dourada, as vogais articuladas:

— Gelo, o que há de especial nisso? Eu mesmo pego o meu.

E o mexicano: *Eu carrego o gelo aqui nas minhas costas, o corto com um facão e provavelmente ainda não estará bom.* Tommy ergueu dois dedos para sinalizar a próxima rodada.

— Para mim, chega — eu disse. — Estou alimentando uma esperança ridícula de que conseguirei trabalhar um pouco ainda esta noite. Coca-Cola, por favor.

O garçom fez que entendeu. Todos os garçons do lugar eram negros, e todos os convidados, brancos. Parecia uma zona de ocupação depois de um cessar-fogo, duas facções distintas habitando o mesmo lugar: uma tribo de pessoas relaxadas e tagarelas, envoltas, desprotegidas, em roupas coloridas, e outra silenciosa, de paletós engomados, colarinhos brancos, em contraste com a pele negra. No México, quando servíamos a mesa, geralmente os convidados é que usavam colarinhos engomados, e os empregados é que se vestiam com trajes de estampas florais.

Tommy me disse que a Coca-Cola vende cinquenta milhões de garrafas por dia.

— Quem é você? Elmo Roper?

— E o suficiente para fazer flutuar um navio de guerra. Quero dizer, literalmente, se você pensar nisso. A Assembleia Nacional Francesa votou pelo banimento da Coca-Cola, nada de compra ou venda em qualquer lugar do império deles. Qual o problema?

— Talvez eles não queiram que derramem Coca-Cola em suas costas.

— Você vai para casa para trabalhar *hoje à noite*? — seus olhos eram tão claros e transparentes, em toda a sua complexidade, que pareciam emanar luz em vez de absorvê-la. Se mariposas pudessem voar para dentro de sua chama, morreriam felizes.

— Posso ficar a tarde toda. Mas estou tão perto de concluir o livro que é difícil pensar em qualquer outra coisa.

— Ah, seu filho vai ser mesmo um chato.

— Ou minha carne vai enfraquecer, como minha secretária parece acreditar.

Ele se inclinou para frente, beliscando-me no braço e estalando a língua. Depois se recostou na poltrona. Ele tinha um jeito de parecer apressado, como se tivesse ganhado uma aposta alta.

— E qual a novidade com sua tela?

Fiquei pensando.

— Desisto.

— Seu filme.

— Ah, não sei ao certo. Os ventos de Hollywood são incertos.

— Ouça, posso vender isso. Fazer com que seu filme se torne o assunto da estação.

— Achei que você queria dar uma olhada em Robert Taylor. Agora o está vendendo?

— Gato, você não está me ouvindo. Vou me tornar um publicitário. Fiz uma entrevista numa agência na semana passada.

— Estou entendendo. Você vai vender candidatos à presidência. Quer saber, eles precisam mesmo de você. Todos os quatro.

— Você é quem disse! Quatro homens concorrendo e, é claro, nenhum vencedor. Que Deus me livre de Tom Dewey com aquele bigodinho.

— Talvez você não seja poupado disso. Os jornais dizem que já está decidido. Com os democratas divididos, Dewey só está esperando a confirmação. O editorial desta manhã dizia que o gabinete de Truman deveria pedir demissão agora e deixar o caminho livre.

— Não pode ser. Dewey nem parece um republicano de verdade. Parece um vendedor de assinaturas de revistas.

— E que vendedor, ele não está nem em campanha! “América, a Bela” não é exatamente uma plataforma de governo. Acho que ele não quer se rebaixar ao nível de Truman, isso soaria como falta de confiança.

Tommy levou as mãos ao rosto.

— Tom Dewey, com o bigodinho escovinha, não. *Por favor*, aquela cara feia em todas as fotografias pelos próximos quatro anos, isso não.

— Você preferiria ver Strom Thurmond por quatro anos?

— Que deprimente!

Uma mulher robusta usando uma chamativa fita de cabelo e sandálias atravessou o terraço a passos curtos. No México, ela seria considerada uma mulher bonita, de certo modo, mas não aqui, eu acho. Os olhos de Tommy a acompanharam exageradamente, como Charlie Chaplin em *Em busca do ouro*.

— Talvez Scarlett O'Hara surja fazendo campanha para Strom — sugeri. — E Rhett Butler, assoviando o hino dos democratas racistas para uni-los.

Tom me olhou com os olhos arregalados.

— Isso é que é imagem de campanha. Você tem talento! E, do outro lado, Henry Wallace como o Flautista de Hamelin, com os liberais o seguindo.

— Coitado do Truman, ficou sem ninguém. Li que ele já pediu para dezenas de homens para que sejam o vice-presidente dele, e todos se recusaram. Será que é verdade?

— Ele não vai se reeleger, então, por que deveria desperdiçar seu tempo?

Um jovem casal se sentou à mesa ao lado, levando Tom a anunciar:

— Ligue o motor, acenda os faróis e chame a polícia — o homem era um Adonis, mais ou menos como um Tommy mais jovem. A moça usava um traje de tenista e braceletes de diamante.

— Minha secretária saiu para ver Truman discursando aqui, há algumas semanas. Ela faz parte da Liga das Eleitoras Femininas. Então acho que ele pode contar com ela.

— Ah, Deus! Homenzinhos com vozes finas rindo dos caipiras nos fundos do trem.

— Ela disse que ele reuniu uma multidão.

— Não. Essa foi a primeira coisa que ele conseguiu nos últimos dois anos.

— Não é justo. Os republicanos derrubam todas as suas leis no Congresso. Ele não pode ser culpado pelo salário mínimo ou pela situação das moradias, todos estão reunidos nos depoimentos sobre o comunismo para ver Alger Hiss ser acusado de espionagem.

Tommy improvisou uns trechos de "I'm Just Wild About Harry", fazendo gestos de jazzista.

— É verdade, Tommy. Se você lesse outra coisa além do *Echo*, saberia disso.

— Ótimo, agora chega. Harry Truman tem *dois* votos.

— Eu não voto. Nunca votei.

— *É mesmo?* Que surpresa! Eu achava que você fazia o tipo Henry Wallace. A ascensão dos homens comuns, essa coisa toda. Como os críticos dizem.

— A política neste país nem sempre é o que parece. Eu não me sinto... Como se diz? No direito.

Ele pareceu verdadeiramente surpreso.

— *No direito.* Gato, isto é a *América*, eles deixam todos votarem. Vagabundos, aristocratas e até mesmo cozinheiros como nós. Cães e gatos, provavelmente. Não leve o Fido para a urna, senão ele pode acabar votando.

— Bem, aí é que está, é coisa demais, rápido demais. Preciso de tempo para analisar.

Ele inclinou a cabeça, fazendo um biquinho de solidariedade.

— Um triste estranho na terra da felicidade.

The New York Times, 26 de setembro de 1948

Scott Liga Truman aos Comunistas

especial para o The New York Times

BOSTON, MASS., 25 de setembro — Hugh D. Scott Jr., presidente do Comitê Nacional Republicano, disse hoje aos republicanos de Massachusetts que o Partido Comunista apoiou o sr. Truman como vice-presidente em 1944 e que, como resultado, o presidente agora demonstra “indiferença à invasão comunista no país”. Fazendo o discurso principal na convenção estadual do partido, o sr. Scott atacou as referências do presidente às investigações espãs como “uma tentativa de desviar o assunto”, e disse que explicações para essa atitude poderiam ser encontradas na história.

“O *Daily Worker*, de Nova York, órgão de imprensa oficial dos comunistas dos Estados Unidos, apoiou o sr. Truman cordialmente no exemplar de 12 de agosto de 1944”, disse. “O apoio foi assinado

por Eugene Dennis, secretário do Partido Comunista, recentemente acusado de desobediência no Congresso por se recusar a depor sobre suas atividades subversivas neste país.”

O sr. Scott citou o sr. Dennis como um autor em conexão com os candidatos do Partido Democrata de 1944. “É um representante fundamental não apenas do Partido Democrata, mas também em seções importantes e mais amplas na federação.”

Outra ligação entre o presidente e o *The Daily Worker* foi denunciada pelo sr. Scott: uma carta escrita com o papel de carta do Senado e assinada por Harry S. Truman, em 14 de agosto de 1944. Nessa comunicação para Samuel Barron, diretor de relações-públicas do *The Daily Worker*, o presidente agradece pela cópia de um artigo publicado no jornal.

Convocando a expulsão em massa dos subversivos no governo, o sr. Scott afirmou: “Depois que a administração Dewey-Warren começar, veremos uma grande faxina em Washington, a maior desde que são Patrício expulsou as serpentes da Irlanda”.

O senador Henry Cabot Lodge Jr. foi o presidente da convenção e adotou uma plataforma contrária à menção do controverso referendo estadual sobre o controle de natalidade e os sindicatos.

1º de novembro

Dia estranho. Neve antes da hora e uma visita do FBI.

A neve caiu em flocos enormes e preguiçosos que se amontoavam cuidadosamente sobre tudo, até sobre galhos finos e fios de telefone, colocando uma cobertura branca sobre hidrantes, poças de lama e calçadas esburacadas. Uma Bênção para o Dia dos Mortos. Ou talvez um ritual de passagem, esse mundo assustador com todos os seus pecados aceitando se deitar com um suspiro e ser coberto por um lençol. “Santo dia” — eu havia acabado de pensar nessas palavras, quando ele se aproximou a passos cansados pela calçada, deixando para trás uma trilha, com as impressões de seus sapatos de couro. No meio-fio ele hesitou, virando-se antes de entrar pela minha calçada. Parecia um diagrama de dança de Arthur Murray.

Myers é o nome dele. Tomei cuidado para anotar desta vez: Melvin C. Myers, agente especial do FBI. Não era o mesmo homem que havia estado aqui antes, logo percebi que era uma voz diferente. Esse Myers é um homem importante, é claro, mas parece quase prestes a pedir desculpas. Velho demais para lutar, pena que a vida tenha resultado nisso.

Mal pude deixá-lo lá fora, de pé, recebendo a neve que se acumulava sobre o chapéu. Eu tinha fogo na lareira e café pronto, preparado para um dia solitário. A sra. Brown ficou em casa por causa do mau tempo, sua linha de ônibus foi cancelada. Por isso levei café para Myers, já sentado no sofá, e alimentei o fogo, para todos os efeitos, cuidando de um convidado. Rimos das eleições próximas, de como Truman logo vai estar procurando por outro emprego. Três revistas estavam na mesinha de centro, edições semanais que eu havia comprado na banca de jornais, todas elas com o presidente Dewey na capa, com seu ousado plano para o país resumido no miolo. Chisme e Chispa não se deixaram enganar pelo carinho amigável do agente, levantaram-se do refúgio de calor perto da lareira, rosnaram baixinho e se afastaram. Eu deveria ter feito o mesmo.

Ele acredita que eu vou ter problemas, o sr. Myers. Coisas que realmente não parecem boas levando em conta minha posição no Departamento de Estado. Estou prestes a embarcar no mesmo barco que Truman, disse ele. Procurando um novo emprego.

— Ah, bem, que pena. Muita coisa está acontecendo — decidi interpretar o penitente, para satisfazer o camarada. Não é necessário lhe dizer que eu não havia trabalhado para o Departamento de Estado há anos e não tinha a menor intenção de voltar a trabalhar lá novamente.

— Exceto por nós, agentes — disse ele, rindo abafado. — Nossa estabilidade no trabalho é uma coisa boa.

— Ouvi dizer. Serpentes fora da Irlanda e coisa parecida.

Ele estava ansioso por me mostrar a pasta com provas contra mim, e eu estava curioso, principalmente quanto à fotografia. Harrison Shepherd e esposa, reunião comunista em 1930. Foi uma decepção, não havia nada na imagem que eu pudesse reconhecer.

Nenhuma pessoa que eu conhecesse, nenhum lugar onde eu estivesse.

— Este é o nó em volta do meu pescoço? Não posso nem imaginar qual desses homens deveria ser eu. Eu tinha 14 anos e morava no México naquela época.

Devolvi-lhe a fotografia e ele tomou muito cuidado para colocá-la dentro de uma pasta e inseri-la no compartimento correto do arquivo.

Depois, disse:

— Essa fotografia é uma bobagem. Dá para notar.

O homem era tão sincero e infeliz que quase odiei decepcioná-lo. Talvez as pessoas habitualmente reagissem a ele desse modo — funcionários de lojas que lhe surrupiavam o troco, o açougueiro que colocava uns gramas a mais de osso na balança. Provavelmente eu o deixei entrar movido por uma sensação de que ele fosse um homem como Artie. Um Arthur Gold baixo, careca e gentil. Um viúvo, a julgar pelas roupas, e os cabelos compridos e escassos penteados por sobre a cabeça calva, ninguém para lhe dizer que aquela era uma má ideia. Ele não tinha nada da inteligência de Artie, mas parecia sofrer pelo mesmo amor não correspondido. A busca por um homem honesto, encontrando apenas a escória.

— Sei que o senhor viveu no México — disse ele. — Temos essa informação. O senhor trabalhou para um pintor na Cidade do México, um conhecido comunista. Não lembro o nome dele, mas está nos arquivos. Vim aqui hoje para lhe perguntar sobre isso. Em meio a toda essa bagunça, nesse mau tempo, na Carolina do Norte. Não tenho nem correntes presas aos pneus — suspirou.

— Para me perguntar sobre o trabalho para o pintor no México?

— Quase isso. O senhor poderia negar, a maioria nega. No começo. Mas vou ser honesto com o senhor, isso geralmente não ajuda em nada.

— O que eu poderia negar?

— Essa informação basta para demiti-lo de seu cargo no governo. Isso é o que acontece agora, se optar por não negar o envolvimento. Com o tempo, mais coisa pode acontecer. Acho que o senhor provavelmente vai receber a carta McFarland.

— Quem é McFarland?

— McFarland não é ninguém. Mas a carta traz más notícias, ela contém as acusações. As autoridades dizem que acumularam algumas provas bem surpreendentes contra o senhor.

— Entendo. E quem está lhe dando essas provas surpreendentes?

— Sr. Shepherd, seja sensato. O senhor sabe que não posso lhe dizer isso. Se permitíssemos a todos os acusados se confrontarem com seus acusadores, não teríamos mais informantes. Isso influenciaria nossa capacidade de investigar.

— Sua capacidade de investigar. E isso é importante.

— Correto. Hoje em dia, temos o dever de proteger os cidadãos. É uma tarefa precária. As pessoas não têm ideia do quanto deveriam estar agradecidas, o senhor deveria estar agradecido, sr. Shepherd.

— É difícil defender essa ideia, sr. Myers. Eu estava me sentindo bem confortável aqui hoje, antes de o senhor bater à minha porta.

Levantei e pus mais lenha na lareira, um pedaço de cedro que criou uma chuvinha de centelhas pelo chão. Limpei as cinzas, nenhum dano. Mas parecia que eu tinha irritado o sr. Myers.

— A mentalidade do comunismo é secreta — disse ele. — A pátria soviética tem de ser preservada a qualquer custo, e seus inimigos, confundidos — ele parecia estar citando um manual, falando diretamente para a estante de livros. Talvez estivesse tentando ler os títulos: *Dickens*, *Dostoiévski*, *Dreiser*, o suspeito organiza os livros por ordem alfabética. A culpada é a sra. Brown.

— Eu não sabia — disse. Fiquei onde estava, perto do fogo. Seria ele uma espécie de Jacson Mornard, que veio à minha porta, o chapéu na mão e a lâmina sob o casaco? Eu o deixei entrar, trouxe-lhe café. Como Lev sempre dizia, você não pode adivinhar.

Ele se virou para me encarar.

— O raciocínio comunista é o de que ninguém que se oponha a ele pode ter qualquer mérito. É uma doença psicológica. Os comunistas não aceitam a lógica.

— É uma opinião. Mas estava pensando no que o senhor disse sobre eu me confrontar com meu acusador. Eu achava que a Constituição me garantisse o direito de conhecer as acusações feitas contra mim. E quem as está fazendo.

Myers bebeu todo o café e se aproximou com um resmungo para colocar a xícara sobre a mesa. A conversa estava perto do fim, eu sentia.

— Sempre que ouço esse tipo de coisa — disse ele —, uma pessoa falando sobre direitos constitucionais, liberdade de expressão e assim por diante, eu penso: “Como ele pode ser tão tolo? Agora tenho certeza de que esse cara é um comunista”. Um conselho amigo, sr. Shepherd: nós nunca ouvimos um norte-americano de verdade falar dessa maneira.

2 de novembro

A sra. Brown saiu mais cedo para votar. Ela diz que a escola primária ali perto seria meu local de votação, se eu me interessasse em votar. Eu lhe prometi que tiraria meu título de eleitor antes das próximas eleições. Enquanto isso, as crianças da vizinhança terão o dia de folga, travando batalhas de bolas de neve, construindo fortalezas e bonecos. O boneco de neve ao lado parece o agente Myers, gordinho e com os ombros caídos, uma batata como nariz, olhando para minha janela e usando o velho chapéu diplomata que dei para Rômulo.

3 de novembro

Ela chegou às nove com a correspondência e os jornais do dia, todos afirmando com letras garrafais que Dewey fora eleito presidente. Pobre Tommy: aquele bigode escovinha realmente se agiganta sobre a boca. Mas os olhos da sra. Brown estavam em chamas. Ela fez uma dancinha tirando a neve dos sapatos na porta e se desfazendo do cachecol. Não vira um olhar quente como aquele desde o México.

— A senhora parece que comeu um canário no café da manhã.

— Ai é que está, sr. Shepherd. Dewey não foi eleito. Ligue o rádio.

No começo, as notícias falaram sobre o lançamento aéreo de suprimentos sobre Berlim, para aquelas pessoas desesperadas, já no sexto mês do cerco. Os aviões norte-americanos estão jogando mais comida do que nunca, milhares de toneladas, e agora também

carvão para que os berlinenses não morram congelados. O entrevistado era um homem da Força Aérea que disse que no mês seguinte eles planejam jogar doces e brinquedos dos aviões, presos a pequenos paraquedas.

— Aqueles alemães terão Papai Noel, quer Stálin queira, quer não — prometeu.

— Sr. Shepherd, tudo bem? — perguntou ela de repente, porque devo ter feito uma cara não muito boa.

Assoei o nariz, para manter a dignidade. Estava quase chorando, e por um motivo ridículo.

— Estava pensando no meu velho chefe, Lev Trótski — confessei. — Ele teria adorado essa notícia. O triunfo da compaixão sobre a força bruta de Stálin. O povo prevalece, com doces e paraquedas.

— São nossos meninos que os estão ajudando — disse ela, e eu disse sim, são, e quis dançar com a sra. Brown, bater com os pés na soleira da porta. Orgulho do meu país.

Depois de meia hora, as notícias sobre as eleições voltaram. Truman saíra enfraquecido e ficou rolando na cama, no Missouri, depois que lhe informaram que ele talvez não estivesse de férias ainda. Ele não ficou acordado na noite passada para ouvir os resultados; a campanha democrata não alugara um hotel nem organizara qualquer festa do tipo. Eles não acharam que seria necessário. Enquanto os homens de Dewey estouravam champanhe em Nova York, Harry vestia pijamas, comia sanduíche de presunto e ia mais cedo para a cama.

Agora a contagem estava voto a voto e havia vários estados ainda para apurar. No meio da manhã, Harry estava na frente com uma cabeça de vantagem. Não saímos da frente do rádio.

Pouco antes do meio-dia, eles anunciaram: Harry Truman venceu as eleições.

— Ah, sr. Shepherd, é um dia memorável. Esses jornalistas não podem tornar algo realidade só com palavras. Só se aprende viver vivendo.

Eu sabia o que ela estava querendo dizer. O feitiço sobre nós é forte, mas por mais triste que o dia possa parecer, o inverno vai

passar. Acendi o fogo na sala de estar. Um vizinho do outro lado da rua derrubou sua antiga garagem e jogou a madeira na calçada.

A sra. Brown enrolou o *Washington Post* como se fosse um pedaço de lenha e o acenou, os olhos felizes com a travessura.

— Aqui está uma coisa para alimentar as chamas — sugeriu.

Em pouco tempo queimamos todos os jornais e as revistas também, aquecendo as mãos com as trombetas daquelas falsas profecias. As revistas coloridas se contorciam com uma chama azulada. À tarde, a casa estava tão quente que a sra. Brown tirou as luvas.

— O senhor não pode desistir — continuava repetindo. — Acha que é impotente, mas não é, sr. Shepherd. O senhor sabe que não.

10 de dezembro

As Nações Unidas adotaram a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O rádio só fala nisso hoje, e até os coiotes assumiram um tom de respeito. Dezoito artigos que dizem que todas as pessoas do planeta nascem livres e iguais, com direito a agir de acordo com a consciência, em fraternidade. Talvez a sra. Brown esteja certa e não sabíamos para onde a balsa da esperança nos levaria.

Artigo 18: Todas as pessoas têm direito à liberdade de pensamento, consciência, religião e crença.

*Sr. Harrison W. Shepherd
Av. Montford, 30
Asheville, Carolina do Norte*

Data: 13 de dezembro de 1948

Caro sr. Shepherd,

Evidências indicam que, em certa época desde 1930, o senhor esteve ligado a o sr. Diego Rivera, pessoa(s) que demonstra(m) interesse ativo e simpatizante no Partido Comunista. Também temos provas de que seu nome foi citado em Life Magazine, Look Magazine, Echo, Star Week, New York Post, Kingsport News, New York Times, Weekly Review, Chicago Times Book Review,

Washington Post, National Review, Kansas City Star, Memphis Star, Raleigh Spectator, Library Review, The Daily Worker, Hollywood Week, Asheville Trumpet, afirmando que o senhor acredita na derrubada do governo dos Estados Unidos.

Essas informações indicam que o senhor foi ou é membro, afiliado ou apoiador do Partido Comunista. Portanto, o senhor está permanentemente proibido de exercer qualquer atividade para o governo federal. Quaisquer pensões ou salários não pagos, se houver, são desde já considerados propriedade do governo dos Estados Unidos.

Sinceramente,

J. EDGAR HOOVER,
DIRETOR, FBI

The Raleigh Spectator, 16 de dezembro de 1948

Escritor Comunista Demitido por Má Conduta

The Associated Press

WASHINGTON, D.C. — O escritor Harrison Shepherd, conhecido nacionalmente como autor de livros sobre o México, foi demitido esta semana do serviço público por ações antiamericanas. O homem, que vive em Asheville, trabalhou para o Departamento de Estado desde 1943. Sua função lá permanece um mistério, mas Melvin C. Myers, investigador-chefe do caso, confirmou que ele pode ter tido acesso a informações importantes. As más condutas vieram à tona graças à investigação em massa quanto à lealdade dos funcionários públicos, iniciada no ano passado, e que até agora identificou centenas de casos de antiamericanismo, mas nenhum de espionagem. Myers citou esse caso como uma prova de que a campanha para expulsar espiões em potencial, que possam estar escondidos em meio aos funcionários públicos, está dando certo.

18 de dezembro

Eles parecem muito entusiasmados em atacar, os homens da imprensa. Antes não, quando eu não era ninguém importante, mas agora sim. A sra. Brown diz que é inveja.

— Alguns dificilmente seriam capazes de um gesto de bondade, mas apedrejam qualquer alma que julguem feliz demais. Eles consideram que é seu dever tornar a vida de todos igualmente miserável.

— Eles acham que eu sou *feliz* demais?

Ela suspirou.

— Sr. Shepherd, foi o que o senhor já disse cem vezes, eles não conhecem a história toda da pessoa. Eles acham que o senhor só fica sentado aqui neste quartinho inventando histórias e recebendo sacos de dinheiro por isso, enquanto eles têm de sair debaixo de sol ou de chuva para conversar com o Zé Ninguém da Rua Charlotte sobre um concurso de tortas. Eles o atacam por ter uma vida mais fácil.

— Sra. Brown, quem é que tem uma vida fácil neste mundo?

— Também me pergunto isso.

26 de janeiro de 1949

Um encontro na surdina. O primeiro do ano. A atenção de Tommy parece estar se esgotando. Deitado de costas e exalando anéis de fumaça, seus olhos rumam para a janela como um pássaro preso no quarto, querendo a liberdade. Em vez de admirar o espetáculo do meu corpo, sentado na poltrona Morris todo enrolado em meu manto bordado. Presente de Natal da sra. Brown. Se eu o mantiver por tempo o bastante, ficarei aquecido feito um cordeiro, dos pés à cabeça. Pensei em vestir as luvas do ano passado também: o quartinho estava gelado.

Talvez eu esteja só imaginando a frieza de Tommy. O que eu entendo dos corações no inverno? Ele está cansado. Disso eu sei. E decepcionado. Nenhum emprego como publicitário, ainda viajando como vendedor de arte, em Washington, a semana passada inteira antes de vir para cá. Alguma coisa na National Gallery.

— Deve ter sido um rebuliço em D.C., com a inauguração.

— *Rebuliço* — disse ele. — Gato, que língua você fala? Minha avó falava “rebuliço”. Harry Truman diz “rebuliço”. Acho que foi esse o assunto do seu primeiro discurso. “Meus caros americanos, enfrentamos um grande rebuliço.”

— Na verdade o tema foi a falsa filosofia do comunismo. Vamos arregaçar as mangas e derrotá-lo.

— Isso soa como uma variedade de “rebuliço”.

— Não tem graça, Tommy. Não para mim. Eu estava esperando outro assunto.

— Ah, alegre-se! Você nunca mais vai ter que transportar Winslow Homers para o Departamento de Estado novamente, pobrezinho. Talvez esses seus textos de ouro maciço valham a pena.

— Como eu ainda tenho dinheiro, não tenho problemas. É isso o que você acha?

— Isso evitará que você fique sem amigos, meu caro.

— É o que dizem.

Tommy estava cuidadosamente estudando a palma da mão, por algum motivo.

— Por sinal, meu contrato de adaptação para o cinema foi cancelado. Sem motivo. Eles estão muito desconfiados quanto a qualquer coisa vermelha.

— Droga! Lá se vai minha chance de conhecer Robert Taylor.

— Você provavelmente pode dar um jeito. Se quiser ajudá-lo a depor contra alguém. O dinheiro é ótimo, ouvi dizer.

O frio estava literalmente penetrando no quarto. Eu podia senti-lo se infiltrando feito água pelas beiradas da janela. Tive uma estranha visão do hotel todo afundando como um navio sob o mar, entrando no mundo dos peixes.

— Quer saber, Tommy? Mês que vem deveríamos nos encontrar em minha casa. Sinceramente, seria bom. Vou preparar um *lomo adobado*. Você nunca conheceu minha casa.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Ah, mas o que os vizinhos vão pensar?

— Eles vão pensar que eu tenho um amigo. Uma pessoa batendo à minha porta que não é pago por mim nem pelo FBI. Você ouviu esse tipo de coisa o tempo todo.

Ele não disse nada. Terminou de analisar a própria mão e pôs o relógio de pulso.

— Você não está cansado de hotéis?

— De saco cheio, se você quer saber. Vamos descer para o bar.

— Deveríamos jantar. Uma boa rabada e Horlicks, é disso que você precisa. Você se deixou abater.

— Rabada e Horlicks. Gato, você é muito estranho.

— Brega, talvez. Desculpe. Acho que vou indo.

Ele se levantou e me encarou, de meias pretas no chão.

— Desculpe, cara. Só estou abatido. Cansado de hotéis, como você disse. O que são esses móveis, todas essas barras em tudo? Isso me dá calafrios, como se eu estivesse encurralado.

— É um estilo. Missionário.

— *Missionário*. Eles se levantam para rezar com o serviço de quarto?

Ele voltou a se deitar na cama, esticando as mãos sobre a cabeça para se agarrar à cabeceira e por um tempo ficou ali, agarrado como se fosse um prisioneiro.

— O hotel em Washington tem um bar horrível, o lugar estava todo em reforma. Eu lhe contei que houve um escândalo?

— Não.

— Na última noite. Não, na noite antes dessa. Voltei para o hotel depois de um dia cheio de reuniões com chatos, estou exausto e não consigo nem pegar o elevador. Um escândalo na recepção. Um cara negro enorme, tinha um belo casaco, chapéu, pasta, tudo, mas estava agitado. Futebol americano com os mensageiros. Quero dizer, ele foi jogado no chão e os mensageiros se jogaram sobre ele quando ele surgiu, eu acho. Ele é negro, entende? O hotel não aceita hóspedes negros.

— O que aconteceu?

— Adivinha. Depois descobriram que ele era embaixador de algum país africano. Etiópia, eu acho. Eles descobriram. Tudo ficou bem porque ele era estrangeiro, e não um negro americano. O que acha disso?

— Meu Deus. Odeio ter de imaginar. Os estrangeiros não merecem nem sequer o tratamento norte-americano comum?

— Talvez. Mas ele parecia decente. Um belo sotaque, como um inglês. Entramos juntos no elevador, ele estava hospedado no meu andar. Disse que esperava que eu não me importasse. Ele se hospedou ali várias vezes antes e eles ainda cometem o mesmo engano.

— Se incomodasse com o quê? Ele disse que esperava que você não se incomodasse.

— Não tenho a menor ideia.

— Como você se sentiu, Tommy?

Ele se virou e se apoiou sobre o cotovelo, estreitando os olhos.

— *Sentir?*

— No elevador, com aquele pobre homem.

Ele se deitou de costas novamente, olhando para o teto.

— Eu senti que estava subindo.

11 de fevereiro

— Havia um receptáculo na caixa de correio — anunciou a sra. Brown essa manhã, ao entrar. Depois desses anos todos ainda me surpreendo, embora já devesse saber, com ela ali em pé, segurando-o. Um receptáculo é um saco. Um saco de malha, nesse caso, do tipo que os vizinhos usam para levar as compras para casa. Hoje ele contém canetas-tinteiro secas, um chapéu diplomata, coisas que eu dera para Rômulo ao longo dos anos. Incluindo o *atl-atl* de borracha trazido do México, sua recompensa por dar de comer aos gatos.

— Eis o bilhete — disse a sra. Brown, estudando-o. — “Rômulo não o visitará mais.” — *Por favor, fique longe do meu filho*, era o tom do bilhete. O agente Myers a alertou para não manter nenhum objeto dado por um comunista.

— Pegue uma carta, sra. Brown. Diga a essa senhora que ela precisa entrar em contato com o general Eisenhower imediatamente, porque ele também guarda um Objeto Comunista.

A sra. Brown se sentou à máquina, as mãos postas, esperando que minhas palavras fizessem sentido em algum momento. Às vezes ela espera o dia todo.

— Como é que o chamam? Ah, sim! — eu disse, estalando os dedos. Minha memória é ótima, obrigado. — A Ordem da Vitória. Estava na *Life Magazine* há alguns anos, eles deram uma fotografia de página inteira. Uma estreia de platina com diamantes. Stálin lhe deu em Yalta. Diga-lhe que, da próxima vez que o agente Myers estiver por perto, é melhor ela lhe dizer para investigar Eisenhower. Para que o general coloque aquela coisa num saco velho e o devolva imediatamente a Stálin.

4 de março

Irritei-me com a sra. Brown hoje. Não deveria ter acontecido, ela é boa como um anjo. Ela fez as compras para mim, estou perdendo o controle ao sair de casa e estamos apenas em março. Ela aceitou, como sempre. Voltou com o troco e o recibo, mais notícias alegres da primavera, açafrões nos jardins da Montford, tênis em promoção. Uma embalagem com doze lápis custa agora 29 centavos. Um isqueiro Zippo, US\$ 6, por isso ela contrariou minhas ordens e comprou palitos de fósforo, que são mais econômicos. Eu a recriminei por isso, dizendo que fósforos não funcionam direito na banheira. Eu nunca briguei com ela antes. Ela ficou pálida e teve de se sentar, como se tivesse recebido um telegrama com más notícias. Demorou meia hora para que ela respondesse:

— O senhor não deveria fumar na banheira, sr. Shepherd.

— Por quê? Porque vou botar fogo na casa?

Esta tarde ela trouxe cartas até meu estúdio para que eu as assinasse e notei que suas unhas estavam roídas. Ela também está nervosa; nós dois nos assustamos quando o telefone toca, como se fôssemos menininhas esperando pela ligação de Lincoln Barnes. Eles estão com o manuscrito há meses, e agora com as provas corrigidas. Um título, a capa, tudo o que você precisa para a publicação. Exceto pela data da publicação.

— Suas histórias falam só sobre o México — disse a sra. Brown hoje, tentando me alegrar. — O senhor alguma vez já pensou em escrevê-las para os mexicanos?

— De onde a senhora tirou essa ideia?

— Só estou perguntando.

— Não escrevo em espanhol. Escrevo em inglês, sobre mexicanos. Se eu escrevesse em espanhol, acredito que teria de escrever sobre os malditos norte-americanos.

— Sei que o senhor fala espanhol perfeitamente. Já o ouvi.

— Pedir um prato de peixe não é o mesmo que escrever um romance. Eu nem mesmo sonho em espanhol. Não sou capaz de inventar coisa alguma nesse idioma. Não me peça para explicar.

Ela deveria ter dito “Sim, senhor” e dado meia-volta em seus sapatos de salto alto Kerrybrooke. É assim que as secretárias perfeitas fazem nos filmes. Mas ficou ali, com aquele olhar: Inferno ou Maré Cheia.

— Talvez pudesse ter aprendido — disse ela. — Se tivesse vivido lá um pouco mais.

— Vivi lá dos anos 20 até 1940. Não foi suficiente? Acha que umas poucas décadas a mais de prática fariam diferença?

— Quero dizer, viver lá como um homem. Um escritor. O senhor acabaria se acostumando.

— Isso é uma sugestão?

Ela não respondeu. Deixei meu livro de lado e a encarei.

— Olhe, não tenho o temperamento. Escritores mexicanos são todos deprimidos.

Ela estava escondendo cartas. Enchendo caixas no porão sem me deixar vê-las antes, como de costume. Eu a surpreendi e a obriguei a mostrar o que estava escondendo. Ela insistiu que quase todas as cartas eram iguais, que aquelas eram apenas um punhado de cartas “não muito agradáveis”.

“Que se dane H. W. Shepherd!” é o sentimento das pessoas de modo geral. Shepherd, o magricela patético, traidor da liberdade de expressão, o comunista.

— O senhor tem de perdoar essas pessoas horríveis, porque o homem não conhece o que odeia.

— Quem disse isso? Jesus Cristo?

— Sr. Shepherd, ainda há várias cartas boas aqui, e algumas odiosas. As boas são de pessoas que leram seus livros, e mais, que gostaram deles. As de ódio são de pessoas que não conhecem

nada do senhor. É isso o que estou tentando lhe dizer. Leia-as, se quiser. Veja se elas mencionam uma só palavra do que o senhor já escreveu.

Ela tinha razão. As cartas eram endereçadas a uma criatura da qual tiveram conhecimento por outros meios. Os noticiários, supostamente.

— Acho que o senhor pode se magoar — disse ela. — Como homem. Mas não como escritor, porque eles não leram seus livros. E, pelo que parece, diria que não leram nenhum livro, nunca.

Ainda assim era difícil ficar calmo. Como uma chaleira teimosa. Você sabe como vai terminar, sabe que vai ficar de estômago revirado, mas continua lendo. Havia uma dúzia ou mais. “Seu comportamento traidor no Departamento de Estado não é nada além de flechas e pedrinhas lançadas contra a Antiga Glória. É difícil para nós, americanos, entendermos como comunistas deploráveis conseguem viver com seus feitos grotescos.”

“Se a maioria fosse como você, seríamos todos escravos. Nosso país se baseia na liberdade. Se você não defende o nosso país, não merece a liberdade.”

“Eu e meus amigos com certeza faremos o possível para falarmos sobre o seu ódio nojento pelo nosso país e para transformá-lo ainda mais numa notinha de rodapé da história literária.”

“Me enoja pensar que você e sua velha esposa possam criar outra criança norte-americana que odeie o próprio país. Espero que ela seja estéril.”

“Volte para o seu paisinho nojento. Quando quisermos a opinião dos mexicanos sobre os Estados Unidos, perguntaremos.”

“Tenho orgulho de dizer que não tenho seu livro e, se tivesse, queimaria.”

Bem, com certeza fiquei incomodado por esta. Depois de nossa festa de queima de jornais e revistas. Mas a sra. Brown disse que era besteira, que é normal começar o fogo com um pouco de jornal usado.

— Isso é algo completamente diferente. Não é civilizado. Imagine dizer essas coisas para um ser humano.

— Não, o senhor tem razão. Eles são raivosos.

E tirou as folhas de minhas mãos.

— Raiva não é a palavra certa para isso. Essas pessoas nem o consideram um homem de verdade. Elas não lhe dão o benefício da dúvida. Acho que seriam muito mais gentis com um cachorro do vizinho que as mordesse.

— Bem, é verdade. Minha vizinha aqui ao menos me enviou um bilhete sobre o Rômulo. Ela escreveu “por favor” e me devolveu os presentes. Tenho de lhe dar crédito por isso.

— Eles só estão felizes por verem a queda dos poderosos — foi o veredicto dela. E rasgou as cartas em pedacinhos, jogando-as no lixo, depois se sentou para o trabalho do dia. Mesmo do andar de cima, sua máquina de escrever Royal parecia uma metralhadora.

7 de abril

Uma conversa enfiada ao telefone com Lincoln Barnes.

Digamos, você já pensou em escrever contos? Daqueles que são publicados em revistas populares?

Histórias populares. Eu lhe perguntei por quê.

— Ah, só estava pensando.

Minha opinião sobre esses contos, opinião esta que compartilhei com Lincoln Barnes, é de que são todos escritos por uma única pessoa usando centenas de pseudônimos diferentes. O nome verdadeiro deve ser algo como Harriet Wheeler. Não só se alimenta de chocolate e mora num dos quartos dos andares mais altos do Grove Park.

Deveria ter sido um bom dia. Com a chegada de Tommy, amanhã. Não no vagão dos Vanderbilts, ele só quer me visitar. Passar a caminho de ver algumas esculturas em Chattanooga. Ficaremos aqui, ele quer ver minha caverna, como diz, o lombo de porco já está marinando. A sra. Brown saiu mais cedo, eu estava cozinhando alho e pimentas na água para misturar com vinagre e orégano quando o telefone tocou. Meses sem um telefonema, esperando por Tommy e Lincoln Barnes, e agora os dois aparecem.

Barnes não queria conversar diretamente comigo, notava-se. Ele esperava deixar uma mensagem com a sra. Brown. Eu geralmente não atendo o telefone durante a tarde. O que ele parece querer

dizer é que há alguma incerteza quanto à publicação do livro. Só. Os negócios com os comunistas estão começando a deixá-lo de mãos atadas.

— Eu entenderia isso, se fosse um comunista. Para sua sorte, não sou.

— Olhe. Eu sei que você não é comunista. Todo mundo aqui sabe disso. Sabemos que você é leal aos Estados Unidos. Seu nome nem parece mexicano.

Tive de ir até a cozinha e derramar o conteúdo da panela. Cozinhou demais.

— Você é — disse ele quando voltei — controverso. Os caras que dão as cartas aqui não estão muito interessados em controvérsias, porque isso irrita as pessoas. Para a maioria dos leitores, controverso é exatamente a mesma coisa que antiamericano.

— Barnes, você é um homem das palavras, elas são importantes para você. Por que diria algo assim? Vocês não gostam de controvérsia porque isso irrita as pessoas? Controvérsia *significa* irritar?

Ele não respondeu.

— Você poderia dizer que não gosta da casca de ovo porque ela contém um ovo. Por que não ser sincero e dizer logo que não gosta de ovos?

Ele suspirou.

— Estou do seu lado, Shepherd. Acredite. Não liguei para brincar com você. Sugeriram aqui que publicássemos seu livro com um pseudônimo.

Boa ideia. Que tal Harriet Wheeler? Isso é loucura. O romance se passa no México, foi escrito no mesmo estilo que os dois anteriores, que já foram lidos por praticamente todas as pessoas no país, inclusive por alunos de escolas. Será que ele pensa que as pessoas acreditarão que se trata de um livro de outro escritor?

Ele disse que todos os editores de Nova York estão agora publicando livros sobre o México Antigo.

— Sério?

— Ah, sim. Em breve você terá cinquenta imitadores. Por que não fazer parte deles? Você pode ser um dos primeiros.

A coisa toda foi assustadora. Ele mencionou outras possibilidades. Usar uma pena de aluguel. Não exatamente isso, e sim uma pessoa de verdade, eu lhe pagaria uma porcentagem para usar seu nome. Para o caso de eu estar preocupado com a possibilidade de a imprensa descobrir que o livro fora realmente escrito por mim.

Descobrir. Minhas palavras, minha identidade, qual a diferença?

— Você é um editor, sr. Barnes. Sua mercadoria é o trabalho de outras pessoas. Então, do seu ponto de vista, poderíamos estar falando do talco Stanback ou de belos sapatos de couro. Não sei, só estou refletindo. Mas para mim é diferente. Eu sou a língua do sapato. Se você me tirar de dentro dele, a coisa toda se desfaz.

8 de abril

Um dia pode ser perfeito. Você pode se esquecer de todo o medo. Ou o medo pode deixar de fazer diferença, porque existe todo um oceano e você está dentro dele. Você prende a respiração, nada para a luz.

Tommy achou hilário que Barnes tivesse de ser convencido a colocar meu nome em meu próprio livro. Ou que ele ao menos “considerasse a ideia com o Departamento de Marketing”. Um arrogante idiota. Mas de algum modo fui convencido a concordar. Tommy é persuasivo.

— Ah, meu Deus, considerar com o Departamento de Marketing... O nome do autor no livro do autor. *E depois?*

Deus não tem carta melhor na manga do que um dia de abril, um carro funcionando, um mundo sem nada de errado nele, como se um *lomo adobado* ainda pudesse ser cozido com tamanha perfeição, consumido em excesso, distribuído depois entre uma geladeira Philco e dois gatos felizes e imprestáveis. E tudo deixado para trás, as louças ainda na pia. A estrada na montanha se abre para o oeste agora, o viaduto com vista para as montanhas, eles terminaram as obras para nós. Tommy e eu. Tínhamos certeza disso. Os túneis já não são sem saída, vão todos para algum lugar. Você chega ao outro lado.

— O sr. Barnes parecia achar que estava assumindo um risco terrível comigo. Ele disse: “Só espero que não me arrependa disso”.

— Ah, seu diabinho — disse Tommy. — Querendo que o seu nome esteja no livro que você escreveu. Quando você perceber, eles vão estar chamando as coisas pelo próprio nome.

— Chamando safado de safado — propus, acelerando o Roadster a toda velocidade na estrada, deixando que as curvas nos empurrassem, sentindo a gravidade. O mundo se tornou um borrão, as árvores de abril se acenderam em chamas de um verde-claro, as cenas passaram rapidamente, a água caindo, pontes pênseis sobre abismos rochosos. As janelas escancaradas, o cheiro carregado da terra na primavera, de um novo florescer de vida no peito do que quer que tenha restado aos mortos, tudo aquilo corria na nossa direção agora. Os cabelos de Tommy reluzindo, dourados, ao vento. Ele é um safado, um libertino, o seu reflexo cegante refletido no para-brisa. O brilho e a glória de Tommy. A mão de Tommy pousando aqui e ali, como se nada importasse, fazendo com que eu quisesse bater com o carro. Acelerar, me jogar fundo naquilo.

— Você e eu, gato, isso é que é vida — disse ele, e com Tommy isso era o mais próximo que você podia conseguir de uma declaração de amor. — Essa é a vida e você a conhece.

Páginas soltas, Montford

Junho de 1949-Janeiro de 1950

(VB)

Quando o FBI convocou a sra. Brown, aquilo foi o alarme. Foi o sinal de alerta. Como eu fora estúpido. Eu não esperara por isso, que o FBI fosse procurá-la na pensão da sra. Bittle. Quando soube, queimei tudo. Foi no dia 10 ou 11 de maio, a queima. Eles vieram na noite do dia 4 de maio, disse ela, não é uma data que se esquece facilmente, e ela passou uma semana sem me contar. Também não esperava por isso. Não foi Myers, e sim dois outros homens, procurando por qualquer coisa em que ela pudesse pensar. Não apenas durante nossa relação, eles lhe disseram, mas qualquer coisa que ela pudesse saber sobre meu passado. Sonegação de impostos, problemas com namoradas.

Bem, espero que a senhora tenha lhes contado. Tenho dificuldade para arrumar namoradas.

Ela não me deixou transformar isso em piada. Eles lhe ofereceram dinheiro para que se lembrasse de alguma coisa. Mencionaram cinco mil dólares. Ela perguntou se eu fazia ideia de quanto era isso. Eu disse:

— Acha que não?

Estávamos sentados na mesa verde da cozinha, foi depois que almoçamos lá juntos, porque ela não gosta mais de ir à lanchonete. Eu lhe preparei um sanduíche de pernil naquele dia. Chovia. Não, não chovia, porque mais tarde ela sairia para os fundos, o fogo rugindo.

O que lembro bem é como ela mordeu o sanduíche, colocou-o sobre a mesa, mastigou, mordeu novamente. Quase engasgando, o tempo todo. Eu me arrependera por ter feito aquele sanduíche, obviamente ela não estava com fome, mas agora se sentia obrigada a comê-lo. No México, ela olhava para todos os bordados que qualquer maltrapilha lhe mostrasse. Não apenas fingindo, mas examinando atentamente as costuras, com admiração. Ela não sabe mentir para salvar sua vida.

Foi por isso que, quando lhe perguntei por que ela não estava com fome, ela me contou. Ela realmente não queria me incomodar com os homens do FBI que lhe fizeram uma visita na pensão da sra.

Bittle. Não queria me preocupar. *Cinco mil dólares*. Pela primeira vez comecei a entender o perigo que eu representava para ela. Fui tão teimoso, tão ingênuo.

Ela disse que se sentiu suja com aqueles dois homens lá. A sra. Bittle varrendo na sala, tentando ouvir. Eu podia imaginar isso, e a sra. Brown lhes dizendo que eu era um ótimo cidadão, me defendendo, o que eu lhe disse que ela não deveria mais fazer. Quanto menos dissesse àqueles homens, melhor.

— Talvez o senhor esteja enganado — disse ela. — Talvez precisemos lhes dar um motivo.

— Para quê? O que importa se eu entrar para a lista deles como um comunista?

— Primeiro, isso prova para eles que o tal informante é digno de confiança. Quem quer que esteja falando essas coisas sobre o senhor. Agora esses agentes vão olhar em suas listas de comunistas e ver que o senhor está nelas. Depois verão quem o está acusando e dirão: “Bem, aquele cara era confiável. Vamos usá-lo novamente”.

É verdade. Ela tinha razão. Sua precisão me humilhou.

Ela tinha mais a dizer sobre como usar a fofoca em seu favor. O Clube Feminino agora tem um comitê para analisar os livros didáticos em busca de evidências de antiamericanismo. Na opinião da sra. Brown, as coisas foram longe demais, já era hora de alguém demonstrar alguma firmeza de intestino. Palavras dela. Ela estava contendo as lágrimas. O que eu estava contendo era mais difícil de definir. Chispa entrou com o rabo levantado, indiferente à crise. Deu uma olhada no prato de comida pela metade perto da geladeira, desprezou-o e saiu da cozinha. A vida segue, o que dá raiva. Os intocados desperdiçam a sorte sem se darem conta, acreditando que a merecem.

Eu disse à sra. Brown que ela deveria pensar em procurar outro emprego. Ela arregalou os olhos, segurando o sanduíche com as duas mãos. Parecia um anúncio.

— Está me demitindo, sr. Shepherd? Pelo que acabei de dizer?

Eu lhe disse que não era nada daquilo. Eu estava muito preocupado por estar lhe causando mais problemas do que eu já tinha. Ela bebeu meio copo d'água e foi procurar um lenço no outro

cômodo. Eu a ouvi remexer na grande maleta do correio. Limpei os pratos, tirei o sanduíche de perto, para que ela não precisasse terminar de comê-lo. Algumas lágrimas na sala de jantar, eu acho. Todas secas quando ela voltou, mas os olhos inchados.

— Sr. Shepherd, o senhor não lê os jornais? Eles já acham que sou sua esposa secreta, a prostituta da Babilônia, parceira de crime e não sei mais o quê. Sua cúmplice, por tudo o que eu sei. Quem mais me contrataria agora? Minha nossa, é melhor eu aprender a cultivar abelhas!

Foi o que ela disse, cúmplice. Eu queria lhe dar um abraço de urso. Eu a teria levantado do chão, ela é tão pequena, eu realmente imaginei a coisa toda. Provavelmente nós dois imaginamos, olhando um para o outro na cozinha de azulejos brancos, as mãos abertas ao lado do corpo, o abraço se insinuando entre nós como uma cena de cinema que o faz assoviar e jogar pipoca. Mas decidimos ficar imóveis, observando.

Então fizemos um trato. Eu a manteria empregada, sob certas condições. Era preciso cuidar de várias coisas: todos os outros cadernos. Todos aqueles nomes e datas. Eu não tinha feito nada de errado, ela sabia disso, e eu também, mas ainda assim ambos entendíamos a posição dela. Eles poderiam conseguir um mandado, usar alguma coisa daqueles cadernos como prova e destruí-la.

Eu lhe disse que havia chegado a hora, continuei dizendo-lhe isso. Chegou a hora. Eu insistia nisso havia mais de um ano, desde que jogamos Billy Boorzai às chamas. Melhor mortos do que lidos, eu lhe disse. Esperava uma discussão, mas, estranhamente, não houve nenhuma. Nem mesmo de Violet, a desafiadora, que sempre insistia: *Essas palavras são suas, então as pegue, não deixe suas filhas órfãs, o senhor as escreveu*. Ela também foi derrotada. Ela quer fazer o trabalho sozinha. Ficou na porta olhando enquanto eu limpava toda a estante, tudo, desde o princípio. Parecia tão ansiosa quanto eu para acabar com tudo, tomar de uma vez por todas nosso remédio amargo.

Ela desceu com a primeira carga e eu esvaziei as gavetas. Às vezes eu produzia alguma coisa num dia e me esquecia de arquivá-la às demais. E cartas. Há muito tempo me livreí das cartas trocadas com Frida — elas nem eram propriamente minhas, para começar —,

mas minhas cópias em papel-carbono eram difíceis de jogar fora. Então peguei tudo aquilo e também velhos recortes que eu mantinha, ah, eu estava arrasado. Quando ela acendeu o fogo naquele barril lá fora, eu estava vasculhando a casa para ver se sobrara qualquer diário que eu pudesse ter escondido de mim mesmo, como a garrafa de gim de um bêbado, enfiada num candelabro. Às vezes, eu ficava assim, desesperado.

Demorou um dia. Passei aquela noite na janela, acendendo um cigarro atrás do outro depois que ela se foi, e para evitar que eu me sentasse e escrevesse uma cena que acabara de me lembrar. Uma semana, trinta maços de cigarros. Semanas. Sem contar nenhuma outra história, criando mais para ser queimado, abrindo a parte da frente do manto que terá de ser desfeito nos fundos. Como eu me senti impotente e ridículo diante dessa torrente de palavras. Cem vezes tentando conter o fluxo. Por ordem da Mãe. De Frida e Diego, os braços cruzados, os pés batendo no chão, pare. Em nome da lei. Pare de escrever tudo, isso me deixa nervoso. E algo dentro do menino gritava: *Essas são as duas únicas opções: lido ou morto.*

Tudo parece loucura; na verdade é a mesma coisa de sempre, verão ou pólio. Enlouquecendo dentro da casa. As trepadeiras da histeria bloquearam as janelas. Para onde quer que eu olhasse, só havia aquelas folhas de palmeira, imensas mãos enfiadas em meus olhos. Meu vizinho costumava trazer seus podadores e fazia o trabalho como um favor, mas Myers provavelmente o alertou contra podar as trepadeiras de um comunista. Notei que ele não podou as trepadeiras na sua casa também, pois parece encoberta por sua própria vegetação. Todos os bangalôs no quarteirão são iguais, as cortinas fechadas. Quarentena. O cerco a Berlim terminou no dia 12 de maio, as barricadas finalmente retiradas. Mas aqui elas parecem maiores do que nunca.

Tommy não pode se arriscar — fique calmo, diz ele —, a sra. Brown também não pode, mas, se pudesse, ela se arriscaria, tenho certeza disso.

— Não se desespere — diz Lincoln Barnes. Arthur Gold lhe disse que a quebra de contrato lhe custaria caro e eles seriam mais inteligentes se lançassem o livro no prazo previamente acordado entre ambas as partes. Ele deve ter sido persuasivo. Barnes disse

que, se não fizéssemos nenhum alarde, eles lançariam o livro na surdina, escondido na lista de lançamentos de verão.

A América passou por uma mudança administrativa. É simples como tudo nos anúncios das revistas. Todos os exemplares de julho saíram esta semana, e onde estão as mulheres de ombros encolhidos servindo Ovomaltine para seus filhos, a mãe que sempre sabe o que é melhor? Que sorri com tristeza e faz um sinal de negativo para o marido que usou o tônico capilar errado? Foi demitida. Eles têm cientistas agora, jalecos brancos de laboratório e relatórios que mostram que o comum não se ajusta à nossa marca. Nossa, eles podem provar qualquer coisa: a maciez da pele, o alívio mais rápido. Sinto falta das mães. Se você não gosta do sabor de Ovomaltine, talvez eles o conquistem. Com essas novas autoridades, você não se tem chance alguma.

“Lançamentos de Verão” já estão nas livrarias, mas até agora nenhuma crítica sobre *O inesperado*. Nada de vendas, segundo Barnes; as livrarias não encomendaram tantas cópias quanto os outros livros do catálogo. Uma campanha tímida, ele temia. *Só espero que não nos arrependamos disso.*

Ele precisa contratar alguns daqueles cientistas. Nossos estudos mostram que Harrison Shepherd cria um leitor mais feliz, catorze por cento mais rápido para atingir o ponto alto da emoção. Esta manhã encontrei um anúncio para uma série de livros condensados: livros comuns sem as partes desnecessárias, para serem lidos mais rápido. “O dr. George Gallup recentemente demonstrou com suas pesquisas que os universitários do país, uma porcentagem incrivelmente alta deles, *não leem nenhum livro* depois de formados. O motivo é óbvio: como são mais cultos, ocupam cargos nos quais estão cada vez mais ocupados, ocupados, sempre ocupados!”

Digo a Barnes que deve ser por isso. Nada de campanha contida, nada de intelectuais comunistas nem histórias do tipo, as pessoas só estão ocupadas demais.

A biblioteca abre dois dias por semana agora. Claro que o germe da pólio descansa nas segundas e sextas-feiras. Bem, três vivas para as corajosas senhoras que se voluntariaram a sair das catacumbas. Nenhuma viva alma no lugar, a oportunidade perfeita para andar livremente pela biblioteca, carregando *Olhe para casa, anjo* e *Trópico de câncer*, sem chamar atenção. Na verdade, tudo de Henry Miller, vou pegar a pilha toda, e de Kinsey também.

Como ele é extraordinário, o bom dr. Kinsey. Outro homem de jaleco branco, com provas. Tudo o que jamais ousamos pensar sobre homens e sexo revela-se verdadeiro. Cem por cento dos homens são homossexuais durante quatro por cento de suas vidas (os Billy Boorzais), e quatro por cento são homossexuais por cem por cento de suas vidas (os Tommy Cuddys). O mais estranho é que o livro do dr. Kinsey nunca fora retirado da biblioteca. Nem uma única vez: a ficha na capa não tem um único nome nela. Ainda assim, a lombada está toda rachada, e as páginas, amassadas e cheias de orelhas.

Todas as notícias parecem as mesmas agora. A Associação dos Educadores da América abordou o comunismo em sua convenção nacional em Boston.

— O comunismo não é adequado a um professor.

Nem a um açougueiro, padeiro, fabricante de candelabros, mendigo ou ladrão, do jeito que a coisa anda. O cantor negro Paul Robeson foi chamado por eles de Stálin Negro.

Será que o mundo parou de girar? Não é o que parece, já que as rodas do México rangem rumo à sua própria e lenta revolução. A Europa renasce das cinzas e estende a mão para os pobres e oprimidos. Mas, se Truman propõe qualquer mudança, melhorias na educação ou na Previdência Social, um coro se abate sobre ele: bem-estar social, coletivismo, conspiração. Que coisa extraordinária, somos um produto acabado. Uma pedra jogada no penhasco que não rola nem para cima nem para baixo, fica congelada no lugar.

5 de agosto

A China nacionalista é derrotada pelo exército de Mao. Ou já foi derrotada. Acheson revelou o colapso. O coro está agora a toda, Truman preside o Partido da Traição, ele e seus companheiros democratas jogaram a China para os cães comunistas, ninguém disse que ele deveria enviar mais armas para ajudar Chiang Kai-shek? *Só espero que não nos arrependamos disso, e aqui estamos nós, agora você vai pagar por isso.*

23 de setembro

A Rússia tem a bomba. Todos os programas noturnos do rádio foram interrompidos para dar esta notícia: os cantores diante dos microfones dobraram em silêncio as partituras, os intelectuais que riam na Duffy's Tavern pousaram os copos lentamente sobre o balcão, boquiabertos. O belo tecido que compõe nossa nação, rasgado para revelar a vulnerabilidade nua. Uma explosão atômica ocorreu na URSS. Truman comentou o ocorrido com poucas palavras. Dois países agora têm a bomba.

Um homem foi assassinado esta manhã em Oteen. Pânico nesta terra, as multidões empunhando forcados. Alguém deu aquela bomba aos russos, eles não a construíram sozinhos, eles não têm a inteligência que move a ciência, deve ter sido Alger Hiss, mas pode ter sido qualquer um deles, Paul Robeson, Harrison Shepherd, todos unidos, é assim que eles agem.

Está fora de questão sair, andar ao ar livre. Com a raiva nesse nível, ela sempre encontra um alvo. O homem em Oteen foi morto por alguém que vivia na mesma rua, o segurança de um armazém. Ao final do turno, em vez de ir para casa, ele entrou por uma porta destrancada gritando "Russos de merda!" e assassinou um vizinho usando apenas as roupas de baixo. A esposa e as crianças viram tudo.

Eram escravos, a julgar pelo nome, provavelmente emigraram para fugir de Stálin. O atirador conhecia a família por causa do filho. As crianças frequentam a mesma escola.

O terrível show em Peekskill, aquele foi Robeson. Canções operárias e negras e os presentes apanharam muito depois.

Somente uma estrada como saída — como aquelas pessoas devem ter se sentido encurraladas, com hordas de policiais armados e cidadãos aguardando na estrada para jogar pedras nos ônibus. As mãos batendo nas janelas, carros virados, famílias arrancadas de dentro dos automóveis e surradas, não importando a cor. Está tudo aqui na *Life Magazine*, imagem e legenda: “Ao marcarem o espetáculo, os partidários esperavam justamente pela oportunidade de se tornar mártires, por isso a tendência é concluir que ‘eles é que pediram por isso’. Os comunistas conseguiram mais ajuda dos baderneiros, que jogaram pedras nos ônibus, do que de seus próprios simpatizantes”.

É a mesma coisa que a imprensa mexicana disse depois que fomos atacados na casa de Lev. Nós é que pedimos por aquelas metralhadoras e bombas incendiárias, e pelos gritos de pânico e pelo tiro em Seva. Trótski organizou tudo sozinho. Estamos fazendo isso a nós mesmos.

The Evening Post, 6 de outubro de 1949

“Livros para Pensar”, por Sam Hall Mitchell

Um Fim Previsível

Harrison W. Shepherd é um fenômeno do século XX — um comunista internacional. Ele rejeita veementemente a publicidade, mas, graças à campanha persistente por exposição pública, seus laços com os comunistas mexicanos finalmente vieram à tona. Sua vida tem sido obscura, mas não de pouca importância, já que milhares de norte-americanos foram conquistados por sua mensagem, principalmente os jovens e as pessoas mais suscetíveis, uma vez que seus textos chegaram até às salas escolares.

Agora seu mais recente livro se destaca como o mais insidioso de todos. *O inesperado* é a história de um antigo império em seus dias finais, enquanto as pessoas no poder continuam insensíveis para o colapso iminente da nação. Esse livro olha para a humanidade com desprezo, não deixando espaço para a liderança

sábia ou o enérgico patriotismo. Não deveríamos esperar outra coisa de Harrison Shepherd, que, há dois anos, foi citado no *New York Weekly Review* (março de 1947) como segue: “Nosso líder é um saco vazio. Você pode muito bem eliminá-lo, colocar uma cabeça com chifres num galho e segui-lo. A maioria de nós nunca escolheu acreditar na nação, simplesmente nos faltaram ideias melhores”.

No começo deste ano, Shepherd foi demitido de seu cargo no governo por atividades comunistas. O público não pode ser culpado por desejar aprovar o projeto que elimina o deplorável escritor de nossas bibliotecas, livrarias e casas.

A sra. Brown está em guerra.

— Sr. Shepherd, é um personagem do seu livro que diz isso. Será que eles enforcariam Charles Dickens como ladrão porque ele criou aquele velho Fagin que mandava os meninos roubarem os outros?

Na situação atual, eu lhe disse, ainda bem que Charles Dickens já está morto. O que não a agradou.

Firmeza de intestino, como a sra. Brown disse. Vindo trabalhar aqui apesar da proibição da sra. Bittle, a preocupação já não é com a pólio, e sim com outras contaminações. A sra. Brown diz que se a dona da pensão a expulsar, ela morará com uma sobrinha. Uma das filhas de Parthenia “bem casada com um homem da cidade”, e elas se dão bem, a sobrinha e a tia. A casa do casal é minúscula, mas ela pode dormir no sofá, cuidar do bebê e tentar ajudar.

Esperamos que o telefone tocasse sem parar. Outros jornais com certeza darão continuidade a isso, como se fosse algo interessante demais para ignorar. Ela ficou ao lado do telefone, os braços cruzados, prestes a me dar um soco se eu tentasse ultrapassá-la.

— Pode cuidar das suas coisas agora e me deixar aqui, sr. Shepherd, qualquer homem que ligar para confirmar aquela citação vai ter de falar comigo e ouvir poucas e boas.

Concordei, ao que parece não temos escolha desta vez. Podemos esclarecer as coisas: são palavras ditas por um

personagem de um romance, chamado Poatlícue, decepcionado com um enlouquecido rei asteca.

Procuramos no livro, para verificar a passagem. É do *Peregrinos de Chapultepec*, ambos sabíamos — uma cena já no meio do romance, durante o quarto êxodo forçado, os dois meninos conversam enquanto tiram a pele de uma corça. Claro que ele levou a citação a sério, esse Sam Hall Mitchell, mas por que aquela passagem, e como se fosse uma entrevista? A sra. Brown procurou nos arquivos e descobriu que ele tirou do *Review*, como diz, um trecho do livro que citava aquela fala. Ela tinha várias cópias no arquivo e eu devo ter enviado uma para Frida — gostávamos daquele crítico. Ele era rigoroso com relação a vários assuntos, inclusive com a contaminação soviética, uma doutrina nova na época. Coitado, agora devem estar atrás dele também. A última frase que ele citou do meu livro, o sr. Mitchell a usou a seu favor, para o bem ou para o mal. Enquanto isso, Poatlícue diz: “É provavelmente uma lei: a imaginação do público não deve ser maior do que o saco dos seus líderes”.

Nenhuma menção a isso. Um dia estranho e tranquilo, o telefone não tocou nenhuma vez.

19 de outubro

De todas as coisas inesperadas, esta é a maior. Harrison Shepherd dispara um tiro que se ouve no mundo inteiro. Aquele trecho foi citado em todos os lugares, até no exterior, para as Forças Armadas, que a publicaram no *Stars and Stripes*. “Eis o que um de nossos compatriotas invertebrados pensa de nosso país, e pode apostar que Harrison Shepherd nunca participou de um combate: ‘Nosso líder é um saco vazio. Poderíamos muito bem derrubá-lo, colocar uma cabeça com chifres num galho e segui-lo. A maioria de nós nunca escolheu acreditar na nação, simplesmente nos faltaram ideias melhores’.”

Republic Digest, “Palavras do escritor mais perigoso do país”. Harrison Shepherd chegou ao topo da lista, superando Alger Hiss e os astros de Hollywood. O serviço de publicidade da editora contabilizou sessenta e um jornais e revistas que transcreveram a

citação até agora, e as publicações mensais ainda estão por vir. Essas palavras parecem estar gerando uma espécie de loucura que se fixa na mente feito uma canção de ninar. O líder é um saco vazio, saco vazio, saco vazio! Cabeça com chifres num galho, vamos segui-lo!

Difícil entender por que o editor precisou ligar para a sra. Brown com esse incrível número do serviço de publicidade. Será que eles estão felizes? Porque agora podem se livrar de mim? As recepcionistas da Stratford estão assustadas diante da grandeza da minha infâmia; elas são incapazes de resistir. O alcance da citação foi muito além dos meus leitores, centenas de vezes maior, alegrando pessoas que nunca haviam tomado conhecimento do meu talento. Que época interessante. Uma pessoa é capaz de amar e odiar.

A sra. Brown está tão nervosa que não consegue escrever uma só carta. Durante boa parte da manhã ela se senta na cadeira perto da janela da frente e fica tricotando um manto de bebê. Perde os pontos, encontra erros, desmancha tudo e recomeça. Seus olhos se desviam para a rua. Eu nunca a vi tão apavorada. Mais perigoso do que Alger Hiss. Que está bem próximo de ser condenado por traição.

A maioria de nós nunca escolheu acreditar na nação, simplesmente nos faltaram ideias melhores. As palavras mais divulgadas jamais escritas por Harrison Shepherd.

The Echo, 21 de outubro de 1949

Segredos de um Espião entre as Páginas de um Livro

O escritor Harrison Shepherd tem uma longa carreira de expor truques comunistas sob o disfarce de um escritor contido, que produz romances fáceis que agradam principalmente aos intelectuais e eruditos. Mas ele se desfez do seu disfarce com o recente exemplo de arrogância, declarando abertamente: “Nosso líder é um saco vazio. Poderíamos muito bem derrubá-lo, colocar uma cabeça com chifres num galho e segui-lo”.

A ameaça de uma sublevação violenta é um caso para a ira pública. Mas o que há no fundo dessa mente corrompida? Sua vida familiar esclarece tudo. Nascido em Lychgate, na Virgínia, Shepherd foi o filho de um divórcio. Seu pai trabalhou como contador durante a administração Hoover, enquanto a mãe era uma promíscua Mata Hari, trocando de nome repetidas vezes para se aproximar de homens do governo em ambos os lados da fronteira mexicana. Convidado a opinar a respeito desse caso perturbador, o psiquiatra nova-iorquino Nathan Leonard disse: “Os efeitos psicológicos avassaladores de um exemplo materno como esse não podem ser ignorados”.

O filho abandonou os estudos para se tornar um simpatizante comunista, trabalhando na casa de importantes stalinistas na Cidade do México. A partir de então, seguiu uma vida tão intrincada que confundiria a maioria dos homens: contrabandista de obras de arte, conquistador de mulheres, garoto de recados do Departamento de Estado, usando ao menos dois pseudônimos em dois continentes. Ele conseguiu realizar tudo isso apesar de sua aparência física ser tão repugnante que os fotógrafos o evitaram durante toda a vida. Feitos tão notáveis de promiscuidade e espionagem realizados por um homem caseiro podem despertar falsas esperanças nos Walter Mittys que existem em nós. Mas Harrison Shepherd não é um caso tão simples.

Entre suas mais recentes acusações: ele forneceu segredos para a revolta comunista chinesa contra Chiang Kai-shek. Como todos os inimigos da América, ele apoia um plano para dar ajuda e conforto aos nossos inimigos. Há um ano, ele disse ao *Evening Post* que concordava com Bernard Baruch, que disse que nossas bombas atômicas todas deveriam ser jogadas fora. Agora encontrou uma maneira melhor de nos deixar à mercê dos comunistas: especialistas confirmam que um exemplar de seu livro foi encontrado com certas passagens sublinhadas, possivelmente um código secreto para a fórmula da bomba atômica. Felizmente este país tem cura para mentes tão atribuladas. Ela se chama cadeira elétrica.

De acordo com a United Press, o Comitê de Atividades Antiamericanas já registrou vários planos para contrabandear os

segredos da bomba atômica para a Rússia e a China. Num relatório de trezentos e oitenta e quatro páginas divulgado semana passada, depois de cinco anos de investigação, o comitê deu detalhes das técnicas usadas pelos comunistas americanos para enviar segredos em código para Moscou: “Entre os instrumentos usados para enviar tais mensagens estão colares, caixas contendo palitos de fósforos de vários comprimentos, placas dentárias, uma coleção de selos, cigarreiras com gravações, guardanapos bordados, capas especiais para livros e compartimentos minúsculos em discos fonográficos”. O relatório descobriu que uma cópia de *O discípulo do diabo*, de George Bernard Shaw, foi adaptada para levar uma mensagem codificada aos russos, por meio do destaque, com tinta invisível, de certas palavras.

Agora outro discípulo do diabo sob disfarce, o escritor Harrison Shepherd, lançou seu mais recente livro, *O inesperado*. Com um título tão assustador, precisamos acrescentar somente um adendo: compradores, tomem cuidado.

7 de novembro

A sra. Brown foi até a livraria dar uma olhada. Ela não queria ir e não queria me contar o que quer que visse quando voltasse. Por isso, perdoe-me, meu Deus, mas eu a pressionei a espiar por mim. Eles fizeram uma vitrine com os dizeres “Proibido Harrison Shepherd”. Não estou sozinho; eles descobriram vários outros livros escritos por comunistas.

O cartaz indaga: “Você compraria um livro se soubesse que seu dinheiro seria enviado ao Partido Comunista?” Sob a pergunta, havia dois quadrados, um para “Sim” e outro para “Não”, com um monte de lápis à disposição para o plebiscito.

— O que mais eles podem tirar de mim? — perguntei à sra. Brown. — O que eles querem?

Mais ou menos o que todo mundo quer, foi a resposta dela: segurança. Isso e graça. Eles não sabem o que fazem. Provavelmente estavam todos destinados ao paraíso em algum momento, mas se perderam pelo caminho.

O que é isso, *graça*?

Ela diz: acreditar que você é especial e que está seguro do perigo. Abençoado por Deus.

Bem, eis quão estúpido sou, nunca soube querer o que todo mundo quer. Só pensava em procurar um lar, um lugar onde eu fosse aceito. Entregando um coração esvaado, vendo-o ser jogado na cesta de lixo todas as vezes. Aqui, no entanto... Os americanos me responderam com cartas de amor.

22 de dezembro de 1949

Caro Shepherd,

Tudo bem, cara, fique tranquilo. Provavelmente esta não será a saudação pela qual você estava esperando. Feliz Natal e tudo o mais. As coisas mudaram aqui, não dá para evitar. Consegui um emprego como publicitário. Verdade! Eu, eu mesmo, num escritório cheio de engravatados e, vou lhe contar, esses gatos são quentes. Não quero ser o idiota que não consegue acompanhar o ritmo deles.

Ouçá, com certeza fiquei surpreso ao ver o que você escreveu sobre o nosso país. É uma pena que sintá isso, acho que nunca o conheci mesmo muito bem. Os gatos brincam juntos, mas eu, para começar, ainda acredito na Pátria, e é uma pena que você não possa dizer o mesmo. Acho que, vindo de outro país, você tem seus motivos.

Não fique bravo por causa disso, tá? Foi bom conhecê-lo, mas as coisas mudaram. O melhor é que nos separemos e não troquemos mais cartas. Ninguém no meu emprego atual sabe que eu o conheço.

Até,

TOM CUDDY

Janeiro de 1950

Os jornais se dobram ao peso das manchetes do fim do mundo. O VEREDICTO DE ALGER HISS: ESPIÃO E MENTIROSO. Letras maiores do que as usadas no Dia da Vitória; claro que os novos inimigos são piores do que os japoneses. Liberais impostores que vendem a alma e os segredos que protegem nossa nação. O stalinismo aafiando

facas. Gente que se esconde nos sapatos de seus mestres moscovitas. Henry Wallace está sob ataque agora, depondo diante do Comitê de Atividades Antiamericanas. Henry Wallace, vice-presidente de Roosevelt, candidato liberal-democrata nas últimas eleições, agora enfrenta o Juízo das Manchetas. Wallace nega ter enviado urânio aos russos. Que Deus o proteja, hoje ele se lançou contra a imprensa: “O Rei Salomão deveria acrescentar à lista de coisas que estão além da compreensão humana: por que os jornais publicam essas coisas!”

A sra. Brown notou que Wallace lera porções tiradas de seu diário durante o depoimento, como prova do que disse nas reuniões sobre o urânio, agora sob investigação.

— Que bom que ele manteve um diário — diz ela, de pé na porta, usando uma saia feita sob medida, com listras vermelhas e brancas. No caso dela, não há como saber, pode ser a última moda ou algo que ela fez com uma toalha de mesa — ou as duas coisas. A sra. Brown prova que uma mulher de estilo pode ser econômica nos anos 1950.

Ela acha que estou levando as coisas para o lado pessoal. Ela me traz artigos sobre Wallace, Robeson, Trumbo, aqueles roteiristas de Hollywood, sindicalistas, professores, contadores, secretários, o açougueiro, o padeiro e, no fim, nenhum de nós se sente consolado. Não é só com você, diz ela. Pessoas são demitidas, crianças são expulsas da escola. Os filhos daquele homem assassinado em Oteen. O que as crianças estão aprendendo agora, pergunta ela, além de temer o mundo e tudo o que existe nele?

— Sr. Shepherd, eles têm de passar por isso. Como todos eles aprenderão?

The Asheville Trumpet, 12 de fevereiro de 1950

Escritor de Asheville Enfrenta Duro Interrogatório

por Carl Nicholas

Numa carta recebida esta semana, enviada pelo investigador federal Melvin C. Myers, o *Asheville Trumpet* ficou sabendo que o escritor

local Harrison Shepherd enfrenta várias acusações relacionadas ao comunismo. A principal delas é a de falsidade ideológica, ao assinar uma declaração dizendo nunca ter sido comunista. Ele ainda é acusado de falsificar documentos para trabalhar como professor. O relatório de Myers diz que uma intimação será enviada em breve para Shepherd, com os preparativos para um depoimento a ser realizado diante do Comitê de Atividades Antiamericanas do Congresso, em Washington, D.C.

Os cidadãos de Asheville não podem dizer que lhe querem bem. Não é motivo algum de orgulho para a nossa cidade ser considerada o lar de um entre os vários comunistas que agora se sabe que estavam infiltrados no governo, como revelou esta semana o senador Joseph McCarthy, durante um encontro no Clube Feminino do Automóvel de Ohio, Virgínia do Oeste.

A sra. Herb Lutheridge, presidente do Clube Feminino de Asheville, confirma que o discurso do senador deveria ter sido proferido aqui, quando o recém-eleito senador entrou em contato com o Comitê de Programação, na esperança de fazer de nossa cidade a primeira parada em sua campanha de reeleição por todo o sul e o oeste do país. A sra. Lutheridge diz que a discussão sobre os honorários estava em curso quando o gabinete do senador a avisou de seus planos de apressar a campanha, indo diretamente para a Virgínia. A sra. Lutheridge lamenta a confusão, mas afirma: “O principal é que estamos orgulhosas pelo fato de esse jovem ir para Washington, enfrentar todos aqueles com tendências soviéticas”.

A informação relacionada ao sr. Shepherd afirma ainda que o Comitê de Atividades Antiamericanas tem autoridade para intimar um suspeito e interrogá-lo com base em pesquisas sólidas, para o registro público. Se o depoimento se justificar, haverá indiciamento criminal. O subcomitê é encarregado de investigar o comunismo disfarçado de várias formas, incluindo “educação”, o que se aplica a Harrison Shepherd, já que muitos alunos de nossas escolas leram a respeito das civilizações mexicanas em seus livros. Por fim, a carta afirma: “Ainda que seja uma simples prática de perguntas e respostas, a testemunha tem de provar sua inocência ou se esconder atrás das garantias da Quinta Emenda”.

O *New York Times* divulgou este mês que os partidos comunistas no mundo inteiro contam hoje com vinte e seis milhões de membros.

The Wheeling Intelligencer, 10 de fevereiro de 1950

M'Carthy Acusa Comunistas de Controlar Empregos nos EUA

O Senador de Wisconsin Diz que Lincoln Festeja Aqui “Agora Chega”

por Frank Desmond, da equipe do Intelligencer

Joseph McCarthy, senador recém-eleito por Wisconsin, recebeu uma entusiasmada ovação na noite passada quando, como convidado do Clube Feminino Republicano do Condado de Ohio, declarou com franqueza que o destino do mundo depende da luta entre os ateístas de Moscou e o espírito cristão das outras partes do planeta.

Mais de duzentos e setenta e cinco republicanos, homens e mulheres, estavam presentes no animado jantar do Dia de Lincoln organizado pelas mulheres do vale e realizado no salão Collonnade do hotel McLure.

Desprezando quaisquer artifícios de oratória, o discurso de McCarthy foi intimista e convidativo, às vezes marcado pelo humor. Mas, ao falar sério, ele lançou vários ataques contra a administração atual do Departamento de Estado, à relutância do presidente Truman em investigar os “traidores infiltrados” e a outros assuntos pertinentes. Mas acrescentou: “A moral do nosso povo não foi destruída. Ela ainda existe, e esse manto de letargia e apatia precisa apenas de uma centelha para reavivá-la”.

Referindo-se diretamente ao Departamento de Estado, ele declarou: “Não posso desperdiçar tempo nomeando todos os homens do Departamento de Estado que foram citados como membros do Partido Comunista e membros de um círculo de espionagem. Tenho aqui em mãos uma lista de duzentas e cinco pessoas que o Departamento de Estado reconhece como membros

do Partido Comunista e que, apesar disso, ainda trabalham e moldam as diretrizes do Departamento de Estado”.

O palestrante falou muito sobre o caso Alger Hiss e mencionou o nome de vários outros que, durante esses poucos anos, descobriu-se que acalentavam ideias subversivas, mas mesmo assim eram empossados em cargos de confiança no governo. “Quando vocês ouvem essa história de alta traição”, disse ele, “sei que se perguntam: ‘Bem, por que o Congresso não faz algo a respeito?’ Na verdade, senhoras e senhores, a razão para os subornos, a corrupção, a deslealdade, a traição nos altos escalões do governo, a razão pela qual isso continua é a falta de educação moral em boa parte dos cento e quarenta milhões de norte-americanos. À luz da história, contudo, não é difícil explicar. Trata-se do resultado de uma ressaca emocional e de um lapso moral temporário que se seguem a todas as guerras. É a apatia diante do mal que as pessoas que foram expostas a incríveis provações sentem. À medida que as pessoas do mundo viram os assassinatos em massa, a destruição de pessoas indefesas e inocentes, todos aqueles crimes e a falta de moral que acompanham a guerra, elas ficaram letárgicas e apáticas. Sempre houve isso depois de uma guerra.”

Noutro momento, ele declarou: “Hoje, estamos engajados numa batalha final entre o ateísmo comunista e a cristandade. Os defensores modernos do comunismo escolheram esse momento e, senhoras e senhores, agora chega, eles estão realmente acabados”.

Num debate informal com a plateia, o senador respondeu a várias perguntas que tratavam principalmente do plano do secretário de Agricultura, Brannan, de destruir milhões de toneladas de batatas, ovos, manteiga e frutas; ele demonstrou visão quanto às questões que envolvem problemas de seguridade social e velhice, entre vários outros assuntos.

A sra. A. E. Eberhard, presidente da Agremiação Feminina, presidiu o evento. O senador William Hannig liderou o coro. As orações foram feitas pelo reverendo Philip Goertz, pastor da Segunda Igreja Presbiteriana, e as bênçãos finais foram pronunciadas pelo reverendo W. Carroll Thorn, da Igreja Episcopal São Lucas.

(folha sem data, diário de HWS)

Declaração Universal dos Direitos dos Coiotes:

Artigo 1º. Todos os seres humanos têm o direito, concedido por Deus, de fazer uma fogueira com as árvores caídas. Artigo 2º. Qualquer árvore serve. Se for uma árvore muito alta, deve ser cortada. A qualidade da madeira não importa, a árvore foi quem pediu para cair ao crescer demais. Um público decente aplaudirá ao vê-la tombar. Artigo 3º. Regras comuns de gentileza não se aplicam à pessoa homenageada. Artigo 4º. Todas as pessoas podem alimentar a esperança de ser homenageadas. Artigo 5º. É mais importante falar do que raciocinar. O único perigo é o silêncio. Artigo 6º. Um coiole deve escolher uma ou outra coisa: mentir rotineiramente ou só mentir nas ocasiões mais importantes, a fim de soar mais convincente (doutrina Trótski).

DEPOIMENTOS RELACIONADOS À INFILTRAÇÃO COMUNISTA NO
GOVERNO E NAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS DOS ESTADOS UNIDOS

CÂMARA DOS DEPUTADOS DOS ESTADOS UNIDOS
SUBCOMITÊ ESPECIAL DO COMITÊ DE ATIVIDADES ANTIAMERICANAS
DEPOIMENTO PUBLICO, TERÇA-FEIRA, 7 DE MARÇO DE 1950

TRANSCRIÇÃO: IMPRENSA OFICIAL DOS ESTADOS UNIDOS

COMITÊ DE ATIVIDADES ANTIAMERICANAS
CÂMARA DOS DEPUTADOS DOS ESTADOS UNIDOS:
JOHN S. WOOD, *Geórgia, presidente*; FRANCIS E. WALTER,
Pensilvânia;
RICHARD M. NIXON, *Califórnia*; BURR P. HARRISON, *Virgínia*;
FRANCIS CASE, *Dakota do Sul*; JOHN MCSWEENEY, *Ohio*;
HAROLD H. VELDE, *Illinois*; MORGAN M. MOULDER, *Missouri*;
BERNARD W. KEARNEY, *Nova York*

FRANK L. RAVENNER, ADVOGADO
MELVIN C. MYERS, INVESTIGADOR-CHEFE

O subcomitê do Comitê de Atividades Antiamericanas, reunido em sessão pública, conforme aviso, às 9h35 da manhã na sala 226, Old House Office Building, Hon. John S. Wood (presidente) dirigindo os trabalhos. Membros presentes do Comitê: deputados John S. Wood (presidente), Francis E. Walter, John McSweeney, Richard M. Nixon (chegando como indicado) e Harold H. Velde. Membros presentes da equipe: Frank L. Ravenner, advogado; Melvin C. Myers, investigador-chefe.

SR. WOOD: O registro mostrará que este é o Comitê de Atividades Antiamericanas, que está reunido agora na cidade de Washington, distrito de Colúmbia. Os presentes, além dos membros do Comitê e da equipe, são a estenógrafa e os visitantes da imprensa na galeria nos fundos da sala. O sr. Harrison Shepherd está sentado aqui diante de nós

acompanhado de duas pessoas. O comitê dará início à sessão.

Sr. Shepherd, por favor, estenda sua mão direita para prestar juramento. O senhor jura solenemente que o depoimento que dará a este comitê corresponderá à verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade, de acordo com a vontade de Deus?

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. WOOD: Pode nos dizer seu nome completo?

SR. SHEPHERD: Harrison William Shepherd.

SR. WOOD: Quando e onde o senhor nasceu?

SR. SHEPHERD: Lychgate, Virgínia, 6 de julho de 1916.

SR. WOOD: O senhor tem alguma objeção a que os fotógrafos registrem as imagens?

SR. SHEPHERD: Ficaria mais feliz se não fotografassem.

SR. WOOD: Bem, cavalheiros, os senhores o ouviram. Ajam de acordo com a sua consciência, como sempre.

(Murmúrios e risadas das galerias e máquinas fotográficas sendo disparadas.)

SR. RAVENNER: Respeitável Presidente, antes de começarmos os questionamentos, posso pedir que os amigos ou o advogado do sr. Shepherd se identifiquem?

SR. SHEPHERD: Este é o sr. Arthur Gold, advogado, e esta é a sra. Violet Brown, minha estenógrafa.

SR. WOOD: Sr. Shepherd, o comitê usa os serviços de uma estenógrafa para realizar toda a transcrição deste processo. Sra. Ward, por favor, identifique-se.

(Assim identificada.)

SR. SHEPHERD: Senhor, a sra. Brown e o sr. Gold estão aqui como amigos.

SR. RAVENNER: Ótimo. Sr. Shepherd, o objetivo desta reunião é que o Comitê determine a veracidade ou não de certas afirmações que o senhor fez, no que diz respeito à filiação ou à associação com o Partido Comunista. O senhor entende?

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. RAVENNER: Tudo bem. Isso não levará o dia todo, cavalheiros, provavelmente concluiremos antes do almoço. Sr. Shepherd,

pode, por favor, nos informar onde o senhor atualmente reside e sua ocupação?

SR. SHEPHERD: Moro em Asheville, Carolina do Norte, e sou escritor de livros.

SR. RAVENNER: Há quanto tempo o senhor mora lá e que empregos o senhor teve durante esse tempo?

SR. SHEPHERD: Desde 1940. Não trabalhei muito em Asheville, apenas como escritor. Durante a guerra, dei algumas aulas de espanhol no magistério.

SR. RAVENNER: Enquanto lecionava línguas estrangeiras no magistério, o senhor conseguiu atrair as alunas para a doutrina comunista?

SR. SHEPHERD: Nossa, acho que não. Não consegui nem mesmo convencê-las a jogar o chiclete no lixo antes de se levantarem para recitar os verbos conjugados. Às vezes o chiclete caía da boca na terceira pessoa do plural.

(Risadas nas galerias.)

SR. RAVENNER: Agora o senhor pode responder seriamente à pergunta? Alguma de suas alunas entrou para o Partido Comunista?

SR. SHEPHERD: Honestamente, não sei o que elas faziam depois das aulas.

SR. RAVENNER: O senhor também esteve nas Forças Armadas durante esses anos, já que era um jovem evidentemente apto a servir?

SR. SHEPHERD: Infelizmente não fui considerado apto para o serviço militar. Em vez disso, fui convocado para realizar um trabalho especial para a National Gallery, em Washington, D.C.

SR. RAVENNER: Com base em que o senhor foi considerado inapto para o serviço militar, sr. Shepherd?

SR. SHEPHERD: Questões psicológicas.

SR. RAVENNER: O senhor foi considerado inapto por apresentar desvios de conduta mentais e sexuais, correto?

SR. SHEPHERD: Fui considerado são o bastante para o serviço civil, senhor. Minhas capacidades mentais foram consideradas adequadas para lidar com os mais importantes tesouros

artísticos do país. Essa foi a conclusão do comitê do serviço de alistamento.

(Nesse momento o sr. Nixon entrou no depoimento e se sentou perto do sr. Velde. Breve discussão entre o sr. Nixon e o sr. Velde.)

SR. RAVENNER: Na época, o senhor acreditava ou não que a filiação ao Partido Comunista era prejudicial aos interesses dos Estados Unidos?

SR. SHEPHERD: Para ser honesto, não pensei nem uma coisa nem outra a respeito disso, senhor. Nunca conheci qualquer membro do Partido Comunista neste país.

SR. RAVENNER: Pode me dar uma resposta afirmativa ou negativa?

SR. SHEPHERD: Um cidadão tem o direito de não ter certeza até obter maiores informações?

SR. RAVENNER: Deixe-me informá-lo. Um membro do Partido Comunista é uma pessoa que pretende derrubar o governo dos Estados Unidos pela força e pela violência neste país. Isso é algo que o senhor aprova?

SR. SHEPHERD: Nunca procurei derrubar o governo dos Estados Unidos. Isso é uma resposta?

SR. RAVENNER: É uma forma de responder. Agora, sei que o senhor nasceu nos Estados Unidos, mas optou por passar a maior parte da vida em outro país, correto?

SR. SHEPHERD: Minha mãe era mexicana. Voltamos para lá quando eu tinha 12 anos. Ela ameaçou me deixar pelo caminho se eu fizesse bagunça. Portanto, sim, senhor, eu optei por ir.

SR. RAVENNER: E, depois de tantos anos, o que o fez querer morar aqui novamente?

SR. SHEPHERD: É uma pergunta difícil. Eu levaria um bom tempo para respondê-la, e o senhor disse que quer acabar com isso rapidamente.

SR. RAVENNER: Bem, então vou fazer uma pergunta mais fácil. O senhor esteve associado a comunistas enquanto vivia no México?

(Longa hesitação da testemunha antes de responder.)

SR. SHEPHERD: Esta não é uma pergunta mais fácil. Novamente, ela exigiria algumas explicações.

SR. RAVENNER: Então, vou fazer uma pergunta ainda mais fácil. Temos documentos aqui que mostram que o senhor recebeu documentos de viagem para entrar nos Estados Unidos em novembro de 1939, como acompanhante e assistente de um homem chamado a depor diante deste mesmo comitê. O Comitê Dies, como era então chamado. Nossos documentos dizem que um Harrison Shepherd, nascido em 1916, em Lychgate, na Virgínia, era membro do partido e recebeu um visto de entrada. O senhor é esta pessoa?

SR. SHEPHERD: Sou.

SR. RAVENNER: Então podemos presumir que tais documentos se refiram ao senhor. Que o senhor estava, na época, vivendo no quartel-general mexicano de um conhecido líder comunista da Revolução Bolchevique de Stálin, Leonadovich Trótski.

SR. SHEPHERD: Como é?

SR. RAVENNER: Responda à pergunta.

SR. SHEPHERD: Quero apenas esclarecer. O senhor está falando de Lev Davidovich Trótski, que liderou um movimento mundial de oposição a Stálin? Ele foi convocado pelo seu Comitê como testemunha de acusação, senhor.

SR. RAVENNER: Apenas responda à pergunta. O senhor trabalhou para esse Trótski?

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. RAVENNER: Em que função?

SR. SHEPHERD: Como cozinheiro, secretário-datilógrafo e, às vezes, limpador da gaiola dos coelhos. Geralmente o comissário preferia lidar com o esterco sozinho.

SR. WOOD: Ordem!

SR. RAVENNER: O senhor diz que foi secretário dele. Quer dizer que o ajudou a preparar documentos cujo propósito era deflagrar a insurreição comunista?

(A testemunha não respondeu.)

SR. VELDE: Sr. Shepherd, o senhor pode invocar a Quinta Emenda, se quiser.

SR. SHEPHERD: Não sei como responder, já que o senhor falou em “ajudar a preparar documentos”. Eu era um datilógrafo. Às

vezes mal conseguia entender as palavras daqueles documentos. Não sou especialista em política.

SR. NIXON: O soldador de uma bomba é inocente da destruição que provoca, só porque não entende de física?

SR. SHEPHERD: É uma bela pergunta. Nossas fábricas de munição fabricam armas que vendemos para quase todos os países. Estamos agora dos dois lados em todas as guerras?

SR. RAVENNER: Sr. Shepherd, o senhor está instruído a responder “sim” ou “não” a todas as perguntas seguintes. Mais um arroubo de sua parte e o senhor estará desrespeitando o Congresso. O senhor ajudou a preparar documentos comunistas para esse Trótski, líder da Revolução Bolchevique?

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. RAVENNER: E o senhor ainda mantém contato com o camarada Trótski?

(Silêncio prolongado.)

SR. SHEPHERD: Não.

SR. RAVENNER: O senhor veio para os Estados Unidos imediatamente depois de ser empregado por ele?

(Silêncio.)

SR. RAVENNER: Sim ou não?

SR. SHEPHERD: Desculpe. Poderia esclarecer a pergunta?

SR. RAVENNER: Sim ou não. Sua última residência antes de entrar nos Estados Unidos, em setembro de 1940, foi o quartel-general da Revolução Mundial Trotskista, na Rua Morelos, Coyoacán, nos arredores da Cidade do México.

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. RAVENNER: É verdade que, nesse mesmo local, foram cometidos vários e graves atos de espionagem e violência, todos diretamente relacionados com a Polícia Secreta de Josef Stálin?

SR. SHEPHERD: Sim. Cometidos contra nós.

SR. RAVENNER: O senhor disse não entender de política, então, por favor, tente se concentrar, se for capaz, numa simples pergunta. Desse lugar, o senhor veio aqui para derrubar o governo dos Estados Unidos, por mais que possa não

entender disso? Quero ouvir uma única palavra, senhor. Sim ou não.

SR. SHEPHERD: Não.

SR. RAVENNER: Com que objetivo, então, o senhor veio para os Estados Unidos?

SR. SHEPHERD: *(Silêncio.)* Sim ou não?

SR. RAVENNER: Neste caso, o senhor pode elaborar a resposta.

SR. SHEPHERD: Vim entregar quadros para museus de Nova York.

SR. NIXON: Bem, é um trabalho e tanto de entregador, se ele ainda está aqui depois de dez anos. Nem Sears Roebuck costumava demorar tanto tempo.

(Risadas nas galerias.)

SR. RAVENNER: Diga-me, qual era a natureza desses quadros?

SR. SHEPHERD: Óleo sobre tela.

(Risadas nas galerias.)

SR. WOOD: Sr. Shepherd, não somos idiotas. Estamos vendo que o senhor está tentando transformar este depoimento numa piada. É a última vez que o advertirei para que responda às perguntas o mais diretamente possível. Que tipo de obras o senhor contrabandeou para os Estados Unidos?

SR. SHEPHERD: Surrealistas. Todas transportadas com os devidos documentos alfandegários. Os papéis ainda estão nos arquivos dos museus, espero.

SR. RAVENNER: E essas pinturas foram feitas pelo artista mexicano Diego Rivera, conhecido como um perigoso agitador comunista?

SR. SHEPHERD: Não.

SR. RAVENNER: Não?

SR. WOOD: Lembre-se, sr. Shepherd, que o senhor está sob juramento.

SR. SHEPHERD: Não eram obras do sr. Rivera.

(Os deputados Wood e Velde passaram algum tempo conversando com o sr. Ravenner e estudando documentos.)

SR. RAVENNER: Eram obras da casa de Diego Rivera ou que estavam em sua posse? Responda à pergunta.

SR. SHEPHERD: Os quadros foram pintados pela esposa dele, a artista Frida Kahlo.

SR. RAVENNER: Então o senhor admite ter se associado aos militantes comunistas, sra. e sr. Diego Rivera?

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. RAVENNER: Com que propósito?

SR. SHEPHERD: No caso que o senhor menciona, para cuidar do transporte das obras dela para galerias de Nova York.

SR. RAVENNER: Eles o contrataram para carregar caixas pela fronteira, para dentro dos Estados Unidos. Onde o senhor permanece há quase dez anos. Meus documentos dizem que eram oito caixas, algumas grandes demais para serem carregadas por um homem sozinho.

SR. SHEPHERD: Está certo. Usamos empilhadeiras para tirá-las do trem.

SR. RAVENNER: O senhor sabia precisamente o que estava transportando? O senhor embalou essas obras?

SR. SHEPHERD: Não. Eu tinha um papel com os títulos dos quadros.

SR. RAVENNER: O senhor contrabandeou caixas de conteúdo desconhecido para este país? Vindas do quartel-general de alguns dos mais perigosos comunistas de qualquer país que faça fronteira com o nosso. Correto?

(O réu conversou brevemente com o amigo identificado como Arthur Gold.)

SR. SHEPHERD: Deputado, nada explodiu.

SR. WOOD: O quê?!

SR. SHEPHERD: Eu transportei obras de arte. O senhor está aludindo a um crime que não foi cometido.

SR. WOOD: Sr. Shepherd, proponho, então, uma pergunta diferente. Essa tal de obra de arte poderia ser chamada de propaganda comunista?

SR. SHEPHERD: Quer saber minha opinião, senhor? A arte adquire um significado diferente para cada espectador.

SR. RAVENNER: O senhor poderia responder em inglês compreensível? Qual era o objetivo dos objetos disfarçados que o senhor trouxe para este país?

SR. SHEPHERD: Posso responder livremente?

SR. RAVENNER: Com suas próprias palavras, sim. Tudo bem.

SR. SHEPHERD: O propósito da arte é elevar o espírito ou pagar a conta de um cirurgião. Ou até as duas coisas. Ela pode ajudar uma pessoa a se lembrar ou a se esquecer. Se sua casa não tem muitas janelas, você pode pendurar um quadro na parede e ter uma vista. De um país completamente diferente, se quiser. Se sua esposa for feia, o senhor pode olhar para um rosto lindo e não ter nenhum problema por causa disso.

(Risadas nas galerias.)

Ela pode ser pintada numa parede pública ou pode ficar trancada numa mansão. As primeiras obras que a sra. Kahlo vendeu foi para um de seus famosos astros de cinema, Edward G. Robinson. Arte é um assunto sobre o qual entendo. Um livro tem as mesmas utilidades que já mencionei, principalmente em uma casa sem janelas. A arte, por si só, não é nada, até que entre naquela casa. As pessoas daqui queriam a arte da sra. Kahlo e eu a trouxe.

(Silêncio nas galerias.)

O senhor me perguntou por que permaneci aqui durante tanto tempo. Posso tentar responder. As pessoas têm várias cores e ritmos musicais no México, mais arte do que esperança, ao que me parece. Aqui, descobri pessoas cheias de esperança, mas sem tantas músicas. Elas não cantavam, ligavam o rádio. Elas queriam histórias, como qualquer outra coisa. Por isso decidi tentar me dedicar a produzir arte para os esperançosos. Porque eu não era bom fazendo o contrário, fabricando esperança para os cheios de arte. A América foi o lugar mais cheio de esperança que já vi. Meus vizinhos estavam doando grampos de cabelo e dobradiças de portas para serem derretidos para a construção do navio América. Eu queria lhes dar coisas também. Por isso fiquei aqui.

(Silêncio nas galerias durante algum tempo. Um silêncio diferente, do tipo em que é possível ouvir um alfinete caindo no chão.)

SR. RAVENNER: O senhor diz que Edward G. Robinson tem ligação com comunistas?

SR. SHEPHERD: Desculpe, devo ter me expressado mal. Foi há muito tempo. Talvez tenha sido J. Edgar Hoover quem comprou os quadros.

(Muitas risadas nas galerias.)

SR. WOOD: Ordem!

SR. RAVENNER: Veja bem, se o senhor continuar a rir deste depoimento, vou prendê-lo por desacato a este Congresso. Estou lhe fazendo uma série de perguntas às quais o senhor responderá sim ou não. Qualquer palavra além destas e o senhor será levado para a prisão. O senhor me entendeu?

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. RAVENNER: O senhor trabalha ou alguma vez trabalhou para comunistas no México?

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. RAVENNER: O senhor escreveu obras escritas sobre povos estrangeiros, homens desleais a seus líderes, com a intenção de espalhar esse comportamento por todos os Estados Unidos?

(Silêncio.)

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. RAVENNER: O senhor teve contato com revolucionários comunistas desde que veio para os Estados Unidos?

SR. SHEPHERD: Sim.

SR. RAVENNER: Tenho várias provas impressas, artigos de jornais e coisas assim, que dizem que seus livros estão sendo lidos na China comunista. Que o senhor se opôs ao uso da bomba atômica. Tenho provas de que o senhor deu a seguinte declaração. Quero que o senhor ouça com atenção e depois confirme ou negue. E aqui eu cito o sr. Shepherd: "Nosso líder é um saco vazio. Poderíamos muito bem derrubá-lo, colocar uma cabeça com chifres num galho e segui-lo. A maioria de nós nunca escolheu acreditar na nação, simplesmente nos faltaram ideias melhores". Sr. Shepherd, estas palavras são suas?

SR. SHEPHERD: Umas poucas entre tantas, sim. Numa história.

SR. RAVENNER: Sr. Shepherd, estou lhe fazendo uma pergunta simples. O senhor escreveu estas palavras? Deve apenas

confirmar ou negar.

SR. SHEPHERD: Sim. São minhas palavras.

SR. RAVENNER: Sr. Wood, senhores, não tenho mais nada a perguntar. Este depoimento está encerrado.

Depois de tudo, 1959

por Violet Brown

The Asheville Trumpet, *16 de julho de 1951*

Obituário

Harrison Shepherd, 34, faleceu no dia 29 de junho, enquanto nadava no mar perto da Cidade do México. Residente de Asheville, o falecido havia viajado para o México com um nome falso, por estar sendo investigado por crimes que incluíam a exoneração do Departamento de Estado por ações de traição, falsidade ideológica e fraude. Ele escreveu dois livros, não tinha registro de serviço militar e era conhecido por ser comunista. As autoridades não encontraram evidências de crime e acreditam que ele tirou a própria vida. Criado num lar desfeito, Shepherd não deixa família. Nenhum serviço funerário está planejado.

A parte mais importante da história é a peça que você desconhece. Ele disse isso várias vezes. Não seria surpreendente se tivesse pedido para gravar isso em sua sepultura, se houvesse uma. Aí é que está. Acaba a história e ainda há mais para descobrir.

Você acredita que uma coisa é impossível. Você acredita num livro queimado, mas as palavras persistem. Nesse caso, duas vezes, primeiro no México, suas anotações e rascunhos confiscados pela polícia depois do assassinato, que deveriam ser destruídos, mas que foram precariamente resgatados. Depois, quando me foram dados para ser queimados, mas não queimaram. Você acredita que a vida acabou, mas o jornalista não pode inventar uma verdade só por dizê-la, mesmo que a diga várias vezes. Só se morre morrendo, só se vive vivendo.

A salvação de tudo, da vida ou da história, qualquer uma, falarei delas agora mesmo. Primeiro os diários. Porque você sabe que eu não os queimei naquele dia em que ele me pediu. Ele disse que eu só poderia continuar trabalhando para ele se nos desfizéssemos de todas as palavras, de toda a vida dele, se você me perguntar. Entendi o que ele pretendia fazer naquele dia, e por quê. Ele acreditava que aqueles textos seriam usados como provas para seu enforcamento. Mas eu acreditava no contrário, provas para o bem dele. Eu não tinha ideia do que suas anotações continham, mas eu o conhecia.

Peguei tudo o que ele tirou das estantes naquele dia e, enquanto ele estava lá em cima, procurando por mais, coloquei tudo no malote de couro do correio. Meu coração acelerado, eu não tinha coragem de cometer um crime. Mas naquele dia encontrei alguma. Quando ele ficou me olhando da janela do andar de cima, meu trabalho estava quase concluído. Você devia ver tudo o que eu joguei dentro daquele barril: rascunhos, suplementos publicitários, toda a cesta de lixo que ficava sob minha mesa e mais. Algumas cartas raivosas que separei. Coisas que mereciam desaparecer.

Seus diários foram para casa comigo, para a pensão da sra. Bittle, e lá ficaram numa caixa no meu guarda-roupa, escondidos

sob algunsovelos de lã. Se aqueles homens viessem e procurassem em tudo, foi o que pensei, não dariam nenhuma importância a uma caixa cheia de novelos de lã e agulhas de tricô. A maioria ignorará. Achei que eu só os manteria lá até que o sr. Shepherd mudasse de ideia. Ou até que eles fossem necessários para provar que ele não fizera nada de errado. Mas nada disso aconteceu, pelo que entendo, ainda que eu não tivesse ideia do que ele havia escrito durante toda a vida naqueles caderninhos. Coragem para aquele tipo de crime eu não tinha, espiar o diário de um homem vivo.

Não fiz isso até voltar do México. A princípio, uma olhada foi tudo o que suporrei, procurando por certas datas e coisas assim, para fazer um obituário adequado. Mas claro que o obituário não foi aprovado, eles publicaram seu textinho inútil, por isso minha pesquisa já não serviria como desculpa por muito tempo. Mas eu ainda continuei lendo, uma página aqui, outra acolá. Várias vezes peguei seus diários sabendo que eles não foram escritos para os meus olhos, mas mesmo assim meus olhos continuavam olhando, muitos eram os motivos. Alguns hoje muito claros, tenho certeza.

Ir para o México foi ideia minha. Não gosto de dizer isso depois de tudo, por causa do que aconteceu. Mas na época que propus isso, as coisas haviam chegado a um ponto crítico. Depois do depoimento, ele parou de escrever, para sempre, disse. Em vez disso, comprou uma televisão e deixou que aquelas bobagens tomassem conta do seu dia. *Mook the Moon Man* começa às quatro, e assim por diante. Eu ainda ia para sua casa duas vezes por semana, mas as correspondências não eram dignas de resposta. Eu não estava interessada no dinheiro dele, eu encontraria outro trabalho. Poderia tê-lo deixado sozinho, mas tive medo.

Certo dia ele estava assistindo aos anúncios e disse que odiava a aparência atual dos Estados Unidos. Sofás e poltronas com pernas pontudas. Como uma mulher de salto alto, disse ele, andando em círculos e sorrindo com uma terrível dor nas costas. E aqueles abajures de metal com tampos pontudos, parecem querer eletrocutá-lo. Ele sentia falta da beleza.

Eu lhe perguntei, por que não vai para o México, então, acho que é mais bonito lá. Ele disse que não podia, a não ser que eu fosse com ele. Seja feita a sua vontade. Mas eu disse:

— Tudo bem, vou ligar para o aeroporto imediatamente.

O que tomou conta de mim? Não sei dizer.

Ele estava muito mudado naquela época, até mesmo sua aparência. O que quer que se iluminasse dentro dele antigamente havia apagado as luzes e ido embora. Ele estava jogado na poltrona, como sempre, com suas velhas calças cinzas de flanela, fumando, sem nunca tirar os olhos do televisor. Estava passando o *Captain Video*, um grupo de bandidos submarinos lutando. Eles seguravam Al Hodge pelo pescoço, tentando afogá-lo. Eu lhe perguntei se deveríamos ir para Mérida, porque ele parecia ter gostado de lá. Ele disse não, vamos para a Isla Pixol, para que ele pudesse mergulhar no mar, porque isso era tudo o que o deixava feliz quando menino. Foi um momento importante, percebo agora. Cheio de tudo o que estava por acontecer, e sem que eu tivesse a menor ideia. Mas acredito que ele sabia. Ele sabia.

Isso foi em abril, mais ou menos um ano depois do depoimento. Uma segunda ou quinta-feira, porque eram nessas tardes que eu vinha trabalhar. Um mês agradável, se é que ainda havia algum, você diria. Até um espanador de penas é capaz de pôr ovos em abril. Mas essa sensação de generosidade desaparecera. Não havia mais trabalho para o sr. Shepherd e para mim depois do depoimento, e comecei a procurar por outra fonte de renda, incomodada por ser um fardo. Fiquei arrasada ao descobrir que a cidade não me contrataria. Não na prefeitura, por mais que eu já tivesse mantido aquele lugar todo funcionando. Nem na biblioteca, onde trabalhei como voluntária. Não posso ser contratada pelo governo por causa do meu envolvimento prévio com um elemento perigoso, eles me disseram, está tudo na imprensa, e nada se pode fazer a respeito. Foi o mesmo no magistério. Depois de alguns meses procurando emprego, uma coisa horrível por si só, uma conhecida do Clube Feminino concordou em me recomendar como guarda-livros na Loja de Departamentos Raye's. Era um cargo baixo, só pela manhã, e eu tinha de trabalhar numa sala no porão. Eles não podiam correr o risco de um cliente ver o meu rosto.

Tempos difíceis não são novidade para mim. Meu pai costumava dizer que um homem é capaz de se acostumar a tudo, exceto à força. Eu acreditava nisso. Mas não o sr. Shepherd. Ele tinha um poço de desespero dentro dele, e o poço fervilhava e transbordava, inundando seus dias e quaisquer planos para o futuro, se é que havia algum. Ele dizia que, se os leitores o consideravam tão deplorável, ele não os incomodaria com mais livros. Era difícil contradizê-lo, já que a quantidade ínfima de correspondências que ainda lhe chegavam era assustadora. Por que uma pessoa gasta dinheiro com selo apenas para derramar sua bile contra um estranho? “Agora nossos meninos estão indo para a Coreia, para serem mortos ou mutilados por comunistas. Por isso, se um desses comunistas chamado Harrison Shepherd estiver morrendo de fome, isso me deixa incrivelmente feliz.”

Ele já havia sido xingado antes e suportara. Mas, quando as palavras de um homem são tiradas dele mesmo e envenenadas, isso é o mesmo que envenenar o homem. Ele não tinha o que falar, porque agora sua própria língua estava contaminada. As palavras eram tudo o que ele tinha. Eu me sentia como se estivesse vendo um assassinato, assim como ele vira seu amigo ser morto no México. Só que dessa vez eles deixaram o corpo agonizando.

Seus livros já não eram proibidos; eles simplesmente desapareceram. Eles disseram que ele enganara a editora com sua declaração de lealdade, por isso o dinheiro do adiantamento teria de ser devolvido, e o livro, recolhido. Não havia muitas opções para Harrison Shepherd: assistir a *Moon Man* na sala de estar era uma das poucas. Ele disse que Artie Gold havia previsto tudo aquilo. Que às vezes você pode mesmo ver o império caindo, e o sr. Gold previu que todo o pasto verdejante da nossa terra seria exterminado. Eu disse que era besteira, que o pasto voltaria a crescer bem no meio da calçada e que o Senhor ama o que Ele não pode matar.

Mas aquela esperança era falsa, eu sabia muito bem. Nada surgiria dali, nenhum bom senso se elevaria sem uma intenção já preparada para ceifá-lo. O Clube Feminino havia se tornado algo assustador, a única preocupação daquelas mulheres era a oposição a qualquer sinal de instabilidade: um homem do Conselho Municipal ou um livro de história da escola. Harriet Tubman e Frederick

Douglass não eram bons para crianças, eles davam mau exemplo. É a mesma coisa em todos os lugares agora, olhe para o semblante das pessoas. Nas lanchonetes da Charlotte, você pode vê-las enfileiradas com um fantasma sobre elas, com medo de não ser tão americanas quanto aquela que está ao lado. Qual é o problema, senhor, parece que você viu um comunista! A própria palavra podia fazer com que uma criança tivesse a boca lavada com sabão. Ela costumava aparecer na *Geographics*, eu aprendi a palavra ainda criança, “A vida cotidiana na Ucrânia”, e assim por diante. Mas os jornais e revistas também tiveram a boca lavada com sabão. Até hoje, anos depois do depoimento do sr. Shepherd. Hoje teria sido praticamente a mesma coisa. As pessoas não têm mais discernimento. Você pode se retirar do Clube Feminino, mas o mundo é tudo, você não pode simplesmente parar de frequentá-lo.

Então, por volta da primeira quinzena de maio, depois de discutirmos o assunto, saí para conversar com Arthur Gold sobre irmos para o México. O sr. Gold nos encorajou. Ele disse que as investigações estavam se intensificando. Agora que eles tinham o que consideravam provas contra o sr. Shepherd, obtidas no depoimento, era só uma questão de burocracia antes do indiciamento criminal. Com um indiciamento, os homens do governo confiscariam seu passaporte. Na verdade, o sr. Gold não sabia ao certo por que eles ainda não haviam feito isso. Ele disse que o sr. Shepherd deveria ir agora, enquanto ainda podia.

Odiei ter de fazer aquela pergunta, mas perguntei se seria melhor para ele viajar para o México e se fixar lá. O sr. Gold me informou que ele e o sr. Shepherd já haviam discutido isso, há algum tempo. Não seria nada bom. Os investigadores federais poderiam trazê-lo de volta à força, depois que o tivessem indiciado. O sr. Gold disse que havia vários exemplos. Um homem fugiu da Ellis Island entrando como clandestino num navio e eles o perseguiram até a França. Eles vão até o fim do mundo para trazer pessoas que considerem inadequadas como norte-americanas. Isso não faz o menor sentido. Como as cartas de ódio das pessoas dizendo que jamais lerão os livros do sr. Shepherd. Por que não deixar o livro onde está e seguir com a vida? Não entendo por que eles tinham de magoar ainda mais aquele pobre homem, já que tudo

o que ele fizera na vida fora trabalhar para deixar os outros felizes. O sr. Gold disse, com todo o respeito, que muitos homens sem nenhuma maldade estão atualmente cumprindo pena em Sing Sing. E agora o Congresso está votando para associar as leis de traição à Guerra Fria do mesmo modo que fizeram durante a guerra de verdade. O que significa que algumas pessoas serão enforcadas.

Bem, aquilo me deixou nervosa. Saí, comprei as passagens e organizei tudo. O sr. Gold aconselhou a fazer as reservas com outros nomes, como as estrelas de cinema fazem regularmente, e depois simplesmente informar os nomes corretos na hora do embarque. Escolhi Ben Franklin e Betsy Ross. O sr. Shepherd se divertiu com isso, e começou a se interessar. Deixou de fumar o tempo todo e saía mais de casa. Eles abriram a piscina pública da Montford, depois de dois verões fechada por causa da pólio, e ele começou a ir lá com frequência. Quando criança, ele adorava nadar. Eu o acompanhava até a piscina às vezes, só para me sentar e observar, porque ele mudava dentro da água, brilhoso como um pedaço de sabonete, capaz de prender a respiração como não sei o quê. Eu queria dizer um peixe, mas o termo não é bem esse. Ele mergulhava ao longo de toda a piscina, de um lado ao outro, sem subir. Eu lhe perguntei sobre isso e ele disse que sua infância foi emocionante assim: ele aprendeu a prender a respiração para se divertir.

O voo foi pela Compañía Mexicana de Aviación. Na Cidade do México, a caminho da estação de trem, fomos surpreendidos por um terrível engarrafamento. As malas entre nós dentro do táxi e o suor escorrendo — tínhamos de manter as janelas fechadas, pois a cidade inteira cheirava a gás lacrimogêneo. O motorista contou ao sr. Shepherd que havia uma manifestação de operários que já durava dias, e a polícia tentando acabar com ela. O sr. Shepherd disse bom, eles ainda têm lutas por aqui, e enquanto ficamos presos lá ele contou uma história antiga, de seus anos de escola em Washington. Os veteranos de guerra sem lugar para morar protestando por seus soldos. Ele disse que tinha o mesmo cheiro. O exército usara gás e armas contra as pessoas que viviam em barracas, norte-americanos. E aquelas pessoas ainda tinham a coragem de tentar, de lutar ou morrer tentando.

Pegamos o trem para Veracruz, depois um ônibus e uma balsa. Como os marinheiros com Colombo, eu achava que logo chegaríamos ao fim do mundo e cairíamos no abismo. O sr. Shepherd disse que sua mãe costumava reclamar que a Isla Pixol era longe de tudo, você tem de gritar três vezes até que Jesus o ouça. Nisso eu acreditei. O hotel na cidade era tão velho quanto Moisés, o elevador, nada mais do que uma gaiola presa a uma corrente. O menino que carregou nossas malas para dentro disse que era o hotel mais antigo de todo o Novo Mundo, e acreditei nisso também.

Antes de mais nada, o sr. Shepherd contratou um carro para nos levar até a antiga *hacienda* onde ele vivera. O lugar estava em ruínas, mas ele não parecia decepcionado. Voltou lá várias vezes, geralmente sozinho. Eu passeava pela cidadezinha e comprava bugigangas para levar para minha sobrinha e para os bebês. Certo dia, o sr. Shepherd voltou com um homem que jantou conosco, os dois se abraçando, dizendo “irmão” e “o diabo”. Um sem acreditar que o outro ainda estava vivo. Leandro era o nome dele. É claro que havia outros no vilarejo que se lembravam do menino, mas não tinham ideia de que ele agora caminhava pela terra como um homem importante, ou mesmo como um homem.

Tudo o que o sr. Shepherd queria fazer era mergulhar. Eu não queria participar disso, mas gostava de ouvi-lo falar, o mar era como um paraíso e todos os peixes eram anjos. Ele tinha comprado uma máscara de mergulho na cidade e não precisava de mais nada; ficava fora o dia todo e voltava queimado de sol. Achei que ele fosse ganhar algumas guelras. Cada vez mais ele voltava para os peixes, deixando o mundo das pessoas, ao que parece. Certa noite voltou para o jantar com um calendário e me mostrou o dia que havia marcado, dali a umas duas semanas. Ele queria ficar até aquele dia. Bem, isso significava mudar nossa data de retorno, o que não era pouca coisa. Não gostei muito. Pedi licença sem remuneração da Raye's e eles ficariam felizes de me substituir. Perguntei se ele pretendia mudar a data de retorno novamente depois dessa. Como uma criança adiando a hora de ir para a cama, ele disse que não, que aquele era o dia, depois da lua cheia. Aquilo tinha algum significado para ele.

No nosso último dia, ele se preparou para ir à praia e queria que eu o acompanhasse. Eu não me importava de ficar sentada com um livro. Já havia feito isso antes. Mas, quando chegamos lá, ele começou a ficar estranho. Um grupo de meninos se aproximou e ele lhes disse, em espanhol, que pagaria para que o vissem mergulhar, só para que vissem quanto tempo ele conseguia ficar debaixo d'água. Aqueles meninos aceitariam o dinheiro até para vê-lo assoviar Dixie, se ele quisesse, e então todos nós o seguimos por uma trilha em meio à vegetação.

O lugar onde ele pretendia mergulhar era uma enseadinha com penhascos atrás e uma faixa de areia que diminuía minuto a minuto, à medida que a maré subia. A manhã avançava e ele parecia impaciente para entrar na água. A maré ainda estava baixa, mas subia rapidamente, abocanhando um pouco da praia a cada subida. Eu me perguntava quanto tempo ele esperava que eu ficasse ali. Não sei o que ele disse antes de mergulhar. Não prestei atenção. Provavelmente eu estava um pouco irritada com ele. Eu tinha meu livro. Mas depois de um tempo olhei para a água e não o vi. Esperei. Depois contei até cinquenta, depois até cem. Não vi nenhum lugar por onde ele pudesse ter saído da enseada. E foi então que entendi: ele se afogara. Aqueles meninos sabiam disso também, ali reunidos, mas não estavam mais olhando para a água, e sim para mim. Pareciam pensar que eu era a responsável agora, a pessoa encarregada de consertar o que estava errado.

Se eu gritei? Não sou assim, por isso acho que não. Tenho certeza de que me levantei, joguei o livro longe e saí correndo. Eu me lembro de pensar que não podia entrar na água porque estragaria meus sapatos. Eu ainda não havia compreendido direito que uma vida que se acabara ali, diante de mim, era muito pior do que estragar os sapatos. Ou pior do que qualquer outra coisa, até onde eu sabia. É verdade que perdi um marido na enchente do rio French Broad em 1916, Freddy Brown, e aquilo partiu o coração de uma menina. Mas isso foi pior. Meu coração envelhecera e não havia mais nada nele para se quebrar. Não sei descrever aquela tarde. Ele saberia expressar com palavras meus sentimentos, mas eu só sabia sentir.

Pedi aos meninos que corressem para pedir ajuda. Um grupo de homens chegou da vila e fez buscas na enseada. Um deles era seu amigo, Leandro. Mais tarde a polícia também veio. À noite, umas cem pessoas deviam estar naquela enseada quando a maré baixou, a cada hora recuando mais e dando mais espaço na praia para a multidão que veio ver. Nunca ficou realmente escuro, porque a lua cheia se elevou, grande e completa, logo que o sol se pôs. A maioria das pessoas estava apenas curiosa para ver o corpo, eu acho. Todas foram embora naquela noite, decepcionadas, porque não havia corpo. Ele simplesmente desapareceu.

Lembro-me de partes daquele dia, não de tudo. Não sei dizer como voltei ao hotel. A polícia fez buscas no quarto dele, à procura de pistas ou de um bilhete, pensando que o sr. Shepherd talvez tivesse se matado. Eu sabia muito bem, mas ao mesmo tempo não sabia. Fiquei na porta enquanto eles abriam as malas e as gavetas, pensando: “Está acontecendo tudo de novo, a polícia revirando tudo em busca de provas e procurando pelo homem que não encontrarão”. Vi uma coisa interessante — um homenzinho de pedra que ele gostava de carregar no bolso. Ele deixara o quarto todo arrumado, todas as coisas no lugar, mas aquele homenzinho estava sobre a mesa, rindo para mim! Ou melhor, ele uivava, aquela boca redonda aberta, como um buraco na cabeça. Fiquei com vontade de uivar também, mas não fiz nada disso. Percebi que ele havia sido colocado ali por um motivo, e eu era o motivo. Mas o que ele pretendia me dizer, não sabia.

Em casa, cuidei de tudo da melhor maneira possível, mas eu não sabia muito bem como cuidar. Só conseguia pensar em uma coisa de cada vez, começando com: acordar. Arthur Gold foi de grande ajuda, também arrasado com tudo aquilo, mas menos surpreso. Ele fizera o testamento do sr. Shepherd, que deixou tudo para mim, a casa e os direitos sobre todos os livros. Os gatos. O dinheiro não era nenhuma fortuna, mas muito mais do que a pensão de uma viúva. O curioso é que ele havia enviado um pouco de dinheiro para a Cidade do México, endereçado à sra. Kahlo. Fez isso pouco antes de viajarmos. Não mencionou nada a respeito, mas concluí que não era uma grande surpresa. Aquela dona estava sempre precisando de dinheiro.

Com o testamento, havia uma carta escrita para mim. Continha algumas instruções quanto a seus livros e coisas pessoais, elogios pelos anos de convívio. A maioria das coisas não precisa ser dita aqui. Mas ele disse duas coisas que me deixaram chocada: primeiro, que vivemos um grande amor. Foi o que ele disse, são suas próprias palavras. Ninguém havia sido tão importante para ele. Pediu que eu não sofresse. Seu único arrependimento era a mancha que sua vida causara à minha, e ele queria que eu fosse poupada de qualquer preocupação. Disse que aquele era o final feliz que todos queriam. Bem, fiquei furiosa com aquilo. Que ele desistisse da vida e chamasse aquilo de felicidade.

Mudei-me para a casa dele, adeus à sra. Bittle, finalmente, não me alongarei sobre isso. O trabalho de meio expediente na Raye's me deixava com as tardes livres para organizar as coisas na casa e responder às cartas que ainda chegavam. Minha primeira tarefa foi escrever um obituário para o jornal de Asheville. É difícil dizer como tomei cuidado, refletindo sobre cada palavra e deixando muitas por ser escritas. Eu o entreguei na redação e conversei com um homem, e mal havia saído pela porta e já esperava que ele tivesse jogado o texto no lixo. Eles publicaram um obituário próprio. Não pretendiam dizer nada do que ele fizera em vida. Para tanto, seria preciso honestidade. A coisa mais simples a se dizer era do que ele era chamado.

Em 1954, ocorreu a morte da amiga dele, a sra. Kahlo. A família deve ter passado por uma espécie de confusão, o que sempre acontece na hora de arrumar as coisas de um falecido, porque eles enviaram um baú cheio de coisas do sr. Shepherd. Roupas antigas, algumas fotografias e nada muito além disso. Mas dentro do baú havia uma carta da sra. Kahlo, endereçada a mim. Achei aquilo muito estranho. Nós só nos encontramos uma única vez. Mas a carta tinha meu nome, então esse baú não era uma coisa esquecida, ela realmente pretendia enviá-lo a mim. Planejou isso antes de morrer.

A carta era muito estranha. O desenho de uma pirâmide, feito com tinta roxa e marrom, e, no alto dela, um olho amarelo com

linhas, como raios de sol. No olho, ela escrevera “sóli”, para se referir ao sol, eu acho. E escreveu no alto da página, com uma caligrafia de criança: “Violet Brown, seu amigo americano está morto. Outra pessoa está aqui”. Estava escrito em inglês. Mas eu não conseguia entender aquilo, assim como não conseguia entender o homem na lua.

As fotografias, eu as deixei de lado, e as roupas, as doeie para o Exército da Salvação, porque quem sabe o que uma pessoa vai vestir se sentir frio? Elas teriam de ser lavadas antes, e ficaram ali durante algumas semanas até que eu conseguisse fazer isso. Foi por sorte que olhei nos bolsos da calça. Isso faz meu coração bater mais forte, só de pensar como teria sido fácil que isso não acontecesse. Mas aconteceu. Encontrei o caderninho.

Eu sabia o que era. Sinceramente. Abri o caderninho de couro e vi a caligrafia a lápis, o menino e seus lamentos sobre a Mãe, e assim por diante. Então eu chorei. Senti como se tivesse encontrado meu próprio filho perdido. Sentei-me e o li inteiro no chão do quarto onde estava separando as roupas. Meu coração batendo forte, por causa daquela caverna que ele encontrara sob a água. E sua relação com a lua, aprendendo a esperar pelo dia em que a maré ajudaria a empurrá-lo até o outro lado, sem que ele se afogasse. Ele era exatamente aquilo. Aquele estudo paciente.

Li tudo. O final feliz, como ele o chamou. Porque foi isso o que ele fez, bem debaixo do meu nariz, enquanto eu me sentava, lendo na praia. Ele nadou para dentro daquela caverna, para descansar com os ossos ou então para sair do outro lado e começar uma vida nova, talvez como outro homem que não esteja morto.

Lutar ou morrer, era a sua escolha. Eu sei qual era. A sra. Kahlo o teria escondido quando ele chegou ao outro lado e o teria ajudado a recomeçar. Ela gostava desse tipo de coisa. Ele tinha enviado dinheiro. “Outra pessoa está aqui”, ela escrevera, claro como a luz do sol, e tem o nome que ela usava para chamá-lo, há muito esquecido. Foi ideia dele fazê-la enviar a mensagem, para que eu me tranquilizasse. Senti que também sabia daquilo.

Tive de pegar todos os cadernos dele e olhar novamente. Três anos antes, eu lera quase tudo com os olhos semicerrados de tristeza, depois os guardei, esquecendo tudo o que podia. Agora,

tudo para fora da caixa. Papéis cobriam a mesa de jantar, uma bagunça como outrora. Com aquele livrinho no lugar, tudo se tornou uma história diferente. Por causa daquele esconderijo entre a rocha e a água — a lacuna, como ele dizia. Dessa vez li com uma emoção diferente, entendendo que o herói sobreviveria no fim da jornada. Ou, pelo menos, vivo ou morto, ele teria uma chance e tentaria alcançá-la. O que você não sabe não pode machucá-lo, dizem. Sim, pode. São muitas emoções juntas.

O que eu fiz com estes textos, ele poderia ter feito sozinho. Organizar sua vida como quisesse, para que os outros a lessem. Ele começou aquele primeiro capítulo, depois parou, dizendo que não podia continuá-lo por causa do livrinho que se havia perdido. Eu poderia dizer: “Agora ele foi encontrado, então o sr. Shepherd iria querer continuar sua história”. O que é uma bobagem, e eu sei disso. Ele queria deixar sua infância de lado e manter silêncio sobre ela. Deus fala por aqueles que calam, ah, quantas vezes ouvi essa frase. Confrontei minha consciência, e isso me custou caro. Ainda custa.

Ainda assim, um dia decidi ir em frente com essa questão. Eu estava aqui em Montford, porque ele me deu este lugar e só podia querer que eu vivesse nesta casa. Uso um quarto diferente para dormir, é claro, e seu escritório sob a cumeeira é um lugar onde não entro. Mas é o mesmo espelho dele que tenho de encarar todas as manhãs, o mesmo lugar onde ele fazia a barba e prestava contas ao seu Senhor e à sua consciência. Agora era uma senhora que me olhava no espelho, e certa manhã eu lhe disse: Ouça aqui. Se Deus fala por aqueles que calam, então Violet Brown talvez seja seu instrumento.

Não digo que foi simples ou que tive certeza. Levei algum tempo refletindo. Datilografar um manuscrito, isso eu sei fazer. A caligrafia dele era legível, e os erros, poucos. Ordenar tudo não foi fácil, mas nada mais difícil do que organizar algumas fichas que eu encontrara na biblioteca de Asheville. Não ignorei nada além das coisas desimportantes, uma lista de mercado ou números de telefone, certas cartas. Da história dele, contei tudo, mesmo quando eu sofria

para contar, ou quando toquei em assuntos que estavam além do meu entendimento. Mas uma pergunta ainda pairava sobre mim: Eu tinha o direito de contar?

Nesse dia o telefone poderia tocar e meu coração ficaria apertado, por pensar que talvez pudesse ser ele, e a resposta, negativa. Mesmo eu sendo uma pessoa do mundo e mesmo depois de oito anos desde que o vi neste mesmo mundo. Anos que não apagam o luto. Sr. Shepherd, onde o senhor está? Ainda poderia perguntar. Eis a resposta: naqueles caderninhos. Sempre consegui encontrá-lo ali. Portanto, isso não deve ser muito diferente das cantoras falando sobre amores perdidos no rádio. Talvez eu tenha voltado a datilografá-los pelo prazer de ser sua ajuda diária novamente. Mesmo se tiver sido por isso, no meio de tudo, a história era contada por si mesma, à frente do homem. Eu diria que o sr. Shepherd me convenceu, contra minha vontade.

Não com tantas palavras. Eu esperava por isso, algumas instruções no seu texto que guiassem minha mão. Bem, minha nossa, a coisa toda era como a Bíblia — olhe com cuidado para estas páginas e encontrará o que busca. Ame seu vizinho ou o mate com a mandíbula de um burro.

É a mesma coisa aqui. Ele foi claro: Queime estas palavras. Ele disse que pessoas mudas deixam para trás uma bela e forte arquitetura, e não suas esqueléticas vidas cheias de trivialidades. Aqueles que se sucederem se depararão com a grandiosidade. Ele queria viver atrás somente dos monumentos de seus livros. Enquanto ele vivia e respirava, eu percebia esse seu desejo e o aceitava. E depois vi os monumentos ruírem. Nessa era estranha e fria que se abateu sobre nós, as pessoas fizeram o possível para sepultar o homem e jogar tudo o que ele construiu na tumba que cavaram para ele. Como uma múmia no Egito.

Sua vida era uma maravilha, quer ele soubesse disso, quer não. Seu jeito de ver um gato no vento frio, ou os esqueletos espremidos na terra. Um peixe morto jogado no balde da cozinha. Ele podia chorar por quase tudo e lhe dar um sepultamento decente. Ele tinha tanto medo de viver, mas ainda assim viveu. Isso é um monumento. Ele escreveu sobre os que chegaram antes dele, dando vida aos mortos. Essa era sua motivação.

Agora eu faço o mesmo por ele. Mesmo sabendo, e eu sei, que todo mundo faz uma fogueira com uma árvore caída. Os professores gostam de caçar pecados no próprio Shakespeare, e fingem que é uma grande contribuição intelectual. Eu não suportaria que isso acontecesse ao sr. Shepherd, às pessoas que ele amou ou às crianças, se uma coisa dessas viesse a acontecer. Quero lhe dar tempo. Toda a tinta desbotada, o calcário nu revelado.

Foi por isso que tranquei e guardei tudo. O sr. Gold sabe como e onde encontrar. As pessoas no banco fazem a mesma coisa, guardam documentos durante alguns anos antes de tirarem-nos do cofre e entregarem-nos aos jornais ou a quem bem entenderem. Eu lhe disse cinquenta. Tive de decidir, e é um número certo. Tempo o bastante para garantir que estejamos todos mortos. Mas não tempo demais, que eu não pudesse imaginar as pessoas ainda andando sobre sapatos, e não voando nas nuvens. Pessoas que talvez queiram estudar aqueles que trabalharam e criaram a época que elas herdaram. Mas talvez seja errado, e eu já estarei numa sepultura cheia de ervas daninhas que eles não vão querer visitar. Você, quero dizer. A época que você herdou. Fico me perguntando: Quem é você?

Tenho medo de fazer o que faço agora, confiando a vida de um homem a um túnel escuro que conduz a outro lugar qualquer, seja ele cheio de luz ou de trevas. Esta é a minha pequena balsa. Não sei o que me aguarda do outro lado.

Barbara Kingsolver é autora de sete obras de ficção, entre eles *A Bíblia envenenada* e *Verão pródigo*, além de livros de poesia, ensaios e não ficção, como *O mundo é o que você come*. A obra de Kingsolver já foi traduzida para mais de vinte idiomas e lhe rendeu prêmios literários e leitores fiéis no mundo todo. Em 2000, recebeu a National Humanities Medal, a maior honraria americana por serviços prestados às artes. Em 2010 venceu, com *A lacuna*, o Orange Prize, um dos prêmios literários mais prestigiados do Reino Unido. Barbara Kingsolver vive com a família numa fazenda ao sul dos montes Apalaches.

[1] Em inglês, *will* é a partícula que determina o futuro dos tempos verbais. (N. do T.)

[2] Em inglês, *wheel* tem praticamente o mesmo som de *will* e significa “roda”. (N. do T.)

[3] Referência a José Vasconcelos Calderón, político mexicano. (N. do T.)

[4] O PNR, Partido Nacional Revolucionário, governou o México de 1929 a 2000. (N. do T.)

[5] Aqui há um jogo de palavras intraduzível. *Jism* é uma gíria para sêmen. (N. do E.)

[6] Em inglês, uma tradução literal e confusa de “grapefruit” seria “fruto da uva”, o que explica o desprezo do narrador por uma palavra que não tem qualquer relação com o objeto que designa. (N. do T.)